WHEN THE GODS DEMAND OBEDIENCE,
DO NOT KNEEL

# SOULS IN RUIN

THE SOULBOUND
SERIES 1



JACQUELINE WHITE

# ÍNDICE

Página de título
Direitos autorais
Conteúdo
Lista de reprodução
Dedicação
Introdução
Avisos de conteúdo
Guia de Pronúncia
Prólogo
I. Os Indesejados
1. Olhos Prateados
2. O Acordo
3. Um Encontro de Reinos
4. Dançar com o Diabo
5. Uma Última Canção de Ninar
6. O Começo do Fim
7. As Bodas de Sangue
8. A Maldição Mortal do Desejo
9. Coragem Desfeita
10. O Preço da Vingança
II. O Desespero
11. Um Abraço de Pedra
12. Dias de Trevas
13. Para ancorar
14. Alegria
15. Ausência de Alegria
16. Arrependimento
17. Da Memória
18. Por favor
19. Dentes
20. A Voz da Morte
21. Interrompido
III. Os Torturados
22. O Despertar de uma Febre
23. De Sangue e Desafio
24. O Jogo da Desobediência
25. Em silêncio
26. Agonia Florescente
27. Réplicas
28. A Simplicidade do Toque
29. Do Caos
30. Um Espectro
31. Uma coleira e uma mordida

32. Uma reivindicação
33. Um Desvinculamento
IV. Os Despertos
34. O ápice da loucura
35. A Loucura Encarnada
36. Na Intervenção Divina
37. Uma Rejeição da Propriedade
38. Em Poder e Diversão
39. A Calma Depois da Tempestade
40. Uma Desvendação da Divindade e da Mortalidade
41. Descida à Morte e Ressurreição
42. Fios de Seda
V. O Considerado
43. Um espelho no sofrimento
44. Da Guerra e da Esperança
45. Em Fumaça e Ruína
46. Leveza atrás das grades
47. À espera dele
48. Uma Quebra
49. Em Correntes de Luto
50. Uma Apoteose
51. Ganho
52. Uma Alma para Guardar
Epílogo
Nota do autor
Agradecimentos
Sobre o autor

# ALMAS EM RUÍNAS
## QUANDO OS DEUSES EXIGIREM OBEDIÊNCIA, NÃO SE AJOELHE.

A SÉRIE SOULBOUND

LIVRO UM

**JACQUELINE BRANCO**

Almas em Ruína

*Primeiro livro da série SoulBound*

Direitos autorais © 2025 Jacqueline White
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da editora, exceto no caso de breves citações incorporadas em resenhas críticas e certos outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.
Para pedidos de autorização, escreva para a editora no seguinte endereço:

Ivory Quill LLC
Jersey City, NJ

Esta é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Design da capa: Noctursa
Edição e revisão: Fenwick Eckhardt
Tipógrafo: Norman Olasiman da Stardust Book Services
Design de interiores: Sara Vertuan da Stardust Book Services
Formatação interna para impressão: Sara Vertuan, da Stardust Book Services
ISBN do eBook: 979-8-9995336-1-6
Brochura ISBN: 979-8-9995336-2-3
ISBN da edição capa dura: 979-8-9995336-0-9
Primeira edição, outubro de 2025
Impresso nos Estados Unidos da América



Formatado com papel vegetal

# CONTEÚDO


Lista de reprodução
Introdução
Avisos de conteúdo
Guia de Pronúncia
Prólogo
I. Os Indesejados
1. Olhos Prateados
2. O Acordo
3. Um Encontro de Reinos
4. Dançar com o Diabo
5. Uma Última Canção de Ninar
6. O Começo do Fim
7. As Bodas de Sangue
8. A Maldição Mortal do Desejo
9. Coragem Desfeita
10. O Preço da Vingança
II. O Desespero
11. Um Abraço de Pedra
12. Dias de Trevas
13. Para ancorar
14. Alegria
15. Ausência de Alegria
16. Arrependimento
17. Da Memória
18. Por favor
19. Dentes
20. A Voz da Morte
21. Interrompido
III. Os Torturados
22. O Despertar de uma Febre
23. De Sangue e Desafio
24. O Jogo da Desobediência
25. Em silêncio
26. Agonia Florescente
27. Réplicas
28. A Simplicidade do Toque
29. Do Caos
30. Um Espectro
31. Uma coleira e uma mordida
32. Uma reivindicação
33. Um Desvinculamento
IV. Os Despertos
34. O ápice da loucura

35. A Loucura Encarnada
36. Na Intervenção Divina
37. Uma Rejeição da Propriedade
38. Em Poder e Diversão
39. A Calma Depois da Tempestade
40. Uma Desvendação da Divindade e da Mortalidade
41. Descida à Morte e Ressurreição
42. Fios de Seda
v. O Considerado
43. Um espelho no sofrimento
44. Da Guerra e da Esperança
45. Em Fumaça e Ruína
46. Leveza atrás das grades
47. À espera dele
48. Uma Quebra
49. Em Correntes de Luto
50. Uma Apoteose
51. Ganho
52. Uma Alma para Guardar
Epílogo
Nota do autor
Agradecimentos
Sobre o autor

# PLAYLIST

Ouça a playlist do Spotify inspirada em Souls in Ruin.



*Para aqueles que sabem que sobreviver não é fácil —*
*É cortante, é ensanguentado, é sagrado.*
*São dentes à mostra em meio às lágrimas.*
*É um voto proferido com voz trêmula.*
*É a resistência envolta em ruína.*
*Você é a prova viva de que até mesmo as coisas quebradas são belas.*

Escrevi Almas em Ruína para aqueles que foram avisados,

*Você está bem. Acabou. Você sobreviveu .*

Como se a sobrevivência apagasse o preço da dor. Como se lutar para sair da ruína não deixasse cicatrizes.

Mas a verdade é que sobreviver pode ser horrível. Pode te mudar de maneiras que ninguém mais jamais verá. *Almas em Ruína* foi minha forma de dar voz àquela dor silenciosa e não expressa de que sobreviver *nunca é* simples, e que aqueles que carregam esse fardo são sagrados em sua resistência.

Lindos em sua dor.

Esta história não é suave. Não oferecerá consolo fácil, mas testemunhará a resistência, a saudade, a frágil chama que sobrevive mesmo nos lugares mais sombrios. A jornada de Mireille é de perda, de ruína e de perseverança — mas também de força e da escolha de seguir em frente mesmo quando o preço é insuportável.

E se você se reconhecer nestas páginas, espero que se sinta menos sozinho(a).

# AVISOS DE CONTEÚDO

*Almas em Ruína* contém temas adultos e material potencialmente perturbador que pode não ser adequado para todos os leitores. Este romance destina-se a leitores adultos (maiores de 18 anos) e explora temas intensos como dor, poder, desejo e transformação num cenário de fantasia sombria. Embora a história se concentre, em última análise, na sobrevivência, na autonomia e na recuperação emocional, priorize o seu bem-estar durante a leitura.

- Tortura física e psicológica (descrita na página)
- Cativeiro e isolamento
- Dinâmicas sexuais com desequilíbrio de poder (consensuais, mas complexas)
- Consentimento duvidoso / manipulação / excitação forçada
- Sangue, violência gráfica e horror corporal (nível moderado a alto)
- Gaslighting, obsessão e manipulação emocional.
- coerção divina/mágica
- Transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), respostas a traumas, ataques de pânico e dissociação.
- Temas de morte, destino e perda.
- Breves menções a negligência parental no passado
- Ideação suicida ocasional (sem concretização).
- Menções de maus-tratos/morte infantil

Por favor, cuide de si mesmo(a) enquanto lê. Se achar o conteúdo muito intenso, considere fazer uma pausa ou buscar apoio.

# GUIA DE PRONÚNCIA

PERSONAGENS

Mireille: *MIH-ray-ah*
Aeldrin: *AYL-drin*
*Cordélia: Kor-DEL-ee-ah*
*Ira: EYE-rah*
Lysa: *LEE-sa*
Isolda: *EE-zold*
Valen: *VAL-len*
*Darius: DAH-ree-us*

DEUSES E SERES DIVINOS

*Lumara: Loo-MAH-rah*
Nyxis: *NIX-iss*
Vharok: *VAH-rok*
*Kassimir: KAS-ee-meer*
*Zorikhael: ZOR-ih-kael*
Eeiros: *AY-ros*

LUGARES E LOCALIZAÇÕES

Vareth: *VAH-reth*
Callais: *Kal-LAY*
*Anorath: AN-nor-rath*
Nocthar: *NOK-thar*
O'ssavayne: *OH-sah-vane*

OUTROS TERMOS IMPORTANTES

*Yshera: ye-SHER-ah*

# PRÓLOGO

EUNasceu para morrer.

Não no sentido dramático de um destino trágico previsto por anciãs proféticas, mas no simples fato de que eu jamais deveria ter existido. Uma união entre um rei e sua culpa, selada num momento de fraqueza ou loucura, e certamente destinada a nunca respirar.

Pois os salões do palácio estavam repletos de relíquias da história e do controle, e eu era uma relíquia do impulso, envolta em cobertores em vez de pergaminho e deixada para ser esquecida.

De muitas maneiras, minha concepção foi um milagre. Não a bênção divina tão frequentemente louvada por pais amorosos, mas o resultado surpreendente de um romance fadado ao fracasso.

O rei de Vareth e a estranha mulher que cativou seu desejo fugaz — sussurros sobre o caso deles ecoavam mais alto que os gritos de guerra mais estridentes, mas ninguém sabia como ela havia conquistado a atenção do monarca. Falavam de feitiçaria e encantamentos, afirmando que nenhuma mulher comum seria capaz de encantá-lo daquela maneira.

Disseram que era uma loucura passageira, uma febre que passou assim que respirei.

Contudo, naqueles meses febris, eu fui criada, uma fusão proibida do sangue dele e do mistério dela. Por razões talvez conhecidas apenas por ele, meu pai escolheu não se livrar de mim mesma. de mim ao lado da minha mãe. E assim eu vim a este mundo, sem ser planejada e sem ser bem-vinda, um monumento ao que nunca deveria ter existido. Alguns diziam que eu era um teste, outros, um castigo. Mesmo então, embrulhada no meu berço, eu podia sentir o peso do que eu era — um fardo indesejado que se instalou com meu primeiro suspiro, para nunca mais ser aliviado.

Se as histórias forem verdadeiras, minha mãe apareceu um dia na corte, uma figura enigmática de beleza estonteante e presença que não podia ser ignorada. Alguns diziam que ela era uma feiticeira, outros, uma fugitiva dos Reinos Perdidos.

Todos concordavam que ela era perigosa, uma tentação que o rei faria bem em resistir. Contudo, ele não resistiu. A união deles foi breve, escandalosa e intensa o suficiente para desafiar as rígidas restrições da etiqueta real. Terminou tão repentinamente quanto começou, e eu fui a lembrança indesejada deixada para trás.

Alguns diziam que ela o amava. Outros, que ela amava apenas o poder que ele representava. Mas a verdade, como o afeto fugaz do meu pai, permanece incerta.

Os rumores mais fantasiosos afirmavam que ela carregava o sangue dos deuses, que seu rápido desaparecimento fora um ato desesperado de ocultação por parte daqueles que temiam o que uma criança nascida de tal linhagem poderia trazer. Se meu nascimento foi fruto de afeto, ambição ou uma cruel ironia do destino, na verdade não importava, pois me deixou apenas o tênue eco de qualquer tipo de amor parental.

Meu primeiro grito deve ter destruído quaisquer planos que minha mãe tivesse, pois seu desaparecimento foi tão imediato quanto minha presença foi indesejada. Como uma rosa agarrada com muita força, ela se foi tão rapidamente quanto eu cheguei, sua existência extinta pelo meu nascimento fatídico.

Nos dias que se seguiram, fiquei órfã de mãe e cercada por mais rumores do que conseguia contar. Teorias sobre o destino da minha mãe tornaram-se um passatempo

favorito na corte, cada uma mais sombria e teatral que a anterior. Seja por intenção ou negligência, cresci sem sequer o fantasma da sua presença para me consolar. Eu era um fardo a ser tolerado, não uma criança a ser amada. Criada com a educação de uma nobre, mas com o afeto de uma pedra, eu era menos uma filha e mais uma lembrança viva do pecado imperdoável de minha mãe.

O rei Aeldrin, apesar de sua suposta indiferença, não me deixou cair no completo esquecimento. Não, ele garantiu que eu permanecesse vivo e, em grande parte, fora da vista de todos, um estranho ato de equilíbrio que cumpria seu dever sem atrair mais desgraça.

Será que foi a culpa que o levou a me dar tanta atenção assim? Ou algum plano mais sombrio para apaziguar as forças que ele acreditava estarem ameaçadas pelo meu nascimento? Cresci acreditando que ele só se importava com a sua coroa, sem espaço para um erro como eu.

Talvez meus olhos, tão parecidos com os da minha mãe, o fizessem lembrar do que poderia ter sido — os mesmos olhos que escandalizaram o tribunal e me marcaram como diferente desde o nascimento. Mais provavelmente, eu era simplesmente uma consequência que ele não conseguia se obrigar a eliminar. E assim permaneci, uma cicatriz desagradável com a qual ele aprendeu a conviver, minha existência tolerada enquanto permanecesse oculta atrás de portas fechadas.

Houve momentos, breves como dolorosos, em que imaginei que ele pudesse me olhar com algo além de arrependimento. Mas eram apenas fantasias, nascidas da esperança desesperada de uma criança e rapidamente sufocadas pela realidade.

Qual o peso de uma vida que nunca deveria ter existido?

Suficientemente pesado para esmagar os sonhos daqueles tolos o bastante para nutrir esperança, mas nunca tão pesado a ponto de pôr fim a tudo.

O meu peso é o do segredo, do isolamento, de uma garota que se tornou fantasma e voltou a ser fantasma.

É uma vida medida em momentos roubados, o sussurro da seda num corredor vazio, o pálido traço do olhar de uma mãe no rosto da filha.

É uma vida da qual não se abandona facilmente, pois eu tentei.

E aqui permaneço, consequência de um amor imprudente, tão inflexível quanto as torres de granito do próprio palácio.

Não, eu não nasci para viver.

Na verdade, eu nunca deveria ter nascido.

# PARTE UM
# OS INDESEJADOS

CAPÍTULO UM

# OLHOS PRATEADOS

EU Eu havia aprendido a medir meu valor no castelo pelo som que meus passos faziam contra a pedra. Quanto mais levemente eu caminhasse, menos provável seria que eu chamasse a atenção.

Hoje, abandonei tal cautela. Meus calcanhares batiam no mármore polido com força deliberada enquanto eu caminhava pelos corredores escuros e ecoantes do palácio de Vareth, meus dedos deslizando sobre as paredes de pedra fria que testemunharam gerações de sangue real e traição.

Eu podia admitir, eu estava num estado de espírito peculiar.

O palácio me envolvia com um suspiro, as pedras antigas exalando um ar viciado que carregava o cheiro mofado de histórias esquecidas e segredos enterrados. A luz do sol lutava para entrar pelas janelas estreitas. Projetando sombras alongadas que pareciam me alcançar com dedos espectrais. O frio que assombrava perpetuamente esses corredores penetrava meu vestido, um desconforto familiar que eu há muito aceitara como parte da minha herança.

Ao passar por um grupo de cortesãos, ouvi um sussurro. Três mulheres com penteados elaborados e rostos maquiados, que se calaram com a minha aproximação, retomaram a conversa assim que passei.

—A vergonha do Rei—

—aqueles olhos antinaturais—

— a mãe dela devia ser —

Eu não me virei. Já tinha ouvido coisas piores. Os rumores sobre minha mãe circulavam desde antes de eu conseguir entender o que significavam. Feiticeira. Bruxa. Encantadora. A corte nunca a perdoou por ter conquistado o coração do Rei, nem ele por ter cedido. E certamente nunca me perdoaram por existir como prova constante daquela indiscrição.

Os retratos dos meus ancestrais, ou melhor, dos ancestrais do meu pai, me encaravam de molduras ornamentadas, seus olhos pintados parecendo seguir meus passos com um julgamento silencioso. Eu já conhecia cada rosto. O severo Rei Edric, meu avô, cuja testa franzida eu herdara; a Rainha Maeve, cujo legado de brilhantismo diplomático ainda era ensinado nas salas de aula; e dezenas de outros que remontavam à sangrenta história de Vareth.

Ninguém se parecia o suficiente comigo, o que, para o tribunal, era o problema.

Parei diante do retrato do meu pai quando jovem. O rei Aeldrin fora pintado logo após sua coroação, antes de eu nascer, antes que o peso da coroa lhe curvasse os ombros e marcasse permanentemente o contorno da boca. Seus olhos eram escuros e claros, sem as manchas prateadas que marcavam os meus como diferentes, como outros. Como a filha da minha mãe.

“Senhora Mireille.” ”

Virei-me, compondo minhas feições na máscara cuidadosa que usava dentro destas paredes. Um jovem pajem estava de pé com o olhar respeitosamente baixo, embora eu tenha percebido o rápido e curioso olhar dele para mim antes que ele desviasse o olhar novamente.

“A Rainha solicita sua presença na sala de estar leste”, disse ele, com a voz ligeiramente embargada. Novidade, então. Os experientes criados da Rainha haviam dominado a arte de falar comigo sem jamais me encarar.
"Será mesmo?" respondi, deixando transparecer um toque de divertimento na minha voz. "Que coisa sem precedentes."
O menino se remexeu desconfortavelmente. "Ela disse para te avisar que é um assunto importante."
“Tenho certeza que sim.” Sorri sem qualquer afeto. “Pode dizer a Sua Majestade que irei atendê-la em breve.”
Ele fez uma reverência, visivelmente aliviado por ser dispensado, e saiu apressado com o andar característico de alguém que tenta não parecer estar correndo.
O fato de a Rainha Ira "solicitar" minha presença era praticamente uma ordem real, e embora eu pudesse hesitar em exercer a pouca independência que me restava, não recusaria completamente. A frágil paz entre nós dependia de pequenas concessões como essa.
Um movimento fugaz chamou minha atenção — meu próprio reflexo em um grande espelho com moldura dourada na curva do corredor. Parei, atraído por uma curiosidade mórbida para estudar o que os outros achavam tão perturbador.
Uma jovem de pele bronzeada olhou para mim, seus traços uma mistura desconcertante de herança real e algo indefinidamente estrangeiro. As maçãs do rosto altas e o nariz reto do meu pai, sim, mas em um rosto de traços delicados demais, angulosos demais para se encaixar confortavelmente entre a beleza robusta tão apreciada em Vareth. Meus cabelos caíam em ondas negras como a noite, sem os tons dourados ou acobreados que corriam pela linhagem real.
E depois, claro, os olhos.
Inclinei-me para mais perto, observando minhas pupilas se contraírem com a luz instável. Ao redor delas, íris da cor das tempestades de inverno, Azul-acinzentado como o crepúsculo na neve, salpicado de manchas prateadas que captavam a luz como estrelas em miniatura. Olhos que me marcaram tão seguramente quanto uma marca a ferro.
Quando eu era mais jovem, acreditava que eram belos. Lembro-me de girar em meus aposentos, observando meu reflexo embaçar e os pontinhos prateados aparentemente se transformarem em constelações. "Olhos de estrela", minha enfermeira os chamava, antes de ser substituída por alguém que não compartilhava desse tipo de fantasia.
Agora eu sabia que não era bem assim. Meus olhos eram uma maldição, um lembrete constante para todos que me viam de que algo em meu sangue era diferente. *Engano meu* . O médico da corte os examinara quando eu era criança, declarando-os uma simples peculiaridade da natureza. Mesmo assim, os sussurros persistiam. Antinatural. Enfeitiçados. Evidência das origens misteriosas e da humanidade questionável da minha mãe.
“Se admirando, irmã? Que coisa mais… comum.”
A voz cortou meus pensamentos, afiada como uma lâmina envolta em seda. Eu não precisava me virar para saber quem estava atrás de mim, mas o fiz mesmo assim, mantendo minha expressão cuidadosamente neutra.

“Cordélia”, eu disse, inclinando a cabeça. O suficiente para reconhecer seu status como princesa herdeira, mas não o bastante para sugerir que eu me considerava realmente inferior a ela.
O lábio da minha meia-irmã curvou-se ligeiramente, seus olhos âmbar, tão parecidos com os do nosso pai, percorrendo-me com um desdém ensaiado. "Mamãe está esperando. Embora eu imagine que pontualidade não seja valorizada entre a escória que deu origem à sua linhagem materna."
Sorri, devagar e deliberadamente, sabendo que isso a irritaria mais do que qualquer resposta. "Que sorte, então, que nossa linhagem paterna em comum valorize a educação a ponto de eu entender o valor estratégico de um adiamento elegante."
Um rubor de raiva coloriu suas bochechas, mas ela manteve a compostura, alisando rugas invisíveis de seu vestido imaculado. "Apresse-se. Quanto mais cedo sua aparição obrigatória terminar, mais cedo nós poderemos nos divertir."
Ela passou por mim como um raio, seu perfume ainda pairando no ar. Rosas e almíscar, uma mistura personalizada pelo perfumista real. complementar o aroma natural da sua pele. Outro pequeno luxo que me foi negado, outra lembrança da distinção cuidadosa mantida entre filhas legítimas e ilegítimas.
Observei suas costas se afastarem, notando a rigidez de seus ombros sob as camadas de seda e renda. Apesar de toda a sua confiança, Cordélia me temia. Ou melhor, temia o que eu representava: a indiscrição do rei materializada, uma lembrança viva de que sua mãe nem sempre conquistara seu coração.
Com um último suspiro de alívio, virei-me para a ala leste, em direção à sala de estar onde a Rainha Ira me aguardava com qualquer novo tormento que tivesse planejado para mim naquele dia. Meus calcanhares tocaram o chão com renovado propósito, ecoando pelo corredor como uma declaração de guerra.



A sala de estar a leste exalava uma falsa formalidade — perfumes enjoativos e esmalte de lavanda mal disfarçavam o fedor de ambição e ressentimento. Parei na soleira, catalogando meus inimigos. A rainha Ira no centro, como uma aranha em sua teia, cercada por suas damas de companhia bajuladoras, cada uma mais ávida do que a outra em obter favores.
As altas janelas permitiam a entrada da luz da tarde, que parecia relutante em tocar os tecidos escuros e pesados que cobriam todas as superfícies, criando, em vez disso, focos de luz que transformavam o cômodo em uma paisagem de fortes contrastes.
Adequado para uma reunião onde cada sorriso escondia dentes afiados.
A conversa se interrompeu abruptamente quando entrei, substituída pelo farfalhar de sedas e o suave tilintar da porcelana enquanto as xícaras de chá eram colocadas em seus pires. Vinte pares de olhos se voltaram para mim com expressões que variavam de hostilidade declarada a fingido desinteresse. Endireitei a coluna e dei um passo. Avançando, o chão de madeira rangendo sob meu peso como se o próprio palácio conspirasse para anunciar minha presença indesejada.
Avancei mais para dentro da sala, consciente de cada olhar que acompanhava meu passo, enquanto fingia não olhar. Lady Lorraine cochichava algo atrás do leque para a

Condessa Elspeth, seus olhares se voltando para mim e desviando-se em seguida. A esposa de Lorde Hathely se remexeu na cadeira como se minha mera proximidade pudesse contaminá-la. Reconheci as filhas de várias casas nobres reunidas em torno de Cordelia, que se sentava à direita da mãe, um eco perfeito da postura régia de Ira.
Ira permaneceu sentada, obrigando-me a aproximar-me e a fazer-lhe uma reverência. Mais uma das suas pequenas demonstrações de poder. Atravessei a sala com passos calculados, mantendo as costas eretas e a expressão neutra. Os tapetes espessos abafavam os meus passos, criando a ilusão de que eu deslizava em vez de caminhar, o que se somava aos sussurros que me seguiam por todo o interior daquelas paredes.
Ao chegar perto dela, fiz uma reverência exatamente na medida exigida pelo protocolo, sem exagerar um pouco. "Vossa Majestade", murmurei, com a voz no tom estritamente necessário. "Agradeço o seu gentil convite."
Os lábios de Ira se curvaram no que poderia ter parecido um sorriso para os outros. Para mim, que estudava suas expressões há anos, era apenas um mostrar de dentes. "Mireille", disse ela em voz alta, meu nome soando desagradável em sua boca. "Que sorte a sua ter podido se juntar a nós hoje. Eu já começara a temer que você preferisse a companhia das sombras à da corte."
Ela não me ofereceu a mão para ser beijada, nem me convidou a levantar. Permaneci em reverência, sentindo a tensão nas coxas enquanto os segundos se arrastavam desconfortavelmente. Finalmente, com um gesto leve que, apesar da sutileza, conseguiu ser displicente, ela me liberou da posição.
“Sua presença aqui é intolerável”, disse ela, com a voz tão baixa que apenas os mais próximos conseguiam ouvir, embora eu não tivesse dúvidas de que ela preferiria anunciar para todos os presentes. Sua mão enluvada cortou o ar entre nos indicou uma pequena cadeira escondida no canto mais distante da lareira. "Sente-se. Não gostaria que você se sentisse... ignorada."
A cadeira estava posicionada exatamente onde uma corrente de ar proveniente da moldura mal ajustada da janela garantiria um desconforto constante. Além disso, estava isolada da área principal de assentos, uma ilha separada do arquipélago do poder social por uma extensão de piso vazio.
Encarei-a com o meu olhar, recusando-me a baixar os olhos apesar de anos de condicionamento que exigiam deferência. Meu maxilar se contraiu, o único sinal exterior da raiva que fervilhava sob minha fachada cuidadosamente construída. Não disse nada. O que havia para dizer? Ela era a rainha, eu era a lembrança viva da infidelidade do marido dela, e ambas entendíamos os limites da nossa guerra silenciosa.
Dirigi-me à cadeira designada, ciente do sorriso satisfeito de Cordélia ao passar. Minha meia-irmã tinha vinte e cinco anos, sete meses mais nova que eu, mas infinitamente mais segura de si. Seus cabelos loiros estavam penteados num estilo elaborado que realçava seus traços delicados, e seu vestido era do tom exato de azul que melhor complementava sua pele clara.
Tudo nela havia sido cultivado para destacar seu status como herdeira legítima, a verdadeira filha de Vareth.
"Irmã", murmurou ela quando passei, a palavra de alguma forma transformada em um insulto por causa do seu tom.

Suas companheiras riram baixinho, o som lembrando pequenas criaturas venenosas correndo sobre as pedras. Não respondi, apenas inclinei levemente a cabeça antes de continuar para o meu local de exílio designado. Atrás de mim, ouvi-a sussurrar: "Esses olhos são tão perturbadores, como os de um animal. Talvez devêssemos verificar se ela tem rabo."

Mais risos, um pouco mais altos agora que eu havia passado. Mesmo assim, não disse nada. Seus cortes não doíam mais.

Acomodei-me na cadeira desconfortável, ajeitando minhas saias com cuidado deliberado, aproveitando o momento para me recompor. .

A corrente de ar que vinha da janela era realmente fria, infiltrando-se por baixo da gola do meu vestido como dedos fantasmagóricos. Reprimi um arrepio, relutante em dar a Ira a satisfação de ver meu desconforto.

Deste ponto de vista privilegiado, eu podia observar toda a assembleia enquanto era facilmente esquecido pela maioria dos presentes. Era, ironicamente, a posição perfeita para ouvir, e ouvir sempre fora a minha habilidade mais valiosa para navegar nas águas traiçoeiras da vida na corte.

Lady Lorraine falava agora, sua voz ecoando claramente pela sala. "—e dizem que ele tomou o porto oriental de Callais quase sem resistência. O senhor local simplesmente abriu os portões em vez de enfrentar um cerco."

“O Rei de Sangue está ficando cada vez mais ousado”, respondeu a Condessa Elspeth, com a testa franzida em genuína preocupação. “Nocthar não passava de um reino insignificante há apenas cinco anos. Agora, metade das cidades costeiras hasteiam seu estandarte.”

Senti um arrepio que não tinha nada a ver com a corrente de ar.

O Rei de Sangue. Rei Valen de Nocthar. *O Açougueiro.*

Seu nome por si só era suficiente para silenciar uma sala, para fazer com que as mães abraçassem seus filhos.

As histórias que chegaram a Vareth falavam de execuções públicas, de nobres que se opunham a ele sendo empalados em estacas do lado de fora de seu castelo, de rituais realizados para deuses estranhos sob a lua nova. A maioria descartava tudo isso como exageros, o tipo de floreio que se associava a qualquer governante temido. Mas havia consistência suficiente nos relatos para sugerir pelo menos alguma verdade nos horrores.

“Dizem que ele se banha no sangue de virgens para manter a juventude”, sussurrou uma das damas de companhia de Cordélia, claramente entusiasmada com a própria ousadia em falar de tais coisas.

Cordélia zombou. "Não seja ridícula, Emeline. Ninguém acredita nessas histórias de camponeses." Ela olhou para a mãe. "Embora a questão de Callais seja preocupante. Papai deveria ter enviado ajuda a Lorde Ferrin, em vez de deixá-lo enfrentar Nocthar sozinho." ”

“Seu pai faz o que precisa para a segurança de Vareth”, respondeu Ira, num tom que deixava claro que o assunto estava encerrado. “Assuntos de Estado não são para o chá da tarde.”

Um movimento rápido chamou minha atenção. Uma pequena figura passou rapidamente entre as mulheres agrupadas, brilhante como um pássaro canoro entre os corvos.
Lysa, de três anos e sem as amarras da etiqueta da corte, me viu no meu canto. Seu rosto se iluminou com genuína alegria.
"Miri!" ela exclamou, usando o apelido carinhoso que me dera quando aprendeu a falar. Correu em minha direção, com os braços estendidos, sem se importar com o suspiro de surpresa da mãe.
Não consegui conter o sorriso quando ela se aproximou, seu pequeno corpo colidindo com meus joelhos antes de erguer os braços no gesto universal de querer ser levantada.
Eu concordei sem hesitar, trazendo-a para o meu colo, onde ela imediatamente começou a mexer com o pingente de prata em meu pescoço.
“Você perdeu a hora da história”, ela me informou solenemente, seus olhos cor de avelã — tão parecidos com os da mãe na forma, mas aquecidos por uma inocência que Ira já havia sacrificado há muito tempo — fixos em meu rosto.
“A enfermeira leu sobre a princesa e o dragão, mas ela não faz as vozes direito como você.”
“Uma falha terrível”, concordei, demonstrando a mesma seriedade. “Talvez eu possa ler para você mais tarde.”
Lysa assentiu com a cabeça, satisfeita com a promessa, e então estendeu a mão para tocar minha bochecha com dedos que tinham um leve cheiro de violetas cristalizadas, que ela claramente havia comido.
“Seus olhos estão lindos hoje”, ela declarou. “Parece que estrelas caíram neles.”
Do outro lado da sala, vi Ira se enrijecer, sua desaprovação palpável. A expressão de Cordélia também se fechou, seus lábios comprimidos em uma linha fina ao ver o evidente afeto de sua irmã mais nova por mim. Mas nenhuma das duas se moveu para nos separar, cientes de que isso só irritaria Lysa e poderia causar uma cena. .
Era uma das poucas alegrias que eu possuía: o amor descomplicado de Lysa. Ela me conhecia apenas como sua meia-irmã, aquela que contava as melhores histórias e lhe roubava doces quando as babás não estavam olhando.
Seu afeto era puro, intocado pelas intrigas da corte ou pela amargura das mágoas da vida adulta.
“Conte-me sobre o seu dia, maninha”, eu disse, acomodando-a melhor no meu colo.
Enquanto ela começava a relatar detalhadamente suas aventuras matinais, eu mantinha um ouvido atento à sua tagarelice e o outro às conversas que circulavam pela sala.
— A expansão para oeste significa que ele está de olho em Vareth — dizia uma dama de companhia em voz baixa para seu acompanhante. — O porto é estratégico. Ele controla o acesso ao rio Mallen.
“O rio Mallen deságua diretamente em nossos territórios orientais”, veio a resposta preocupada. “Se ele tomar o porto e o rio—”
“Ele não vai”, interrompeu a primeira mulher com firmeza. “O rei Aeldrin e os reis vizinhos jamais permitiriam que Nocthar obtivesse tal vantagem. O tratado entre os reinos já dura duzentos anos.”

“Os tratados só são tão fortes quanto os homens que os cumprem”, murmurou sua companheira. “E o Rei de Sangue demonstrou pouca consideração por tais delicadezas.”
Contive um arrepio, apertando levemente meus braços em volta de Lysa como se pudesse protegê-la da mera menção de tal homem. A reputação de crueldade do Rei de Sangue estendia-se até mesmo ao seu tratamento com crianças nobres, usando-as como reféns e moeda de troca contra seus pais.
Só de pensar em alguém como ele perto de Lysa, meu sangue gelou.
“E aí a enfermeira disse que eu não podia comer outro doce porque ia estragar meu jantar, mas eu acho isso bobagem, porque ainda faltam horas e horas”, dizia Lysa, completamente alheia à minha atenção dividida. “Você não acha isso bobagem, Miri?” ”
"Que bobagem", concordei automaticamente, afastando uma mecha de cabelo rebelde da testa dela. "Mas a enfermeira precisa levar em consideração os desejos da sua mãe."
Lysa torceu o nariz diante dessa lembrança indesejada de autoridade.
“Mamãe diz que doces estragam o complexo, mas você é perfeito e eu sei que você come bolinhos de mel quando ninguém está olhando.”
Sorri ao ouvir sua pronúncia lenta da *palavra "complexion" (cor da pele),* depois pressionei meu dedo contra os lábios, fingindo alarme com a revelação do meu vício secreto.
“Shhh, não conte para ninguém. É uma magia especial que só funciona para irmãs mais velhas.”
Olhei em volta, como se quisesse ver se alguém estava ouvindo, antes de sussurrar: "Mas já que você é meu irmão/irmã favorito(a), vou garantir que a mágica funcione para você também."
Ela deu uma risadinha, encantada por ser incluída em uma conspiração, por menor que fosse.
Enquanto ela encostava a cabeça no meu ombro, contente por um momento apenas por estar em meus braços, senti uma presença se aproximando e olhei para cima, vendo Isolda vindo em nossa direção.
Isolda era talvez a única pessoa na corte que eu chamaria de amiga. Filha de uma família nobre menor com antigas ligações a Vareth, ela fora designada como minha dama de companhia anos atrás e, de alguma forma, contra todas as expectativas, desenvolvera um afeto genuíno por mim.
Diferentemente da maioria na corte, ela nunca desviou o olhar do meu nem me tratou como se eu carregasse alguma desgraça contagiosa.
“Princesa Mireille”, cumprimentou ela formalmente, embora seus olhos carregassem o calor de uma amizade genuína. “Princesa Lysa. Que imagem encantadora você forma.”
Lysa sorriu radiante com o elogio, enquanto eu me movia um pouco para dar espaço a Isolde no pequeno banco ao lado da minha cadeira.
Ela se acomodou ali com a graça que vinha de anos transitando pelos tribunais, seus cabelos loiro-acinzentados impecavelmente penteados, seus olhos verde-acinzentados não deixando escapar nada. .
“Eu estava começando a achar que você talvez não viesse”, disse ela baixinho, ajustando a voz para que não fosse ouvida além dos meus ouvidos. “O convite da

rainha pareceu particularmente... insistente desta vez, e eu sei o quanto você gosta de receber ordens."
"Parecia mais um decreto real", murmurei de volta. "Como eu poderia recusar?"
Os lábios de Isolda se curvaram num sorriso em reconhecimento de quantas vezes eu tentei desafiar a rainha.
"Que bom que você está aqui. Essas reuniões são insuportáveis sem alguém sensato com quem conversar."
Lysa, ficando inquieta, avistou outra criança do outro lado da sala e se remexeu para ser colocada no chão.
"Miri, por favor, me solte. Eu quero brincar com a filha da Lady Kelleth."
Soltei-a, observando-a disparar para longe com a energia despreocupada da infância.
"Não amasse o vestido", gritei para ela baixinho, um lembrete que quase certamente seria ignorado.
Ao me virar para Isolda, encontrei-a me observando com um pequeno sorriso.
"Lysa te adora", murmurou ela. "Isso enlouquece a rainha."
"Um dos pequenos prazeres da vida", admiti, permitindo-me um leve sorriso. "Como você tem estado? Quase não te vi nos últimos dias."
Isolda olhou em volta, certificando-se de que ninguém estava prestando atenção em nós, e então se inclinou para mais perto. "Estive... ocupada", disse ela, com um leve rubor nas bochechas.
Ergui uma sobrancelha. "Ocupado? Isso parece intrigante. Conte-me mais."
"Você se lembra do filho do tratador de estábulos que mencionei?", ela sussurrou, com os olhos brilhando de prazer secreto. "Aquele com o—"
"Ombros como os de um jovem deus e mãos capazes de domar um cavalo selvagem?" Completei por ela, divertido com sua repentina timidez. "Lembro-me de você ter falado de forma bastante poética sobre seus vários atributos, sim." "
Ela corou ainda mais. "Bem, houve... desenvolvimentos."
"Desenvolvimentos?", repeti, baixando a voz para acompanhar seu tom conspiratório. "Devo entender que esses desenvolvimentos ocorreram em algum lugar privado, possivelmente envolvendo menos roupa do que seria apropriado?"
Os olhos de Isolda se arregalaram em deleite escandalizado. "Mireille! Precisa ser tão direta?"
"Você prefere que eu fale em enigmas e metáforas como os poetas da corte?", provoquei, sentindo parte da tensão se dissipar dos meus ombros.
Foi por isso que eu valorizava Isolda. Ela me tratava como uma amiga, e não como uma curiosidade ou uma ameaça. Com ela, eu conseguia esquecer o peso de ser o segredo vergonhoso do Rei Aeldrin, a afronta viva da Rainha Ira, a eterna excluída da corte.
Ao menos, ainda que por um instante.
"Talvez eu devesse compor uma ode à união de uma dama nobre e um simples tratador de cavalos, seu abraço apaixonado sob a lua cheia da colheita—"
"Pare", ela sibilou, embora o riso borbulhasse sob seu tom escandalizado. "Não foi debaixo da lua. Foi no palheiro, e foi... educativo."
Levei a mão ao peito em fingida indignação. "O palheiro? Que atitude escandalosamente rústica, Lady Isolda. O que sua mãe diria?"

“Ela provavelmente teria um ataque de apoplexia e depois arranjaria meu casamento imediato com algum barão decrépito com gota”, respondeu Isolda secamente. “É por isso que ela nunca saberá, e ninguém mais também não.” Ela me encarou com um olhar penetrante. “Ninguém.”
Suavizei meu sorriso provocador. "Seu segredo está a salvo comigo, como sempre. Embora eu espere que este rapaz dos estábulos esteja sendo discreto. A corte está sempre de olho, e a rainha adoraria um escândalo para desviar a atenção dos rumores sobre o Rei de Sangue."
A expressão de Isolda tornou-se séria ao ouvir o nome do Rei Valen. "Eu também ouvi esses rumores. Você acha que há alguma verdade neles?" ”
Hesitei, ponderando minhas palavras. Isolda era talvez minha única verdadeira aliada na corte, mas mesmo com ela, eu guardava certos pensamentos para mim.
"Acho que raramente há fumaça sem fogo", eu finalmente disse. "E acho que meu pai não teria convocado o conselho de guerra três vezes na última semana se não houvesse motivo para preocupação."
“O conselho de guerra já foi convocado três vezes?”, perguntou ela, baixando a voz.
Dei-lhe um sorriso irônico. Isolda sabia da pequena rede de criados que eu havia cultivado e que, por vários motivos, estavam dispostos a compartilhar informações que ouviam por acaso. Uma palavra gentil aqui, um pequeno favor ali, às vezes apenas o cuidado de aprender o nome deles.
Foi surpreendente como atos tão pequenos podiam comprar uma lealdade que o ouro não conseguia.
“Você deveria ter mais cuidado”, advertiu Isolda, com genuína preocupação nos olhos. “Se a rainha sequer suspeitar que você andou coletando informações—”
“Ela já pensa o pior de mim”, interrompi gentilmente. “O conhecimento é minha única proteção aqui. Preciso ver a lâmina antes que ela caia se quiser ter alguma esperança de evitá-la.”
Antes que ela pudesse responder, um movimento no canto do meu campo de visão chamou minha atenção. Um pajem em uniforme real caminhava entre a multidão, com uma expressão tensa de urgência. Ao se aproximar, reconheci-o como um dos mensageiros pessoais do meu pai, e uma pontada de inquietação me invadiu o estômago.
Ele parou diante de mim e fez uma reverência rígida. "Princesa Mireille", disse ele, com a voz ligeiramente embargada. Ele não devia ter mais de quatorze anos. "Sua Majestade o Rei Aeldrin solicita sua presença imediata em seu gabinete particular."
Ele me estendeu um bilhete lacrado, que aceitei com dedos que permaneceram firmes apesar da aceleração do meu pulso.
Meu pai raramente me chamava, preferindo manter distância da prova viva de sua indiscrição. O fato de ele me chamar agora, em meio à reunião da rainha, sugeria algo de importância incomum. .
Quebrei o lacre e examinei a breve mensagem, escrita com a caligrafia precisa do meu pai:

Mireille,

Venha imediatamente ao meu escritório
assim que receber esta mensagem.
Temos assuntos importantes a discutir.
-UM.

Sem termos carinhosos. Sem explicações. Típico do nosso relacionamento: formal, distante, necessário.

Do outro lado da sala, senti o olhar de Ira sobre mim, sua atenção capturada pela presença da página. Eu podia ler a especulação em seus olhos, o cálculo. Qualquer que fosse o assunto que meu pai quisesse discutir, ela sem dúvida teria opiniões sobre o fato de não ter sido a primeira a saber dele. Opiniões que ela expressaria na primeira oportunidade.

Assim que o mensageiro se curvou e se retirou, levantei-me do meu assento, alisando as dobras do meu vestido com cuidado deliberado.

“Parece que sou requisitada em outro lugar”, anunciei a Isolda, em voz alta o suficiente para que os ouvidos próximos ouvissem. “Papai está me chamando.”

Ela assentiu com a cabeça, compreendendo sem palavras que eu não podia compartilhar mais nada. "Posso te visitar mais tarde?"

“Por favor, faça isso.” Apertei sua mão brevemente, grato por sua presença constante.

Atravessei a sala de estar, consciente das especulações que circulavam entre os presentes. Uma convocação do rei, entregue diretamente na sala de estar em vez de pelos canais habituais, era combustível para os boatos que manteriam as línguas tagarelando até o jantar.

Fiz uma pausa para dar um beijo na cabeça de Lysa, onde ela brincava com seu jovem companheiro. "Vou te procurar mais tarde para contar aquela história", disse baixinho, recebendo um sorriso radiante em resposta. .

"Promete?", perguntou ela, erguendo o dedo mindinho.

"Prometo", respondi, entrelaçando meu dedo com o dela em um pacto solene que significava tudo para a sua sensibilidade de três anos.

Ao passar pela Rainha Ira, fiz uma reverência impecável, a personificação do respeito filial. "Vossa Majestade, peço licença para me retirar de sua agradável reunião. Meu pai requer minha presença."

Seus lábios se comprimiram numa linha pálida diante da lembrança pública da minha ligação com seu marido. "Por todos os meios", respondeu ela, com a voz gélida como gelo. "Não se deve deixar Sua Majestade esperando. Tentaremos suportar sua ausência com... fortaleza."

Endireitei-me, encarando-a com calma e segurança. "Sim, tente."

Então, num momento de pura e mesquinha rebeldia que eu sabia que iria lamentar mais tarde, pisquei para ela — um gesto rápido e inconfundível, visível apenas para ela — antes de me virar.

O suspiro de fúria que se seguiu ao meu chamado quase valeu a pena a retaliação que inevitavelmente viria.

Quase.

Mas então eu atravessei a porta e entrei no corredor, minha mente já se voltando para o que meu pai poderia querer de mim depois de tanto tempo evitando-o cuidadosamente.

CAPÍTULO DOIS

# O ACORDO

A porta do escritório do meu pai parecia mais pesada que o normal sob a minha palma, como se a própria madeira pressentisse a gravidade do que me aguardava lá fora.

Sombras se agarravam aos cantos da câmara escura, dançando sobre os painéis desgastados enquanto a luz de velas tremeluzia sobre os mapas envelhecidos e os antigos tomos que narravam a longa história do nosso reino. Entrei, o aroma de pergaminho antigo e cera derretida preenchendo meus pulmões, meus olhos imediatamente atraídos para onde o Rei Aeldrin estava curvado sobre sua enorme escrivaninha de carvalho, sua coroa ausente, mas o peso de seu uso ainda visível na postura tensa de seus ombros.

Dario estava ao seu lado — Capitão da Guarda Real — com a postura rígida e vigilante. Seus olhares se encontraram. O meu olhar desviou-se brevemente, um lampejo de algo ilegível passando entre nós, antes que ele voltasse sua atenção para o extenso mapa que meu pai desenrolava metodicamente sobre a superfície marcada da mesa.

"Vossa Majestade me convocou?" Mantive minha voz deliberadamente neutra, o tratamento formal um escudo que aprendi a usar anos atrás.

Meu pai não ergueu os olhos imediatamente. Seus dedos, adornados apenas com o simples anel de ouro que marcava sua linhagem, alisaram os cantos desgastados do mapa com um cuidado incomum. Quando finalmente ergueu os olhos para os meus, vi as linhas finas que se entrelaçavam a partir dos cantos, cada vez mais profundas a cada estação que passava.

“Mireille.” Meu nome, em sua voz, não soava nem caloroso nem frio, apenas uma constatação. “Venha, veja isto.”

Aproximei-me da mesa com passos calculados, lançando um olhar cauteloso para Darius. Seu maxilar estava contraído daquele jeito específico que eu reconhecera ao longo dos anos, uma tensão que denunciava notícias desagradáveis cuidadosamente guardadas atrás de lábios cerrados.

O mapa sob as mãos de meu pai retratava Nocthar, um reino que outrora não passava de um conjunto de pequenas propriedades aninhadas junto à nossa fronteira oriental. Agora, tinta carmesim marcava os territórios que haviam caído sob o domínio do Rei de Sangue, espalhando-se como uma mancha pelas regiões costeiras.

“O conselho de guerra reuniu-se três vezes esta semana”, disse meu pai, traçando com o dedo um caminho desde o porto recém-conquistado de Callais em direção às nossas próprias fronteiras. “Cada reunião mais longa e mais contenciosa que a anterior.”

“Foi o que ouvi”, respondi, com a informação da sala de estar reforçada pelo que eu havia captado dos sussurros dos criados, que ainda ecoavam na minha mente. “Lorde Ferrin rendeu Callais sem resistência.”

O olhar do meu pai se aguçou, mas ele não comentou como eu havia obtido essa informação.

“O que talvez vocês não saibam”, continuou ele, agora com a voz mais firme, “é que a rendição de Lord Ferrin não foi mera covardia. O rei Valen tinha seu filho caçula — um refém cuja vida dependia da decisão do pai. Uma criança de apenas três anos.

De repente, o ar no escritório pareceu mais rarefeito. Ele sabia o quanto eu amava Lysa e a menção da criança Callais era deliberada. Manipulativa. Ele queria algo de mim.
Observei sua mão se mover novamente, desta vez circulando nosso próprio reino de Vareth, a ponta do dedo pressionando com força suficiente para marcar o pergaminho.
“Muitas das cidades costeiras agora hasteiam seu estandarte”, disse Dario, com voz baixa e grave. “Nossos batedores relatam que seus exércitos crescem diariamente, reforçados por recrutas de territórios conquistados e mercenários pagos com ouro saqueado.”
Senti um estranho distanciamento enquanto estudava o mapa. O carmesim que se espalhava deveria ter despertado medo, imaginei, mas o medo exigia preocupação com o que poderia ser perdido. Meu mundo há muito se resumia a apenas duas pessoas: Lysa e Isolda. O resto — o reino, sua política, até mesmo meu pai — existia em uma periferia indefinida.
"Por que me diz isso?", perguntei finalmente. "Não ocupo nenhum cargo em sua corte, nem comando seus exércitos."
Meu pai endireitou-se, obrigando-me a erguer o queixo para encontrar seu olhar. A luz de velas aprofundou as olheiras, revelando o cansaço que ele escondia com tanto cuidado em público.
“Porque, Mireille, o Rei Valen de Nocthar fez uma oferta de aliança, e o destino do nosso reino não nos deixa outra alternativa.” Algo em seu tom fez meu pulso acelerar.
“Aliança?” A palavra soou amarga na minha língua. “Que termos possíveis poderiam —“
“Casamento.” Essa única palavra caiu entre nós como uma lâmina. “Ele se ofereceu para tomar sua mão em nome da paz.”
Por um instante, tive certeza de que havia entendido errado. O escritório pareceu se contrair ao meu redor, as paredes se aproximando, o ar ficando mais denso. Olhei para Darius, cujo rosto se endurecera em uma máscara impassível, e depois voltei a olhar para meu pai, buscando algum indício de que aquilo era uma piada cruel.
Não encontrei nenhum. .
"Não." A recusa escapou antes que eu pudesse repensar a ideia.
A expressão do meu pai não mudou. "Isto não é um pedido, Mireille. É uma necessidade."
"Uma necessidade?" Uma risada irrompeu, histérica e incrédula. "Casar-me com um homem que chamam de Açougueiro? Um tirano que caça seus inimigos por esporte? Que conquista sem piedade e governa pelo medo? *Essa* é a sua solução?"
“São boatos de camponeses”, disse meu pai, embora não os tenha descartado completamente. “O rei Valen é—”
“Um monstro”, completei por ele. Minhas mãos começaram a tremer, e eu as pressionei contra a mesa para firmá-las. “Como você pode sequer considerar isso—”
“Você ousa me questionar?” Pela primeira vez, a raiva transbordou da compostura cuidadosamente mantida pelo meu pai. “Olhe para este mapa, Mireille. Veja o que separa o nosso povo da devastação.”
Meus olhos voltaram-se para o pergaminho, para a estreita faixa de terra não conquistada que separava as forças de Nocthar de nossas fronteiras. No silêncio que se

seguiu, pude ouvir o leve tilintar da chuva começar a bater nas janelas de chumbo do escritório.
“Deve haver outro jeito”, eu disse, com a voz mais baixa do que pretendia. “Alianças com outros reinos, talvez, ou—”
“Não há tempo”, interrompeu Darius, com uma voz mais suave que a do meu pai. “Os exércitos Nocthari chegarão às nossas aldeias orientais em uma semana. Mesmo que mobilizássemos nossos aliados, suas forças não conseguiriam se mobilizar com rapidez suficiente.”
Virei-me de ambos, dirigindo-me à janela onde encostei a testa no vidro frio. Lá fora, a chuva começava a riscar os vidros com força, distorcendo os jardins além, transformando-os num borrão de sombras e cores desbotadas. Meu hálito embaçava o vidro, criando um pequeno círculo de opacidade que se expandia e contraía a cada expiração.
“Como você pôde aceitar uma união dessas com um homem conhecido apenas por sua crueldade?” A pergunta surgiu como um sussurro, dirigido tanto a mim quanto ao meu pai. .
Ouvi-o suspirar, o som carregado com o peso de uma coroa que parecia ficar mais pesada a cada segundo que passava.
“Às vezes, como governantes, precisamos fazer sacrifícios para o bem maior. Seu casamento nos daria tempo. Tempo para fortalecer nossas defesas, forjar novas alianças e nos preparar para o que ainda pode vir.”
Eu o observei, procurando a mentira que esperava encontrar. Em vez disso, vi apenas cansaço e resignação. Meu olhar se voltou para Darius, cujos olhos revelavam uma fúria cuidadosamente contida que eu suspeitava ter pouco a ver com estratégia política e muito a ver com nossa história em comum.
"E se eu recusar?" A pergunta pairou entre nós, uma última cartada desesperada.
A expressão do meu pai endureceu mais uma vez, o vislumbre momentâneo de cansaço desaparecendo sob a máscara da realeza.
“Então você condena milhares de vidas inocentes à espada. Incluindo, devo acrescentar, as de Lysa e Isolde, a quem sei que você preza.”
Prendi a respiração, sentindo todo o peso da manipulação do meu pai me atingir onde ele sabia que doeria mais. Ele nunca reconheceu meu vínculo com minha amiga ou com minha irmã mais nova, talvez ressentindo-se desta última tanto quanto sua esposa. Mas ele havia observado, notado, e agora o usava com brutal precisão.
"Isso é injusto", consegui dizer, as palavras escapando de uma garganta repentinamente seca.
“A guerra é injusta”, respondeu meu pai simplesmente. “Este casamento, pelo menos, oferece esperança.”
Olhei novamente para o mapa, a mancha carmesim da influência de Nocthar se aproximando cada vez mais do lugar que eu chamava de lar.
Naquele momento, eu soube que concordaria. Não pelo bem do reino, nem pelo do meu pai, mas pela doce inocência de Lysa e pela silenciosa lealdade de Isolda. Pelas duas únicas almas neste mundo pelas quais eu realmente me importava.
Minha resistência desmoronou.
"Quando?" Essa única palavra me custou caro. .

Meu pai trocou um olhar com Dario antes de responder: “O rei Valen chegará amanhã, à frente de seus exércitos. O casamento acontecerá no dia seguinte.”
“Amanhã?” O quarto girou ao meu redor. “Tão cedo?”
“O Rei de Sangue não é conhecido por sua paciência”, disse Darius, com a voz tensa devido à emoção contida.
Fechei os olhos, tentando controlar a vertigem que ameaçava me dominar. Um dia. Eu tinha apenas um dia de liberdade antes de ser obrigada a me entregar a um homem cuja reputação fazia até os soldados mais experientes empalidecerem de medo.
A chuva batia com mais força agora, um estacato furioso contra as janelas que parecia zombar do trovão do meu coração. Olhei entre meu pai e Darius, buscando um aliado, um alívio — e encontrei apenas uma determinação sombria refletida em ambos os rostos.
Voltando-me para a janela, segui o rastro de uma gota de chuva enquanto ela serpenteava pelo vidro. O pátio lá embaixo estava escorregadio pela chuva, as pedras de calçamento transformadas em um espelho escuro que refletia o brilho frio da luz das tochas em poças fragmentadas e trêmulas. Guardas permaneciam em seus postos, capas bem ajustadas contra a garoa persistente, aparentemente tão imóveis quanto as estátuas de pedra que ladeavam os portões do palácio.
Achatei a palma da mão contra o vidro frio. O frio penetrou na minha pele, subindo pelo meu braço como um presságio da vida gélida que me aguardava. O Rei de Sangue. O Açougueiro. Até mesmo seu nome evocava imagens de campos de batalha banhados em sangue carmesim e o gosto metálico do medo.
Uma cadeira rangeu atrás de mim — meu pai mudando o peso de um pé para o outro, talvez se preparando para falar novamente, para justificar ainda mais o sacrifício que exigia. Mas o silêncio prevaleceu, estendendo-se entre nós como um abismo que nenhum de nós sabia como transpor. Sempre fomos isso… dois seres unidos pelo sangue, mas separados por algo essencial, um entendimento que nunca se concretizou.
Virei-me da janela e voltei para a escrivaninha, meus dedos roçando a borda entalhada do carvalho antigo. A madeira tinha sido alisada por gerações de mãos reais — as do meu avô, as do pai dele antes dele, e agora as do meu pai. Se eu recusasse essa aliança, elas seriam acompanhadas pelas do Rei de Sangue, caso suas ambições se concretizassem. Eu me perguntava se o toque dele deixaria uma mancha.
“Eu sei que você me considera cruel”, disse meu pai por fim, com a voz mais suave do que antes. “Talvez eu seja. Mas um rei não pode se dar ao luxo da bondade quando seu reino está em jogo.”
"E quanto ao pai?" A pergunta escapou antes que a razão pudesse intervir.
Nossos olhares se encontraram, e por um breve instante, vislumbrei algo como arrependimento pairando sobre a profundidade de seus olhares.
"Um pai às vezes precisa ser ainda mais cruel, quando o sacrifício de sua filha pode salvar milhares."
Assenti com a cabeça, não em concordância, mas em reconhecimento a um impasse intransponível. Meus dedos continuaram sua exploração inquieta da superfície da mesa, buscando conforto em sua solidez inflexível.
Uma estranha resignação começou a me invadir — não paz, mas uma imitação vazia dela. O silêncio que surge quando se aceita que a luta é inútil.

"Farei como ordenaste", disse finalmente, com a voz oscilando entre a determinação e a tristeza. "Casarei com o Rei de Sangue."
As palavras pairavam entre nós, unindo e rompendo ao mesmo tempo. Minha postura enrijeceu enquanto as pronunciava — uma manifestação física da força de vontade necessária para aceitar tal destino. Eu me perguntava se meu pai conseguia ver a turbulência em meus olhos, a aceitação relutante do dever obscurecida por uma tênue e desesperada esperança de que, talvez, esse sacrifício pudesse transpor o abismo emocional entre nós.
Os ombros do meu pai relaxaram ligeiramente, o único sinal visível de seu alívio. "Você presta um grande serviço ao seu reino, Mireille."
“Faço isso por Lysa e Isolde”, corrigi, relutante em lhe conceder o consolo de acreditar que eu agia por lealdade a uma coroa que me dera pouco além de solidão. “Sejamos claros quanto a isso.” ”
Ele inclinou a cabeça, aceitando essa verdade sem questionar. "Quaisquer que sejam seus motivos, o resultado é o mesmo. Você dá uma chance a Vareth."
Meu pai hesitou, depois caminhou em minha direção com uma incerteza incomum em seus passos. Por um instante estranho e desconcertante, pensei que ele fosse me abraçar. Um gesto tão incomum que teria parecido uma agressão. Em vez disso, ele simplesmente colocou a mão no meu ombro, um toque desajeitado e formal.
“Você tem a força da sua mãe”, disse ele em voz baixa.
A menção da minha mãe me atingiu com uma força inesperada. Seja por culpa ou por mais manipulação, foi como jogar sal em uma ferida recente.
"Não saberia dizer", respondi, sem conseguir disfarçar a irritação na minha voz.
Sua mão se afastou, a breve conexão rompida. "Não, suponho que não."
Examinei seu rosto, imaginando se haveria algo mais. Alguma explicação, alguma pista sobre a mulher cujo sangue corria em minhas veias. Mas sua expressão já estava fechada, a vulnerabilidade selada mais uma vez por trás de sua máscara real.
“O capitão irá acompanhá-lo até seus aposentos”, disse ele, recuando tanto física quanto emocionalmente. “Tente descansar. Amanhã exigirá muito de você.”
Fiz uma reverência protocolar, um gesto tão vazio quanto o espaço entre nós. "Obrigado, Vossa Majestade."



Saímos do escritório do meu pai em silêncio, meu casamento iminente pressionando entre nós como uma terceira pessoa indesejada.
Darius moveu-se ao meu lado com disciplina prática, o rosto uma máscara cuidadosa que nada revelava de seus pensamentos. Eu podia senti-lo se preparando para me guiar até meus aposentos, onde eu Era de se esperar que eu me preparasse em silêncio para o meu sacrifício. Em vez disso, virei bruscamente pelo corredor oeste, em direção aos jardins onde a chuva ainda caía em torrentes constantes.
Darius hesitou por apenas um instante antes de me seguir, familiarizado o suficiente com minha rebeldia para saber que me forçar a ir para meus aposentos seria inútil.

Eu precisava de algo dele. Algo que me lembrasse que eu ainda era de carne e osso, ainda capaz de tomar o que eu queria antes de me tornar nada mais do que um tratado selado pelo matrimônio.
"Princesa", murmurou Darius enquanto nos aproximávamos das portas de vidro que davam para o terraço oeste. "Seus aposentos são—"
"Eu sei onde ficam meus aposentos, Capitão." Minha voz tinha um tom cortante que o silenciou imediatamente. "E eu sei para onde estou indo."
Seus passos vacilaram, quase imperceptivelmente. Ele conhecia aqueles jardins tão intimamente quanto eu. Sabia exatamente o que havia acontecido entre nós, entre as sebes protetoras e as sombras ocultas. Antes de arruinar tudo com conversas de amor e futuro, aqueles jardins tinham sido nosso santuário. Um lugar onde hierarquia e protocolo se dissolviam sob mãos ávidas e bocas famintas.
Empurrei as portas sem hesitar, a névoa fresca da chuva acariciando meu rosto como o carinho de um amante. Darius me seguiu até o terraço, seu dever visivelmente em conflito com o bom senso.
"Mireille." Meu nome em seus lábios era diferente agora, mais suave, carregado de lembranças de sussurros carinhosos e gemidos abafados. "Não deveríamos estar aqui fora. A chuva—"
"Vai nos esconder", completei por ele, já descendo os degraus de pedra para o jardim propriamente dito. A chuva tinha se intensificado, as gotas batendo no caminho de lajes com um som semelhante a aplausos distantes. "Como sempre faz."
Os caminhos do jardim estavam desertos, como eu já esperava. Nenhum criado cuidava dos canteiros de flores com aquele tempo. Nenhum nobre passeava pelos caminhos de cascalho em busca de fofocas. A chuva proporcionava uma cortina perfeita de privacidade, obscurecendo as fronteiras do mundo.
Caminhei com determinação até o canto leste, onde um muro de pedra encontrava uma alta sebe de teixo, criando uma alcova protegida, invisível tanto das janelas do palácio quanto dos caminhos principais do jardim. Minhas saias ficaram pesadas com a água da chuva, grudando nas minhas pernas a cada passo, mas eu acolhia o desconforto. Qualquer sensação era preferível à dormência oca que se instalara em meu peito desde o pronunciamento de meu pai.
A mão de Darius segurou meu braço quando nos aproximávamos do nosso destino; seu aperto era firme, mas não doloroso.
"Mireille, pare. Não podemos continuar. Precisamos conversar sobre isso."
"Não quero conversar." Virei-me para encará-lo, a chuva grudando meus cabelos nas bochechas e no pescoço. Seus próprios cabelos cor de cobre haviam escurecido para um tom bronze, gotas agarradas aos cílios, traçando caminhos pelas linhas fortes de seu rosto. Mesmo na penumbra, vi o conflito em seus olhos. Desejo lutando contra o dever, anseio contra a decência.
"Deveríamos", disse ele, embora sua voz tivesse se suavizado, sua determinação vacilando. "Amanhã você vai—"
"Amanhã começarei a me preparar para me casar com um monstro", interrompi, aproximando-me até sentir o calor do seu corpo mesmo através do frio das roupas encharcadas. "Amanhã começarei a empacotar tudo o que conheço, pronto para ser enviado a Nocthar como uma caixa de vinho fino." Levei a mão ao seu peito, sentindo

seu coração acelerar sob a minha palma. “Mas esta noite, ainda estou aqui. Ainda sou eu. E preciso de você, Darius.”
Ele prendeu a respiração, o som quase se perdendo em meio ao ruído constante da chuva batendo nas folhas.
“Seu pai—“
"Ele já me vendeu", concluí amargamente. "O que mais ele pode tirar de mim?"
Eu sabia que minhas palavras o magoaram. Darius sempre acreditou que meu pai se importava mais do que demonstrava, sempre o defendeu. A distância do rei era necessária. Mas eu não me importava. Esta noite eu não queria conforto nem justiça. Eu queria sensações. Controle sobre *algo* .
Sem esperar por uma resposta, dei um passo para trás, entrando na alcova e puxando-o comigo pela frente do uniforme. A sebe bloqueava a maior parte da chuva, criando um espaço isolado do resto do mundo. Um recanto que pertencia somente a nós.
Afundei de joelhos no musgo úmido, minhas saias finas se acumulando ao meu redor, arruinadas pela chuva e pela terra. Darius observava com uma intensidade que me fez sentir um calor intenso, dissipando o frio do início da noite. Seu peito subia e descia rapidamente, seu autocontrole visivelmente se desfazendo enquanto eu tentava alcançar o fecho de suas calças.
“Mireille”, ele sibilou, embora o desejo pulsasse na tensão de sua voz, “ *nós não deveria* —“
“Deixa eu ficar com isso”, eu disse, desatando os cadarços com destreza. “Eu sei o que quero.”
E eu fiz. *Sempre* fiz. Mesmo quando ele se ajoelhou um ano atrás, oferecendo-me seu coração e seu nome, eu já sabia exatamente o que queria... e o que não queria.
Além disso, mesmo que eu quisesse, não poderia ter lhe dado o amor que ele ansiava ou o futuro que ele idealizava. Tudo o que eu sempre pude oferecer foi isso: momentos de conexão física sem envolvimento emocional, prazer sem promessas.
Suas calças se soltaram sob meus dedos, e eu o libertei do tecido apertado com uma satisfação que beirava o triunfo. Seu pênis saltou para fora, já duro e ansioso, apesar de seus protestos.
Era uma visão agradável. Não era magnífica o suficiente para justificar uma vida inteira, mas certamente adequada para o propósito em questão.
Envolvi seus dedos em torno de seu membro, sentindo-o pulsar sob meu toque. Meu primeiro toque arrancou um sibilo de entre seus dentes cerrados, o segundo, um gemido abafado. Suas mãos se moveram em direção ao meu cabelo, buscando apoio, buscando controle. .
Com um movimento rápido e preciso, que não admitia contestação, afastei-os. "Não", lembrei-o. Nosso acordo sempre fora claro: eu estava no controle e ele obedecia. No momento em que ele buscou mais do que isso, tudo entre nós se desfez.
Suas mãos caíram obedientemente ao lado do corpo, os dedos se fechando em punhos enquanto ele lutava para se conter. Satisfeita, inclinei-me para a frente, levando-o à minha boca com lenta e deliberada delicadeza.
O gosto dele era familiar. Sal, pele e aquele leve toque metálico que sempre me lembrava do seu cinto de espada. Eu o penetrei profundamente, absorvendo todo o seu

comprimento até que meu nariz tocasse os pelos ásperos na base. Sua respiração falhava acima de mim, sua disciplina se quebrando ainda mais a cada movimento da minha boca.

A chuva caía além do nosso abrigo num ritmo constante que eu acompanhava com meus movimentos. A água pingava das bordas da cerca viva, ocasionalmente atingindo meus ombros ou costas — picadas frias que intensificavam cada sensação. Ao longe, o trovão ecoava pelo céu, abafando os sons que escapavam da garganta de Darius enquanto eu o abraçava com força.

Sempre me senti poderosa assim. Capaz de derrubar um dos homens mais fortes do meu reino com quase nenhum esforço. Era inebriante vê-lo tremer diante de mim.

Ele se aproximava do clímax, o inconfundível tensionamento dos músculos, a urgência na respiração, inconfundível. Antes que pudesse terminar, afastei-me, libertando-o com um movimento lento e deliberado que arrancou um som de necessidade frustrada de seus lábios.

Sorri e me levantei, minhas saias encharcadas grudando nas minhas pernas. A compreensão escureceu seus olhos, deixando-os da cor das sombras da floresta. Sem dizer uma palavra, ele me agarrou pela cintura e me virou de frente para a parede do palácio. A pedra estava fria sob minhas palmas enquanto eu me preparava, a expectativa se apertando em meu ventre enquanto ele levantava minhas saias por trás.

A chuva havia encharcado todas as minhas camadas de roupa, não deixando nada seco, nada sagrado. As mãos de Darius estavam quentes. Contra o frio da minha pele exposta enquanto ele se posicionava atrás de mim. Fechei os olhos, concentrando-me apenas nas sensações. O som da sua respiração ofegante. Os dedos dele cravando-se nos meus quadris. A pressão brusca dele buscando entrada.

Eu não nasci para a delicadeza.

Ele penetrou em mim com uma única estocada poderosa que expulsou o ar dos meus pulmões num suspiro que não chegou a ser um grito. A sensação familiar de alongamento e plenitude me ancorou ao presente, afastando os pensamentos sobre o Açougueiro, Nocthar e tudo o que me aguardava além desta noite. Ali, presa entre pedra e carne, eu existia apenas como terminações nervosas, sangue pulsando e prazer crescente.

Darius impôs um ritmo implacável, cada investida me impulsionando contra a parede, a pedra áspera arranhando minhas palmas. Eu revidava, exigindo mais — mais forte, mais rápido. Exigindo tudo o que ele pudesse me dar.

Eu sabia que não encontraria minha libertação dessa forma. Raramente a encontrava apenas com esse ato, mas não era isso que eu buscava. O que eu queria era me sentir usada e usar na mesma medida, afirmar minha posse sobre meu corpo uma última vez antes que ele se tornasse moeda de troca em um jogo de poder.

O que eu queria era que Darius se desfizesse, que soubesse que, mesmo enquanto eu era negociada como propriedade, eu ainda tinha poder sobre o meu próprio prazer.

Seus movimentos tornaram-se mais erráticos, sua respiração mais ofegante. Senti-o inchar dentro de mim, à beira do clímax. "Mireille", ele sussurrou, a palavra parte súplica, parte adoração.

Apertei-o com força, arrancando um gemido entrecortado de sua garganta. "Termina", implorei, minha voz firme apesar das batidas aceleradas do meu coração. "Dentro de mim."
Ele obedeceu com um grito abafado, os quadris se movendo contra os meus enquanto se entregava completamente a mim. Sua testa repousou em meu ombro, sua respiração quente contra minha pele gelada pela chuva enquanto ele tremia após o ato. Por alguns instantes, permanecemos imóveis, os únicos sons sendo nossas respirações lentas e o som constante da chuva caindo. .
Então me movi, rompendo a conexão. Alisei a saia sobre as pernas, sem me importar com a umidade entre as coxas ou com a minha aparência. Quando me virei para encará-lo, não lhe ofereci um sorriso terno de amante, mas um sorriso prático — o sorriso de uma transação concluída com satisfação mútua.
"Obrigada", eu disse simplesmente, observando-o ajeitar a roupa com as mãos que ainda tremiam.
Nossos olhares se encontraram, buscando algo que eu não podia — não queria — lhe dar. "Tudo isso poderia ter sido evitado", disse ele suavemente. "Se você tivesse dito sim quando pedi sua mão em casamento."
Quase ri com desdém. Darius adorava alimentar essa fantasia, como se ele realmente tivesse me pedido em casamento. Como se ele tivesse ido até meu pai pedir permissão.
Mesmo que tivesse acontecido, jamais teria sido permitido. Ele estava destinado a uma noiva nobre. E eu, a algum conde decrépito, não fosse esse acordo negociado com o Rei de Sangue.
“E agora estou prometida a outro”, respondi, com um sorriso irônico nos lábios. “Talvez seja melhor assim. Eu nunca poderia ter sido o que você precisava, Darius.”
“Você nunca se deu a chance de tentar”, retrucou ele, estendendo a mão para afastar uma mecha de cabelo molhado do meu rosto. Permiti o toque, por mais breve que fosse. “Poderíamos ter sido felizes.”
Eu me afastei. Da mão dele. Do território perigoso dos "e se".
"Não fui feita para a felicidade", eu lhe disse, a coisa mais próxima da verdade que eu poderia oferecer. "Apenas para sobreviver."
A chuva havia se transformado em uma garoa suave, e a tempestade se movia para leste. Em breve, os caminhos seriam reabertos. Os criados sairiam para avaliar os jardins. Nosso momento de privacidade estava chegando ao fim, como tudo na vida.
“Devo retornar aos meus aposentos”, disse eu, alisando o cabelo o melhor que pude. “Há muito o que preparar antes da chegada do meu noivo.” ”
Darius fez uma careta, depois assentiu. Sua máscara de capitão voltou ao lugar, embora seus olhos ainda carregassem o calor do nosso encontro. "Eu os acompanharei."
Saímos da alcova para o jardim aberto, o palácio pairando como um juiz silencioso. A água pingava das folhas e pétalas, a música suave em desacordo com o peso no meu peito. Amanhã traria o Rei de Sangue, e com ele, o fim de tudo que eu conhecia.
Mas esta noite era minha. Uma última demonstração de vontade antes que o dever consumisse o que restava da minha liberdade. Enquanto caminhávamos em silêncio em direção às portas do palácio, a água da chuva chapinhando nos meus chinelos, carreguei aquela pequena vitória junto ao coração como uma lâmina oculta.
A última arma de uma mulher condenada.

CAPÍTULO TRÊS

# UM ENCONTRO DE REINOS

DA noite mal havia terminado quando me encontrei ao lado de meu pai no estrado elevado do Grande Salão, a seda negra do meu vestido absorvendo a pouca luz que filtrava pelas altas janelas em arco.

"Você não pode usar preto para encontrar seu noivo", insistira Isolda naquela manhã, com os dedos pairando sobre a coleção de vestidos aprovados pela corte espalhados sobre minha cama. Cada um era mais magnífico que o anterior. Veludos e sedas em um arco-íris de cores, todos adornados com renda e bordados com fios de ouro. "É uma ofensa. Uma declaração."

"Ótimo", respondi, deslizando o vestido de seda cor de meia-noite sobre os ombros, uma peça mais apropriada para um funeral do que para um encontro de noivado. "Que seja um insulto. Uma declaração."

Agora, enquanto eu estava naquele palanque, aquela rebeldia parecia vazia. Uma birra infantil contra a maré inevitável.

O Grande Salão estendia-se diante de nós, seus arcos imponentes desaparecendo na sombra acima. Séculos de meus ancestrais haviam recebido dignitários estrangeiros sob esses tetos abobadados, mas nunca antes a corte de Vareth tremera com tamanha expectativa palpável. O medo permeava o ar como o cheiro de chuva antes da tempestade.

Ira permanecia rígida do outro lado de meu pai, seus cabelos com mechas prateadas impecavelmente enrolados em torno de sua coroa. Sua excitação por se livrar de mim era evidente apenas no leve curvar de seus lábios enquanto esperávamos a chegada do contingente Nocthari. Cordélia posicionou-se logo atrás de sua mãe, seus olhos âmbar calculando enquanto percorriam os cortesãos reunidos. Os quatro príncipes, meus meio-irmãos, haviam sido dispostos em ordem decrescente de idade e importância, como elementos decorativos em vez de pessoas.

Ao menos, eu estava grata por Lysa ter sido considerada jovem demais para aquele espetáculo. A ideia de vê-la testemunhar a irmã sendo negociada como mercadoria me embrulhava o estômago. Só ela merecia manter sua inocência por mais algum tempo.

Atrás de nós, quase invisível em seu uniforme formal de guarda, estava Darius. Recusei-me a olhar em sua direção, embora pudesse sentir o calor de seu olhar queimando contra meus ombros nus. Sua atenção era palpável, ainda que deslocada. Ele deveria se concentrar em seus deveres. Eu estava prometida a outro agora, e a noite passada teria que permanecer nosso último momento a sós.

Um silêncio sepulcral tomou conta do salão, um silêncio abrupto mais alarmante do que qualquer anúncio poderia ter sido. As enormes portas de carvalho se abriram sem fazer barulho — suaves demais, silenciosas demais — e ele entrou.

Rei Valen de Nocthar. O Carniceiro dos Reinos. *O Rei de Sangue* .

A corte se curvou em reverências e mesuras tão profundas que quase tocaram o chão. Inclinei-me junto com eles, mas apenas o suficiente para manter as aparências. Meu olhar permaneceu erguido, enquanto a curiosidade ardia mais forte que o decoro. .

Afinal, ele seria meu marido. Eu queria ver o monstro que em breve chamaria de meu rei.

E, céus, vê-lo me deixou sem ar.
Ele não se movia com passos largos ou arrogantes como eu havia imaginado. Não, ele se movia como algo meio selvagem e meio divino, cada passo uma ameaça envolta em seda. Controlado. Enrolado. Como se pudesse rasgar o mundo com um estalar de dedos.
Suas vestes escuras, de corte austero em tons de preto e carmesim, contrastavam fortemente com a pedra cinza e austera que o cercava. Nenhuma coroa adornava sua cabeça, mas ninguém naquele salão cavernoso poderia tê-lo confundido com outra coisa senão um rei.
Eu odiava o jeito como o notava. Odiava a largura de seus ombros, o contorno anguloso de seu queixo, o modo como ele cumprimentava a corte com a mais leve inclinação da cabeça. Ele era inegavelmente bonito — não no estilo dourado e heroico celebrado nas baladas de Vareth, mas no tipo de beleza esculpida pelo tempo e pela violência, moldada pelos deuses.
A prata reluzia na curva de uma orelha, uma profusão de argolas e brincos que captavam a luz da tocha como pequenas armas calculadas. Mais do que eu esperaria de um rei.
*É só isso que está perfurado?*
Balancei a cabeça em sinal de reprovação ao pensamento perverso, sufocando-o sob um pesado véu de desprezo.
Enquanto Valen subia ao estrado, seus olhos encontraram os meus — escuros e insondáveis, vastos o suficiente para me afogar. Havia algo ancestral por trás deles. Algo que vira linhagens inteiras ruirem e reinos arderem em chamas, e testemunhara tudo com o frio desinteresse de uma pedra observando a maré.
Meus dedos se agarraram com força ao tecido do meu vestido; a seda negra parecia fina demais, um escudo frágil demais contra o seu olhar. A sensação era semelhante à de estar em meio a uma tempestade de inverno, exposta e vulnerável, como se o seu olhar pudesse desmantelar minhas defesas e expor as vulnerabilidades que eu desesperadamente desejava esconder. .
Por um instante, pensei ter visto um leve brilho carmesim naquele olhar enigmático, mas desapareceu tão rápido quanto apareceu.
Então, um sorriso discreto surgiu em seus lábios, não exatamente um sorriso, mas uma sutil expressão de satisfação, enquanto seus olhos se fixavam em minhas vestes de luto. Meu ato de rebeldia, ao que parecia, o agradara.
Essa constatação me causou um arrepio gelado.
"Rei Valen", meu pai cumprimentou o rei estrangeiro enquanto a corte e eu nos levantávamos novamente, sua voz não demonstrando a ansiedade que eu sabia que o consumia. "Vareth recebe você e sua delegação de braços e corações abertos."
Uma mentira tão descarada que deveria ter queimado sua língua.
Valen não respondeu ao cumprimento de meu pai. Seu olhar permaneceu fixo em mim, como se o Rei de Vareth não fosse nada mais que um servo anunciando sua chegada. A quebra de etiqueta causou um murmúrio de desconforto entre os cortesãos reunidos.
"Princesa Mireille", disse ele, meu nome deslizando de seus lábios como seda sobre aço. Sua voz era culta, refinada — a voz da nobreza e da educação, não o rosnado gutural de

um senhor da guerra. De alguma forma, isso o tornava ainda mais aterrorizante. “Vejo que se vestiu para o nosso encontro com... o devido respeito.”
Ira enrijeceu ao lado do meu pai, seus lábios se comprimindo em uma linha fina ao me dirigir a palavra.
Atrás de mim, ouvi Darius mudar o peso do corpo — o suficiente para denunciar seu desconforto. Será que ele imaginava que poderia me proteger do homem à nossa frente? Agora que nos conhecíamos, a ideia era quase divertida.
“Preparamos um banquete formal para celebrar a sua chegada”, continuou meu pai, como se Valen não tivesse falado, voltando a falar sobre si mesmo. “A corte de Vareth está ansiosa para demonstrar nossa hospitalidade e—”
“Solicito uma audiência privada com minha noiva”, interrompeu Valen, num tom que deixava claro que não se tratava de um pedido, mas de uma ordem. “Imediatamente.”
O salão ficou tão silencioso que eu conseguia ouvir o farfalhar distante das bandeiras penduradas nas vigas. Nenhum dignitário visitante, porém. Um homem poderoso normalmente ousaria fazer tal exigência logo após a chegada. Isso dizia muito sobre o desequilíbrio entre nossos reinos, a ponto de Valen se sentir no direito de dispensar séculos de protocolo diplomático.
“Claro”, meu pai concordou imediatamente, confirmando meus piores temores sobre a posição de Vareth. “O Solar Leste foi preparado para conversas privadas. O Capitão Darius fará a escolta—”
“Isso não será necessário”, interrompeu Valen novamente, sem tirar o olhar. “A princesa conhece bem o próprio palácio, presumo?”
Um nó se formou no meu estômago. Ele pretendia me isolar — não apenas dos guardas do meu pai, mas de qualquer vestígio de proteção. Contudo, recusar seria demonstrar fraqueza. Medo.
Eu preferiria morrer a deixá-lo ver qualquer uma das duas coisas.
Levantei o queixo, sustentando seu olhar com uma frieza deliberada. "Como desejar."
Sem esperar por mais instruções, virei-me e caminhei em direção à entrada lateral que dava para o Solar Leste. Meus passos eram lentos, calculados, uma sutil afronta em me recusar a obedecer às suas ordens. Senti o olhar de centenas de pessoas sobre mim, a respiração coletiva da corte suspensa em expectativa.
Ao chegar à porta em arco, percebi que o som característico de passos que eu esperava ouvir estava ausente.
Virei-me. Valen ainda estava de pé diante do estrado, observando-me com aquele mesmo meio sorriso inquietante.
"O senhor se juntará a mim, Rei Valen?", perguntei, imprimindo um tom de voz suficientemente firme para deixar claro que eu não seria obrigada a esperar como uma suplicante. "Ou prefere realizar audiências privadas do outro lado de um salão lotado?"
Um murmúrio de choque percorreu a sala. O rosto de Ira empalideceu. O maxilar do meu pai se contraiu.
Mas a expressão de Valen não mudou. Pelo contrário, o contorno de seus lábios se aprofundou, como se eu tivesse confirmado algo que ele suspeitava.
“Depois de você, princesa”, respondeu ele, finalmente se aproximando de mim com aquela mesma graça predatória.

Conforme ele se aproximava, senti um arrepio inexplicável. Não de medo, precisamente, mas de reconhecimento. Algo em mim reagiu a algo nele — como a compreensão instintiva entre caçador e caça. Naquele instante, soube com a certeza absoluta de que, qualquer que fosse o jogo que estávamos prestes a jogar, as regras já haviam sido escritas muito antes de qualquer um de nós entrar no salão.
Virei-me e atravessei a porta sem olhar para trás, ouvindo seus passos finalmente me seguirem. Cada passo me afastava ainda mais de qualquer resquício de segurança — contudo, à medida que avançávamos pelo corredor escuro, senti o nó no estômago se desfazer, substituído por um propósito frio e nítido.
Se eu fosse ser sacrificado ao Açougueiro, não iria docilmente para o matadouro.
Eu o olharia nos olhos e o faria perceber que eu não era um peão, mas um oponente digno de respeito.
Se não for medo.



O East Solar nunca lhe parecera tão pequeno.
Embora concebido como um refúgio para conversas reais privadas, o aposento agora parecia se fechar ao meu redor como um punho. Uma única vela queimava sobre a mesa, sua chama dançando erraticamente em resposta à nossa entrada, projetando sombras sinuosas nas tapeçarias antigas que revestiam as paredes.
Escolhi uma poltrona de encosto alto, reivindicando-a como território, mais um pequeno ato de desafio num jogo em que eu tinha poucas opções. O estofado de veludo estava frio sob meus dedos enquanto eu observava Valen fechar a porta atrás de nós com uma suavidade deliberada, o clique silencioso da tranca mais ameaçador do que qualquer batida.
Ele não se sentou. Em vez disso, posicionou-se à minha frente, a luz da vela iluminando metade do seu rosto enquanto a outra metade permanecia na sombra. O efeito era perturbador, como se eu estivesse Conversando com duas versões do mesmo homem, uma visível e outra oculta.
“Sua escolha de vestido é interessante”, observou ele, seu olhar percorrendo a seda preta com uma avaliação que não parecia nem sexual nem romântica, mas sim a de um comerciante avaliando mercadorias. “A maioria das noivas tenta conquistar a simpatia do público com bajulação e falsa alegria.”
“Eu não sou como a maioria das noivas”, respondi, mantendo um tom neutro. “E este não é um casamento como a maioria.”
Um leve sorriso surgiu em seus lábios. "Não, não é."
Ele começou a andar de um lado para o outro, seus movimentos lentos, porém precisos. Cada passo era calculado, cada giro intencional. Nada no Rei Valen sugeria impulsividade. Cada gesto parecia escolhido para causar o máximo efeito.
“Diga-me, Princesa Mireille”, disse ele, meu nome soando como algo estranho em sua boca, “o que você sabe sobre Nocthar?”
Refleti sobre minha resposta. Revelar ignorância seria sinal de fraqueza. Mas conhecimento em excesso poderia ser visto como uma ameaça.

"Eu sei o que a maioria em Vareth sabe", respondi. "Que outrora foi um reino menor que, sob o seu governo, se tornou uma potência significativa."
“E o que dizem de *mim* nos sussurros da sua corte?”, perguntou ele, embora seu tom sugerisse que já sabia exatamente quais histórias eram contadas.
Pensei nas conversas sussurradas dos criados, nos rumores. Fiquei pensando se mencionar essas histórias o divertiria ou o ofenderia.
“Dizem que você é implacável na busca de seus objetivos. Que você não tolera oposição.”
“Uma resposta diplomática.” Seus olhos escuros brilharam à luz de velas. “Você foi bem treinada na arte da conversa cortês.”
“Gostaria de lhe lembrar que fui *treinada* como uma Princesa de Vareth”, retruquei, não gostando da sua escolha de palavras. “Não sou diplomata, Rei Valen.” ”
“E, no entanto, aqui estás, respondendo como uma só.” Ele parou de andar de um lado para o outro bem na minha frente, perto o suficiente para que eu pudesse sentir o aroma de cravo e algo levemente metálico impregnado em suas roupas. “O que você mais valoriza, Princesa de Vareth?”
A pergunta foi tão abrupta, tão inesperada, que quase respondi com sinceridade. Quase falei sobre a segurança de Lysa ou de Isolda. A constatação de que quase revelei minhas únicas vulnerabilidades me causou um choque gélido.
"Eu valorizo a honestidade", respondi, encarando-o. "Algo raro em casamentos da realeza."
Ele riu baixinho. Um som controlado, agudo e sem alegria. "De fato. Então sejamos honestos um com o outro. Seu pai o ofereceu como tributo para garantir a sobrevivência de Vareth. Ele acredita que essa aliança protegerá seu reino das minhas ambições."
"Será?", perguntei, sem conseguir disfarçar a irritação na minha voz.
“Isso depende.”
Ele se aproximou da pequena mesa onde estava a vela, deslizando os dedos pela madeira polida com uma lentidão tão intricada que me vi hipnotizado pelo movimento. Suas mãos eram belas de uma forma terrível — elegantes, com dedos longos, sem as marcas das cicatrizes da batalha, apesar dos rumores sobre sua sede de sangue. Não eram as mãos de um homem que matava, mas de alguém que orquestrava a morte à distância.
“Você não perguntou por que solicitei esta audiência privada”, disse ele, olhando para mim por cima do ombro.
"Presumi que você desejasse inspecionar sua compra antes de finalizar a transação", respondi, a amargura que reprimi o dia todo finalmente transparecendo em minhas palavras.
Algo brilhou em seu rosto. Não raiva, mas interesse. "Você se considera uma mercadoria."
“Não é isso que eu sou?”
“Você subestima o seu valor, princesa.” Ele se virou para mim novamente. “Conte-me sobre a sua infância.”

A mudança repentina de assunto me fez piscar. Já era a segunda vez que ele me pegava desprevenida, e eu não era de ficar assim. frequentemente me surpreendia. "Minha infância? Que relevância isso poderia ter?"
“Me faça esse favor.” Seu tom não deixava espaço para recusa.
Hesitei, sem saber que armadilha poderia haver em reminiscências aparentemente tão inocentes. "Era... solitário. A rainha Ira tinha pouco interesse em criar o filho de outra mulher. Eu passava a maior parte do tempo com tutores e criados."
“E seu pai? Ele era atencioso com sua filha ilegítima?”
Sua linguagem grosseira não me ofendeu. Na verdade, admirei sua franqueza. Era revigorante como o vento frio que corta a pele.
Pensei no meu pai, distante e absorto em seus pensamentos. Uma figura que aparecia em eventos formais e em visitas periódicas para garantir que eu estivesse sendo devidamente instruído em minhas funções. Um homem que poderia me entregar a um conquistador temido sem hesitar.
“Ele era rei antes de ser pai”, eu disse com cautela. “Como imagino que a maioria dos reis deva ser.”
Valen estreitou os olhos. "E agora ele me entrega você. Você sente ressentimento por isso?"
A pergunta pairava entre nós, perigosa em sua franqueza. Ele estava testando minha lealdade, sondando fragilidades em meu relacionamento com meu pai que pudesse explorar.
“Entendo meu dever para com Vareth”, respondi, a resposta ensaiada fluindo automaticamente. “Assim como o Rei Aeldrin.”
"Dever", repetiu Valen, a palavra soando quase como uma maldição em seus lábios. "Um conceito tão conveniente para aqueles que desejam se eximir da responsabilidade por suas escolhas."
A vela tremeluzia descontroladamente, como se respondesse às suas palavras, projetando sombras grotescas nas paredes cobertas de tapeçarias. Por um instante, as cenas de batalhas antigas tecidas pareceram ganhar vida — figuras blindadas atacando com lanças, cavalos empinando em pânico, sangue em fios carmesins escorrendo pelos campos de marfim.
“O senhor não acredita em dever, Rei Valen?”, perguntei, num tom que equilibrava cuidadosamente deferência e desafio. .
“Eu acredito no poder”, respondeu ele com uma franqueza desarmante. “E na disposição de usá-lo. Seu pai o sacrificou porque não tem poder para defender seu reino pela força. Ele disfarça essa fraqueza com a linguagem da diplomacia e esse 'dever' que você tanto preza.”
Embora sua avaliação fosse dolorosamente precisa, recusei-me a dar-lhe a satisfação de concordar. "E o que buscas com este casamento, Rei Valen? Certamente o Rei de Sangue não precisa de uma união diplomática para continuar suas conquistas."
Seus olhos se estreitaram ao ler o título. Ele o encarou por um longo momento, indecifrável. Então, aproximou-se, cada passo deliberado, até parar bem diante da minha cadeira. Lentamente, com uma graça deliberada, ajoelhou-se, ficando com o rosto na mesma altura que o meu. A posição deveria sugerir súplica, mas nada em sua postura indicava submissão. Era a postura de uma víbora pronta para atacar.

“Busco o que sempre busquei”, disse ele, baixando a voz quase a um sussurro, o que me obrigou a inclinar-me ligeiramente para a frente para ouvir. “Aquilo que me pertence por direito.”
Não consegui evitar encará-lo tão de perto. A luz de velas realçava os contornos nítidos de suas maçãs do rosto, a perfeição cruel de sua boca, a escuridão insondável de seus olhos. Naquele instante, pude acreditar nos rumores — que ele era algo mais que humano. Algo antigo e terrível disfarçado de homem.
“E o que faz você acreditar que os reinos do nosso domínio são seus por direito?”, perguntei, com a voz mais firme do que eu me sentia.
Seu sorriso era lento e terrivelmente belo. “História. Sangue. Destino. Escolha o que preferir, Princesa. A verdade permanece, independentemente da história que você escolher.”
Seu olhar se intensificou quando seu sorriso desapareceu de repente, e eu me senti presa no lugar, uma borboleta sob o vidro. Ele se inclinou ainda mais, os olhos se estreitando enquanto examinavam meu rosto com uma minúcia perturbadora, movendo-se dos meus olhos para os meus lábios e vice-versa. Sua cabeça se inclinou, e lutei contra a vontade de me encolher contra o estofado. .
“Seus olhos”, murmurou ele, com a voz mais suave do que eu jamais ouvira. “São bem incomuns.”
Endureci, preparando-me para o desgosto ou a suspeita que normalmente se seguiam a tais observações.
“Lindo”, acrescentou, sem desviar o olhar. “Como a luz do luar capturada em uma tempestade.”
Pisquei, completamente surpresa com o elogio inesperado. Meus lábios se entreabriram em surpresa e senti um rubor subir involuntariamente às minhas bochechas. Já me chamaram de muitas coisas na vida — bastarda, abominação, vergonha ambulante —, mas bonita raramente estava entre elas, e nunca em referência à característica que me diferenciava.
"Você está zombando de mim", eu disse, as palavras escapando num sussurro quase inaudível.
Sua expressão permaneceu inalterada, exceto por um leve arqueamento de uma sobrancelha. "Não perco tempo com zombaria, Princesa. Quando quero ferir, sou muito mais direto."
Ele estendeu a mão, sem me tocar, mas deixando-a pairar perto do meu rosto, como se traçasse meu contorno no ar. O gesto foi estranhamente íntimo, mais perturbador do que se ele tivesse de fato me tocado.
Levantei-me subitamente, precisando escapar da proximidade sufocante de sua presença. Ele também se levantou, com fluidez e dignidade, observando-me enquanto eu me afastava.
“Nosso tempo a sós foi... adorável”, eu disse, tentando recuperar um pouco da compostura. “Mas acredito que o tribunal aguarda nosso retorno.”
“O tribunal pode esperar”, respondeu ele, com desdém. “Ainda não terminei com você.”

“No entanto”, respondi, dirigindo-me à porta com a maior elegância que consegui reunir, “a decência exige que não nos isolemos por muito tempo, para não inspirarmos rumores indesejáveis”.
Escapou-lhe uma risada suave, como se minha preocupação com a reputação o divertisse bastante. "Você logo aprenderá, Princesa." Mireille, não me importo com os sussurros dos cortesãos. Mas muito bem, voltaremos a nos juntar aos bajuladores de seu pai.
Ele deu um passo para o lado, permitindo que eu chegasse à porta. Mas, assim que meus dedos tocaram a maçaneta, ele falou novamente, com a voz mais grave do que antes.
“Pense nisso, minha noiva. Quando nos casarmos, sua vida não continuará como antes. Tudo e todos que você conheceu desaparecerão. Todos os laços com Vareth serão rompidos.”
Minha espinha enrijeceu. Suas palavras eram como uma lâmina pressionada contra minha garganta. Virei-me para encará-lo, com a mão ainda na maçaneta.
“Isso é uma ameaça, Rei Valen?”
Seus olhos brilharam com algo parecido com aprovação. "Apenas uma constatação de fato."
“E se eu me recusar a romper esses laços?”
“Não há ‘se’ neste acordo, Princesa.” Ele diminuiu a distância entre nós, sem me tocar, mas perto o suficiente para que eu pudesse sentir o calor emanando de seu corpo. “Mas eu não sou irracional. Prove sua lealdade a mim, e talvez certas... concessões possam ser consideradas.”
Claramente uma armadilha. Uma oferta feita para me levar a revelar quem, e o que, eu mais valorizava. Eu não lhe daria armas para usar contra mim.
"Que generosidade", eu disse, sem conseguir disfarçar a acidez na minha voz. "Vou me lembrar disso."
Pude sentir o sorriso dele se alargar. "Veja se você faz isso."
Virei-me, abri a porta com um puxão, desesperada para escapar, mas a voz dele me deteve mais uma vez.
“Só mais uma coisa, princesa.”
Fiz uma pausa, mantendo-me de costas para ele.
“O capitão da sua guarda—Dário, não é? Notei que a atenção dele para com você foi... um tanto mais pessoal do que condiz com a posição dele.”
Um arrepio percorreu minhas veias. Como ele havia discernido em meros instantes o que permanecera oculto da corte por anos?
Ele se inclinou para a frente até que seus lábios quase roçaram minha orelha, a tensão emanando dele como o calor de uma tempestade.
"Se eu sentir o cheiro dele em você de novo, Princesa", sussurrou ele, com a voz aveludada e carregada de veneno, "arrancarei cada veia do corpo dele e farei um colar para você. Um presente de casamento, se preferir."
Mordi com força a parte interna da minha bochecha, sentindo o gosto de sangue, mas me recusei a demonstrar meu medo. Em vez disso, virei levemente a cabeça, encarando-o com uma frieza que disfarçava o pânico que me consumia por dentro.

“Que alívio saber que meu futuro marido tem um olfato tão apurado”, respondi, com a voz quase inaudível. “Com certeza tomarei um banho completo antes da nossa noite de núpcias.”
Algo perigoso brilhou no fundo de seus olhos — não desagrado, mas uma espécie de apreciação sombria que era, de alguma forma, ainda mais aterradora. Ele deu um passo para trás, permitindo-me sair.
“Pode ser que você descubra, princesa, que a rebeldia não lhe trará bons resultados comigo.”
“E poderás descobrir, Rei Valen, que não me deixo quebrar tão facilmente.”
As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse reconsiderar a sabedoria delas. Um desafio lançado a um homem conhecido por destruir aqueles que se opunham a ele. Contudo, em vez de fúria, sua resposta foi um sorriso que me gelou até a alma.
“Veremos.”
Saí da sala sem dizer mais nada, minhas pernas ameaçando ceder enquanto retornávamos ao corredor. Eu havia concordado com esse casamento para proteger as únicas duas pessoas neste mundo que significavam algo para mim. Mas, parada ao lado do Rei de Sangue, sentindo a energia sombria que emanava dele como o calor de uma fogueira, compreendi com terrível clareza que nossa união exigiria sacrifícios que eu nem sequer começara a imaginar.

CAPÍTULO QUATRO

# DANÇAR COM O DIABO

TO vinho, escuro e intenso, rodopiava na minha taça, oferecendo mais conforto do que qualquer um dos pratos elaborados dispostos à minha frente.

Eu vinha bebendo sem parar desde o início do banquete, tentando anestesiar meus pensamentos enquanto observava o Rei Valen por baixo dos cílios semicerrados.

O grandioso salão de jantar do Palácio de Vareth erguia-se como uma catedral em excesso. Pináculos góticos escalavam as paredes, suas sombras dançando a cada chama. Vitrais antigos captavam a luz, projetando manchas de cor sobre o piso de pedra e as toalhas de mesa brancas. O salão respirava a história de Vareth, cada coluna esculpida e teto abobadado um testemunho de... Gerações que festejaram aqui antes de mim. Esta noite, essas mesmas paredes testemunharam mais um pacto profano.

Meu pai me vendeu para o Rei de Sangue.

Inclinei meu cálice para trás, esvaziando o último gole do doce vinho tinto de Vareth. Uma serva materializou-se ao meu lado, enchendo-o novamente com eficiência prática. Ofereci um leve aceno de cabeça, agradecida pela bebida e pela informação que sabia que ela me traria. Essa informante em particular já havia se provado útil no passado. Seu rosto comum e comportamento discreto a tornavam invisível para a maioria dos nobres. Eles não sabiam que ela havia servido como dama de companhia de uma nobre Nocthari antes de fugir para Vareth.

Ela era exatamente quem eu queria ver.

Acenando com a cabeça em direção à parede oposta, afastei-me do meu lugar na mesa principal, taça na mão, deslizando pela multidão com uma graça discreta. O vestido que usava esta noite era azul-ardósia — não o preto desafiador de mais cedo, mas ainda assim suficientemente sóbrio para deixar meus sentimentos claros para quem se importasse em notar. A seda pesada sussurrava contra o chão de pedra enquanto eu caminhava, minha postura impecável apesar do vinho aquecer meu sangue. Anos de instrução rígida ao menos me deram a capacidade de parecer composta, mesmo quando a raiva e o medo guerreavam dentro de mim.

Eu me esquivava entre grupos de cortesãos, suas risadas estridentes, suas vozes altas demais enquanto encenavam suas festividades ensaiadas. Eles se abriam diante de mim como água ao redor de uma pedra. Nenhum deles me encarou, mas todos me observavam com olhos famintos. Eu era o espetáculo da noite, a noiva sacrificial, e eles devoravam cada nuance do meu porte com o mesmo apetite que demonstravam no banquete.

A criada — Elara, lembrei-me — estava perto de uma das portas menores, com as costas pressionadas contra a pedra fria como se desejasse se fundir a ela. Mesmo com o uniforme de Vareth, ela se comportava de maneira diferente. Havia nela uma certa rigidez que denunciava sua educação nocthari. Aquela peculiar mistura de subserviência e vigilância constante que marcava aqueles criados no Reino de Sangue. .

“Minha princesa”, murmurou ela quando me aproximei, mal levantando o olhar. Suas mãos tremiam em torno da jarra de prata, os nós dos dedos brancos de tanto esforço.

“Venha comigo um instante”, eu disse, mantendo a voz leve o suficiente para que qualquer observador visse apenas uma nobre dando instruções a uma criada. Gesticulei

em direção a uma alcova sombreada onde poderíamos conversar em mais privacidade, embora ainda à vista de todos. Desaparecer completamente atrairia especulações que eu não podia me dar ao luxo de ter esta noite.
“Conte-me sobre os costumes do seu casamento”, eu disse, colocando um pequeno saquinho de prata na palma da mão dela. “Conte-me o que esperar.”
Ela piscou, olhando para a bolsa, e então fechou os dedos em torno dela. Sua voz saiu hesitante, cautelosa.
“Sim, Princesa. Os casamentos Nocthar... são diferentes dos seus. Feitos para durar. Mesmo depois—“ ela hesitou, “—depois da morte.”
"Depois da morte?", perguntei, tentando disfarçar o alarme na minha voz.
Ela assentiu com a cabeça, rápida e bruscamente, antes de desviar o olhar. “Vocês proferem seus votos e trocam sangue. Da palma da mão ou do dedo, normalmente. Não muito. Apenas o suficiente para… para unir.” Sua voz baixou, carregada de advertência. “Não é só para inglês ver, Princesa. O sangue tem… peso. Poder. Uma vez compartilhado, não pode ser retirado.”
Contive um arrepio, o vinho repentinamente amargo na minha língua. "E se eu recusar esta... troca de sangue?"
Os olhos de Elara se voltaram para os meus, arregalados de medo. "Você não pode, Princesa. Ninguém recusa o Rei. Não se quiserem continuar respirando." Ela arriscou um olhar por cima do meu ombro, e seu rosto perdeu a pouca cor que ainda lhe restava. "Ele está observando você agora mesmo."
Não precisei me virar. Podia sentir o olhar de Valen queimando minhas costas, um peso físico entre minhas omoplatas. Os pelos da minha nuca se eriçaram, meu corpo reconhecendo o predador mesmo enquanto minha mente lutava para manter a compostura.
“Obrigada, Elara”, eu disse baixinho, acariciando a haste da minha taça. “Você tem sido muito útil.”
Com uma reverência, Elara se misturou à multidão, deixando-me a sós com um conhecimento que me arrepiou muito mais do que o ar noturno que penetrava pelas paredes de pedra.
Uma troca de sangue. Um laço destinado a durar além da morte.
Eu nunca havia acreditado em vida após a morte. Não de verdade. Os sacerdotes falavam da luz eterna do Vazio, de reencontros pacíficos e campos dourados, mas suas palavras sempre soavam vazias. Polidas demais para serem verdadeiras. Belos mitos para confortar os moribundos. E eu nunca encontrei conforto em mentiras.
O povo deste reino parecia imerso em superstição, apegando-se a antigas magias e temores ainda mais antigos. Mas o medo tem raízes. Ele não perdura por tanto tempo sem motivo.
Dei um gole no meu vinho para disfarçar o tremor na minha mão.
Do outro lado da sala, senti novamente o olhar de Valen. Ele estava sentado à direita do meu pai, a posição de maior honra. Os dois reis não poderiam representar um contraste mais marcante. Meu pai, envelhecido e austero em seu tradicional branco e dourado varethiano, e Valen, vibrante e mortal no profundo carmesim de Nocthar. O Açougueiro inclinou-se para a frente, dizendo algo que fez meu pai assentir gravemente.

Qualquer que fosse o acordo que tivessem feito, claramente agradou a ambos. Meu destino, selado com apertos de mão e tratados enquanto eu permanecia impotente, sem poder fazer nada.

Um lampejo de ouro cerimonial chamou minha atenção — Darius, movendo-se pela multidão com precisão militar. Seu uniforme brilhava à luz de velas, impecavelmente passado e adornado com a insígnia de capitão que conquistara através de anos de serviço leal. Serviço que terminaria com sua morte, caso Valen assim o desejasse. Eu me perguntava se o Rei de Sangue seria capaz de detectar um mero toque… ou se Darius teria que cometer algo verdadeiramente escandaloso para ser separado de sua vida.

Observei-o aproximar-se, seus passos diminuindo à medida que se aproximava. Seu rosto não revelava nada — anos de treinamento nos tribunais evidentes em sua expressão neutra —, mas eu o conhecia bem o suficiente para perceber o A preocupação transparecia na leve ruga entre suas sobrancelhas, a tensão em seus ombros.

“Princesa”, disse ele, curvando-se com precisão formal. “Espero que esteja a desfrutar das festividades?”

Apenas acenei com a cabeça rapidamente, com o olhar deliberadamente baixo. "Capitão", respondi, em voz alta o suficiente para que os que estavam por perto ouvissem. "A guarda do palácio se superou na segurança esta noite."

Seus olhos se voltaram, quase imperceptivelmente, para a mesa principal onde Valen estava sentado, nos observando. "É nosso dever garantir a segurança da família real e de nossos... ilustres convidados."

Então, tão sutilmente que poderia ter passado por um deslize, ele se aproximou — o suficiente para que eu sentisse o leve cheiro de aço e fumaça em sua gola. Sua voz baixou, como se falasse apenas comigo.

"Você está linda esta noite", murmurou ele.

Eu não respondi. *Não conseguia* . O que eu diria? Mantenha distância, pois meu futuro marido vai te *matar* ?

“Encontre-me”, continuou ele suavemente. “Depois do banquete. No nosso lugar de sempre.”

Uma dor surgiu em meu peito. Não era pena dele, embora eu me sentisse triste por nossas últimas interações exigirem tanta distância.

Não, foi porque eu não tinha mais a liberdade de dizer sim. Depois de tantos anos de intimidade fugaz — mas escolhida livremente —, eu não podia mais permitir que ele me tocasse.

Porque eu sabia, *com certeza* , que Valen cumpriria sua ameaça se eu o fizesse.

Recuei um passo, restabelecendo a distância adequada entre nós. Endireitei a coluna, ergui o queixo e me concentrei no meu novo papel: a futura noiva do Rei de Sangue.

“Sua diligência é notável, Capitão”, eu disse. As palavras foram mais frias do que ele merecia, mas necessárias. “Tenho certeza de que meu futuro marido aprecia seu compromisso com o protocolo.”

Um brilho de dor passou pelos olhos de Darius, tão repentino e fugaz. Ele captou o que eu queria dizer, a advertência implícita na minha rejeição, mas eu sabia que ele não queria ouvir.

“Claro, princesa”, disse ele, curvando-se novamente. “Continuarei minhas rondas. Boa noite.”
Forcei-me a não o ver partir. Não podia mais pensar nele. Eu não era dele, e nunca seria. Precisava manter o foco no predador mais perigoso da sala.
Voltei minha atenção deliberadamente para meu noivo, estudando-o com a curiosidade distante que dedicaria a uma serpente venenosa atrás de um vidro.
Ele era, eu tinha que admitir, insuportavelmente bonito. As histórias do Açougueiro evocavam imagens de um monstro em forma humana, mas a aparência de Valen não demonstrava nenhum sinal da crueldade que se escondia por trás de sua fachada. Maçãs do rosto proeminentes, um queixo forte, lábios sempre à beira de um sorriso frio. Ele possuía uma beleza crua que me impressionava profundamente.
Mas foram seus olhos que o traíram. Negros como uma noite sem lua e igualmente profundos. Não revelavam nada, embora parecessem ver tudo.
Eu o odiava. Odiava seu rosto perfeito e o poder que ele exercia com tanta naturalidade. Odiava como ele me reduziu a um mero peão em uma negociação política.
E, acima de tudo, eu odiava o calor que me subia ao estômago quando ele me olhava. A maneira traiçoeira como meu corpo reagia à sua presença.
“Admirando seu futuro marido?”
A voz de Ira cortou meus pensamentos. Virei-me e encontrei minha madrasta me observando, o rosto uma máscara de desaprovação contida. Seus cabelos estavam presos em um elaborado coque que enfatizava a inclinação majestosa de sua cabeça, e seu vestido, de seda verde-esmeralda profunda, brilhava com joias na medida certa para lembrar a todos de sua posição social sem parecer deselegante.
Meu Deus, eu a odiava mais do que o homem com quem eu logo me casaria.
“Contemplando meu futuro”, corrigi, sem fazer nenhum esforço para esconder meu desagrado. “Há uma diferença.”
Seus lábios se afinaram, formando uma linha pálida. "Seria bom se você demonstrasse mais entusiasmo, Mireille. O Rei Valen honrou nossa casa com esta aliança." ”
"Será?" Ergui uma sobrancelha, encorajada pelo vinho e pela resignação. "Que sorte para a nossa casa. Tentarei me lembrar disso quando for arrastada para o seu reino de crepúsculo perpétuo e derramamento de sangue."
“Cuidado com a língua”, ela sibilou, mantendo o sorriso fixo para os cortesãos que observavam. “Este casamento garantirá as fronteiras de Vareth e trará prosperidade para ambos os reinos. Meu marido trabalhou incansavelmente para que isso acontecesse.”
“Que gesto atencioso da parte dele, de verdade. Uma pena que a felicidade *da filha dele* não tenha sido levada em consideração.”
Ela se aproximou, seu perfume — doce demais, pesado demais — me envolvendo como uma nuvem sufocante.
“Ah, mas ele *levou* em consideração a felicidade da filha.” Um sorriso frio e familiar se espalhou pelo rosto dela. “Você não sabia? O rei Valen primeiro pediu Cordélia, a *verdadeira* princesa de Vareth. Seu pai negociou para que ele levasse *você* em vez dela. Que decepção isso deve ter sido.”

Senti o sangue fugir do meu rosto, o cálice quase escorregando dos meus dedos repentinamente sem forças.
“Sugiro que você se comporte da melhor maneira possível para o seu futuro marido”, continuou ela, em voz baixa. “Não queremos que o Rei de Nocthar fique ainda mais insatisfeito com este acordo do que já está.”
A verdade de que eu havia sido uma substituta para Cordélia, de que eu sempre fora a noiva indesejada, afrouxou algo em mim, algum último laço de contenção.
Encarei seu olhar e sorri, um sorriso pequeno e cruel. "Eu sei como satisfazer um homem, Ira", disse eu, com a voz doce como mel. "Ao contrário de você."
A cor sumiu do seu rosto antes de voltar com força, num rubor furioso. Sua mão tremia ao lado do corpo, a mesma mão que me batera inúmeras vezes por impertinências menores. Mas nós duas sabíamos que ela não ousaria desfigurar meu rosto na noite anterior ao meu noivado. Valen podia relevar muitas coisas, mas mercadoria danificada não era uma delas. .
“Aproveite suas últimas noites em Vareth, filha”, disse ela, a palavra *“filha”* distorcida em algo desagradável em sua língua. “Esperei muito tempo para me livrar de você.”
Com essa última alfinetada, ela se afastou, sentindo-se como a rainha insultada em todos os sentidos.
Terminei meu vinho e coloquei a taça vazia na bandeja de um criado que passava, com a mente atordoada. Valen queria Cordélia — a dourada e legítima Cordélia — e se contentou comigo.
Deveria ter sido libertador. Uma prova de que essa partida seria sempre meramente política. Mas, em vez disso... me deixou vazio por dentro.
Porque, sendo sempre a filha rejeitada, eu seria sempre aquela levada ao abate.



Os músicos haviam mudado a melodia, a animada peça de conversa dando lugar a algo mais lento, mais deliberado. Como um suspiro através de uma pedra antiga, as notas pareciam transformar o próprio ar do salão de banquetes.
Os cortesãos se moviam com uma sincronia ensaiada, abrindo espaço entre pilares esculpidos onde as sombras se acumulavam profundamente contra as paredes. A pista de dança — uma tradição tácita em tais encontros — parecia mais o palco de uma execução. A minha, talvez.
Observei a transformação da minha posição. O vinho me deixara agradavelmente entorpecido, atenuando meu medo, mas aguçando meus sentidos. Uma estranha contradição, fazendo com que a cena diante de mim parecesse ao mesmo tempo distante e perturbadoramente imediata.
Damas em sedas de tons vibrantes e lordes em trajes formais pretos recuaram para formar um círculo ao redor da pista de dança improvisada, seus rostos iluminados pela expectativa. Poucos entretenimentos se comparavam a ver a filha ilegítima do rei dançar com o notório Açougueiro. .
Senti-o aproximar-se antes de o ver. Algo no ar mudou, tornou-se mais pesado, como se a sua presença alterasse a própria composição do espaço à sua volta. Os cortesãos mais

próximos de mim enrijeceram ligeiramente, as suas conversas a falhar a meio da palavra.
Eu não me virei. Não imediatamente. Permiti-me aqueles últimos momentos de resistência, por mais insignificantes que fossem.
"Princesa."
Sua voz ecoou exatamente como em nossa audiência particular — profunda, com um leve sotaque que arredondava suas vogais, soando como de terras distantes e línguas estrangeiras. Uma voz acostumada a comandar, a ser obedecida.
Virei-me, com o rosto assumido como uma máscara cuidadosamente composta. O Rei Valen estava diante de mim, uma das mãos estendida num convite inconfundível.
“Rei Valen”, cumprimentei, minha voz firme apesar da repentina secura na minha garganta. “Vossa Excelência me honra com sua atenção.”
Seus lábios se curvaram num gesto que poderia ser interpretado como um sorriso, embora ele nunca tenha alcançado seus olhos. "A honra é minha. Creio que o costume dita que dancemos juntos pelo menos uma vez antes de sermos apresentados aos deuses."
Será que esse homem alguma vez *pediu* alguma coisa, ou todas as suas palavras eram apenas ordens disfarçadas de palavras bonitas?
Antes que eu pudesse revirar os olhos, coloquei minha mão na dele.
Seu toque foi um choque para o meu sistema, sua pele inesperadamente quente. Dada a frieza de sua reputação, eu esperava um toque gélido. Em vez disso, o calor percorreu meu braço a partir do ponto de contato, perturbador em sua intensidade.
Ele me conduziu ao centro do salão com tamanha graça e fluidez que não tive escolha a não ser segui-lo, meus pés movendo-se automaticamente. Uma nova canção começou, uma antiga melodia varethiana que falava de guerras e casamentos, sangue e beleza. Todas as coisas que uniram e destruíram minha terra natal por séculos.
Talvez nossa união seja adicionada ao repertório deles em breve.
Valen me puxou para a primeira posição, sua mão esquerda na minha cintura, enquanto a direita ainda segurava a minha no alto. Minha própria mão esquerda repousava... Delicadamente sobre seu ombro, o tecido fino de sua jaqueta deslizava suavemente sob meus dedos enquanto começávamos a dançar.
Estávamos mais perto do que o estritamente apropriado exigia, seu rosto a poucos centímetros do meu — perto o suficiente para que eu pudesse ver reflexos âmbar em seus olhos, que de outra forma seriam negros. Brasas flutuando em uma poça de escuridão.
“Você dança bem”, observou ele, enquanto nossos corpos se moviam em uníssono ao ritmo de três tempos. “Seus professores não desperdiçaram seus esforços.”
“A realeza varethiana aprende muitas habilidades”, respondi, imitando seus movimentos com a precisão que me foi incutida desde a infância. “A dança é apenas a mais pública delas.”
Virámo-nos juntos, os nossos passos a ecoar contra a pedra. À nossa volta, a corte observava com fascínio indisfarçável, os seus rostos a oscilar entre a luz e a sombra. Fixei o olhar num ponto um pouco além do ombro de Valen, relutante em encará-lo por receio do que ele pudesse ler nos meus olhos.

“E que habilidades você possui que não são para exibição pública?”, perguntou ele, com a voz tão baixa que só eu conseguia ouvir. “Estou curioso para conhecer o lado privado da minha futura rainha.”
A dança nos conduziu em um amplo arco pelo salão, movendo-nos como um só, apesar da minha resistência interna. Sua mão em minha cintura era firme, guiando-me pela coreografia com precisão confiante.
Cada passo era uma negociação silenciosa de controle — ele liderava, eu seguia — mas apenas porque eu permitia e porque a dança exigia isso.
“Talvez minhas habilidades particulares devam permanecer privadas”, retruquei, com a voz igualmente calma, mas muito mais firme. “Afinal, o mistério tem seu valor.”
Seus lábios se curvaram num sorriso irônico. "Não haverá mistérios entre nós, Princesa. Pretendo conhecer cada detalhe seu. Desvendar cada segredo."
A ameaça implícita em suas palavras provocou uma onda familiar de desprezo, mesmo que o calor de seu toque permanecesse perturbadoramente agradável.
Ele não me queria, a princesa bastarda, e agora queria saber cada detalhe da minha vida?
Sua mão deslizou levemente na minha cintura, os dedos se abrindo mais, como se reivindicassem uma parte maior de mim. A intimidade inesperada daquele pequeno gesto, a sua natureza possessiva, despertou algo de rebelde em mim.
Retirei minha mão da dele por um instante a mais do que a dança exigia, criando uma quebra momentânea, mas perceptível, em nosso ritmo, antes de retomá-la com uma postura forçada. Um pequeno ato de desafio, testemunhado por dezenas de cortesãos cujos sussurros imediatamente se intensificaram.
Os olhos de Valen se estreitaram, embora seu sorriso permanecesse impassível.
“Cuidado, pardalzinho”, murmurou ele enquanto me puxava para mais perto, nossos corpos agora quase colados. “Suas asas logo serão cortadas. Não me faça cortá-las completamente.”
Sua respiração quente roçava minha orelha, trazendo o aroma de especiarias e vinho. A música crescia ao nosso redor, impulsionando-nos para um movimento mais rápido. Minha saia roçava suas pernas, a seda pesada se entrelaçando entre nós como um segredo.
“Ah, mas os pardais cantam tão alto quando estão enjaulados”, respondi, com a voz suave como um fio de seda. “Talvez você devesse pensar em quais melodias deseja ouvir antes de apertar demais essas amarras.”
Sua mão na minha cintura se contraiu, os dedos cravando na pele sob o meu vestido. Quase a ponto de doer. Uma lembrança da força que ele possuía, do poder que exercia.
“Já ouvi muitas canções na minha vida”, disse ele, guiando-me por uma série complexa de passos que me fizeram encostar as costas no seu peito, com a sua respiração roçando suavemente o meu pescoço. “Desde o doce canto dos rouxinóis até o altivo dos pavões — e todos eles, eventualmente, cantaram para mim.”
Giramos novamente, com a música crescendo ao nosso redor. Meu coração acelerou, mas não saberia dizer se era por esforço, medo ou algo completamente diferente.
O vinho no meu organismo fez o quarto inclinar-se ligeiramente, ou talvez fosse o efeito vertiginoso do calor do corpo dele. Eu não tinha certeza.

Eu não queria pensar em ficar presa, em perder cada pedacinho de liberdade que me restava. Não era justo que minha vida pudesse ser destruída por um único voto proferido em um altar.
Eu estava cansada da farsa. Cansada de representar o papel de moça bem-educada para um homem que nem sequer me queria.
Reunindo coragem graças ao vinho e à minha crescente indignação, inclinei-me um pouco mais para mais perto dele, meus lábios quase roçando a borda de sua orelha.
“Diga-me, Açougueiro”, sussurrei, “feriu seu orgulho contentar-se com o bastardo quando você buscava a princesa legítima? Incomoda-o dançar com a filha indesejada de Vareth?”
Uma quietude perigosa o dominou, embora nossos corpos continuassem os passos sem hesitar. Olhei para cima, encontrando seu olhar diretamente pela primeira vez desde o início da dança.
Seus olhos escureceram ligeiramente. Algo brilhou ali — algo que poderia ter me feito recuar, se ele não estivesse me segurando com tanta firmeza.
“Isso te incomoda?”, perguntou ele, com a voz suave e carinhosa. “Você se considera uma substituta inferior para sua irmã legítima?”
"Eu apenas me pergunto se você se sente enganado no acordo", insisti, encorajado pela amargura. "Se talvez você preferisse renegociar com meu pai pela princesa dourada em vez de se contentar com seu segredo vergonhoso."
Seu aperto em minha cintura se intensificou ainda mais, um olhar frio surgiu em seus olhos, fazendo minha pele arrepiar em sinal de alerta.
“Não se engane, Princesa Mireille”, disse ele, com precisão em cada palavra. “Depois de conhecê-la, sua irmã não me interessa em nada.”
Recuei um pouco, procurando em seu rosto qualquer sinal de engano, algum indício de que ele estivesse apenas agradando a noiva que fora. Forçado a aceitar. Mas sua expressão permaneceu impassível, aqueles olhos negros ainda sem revelar nada.
“Embora você me surpreenda, Princesa”, continuou ele, com os lábios se curvando num sorriso irritante.
Ergui o queixo, em sinal de desafio. "Como assim?"
Seu sorriso era uma lâmina, afiada e brilhante. "Eu esperava que você fosse muito mais... receptivo. Desesperado para agradar. Não previa mordidas de alguém tão *indesejado* ."
“E eu esperava que o *Açougueiro* tivesse uma aparência muito mais bestial”, respondi, cada palavra cuidadosamente escolhida para cortar. “Mas suponho que até monstros podem usar uma coroa.”
Ele riu, um som grave que me fez estremecer. A música começou a se acalmar, quase lânguida em seu ritmo, e nossos passos diminuíram acompanhando a cadência.
“Que pardalzinho fascinante você é. Estou ansioso para ouvir a melodia que cantará para mim”, murmurou ele, as palavras quase inaudíveis, causando-me um arrepio. Então, mais alto, para que todos pudessem ouvir: “Você me honra com sua graça, Princesa. Aguardo com expectativa muitas outras danças como esta em nosso futuro.”
Ele recuou, soltando-me com uma delicadeza deliberada para me oferecer uma reverência formal. Tenho certeza de que os cortesãos presentes interpretariam o gesto

como respeito, mas eu vi a fome que persistia em seu olhar, a avaliação calculada que me fez sentir como uma peça de xadrez sendo analisada quanto ao seu valor estratégico.
Fiz uma reverência em resposta, baixa e serena, mantendo a posição por mais tempo do que o necessário. Quando ele estendeu a mão para me ajudar a levantar, aceitei-a com um sorriso tão sem alegria quanto o dele.
“Vossa Majestade é demasiado gentil.”
Aplausos educados percorreram a sala, os rostos revelando uma mistura de medo, pena e fascínio mórbido.
Ao me endireitar, cruzei o olhar com o de Isolda do outro lado do corredor. Minha fiel companheira estava perto de uma entrada lateral, seus cabelos loiro-acinzentados refletindo a luz da tocha. Uma leve tensão em sua postura, o ângulo do queixo — sinais sutis que só eu notaria. .
Uma mensagem. Uma oportunidade.
Uma fuga, ainda que breve.
Voltei-me para Valen, oferecendo um sorriso que nunca chegou aos meus olhos.
“Com sua licença, Rei Valen. A agitação da noite me deixou um tanto fatigado. Temo que, se eu não me retirar”, fiz uma pausa, deixando meu olhar se inflamar de uma maneira que faria homens menos capazes se ajoelharem, “não estarei no meu melhor para o senhor amanhã.”
Um lampejo de compreensão surgiu em seus olhos, captando claramente o que eu queria dizer, antes de escurecer para algo mais frio. Eu teria recuado se sua mão não tivesse apertado a minha com força.
Ele deve ter notado a mudança no meu comportamento, o toque de incerteza misturado ao seu evidente desagrado, pois sua expressão se fechou rapidamente, e suas feições voltaram àquela máscara impecável de compostura.
“Claro”, disse ele suavemente. “Afinal, ainda temos muitos dias pela frente.”
Ele se inclinou e deu um beijo na ponta dos meus dedos.
Foi casto. Como esperado.
E, no entanto, uma onda de choque, algo agudo e elétrico, percorreu meu corpo no momento do contato, penetrando profundamente em minha espinha.
"Sonhe docemente, pardal", murmurou ele, com um sorriso malicioso nos lábios. "Pois amanhã, a esta hora, suas asas não a levarão mais para além do meu alcance."

CAPÍTULO CINCO

# UMA ÚLTIMA CANÇÃO DE NINAR

A multidão se abriu à minha frente, as conversas silenciando momentaneamente enquanto eu passava.

Senti o olhar de Valen nas minhas costas, acompanhando meus passos pelo chão, mas não me virei. Em vez disso, fixei o olhar na figura familiar de Isolda e caminhei firmemente em sua direção.

Atrás de mim, ouvi Valen sendo abordado por um membro de sua comitiva, suas vozes baixas demais para que eu conseguisse entender as palavras. Ótimo. Isso o manteria ocupado enquanto eu me esgueirava para a relativa segurança dos corredores do palácio.

Ao chegar perto de Isolda, ela se virou sem dizer uma palavra e me conduziu por uma passagem lateral, para longe da festa, da música e do homem que em breve me possuiria de nome, se não de espírito. A pesada porta de carvalho se fechou atrás de nós com um baque satisfatório, abafando os sons da folia e nos deixando em um estado de bem-aventurança. quieto.

Só então soltei um suspiro profundo, meus ombros relaxando levemente enquanto a pose de princesa se desfazia. Os olhos de Isolda encontraram os meus como se perguntassem silenciosamente: *Você está bem?* Assenti levemente. Estava bem o suficiente, considerando as circunstâncias.

“Você parecia precisar de ar”, sussurrou Isolda assim que nos afastamos em segurança do salão de banquetes, com os sons da alegria se dissipando atrás de nós. “Nunca vi alguém manter tanta compostura enquanto era devorado vivo.”

Um riso sem humor escapou-me enquanto caminhávamos pelo corredor mal iluminado, nossos passos ecoando contra a pedra antiga. Tapeçarias retratando a história sangrenta de Vareth adornavam as paredes, suas figuras bordadas parecendo observar nossa passagem com olhos vazios.

“Era essa a impressão que dava? Eu me senti mais como um rato sendo esmagado entre as patas de um gato antes da mordida final.”

Os olhos cinza-esverdeados de Isolda brilharam com preocupação à luz da tocha. "Ele mal tirou os olhos de você a noite toda."

"Eu percebi", murmurei, reprimindo outro arrepio ao me lembrar do peso do olhar de Valen. "Você viu como ele me tocou durante a dança? Como se eu já fosse propriedade dele."

“Todos viram”, respondeu Isolda, baixando a voz à medida que passávamos por dois guardas. Assentimos educadamente, esperando que estivessem bem longe do alcance da nossa voz antes de continuarmos. “A corte não falará de outra coisa por dias. Alguns já sussurram que ele a enfeitiçou.”

"Encantada?", zombei, embora a lembrança de seu toque, quente e possessivo, persistisse desconfortavelmente em minha pele. "Suponho que o terror absoluto possa ser facilmente confundido com encantamento."

Paramos junto a uma janela alta com vista para os jardins do palácio. O luar inundava as sebes impecavelmente aparadas e as árvores de folhas prateadas, projetando longas sombras que pareciam alcançar as muralhas do palácio como dedos que se apoderavam

delas. Ao longe, as luzes de Anorath cintilavam, alheias às maquinações políticas que em breve uniriam sua princesa a um monstro. .
“Preciso clarear a mente”, eu disse, pressionando os dedos contra as têmporas. O agradável torpor do vinho estava passando, deixando para trás uma dor surda. “Acho que vou visitar Lysa hoje à noite.”
Isolda lançou-me um olhar de soslaio, com preocupação estampada na ruga da testa. "Já é bastante tarde. Tem certeza de que é sensato, considerando tudo o que o amanhã nos reserva?"
Dei um sorriso discreto. "Não sei quantas noites mais terei com ela."
O silêncio de Isolda confirmou a veracidade das minhas palavras. Depois de um instante, ela suspirou, pegando minha mão e apertando-a suavemente. "Quer que eu vá com você?", perguntou Isolda, embora eu pudesse ver a relutância em seus olhos.
"Não", eu disse, oferecendo-lhe um pequeno sorriso genuíno. "Acho que você pode ter outros planos..." Minha voz foi diminuindo deliberadamente, meus dedos se estendendo para beliscar seu braço em tom de brincadeira.
Um rubor subiu às faces de Isolda, e ela lançou um olhar furtivo para o corredor antes de afastar minha mão com um tapa. "Você precisa ser tão transparente?", sussurrou ela, embora eu pudesse ver o sorriso que ela lutava para conter enquanto me puxava para longe do corredor principal, em direção a uma alcova sombria onde antigos santos de pedra observavam com olhos cegos.
“Ah, você sabe que não pode esconder uma coisa dessas de mim”, respondi, meus lábios se curvando num sorriso genuíno pela primeira vez naquela noite. “Seu cabelo está impecavelmente arrumado e você passou a noite toda mexendo nas mangas. A última vez que te vi tão nervosa foi quando te pegaram roubando tortas da cozinha real.”
Isolda alisou os cabelos com um ar constrangido, embora nenhum fio estivesse fora do lugar. "Tomas e eu... estamos apenas nos encontrando para conversar", insistiu ela, embora o rubor em suas bochechas sugerisse o contrário.
“Conversar?” Ergui uma sobrancelha, momentaneamente distraída dos meus próprios problemas pelo seu evidente desconforto. “É assim que chamam isso hoje em dia? Imagino que as mãos dele vão estar bastante ocupadas.” de... falar?”
“Mireille!” ela sibilou, escandalizada, mas incapaz de esconder o sorriso. “Não é nada disso. Nós só...”
"O quê? Discutir a maneira correta de escovar cavalos à meia-noite? Comparar figurinhas sobre a qualidade do feno de Varethia?", provoquei, aproveitando a distração que seu constrangimento proporcionava. "Você sabe que eu jamais a julgaria, Isolda. Fico muito feliz que tenha encontrado alguém que a faça sorrir assim."
Sua expressão suavizou-se, os dedos traçando distraidamente o padrão bordado em sua manga. "Ele me faz sorrir", admitiu ela baixinho. "E ele escuta, escuta de verdade quando eu falo. Você sabe o quão raro isso é?"
Apertei a mão dela mais uma vez antes de soltá-la. "Vá até ele. Eu consigo encontrar o caminho até o berçário sozinha."
Isolda hesitou, dividida entre o desejo e o dever. "Tem certeza? Não quero te deixar sozinho esta noite, de todas as noites."

“Não estarei sozinha. Terei Lysa comigo. E prometo que estarei em meus aposentos antes de você retornar. Vá.”
Após mais um momento de hesitação, ela assentiu. "Te vejo amanhã de manhã. Bem cedinho."
“Aproveite seu tratador”, gritei baixinho para ela enquanto se virava para ir embora.
Ela olhou por cima do ombro, com uma mistura de afeto e exasperação na expressão. "Boa noite, Mireille", respondeu, e então desapareceu, sumindo por um corredor lateral que a levaria eventualmente aos estábulos e ao seu amado que a esperava.
Com um suspiro, virei-me e continuei em direção à ala infantil. O palácio foi ficando mais silencioso à medida que me afastava das áreas públicas, os sons do banquete se dissipando até que eu só conseguia ouvir meus próprios passos e o ocasional rangido de pedras antigas se acomodando. Meus pensamentos giravam incessantemente em torno do que me aguardava amanhã. Não apenas a cerimônia que me uniria a Valen, mas também a jornada subsequente para um reino que eu nunca vira, governado por um homem cuja crueldade era lendária.
O berçário estava silencioso quando cheguei, os corredores tenuemente iluminados por uma única lâmpada que projetava longas sombras ao longo do caminho. Pisos de pedra. Movimentei-me silenciosamente, sabendo que a ama de Lysa provavelmente estava dormindo em seu quarto adjacente. A mulher era notória por seu sono profundo, um fato que eu havia explorado muitas vezes quando visitava minha meia-irmã fora do horário de expediente. Ainda assim, cautela era necessária. Parei em frente à porta de Lysa, escutando atentamente qualquer som que indicasse a presença da ama lá dentro.
Sem ouvir nada além de silêncio, girei a maçaneta com cuidado e entrei, fechando a porta silenciosamente atrás de mim. O quarto de Lysa era pintado em tons suaves de azul e prata, com um céu noturno recriado nas paredes e no teto. Um pequeno abajur queimava fracamente sobre uma mesa perto de sua cama, lançando luz suficiente para que eu visse sua pequena figura encolhida sob os cobertores. Sua cama ainda tinha grades laterais, embora ela tivesse começado recentemente a insistir que era "grande demais" para tais proteções. Vê-la ali, tão pequena e vulnerável, fez meu peito doer com um amor feroz e protetor.
Aproximei-me de sua cama, observando seu rosto adormecido. Ela se parecia tanto com nosso pai em repouso. O mesmo nariz reto, o mesmo queixo determinado. Mas sua doçura, sua alegria descomplicada, eram inteiramente dela. Diferentemente de mim, Lysa nascera em meio ao amor e à segurança. A rainha Ira podia ser fria comigo, o resquício indesejado do antigo relacionamento de seu marido, mas ela adorava seus filhos.
Com cuidado, tirei Lysa da cama, coberta com tudo, aconchegando-a contra o meu peito enquanto a levava até a poltrona almofadada no canto. Ela se mexeu levemente, seu corpinho quente e confiante contra o meu. Sentei-me na poltrona, ajeitando-a no meu colo para que sua cabeça repousasse em meu ombro, e inspirei o doce aroma de seus cabelos. Sabonete, mel e algo indefinível, Lysa.
Aos poucos, seus olhos se abriram, a confusão dando lugar ao reconhecimento e à alegria. "Miri?", murmurou ela, com a voz embargada pelo sono. "Você veio!"
"Claro que sim", sussurrei, dando-lhe um beijo na testa. "Você achou que eu ia esquecer?" ”

Ela balançou a cabeça, as mãozinhas subindo para me abraçar pelo pescoço com força. "Nunca, jamais", declarou com a certeza absoluta de uma criança. Então, afastando-se para me olhar, perguntou: "É verdade?". Sua testa franziu de preocupação. "A enfermeira estava cochichando sobre você ir embora. Pararam quando viram que eu ouvi."

Senti meu coração se apertar com sua pergunta inocente. Como explicar as manipulações diplomáticas que me separariam dela? Como dizer a uma criança que sua irmã estava sendo sacrificada pelo bem de um reino?

“Vou fazer uma viagem”, disse eu com cuidado, afastando uma mecha de cabelo solta de sua bochecha. “Para um lugar chamado Nocthar.”

"Mas você vai voltar?" Seus olhos, tão parecidos com os da mãe, buscaram os meus com uma esperança desesperada.

A mentira ficou presa na minha garganta. Eu queria prometer a ela as estrelas e a lua, jurar que voltaria antes que ela pudesse sentir minha falta. Em vez disso, puxei-a para mais perto, inalando o perfume de seus cabelos mais uma vez.

"Eu sempre serei sua irmã", sussurrei, a coisa mais próxima da verdade que eu podia oferecer. "Não importa o quão longe eu vá."

“Mas eu não quero que você vá”, disse ela, com o lábio inferior tremendo. “Quem vai me contar histórias? Quem vai dar voz às pessoas certas?”

A simplicidade da sua preocupação, o seu medo de perder a sua contadora de histórias, fez com que lágrimas brotassem nos cantos dos meus olhos. Pisquei para afastá-las, recusando-me a deixar Lysa me ver chorar.

“Quando estivermos juntas de novo”, prometi, tocando levemente a ponta do seu nariz, “terei ainda mais histórias para você. Aventuras de lugares distantes com dragões, cavaleiros e princesas que se salvam sozinhas.”

Seus olhos se arregalaram, momentaneamente desviados de sua tristeza pela promessa de novas histórias. "Sério? Com dragões de verdade?"

“A mais real de todas”, assegurei-lhe, grata pela resiliência das crianças — pela rapidez com que conseguiam ser desviadas da dor pela promessa de algo mágico. “Aquelas com escamas que brilham como joias ao luar.” ”

Lysa ponderou sobre isso, com a cabeça inclinada daquele jeito peculiar que indicava que ela estava avaliando minhas palavras com toda a seriedade que sua mente de três anos conseguia reunir. Então, ela assentiu, aparentemente satisfeita com a minha promessa.

“Acho que então está tudo bem”, ela finalmente cedeu, aconchegando-se mais perto de mim. “Mas você cantaria para mim esta noite? A canção sobre as raposas prateadas?”

Um alívio me invadiu ao vê-la aceitar, por mais temporário que fosse. Logo viriam as lágrimas e os acessos de raiva quando a realidade da minha partida se impusesse de vez, mas por esta noite, tínhamos este momento de paz.

“Tem certeza de que quer essa? Você já ouviu isso tantas vezes.”

Ela assentiu enfaticamente, acomodando-se melhor contra mim. "É o meu favorito."

“Muito bem”, concordei, ajeitando o cobertor em volta de seus ombros delicados. “É a raposa prateada, então.”

Comecei a cantar, mantendo a voz suave para não ultrapassar os limites do quarto dela. A melodia era simples, melancólica, mas doce, uma canção de ninar transmitida por gerações dos filhos de Vareth.

*"Raposa prateada, raposa prateada, correndo pela noite,*
*O luar em seu pelo, tão brilhante.*
*De que você está fugindo, raposa prateada tão veloz?*
*O que faz seu coração vagar para sempre?*

Os olhos de Lysa começaram a pesar enquanto eu continuava, seu pequeno corpo relaxando contra o meu a cada verso. A canção falava de uma raposa prateada, sempre fugindo de perigos desconhecidos, em busca de segurança e pertencimento. Verso a verso, narrava a jornada da raposa por florestas e montanhas, sempre caçada, sempre sozinha, até que finalmente...

*"Raposa prateada, raposa prateada, seus dias de corrida acabaram,*
*Pois vejam só — chegou outra raposa.*
*Pelagem prateada, como a sua, tão brilhante,*
*Duas raposas correndo pela noite.*
*Sempre juntos,*
*nunca separados.*
*Finalmente em segurança,*
*"De coração para coração."*

Parei por aí, como sempre fazia, deixando de cantar os versos finais, onde os caçadores encontravam as raposas, matavam-nas por suas preciosas peles e usavam seus pelos como troféus. A canção de ninar tinha o propósito de ensinar aos filhos de Vareth que a força era mais importante que o amor, mas Lysa não precisava saber desse final.

No mundo dela, as raposas sempre se encontrariam, sempre estariam seguras juntas, sempre teriam seu amor. Eu queria preservar essa crença em finais felizes pelo maior tempo possível.

Em meus braços, Lysa adormeceu novamente, sua respiração profunda e regular, seu rostinho sereno em repouso. Continuei a segurá-la, memorizando o peso dela em meus braços, o tom exato de seus cachos loiro-mel, a maneira como seus cílios projetavam pequenas sombras em suas bochechas. Amanhã eu me casaria e não sabia quando, ou se, a veria novamente.

Ao contrário da raposa da canção, eu não encontraria segurança no fim da minha jornada. Não haveria ninguém me esperando com cicatrizes semelhantes às minhas e olhares compreensivos. Eu corria em direção ao perigo, em vez de fugir dele, em direção a um homem que reivindicava minha posse com a mesma arrogância casual com que reivindicava seu reino. E, ao contrário da versão da canção de Lysa, eu conhecia o verdadeiro fim que me aguardava. Os caçadores estavam vindo, sempre estiveram vindo, e não haveria escapatória.

Dei outro beijo na testa de Lysa, permitindo-me um momento de fraqueza enquanto lágrimas ardiam em meus olhos. Ela não se lembraria de mim, eu sabia. Três anos era

muito cedo para formar memórias duradouras. Com o tempo, eu me tornaria nada mais do que um nome para ela, uma parente distante que... Parti e nunca mais voltei. Talvez Ira até proibisse que meu nome fosse pronunciado, apagando-me completamente do mundo de Lysa.

"Eu te amo, Lysa", sussurrei contra seus cabelos. "Mais do que você jamais poderá imaginar."

As palavras pareciam insuficientes, inadequadas para expressar a profundidade do que eu sentia por aquela pequena vida em meus braços. De tudo que eu deixaria para trás, essa perda era a que mais doía — essa criança inocente que amava sem questionar ou condicionar, que não se importava com política, alianças ou antigas mágoas. Que simplesmente me via como Miri, contadora de histórias, cantora de canções.

Amanhã, eu me casaria com o Rei de Sangue e deixaria Vareth para trás. Amanhã, eu me tornaria a próxima Rainha de Nocthar, esposa de um homem cuja crueldade era lendária. Amanhã, eu começaria uma nova vida, cercada por inimigos e perigos que mal podia imaginar.

Mas esta noite, eu poderia abraçar Lysa e me permitir acreditar, ainda que por um instante, que talvez em algum lugar nas sombras do que estava por vir, eu também pudesse encontrar uma aliada inesperada. Alguém que correria ao meu lado pela noite que se aproximava.

Era uma esperança infantil, tão frágil e improvável quanto o final feliz que eu havia criado para as raposas prateadas de Lysa. Mesmo assim, enquanto a embalava adormecida, agarrei-me a ela, um único fio brilhante na tapeçaria escura do meu futuro.

CAPÍTULO SEIS

# O COMEÇO DO FIM

TAs mãos dos criados moviam-se ao meu redor com uma eficiência prática, uma tempestade de seda e alfinetes que eu observava com um fascínio distante.

A luz do entardecer filtrava-se fracamente pelas janelas de vitral dos meus aposentos, projetando sombras prismáticas sobre os móveis ornamentados que haviam sido trazidos especialmente para esta ocasião.

O dia do meu casamento.

As palavras soavam estranhas em minha mente, como se pertencessem a outra pessoa. Alguma outra nobre que talvez tivesse passado a vida sonhando com este momento. E, no entanto, lá estava eu, prestes a me unir ao Carniceiro dos Reinos, um homem cujo próprio título fazia as mãos dos servos tremerem enquanto preparavam tudo. Eu, pelo meu destino.

Observei meu reflexo no espelho de prata polida, notando o olhar vazio em meus olhos salpicados de prata. O vestido em que me haviam vestido era uma obra-prima do artesanato Nocthari — um carmesim profundo, a cor do sangue recém-derramado. Não os tradicionais tons dourados das noivas Vareth. Passei os dedos sobre o intrincado bordado do corpete, onde minúsculas granadas captavam a luz como gotas de sangue cristalizado.

Eu adorei.

“Ficou ótimo em você”, disse uma voz atrás do meu ombro. Era uma das costureiras do meu pai, cujo olhar rapidamente se desviou quando nossos olhares se encontraram. “Como é, princesa?”

Virei-me ligeiramente, o tecido pesado rodopiando em torno dos meus tornozelos. "Não precisa se desculpar por falar a verdade, Mathilda." A beleza do vestido era inegável, realçando minha pele pálida e meus cabelos escuros. "Embora, os Nocthari pareçam ter um gosto peculiar."

Do outro lado da sala, sentada no colo de Isolda, Lysa batia palmas com alegria inocente. "Miri parece uma frutinha! Vai ter dança depois? Posso ir?"

Os braços de Isolda apertaram minha irmã com força, num gesto protetor, embora seu sorriso permanecesse gentil. "Sua irmã parece uma rainha", corrigiu ela, seus olhos encontrando os meus com uma ternura que disfarçava a tensão em seus ombros.

Atravessei o quarto, já sentindo o peso do vestido, e ajoelhei-me diante da minha irmã, segurando suas mãozinhas nas minhas.

“A festa vai ser muito tarde para as princesinhas”, eu disse a ela, mantendo a voz leve. “Mas prometo contar cada detalhe. Os músicos, a comida, a dança. Você vai ouvir tudo.”

"Até o bolo?", perguntou ela, com os olhos arregalados de solenidade.

“Principalmente o bolo”, prometi, embora me perguntasse quando, ou se, cumpriria essa promessa. O pensamento deixou uma sensação de vazio e dor sob meu peito.

“Haverá bolo na sua própria festa de aniversário”, lembrou-lhe Isolda, alisando uma mecha dourada rebelde. A testa de Lysa. "Apenas daqui a quinze dias. E você será o centro das atenções naquele dia."

Isso pareceu satisfazer Lysa, que prontamente começou a descrever detalhadamente a cor exata do doce que esperava.
Eu a ouvia tagarelar, memorizando cada gesto animado, cada inflexão de entusiasmo. Era isso que eu levaria comigo para Nocthar. Não a seda e as joias sendo guardadas em baús ornamentados, mas esses momentos roubados de alegria cotidiana, preservados como flores prensadas entre as páginas da minha memória.
“Princesa”, interrompeu suavemente uma das damas de companhia, “precisamos terminar com o seu cabelo antes da cerimônia”.
Dei um beijo rápido na testa de Lysa e me levantei, o tecido carmesim farfalhando ao meu redor como segredos sussurrados. Ao voltar para o espelho, cruzei o olhar com o de Isolda. Nele, pude ver a preocupação que ela não conseguia esconder, as perguntas que não ousava fazer em voz alta com tantos ouvidos presentes.
A criada começou a trançar meus cabelos escuros em um penteado elaborado, enfiando pequenas granadas nas tranças para combinar com meu vestido. Cada puxão no meu couro cabeludo era um lembrete doloroso da minha impotência, cada pedra uma gota de sangue que não seria mais derramada.
“Você não precisa fazer isso”, murmurou Isolda ao se juntar a mim, deixando Lysa entretida por uma criada que começou a trançar fitas em seus cachos dourados. “Deve haver outro jeito.”
“É mesmo necessário?” perguntei, sem me virar. “Meu pai fez o acordo. O rei Valen aceitou. Os tratados estão assinados. Quer que eu fuja para a noite como uma donzela assustada de um conto de bardo?”
"Se necessário." O tom firme na voz de Isolda finalmente me fez virar.
Soltei um suspiro lento. "E para onde eu iria? Quem abrigaria a filha bastarda de Vareth quando Nocthar viesse buscar sua noiva prometida?" Balancei a cabeça. "Além disso, há vantagens neste casamento." ”
“Vantagens”, ela repetiu, a palavra carregada de incredulidade. “Mireille, os rumores —”
“Provavelmente são exageros.” Eu a interrompi, embora eu mesma não estivesse totalmente convencida. “E se não forem, talvez um monstro seja exatamente o que Vareth precisa como aliado.”
Os lábios de Isolda se comprimiram numa linha fina. "E você? Do que Mireille precisa?"
“Eu preciso...” As palavras ficaram presas na minha garganta. Controle. Escolha. Poder sobre o meu próprio destino. Coisas que sempre me escaparam na corte do meu pai. “Eu preciso ser importante, Isolda. Mais do que a vergonha do rei, escondida nas sombras.”
Seus olhos suavizaram-se em compreensão. "Você sempre foi importante. Para mim. Para Lysa."
"Eu sei." Estendi a mão e apertei a dela, uma sensação da qual sentiria mais falta do que ousaria admitir. "Mas como Rainha de Nocthar, talvez eu finalmente tenha uma voz que não possa ser ignorada."
Uma criada aproximou-se com uma bandeja de prata contendo cálices de vinho temperado. Peguei um, justamente quando os lábios de Isolda se entreabriram como se fosse discutir mais — mas ela se conteve. Ela me conhecia bem o suficiente para perceber quando eu tomava uma decisão.

O criado fez uma reverência e se afastou, deixando a bandeja ao meu alcance. Dei outro gole, saboreando o toque picante do vinho na língua.
Isolda tocou meu braço delicadamente. "Se algo der errado—"
"Eu vou dar um jeito", assegurei a ela.
Seu sorriso foi fugaz, mas genuíno, uma expressão tão preocupada que me aqueceu mais do que o vinho jamais conseguiria. Ela se afastou de mim com relutância, voltando-se para Lysa, que agora estava sentada adornada com mais fitas do que cabelo.
Eu *daria* um jeito. Sempre dei.



O sol já se punha no horizonte, e os criados percorriam o quarto acendendo velas em castiçais de prata. Examinei meu reflexo; a luz fazia o carmesim do meu vestido parecer quase preto em alguns pontos, como sangue coagulado. Lysa parecia estar adormecendo em sua poltrona almofadada, seu rostinho sereno em repouso. Eu a invejava por aquela paz, por aquela capacidade de se entregar tão completamente aos sonhos.
Meu sono estava perturbado desde que aceitei este casamento, assombrado por visões de um trono feito de ossos humanos e uma coroa que chorava lágrimas de sangue. Contudo, por baixo do medo, escondia-se uma expectativa, uma ânsia de encarar de frente o arquiteto de tais rumores terríveis e me comparar a ele. Eu sabia que ele ainda não havia revelado sua verdadeira face, e quando esse momento chegasse, eu não seria um sacrifício covarde, mas um adversário à altura.
Dei um gole no meu vinho e observei os criados prepararem os últimos detalhes do meu traje de noiva. O véu, quase translúcido, mas tingido do mesmo vermelho profundo do vestido, repousava sobre uma almofada de veludo preto. Ao lado, pentes cravejados de joias prendiam o véu, com o metal trabalhado em forma de rosas espinhosas.
Que apropriado.
Meu olhar se desviou para a porta dos meus aposentos, no exato momento em que ela se abriu com uma força que silenciou toda conversa.
O silêncio repentino tornou audível cada batida do meu coração quando meu pai, o Rei Aeldrin de Vareth, entrou na sala com a presença imponente que mantivera o reino sob controle por décadas.
Seus olhos âmbar escuros examinavam a cena com a mesma frieza com que analisariam um relatório de batalha. Os servos pararam abruptamente antes de fazerem reverências sincronizadas tão profundas que suas testas quase tocavam o chão. Apenas eu permaneci de pé, embora anos de condicionamento tenham feito minha espinha enrijecer quando seu olhar se fixou em mim, contemplando a oferenda carmesim do Rei de Sangue com uma expressão indecifrável. Em suas mãos, ele carregava um pequeno objeto ricamente esculpido. caixa de madeira — algo que eu nunca tinha visto antes entre os tesouros reais.

“Deixem-nos ir”, ordenou ele. Ninguém ousou questioná-lo. Os criados recolheram seus suprimentos com movimentos apressados e silenciosos, os olhos fixos no chão enquanto se retiravam.
Isolda hesitou, com a mão protetoramente no ombro de Lisa. A criança se mexeu com a comoção, seus olhos sonolentos se arregalando ao ver o pai. "Papai!", exclamou ela com alegria desinibida.
Algo na expressão severa do meu pai suavizou-se, ainda que ligeiramente, ao observar sua filha caçula. "Lady Isolde a levará para se preparar para a cerimônia", disse ele, com uma voz mais gentil do que eu jamais ouvira dirigida a mim. "Suas damas de companhia têm uma fita especial para o seu cabelo."
Essa simples declaração, proferida com toda a solenidade de um decreto real, pareceu satisfazer Lysa. Ela entrelaçou sua pequena mão na de Isolda e deixou-se conduzir até a porta, parando apenas para me olhar com olhos solenes. "Lembre-se do bolo", lembrou-me ela seriamente.
"Sim, irei", respondi, forçando um tom de voz caloroso, apesar da tensão que me consumia por estar sozinha com meu pai.
Isolda encontrou meu olhar antes de cruzar a soleira. "Voltarei em breve para ajudar com os preparativos finais", disse ela, as palavras carregando um peso que ia além do seu significado superficial. Uma promessa de que ela não me abandonaria, acontecesse o que quer que viesse.
A porta se fechou atrás deles com uma finalidade que ecoou no silêncio repentino. Meu pai e eu ficamos como estranhos em lados opostos da sala, o tecido carmesim do meu vestido uma poça de sangue entre nós. A coroa de Vareth parecia pesar mais em sua testa — ou talvez fosse o fardo do que quer que o tivesse trazido ali, justamente naquele dia.
“A escolha das cores do vestido de noiva de Nocthar é... pouco convencional”, disse ele por fim, adentrando ainda mais o cômodo. Seus passos eram medidos, deliberados, como se estivesse se aproximando de algo volátil. .
“O rei Valen parece ter um deleite com o incomum”, respondi, com a voz mais firme do que me sentia. “Ou talvez ele simplesmente queira esconder as manchas de sangue desta noite.”
A compostura do meu pai nem sequer se abalou com a minha grosseria. "A reputação dele te preocupa?", perguntou ele, num tom quase acadêmico, como se estivesse indagando sobre um ponto obscuro de governança em vez do homem com quem eu ia me casar.
Eu ri, o som abafado na vasta câmara. "Importaria se acontecesse? Os tratados estão assinados. A aliança está feita. Minhas preocupações são tão irrelevantes agora quanto sempre foram."
Ele me estudou, uma leve carranca acentuando as rugas ao redor dos seus olhos. "Você acha que eu te vendi."
“Não foi exatamente isso que você fez?”, perguntei, imprudente agora nestas últimas horas como súdito de meu pai. Em breve eu pertenceria a outro reino, a outro rei. Que castigo ele poderia infligir que fizesse diferença agora?

“Não”, respondeu ele simplesmente, e algo em seu tom me fez hesitar. “Eu lhe garanti uma coroa e um reino. Poder por direito próprio, não apenas a glória refletida de uma noiva de um senhor menor.”
Suas palavras me deixaram sem palavras. Em todas as minhas imaginações sobre esse acordo, jamais considerei que ele pudesse tê-lo feito pensando nos meus interesses. Por mais que eu quisesse acreditar que fosse verdade, e talvez ele mesmo acreditasse, eu sabia que era uma mentira.
Ele queria se livrar de mim. Tanto quanto, ou até mais, do que do resto da família.
Então, como se estivesse ponderando alguma decisão importante, ele se aproximou e colocou a caixa sobre a mesa ao meu lado, seus dedos permanecendo sobre a tampa entalhada como se relutassem em soltá-la.
Era aproximadamente do tamanho de um livro grande, esculpido em uma madeira escura que eu não reconheci. Padrões intrincados serpenteavam por sua superfície — não a precisão geométrica apreciada em Vareth, mas formas orgânicas e selvagens que pareciam quase se mover à luz de velas. .
“Há algo que guardei”, disse ele, mais baixo do que antes, como se as palavras pudessem se perder se ditas em voz alta demais. “Deveria ter sido seu. Há muito tempo.”
Inclinei-me para mais perto, estudando as trepadeiras e flores retorcidas, diferentes de tudo que crescia nos jardins de Vareth. Intercalados entre elas, havia símbolos — inscrições antigas em uma língua que eu não conseguia decifrar.
"Abra", instruiu ele, dando um passo para trás.
Hesitei, depois levantei a tampa com cuidado. Aninhada sobre um leito de veludo azul-escuro, repousava uma coroa diferente de qualquer outra que eu já vira no tesouro de Vareth. Uma delicada prata formava um intrincado círculo, cravejado de pedras da lua que pareciam brilhar. Era deslumbrante. De outro mundo.
"É lindo", sussurrei, sem ousar tocá-lo.
“Era da sua mãe”, disse meu pai, e as palavras me atingiram em cheio. “Ela teria usado isso no dia em que se tornou minha rainha.”
O mundo girou. "Sua rainha?", repeti, atônita. "Mas ela nunca foi... Você já era casada com Ira quando—"
“Sim”, ele interrompeu, a voz subitamente rouca de emoção, algo que eu nunca tinha ouvido antes. “Sua mãe veio para Vareth depois de Ira. Ira foi um casamento político, e eu teria anulado o casamento se sua mãe tivesse aceitado meu pedido de mão dela.”
Encarei-o, com o sangue a ferver nas minhas orelhas. Toda a minha vida, acreditei ser fruto de uma indiscrição real passageira. Uma paixão que se acendeu e se extinguiu. E embora parecesse que não tinha sido passageira da parte do meu pai, os sussurros da corte eram em parte verdadeiros.
Minha mãe, a tentadora. Uma sedutora estrangeira que cativou o coração do rei recém-casado antes de desaparecer tão misteriosamente quanto surgiu.
Alguns sussurros, mais sombrios que outros, sugeriam que ela não havia desaparecido de fato. Que ela representava uma ameaça muito grande à posição da nova rainha e que fora eliminada discretamente por ordem real.
Eu cresci acreditando que meu pai, no mínimo, a havia banido. No pior dos casos, ordenado sua morte.

"Você está dizendo que a queria como sua esposa?", consegui dizer, minha voz quase um sussurro. "O que aconteceu?"
O rosto do meu pai parecia envelhecer diante dos meus olhos, décadas pressionando suas feições. Ele se virou, caminhando até a janela, onde a última luz do dia projetava seu perfil em nítido contraste.
“Ela foi embora”, disse ele suavemente. As palavras pairaram entre nós, frágeis como um sopro. “Implorei para que ela ficasse. Ofereci-lhe tudo o que estava ao meu alcance — uma coroa, um reino, meu coração. Mas ela recusou.”
Fiquei paralisado, incapaz de assimilar a revelação.
"Por quê?", perguntei, meus dedos pairando sobre a tiara de prata como se ela pudesse me queimar. "Por que ela foi embora?"
“Ela disse que não podia ficar”, continuou ele, com a voz distante pela lembrança. “Que forças além da nossa compreensão nos destruiriam se ela ficasse. Achei que era loucura. O delírio de uma mulher assustada. Eu era rei. Que força poderia nos ameaçar?”
Ele então riu — um som oco e sem alegria. "Foi aí que descobri que ela estava grávida do nosso filho."
Seu olhar voltou-se para mim, endurecendo diante dos meus olhos.
Foi então que eu percebi. A culpa. Ele me culpou por tê-la levado embora. Por tê-la feito ir embora.
“Você foi deixada nos degraus do palácio”, disse ele, com a voz embargada. “Um bebê, envolto em tecido de prata.”
O ar ficou imóvel em meus pulmões.
“Havia um bilhete”, disse meu pai, olhando-me de frente. “Escrito à mão por ela. Ela mencionou você. Disse para te proteger. Então eu fiz o que pude.”
Senti o chão sob meus pés se mover, a certeza sobre a qual construí toda a minha existência desmoronando. "Então você... me acolheu por obrigação?"
“Eu te acolhi porque você era *dela* . E eu lhe devia isso.”
*Dela* . Da minha mãe. Não dele. .
Minhas mãos tremiam enquanto eu tentava assimilar tudo o que ele acabara de me dizer.
“Mas por que—“ Minha voz falhou. “Por que me tratar assim? Como se minha mãe não significasse nada para você?” Fiz uma pausa, minha respiração acelerando. “Você não me deu nem mesmo a dignidade do seu sobrenome.”
Eu sempre fui apenas Mireille. A corte foi obrigada a me chamar de Princesa, mas o título real nunca me foi concedido.
Ele suspirou, como se aquela pergunta fosse particularmente tediosa. "Entenda, Mireille, eu era recém-casado. Meu herdeiro estava a caminho. Eu não podia lhe conceder nenhum direito ao meu reino, por mais que sua mãe significasse para mim." Ele balançou a cabeça, voltando-se para mim. "E eu não conseguia olhar para você sem vê-la."
Com cuidado deliberado, ele retirou a coroa de seu ninho de veludo e a segurou diante de mim. As pedras da lua captaram a luz das velas, enviando reflexos prismáticos que dançavam pelas paredes como estrelas aprisionadas.

“Isto sempre deveria ter sido seu. Será o seu legado quando partir para Nocthar.” Sua voz suavizou-se, apenas ligeiramente. “Fiz o que pude para honrar o pedido de sua mãe de protegê-lo. Mas o reino, o próprio Vareth, vem em primeiro lugar.”
Encarei a coroa, imóvel. "Então você me sacrifica ao Rei de Sangue e me oferece a coroa da minha mãe como consolo?"
Algo brilhou em seus olhos — talvez arrependimento, ou simplesmente irritação com a minha persistência.
“Aceite”, disse ele, estendendo a coroa. “Se nada mais, que ela lhe faça lembrar dela.”
Lentamente, estendi a mão, meio que esperando que se dissolvesse ao meu toque. Mas o metal parecia sólido. De alguma forma, quente, como se conservasse alguma memória de um corpo ao qual pertencera. Seu peso me surpreendeu — não apenas a sua massa, mas o significado que carregava. A história. As possibilidades perdidas que representava.
"Você a amava?", perguntei, minha voz quase um sussurro, meus olhos fixos na tiara em minhas mãos. .
Meu pai ficou em silêncio por tanto tempo que pensei que não fosse responder. Quando finalmente falou, sua voz era cautelosa. Medida. Como se ele próprio ainda estivesse tentando desvendar a verdade.
“Eu a procurei. Usei cada grama do meu poder, e do poder de outros, para encontrá-la.” Ele fez uma pausa. “Mas não tenho certeza se sou capaz de amar, Mireille. Governo este reino há mais de três décadas. Gerei sete filhos. Fiz alianças e as quebrei, venci guerras e evitei outras. Mas amor?” Ele exalou, o som carregado de arrependimento. “Se o que senti por sua mãe foi amor, então nunca mais o experimentei.”
A confissão pairava entre nós, mais íntima do que qualquer conversa que já tivéssemos tido. Apertei a coroa contra o peito, sentindo como se algo precioso e cortante tivesse acabado de ser colocado sob meus cuidados. Uma verdade que feria ao mesmo tempo que iluminava.
"Eu vou usá-lo", disse finalmente, erguendo o olhar.
Um lampejo de aprovação brilhou em seus olhos. "Ótimo. Combina mais com você do que aquela monstruosidade carmesim, pelo menos."
O calor momentâneo em sua voz se dissipou quando ele deu um passo para trás, retomando o manto da realeza. "A cerimônia começa em uma hora. Não se atrasem."
Sem esperar por minha resposta, ele se virou e caminhou em direção à porta, sua postura real totalmente restaurada. Na soleira, ele parou.
“Sua mãe estaria orgulhosa da mulher que você se tornou, Mireille.”
Antes que eu pudesse formular uma resposta, ele já havia partido, deixando-me sozinha com a coroa e uma vida inteira de verdades reconsideradas.
Sentei-me numa cadeira próxima, as saias carmesim formando uma poça como sangue ao meu redor, a coroa de prata fria e pesada no meu colo. Meus dedos traçaram os desenhos intrincados, seguindo padrões que pareciam quase palavras em uma língua que eu deveria conhecer, mas da qual não conseguia me lembrar.
Uma batida hesitante na porta me despertou do meu devaneio. A porta se abriu, revelando Isolda e sua comitiva de criados, que retornavam. para concluir meus preparativos para a cerimônia. Eles entraram cautelosamente, como se esperassem encontrar as consequências de algum confronto terrível.

"Você está bem?", perguntou Isolda gentilmente, aproximando-se de mim enquanto os outros retomavam suas tarefas a uma distância respeitosa.
Olhei para a coroa e, em seguida, coloquei-a cuidadosamente de volta na caixa esculpida.
“Não tenho certeza”, respondi honestamente. “Mas terei.”
Seus olhos se arregalaram ao ver a coroa, e as perguntas transpareceram em sua expressão, mas ela não fez nenhuma. Em vez disso, apertou minha mão e voltou-se para a tarefa em questão.
“O véu, por favor”, instruiu ela a uma criada que pairava ao seu redor. “E Sua Alteza precisará que os pentes cravejados de joias estejam devidamente presos. Nada deve estar fora do lugar para a cerimônia.”
Permaneci de pé, permitindo que arrumassem o véu vermelho-sangue sobre meus cabelos escuros, sentindo o peso da coroa de minha mãe enquanto a fixavam no lugar. No espelho, eu parecia algo saído de um mito. Uma criatura de sombras e chamas. Pele pálida sob a seda carmesim. Olhos com reflexos prateados brilhando através do véu translúcido como os olhos de algum ser de outro mundo.
Uma Rainha de Nocthar.
As perguntas para meu pai teriam que esperar. As verdades — e mentiras — sobre minha origem ainda precisavam ser desvendadas. Por ora, eu tinha um rei para desposar e um novo reino para reivindicar.
Qualquer que fosse a escuridão que me aguardasse em Nocthar, eu a enfrentaria com a coroa de minha mãe sobre a cabeça, armadura forjada em força e herança.
Os preparativos finais continuavam ao meu redor, mas eu mal percebia. Minha mente já estava voltada para o momento em que eu estaria diante do Rei de Sangue e selaria meu destino ao dele.
Não como um sacrifício.
Mas como uma rainha com segredos, com poder próprio.

CAPÍTULO SETE

# AS BODAS DE SANGUE

MMeu casamento foi um espetáculo de vermelho e dourado.

O Grande Salão do palácio de Vareth fora transformado para a ocasião, os estandartes habituais do reino de meu pai agora entrelaçados com os estandartes carmesim escuros de Nocthar. A luz de velas tremeluzia contra as paredes adornadas com tapeçarias que retratavam grandes vitórias, embora esta noite parecessem contar uma história diferente — um prelúdio silencioso para algo muito mais sinistro. O ar carregava o aroma de incenso e pétalas de rosa esmagadas, mas por baixo disso espreitava algo mais, algo metálico e cortante.

Eu sabia que era minha própria mente pregando peças em mim, mas por um breve instante, eu poderia jurar que era verdade. o cheiro de sangue.

Meu reflexo capturado em um dos espelhos dourados que ladeavam o caminho da procissão. Uma noiva de vermelho-sangue, meu vestido caindo em pesadas dobras até o chão de mármore, granadas pingando do meu corpete como gotas frescas. O tecido fino do meu véu lançava uma névoa carmesim sobre o mundo, transformando a nobreza ali reunida em espectros indistintos. Acima de tudo, erguia-se a coroa da minha mãe.

Eu não havia chorado depois que meu pai partiu, lágrimas eram um luxo que eu aprendera a me negar há muito tempo. Mas a súbita constatação de que minha mãe fora real o suficiente para deixar isso para trás — que ela usara essa coroa, que seus dedos traçarem esses mesmos padrões intrincados — despertou algo dentro de mim. Vinte e seis anos eu vivi apenas com rumores e sussurros sobre a mulher que me gerou, e agora essa peça tangível de sua história repousava sobre minha cabeça no dia em que eu seria entregue.

*Doado* . Uma expressão tão pitoresca para o que estava acontecendo. Como se eu fosse um pacote a ser entregue de um dono para outro.

Supus que era exatamente isso que eu era. A moeda de troca que comprou a paz para Vareth. A vergonha do rei, finalmente servindo a um propósito.

Concentrei-me nos convidados reunidos, notando como eles se haviam segregado apesar da pretensão de unidade.

A nobreza de Vareth estava reunida, suas vestimentas um festival de tons de joias e cores de verão, embora seus rostos estivessem pálidos e abatidos.

Em frente a eles estava a delegação Nocthari — um pequeno contingente de guerreiros que acompanhava seu rei. Não eram numerosos, mas sua presença era opressiva, como nuvens de tempestade se acumulando no horizonte. Vestiam-se de maneira diferente da corte de meu pai, todos em tons de preto e vermelho escuro, com ornamentos de prata que captavam a luz como o fio de lâminas. Seus olhos — avaliativos, calculistas — me seguiram enquanto eu caminhava pelo corredor. Aquelas não eram pessoas a quem haviam dito que estavam testemunhando uma união alegre. Eram conquistadores observando a rendição de um prêmio. .

E ali, no altar, aguardava o próprio vencedor.

O rei Valen de Nocthar permanecia imóvel, uma estátua esculpida em sombras. Vestia-se de preto, bordado com prata tão fina que parecia ter sido tecida com a luz de uma

estrela moribunda. Uma coroa de ferro escuro repousava sobre sua cabeça, de design sinistro, com pontas irregulares que lembravam presas. A tênue luz de velas projetava sombras sobre seus traços marcantes, tornando seu olhar já penetrante ainda mais sobrenatural.

Eu esperava crueldade naqueles olhos. Me preparei para arrogância, para a fome. Mas o que vi me perturbou muito mais.

Diversão, como se tudo isso — a cerimônia, o reino, até mesmo eu — não fosse nada mais do que um jogo elaborado que só ele entendia.

As inúmeras histórias que eu ouvira sobre o Rei de Sangue, contos de campos de batalha encharcados de sangue, de inimigos esfolados vivos, de rituais sombrios realizados sob um céu sem lua, pareciam simultaneamente fantasiosas demais e não suficientemente terríveis para descrever o homem que observava minha aproximação com aquele sorriso calmo e perspicaz.

Meu pai estava de pé de um lado, com uma expressão cuidadosamente neutra. Ao lado dele, o rosto da Rainha Ira não demonstrava nada, embora eu soubesse que ela devia estar se regozijando com a perspectiva de finalmente se livrar de mim. Meus meio-irmãos estavam dispostos ao redor deles em ordem de idade e importância, um quadro da família real perfeita da qual eu nunca havia realmente feito parte. Apenas a pequena Lysa parecia abertamente feliz em me ver, e senti uma pontada de tristeza ao vê-la.

A música foi diminuindo quando cheguei ao altar. O salão estava completamente silencioso enquanto eu permanecia diante do Rei Valen, meus olhos fixos nos detalhes de suas vestes. O fio de prata que formava padrões complexos demais para serem meramente decorativos, a maneira como sua coroa parecia afiada o suficiente para cortar. Eu estava perto o bastante para perceber que seu perfume não era o mesmo da noite anterior. Nada de perfumes ou óleos, mas algo mais terroso, elementar. Como terra após a chuva, como metal deixado para enferrujar, como algo antigo desenterrado após séculos enterrado. .

O Sumo Sacerdote de Vareth se mexeu, as mãos tremendo enquanto pigarreava. O velho sacerdote Eidir, um seguidor das Deusas Gêmeas, servia à família real desde antes do meu nascimento. Ele me abençoou quando bebê, apesar do escândalo do meu nascimento, e me ensinou orações quando ninguém mais reconhecia minha existência.

Mas esta noite, o conforto familiar de sua presença estava ausente. Seus olhos percorriam nervosamente Valen e os guerreiros Nocthari reunidos, e havia uma hesitação em sua postura geralmente confiante.

Eu havia sido criada ouvindo os votos que ele proferia, havia testemunhado inúmeras uniões seladas por essas palavras. Contudo, enquanto eu estava diante daquele altar, algo parecia diferente.

“Reunimo-nos sob os olhares dos deuses e dos homens”, entoou o padre Eidir, “para unir estas duas almas, estas duas linhagens, estes dois reinos.”

Almas? Linhagens? Uma escolha de palavras estranha para uma cerimônia varethiana, que normalmente enfatizava a união de corações e mentes. Olhei para Valen, mas sua expressão permaneceu de atenção polida para com o sacerdote, sem demonstrar qualquer sinal da discrepância.

Quis recuar, exigir uma explicação, mas a mão de Valen de repente segurou a minha com uma delicadeza surpreendente. Sua pele estava quente, quente demais, como se a

febre queimasse por baixo. O contraste com seu semblante frio provocou um arrepio estranho em meu braço.
“O sangue chama o sangue”, continuou o padre Eidir, com a voz ligeiramente vacilante, “assim como o poder chama o poder”.
Foi então que senti. A sutil mudança no ar, como a alteração de pressão antes de uma tempestade. As chamas das velas por todo o salão tremiam em uníssono, embora nenhuma corrente de ar perturbasse as pesadas tapeçarias. Olhei para os convidados, mas ninguém parecia notar nada de errado. Mas eu sabia... havia algo de errado com aquela cerimônia.
Os olhos de Valen encontraram os meus, e vi conhecimento neles. *Ele* ao menos esperava por isso, talvez até tivesse orquestrado. O canto de sua boca se curvou num leve sorriso quando o padre Eidir apresentou o cordão cerimonial, um pedaço de tecido vermelho e dourado entrelaçado, representando a união de nossas casas.
“Como tem sido desde o primeiro pacto decretado pelos deuses primordiais”, continuou o Sacerdote, com a voz agora mais firme, como se estivesse recitando palavras que lhe haviam sido ensinadas a memorizar, “assim será com esta união. Através do sangue livremente dado, através do poder livremente compartilhado.”
Suas mãos tremiam enquanto ele começava a enrolá-la em nossos pulsos unidos, nos unindo na antiga tradição de Vareth.
“Na presença destas testemunhas”, disse o padre Eidir, “peço agora os votos de ambas as partes. Uma vez proferidos, jamais serão quebrados.”
“Eu, Valen de Nocthar, tomo Mireille de Vareth como minha rainha e consorte. Por sangue, eu a reivindico. Por vontade, eu a ligo. Por juramento, eu a guardo.”
Um murmúrio percorreu a nobreza varethiana. Estas não eram as tradicionais palavras de amor e segurança. Haviam sido ligeiramente alteradas, e senti meu pulso acelerar enquanto tentava manter o rosto impassível. Eu sabia da troca de sangue, mas essa reivindicação de sangue, essa ligação de vontades... isso era algo completamente diferente.
O padre Eidir se virou para mim, com os olhos suplicantes. Para quê, eu não saberia dizer. Para recusar? Para fugir? Era tarde demais para qualquer uma das duas coisas.
Repeti as palavras conforme necessário, adaptando-as aos votos de Valen, mantendo a voz firme. "Eu, Mireille de Vareth, aceito Valen de Nocthar como meu rei e marido. Por sangue, estamos unidos. Por vontade, somos um. Por juramento, somos eternos."
No instante em que pronunciei o último juramento, algo no ar mudou. As velas tremeluziram violentamente, a chama mais próxima de Valen escurecendo momentaneamente antes de reacender num tom de laranja mais vivo. Um arrepio percorreu minha espinha, mas quando me virei para olhá-lo, ele apenas esboçou um sorriso irônico.
O padre Eidir apresentou uma faca cerimonial. Não a lâmina de prata tradicionalmente usada nos casamentos varethianos, mas simbólica. corte de cordas de amarração, mas algo mais antigo, mais sombrio. Seu cabo era de ferro negro, retorcido em formas que feriam os olhos de acompanhar, sua lâmina curva e brilhante com um fio que parecia impossivelmente afiado.

“A troca de sangue”, anunciou o padre Eidir, em voz quase inaudível, “para selar a união na tradição de Nocthar”.
Valen pegou a faca, manuseando-a com a familiaridade casual de um homem acostumado com lâminas. Sem hesitar, passou-a pela palma da mão, um corte preciso e controlado que jorrou sangue escuro quase instantaneamente. Em seguida, estendeu a faca para mim, com o cabo primeiro.
Peguei-a, com cuidado para não demonstrar o tremor que minha mão queria sentir. O cabo estava frio contra minha pele, estranhamente frio, como se tivesse repousado em um monte de neve em vez do calor do salão. A lâmina pareceu vibrar de expectativa enquanto eu a levava à palma da minha mão.
Eu me preparara para este momento, havia me convencido de que não passava de um simbolismo bárbaro, uma relíquia da história sangrenta de Nocthar. E, no entanto, ao deslizar a lâmina sobre minha pele, observando meu próprio sangue subir ao seu encontro, não consegui reprimir a sensação de que estava entregando algo muito mais precioso do que algumas gotas de sangue.
Valen pegou minha mão ensanguentada na sua e pressionou nossas feridas uma contra a outra.
No instante em que nosso sangue se misturou, uma onda de choque percorreu meu braço e meu peito, uma sensação como um raio buscando o chão. Minha visão ficou turva nas bordas e, por um instante, o grande salão pareceu desaparecer, deixando apenas Valen e eu no que parecia ser a beira de um precipício. Suas pupilas estavam dilatadas, seus lábios carnudos entreabertos, o único indício de que ele também sentia essa estranha comunhão. Por um instante, pensei ter visto um sangue carmesim escorrendo para o fundo de suas íris, mas a visão desapareceu antes que eu pudesse ter certeza. .
Senti... algo. Uma conexão se formando, tentáculos de sensação se estendendo do ponto onde nossas mãos se uniram, alcançando mais fundo, serpenteando em torno de algo central e essencial dentro de mim. Não era doloroso, não exatamente, mas profundamente perturbador, como dedos sondando as bordas de uma ferida.
E então, tão repentinamente quanto surgiu, tudo mudou. Uma onda de calor se acendeu dentro de mim, percorrendo minhas veias como fogo derretido. Era algo completamente diferente de tudo que eu já havia experimentado. Uma mistura potente de poder e desejo que envolvia meus sentidos com uma urgência insistente.
Valen inclinou-se para a frente, sua expressão mudando de surpresa para uma fome sombria que refletia o incêndio que se acendia em meu peito. O aroma do incenso desapareceu por completo, substituído pela mistura inebriante *dele* .
Meu corpo oscilou levemente em sua direção, sentindo sua respiração quente contra minha bochecha, e o próprio tempo parou.
O padre Eidir pigarreou, um som agudo que cortou a névoa que nos envolvia. O mundo voltou a surgir com uma clareza surpreendente — o brilho bruxuleante da luz de velas, o murmúrio baixo da corte reunida. O aperto de Valen na minha mão se intensificou reflexivamente, ancorando-me contra a onda de sensações que ameaçava dominar meus sentidos.

Um sorriso malicioso se abriu nos lábios de Valen quando ele encontrou meu olhar, um olhar perspicaz que carregava o peso de promessas futuras e intenções sórdidas. Naquele instante fugaz, vi não apenas um conquistador, mas um homem que se deleitava no caos que havia provocado. Isso me excitou e me aterrorizou ao mesmo tempo.
O padre Eidir começou a finalizar a cerimônia, murmurando bênçãos que soavam mais como advertências. Quando pronunciou as palavras finais, declarando-nos casados aos olhos dos deuses e dos homens, o salão irrompeu em aplausos formais que não continham alegria, apenas alívio por o espetáculo ter chegado ao fim.
Os olhos de Valen nunca se desviaram dos meus enquanto ele erguia nossas mãos atadas, um gesto de triunfo que me arrepiou. "Você agora é *"Meu* ", disse ele, as palavras mal audíveis em meio ao som da multidão reunida.
Algo dentro de mim sussurrava que eu não havia me tornado apenas uma esposa naquela noite. Eu havia sido reivindicada por uma força que eu não compreendia, presa por palavras cujo significado eu apenas começava a entender. A coroa em minha cabeça parecia subitamente mais pesada, as granadas em meu vestido como gotas do meu próprio sangue, sacrificadas para selar um pacto cujos verdadeiros termos permaneciam ocultos.
E Valen — o Rei de Sangue, *meu marido* — sorriu como se pudesse ler cada pensamento que passava pela minha mente.
Como se ele tivesse orquestrado não apenas esta cerimônia, mas cada passo que me levou a este momento, a esta união, a esta entrega.



O banquete que se seguiu foi uma celebração apenas no nome.
Taças douradas transbordavam de vinho enquanto risos e música enchiam o grande salão de banquetes, mas a alegria soava vazia, como o sorriso ensaiado de um prisioneiro aguardando a execução.
Sentei-me ao lado de Valen na mesa principal, observando a nobreza de dois reinos circularem-se uns aos outros com a graça cautelosa de predadores que compartilham uma presa. As sombras pareciam se aprofundar nos cantos do salão, apesar das centenas de velas que ardiam em seus castiçais, e eu não conseguia me livrar da sensação de que algo invisível nos observava a todos com faminta expectativa.
Servos moviam-se pela multidão como fantasmas silenciosos, carregando travessas de carnes suculentas e doces delicados. As cozinhas do palácio haviam se superado: faisão assado com cobertura de mel, carne de veado em molho de vinho, doces em forma de rosas polvilhados com açúcar que brilhava como geada. Um banquete digno de um casamento real, diriam. Uma despedida apropriada para a princesa bastarda. .
No entanto, descobri que não tinha apetite. Cada mordida tinha gosto de poeira e ferro, cada gole de vinho apenas intensificava a sensação de peso no meu estômago. Sentia-me desconfortável com a minha reação anterior a Valen e, agora, sentada ao lado dele, não sabia como continuar como se nada tivesse acontecido.

“Você não vai comer, esposa.” A voz de Valen era tão baixa que só eu conseguia ouvi-la, a palavra “esposa” carregando um peso que me fez arrepiar. “Os cozinheiros ficariam desapontados.”
"Perdi o apetite", respondi, tomando cuidado para manter a voz firme. "Suponho que seja a agitação do dia."
Seus lábios se curvaram naquele mesmo sorriso cúmplice que eu vira no altar. "De fato. Momentos tão importantes costumam sobrecarregar os sentidos." Ele ergueu seu próprio cálice, o vinho escuro em seu interior quase negro à luz de velas. "Embora eu espere que seu apetite retorne com o tempo. Para todo tipo de coisa."
Não deixei escapar a implicação em suas palavras, nem o jeito como seus olhos percorreram brevemente meu corpo antes de retornarem ao meu rosto. O calor do seu olhar acendeu algo dentro de mim que eu não conseguia controlar, algo perigosamente próximo da atração. Como era irritante sentir essa onda de desejo quando tudo o que eu realmente queria era apagar aquele sorriso presunçoso do seu rosto.
Em vez disso, ergui meu cálice, o recipiente dourado frio contra meus lábios. O vinho era forte e doce, uma safra que eu não reconheci. Nocthari, talvez. Bebi profundamente, acolhendo a leve ardência enquanto deslizava pela minha garganta. Talvez, se eu bebesse o suficiente, o calor se espalhasse, dissipando o frio que se instalara em mim.
O cálice estava vazio antes que eu percebesse, e um criado apareceu ao meu lado para enchê-lo novamente com eficiência prática. Bebi mais uma vez, desejando que o vinho lavasse o gosto do medo e da incerteza. Que atenuasse as arestas deste dia, desta noite, desta nova vida tida por sangue e ferro.
Valen me observava com um divertimento que beirava a indulgência. Ele fez um gesto para que meu cálice fosse enchido mais uma vez, e eu não recusei. Conforme o vinho fluía, também fluía uma certa descontração. Nos meus membros, uma leveza na cabeça que quase parecia alívio. Pela primeira vez naquela noite, consegui respirar sem sentir o aperto opressivo de uma centena de olhares pressionando-me.
“Você está quieta”, observou Valen, com o olhar firme sob os cílios escuros. “A vida de casada já te deixa sem palavras?”
“Só por um instante”, respondi com mais ousadia do que pretendia. “Garanto-lhe que não vai durar.”
Então ele riu. Um som baixo que pareceu vibrar através de mim, perturbador e, ao mesmo tempo, terrivelmente irresistível. Eu não conseguia desviar o olhar dele, daqueles olhos escuros que absorviam toda a luz e não devolviam nenhuma.
“E eu que pensava em desfrutar de alguns momentos de paz”, disse ele, com a voz carregada de falso desespero. Eu permaneci firme na cadeira, embora a sala girasse levemente ao meu redor, transformando-se num turbilhão de cores e sons.
O vinho estava cumprindo bem sua função.
"Você deveria aproveitar enquanto pode", eu disse suavemente, mas o olhar penetrante de Valen me disse que ele não perdeu nada do que eu disse, "pois a paz não é o que você receberá comigo, marido."
Voltei minha atenção para os convidados lá embaixo, sem me importar com a reação deles às minhas palavras, observando, em vez disso, a interação entre alianças e rivalidades se desenrolar como uma dança elaborada.

A corte de meu pai mantinha distância do contingente Nocthari, embora seus olhares frequentemente se desviassem para as figuras de armadura negra que se destacavam como sombras projetadas sobre a neve recém-caída. Imaginei o Rei Aeldrin observando de seu lugar do outro lado do salão, fingindo indiferença como sempre fizera.
Valen, por sua vez, desempenhava o papel do noivo vitorioso com uma facilidade perturbadora. Ele ria, bebia, falava em tons baixos e suaves com os nobres que ousavam se aproximar. E, no entanto, por baixo de tudo isso, eu podia sentir algo mais. Uma pulsação, constante e escura, como as batidas de um grande coração invisível.
Era na maneira como a luz da vela parecia se curvar ao seu redor, na maneira como as sombras se agarravam à sua forma por uma fração imperceptível. muito antes de se dissipar. Era no jeito como seus dedos tamborilavam distraidamente contra a mesa, como se estivesse contando algo invisível.
E os olhos dele. Meu Deus, os olhos dele. Cada vez que eu olhava para ele, sentia como se estivesse à beira de um abismo. Havia algo neles que ia além da crueldade, além da arrogância. Uma profundidade de algo antigo, paciente e aterrador.
A música cresceu, uma melodia sombria e assombrosa que serpenteava pelo salão como fumaça. Não era uma música que eu reconhecesse de Vareth, muito menor, muito melancólica, mas combinava perfeitamente com o clima da noite.
Valen pegou minha mão, seu aperto firme, inflexível. "Dance comigo."
A ordem deveria ter acendido uma faísca de desafio, mas descobri que não tinha vontade de resistir. Talvez fosse o vinho, quente e denso em minhas veias, ou a estranha mudança que acompanhou essa quase rendição. Ou talvez fosse o jeito como ele me olhava, sem nem tentar esconder o desejo em seu olhar. Seja como for, levantei-me sem hesitar, deixando-me conduzir até o salão aberto, consciente de todos os olhares que seguiam nosso caminho. Os sussurros cessaram, substituídos por um silêncio expectante enquanto tomávamos nosso lugar, sozinhos, sob o teto abobadado.
Sua mão repousou na minha lombar, puxando-me para perto com uma intimidade que parecia quase obscena em sua audácia pública. A música diminuiu o ritmo para acompanhar nossos movimentos, cordas e flautas tecendo uma tapeçaria melancólica ao nosso redor. O aperto de Valen era possessivo enquanto ele me guiava pelos degraus, mas havia algo mais ali também… um calor que me fazia estremecer, apesar dos meus melhores esforços para reprimi-lo.
Encarei seu olhar enquanto meu pulso acelerava. Ele era belo de uma forma que eu jamais me permitiria admitir. Um deus sombrio caído de algum reino violento para reivindicar o que considerava seu. Enquanto girávamos sob o silêncio pairante, me perguntei se eu conseguiria jogar meu próprio jogo… Deixar-me desejá-lo. Deixar-me desejá-lo o suficiente para mantê-lo satisfeito, enquanto manobrava as peças a meu favor. .
Talvez esse seja o verdadeiro perigo dessa rendição. Não que eu vá perder, mas que eu possa começar a gostar de jogar.
Esse pensamento deveria ter me alarmado mais do que alarmou. Será que foi assim que tudo começou? Uma lenta erosão do meu ego, corroída pela emoção de confrontar inteligência e vontade com um homem que prosperava na conquista?
"Já te disse o quão deslumbrante você está esta noite?" A voz de Valen era suave como seda, dissipando a tensão que pairava entre nós. Ele se aproximou, o calor de sua

respiração roçando minha bochecha, provocando uma sensação indesejada de borboletas no estômago. "Seu vestido lhe cai maravilhosamente bem."
Forcei um sorriso arrogante, sem querer revelar como o elogio dele despertava algo perigoso dentro de mim. "Bajulação não lhe trará nenhum benefício por aqui, Valen. Não me impressiono nem um pouco com tentativas de charme."
“Ah, mas é encantador, não é?” Seus lábios se curvaram num sorriso malicioso que fez meu coração disparar. “E se convém à minha rainha ouvir elogios no dia do seu casamento, quem sou eu para privá-la de tal prazer?”
Ergui uma sobrancelha para ele, recusando-me a deixar que seu tom brincalhão me desarmasse. "Prazer não é exatamente o que se sente quando se está preso a um rei sedento de sangue."
Valen deu uma risadinha enquanto girávamos, seus movimentos confiantes e fluidos. "Ah, mas é aí que você se engana, esposa." Ele baixou ainda mais a voz, quase em tom conspiratório. "Existem inúmeras maneiras de eu te fazer sentir prazer enquanto estiver amarrada."
Tentei esboçar uma risada desdenhosa, mas ela ficou presa na minha garganta, substituída por um calor que se espalhou pela minha pele como um incêndio. Eu não estava preparada para a forma como suas palavras acenderam uma onda de calor inesperada, nem para o quão sedutora sua confiança brincalhona poderia ser. "Vejo que você é arrogante e sedento de sangue", retruquei, embora o leve tremor na minha voz traísse minha tentativa de bravata.
Os lábios de Valen se curvaram ainda mais, o sorriso irônico se transformando em um sorriso aberto que iluminou seu rosto com um ar desarmante. charme. “É preciso possuir certas qualidades para governar como eu. A arrogância nada mais é do que a confiança vestida com sua melhor roupagem”, respondeu ele com suavidade. “E quem melhor do que minha esposa para apreciá-la? Em breve você se acostumará com meus muitos talentos.”
Revirei os olhos dramaticamente, embora, por baixo da aparência de desdém, sentisse o calor subir pelo meu pescoço e subir às minhas bochechas. "Você certamente tem talento para se autoengrandecer."
“Não é essa a marca de um verdadeiro rei?” Ele me puxou para mais perto, o tecido do meu vestido roçando entre suas pernas, criando uma sensação que me deixou extremamente consciente de tudo. Cada leve sopro de sua respiração contra minha pele, cada lampejo de malícia em seus olhos escuros. “Além disso, se você acha meus encantos irresistíveis agora, espere só até estarmos a sós.” Sua voz baixou para um sussurro nefasto que me fez estremecer.
"Você sempre proclama suas intenções com tanta ousadia?", retruquei, lutando para que o tom provocador não se quebrasse sob o peso do seu olhar. "Ou será que ser insuportável faz parte do seu charme?"
Valen riu, um som baixo e sensual, que me fez estremecer, um tremor que tentei desesperadamente abafar. "Você vai descobrir, minha querida esposa, que sou franco acima de tudo." Seus olhos escuros brilharam com uma intensidade que acendeu uma faísca de algo em meu íntimo. Se era medo, desejo ou ambos, eu não saberia dizer. "E quanto a insuportável... bem, talvez eu só reserve esse termo para ocasiões especiais."

"Como no dia do seu casamento?", perguntei, sem conseguir conter o sorriso por mais tempo.
Ele se inclinou para mais perto enquanto girávamos novamente. "Exatamente. Você vê o cuidado que tive hoje? Um casamento luxuoso exige uma apresentação igualmente grandiosa de ambos os lados."
"Gostaria de lembrar que esta não é exatamente a celebração que a maioria das noivas imagina."
“Mas aí reside a beleza… o inesperado torna a história muito mais interessante”, disse ele, arqueando uma sobrancelha. “Que história melhor poderia ser contada do que a do bastardo de Vareth?” incessante presa numa teia de intrigas arquitetada por seu marido sombrio e misterioso?
Não consegui evitar. Me vi rindo — um som genuíno que se destacava em meio ao murmúrio das conversas ao nosso redor. "Você se considera uma pessoa sombria e misteriosa?"
"Não sou?", perguntou ele inocentemente, agindo como se realmente desconhecesse a forma como os outros o percebiam.
“Você é realmente algo especial.” O desafio saiu ousado dos meus lábios — convidativo e provocante — e eu o saboreei enquanto sua expressão mudava sutilmente com as minhas palavras.
“Você me lisonjeia, esposa”, respondeu ele, com um sorriso preguiçoso. “Mas diga-me, o que o bom povo de Vareth realmente diz sobre mim? Certamente você já ouviu alguns boatos.”
Ergui uma sobrancelha diante da súbita mudança de tom, notando como a conversa descontraída havia sido substituída por um tom mais sério. Era como se ele tentasse desvendar as camadas dos meus pensamentos, ansioso para dissecar as opiniões que o rodeavam como sombras.
“Sussurros”, repeti, inclinando-me ligeiramente para trás enquanto girávamos mais uma vez, determinada a não deixar que ele percebesse o quanto sua pergunta despertava algo em mim. “Não deveria perguntar aos seus próprios cortesãos, aqueles que parecem tão apaixonados pela sua reputação?”
“Mas eles não se atrevem a falar com a mesma liberdade que você”, ponderou ele, com um tom brincalhão na voz, enquanto apertava meu quadril. “Não com a minha presença tão intensamente sentida. Não, apenas seus lábios delicados têm a liberdade de compartilhar verdades brutais.”
Meus olhos se arregalaram. Será que aquilo era um elogio aos meus lábios vindo do Açougueiro?
Percebi que ele ainda aguardava uma resposta e tentei me concentrar em uma resposta política. Estávamos entrando em terreno perigoso, mas eu dificilmente conseguiria me esquivar dessa situação.
“Dizem muitas coisas”, comecei lentamente, buscando em seu olhar qualquer sinal de reação. “Que você deixa destruição por onde passa. Que você—” Hesitei, mas então decidi que a verdade poderia estar ali. Me serve melhor do que meias-mentiras. "Que te banhes no sangue de virgens para conservares a tua juventude."
As sobrancelhas de Valen se arquearam levemente, um misto de divertimento fervilhando sob a superfície. "E você acredita nessas histórias, esposa?"

“Acredito que muitas vezes há um fundo de verdade até mesmo nos rumores mais absurdos”, respondi com cautela. “Embora os detalhes possam ser distorcidos na narrativa.”
“Sábio”, reconheceu ele, fazendo um movimento que aproximou seus lábios do meu ouvido. “E, neste caso, totalmente correto. Prefiro o sangue dos meus inimigos ao de virgens. Ele tem mais poder, entende?”
Não consegui conter o arrepio que me percorreu ao ouvir suas palavras, proferidas com tamanha certeza e naturalidade que eu sabia, sem sombra de dúvida, que ele estava falando a verdade. Aquele homem à minha frente — rei, conquistador e agora, meu marido — era uma criatura cuja sede literal de sangue fazia estremecer minha determinação.
"Isso te assusta?", perguntou ele, lendo minha reação com uma precisão perturbadora.
"Deveria?", murmurei, encarando-o e recusando-me a deixar transparecer o quanto ele me afetava.
Algo cintilou naquelas profundezas negras… aprovação, talvez antecipação. “Sim, pardal. Você deveria me temer muito.”
A música começou a diminuir, sinalizando o fim da nossa dança, mas nenhum de nós se afastou.
“E, no entanto”, respondi suavemente, “descubro que não”.
Era mentira, claro. O medo me invadiu como água gelada, cortante e lúcido. Mas naquele instante, com o corpo dele contra o meu e os olhos buscando fraqueza em meu rosto, compreendi que demonstrar medo seria o mesmo que me render. E eu jamais me renderia completamente.
Não para este homem.
Não para este destino.
Um brilho perigoso reluziu em seus olhos, o reconhecimento de um predador diante de uma resistência inesperada. Seus dedos se apertaram. A mão dele roçava levemente minha cintura enquanto as notas finais da música flutuavam no ar entre nós, prolongando o momento além do conforto.
O aperto de Valen em mim afrouxou, seu olhar buscando o meu com uma intensidade que parecia atravessar carne e osso.
“Esses costumes mortais começaram a me entediar. Vamos nos retirar?”, perguntou ele, com a voz um sussurro aveludado no silêncio repentino.
Recuei um pouco, confusa com sua terminologia peculiar e falta de decoro. Quase me fez rir novamente. "Não acha que um discurso seria apropriado?" Hesitei, deixando meu olhar vagar para onde nossa plateia aguardava nosso próximo movimento. Os nobres de Vareth e Nocthar observavam com a respiração suspensa, ansiosos pelo desenrolar do drama dessa união.
Um traço de divertimento cruzou seu rosto. "Sim, suponho que era de se esperar", disse ele com um suspiro fingido. Seu aperto na minha mão se intensificou, puxando-me em direção ao palanque.
Ele prendeu a atenção de toda a corte ao começar a falar, sua voz cortando o tumulto com a confiança casual de um deus dirigindo-se a seus adoradores.

“Senhores e damas”, disse ele, com um tom quase preguiçoso, lançando um olhar abrangente sobre os cortesãos reunidos. “Esta noite marca o início de uma união monumental, há muito aguardada por ambos os nossos reinos.”
Houve um alvoroço na multidão ao ouvir suas palavras, um murmúrio que se espalhou como a água de um lago. Rostos se entreolharam enquanto alianças eram silenciosamente recalculadas, futuros ponderados e avaliados.
Valen prosseguiu, seu tom exigindo atenção a cada palavra. "Alguns podem ter duvidado que este dia chegaria", disse ele, fazendo uma pausa para criar suspense. "Mas a dúvida é para aqueles que não têm visão." Seu olhar percorreu o grupo, e eu pude ver a inquietação se instalando entre os varethianos. "Esta noite, provamos que o poder deve ser conquistado, não herdado. Lançamos os alicerces para uma nova ordem, uma que ecoará por toda a história."
O murmúrio aumentou, uma corrente subterrânea fervilhante de especulação e surpresa. Senti os olhos do meu pai sobre mim, um peso. Eu já havia me acostumado com isso. Valen manteve minha mão firme, quase como se desafiasse alguém a questionar sua autoridade.
“Estamos no limiar de uma nova era”, declarou Valen, e a sala voltou a ficar em silêncio. “Uma era em que Vareth e Nocthar estão unidos não pela guerra, mas pelo casamento. Pelo sangue. Um laço mais forte do que qualquer espada ou tratado.”
Ele se virou para mim, puxando-me para mais perto com uma certeza possessiva que não deixava espaço para dúvidas. "E esta aliança não teria sido possível sem a minha noiva", disse ele suavemente, embora suas palavras alcançassem facilmente todos os cantos do salão. Prendi a respiração quando seu olhar se fixou no meu com tanta intensidade. "Uma mulher que me encantou completamente."
Ele fez uma pausa, estudando minha reação, percebendo como minha respiração acelerou, como eu sabia que minhas pupilas haviam dilatado.
Em seguida, ele ergueu o copo para a multidão. "À futura rainha de Nocthar", disse ele em voz mais alta, "e ao que conquistaremos juntos."
Os nobres irromperam em aplausos, uma cacofonia de aprovação e aquiescência abafando quaisquer vozes dissidentes. Ninguém jamais havia feito um brinde em minha homenagem, e eu fiquei completamente, totalmente, desorientado com aquilo, mesmo sabendo que era o esperado.
Os lábios de Valen roçaram meus nós dos dedos num gesto de falsa galanteria antes de me conduzirem para fora do estrado. Meu coração disparou no peito. Não por medo ou relutância, mas por algo muito mais perigoso.
*Desejo .*

CAPÍTULO OITO

# A MALDIÇÃO MORTAL DO DESEJO

A pesada porta de carvalho se fechou atrás de nós com uma firmeza que me causou um arrepio na espinha.

Estávamos no limiar do quarto nupcial — meu novo marido e eu — rodeados pelo aroma de rosas brancas e velas de cera de abelha. Uma luz dourada brincava pelo quarto ricamente decorado, refletindo nas tapeçarias bordadas e projetando longas sombras nas paredes.

Valen soltou meu braço, seus olhos escuros examinando nosso santuário com a mesma precisão calculista que demonstrara durante todo o nosso banquete de casamento. Contudo, havia algo mais ali agora, algo faminto e intencional que acelerou meu pulso, apesar de tudo. eu mesmo.

Dei um passo hesitante para a frente, as granadas do meu vestido carmesim captando a luz das velas como gotas de sangue fresco. O quarto havia sido preparado com uma atenção meticulosa aos detalhes. Rosas brancas transbordavam de urnas de prata, seu perfume se misturando com o aroma do incenso. A enorme cama que dominava o centro do quarto estava coberta com sedas de um carmesim profundo e dourado, as cores de nossos reinos recém-unidos.

A coroa da minha mãe ainda pesava sobre minha cabeça, uma lembrança de tudo que eu havia trazido para essa união.

"Você aprova?", perguntou Valen, com a voz mais suave do que eu jamais ouvira. Ele passou por mim, os dedos deslizando sobre um vaso de rosas com uma delicadeza surpreendente.

Ergui uma sobrancelha, despreparada para aquela pergunta quase gentil. "É... lindo", admiti, relutante em lhe dar a satisfação de demonstrar minha total apreciação. "Embora eu me pergunte quem escolheu as rosas brancas. Uma escolha bastante incisiva para uma noite de núpcias, não acha?"

Um sorriso lento se espalhou por seu rosto, transformando suas feições severas em algo perigosamente belo. "Nem todo símbolo carrega o significado que lhe ensinaram, Princesa." Ele arrancou uma única flor branca do arranjo, girando-a entre os dedos. "Em Nocthar, o branco representa não a pureza, mas a rendição."

“Então eles escolheram mal”, respondi, erguendo o queixo em desafio. “Pois eu não abri mão de nada.”

Valen aproximou-se lentamente, a rosa ainda entre os dedos. "Não é mesmo?", perguntou, estendendo a mão e roçando as pétalas macias em minha bochecha com uma delicadeza comovente. "Você está em nosso quarto nupcial, vestindo minhas cores, ligada a mim por sangue e juramento."

O toque aveludado da flor acendeu algo no fundo do meu estômago, uma onda quente de antecipação que eu não conseguia reprimir. Eu odiava a facilidade com que ele me afetava, como meu corpo respondia à sua proximidade com uma ânsia vergonhosa. O vinho do banquete ainda pulsava em minhas veias, atenuando minha resistência. .

"Detalhes técnicos", sussurrei, minha voz me traindo com a falta de ar.

Ele deu uma risadinha, o som vibrando pelo pequeno espaço entre nós. "Que desafio, mesmo agora." Sua mão livre subiu até meu rosto, as pontas dos dedos roçando de leve minha mandíbula. "Combina com você."
Eu não esperava ternura do Rei de Sangue. Eu me preparara para a crueldade, para a dominação, para a dor, não para esse toque cuidadoso que ameaçava me destruir mais completamente do que qualquer violência poderia. Meu peito apertou de confusão, de desejo, com a terrível suspeita de que isso também era uma forma de conquista para a qual eu não estava preparada.
"Vire-se", ordenou ele suavemente, deixando os dedos tocarem meu ombro.
Obedeci, mais por curiosidade do que por obediência, dando-lhe as costas. As velas tremeluziram como se respondessem à minha respiração acelerada, projetando nossas sombras em proporções grotescas contra a parede oposta. Senti seu calor atrás de mim, seu hálito agitando as mechas de cabelo que escaparam do elaborado penteado da noite anterior.
Estremeci quando seus dedos encontraram os fechos do meu vestido, trabalhando com uma precisão deliberada e sem pressa. "Pensei que não a assustasse, princesa", observou ele, com a voz baixa e íntima.
“Sua reputação o precede”, sussurrei, lutando para manter a voz firme enquanto sentia os primeiros fechos se soltarem, o tecido pesado afrouxando ao redor dos meus ombros. “Você nunca confirmou se as outras histórias sobre o infame Açougueiro eram verdadeiras.”
“Todos são”, respondeu Valen, com os nós dos dedos roçando minha pele exposta enquanto continuava seu trabalho. “E nenhum deles. As lendas crescem como ervas daninhas, sufocando a verdade.”
O vestido afrouxou ainda mais, deslizando e revelando minha clavícula. Senti seus olhos seguirem a pele exposta com uma fome que deveria ter me aterrorizado. Em vez disso, um calor correspondente se acendeu na parte inferior do meu ventre.
Eu já havia conhecido homens antes. Todos encontros rápidos e furtivos, roubados nas sombras, momentos de libertação física que me deixavam, no fim das contas, insatisfeita, mas temporariamente distraída. Nenhum. haviam me despido com tanta paciência, tanta atenção. Ninguém jamais havia feito o ato de tirar a roupa parecer um sacramento.
“Qual é a verdade, então?”, perguntei, com a voz mais firme do que eu me sentia enquanto seus dedos continuavam sua descida calculada, soltando botão após botão.
“A verdade”, disse ele, baixando a voz, “não é tão complicada”. O último botão se soltou e meu vestido ficou aberto, preso apenas pelos meus ombros. “Sou um governante, um conquistador, e sempre tomarei o que é meu.”
Quando o último fecho cedeu, Valen retirou o vestido dos meus ombros. A seda carmesim deslizou pelo meu corpo como sangue escorrendo de uma ferida, formando uma poça aos meus pés num rico manto de tecido. Permaneci diante dele vestindo apenas minha túnica fina, a coroa de prata e sentindo o ar fresco do quarto.
“Você está tremendo”, observou ele, pousando as mãos em meus ombros nus. Seu toque era quente — anormalmente quente —, como se a febre queimasse sob sua pele.
"Está frio", sussurrei, relutante em admitir que era o toque dele, e não a temperatura, que causava os tremores que percorriam minha pele.

Seus polegares traçaram pequenos círculos contra minhas omoplatas. "Então talvez devêssemos te aquecer." Com uma delicadeza terrível, seus dedos deslizaram por baixo das alças da minha camisola, puxando-as para baixo dos meus braços. O tecido fino juntou-se ao meu vestido no chão, deixando-me nua diante dele, vulnerável de uma forma que eu nunca havia me permitido ser.

Ainda assim, ele não fez nenhum movimento para me tocar mais. Senti seu olhar como uma carícia física, percorrendo cada curva, cada sombra, cada imperfeição do meu corpo exposto. O silêncio se estendeu entre nós, tenso, carregado de intenções não ditas.

"Vire-se", ordenou ele novamente, com a voz agora mais rouca, revelando uma falha em seu autocontrole impecável.

Virei-me para encará-lo, recusando-me a cobrir-me ou a demonstrar vergonha. O Rei de Sangue estava diante de mim completamente vestido com suas vestes. Trajes de casamento suntuosos, o contraste entre nossos estados fazendo minhas bochechas arderem com algo além de constrangimento.

A dinâmica de poder sempre me fascinou, e esta — a noiva conquistada nua diante de seu rei conquistador — deveria ter me enchido de fúria. Em vez disso, me vi embriagada pela fome em seus olhos, pela maneira como seu olhar me devorava com uma apreciação descarada.

Com uma reverência que me surpreendeu, Valen estendeu a mão para a coroa que ainda adornava minha cabeça. Seus dedos trabalharam com cuidado, removendo os grampos cravejados de joias que a prendiam ao meu elaborado penteado. Um a um, os grampos se soltaram, liberando mechas escuras que caíram ao redor dos meus ombros.

“Isto”, disse ele, retirando a coroa de prata da minha cabeça com um cuidado inesperado, “é de fato um tesouro.” Ele dirigiu-se a uma pequena escrivaninha do outro lado da sala, colocando a coroa sobre ela com a delicadeza com que se exibe uma relíquia sagrada. “Não é obra de Vareth. É muito mais antiga.”

“Era da minha mãe”, eu disse sem pensar, o vinho soltando minha língua. “Um presente do meu pai.”

Os olhos de Valen se estreitaram ligeiramente. "Interessante", murmurou ele, sem insistir no assunto.

Quando ele se virou para mim, algo havia mudado em sua expressão. Ele me estudou com uma nova intensidade, como se estivesse me vendo verdadeiramente pela primeira vez. "Não tenho a falsa impressão de que você tenha permanecido intocada até agora", disse ele, com a voz casual apesar do peso de suas palavras.

A mudança repentina de assunto me pegou de surpresa. Pensei em Darius, em seu corpo pressionado contra o meu no jardim encharcado pela chuva. Na ameaça de Valen. O medo se enroscou em meu estômago ao lembrar disso, mas me recusei a demonstrá-lo.

“Que sorte a sua”, respondi simplesmente, encarando-o com fria indiferença. “Eu detestaria desapontá-lo.”

Um sorriso curvou seus lábios, transformando suas feições severas em algo quase acessível. "Oh, pelo contrário, "Esposa", murmurou ele, com a voz praticamente um ronronar de satisfação. "Estou bastante satisfeito."

Ele se aproximou de mim então, seus movimentos tão fluidos e intencionais quanto os de um predador. Preparei-me para a aspereza, para a tomada de posse que eu esperava

daquele homem, daquele rei. Em vez disso, sua mão acariciou meu queixo com uma ternura surpreendente, seu polegar traçando o contorno do meu lábio inferior.
“Você esteve com homens que buscavam prazer sem se importar com o seu”, afirmou ele, não como uma pergunta, mas como uma certeza. “Homens que a viam como um meio para um fim, e não como uma parceira no prazer.”
Não respondi nada. Minhas experiências tinham sido, em grande parte, transacionais. Momentos de conexão que serviam tanto à minha necessidade de distração e controle quanto ao desejo de alívio dos meus parceiros. Darius tinha sido atencioso, à sua maneira, mas nem ele jamais havia priorizado minha satisfação acima da sua própria.
“Seu silêncio confirma minha suspeita”, disse Valen, com o polegar ainda traçando a curva sensível do meu lábio. “Que pena para eles, terem tido um tesouro desses em suas mãos e não terem sabido apreciá-lo como deveriam.”
Suas palavras me inundaram o peito com uma onda de calor, um sentimento que imediatamente tentei reprimir. Era apenas uma tática, nada mais. Palavras bonitas para baixar minhas defesas. Eu não me deixaria manipular tão facilmente.
"E você se considera mais habilidoso?", desafiei, num tom deliberadamente desdenhoso.
O sorriso de Valen se alargou, seus olhos brilhando com algo entre divertimento e promessa. "Eu acredito, Mireille, que você merece ser adorada tão profundamente quanto foi negligenciada."
Antes que eu pudesse formular uma resposta, ele se inclinou e pressionou seus lábios contra os meus. O beijo foi surpreendente em sua delicadeza — uma exploração cuidadosa, e não uma conquista. Seus lábios se moviam contra os meus com uma lentidão prática, convidando em vez de forçar. Exigindo uma resposta. Permaneci paralisada, dividida entre a vontade de resistir por princípio e o desejo de ceder à inesperada ternura de sua abordagem.
Quando sua língua deslizou pela linha dos meus lábios, pedindo passagem em vez de forçá-la, algo dentro de mim cedeu. Abri-me para ele com um som suave que poderia ter sido rendição, poderia ter sido alívio. Seus braços me envolveram, puxando-me contra o calor sólido de seu corpo ainda vestido. O contraste de texturas — o veludo macio de seu paletó contra minha pele nua, o metal frio de seus botões pressionando minha carne — enviou um arrepio de consciência por todo o meu corpo.
Seu beijo se aprofundou gradualmente, uma intensidade que crescia lentamente até me deixar sem fôlego. Suas mãos permaneceram respeitosamente em minhas costelas, sem vagar ou agarrar, embora eu pudesse sentir a contenção em seu toque, a energia cuidadosamente controlada. Eu esperava ser devorada, ser tomada. Não esperava ser saboreada.
Quando ele finalmente interrompeu o beijo, eu tremia. Não de medo ou frio, mas de uma necessidade que nunca me permiti reconhecer. O olhar em seus olhos enquanto me encarava não era o triunfo que eu esperava, mas algo mais sombrio, mais complexo.
"Você tem um gosto mais doce do que eu mereço", murmurou ele aparentemente sem pensar, enquanto seus dedos se enroscavam em meus cabelos soltos. "Quase mais doce que a vingança."
Eu deveria ter tido uma resposta espirituosa, algum comentário mordaz para manter a armadura ao redor do meu coração. Em vez disso, me vi puxando-o de volta para mim, desfeita pela deferência que não esperava do Rei de Sangue.

O beijo se transformou como uma tempestade ganhando força. O que começara como uma exploração gentil rapidamente se aprofundou em algo mais voraz, mais desesperado. A contenção cuidadosa que ele demonstrara momentos antes se desfez, revelando vislumbres de algo mais selvagem sob sua aparência controlada. Me vi entregando-me a ele, meu corpo respondendo ao seu toque. Uma urgência crescente, acompanhada de um calor que se acumulava na parte inferior do meu abdômen e se espalhava como um incêndio florestal.

Sua língua roçou a minha com crescente intensidade, não mais pedindo, mas reivindicando. Eu correspondi ao seu fervor, minhas mãos deslizando para cima para agarrar seus ombros, sentindo a força contida sob o tecido fino de seu traje de casamento. Ele tinha gosto de vinho e de algo mais sombrio, algo que enviou uma onda de excitação proibida percorrendo minhas veias.

A mão de Valen abandonou sua posição respeitosa em minhas costelas, descendo até a curva da minha coluna e pressionando-me contra ele com uma intenção inconfundível. Seu calor queimava através das camadas de tecido, os contornos firmes de seu peito e a evidência rígida de sua excitação pressionando insistentemente contra meu estômago.

“Você é tão linda”, ele murmurou contra meus lábios, sua voz um rosnado baixo que vibrou em mim. “Exquisita.”

Eu queria manter alguma aparência de resistência, precisava, mas meu corpo traiçoeiro se arqueou em direção a ele por conta própria, buscando mais contato, mais pressão, mais de tudo que ele oferecia. Um pequeno som escapou de mim — meio suspiro, meio gemido — quando sua mão deslizou para baixo, envolvendo minhas nádegas nuas, os dedos cravando-se na carne com uma fome possessiva.

Num movimento fluido, Valen me ergueu contra si. Instintivamente, minhas pernas se enrolaram em sua cintura, meus tornozelos se entrelaçando atrás de suas costas. A nova posição me pressionou com mais firmeza contra ele, sentindo sua própria excitação contra a minha, arrancando outro som indecente da minha garganta.

"Segure firme", ordenou ele, seus olhos agora poços escuros de desejo, qualquer pretensão de indiferença há muito abandonada.

Eu me agarrei a ele enquanto me carregava em direção à enorme cama que dominava o quarto, meus braços em volta de seu pescoço, meu rosto enterrado em sua garganta. Eu podia sentir seu pulso martelando sob meus lábios, o ritmo acelerado traindo que sua fachada calma era apenas isso — uma fachada. Saber que ele me desejava com a mesma intensidade era inebriante, uma sensação inebriante. um poder que me deu a ousadia de pressionar um beijo de boca aberta na junção de seu pescoço e ombro.

Em resposta, seu aperto se intensificou, um sibilo quase inaudível escapando por entre os dentes cerrados. "Jogo perigoso, esposa", avisou ele, embora houvesse uma nota de apreciação em sua voz.

A cama se erguia diante de nós, seus tecidos de seda cor de marfim reluzindo à luz de velas. Com uma delicadeza surpreendente, Valen me deitou no centro dela, meus cabelos escuros se espalhando pelo tecido suntuoso como tinta. Ele se afastou, os olhos percorrendo meu corpo nu com um desejo incontido.

Eu deveria ter me sentido vulnerável, exposta sob seu olhar predatório. Em vez disso, me senti poderosa. Desejada. Me estiquei deliberadamente, arqueando levemente as costas, observando seus olhos acompanharem o movimento com atenção absorta.

"Você vai apenas ficar me olhando?", desafiei, com a voz mais rouca do que pretendia. "Ou pretende fazer alguma coisa comigo, agora que me tem?"
Um brilho perigoso reluziu em seus olhos. "Impacientes, não é?" Ele apoiou um joelho na cama, o colchão cedendo sob seu peso. "Coisas boas vêm para aqueles que esperam, Mireille."
Que os deuses me ajudem, o som do meu nome em seus lábios despertou em mim uma necessidade que superou qualquer pensamento. Eu o queria. Queria este rei, este conquistador, este homem que me reivindicara como prêmio político. A constatação deveria ter me horrorizado, deveria ter me lembrado de tudo que eu tinha a perder ao me render a ele. Em vez disso, libertou a selvageria dentro de mim. Libertou a fome que correspondia à dele — um desejo puro, sem mácula de política ou orgulho.
Valen deitou-se na cama, posicionando-se sobre mim sem me tocar. Seus joelhos se acomodaram de cada lado dos meus quadris, suas mãos apoiadas ao lado dos meus ombros. Com uma lentidão deliberada, ele se abaixou até que nossos rostos estivessem a centímetros de distância, sua respiração quente contra meus lábios.
“Diga-me o que você quer”, ele exigiu suavemente. .
"Você", sussurrei, a confissão arrancada de mim antes que eu pudesse considerar suas implicações. "Eu quero você."
Um sorriso lento se espalhou pelo seu rosto, triunfante, mas também agradecido. "E assim você me terá." Ele se moveu, afastando minhas coxas com os joelhos, a repentina dominância do gesto arrancando um suspiro entrecortado dos meus lábios.
O som pareceu agradá-lo, uma risada rouca e grave ecoando de seu peito enquanto ele se acomodava entre minhas pernas abertas. O tecido de suas calças roçava na pele sensível da parte interna das minhas coxas, a fricção ao mesmo tempo irritante e insuficiente. Estendi a mão para os cadarços de seu traje formal, os dedos tateando com uma desajeitada desajeitada, algo incomum para mim.
“Você ainda está vestida”, reclamei, puxando os fechos intrincados.
Valen segurou meus pulsos com uma de suas grandes mãos, prendendo-os delicadamente, mas com firmeza, acima da minha cabeça. "Paciência", advertiu ele, a palavra soando como uma ordem suave. "Não há pressa, Mireille."
"Não sou uma mulher paciente", retruquei, me contorcendo sob ele numa tentativa fútil de criar o atrito que meu corpo tanto desejava.
Seu sorriso se aprofundou, transformando-se em algo lupino. "Não, imagino que não." Ele baixou a cabeça, seus lábios roçando a concha sensível da minha orelha. "Mas esta noite, você aprenderá a ter paciência. Esta noite, você aprenderá o que significa ser devidamente adorada."
Antes que eu pudesse responder, sua boca se moveu para minha garganta, os dentes roçando a pele sensível onde meu pulso acelerava. Instintivamente, inclinei a cabeça, oferecendo melhor acesso, o que arrancou dele mais uma daquelas risadas de aprovação. Sua mão livre traçou padrões preguiçosos pelo centro do meu corpo, as pontas dos dedos deslizando suavemente sobre a curva do meu seio, a curva da minha cintura, a saliência do meu quadril.
“Você é de tirar o fôlego”, ele murmurou contra minha clavícula, sua respiração quente contra minha pele. “Cada centímetro seu merece atenção.” ”

Fiel à sua palavra, Valen começou a explorar meu corpo lentamente, sua boca seguindo o caminho que seus dedos haviam trilhado. Ele soltou meus pulsos, mas a ordem tácita para mantê-los acima da minha cabeça permaneceu. Obedeci, não por submissão, mas por curiosidade — o que esse homem, esse rei temido por todo o reino, faria se tivesse livre acesso ao meu corpo?

Seus lábios se fecharam em torno do meu mamilo, arrancando um suspiro agudo de mim quando o prazer me atingiu em cheio. Sua língua circulou a ponta sensível, alternando entre toques suaves e pressão mais firme até que eu me arqueasse sob ele, buscando mais contato. Quando ele introduziu os dentes, roçando o botão endurecido com pressão suficiente para quase causar dor, quase me desmanchei em êxtase, um gemido entrecortado escapando dos meus lábios.

“Tão receptivo”, elogiou ele, passando a dedicar a mesma atenção ao meu outro seio. “Tão perfeitamente feito para o prazer.”

Eu me contorcia sob ele, dividida entre o constrangimento pela resposta ansiosa do meu corpo e uma necessidade desesperada de mais. Nenhum amante jamais havia dedicado tanto tempo a mim, jamais parecera extrair tanta satisfação do meu prazer em vez do próprio. Era desconcertante, essa atenção singular voltada para o meu deleite.

Valen continuou sua jornada descendente, lábios, língua e, ocasionalmente, dentes traçando um caminho pelas minhas costelas, a superfície macia do meu estômago, a saliência dos meus ossos do quadril. Cada toque era deliberado, cada beijo aplicado com atenção cuidadosa às minhas reações. Quando alcançou o ápice das minhas coxas, parou, sua respiração quente contra a minha pele mais íntima.

Apoiei-me nos cotovelos, olhando para ele com uma mistura de expectativa e incerteza. Nossos olhares se encontraram, escuros de desejo, mas também questionadores — buscando permissão apesar de sua dominância anterior.

A contradição me confundia. Aquele homem havia me reivindicado como propriedade, ameaçado de morte qualquer um que me tocasse, falado de posse com uma certeza casual. E, no entanto, ali estava ele, parado naquele limiar, aguardando minha concordância. .

"Por favor", sussurrei, a palavra estranha em minha língua. Nunca havia implorado por nada na vida, sempre me orgulhei de manter o controle até nos momentos mais íntimos. Mas agora, com esse homem que eu tinha todos os motivos para odiar, me vi suplicando.

Um olhar de satisfação selvagem cruzou seu rosto. Ele baixou a cabeça, mantendo contato visual até o último instante possível antes de sua boca tocar meu centro. O primeiro toque de sua língua arrancou um gemido abafado dos meus lábios, o prazer tão intenso que beirava a dor. Minha cabeça caiu para trás, meus olhos se fecharam com força enquanto a sensação me dominava.

Valen me explorou com a mesma atenção minuciosa que dedicara ao resto do meu corpo, alternando entre toques amplos e foco no feixe de nervos que enviava faíscas por todo o meu corpo. Suas mãos apertavam minhas coxas, mantendo-me aberta para suas carícias, os polegares ocasionalmente acariciando a pele sensível em contraponto aos movimentos de sua língua.

Eu me perdi no prazer que ele me proporcionava, todos os pensamentos de resistência, de orgulho, de manobras políticas, lavados por ondas crescentes de êxtase. Meus

punhos se fecharam nos lençóis de cetim, minhas costas arqueando para fora da cama enquanto ele me levava cada vez mais perto do clímax.
Quando ele deslizou um dedo dentro de mim, curvando-o para acariciar um ponto que me fazia ver estrelas, eu me despedacei. Meu clímax me atingiu com uma força inesperada, um grito arrancado da minha garganta que poderia ter sido o nome dele, poderia ter sido uma oração, poderia ter sido apenas puro som. Meu corpo se contraiu ao redor do seu dedo, as paredes internas se apertando em pulsações rítmicas enquanto o prazer irradiava do meu âmago.
Mesmo quando as primeiras ondas de prazer começaram a diminuir, Valen não desistiu. Sua língua continuou a me estimular, levando-me cada vez mais alto quando eu achava que não conseguiria ir mais longe. Um segundo dedo juntou-se ao primeiro, me dilatando deliciosamente enquanto ele estabelecia um ritmo que combinava com os movimentos de sua língua. .
“Valen”, eu ofeguei, minha voz irreconhecível até para meus próprios ouvidos, rouca de prazer e algo parecido com pânico. “É demais—eu não consigo—“
Ele zumbia contra mim, a vibração enviando uma nova onda de sensações através da minha pele hipersensível. Eu estava presa entre o êxtase e a loucura, um prazer tão intenso que beirava a dor, mas não conseguia pedir que ele parasse. Meu corpo tremia, pairando à beira de algo maior, algo mais devastador do que a libertação que eu acabara de experimentar.
Quando o segundo clímax chegou, foi como uma onda gigante. Gritei, meu corpo inteiro se tensionando e tremendo enquanto o prazer me invadia com uma intensidade brutal. Lágrimas escorreram dos cantos dos meus olhos, a sensação era avassaladora demais para conter.
Mesmo assim, Valen continuou, prolongando meu prazer até que eu me tornasse um amontoado trêmulo e incoerente sob ele. Só quando minhas mãos o empurraram fracamente pelos ombros, meu corpo sensível demais para suportar mais, ele finalmente cedeu.
Ele se levantou de joelhos, limpando a boca com o polegar num gesto que deveria ter sido grosseiro, mas que, de alguma forma, conseguiu ser insuportavelmente erótico. Seus olhos brilhavam de satisfação ao me observar no meu estado deplorável — cabelos emaranhados nos travesseiros, pele corada e úmida de suor, peito arfando com respirações irregulares.
"Valen", eu sussurrei, sem me importar com o quão desesperada minha voz soasse. "Por favor. Eu quero você dentro de mim."
Seu sorriso era pura satisfação predatória, um conquistador contemplando um território já reivindicado. "Como você implora graciosamente", disse ele, com triunfo evidente em seu tom, mas havia algo mais ali também — genuína apreciação, talvez até um toque de reverência.
Senti minhas bochechas corarem intensamente com suas palavras, mas não desviei o olhar. Em vez disso, imediatamente o abracei com renovada urgência, minhas mãos agarrando seus ombros, seu peito, qualquer lugar que eu pudesse tocar. A necessidade que me invadia era Diferente de tudo que eu já havia experimentado, cru e exigente, obliterando qualquer pensamento ou reserva.

Eu o desejava com um desespero que me fazia deixar o desejo dissipar a diplomacia, a cautela e os muros cuidadosamente construídos ao redor do meu coração.
“Roupa demais”, murmurei, puxando sua túnica fina com uma impaciência que beirava o frenesi. A peça era uma obra-prima, repleta de fechos intrincados e bordados delicados. Agora não passava de um obstáculo, uma barreira entre peles que eu precisava tocar, pressionar, reivindicar.
A risada baixa de Valen vibrou contra meus dedos enquanto eu me atrapalhava com os fechos complicados. "Permita-me", disse ele, com a voz rouca, misturando diversão e desejo. Ele se sentou sobre os calcanhares, minhas coxas o envolvendo enquanto seus dedos desatavam rapidamente os fechos com os quais eu havia lutado.
Observei, hipnotizado, enquanto ele se despia. A túnica veio primeiro, puxada sobre a cabeça num movimento fluido e jogada de lado com um desdém casual. Por baixo dela, seu torso era um estudo de perfeição. Ombros largos afinando-se numa cintura estreita, músculos definidos sem serem excessivos, pele da cor de âmbar aquecido pelo sol.
Meus dedos coçavam para traçar sua pele, para mapear a topografia que moldara aquele homem. Em vez disso, concentrei-me na barreira que ainda nos separava — suas calças, ainda frustrantemente intactas. Como se lesse meus pensamentos, Valen moveu-se para ficar na beira da cama, suas mãos habilmente desfazendo os cadarços na altura dos quadris.
“Que impaciência”, observou ele novamente, embora seus próprios movimentos demonstrassem igual urgência.
As calças juntaram-se à túnica jogada no chão, e Valen estava diante de mim em magnífica nudez. Prendi a respiração ao vê-lo completamente exposto. Ele era belo da maneira como as coisas aterrorizantes costumam ser — pura força contida e graça letal. Sua ereção se destacava contra seu abdômen liso, impressionante tanto em comprimento quanto em grossura. .
Sentei-me, incapaz de resistir à vontade de tocar, de provar. Minha mão o alcançou, os dedos envolvendo seu membro com uma delicadeza exploratória. Um sibilo escapou de seus dentes cerrados, seus músculos se tensionando ao meu toque.
Encorajada, passei a mão por todo o seu comprimento, meus olhos se arregalando em surpresa ao sentir três pequenos brincos metálicos cravejados na parte inferior da haste. Fiquei imóvel, momentaneamente atônita. Ao contorná-los com a ponta dos dedos, a compreensão surgiu: piercings, cada um ligeiramente maior que o anterior, colocados com precisão deliberada.
"Já está com medo, Pardal?" perguntou Valen, com a voz num tom de divertimento sombrio.
Um sorriso selvagem e imprudente curvou meus lábios quando nossos olhares se encontraram, algo ousado pulsando dentro de mim. Sem desviar o olhar, inclinei-me para a frente, deslizando minha língua lentamente para cima ao longo de seu piercing, sentindo cada piercing por sua vez — o metal frio contra a superfície da minha língua. No último piercing, fiz uma pausa, circulando o pino deliberadamente antes de tocá-lo com a ponta da língua.
O corpo inteiro de Valen enrijeceu, um som estrangulado escapando de seus lábios quando sua mão disparou para a minha nuca, os dedos se enroscando em meu cabelo.

Não puxando, não empurrando, apenas se ancorando como se meu toque ameaçasse desestabilizá-lo.
"Jogo perigoso", rosnou ele, as palavras repetidas anteriormente agora soando tensas como se forçadas a sair por entre os dentes cerrados. Sua outra mão apertou o pênis, pressionando-o contra meu queixo num pedido silencioso por mais.
Meu sorriso se alargou, hesitei antes de ceder, levando sua cabeça à minha boca, minha língua traçando a crista onde o piercing encontrava a pele.
Sua mão soltou meu cabelo, segurando meu queixo e me impedindo de ir mais longe. "Chega", disse ele, com a voz tensa enquanto se afastava. "Haverá tempo para todo tipo de brincadeira, mas agora, preciso estar dentro de você." ”
A honestidade crua em sua voz enviou uma nova onda de calor por todo o meu corpo. "Sim", sussurrei, a palavra sendo ao mesmo tempo concordância e súplica.
Os olhos de Valen ardiam com algo além da mera luxúria quando ele se juntou a mim na cama, posicionando-se entre minhas pernas com intenção deliberada. Suas mãos deslizaram por baixo dos meus quadris, ajustando levemente minha posição. Sua cabeça pressionou minha entrada, quente e insistente, mas ele hesitou, seu olhar encontrando o meu.
Naquele momento de suspensão, vi algo inesperado em sua expressão — não apenas fome ou triunfo, mas uma emoção mais profunda que não consegui definir. Algo quase reverencial, como se aquele ato fosse mais do que mera consumação, mais do que a selagem de um laço político.
“Mireille”, ele sussurrou, meu nome como uma prece em seus lábios enquanto começava a avançar.
Ele penetrou em mim com uma lentidão excruciante, seus olhos nunca se desviando dos meus enquanto observava cada expressão em meu rosto. A sensação de alongamento e ardência da acomodação rapidamente se dissipou, dando lugar ao prazer à medida que eu sentia cada penetração junto com a dele.
Soltei um suspiro, minhas costas arqueando enquanto ele me preenchia mais completamente do que qualquer outro homem jamais fizera, meu corpo cedendo ao dele de uma forma que parecia inevitável, como se tivéssemos sido feitos para aquele exato momento.
Quando ele estava completamente dentro de mim, Valen fez uma pausa, dando-me tempo para me acostumar com seu tamanho considerável. Sua respiração estava ofegante, seus músculos tremendo pelo esforço de contenção. Gotas de suor se acumulavam em sua testa, evidência do controle que ele exercia para não se impulsionar para frente.
"Perfeito", murmurou ele, levando uma das mãos ao meu rosto com uma ternura surpreendente. "Você se sente perfeito perto de mim, como se tivesse nascido para isso — para mim."
O tom possessivo em sua voz deveria ter provocado resistência, deveria ter me lembrado de todos os motivos para me proteger daquele homem. Em vez disso, provocou uma onda de prazer. Por meio de mim, uma satisfação sombria por ser tão completamente reivindicada, tão totalmente desejada.
Ele começou a se mover então, recuando quase completamente antes de deslizar de volta com uma lentidão intencional. Cada investida era medida, controlada. Era o ato

sexual em sua forma mais pura — atencioso, receptivo, focado no prazer mútuo em vez da satisfação egoísta.
Mas não foi suficiente. A consideração cuidadosa, o ritmo suave — tudo isso só alimentava o fogo dentro de mim, em vez de o satisfazer. Eu não queria fazer amor. Eu queria mais, precisava da selvageria que vislumbrara sob sua fachada controlada.
"Mais forte", ordenei, minhas unhas cravando em suas costas, incitando-o a se aproximar, a penetrar mais fundo. "Eu não vou ceder, Valen."
Surpresa, ou talvez admiração pela minha ousadia, brilhou em seus olhos. "Tem certeza disso?", perguntou ele, com a voz rouca de desejo contido.
"Não quero sua delicadeza", respondi, elevando meus quadris para penetrá-lo mais fundo, arrancando um gemido de sua garganta. "Foda-me, marido."
As palavras grosseiras, tão em desacordo com a minha educação real, pareceram romper o último fio de seu controle. Um som meio rosnado, meio gemido, ressoou de seu peito enquanto seus movimentos mudavam repentinamente, tornando-se mais vigorosos, mais primitivos. Suas mãos agarraram meus quadris com uma intensidade brutal, mantendo-me no lugar enquanto ele me penetrava com uma urgência renovada.
“É isso que você quer?”, ele perguntou, enfatizando a pergunta com uma estocada particularmente profunda que me fez engasgar. “Ser reivindicada? Completamente?”
"Sim", gemi, minha cabeça caindo para trás nos travesseiros enquanto o prazer crescia dentro de mim, se intensificando a cada estocada poderosa. "Deuses, sim."
Valen parou de repente dentro de mim, interrompendo o movimento como se tivesse sido atingido por uma força sobrenatural. A brusquidão arrancou um grito entrecortado dos meus lábios — um protesto contra essa súbita perda de sensação. Parecia que o mundo tinha parado de girar, suspenso num equilíbrio precário. .
Ele se inclinou para mais perto, sua respiração roçando meu pescoço enquanto pressionava a mão livre contra minha garganta com força suficiente para me fazer prender o ar nos pulmões. Havia uma excitação inegável em seu toque. Uma lembrança sombria de quem detinha o domínio naquele momento.
“Não invoque outros deuses enquanto eu estiver dentro de você”, murmurou ele, com a voz baixa e imponente, causando um arrepio na minha espinha. “Você entendeu?”
Assenti instintivamente, percebendo que não se tratava de um pedido trivial, mas de uma exigência destinada a nos unir ainda mais. Mesmo assim, eu teria feito qualquer coisa que ele quisesse naquele momento, e dizer-lhe que não invocaria os deuses enquanto ele estivesse dentro de mim foi fácil.
Seu polegar roçou a linha do meu pescoço antes de apertar levemente, o suficiente para me lembrar do poder que ele exercia sobre nossa conexão. "Diga-me quem você quer que te foda", insistiu ele, seu olhar fixo no meu com uma intensidade que enviou outra onda de calor através do meu corpo.
"Você", sussurrei, com a voz trêmula, misturando incerteza e desejo.
Ele sustentou meu olhar, a intensidade de seus olhos escuros se aprofundando enquanto se inclinava para mais perto, sua respiração roçando minha pele. "Bom. Lembre-se disso." Com um rosnado, ele retomou o ritmo, penetrando-me profundamente com uma ferocidade que me roubou o fôlego e enviou ondas de prazer que percorreram meu corpo.

"Agora você é minha", rosnou Valen, com a voz mais grave e rouca do que eu jamais ouvira. "Diga, Mireille. Diga-me quem é o seu dono."
Em qualquer outra circunstância, tal exigência teria provocado uma resistência furiosa. Mas ali, envolvido em um êxtase de prazer tão intenso que beirava a transcendência, me vi respondendo sem hesitar.
"Você me pertence", eu ofeguei, a confissão arrancada de mim quando suas estocadas atingiram algo profundo dentro de mim, enviando orbes de luz que explodiram atrás das minhas pálpebras. "Eu sou sua, Valen." ”
Sua resposta foi imediata e visceral — um som de pura satisfação enquanto seus movimentos se tornavam ainda mais intensos, mais exigentes. Uma mão deslizou do meu quadril até a junção das minhas coxas, os dedos encontrando os nervos sensíveis que já me haviam levado ao clímax duas vezes naquela noite.
Tudo aquilo, a estimulação implacável de seus dedos e o ângulo profundo e perfeito de suas estocadas, me levou ao ápice mais uma vez. Meu orgasmo me atingiu com uma força devastadora, as paredes internas se contraindo ao redor dele enquanto o prazer irradiava do meu âmago.
“Isso mesmo”, ele incentivou, a voz rouca de aprovação enquanto continuava a se mover dentro de mim, prolongando meu orgasmo. “Deixe ir, Mireille.”
Em meio à névoa do meu próprio prazer, senti-o inchar ainda mais dentro de mim, seu ritmo vacilando à medida que sua própria ejaculação se aproximava. Suas mãos agarraram meus quadris mais uma vez, segurando-me com firmeza enquanto suas estocadas se tornavam erráticas e poderosas.
"Olhe para mim", ordenou ele, com a voz tensa pela iminência do clímax. "Quero ver seus olhos quando eu entrar em você."
Forcei minhas pálpebras pesadas a se abrirem, encontrando seu olhar através do brilho residual do meu próprio clímax. O que vi ali fez um arrepio percorrer minhas veias. Seus olhos haviam escurecido ainda mais, as íris agora circundadas por um inconfundível brilho carmesim. Em vez de me assustar, parecia quase... certo. Natural para essa criatura conquistadora que me reivindicava tão completamente.
Com uma estocada final e poderosa, Valen encontrou seu clímax, jorrando quente e profundamente dentro de mim enquanto um gemido escapava de sua garganta. O som era quase raivoso, quase doloroso, como se o prazer fosse intenso demais para suportar. Seu rosto naquele momento de entrega absoluta era inesquecível, cheio de ângulos agudos e emoção crua, desprovido das máscaras cuidadosas que normalmente usava, embora seus olhos tivessem retornado à sua habitual cor de meia-noite — o carmesim, um truque da luz de velas.
Por alguns instantes, permanecemos unidos, corpos entrelaçados, a respiração se misturando no escasso espaço entre nós. rostos. Sua expressão mudou então, o triunfo dando lugar a algo mais vulnerável do que eu imaginava que ele fosse capaz de ser.
Seus polegares roçaram suavemente minhas maçãs do rosto. "Você é extraordinária", murmurou ele, as palavras simples, mas carregadas de uma sinceridade que me pegou de surpresa.
Eu não sabia como reagir, não sabia o que pensar daquele homem que conseguia transitar de conquistador implacável a amante terno com tanta facilidade. Os cálculos

políticos que haviam norteado minhas interações com ele pareciam agora distantes, irrelevantes diante da conexão genuína que havíamos criado.
Em vez de falar, levantei ligeiramente a cabeça, pressionando meus lábios contra os dele num beijo que não continha nem submissão nem desafio — simplesmente o reconhecimento de algo profundo que havia acontecido entre nós. Ele retribuiu o beijo com igual simplicidade, suas mãos acariciando meu rosto como se eu fosse algo precioso, algo a ser amado em vez de possuído.
Quando ele finalmente se afastou de mim, a sensação me deixou estranhamente desamparada, como se alguma conexão essencial tivesse sido rompida. Ele se virou para deitar ao meu lado, um braço em volta da minha cintura, num gesto casual. Nenhum de nós disse nada, o silêncio preenchido pelo som de nossas respirações que iam se acalmando aos poucos e pelo estalo ocasional das velas que ainda queimavam ao nosso redor.



No rescaldo, ficamos entrelaçados, o peso de Valen um estranho conforto me pressionando contra os lençóis. Meu corpo vibrava com uma satisfação que eu nunca havia conhecido antes, uma plenitude que jamais experimentara nos abraços ansiosos, porém inexperientes, de outros. Em vez de me desembaraçar e vestir minha máscara habitual de princesa distante, mergulhei na estranha paz do momento, a mente felizmente livre de cálculos e defesas. que havia regido todas as minhas interações desde que me lembro.
Seu braço ainda me envolvia pela cintura, mantendo-me perto como se temesse que eu tentasse escapar. O pensamento quase me fez rir. Para onde eu iria, nua e completamente comprometida, em um palácio repleto de testemunhas da nossa união? Mais surpreendente foi perceber que a fuga era a última coisa que me passava pela cabeça.
Seus dedos traçavam padrões ociosos na minha pele, seguindo a curva do meu quadril, a curva da minha cintura, o contorno da minha omoplata. O toque era possessivo, mas estranhamente terno, como se gravasse minha forma na memória apenas pelo tato. Eu me perguntava se ele sempre seria tão atencioso depois disso, ou se havia algo de especial em mim que inspirava tanta concentração.
"Você está pensando muito alto", murmurou ele, sua voz um murmúrio baixo contra meu ouvido. "Eu praticamente consigo ouvir as engrenagens girando nessa sua mente fascinante."
Me movi um pouco, apoiando-me em um cotovelo para olhá-lo. Após o êxtase da paixão, suas feições pareciam mais suaves, os traços cortantes do temível Açougueiro atenuados pela satisfação. Uma fina camada de suor ainda se agarrava à sua pele, fazendo-a brilhar à luz de velas como cobre polido.
“Talvez eu esteja compondo poemas sobre sua proeza”, sugeri, num tom deliberadamente leve. “Odes às habilidades lendárias do Rei de Nocthar.”
Um sorriso curvou seus lábios, transformando seu rosto em algo de uma beleza comovente. "E o que proclamaria tal ode, eu me pergunto?"
“Que os rumores sobre suas... habilidades... são enormemente subestimados.”

Seu riso foi inesperado — um som genuíno de divertimento, em vez da risada calculada que eu ouvira antes. Aquele riso o transformou, o fez parecer mais jovem, mais humano. Por um breve instante, vislumbrei o homem por trás dos rumores, o homem por trás da coroa. .

“Descanse agora”, disse ele, embora a palavra fosse claramente uma ordem, e não uma sugestão. Sua mão deslizou suavemente pela minha lateral num gesto que era ao mesmo tempo reconfortante e sutilmente controlador. “Nosso casamento é recente, e eu estou longe de terminar com você.”

A lembrança da nossa iminente partida para Nocthar provocou um arrepio momentâneo no aconchego do momento. Amanhã eu deixaria Vareth para trás. Deixaria Lysa, deixaria Isolda, deixaria tudo o que me era familiar para entrar em um reino conhecido por seu derramamento de sangue e trevas. O pensamento deveria ter me enchido de pavor, mas, de alguma forma, deitada ao lado deste homem que me demonstrara tanto uma dominância implacável quanto uma ternura inesperada, a perspectiva parecia menos aterradora do que antes.

Recostei-me nele, com a cabeça apoiada em seu peito, onde podia ouvir o ritmo constante de seu coração. O som era hipnótico, embalando-me numa sonolência que parecia estranha depois das últimas noites de ansiedade e inquietação. Qualquer que fosse o feitiço que ele lançara sobre mim, era poderoso o suficiente para acalmar até mesmo a tempestade de incerteza sobre o meu futuro.

Contudo, mesmo com as pálpebras pesadas, percebi algo mais: a sensação inconfundível dele se cravando novamente contra meu quadril. A evidência de seu desejo renovado enviou uma nova onda de calor por todo o meu corpo, dissipando os primeiros vestígios de sono.

Sem que eu percebesse, minha mão deslizou pela sua barriga, os dedos roçando as saliências musculares até encontrarem os sinais crescentes de sua excitação. Envolvi-o com a mão, sentindo-o estremecer em resposta ao meu toque.

“Pensei que você estivesse cansado”, observou Valen, embora não houvesse objeção em seu tom, apenas um interesse acalorado.

“Sinto-me estranhamente revitalizada”, respondi, meus dedos iniciando uma exploração lenta e deliberada. Tracei seu comprimento, aprendendo a textura aveludada sobre a dureza do aço, a Uma leve crista ao redor da cabeça, os três pregos que perfuravam sua pele, a pulsação do sangue sob a ponta dos meus dedos.

Ele prendeu a respiração quando meu polegar circulou a ponta sensível, coletando a umidade ali para facilitar meus movimentos enquanto eu começava a acariciá-lo com mais intensidade. Uma onda de poder me invadiu com sua reação. Eu sempre senti uma certa satisfação em levar os homens ao clímax com meu toque, mas isso era diferente. Mais profundo. De alguma forma, mais significativo.

Observei seu rosto enquanto continuava minhas carícias, meu toque suave e preguiçoso. Seus olhos escureceram para obsidiana, as pupilas dilatadas de desejo. Seus lábios se entreabriram, a respiração ofegante escapando em ritmo com os movimentos da minha mão. Os músculos de sua mandíbula se tensionaram enquanto ele lutava para manter algum controle, a batalha evidente na tensão de sua mandíbula.

"Mulher gananciosa", ele rosnou, embora o sorriso irônico que acompanhava as palavras me dissesse que ele não estava desagradado com a minha iniciativa.

Um sorriso surgiu em meus lábios enquanto eu o empurrava para trás, ficando de quatro sobre suas coxas, numa inversão repentina de nossas posições anteriores. Ele permitiu, suas mãos repousando em meus quadris, mas sem fazer qualquer movimento para reafirmar o controle. O gesto dizia tudo. Ele estava permitindo minha dominância, não se submetendo a ela. A distinção era crucial, um lembrete de que qualquer poder que eu exercesse era concedido, e não tomado.

Mas mesmo esse controle limitado era inebriante. Eu pairava sobre ele, meus cabelos caindo ao nosso redor como uma cortina de escuridão, criando um mundo particular dentro do espaço já íntimo do nosso quarto. Minha mão ainda se movia entre nós, guiando-o até a minha entrada, posicionando-o no limiar do meu corpo.

"Pegue o que quiser", ordenou ele, a voz rouca de desejo, mas os olhos penetrantes de consciência. Mesmo agora, cedendo o controle físico, ele mantinha o domínio da situação por meio de seu tom autoritário.

Sentei-me sobre ele com a mesma lentidão deliberada que ele havia demonstrado, saboreando o espaço, o A forma como meu corpo se entregou à sua invasão. Um suspiro escapou de mim quando ele me preencheu completamente, o ângulo permitindo que ele atingisse profundezas que enviaram ondas de prazer percorrendo minha espinha.

As mãos de Valen apertaram meus quadris, incitando-me a me mover, mas resisti à ordem silenciosa. Aquele era o meu momento de controle, e eu pretendia saboreá-lo. Girei meus quadris em um círculo lânguido, sentindo cada toque penetrante em mim, seus olhos ameaçando revirar com a sensação. Sentia-me embriagada por esse poder, sabendo que poderia reduzir aquele homem temível a um prazer silencioso apenas com os movimentos do meu corpo.

Estabeleci um ritmo propositalmente, tortuosamente lento — subindo até que apenas a ponta dele permanecesse dentro de mim, antes de descer novamente com uma paciência excruciante. Seus dedos cravavam-se na minha carne, não exatamente dolorosos, mas certamente insistentes, exigindo silenciosamente mais velocidade, mais fricção, mais de tudo.

“Paciência”, repeti sua advertência anterior, um pequeno sorriso brincando em meus lábios enquanto continuava meu ritmo tranquilo. “Não há pressa, lembra?”

Um rosnado ressoou de seu peito, seus quadris se erguendo num movimento para aumentar o ritmo. Pressionei as palmas das mãos contra seu peito, usando a alavanca para manter o ritmo escolhido. Seus olhos se estreitaram diante do desafio, uma faísca perigosa se acendendo em suas profundezas, enviando uma onda de medo e excitação por todo o meu corpo. Eu estava brincando com fogo, provocando um predador, e o risco só intensificava minha excitação.

Inclinei-me para a frente, meus seios roçando em seu peito enquanto aproximava meus lábios de sua orelha. "Você achou que eu seria tão fácil de domar, Açougueiro?", sussurrei, mordiscando seu brinco com a pressão exata que eu sabia que beirava a dor.

Sua resposta foi imediata, seus braços me envolvendo, me mantendo no lugar enquanto seus quadris se moviam para cima com uma intensidade renovada. A mudança repentina de força arrancou um suspiro da minha garganta, um prazer agudo e inesperado.

Envolvemo-nos numa batalha silenciosa pela dominância, cada um tentando tomar o controle do outro através da linguagem. de nossos corpos. Acompanhei seu ritmo acelerado com meus próprios movimentos, recusando-me a ceder completamente à sua liderança. Nossas respirações se misturavam, irregulares e pesadas no ar quente entre nós. O suor umedecia nossa pele, diminuindo o atrito enquanto nos movíamos juntos com crescente urgência.

O quarto se encheu com os sons da nossa união — carne contra carne, o farfalhar dos lençóis de cetim sob nós, o rangido ocasional da estrutura da cama protestando contra o nosso vigor. O mundo exterior perdeu a importância, todas as preocupações do reino e da corte eclipsadas pela realidade imediata e avassaladora dos nossos corpos unidos.

Eu me aproximava do precipício mais uma vez, o prazer crescendo em espirais cada vez mais apertadas em meu âmago, quando um som rasgou a noite — um grito agudo e aterrorizado, cortando a névoa quente de nossa paixão como uma lâmina de gelo.

Enrijeci-me, meus movimentos diminuindo à medida que o grito reverberava pelas paredes de pedra do palácio. Vinha de algum lugar não muito distante. Talvez do corredor externo, ou de uma câmara adjacente. O som era inconfundivelmente de terror, não de prazer, o tipo de grito que surge apenas do medo verdadeiro.

"O que foi isso—" comecei, meu corpo parando sobre o dele.

“Shhh”, ele murmurou contra minha garganta, seus dentes roçando minha pele. “Não ligue para isso.”

Outro grito ecoou, mais perto desta vez, seguido pelo som inconfundível de passos correndo no corredor além do nosso quarto. Minhas mãos, que momentos antes se agarravam aos ombros de Valen com paixão, agora pressionavam seu peito em protesto urgente.

“Espere”, insisti, virando a cabeça em direção à porta. “Há algo errado.”

Sua resposta foi segurar meu rosto entre as mãos, forçando meu olhar de volta para o dele. À luz trêmula das velas, seus olhos brilhavam com um prazer profano que deveria ter feito... Parei por um instante. Em vez disso, senti um calor intenso percorrer meu corpo, uma traição aos meus melhores instintos.

“Sua atenção me pertence”, disse ele, com voz baixa e imponente. “Que o mundo queime ao nosso redor. Não importa.”

Antes que eu pudesse argumentar, ele selou seus lábios sobre os meus num beijo que tinha gosto de posse e algo mais sombrio — algo como triunfo. Seus quadris avançaram com renovado propósito, cada investida deliberada e precisa, atingindo pontos dentro de mim que faziam o pensamento racional se dissolver como sal na água.

Eu me odiava por ter correspondido, mesmo enquanto meu corpo se arqueava para encontrá-lo. Os gritos continuavam do lado de fora do nosso santuário, um contraste terrível com o prazer crescente dentro de mim. Era obsceno sentir tal êxtase, mas eu não conseguia parar a onda que se formava, não conseguia negar a tensão latente que exigia libertação.

“Olhe para mim”, ordenou Valen enquanto meus olhos começavam a se voltar novamente para a porta. “Sinta o que eu faço com você. Nada mais importa.”

Meus olhares se encontraram com os dele enquanto ele penetrava mais fundo, com mais força. Sua mão deslizou entre nós, os dedos encontrando aquele ponto perfeito

novamente, circulando-o, beliscando-o. O toque era ao mesmo tempo recompensa e punição, forçando-me a reconhecer a traição do meu corpo à minha consciência.
“É isso aí”, ele exclamou enquanto minha respiração falhava. “Venha buscar seu rei, esposa. Venha enquanto seu reino desmorona ao seu redor.”
Suas palavras deveriam ter apaziguado meu desejo. Em vez disso, acenderam algo primitivo dentro de mim, uma parte obscura e oculta que se deleitava na natureza proibida da minha excitação em meio ao caos. Quando meu orgasmo chegou, me atingiu em cheio, minha respiração escapando num gemido de puro prazer. Valen chegou ao clímax momentos depois, o seu próprio marcado por um rosnado possessivo contra meu ouvido.
Por um instante, talvez dois, permanecemos unidos, meu pulso pulsando alto o suficiente em meus ouvidos para abafar momentaneamente os sons de angústia que continuavam além do nosso espaço privado. santuário. Nossa respiração compartilhada pairava entre nós, íntima e venenosa.
Então, outro grito, este tão próximo que poderia ter vindo de fora da nossa porta, rompeu o véu de névoa sensual que me envolvia. A clareza que se seguiu foi rápida e implacável. O que estava acontecendo? Como pude permanecer ali, perdida em prazer, enquanto meu povo gritava de terror?
Tentei me desvencilhar de Valen, mas seu aperto ainda me prendia a ele. Sua expressão era uma mistura de satisfação e divertimento cruel que gelou minha pele superaquecida.
"Solta-me", exigi, empurrando-o no peito com renovado vigor. "Preciso ver o que está acontecendo."
"Você acha mesmo?", perguntou ele, inclinando levemente a cabeça como se minha preocupação fosse uma curiosidade que o divertisse. "E o que você vai fazer, esposa? Correr nua para o resgate? Se fazer de salvadora na sua noite de núpcias?"
Outro grito ecoou do outro lado da porta, seguido pelo estrondo de algo pesado caindo. Meu coração disparou dolorosamente enquanto eu o empurrava com toda a minha força, finalmente me libertando de seu aperto.
Valen riu. Um som frio e zombeteiro que arrepiou os pelos finos da minha nuca. Ele não fez nenhum movimento para me impedir enquanto eu pegava um roupão de seda de onde estava estendido perto da cama, meus dedos tremendo tanto que mal conseguia fechar a faixa.
Mais gritos, um choque distante de metal enquanto uma constatação nauseante se espalhava por mim… Isso não foi um acidente, nenhuma calamidade aleatória.
Isto foi um ataque.
"O que você fez?", sussurrei, a pergunta arrancada de mim enquanto encarava Valen, que permanecia relaxado e despreocupado entre os lençóis amarrotados.
Seu sorriso era cortante como uma faca, afiado e perigoso. "Apresse-se se quiser salvar alguém, esposa", disse ele, as palavras um carinho zombeteiro. "Embora eu suspeite que seus esforços serão... inúteis."
A compreensão desabrochou como uma flor venenosa em meu peito. O pequeno contingente de guerreiros Nocthari que havia chegado A presença de Valen ontem pareceu-me insuficiente. Teriam surgido outros, infiltrando-se no castelo sob o pretexto

da celebração? Teriam os nossos guardas sido comprometidos, drogados ou simplesmente sobrecarregados?
Não esperei por confirmação. Com um último olhar para Valen, memorizando a imagem dele esparramado em meio à destruição da minha antiga vida, virei-me e fugi em direção à porta.
O pesado painel de madeira se abriu sob meu empurrão desesperado, revelando um corredor que se transformara de uma passagem familiar em algo saído de um pesadelo. Tochas tremeluziam em seus suportes, projetando sombras selvagens que dançavam como demônios pelas paredes de pedra. O ar cheirava a fumaça e ferro… sangue, percebi com um enjoo terrível.
Entrei completamente no corredor, a pedra fria sob meus pés descalços um choque após o calor do quarto nupcial. O robe de seda grudava na minha pele ainda úmida enquanto eu avançava cautelosamente, os ouvidos atentos para localizar a origem dos sons de luta.
Uma criada apareceu no final do corredor, o rosto tomado pelo terror enquanto corria em minha direção. Uma das minhas criadas. Seu avental branco estava salpicado de algo escuro, e seu boné estava torto.
"Princesa!" ela exclamou ao me ver. "Corra! Estão matando todo mundo!"
"Quem?" perguntei, tentando agarrar seu braço enquanto ela tentava passar apressadamente. "Quem está fazendo isso?"
Seus olhos, arregalados de pânico, voltaram-se para a porta aberta do quarto nupcial atrás de mim, onde Valen, sem dúvida, ainda repousava em toda a sua nudez esplêndida. O horror estampou-se em sua expressão.
“Os Nocthari”, ela sussurrou. “Eles estavam escondidos por todo o castelo. Eles se levantaram durante o banquete, depois que você e o Rei de Sangue partiram. Eles—“ Sua voz falhou em um soluço. “O rei—seu pai—eles o levaram.”
O mundo desabou sob meus pés. Meu pai. Capturado ou morto pelas mesmas pessoas com quem me casei. E eu estivera na cama com o rei deles, gritando de prazer enquanto meu povo morria. .
"Vá", eu disse a ela, soltando seu braço. "Esconda-se, se puder."
Ela não precisou que lhe dissessem duas vezes, desaparecendo por um corredor de serviço com a velocidade do verdadeiro terror. Eu fiquei sozinho no corredor, os sons distantes da luta ecoando contra as paredes de pedra que ali permaneciam há séculos, paredes que jamais haviam testemunhado tamanha traição.
Olhei para trás, em direção à porta do quarto nupcial. Através da abertura, vi Valen levantar-se da cama, sua figura magnífica recortada contra a luz de velas enquanto ele juntava suas roupas com calma. Ele cruzou o meu olhar com o dele e sorriu com aquele sorriso terrível e perspicaz que confirmou todas as suspeitas que brotavam em minha mente.
Esse sempre fora o plano dele. O casamento, o tratado de paz — tudo mentira. Enquanto eu me contorcia sob ele em prazer vergonhoso, seus homens massacravam meu povo, tomando meu reino à força.
Eu deveria ter sentido raiva, ódio ou pelo menos repulsa. Em vez disso, uma terrível dormência me invadiu, seguida por uma clareza fria e calculista. Eu precisava sobreviver a esta noite. E então, de alguma forma, eu faria Valen pagar.

CAPÍTULO NOVE

# CORAGEM DESFEITA

EU Corri descalça pelos corredores de pedra, meu robe de seda esvoaçando atrás de mim como uma bandeira desesperada de rendição.

As palavras de Valen me perseguiam, cruéis e zombeteiras. Minha noite de núpcias, uma armadilha. Meu leito nupcial, o palco da traição. E agora os gritos que ecoavam pela fortaleza de meu pai me diziam que a morte já havia ceifado muitos. Mas não Lysa. Por favor, não minha irmãzinha.

A pedra fria cortava meus pés descalços enquanto eu passava velozmente por tapeçarias e apliques de parede, seus padrões familiares agora testemunhas de uma noite de sangue. Minha respiração vinha em suspiros irregulares, cada um queimando minha garganta. Em qualquer outro momento, eu ficaria horrorizada com a falta de decoro na minha escolha de Eu estava vestida, mas a modéstia parecia absurda quando os guerreiros de Valen massacravam meu povo. A seda grudava nos lugares onde suas mãos haviam estado minutos antes, onde eu havia me entregado ao desejo apenas para ser recompensada com este pesadelo.

Os corredores não estavam vazios. Criados passavam por mim apressadamente, com os rostos tomados pelo terror. Um ajudante de cozinha, carregando lençóis manchados de sangue, largou-os ao me ver. A princesa bastarda em seu vestido de noiva, cabelos desgrenhados, olhos ainda mais selvagens. Ninguém parou para me ajudar. Ninguém ousou. Aos olhos deles, eu era a noiva do monstro que os estava matando.

“O berçário”, exclamei, ofegante, ao ver uma camareira fugindo e agarrando-lhe o braço. “Você viu a princesa Lysa?”

Ela se afastou bruscamente de mim, o rosto contorcido de ódio. "A culpa é sua", sibilou, e desapareceu atrás de uma esquina.

Talvez ela tivesse razão. Eu havia concordado com esse casamento, acreditando nas promessas de paz de Valen e do meu pai. Agora parecia que eu simplesmente havia aberto as portas para os nossos destruidores.

Um distante choque de espadas ecoou do grande salão. Homens gritando, o baque de corpos caindo. Quantos guerreiros Nocthari Valen realmente trouxera? Parecia que apenas um pequeno contingente o acompanhara ao nosso casamento. Agora soava como se um exército tivesse se materializado das sombras.

Peguei um atalho pela capela, cujos vitrais projetavam padrões no chão à luz da tocha. O padre Eidir jazia de bruços em sua própria poça de sangue, e um suspiro de choque escapou-me do peito ao vê-lo. Não tive tempo de parar, então passei correndo sem sequer olhar duas vezes.

Ter controle sobre minha vida... era o que eu sempre almejei. Que amarga ironia que, ao conquistá-lo, eu tenha perdido tudo.

O berçário ficava na ala norte, longe dos aposentos reais onde Valen me levara. Conforme me aproximava, os sons da luta se distanciavam, mas um novo tipo de silêncio se estendia diante de mim. O silêncio oco do rescaldo, e não da paz. .

Diminuí o passo ao me aproximar da porta do berçário, que estava entreaberta. Uma mancha escura se estendia pela soleira, negra na penumbra, mas inconfundível mesmo

assim. Meu coração deu um salto. Pressionei a mão contra a porta, abrindo-a com um rangido que pareceu ecoar por todo o palácio.
“Lysa?” Minha voz soava estranha aos meus próprios ouvidos, fraca e trêmula.
O cômodo além respondeu apenas com silêncio. Forcei-me a cruzar a soleira, entrando no quarto do bebê onde passei incontáveis horas lendo para Lysa, trançando seus cabelos e cantando para ela dormir.
A enfermeira jazia estendida no chão como uma boneca descartada, a garganta aberta num sorriso vermelho. Seus olhos fitavam o teto sem vida, refletindo apenas a luz fria da lua. O sangue se acumulava sob ela, uma mancha escura se espalhando pelo chão de pedra pálida. Contornei seu corpo, com a bile subindo à minha garganta.
"Lysa?" Chamei novamente, um pouco mais alto, embora soubesse que, se ela pudesse responder, já o teria feito.
O quarto das crianças estava revirado. Os brinquedos de Lysa espalhados, sua pequena escrivaninha virada. A estante que eu havia enchido com histórias de princesas corajosas e rainhas inteligentes jazia tombada, seu conteúdo espalhado pelo chão como as entranhas de uma besta estripada. Mas foi a cama que me chamou a atenção e me deixou sem ar.
A cama de Lysa, com seu dossel de seda azul-clara, estava vazia. Mas sobre os lençóis cor creme, espalhava-se uma mancha escura, um borrão carmesim que parecia zombar da própria ideia de esperança. Cambaleei em direção a ela, meus dedos estendidos, mas sem tocar o tecido. Sangue demais para uma criança tão pequena. Sangue demais.
“Não”, sussurrei, “não, não, não”.
Revirei o quarto, derrubando móveis caídos, verificando atrás das cortinas, debaixo da cama, dentro do guarda-roupa, em qualquer lugar onde uma criança assustada pudesse se esconder. Nada. Não. um. As paredes de pedra pareciam se fechar ao meu redor, o ar de repente tão denso que era impossível respirar.
Os gritos distantes aumentaram novamente, a luta se alastrou, talvez chegando aos aposentos reais onde o resto da minha família estaria escondido. Eu deveria ter me preocupado com eles, mas meu coração só tinha espaço para a ausência de Lysa.
Forcei-me a ficar de pé, com as pernas tremendo. O sangue nos lençóis ainda estava ligeiramente úmido ao toque.
Mas não havia corpo. Nem mesmo uma forma pequena e despedaçada. Apenas sangue e ausência.
Do lado de fora do berçário, passos ressoavam contra a pedra. Passos apressados, pesados demais para servos. Guerreiros Nocthari, revistando cômodo por cômodo. Eu não tinha mais tempo para ficar ali.
Lancei um último olhar para o berçário em ruínas, para a ama que morrera tentando proteger minha irmã. Então, voltei a me mover, saindo pela porta e descendo o corredor, fugindo dos passos que se aproximavam. Se Lysa sobrevivesse, havia poucos lugares para onde ela pudesse ir. A família real tinha planos de contingência para ataques. Câmaras secretas, rotas de fuga.
Eu sabia da existência de um, escondido atrás da antiga sala do trono, acessível por uma passagem de criados no corredor norte. Um último refúgio para a família real em tempos de cerco. Se Ira tivesse conseguido reunir seus filhos, era lá que eles estariam.

Virei-me para a ala norte, meus pés descalços agora dormentes contra a pedra fria. Lá fora, um brilho avermelhado começara a tingir o céu noturno, incêndios na cidade além dos muros do palácio. A traição de Valen não se limitava à família real, ao que parecia. Toda Vareth estava sangrando esta noite.

O som de aço se chocando contra aço aumentava à medida que me aproximava dos corredores principais. Duas vezes tive que me abaixar em nichos enquanto guerreiros Nocthari passavam, suas armaduras salpicadas com o sangue dos meus compatriotas. Um deles carregava uma cabeça decepada pelos cabelos. Reconheci uma serva... Elara, a serva que fugira de Nocthar e me contara sobre seus costumes de casamento. Apertei o punho contra a boca para não gritar. .

Tudo isso foi obra minha. Meu casamento, minha rendição, minha incapacidade de enxergar o monstro por trás do belo rosto de Valen. Eu havia aberto minhas pernas e meu reino ao massacre, tudo isso enquanto acreditava ter finalmente conquistado algum controle.

Se Lysa estivesse viva, eu a encontraria. Se ela já tivesse partido, eu garantiria que Valen pagasse por cada gota de seu sangue com oceanos do seu próprio. Esses pensamentos me impulsionavam para frente, através de corredores cada vez mais densos de fumaça e com o cheiro metálico da morte.

Entrei sorrateiramente na passagem dos criados, evitando o salão principal, onde os sons da luta pareciam concentrados. Os corredores ali eram mais estreitos, a pedra mais escura pelo tempo. Contei os nichos enquanto passava por eles, tentando me lembrar da conversa sussurrada de anos atrás. Algo sobre uma estátua, um mecanismo escondido à vista de todos...

Ali estava uma escultura em pedra desgastada do fundador de Vareth, seu rosto austero encarando imperiosamente o corredor. Passei os dedos pela base, procurando algo incomum. Meu polegar prendeu em uma pequena depressão e pressionei com força. Um clique suave, e então uma seção da parede ao lado da estátua se abriu para dentro, revelando uma passagem estreita.

Entrei sorrateiramente, fechando a porta escondida atrás de mim. Uma escada em espiral íngreme descia, fracamente iluminada por estreitas frestas na parede externa, por onde entravam finos raios de luar. Desci com cuidado, apoiando-me com uma das mãos na parede de pedra úmida para manter o equilíbrio.

Lá embaixo, uma pesada porta de ferro bloqueava a passagem. Eu conseguia ouvir vozes do outro lado. O tom conciso e controlado de uma mulher, que reconheci imediatamente como sendo o de Ira, e as respostas mais incisivas e estridentes de Cordélia. Minha madrasta e minha meia-irmã estavam vivas, então. Mas e Lysa? E meu pai e seus filhos?

Bati com força na porta. "Abra a porta! Sou eu, Mireille!"

Um silêncio repentino se abateu sobre o outro lado da linha, seguido por sussurros apressados. Então, uma voz masculina familiar chamou: "Princesa? É você?" ”

“Darius”, sussurrei, sentindo um alívio imenso. Pelo menos uma pessoa em quem eu confiava tinha sobrevivido. “Sim, sou eu. Abra a porta!”

O som de uma barra pesada sendo levantada, e então a porta se abriu para dentro. Darius estava parado na abertura, seu uniforme de guarda salpicado de sangue, um

corte profundo marcando sua bochecha esquerda. Seus olhos se arregalaram ao me ver, descalça, vestida apenas com meu robe de noiva, com o olhar selvagem e desesperado.
“Princesa”, disse ele, estendendo a mão para mim. “Graças aos deuses que você está viva.”
Empurrei-o para o outro lado e entrei na câmara. Era menor do que eu esperava, com paredes de pedra rústica e um teto baixo sustentado por grossas vigas de madeira. Algumas tochas lançavam uma luz incerta sobre os ocupantes da sala. A rainha Ira, rígida e pálida, estava de pé perto da parede oposta; Cordélia ao seu lado, suas feições perfeitas expressavam um desdém altivo, apesar das marcas de lágrimas em suas bochechas; e um punhado de guardas, os homens de Dario, com as armas em punho, prontos para o combate.
Sem rei. Sem príncipes jovens. Sem Lysa.
"Onde ela está?" perguntei, com a voz embargada. "Onde está Lysa?"
Os lábios da Rainha Ira se estreitaram, formando uma linha pálida. "Você ousa mostrar a sua cara aqui? Depois de ter trazido isso sobre nós?"
Recuei como se ela tivesse me batido. Como ela se atreve a me acusar de tal coisa? Principalmente depois de me dizer para me comportar bem para o meu futuro marido, para *agradá* -lo.
“Você não é bem-vinda aqui”, gritou Cordélia, dando um passo em minha direção. Seus cabelos dourados haviam se soltado do elaborado penteado de casamento, caindo em mechas emaranhadas ao redor do rosto. “Não enquanto seu marido monstruoso estiver massacrando nosso povo. Não enquanto o sêmen dele ainda estiver se acumulando em seu ventre traiçoeiro.”
Recuei ao ouvir as palavras de Cordélia, cada sílaba uma facada entre minhas costelas. A bile subiu à minha garganta, mas a reprimi. Eu não tinha tempo para as acusações delas. .
“Onde está Lysa?” perguntei novamente, minha voz agora mais firme apesar do tremor em meus membros. “Encontrei sangue em seu berçário. Sua babá está morta.”
“E de quem é a culpa?” A voz da Rainha Ira era gélida, seus olhos semicerrados. “Minha filha provavelmente está morta por sua causa. Porque você abriu as pernas para aquele monstro e o convidou para entrar em nossa casa.”
Minhas unhas cravaram nas palmas das minhas mãos. "Eu fiz o que você me pediu. O que o Pai pediu. Este casamento era para trazer paz—"
"Paz?" O riso de Cordélia era frágil, beirando a histeria. "Onde está essa *paz* , seu desgraçado? Deveríamos ter imaginado que o Rei de Sangue de Nocthar não queria nada mais de você do que acesso ao nosso reino."
Meu peito subia e descia com suas palavras, e senti qualquer esperança que eu tivesse nutrido por um casamento minimamente cordial se dissipar. Pois ela estava certa, deveríamos ter sabido. *Eu* deveria ter sabido que um rei jamais me quereria por algo além de um meio para um fim.
O sorriso de Cordélia se alargou, seus olhos se tornando verdadeiramente perversos ao notar minha reação. "Oh, pobrezinho. Você realmente achou que ele poderia te *querer* ?", sussurrou ela, aproximando-se do meu rosto. Senti sua saliva atingir meu queixo enquanto ela cuspia as próximas palavras. "Você *nunca* será *desejado* por *ninguém* ."

Darius se colocou entre nós antes que eu pudesse atacá-la, com a mão no punho da espada. "Princesas, essa discussão não serve para nada. O palácio está infestado. Precisamos nos concentrar em escapar."
Queria gritar, explodir de raiva. Em vez disso, soltei uma risada amarga no meu próximo suspiro. "Fugir para onde?", perguntei, examinando o cômodo novamente em busca de qualquer sinal do meu pai ou dos meus irmãos. "Onde está o rei? Onde estão os príncipes?"
A dor relampejou no rosto de Ira naquele instante — um espasmo de sofrimento tão intenso que transformou sua beleza gélida em algo quase... humano. “O rei estava na sala do conselho quando eles chegaram. Os meninos estavam em seus quartos. Não sabemos se eles escaparam.”
"E Lysa?", insisti, sentindo um arrepio subir-me pela garganta.
“Não sabemos”, respondeu Darius, já que nem Ira nem Cordélia quiseram responder. “O ataque foi tão repentino. Mal tivemos tempo de levar a rainha e a princesa para um lugar seguro.”
Encarei-os incrédula. "Vocês a abandonaram? Deixaram uma criança de três anos sozinha?"
"Fizemos o que pudemos", disse Darius, mas a vergonha em seus olhos me disse que ele sabia que não era o suficiente.
"O que você *poderia* ?", repeti, elevando minha voz.
“Não ouse nos julgar”, sibilou Cordélia. “Onde *você estava* quando eles chegaram? Ah, é mesmo, na sua cama de núpcias com o açougueiro que está matando nossa família!”
A acusação me atingiu como um soco físico. Senti um calor no peito, um calor desconfortável que reconheci como culpa misturada com raiva. Sim, eu estivera com Valen. Sim, eu me entregara a ele, chegara até a pensar que talvez nosso casamento pudesse ser mais do que um acordo político. Que tola eu fui.
“Então fique aqui”, eu disse, virando-me de volta para a porta. “Vou encontrá-la.”
“Você não pode sair”, disse um dos guardas, movendo-se para bloquear meu caminho. “Temos ordens para proteger a família real.”
"Eu não sou da família real", rosnei. "Sou a filha bastarda do Rei Aeldrin, esposa do Rei Valen. Então *saia da frente* ."
O guarda olhou com incerteza para Dario, que ainda permanecia de pé com a mão no punho da espada, o conflito claramente estampado em seu rosto.
“Mireille”, disse ele suavemente, em tom de súplica. “Fique. Por favor. Não é seguro lá fora.”
"Não há lugar seguro aqui", respondi. "E Lysa precisa de mim."
“Ela provavelmente já está morta”, disse Ira, com a voz plana e sem emoção. “Como meus filhos. Como meu marido.” ”
Virei-me bruscamente para encará-la. "E você vai se esconder aqui como um rato enquanto o corpo da sua filha esfria? Que tipo de mãe você é?"
Ira se endireitou, sua postura régia intacta mesmo naquele buraco subterrâneo. "O tipo de pessoa que sobrevive. O tipo de pessoa que verá esses pagãos pagarem pelo que fizeram."

Olhei dela para Cordélia, que permanecia de pé com o queixo erguido, apesar do medo que eu podia ver tremendo em seus ombros. Elas provavelmente sobreviveriam. Baratas, as duas.
Mas Lysa, a pequena e ingênua Lysa, precisava de alguém que fizesse mais do que sobreviver. Ela precisava de alguém que lutasse.
“Proteja a rainha e a princesa”, eu disse a Darius, as palavras carregadas de amarga ironia. “Preciso encontrar minha irmã.”
“Mireille, não faça isso”, Darius segurou meu braço, seu aperto gentil, mas insistente. “Por favor.”
Por um instante, pensei que fosse gritar, não pela ternura em seus olhos ou pela nossa história em comum. Mas sim por ele esperar que eu deixasse Lysa morrer. Esse homem, com quem compartilhei incontáveis momentos roubados, finalmente provando que realmente não me conhecia.
"Preciso encontrá-la", eu disse, com a voz embargada, mas firme. "Ela tem só *três anos* , Darius. Está sozinha e apavorada, se é que ainda está quieta—" Parei de falar. Não consegui terminar o pensamento. "Preciso ir."
Me afastei dele e empurrei o guarda, que não fez nenhuma tentativa real de me impedir. Quando voltei para a escadaria, Darius me chamou mais uma vez.
“Mireille!”
Fiz uma pausa, sem olhar para trás.
“Tenha cuidado”, disse ele. “E... se você a encontrar... traga-a aqui. Eu vou garantir que ela esteja protegida.”
Assenti com a cabeça uma vez, bruscamente, mas sabia que não a levaria a Dario nem à sua mãe. Eu garantiria que ela saísse daquele palácio, mesmo que isso me custasse a vida.



Corri de volta para o berçário, uma ideia desesperada germinando onde antes só havia desespero. No momento de choque e pânico, eu não conseguia pensar. Agora, minha mente estava mais lúcida. Todos os palácios tinham seus segredos, espaços ocultos, passagens esquecidas, e ninguém conhecia os aposentos de Lysa melhor do que eu. Se ela tivesse escapado do ataque inicial, se ela se lembrasse de nossas brincadeiras de esconde-esconde, eu sabia onde ela estaria escondida. A esperança era um luxo perigoso naquela noite de derramamento de sangue, mas mesmo assim me agarrei a ela.
O palácio havia se tornado mais silencioso, um silêncio mais aterrador do que os gritos. Significava que a matança estava quase terminada, restando poucos sobreviventes. Encostei-me às paredes, escondi-me atrás de tapeçarias e prendi a respiração enquanto botas blindadas marchavam pelos corredores que se cruzavam. Em um momento, paralisei quando dois soldados Nocthari arrastaram uma serva que se debatia em direção ao grande salão. Eu poderia ter gritado, distraído-os, talvez até a salvado. Em vez disso, permaneci escondida, minha missão vital demais para arriscar. Seus olhos encontraram os meus por um instante enquanto a levavam para além do meu esconderijo. Levaria aquele olhar acusador para o túmulo.

Quando voltei ao berçário, o corpo da enfermeira permanecia onde eu o havia deixado, embora agora sua pele tivesse adquirido a palidez cerosa que acompanha a morte. Contornei-a, com cuidado para não perturbar sua dignidade final. A cama manchada de sangue ainda dominava o cômodo, sua mensagem carmesim não menos horripilante em uma segunda olhada.
"Lysa", sussurrei, tão baixo que só quem estivesse prestando atenção pudesse ouvir. "Lysa, sou eu, Mireille."
Nenhuma resposta. Eu realmente não esperava nenhuma. Se ela estivesse aqui, estaria com muito medo para responder apenas a uma voz.
Percorri o espaço sistematicamente, meus olhos percorrendo as paredes, buscando a sutil irregularidade que até eu às vezes deixava passar despercebida. .
Ali, perto do canto mais distante da porta, havia um pedaço de lambris que não combinava muito bem com o resto. Era o nosso segredo, meu e da Lysa. Um espaço escondido que eu havia descoberto meses atrás — talvez uma passagem de criados esquecida, ou um descuido do construtor. Mostrei-o à Lysa durante uma de nossas visitas à tarde, transformando-o em nosso esconderijo especial, forrando-o com almofadas e enchendo-o de guloseimas e pequenos tesouros. Mostrei-lhe como acessá-lo, fazendo-a praticar até que seus dedinhos conseguissem encontrar a trava escondida sem hesitar.
"Uma princesa precisa de seus segredos", eu lhe disse, sem jamais imaginar que essas palavras pudessem um dia salvar sua vida.
Ajoelhei-me ao lado do painel da parede e pressionei os dedos contra a moldura decorativa, procurando a pequena depressão que liberaria a trava. Minhas mãos tremiam tanto que errei duas vezes antes que o mecanismo finalmente clicasse e o painel se abrisse para dentro com um sussurro de madeira contra madeira.
A escuridão me recebeu. Inclinei-me para a frente, observando o vazio negro do pequeno cubículo. "Lysa?", sussurrei, meu coração batendo tão forte que temi abafar qualquer resposta.
“Lysa?” Chamei novamente, agora mais alto. “É a Miri. Você está aí?”
Um leve farfalhar vindo da escuridão. Então, tão silencioso que quase não ouvi: "Miri?"
Meu coração quase explodiu. "Sim, sou eu. Agora posso sair em segurança."
Mais farfalhar, e então uma mãozinha apareceu na fresta, seguida por um rostinho sujo de poeira e lágrimas. Lysa piscou para mim, seus cachos cor de mel achatados de um lado, a camisola rasgada na barra. Ela parecia incrivelmente pequena e frágil, mas viva. Gloriosamente, milagrosamente viva.
“Miri”, disse ela novamente, agora com a voz mais firme. “Homens maus vieram.”
Eu a abracei, apertando-a contra meu peito, onde meu coração batia descontroladamente, entre o alívio e o medo persistente. "Eu sei, meu bem. Eu sei."
Ela recuou o suficiente para olhar para mim, seu rostinho sério sob o luar enquanto colocava ambas as mãos em de cada lado do meu rosto. "Eu me escondi", disse ela. "Como na nossa brincadeira. Eu estava tentando ser corajosa como você."
Um soluço ficou preso na minha garganta. "Você foi tão corajosa", consegui dizer, alisando seus cachos emaranhados. "A mais corajosa de toda Vareth."

“A enfermeira me disse para correr”, continuou ela, com os olhos arregalados e sinceros. “E então o homem chegou, e—” Sua voz falhou, as mãozinhas agarrando meu roupão. “Eu corri como ela disse. Eu me lembrei do nosso esconderijo.”
“Você fez tudo certinho”, eu disse, beijando sua testa. “Tudo certinho.”
Eu estava de pé com Lysa em meus braços, seu peso leve um fardo precioso. Ela envolveu meus pescoços com os braços e minha cintura com as pernas, agarrando-se a mim como um macaquinho. Seu corpo tremia contra o meu, o choque tardio do que ela havia presenciado começando a dominá-la.
“Onde está o papai?”, perguntou ela. “E a mamãe? E a Delia?”
Hesitei. Como poderia explicar que a mãe dela se salvara e abandonara a filha mais nova ao destino? Que a preocupação de Cordélia era apenas consigo mesma?
“Eles também estão se escondendo”, eu disse finalmente. “Mas precisamos encontrar um lugar mais seguro para você.”
Lysa assentiu com a cabeça, apoiando-se no meu ombro, confiando plenamente em mim. Eu não podia, não iria, falhar com ela novamente.
Espiei o berçário e depois o corredor além. O palácio permanecia inquietantemente silencioso, mas eu sabia que era o silêncio da ocupação, não do abandono. Os homens de Valen estariam consolidando sua conquista, apreendendo objetos de valor e fazendo um levantamento dos prisioneiros. Tínhamos pouco tempo.
“Precisamos ficar bem quietinhas agora”, sussurrei para Lysa. “Como sombras. Você pode ser uma sombra comigo?”
Ela assentiu com a cabeça, seu rostinho sério. "Eu posso ser a melhor sombra." ”
“Essa é a minha garota corajosa.”
Saí com Lysa nos braços, meus pés descalços pisando silenciosamente sobre pedras que pareciam gelo contra minha pele. Agora, com a segurança de Lysa em risco, tais confortos pareciam ridiculamente triviais.
Avançamos pelo palácio escuro como espectros, parando em cada esquina para ouvir passos que se aproximavam. Duas vezes nos escondemos em nichos para evitar as patrulhas Nocthari. Em uma ocasião, nos ocultamos atrás de um grande baú de madeira enquanto um grupo de servos era levado, com as mãos amarradas e os olhos baixos. Reconheci uma criada de cozinha, um camareiro, uma lavadeira que às vezes dava doces escondidos para Lysa. Seus rostos estavam inexpressivos de choque, seus futuros incertos.
Lysa enterrou o rosto no meu pescoço, sua respiração quente e rápida contra a minha pele. Acariciei suas costas, um consolo silencioso que parecia vazio mesmo enquanto eu o oferecia. Que conforto eu poderia realmente dar quando meu próprio marido havia causado essa destruição?
Precisávamos chegar aos estábulos. Se algum lugar oferecesse uma rota de fuga, seria ali. E se a sorte estivesse ao nosso lado, Isolda também poderia estar lá.
“Vamos encontrar Lady Isolde”, murmurei enquanto descíamos uma estreita escada de serviço que nos levaria para mais perto dos pátios externos. “Ela vai levá-la para um lugar seguro.”
Os braços de Lysa apertaram meu pescoço. "Você também vem?"
Hesitei. "Vou tentar, meu bem."

Não era mentira, não exatamente. Eu me juntaria a eles se pudesse. Mas, mesmo enquanto o pensamento se formava, eu sabia a verdade. Valen me caçaria até os confins da Terra. Eu era sua esposa agora, sua propriedade, sua conquista materializada. Se eu fugisse, ele me perseguiria, e qualquer um que estivesse comigo sofreria sua ira.
Mas Lysa poderia escapar se eu não atrapalhasse sua fuga com a minha presença. Valen queria o reino, e se me tivesse, talvez ignorasse a menina de três anos que fugiu. Só com Isolda, ela poderia chegar em segurança, até mesmo encontrar refúgio com algum dos aliados de Vareth, se algum ainda estivesse vivo. .
Mas se eu me juntasse a eles, ninguém os aceitaria. Seria uma sentença de morte abrigar a esposa fugitiva do Rei de Nocthar.
Chegamos à pequena porta que dava para a horta e, além dela, para os estábulos. Abri-a com cuidado, aliviado por constatar que a tranca estava intacta. Lá fora, o ar noturno carregava o cheiro de fumaça e algo pior — o odor fétido da morte. Chamas lambiam partes do telhado do palácio, lançando colunas de fumaça negra que obscureciam as estrelas. Mas os jardins em si estavam silenciosos, aparentemente poupados da primeira onda de violência.
Apressei-me a passar por eles, mantendo-me nas sombras das árvores frutíferas e das altas sebes. Lysa permanecia em silêncio em meus braços, seu pequeno corpo tenso de medo, frio ou ambos. Os estábulos se erguiam à frente, sua imponência formando uma sombra mais escura contra o céu noturno. Nenhuma luz emanava de dentro. Talvez os Nocthari ainda não tivessem chegado tão longe.
Estávamos a meio caminho do espaço aberto entre a última das sebes do jardim e as portas do estábulo quando uma figura emergiu da escuridão à nossa frente. Congelei, com o coração a martelar no peito. Não havia onde me esconder, nenhum abrigo a que recorrer. Apertei Lysa contra mim, preparando-me para correr, lutar, fazer o que fosse necessário para a manter em segurança.
A figura aproximou-se, rápida e determinada. Uma mulher, percebi, com o manto esvoaçando atrás dela como asas escuras. Um rosto familiar emergiu da sombra do capuz, tenso, mas dolorosamente acolhedor.
“Isolda”, sussurrei, sentindo o alívio fazer minhas pernas fraquejarem.
Ela parou abruptamente, levando a mão à boca. "Mireille? Oh, graças aos deuses."
Nos chocamos no meio do caminho, os braços de Isolda envolvendo Lysa e eu num abraço feroz que misturava medo e alívio numa emoção avassaladora. Ela se afastou, seus olhos verde-acinzentados percorrendo meu rosto, observando minha aparência desgrenhada, o terror absoluto que eu não conseguia esconder.
“Eu estava com o Tomas quando ouvi a confusão”, disse ela, com a voz baixa e em pânico. “Estive procurando por você.” por toda parte. O palácio está infestado de soldados Nocthari. Estão dizendo que o rei foi capturado, que—“
“Eu sei”, interrompi-a, consciente dos ouvidos atentos de Lysa. “Isolda, você precisa tirá-la daqui. Agora. Leve-a para longe de Vareth.”
O olhar de Isolda recaiu sobre Lisa, que apenas se agarrou a mim com mais força. "Claro", disse ela sem hesitar. "Tomas já preparou os cavalos. Estávamos rezando para que encontrássemos você."
"Só a Lysa", insisti. "Não posso ir com você."

Ela virou a cabeça bruscamente na minha direção. "Não. Mireille, não seja absurda. Você não pode ficar aqui—"
"Eu *preciso* ." Apertei seu pulso com força. "Valen vai me caçar. Ele nunca vai parar. Mas Lysa—" Olhei para minha irmã encolhida em meu peito. "Ela é só uma criança. Ela pode passar despercebida se estiver com você. Vocês podem se passar por mãe e filha. Encontrem refúgio em Eastmark, ou além das montanhas."
Os lábios de Isolda se entreabriram, o rosto se contorcendo em compreensão. "Você vai voltar para ele. Depois do que ele fez."
"Não tenho escolha", eu disse, com as palavras amargas na língua. "Ele é meu *marido* . E enquanto me tiver, talvez não procure muito por você."
"Ele vai te matar", ela sussurrou.
Balancei a cabeça negativamente. "Não. Ele já poderia ter feito isso. Ele me quer viva." Por razões que eu ainda não entendia completamente. Razões que me davam arrepios só de lembrar da fome em seus olhos, do aperto possessivo de suas mãos.
Lysa se mexeu em meus braços, seu rostinho se voltando para o meu. "Miri? Você não vem?"
Ajoelhei-me, colocando-a delicadamente no chão, mas mantendo-a em meus braços. Seu calor, seu perfume, a maciez de seus cabelos — gravei tudo profundamente em minha memória, desesperado para ancorar aquele momento em um lugar onde o tempo não pudesse tocá-lo.
“Sinto muito, minha pequena”, eu disse, forçando um sorriso. “Mas Lady Isolda vai te levar em uma aventura. Você vai andar a cavalo, ver montanhas e comer frutinhas até seus dedos ficarem vermelhos.” ”
“Quero ficar com você”, disse ela, com o lábio inferior tremendo.
"Eu sei", minha voz embargou. "E eu não quero nada mais do que ficar com você. Mas às vezes..." Engoli em seco, tentando manter a compostura. "Às vezes temos que ser corajosos e fazer coisas difíceis."
“Tipo se esconder dos bandidos?”
“Sim”, eu disse, colocando uma mecha de cabelo solta atrás da orelha dela. “Exatamente assim. Você foi tão corajosa, e agora preciso que você seja corajosa por mais um tempo. Até que eu possa ir te buscar. Você consegue fazer isso por mim?”
Ela hesitou enquanto novas lágrimas escorriam por suas bochechas. "Você promete? Você promete que virá?"
Meu coração se despedaçou, mas forcei um sorriso por cima dos cacos, enxugando as lágrimas de sua pele. "Eu prometo."
Ela olhou para mim com olhos sábios demais para uma criança de três anos. Aguçados demais, como se soubesse o que eu não estava dizendo. Lentamente, ela levantou a mão, com o dedo mindinho apontado para mim. "Promessa de dedinho?"
O sorriso sumiu do meu rosto e senti algo se quebrar dentro de mim. Algo que eu sabia, com certeza, que jamais seria consertado. Mesmo assim, entrelacei meu dedo mindinho no dela, selando uma promessa que eu sabia que não poderia cumprir. Não nesta vida.
Ela assentiu solenemente e sussurrou tão baixinho que quase não ouvi.
“Promessas de dedinho sempre se cumprem.”

Aproximando-a para que não visse minhas lágrimas, depositei um beijo em sua testa, demorando-o apenas o suficiente para memorizar sua textura. Então, entreguei-a a Isolda, que a acolheu com uma firmeza gentil que me tranquilizou, mesmo que me despedaçasse ainda mais. Nossos olhares se encontraram — os dela cheios de tristeza, os meus, de rendição.
"Fuja de Vareth imediatamente", eu disse a ela. "Não olhe para trás."
Isolda assentiu com a cabeça, lágrimas escorrendo livremente pelo rosto. "Eu a protegerei com a minha vida."
"Eu sei que você vai." Apertei a mão dela.
Um grito abafado vindo do palácio nos lembrou da precariedade da nossa posição. Isolda olhou na direção do som e depois para mim. .
“Ainda há tempo”, disse ela. “Venha conosco. Por favor.”
Por um instante, hesitei. A ideia de liberdade, de escapar de Valen, do horror que ele havia desencadeado, era tão, tão tentadora. Mas então imaginei-o nos caçando, sua fúria ao nos encontrar, o que ele poderia fazer com Lysa e Isolde para me punir.
"Vá", eu disse, levantando-me e dando um passo para trás. "Agora."
Isolda sustentou meu olhar por mais um instante, depois assentiu. "Que os deuses a protejam, Mireille."
“E você”, sussurrei de volta.
Observei-a enquanto ela erguia Lysa nos braços e corria em direção aos estábulos, onde seu amado a esperava com cavalos que poderiam levá-las em segurança. À porta, Isolda parou e olhou para trás. Levantei a mão em despedida, obrigando-me a permanecer de pé, a parecer mais forte do que me sentia.
O rostinho de Lysa espreitava por cima do ombro de Isolda, seus olhos marejados fixos nos meus até desaparecerem na escuridão do estábulo. Um instante depois, ouvi o som abafado dos cascos na terra batida, abafado pelo pano que envolvia os cascos dos cavalos, um truque que o amante de Isolda devia ter aprendido na juventude.
Só quando tive certeza de que estavam em segurança, permiti-me cair de joelhos, a terra molhada penetrando a fina seda do meu robe. As lágrimas que eu havia reprimido por amor a Lysa agora corriam em rios pelas minhas bochechas.
Eu tinha feito tudo o que podia por eles. Agora eu tinha que encarar o que restava da minha vida, o marido que destruiu tudo em uma única noite de traição.
Levantei-me com as pernas trêmulas, as lágrimas secando tão rápido quanto brotavam, e voltei-me para o palácio, para Valen. Cada passo parecia atravessar águas profundas, meu corpo se rebelando contra a direção escolhida pela minha mente. Mas forcei-me a seguir em frente, de volta para o monstro com quem me casei, o homem que agora detinha o destino do que restava de Vareth em suas mãos ensanguentadas. .
Eu o enfrentaria não como a noiva trêmula que sucumbiu ao seu toque, mas como uma filha de Vareth. Uma filha com gelo nas veias e vingança no coração.
Se eu não conseguisse escapar dele, encontraria outra maneira de sobreviver. Eu me tornaria o que fosse necessário e, um dia, o faria pagar pelo que havia feito.

CAPÍTULO DEZ

# O PREÇO DA VINGANÇA

Os degraus de mármore sob meus pés descalços estavam frios e escorregadios de sangue, meu ou de outros, eu já não conseguia distinguir.

Cada passo deixava pegadas carmesins atrás de mim, como migalhas de pão macabras marcando meu caminho em direção ao castelo que um dia, a contragosto, chamei de lar. Uma dor aguda percorria as solas dos meus pés, onde estilhaços de vidro e destroços haviam me cortado, mas eu a acolhia. A agonia física era um contraponto surdo à tempestade que rugia dentro de mim, um lembrete de que eu ainda estava vivo quando tantos outros não estavam.

Aproximei-me das grandes portas do castelo, meu robe de seda esvoaçando ao meu redor na brisa noturna. O tecido grudava na minha pele em alguns pontos, ainda úmido de suor e Medo, matéria delicada, jamais feita para correr por corredores escuros. A lua pairava inchada e amarela no céu atrás de mim, projetando longas sombras que pareciam estender-se em minha direção com dedos ávidos.

Os guardas Nocthari posicionados na entrada enrijeceram quando me aproximei, suas armaduras escuras brilhando fracamente à luz das tochas. Suas mãos se moveram para suas armas, os rostos semi-escondidos atrás dos capacetes, mas seus olhos me seguiram como lobos observando uma presa ferida. Não diminui o passo.

"Afastem-se", ordenei, com a voz mais firme do que me sentia. Quando alguém tentou me tocar, sibilei: "Não me toquem. Posso ir até meu marido sozinha". As palavras tinham gosto de cinzas na minha boca. *Marido* . Um título concedido poucas horas antes, numa cerimônia que agora parecia um pesadelo.

Para minha surpresa, eles obedeceram, abrindo caminho ao meu redor. Não por respeito, eu sabia, mas por medo dele. Em vez disso, me flanquearam, formando uma procissão sombria enquanto caminhávamos por corredores familiares, agora manchados pela morte. O castelo estava estranhamente silencioso, a agitação habitual de servos e cortesãos substituída por um silêncio sufocante, interrompido apenas pelo som pesado das botas blindadas e dos meus próprios pés descalços batendo contra a pedra.

Os corpos jaziam onde haviam caído. Servos, guardas, nobres — os homens de Valen não faziam distinção. Forcei-me a olhar para cada rosto que cruzávamos, a gravá-los na memória. Eu lhes devia isso, pelo menos.

Eles me conduziram à grandiosa sala do trono, a jornada se estendendo como um sonho febril, o tempo se curvando e distorcendo ao meu redor até que, de repente, me encontrei diante das enormes portas de carvalho. Os guardas as abriram sem cerimônia, e eu entrei na câmara que fora o coração do poder de Vareth por gerações.

O quarto estava mergulhado em sombras, iluminado apenas por tochas espalhadas que projetavam mais escuridão do que luz. No fundo, sentado no trono ornamentado de meu pai como se tivesse nascido para ele, estava Valen. A visão dele me causou um sobressalto. Não de medo, embora talvez devesse ter sido, mas de Algo mais complexo, um emaranhado de raiva e desespero que eu não conseguia nem começar a desvendar.

Em suas mãos, ele brincava distraidamente com a coroa de minha mãe. Seus dedos traçavam os padrões intrincados com um toque quase carinhoso, enquanto sua própria

coroa de ferro, severa e brutal, repousava em sua testa como uma manifestação física de sua crueldade.
Ao entrar, seus olhos se ergueram para os meus, e seus lábios se curvaram num sorriso lento e satisfeito. Era o sorriso de um predador que encurralara sua presa após uma longa caçada, satisfeito, mas ainda faminto pela morte. Ele não fez menção de se levantar do trono, apenas me observando aproximar com aquele olhar inquietante que parecia enxergar através da carne até os ossos.
E então eu os vi.
Ajoelhados diante do estrado, amarrados e amordaçados, estavam meu pai, a Rainha Ira, a Princesa Cordélia e meus quatro meio-irmãos. Suas roupas finas estavam rasgadas e manchadas, seus rostos marcados com sangue e terror. A coroa do meu pai havia sumido, seus cabelos grisalhos grudados à cabeça. Ira ainda usava suas joias, embora agora parecessem zombar dela, brilhando à luz da lareira enquanto ela tremia. A compostura perfeita de Cordélia havia se desfeito, lágrimas escorriam pelo seu rosto, borrando a maquiagem que ela aplicara com tanto cuidado para o banquete de casamento. Meus meio-irmãos, com idades entre dezessete e onze anos, estavam encolhidos juntos, o mais novo soluçando silenciosamente.
Aquela visão me deixou sem ar. Eu nunca gostei particularmente deles, o desprezo de Ira e o ciúme de Cordélia garantiram isso, mas eu nunca desejei que isso acontecesse. Eles ainda eram meu sangue, ainda faziam parte da tapeçaria da minha vida, por mais desgastados que esses fios estivessem.
O horror se enroscou em meu estômago enquanto me obrigava a continuar caminhando, cada passo mais pesado que o anterior. A realidade do momento me envolveu como uma bainha, a lâmina da compreensão pressionada contra minha garganta. Não se tratava de violência impulsiva, nem do caos subsequente a uma conquista. Era algo calculado, pessoal, um quadro preparado especificamente para o meu retorno. .
Procurei por Darius em todo o quarto, mas ele não estava em lugar nenhum. Teria escapado? Já teria sucumbido às lâminas Nocthari? Ou estaria sendo mantido em outro lugar, aguardando um castigo diferente? A incerteza me corroía, mas eu não podia me dar ao luxo de me deter nela. Meu foco precisava permanecer na ameaça imediata.
Quando finalmente cheguei ao final do estrado, Valen se levantou, desdobrando seu corpo alto do trono com uma graça fluida. Ele desceu os degraus até ficarmos cara a cara, tão perto que eu podia sentir o calor irradiando de seu corpo, o cheiro metálico de sangue que agora o envolvia.
“Minha rainha retorna”, disse ele, com a voz suave, mas que se fazia ouvir com facilidade na câmara silenciosa. “Eu já estava começando a me perguntar se você havia fugido.”
Sua mão se ergueu, delicadamente, afastando os cabelos dos meus ombros, seus dedos demorando-se em meu pescoço, onde meu pulso denunciava o medo. Então, com um cuidado perturbador, ele colocou a coroa de minha mãe em minha cabeça, ajustando-a até que se encaixasse perfeitamente, como se fosse uma coroação comum.
“Pronto”, murmurou ele, sem nunca desviar o olhar do meu. “Como deve ser.”
Seu toque deslocou-se para meu robe, alisando a seda amassada, apertando a faixa na minha cintura com um gesto quase preocupado, como se incomodado com o frio da

minha pele nua. Havia algo profundamente errado nessa ternura, nessa paródia de cuidado em meio à carnificina que ele havia orquestrado.
Cordélia emitiu um som abafado de desgosto por trás da mordaça, e o olhar de Valen passou por cima do meu ombro, sua expressão endurecendo por um instante antes de se suavizar novamente.
“Tenho pensado no que fazer com a sua família”, disse ele casualmente, como se estivesse discutindo planos para um jantar em vez de um assassinato. “A princípio, pensei que uma execução pública seria apropriada, uma mensagem para qualquer um que cogitasse se opor a Nocthar. Mas então percebi o quão... comum isso seria. Merecemos algo especial para o nosso casamento, não acha?” ”
Não disse nada, pressentindo a armadilha em suas palavras. Meu silêncio não o deteve.
“Uma vez”, disse Valen, aproximando-se até que seus lábios quase tocassem minha orelha, “eu poderia ter permitido que você me desse uma como presente de casamento. Um gesto de minha generosidade. Mas já que você achou por bem garantir a fuga da princesinha...” Ele recuou, estudando meu rosto. “Você se serviu da minha misericórdia.”
Um gelo percorreu minhas veias. Ele sabia. Claro que sabia. Será que ele sabia o tempo todo? Será que ele me deixou pensar que eu estava sendo esperta, me deixou acreditar que eu estava salvando Lysa e Isolda, só para caçá-las quando eu voltasse?
Ele se inclinou para a frente, de modo que nossos rostos ficaram a poucos centímetros de distância, sua respiração quente contra minha pele. "Devo enviar meus homens para buscá-los? A princesinha e seu fiel amigo? Imagino que não tenham ido muito longe. A floresta é traiçoeira à noite, especialmente para uma mulher com uma criança no colo."
Meu coração batia forte contra as costelas como um pássaro enjaulado. Eu não podia deixar que ele visse o terror que eu sentia por elas, não podia lhe dar esse poder sobre mim. Em vez disso, forcei meu rosto a assumir uma expressão de indiferença cautelosa, baixando os cílios no que eu esperava parecer submissão, e não cálculo.
"Ficaria muito satisfeita se os deixasse ir", disse eu, alterando o tom da minha voz para soar mansa, recatada, tudo o que eu nunca tinha sido. "Eles não representam nenhuma ameaça para você ou para o seu governo."
Valen me estudou por um longo momento, seus olhos escuros buscando nos meus a mentira. Então seu sorriso se suavizou, quase doce em sua aparente sinceridade.
“Eu faria qualquer coisa para te agradar”, disse ele, passando o polegar sobre meu lábio inferior num gesto que era ao mesmo tempo ameaça e promessa. “Considere feito. Eles podem viver… por enquanto. Afinal, que tipo de marido eu seria se negasse o primeiro pedido da minha noiva fora do quarto?”
Uma mistura de vergonha e alívio me invadiu numa combinação tão forte que quase me desequilibrou. Eu sabia que não podia confiar na palavra dele, não podia ter certeza de que aquilo não era mais um caso. Jogo cruel. Mesmo assim, era tudo o que eu tinha. Essa frágil esperança de que Lysa e Isolda pudessem escapar do derramamento de sangue que consumira Vareth, de que pudessem preservar um pequeno fragmento do que um dia fora.
Valen deu um passo para trás, os olhos brilhando com um divertimento cruel enquanto me estudava. "Você gostaria de implorar pela vida do resto da sua família?" A pergunta

pairou no ar entre nós, uma armadilha repleta de falsas esperanças. Lutei para manter a voz firme, para igualar sua crueldade casual com a minha própria indiferença.
"Faria alguma diferença?", perguntei, mantendo o olhar fixo nele sem desviar. O chão de mármore estava escorregadio sob meus pés sangrando, mas recusei-me a mudar o peso do corpo ou demonstrar qualquer sinal de desconforto.
Seu sorriso se alargou, revelando dentes brancos demais, perfeitos demais, como os de uma fera que jamais conhecera a fome. "Não", admitiu ele, parecendo satisfeito com minha percepção. "Mas eu gostaria de ter visto você tentar."
Algo antigo e terrível espreitava por trás de seus olhos, algo que eu vislumbrara durante nossa consumação, mas que ignorara. Agora, cercada pela morte e pela promessa de mais por vir, eu não podia mais negar que havia algo de desumano no homem que se dizia meu marido.
Expirei lentamente, controlando cada respiração para não gritar. Minha família ajoelhou-se atrás de mim, o medo deles uma presença palpável pressionando minhas costas. Não olhei para eles. Não me permiti imaginar seus últimos momentos. Em vez disso, sustentei o olhar de Valen, como se pudesse adivinhar suas verdadeiras intenções através da pura força de vontade.
"Por que você está fazendo isso?" A pergunta escapou crua e horrorizada, e minha compostura se desfez por um instante.
Sua risada ecoou pela câmara, ricocheteando nas paredes de pedra e percorrendo minha espinha como gelo. Não era a risada controlada e elegante que ele usara no banquete de casamento, mas algo mais antigo, mais selvagem, um som que não pertencia a uma garganta humana. .
“Essa”, disse Valen, caminhando lentamente em círculos ao meu redor, “é uma pergunta para o seu pai.” Ele parou atrás de mim, sua respiração quente contra meu pescoço enquanto me virava lentamente para que eu encarasse minha família. “Embora eu não ache que você vá obter muitas respostas dele.”
Algo em seu tom de voz me fez virar para olhá-lo, e o que vi gelou meu sangue nas veias.
Valen estava mudando.
O ar ao seu redor ondulava como o calor que emanava das pedras de verão, seu contorno se tornando indistinto e mutável. Era como se a pele que vestia fosse apenas uma fantasia sendo descartada, a realidade se desfazendo para revelar algo mais vasto, algo de outro mundo. Sua altura aumentou, a pele escurecendo para a rica cor de cobre polido, com veios que pareciam ouro derretido sob a superfície. Seus traços se acentuaram, as maçãs do rosto se transformando em lâminas afiadas, o queixo em uma linha cruel. Mas foram seus olhos que se transformaram de forma mais dramática. O branco desapareceu, as íris se expandiram até que seu olhar se tornou um vazio negro infinito, como olhar para o espaço entre as estrelas, meus lábios se entreabrindo em descrença.
Eu não acreditava nos deuses. Nunca acreditei. Mesmo quando os sacerdotes falavam deles em tons reverentes e sussurrados, mesmo quando meus tutores contavam as lendas de seus jogos cruéis e favores inconstantes, eu as descartava como histórias inventadas para explicar o que as pessoas não conseguiam entender e para controlar

aqueles que tinham medo de questionar. As religiões antigas, as crenças esquecidas — eram resquícios de uma época mais supersticiosa, nada mais.
E ali estava a prova da minha arrogância, terrível e magnífica em sua verdade, uma verdade que reconheci em textos antigos.
O Deus do Sangue e da Conquista, Vharok, estava no lugar do meu marido.
Meus joelhos ameaçaram ceder, mas os mantive firmes, recusando-me a demonstrar fraqueza. Minha mente trabalhava a mil, tentando conciliar o que eu sabia com o que estava vendo. Se Valen era Vharok, se o Deus do Sangue estava se passando pelo Rei de Nocthar, então tudo o que eu pensava entender sobre este mundo, nosso O casamento, com suas motivações políticas entre nossos reinos, era uma mentira tecida em uma tapeçaria ainda maior de enganos.
Um grito estrangulado rasgou a câmara, desviando minha atenção do Deus-Rei à minha frente. Meu pai enrijecera, seus movimentos repentinamente frenéticos, desesperados. Seus olhos, geralmente tão frios e calculistas, estavam arregalados de reconhecimento e terror puro. Não o medo de um rei diante da derrota, mas o horror primordial de um homem confrontando um pesadelo que ele julgava há muito enterrado.
*Ele sabia.*
Meu pai o *conhecia* .
O deus desceu do estrado com passos deliberados, cada pisada pesada o suficiente para enviar tremores sutis pelo chão de pedra. Ele passou por mim, com a atenção totalmente fixa no rei acorrentado a seus pés. A temperatura na sala pareceu subir, o suor que se acumulava em minha testa contrastando fortemente com o frio que eu sentira antes.
Vharok agachou-se diante do meu pai, inclinando a cabeça num gesto tão sobrenatural que eu mal podia acreditar que um dia o considerara humano. "Fico feliz em ver que você se lembra de mim. Sete anos é tempo demais para ficarmos separados." Sua voz era um ronronar, quase divertida, embora algo ancestral se escondesse sob a superfície.
Os esforços do meu pai se intensificaram, seus pulsos sangrando onde as cordas cortavam sua carne. Ele tentou falar através da mordaça, produzindo apenas sons abafados de desespero. Ao seu lado, Ira e Cordelia trocaram olhares confusos em meio às lágrimas, enquanto meus meio-irmãos se aconchegavam mais perto um do outro, como se a proximidade pudesse de alguma forma protegê-los do horror que se desenrolava.
“Eu disse que voltaria”, continuou Vharok, estendendo a mão para tocar o rosto do meu pai com uma ternura mais aterradora que a própria violência. “Eu disse que haveria um acerto de contas.” Pelo que você fez. Pelas correntes, pelos altares, pelo sangue que nunca parou de jorrar.” Ele deslizou o dedo pela bochecha do meu pai, abrindo a carne sem parecer cortar a pele. “Você achou que eu tinha esquecido? Que os deuses não cumprem suas promessas?”
Aquelas palavras não faziam sentido para mim. Correntes? Altares? Que ligação meu pai, pragmático e cético, poderia ter com esse ser de poder ancestral?
“Devo lhe agradecer, no entanto”, sussurrou Vharok, aproximando-se do ouvido do meu pai. “Se você não estivesse tão determinado a ter poder, jamais teria me procurado. Jamais teria me arrastado para o seu reino mortal, me subjugado à sua vontade,

pensando que eu poderia ajudá-lo a conquistar este reino.” Um sorriso se abriu em seu rosto. “E eu jamais teria encontrado sua filha.”
O olhar de Vharok se voltou para mim por um breve instante, algo calculista naqueles olhos abissais. "Ela não faz ideia, não é? Você escondeu isso dela."
Ele se virou para meu pai, inclinando-se ainda mais, seus lábios quase tocando a orelha dele, e sussurrou algo que eu não consegui entender — algo destinado apenas a ele. Seja lá o que fosse, fez os olhos do meu pai se arregalarem ainda mais, um som como o de um animal ferido escapando por trás da mordaça.
Vharok continuou, agora em voz mais alta para que todos pudessem ouvir: "Farei com ela tudo o que você fez comigo." Ele recuou um pouco, seu sorriso cruel se alargando enquanto olhava por cima do ombro para encontrar meu olhar. "Felizmente para nós, você testemunhará cada momento da minha vingança, pois não acredito que sua alma será recuperada tão cedo."
Os gritos abafados do meu pai rasgaram o quarto, um som que transcendia o medo, o desespero. O som de um homem que subitamente compreendeu que a morte não seria sua fuga, mas apenas o início de seu sofrimento.
Como isso estava acontecendo? *O que* estava acontecendo?
Vharok endireitou-se, sua forma ondulando novamente até que ele reapareceu como Valen, a máscara que escolhera usar neste mundo de mortais. A transição foi tão suave, tão completa, que se eu não tivesse visto sua verdadeira forma com meus próprios olhos, poderia ter duvidado que tivesse acontecido.
Sem aviso prévio, sem cerimônia, Valen desembainhou sua espada, uma lâmina de metal estranho e escuro que parecia absorver a luz. O som que fez ao desembainhar a espada foi como um suspiro, quase sensual em sua antecipação.
E com um movimento fluido, a lâmina desceu em um arco perfeito.
O golpe foi tão rápido, tão preciso, que por um instante nada aconteceu. Então, como se o tempo tivesse alcançado o ato, o sangue jorrou do pescoço decepado do meu pai, sua cabeça caindo no chão de pedra com um baque úmido que, eu sabia, assombraria meus sonhos para sempre. Os olhos do meu pai ainda abertos, ainda conscientes, os lábios ainda se movendo no que poderia ter sido meu nome, ou uma maldição, ou um pedido de perdão. Eu nunca saberei.
A sala do trono irrompeu em gritos.
A compostura de Ira se desfez completamente, seu grito cortando o ar enquanto ela se atirava em direção ao corpo do meu pai, indiferente às amarras. Cordélia desabou para a frente, vomitando em meio à mordaça, enquanto meus meio-irmãos gemiam e se debatiam, tentando escapar da poça de sangue que se espalhava em sua direção como dedos que os agarravam.
Fiquei paralisada, incapaz de me mover, incapaz de desviar o olhar. Aquele era meu pai — o rei distante que nunca me demonstrara afeto, que sequer me permitira usar seu sobrenome. Que colocara a coroa da minha mãe em minha cabeça antes de me entregar a um monstro que, aparentemente, sempre fora seu inimigo. Ele não fora um bom pai, nem mesmo um homem particularmente bom, mas seu sangue agora manchava o chão da sala do trono e, em breve, eu sabia, o resto da minha família se juntaria a ele.

Como se respondessem a um comando silencioso, os guardas Nocthari se moviam com terrível eficiência. O aço reluzia à luz das tochas e, um a um, minha família desabou sobre a pedra em montes sem vida. Primeiro Ira, depois Cordelia, depois meus irmãos em ordem de idade — o mais novo por último, seu pequeno corpo caindo sobre os irmãos em uma pilha grotesca de membros e sangue.

Tudo acabou em instantes. Seis vidas se extinguiram em um instante.

Eu não gritei. Não desmaiei. Não caí de joelhos em desespero. Fiquei parada, imóvel, enquanto o cheiro de sangue me invadia. O ar, denso e acobreado na minha língua. Algo dentro de mim havia se aquietado, ficado imóvel. Um espaço além do choque ou da dor, onde uma certeza fria e lúcida se enraizou. Eu me lembraria disso. Eu carregaria este momento comigo como uma lâmina contra o meu coração, e um dia, de alguma forma, eu faria Valen—Vharok—pagar por cada gota de sangue derramada nesta noite.

Em meio à carnificina, Valen se virou para mim, seu rosto não demonstrando nada do que acabara de acontecer. Ele poderia estar examinando uma pintura minimamente interessante ou pensando em qual vinho servir no jantar, em vez de estar em um lago de sangue da minha família.

"Reencontros podem ser tão tediosos", comentou ele, limpando a lâmina no que outrora fora a mais requintada joia de Cordélia. "Mas necessários, creio. Um encerramento, antes de começarmos nossa vida juntos." Ele embainhou a espada e aproximou-se de mim, parando um pouco antes de onde eu estava. "Parece que teremos uma lua de mel desagradável, minha rainha. Há tanto para lhe contar, tanto para lhe mostrar." Ele estendeu a mão, traçando a curva da minha bochecha com um dedo que deixou um rastro de umidade. "Mas primeiro, devo cumprir minhas promessas ao seu pai."

A um sinal invisível, guardas me agarraram por trás, mãos ásperas apertando meus braços com força brutal. Não resisti enquanto me arrastavam para trás, em direção às portas, para longe da sala do trono que se tornara um ossuário. Qual seria o sentido? Eu estava em desvantagem numérica, em desvantagem de poder — um mortal nas garras de forças que eu apenas começava a compreender.

Mas eu não baixei o olhar. Não inclinei a cabeça. Enquanto me arrastavam para a escuridão do corredor, meus olhos permaneceram fixos nos de Valen, uma promessa silenciosa passando entre nós.

Isso não tinha acabado.

As portas da sala do trono se fecharam com força atrás de mim, e os guardas continuaram sua sombria procissão pelos corredores que um dia foram meu lar. Para onde me levavam, eu só podia imaginar. Talvez para as masmorras, ou para algum lugar especial. câmara preparada onde Valen poderia continuar qualquer jogo perverso que tivesse começado.

Então algo atingiu a parte de trás da minha cabeça com tanta força que fez estrelas explodirem diante dos meus olhos. Cambaleei, meus joelhos finalmente cedendo. Enquanto a consciência me escapava, meu último pensamento foi na coroa da minha mãe, ainda empoleirada na minha cabeça.

Então tudo ficou escuro.

# PARTE DOIS
# O DESESPERO

CAPÍTULO ONZE

# UM ABRAÇO DE PEDRA

EU Acordei em uma escuridão tão completa que parecia que eu estava me afogando.

Meus pulmões se contraíram, lutando contra a pressão da escuridão infinita, enquanto minha mente girava, incapaz de compreender onde eu estava ou como havia chegado ali. A pedra sob mim drenava o calor do meu corpo com uma eficiência cruel, e o ar, viciado e denso com o perfume da podridão, impregnava o interior do meu nariz. Por um breve e misericordioso instante, não me lembrei de nada.

Então a dor desabrochou, uma sinfonia de dores que despertavam uma a uma. Meus pés em carne viva, dilacerados. Os hematomas que se espalhavam pelas minhas costelas e braços. A sede ardente que transformara minha língua em lixa. Me mexi, e a fina seda do meu roupão roçou minha pele como estopa. O movimento provocou ondas de náusea, e me encolhi. ao meu lado, pressionando minha bochecha contra a pedra úmida como se seu frio pudesse me ancorar à consciência.

Como uma maré crescente, as memórias irromperam, cada uma mais horrível que a anterior. Meus votos de casamento, proferidos com uma convicção vazia. Sangue se misturando com sangue enquanto Valen me prendia a ele. Os gritos repentinos e terríveis que ecoaram pelo castelo. Minha fuga desesperada pelos corredores, o robe de seda agarrado ao meu corpo, os pés deixando pegadas de sangue no chão de mármore enquanto eu procurava por Lysa.

Lembrei-me de encontrar minha irmãzinha escondida, seu pequeno corpo tremendo de medo. Lembrei-me do rosto de Isolda, banhado em lágrimas, enquanto ela tirava Lysa dos meus braços. Lembrei-me da brutal frieza nos olhos de Valen enquanto ele executava minha família um por um, seus corpos caindo no chão da sala do trono como bonecas abandonadas.

Um som escapou da minha garganta, algo entre um grito e um soluço, e bati com a palma da mão no chão de pedra, acolhendo a dor aguda que percorreu meu braço. Dor significava que eu estava viva. Dor significava que aquilo era real.

"Não", sussurrei, a palavra arranhando minha garganta seca. "Não, não, não."

Me esforcei para me levantar, ignorando o protesto dos músculos doloridos. Estendi as mãos, tateando às cegas na escuridão sufocante. Uma parede de pedra à minha direita. Pedra sob mim. Avancei arrastando os pés, as mãos varrendo o chão à minha frente até encontrarem metal frio. Grades. Barras de ferro, grossas como meu pulso, cravadas na pedra de cada lado.

Uma cela. Eu estava numa cela nas masmorras sob o palácio de Vareth. As masmorras sobre as quais eu só ouvira sussurros, onde traidores e inimigos da coroa eram deixados para apodrecer e serem esquecidos.

Mas eu *era* a coroa. Ou melhor, tinha sido, por um dia banhado em sangue.

Envolvi meus dedos nas grades e as sacudi com toda a força que o desespero me permitia. Elas nem sequer tremeram. Pressionei meu rosto entre elas, fitando a escuridão que não oferecia nenhum alívio. .

“Guardas!” Minha voz falhou ao pronunciar a palavra, um grunhido patético que não ultrapassaria os muros da minha cela. Engoli em seco, com dor, e tentei novamente. “Valen! Seu covarde! Me deixe sair!”

Apenas o silêncio me respondeu, quebrado pelo gotejar distante da água e pelo arranhar de vermes invisíveis nas paredes. Soquei as grades até que a dor irradiasse pelos meus braços, mas o ferro frio não cedeu. Meus joelhos doíam por causa do chão de pedra, mas eu não conseguia me obrigar a voltar para o canto onde havia acordado.

Desloquei-me para a esquerda, seguindo as grades, calculando as dimensões da minha prisão. A cela era pequena — apenas seis passos em qualquer direção, eu estimava. Três paredes de pedra maciça, uma parede de grades voltada para o que eu supus ser um corredor. Sem janela. Sem suporte para tocha. Nada além de escuridão e a promessa de uma morte lenta e debilitante.

Minha respiração ficou mais rápida, mais superficial. As paredes pareciam me pressionar. Imaginei o peso do palácio acima de mim, toneladas de pedra me separando do céu. Será que algum dia veria a luz do sol novamente? Sentiria uma brisa no rosto? Ou morreria ali, sozinha na escuridão, meu corpo esquecido até restar apenas ossos?

*Não* . Eu não morreria. Não assim. Não quando Lysa estava lá fora em algum lugar, precisando de mim.

Lysa. Pensar nela era como um ponto de luz na escuridão sufocante. Eu a segurei, senti seu pequeno corpo quente contra o meu enquanto a carregava pelo caos daquela noite. Eu a coloquei nas mãos capazes de Isolda. Eu as vi desaparecer na noite.

Eles tinham escapado. Tinham que ter escapado. A alternativa era impensável.

Deixei-me cair de volta no chão, com a coluna pressionada contra a parede de pedra fria, e encolhi os joelhos contra o peito. O fino robe de seda não oferecia nenhum calor, mas mesmo assim me abracei, tentando acalmar os tremores que percorriam meu corpo.

“Elas estão seguras”, murmurei, como se pronunciar essas palavras pudesse torná-las realidade. “Lysa está segura. Isolde a protegerá.” ”

Mas e os outros? Meu pai, decapitado com um único golpe da espada de Valen. A rainha Ira, suas feições elegantes contorcidas de terror em seus últimos momentos. Cordélia, minha meia-irmã que nunca me amou, mas não merecia um fim assim. Meus meio-irmãos, jovens demais para compreender as forças que trouxeram a morte à sua porta. Todos se foram, seu sangue encharcando o chão da sala do trono enquanto eu assistia, impotente.

E Valen. O rei Valen de Nocthar. Meu marido. Um deus em pele mortal.

Uma gargalhada histérica brotou do meu peito. Um deus. Eu me casei com um *deus* . Um que massacrou minha família antes mesmo que o sangue do nosso ritual de união secasse. Um que me jogou nas *minhas próprias masmorras.* Em que tipo de pesadelo eu me meti? Que tipo de conto de fadas infernal era esse?

Eu só conhecia o Deus do Sangue e da Conquista por uma imagem que encontrei no escritório do meu pai. Vareth era um reino que venerava as Deusas Gêmeas, e qualquer estudo sobre outros deuses era praticamente proibido. Eu não sabia praticamente nada sobre o deus com quem havia me casado e me sentia em grande desvantagem.

Suspirei, acomodando-me para esperar meu marido.



Não sei quanto tempo se passou enquanto eu estava ali sentado, perdido na escuridão. Horas, talvez. Talvez dias. A fome me corroía o estômago e a sede arranhava minha garganta como garras. Eu oscilava entre um sono leve e inquieto, despertando sobressaltado aos menores ruídos — o farfalhar de um rato, o eco distante de uma porta se fechando, o rangido do antigo palácio se acomodando.

Em algum momento, rastejei de volta para o canto onde havia acordado, me encolhendo na pedra úmida, conservando o pouco calor que meu corpo conseguia gerar. Tentei pensar em uma forma de escapar. de vingança, de qualquer coisa que não fosse o peso esmagador da dor e do medo, mas meus pensamentos espalhados como folhas numa tempestade, recusando-se a ser reunidos.

Eu talvez estivesse dormindo quando ouvi — o som distante de uma porta se abrindo, as dobradiças rangendo com um guincho enferrujado. Depois, passos. Lentos, medidos, confiantes. O clique de botas na pedra, se aproximando. Chegando cada vez mais perto da minha cela.

Endireitei-me com dificuldade, o coração batendo forte contra as costelas. Uma luz invadiu o corredor além da minha cela — não a luz do dia, mas o brilho alaranjado e quente de uma lanterna. Meus olhos doíam depois de tanto tempo na escuridão, e levantei a mão para protegê-los, semicerrando os olhos contra a claridade repentina.

Uma figura escura surgiu na luz, e eu a reconheci instantaneamente. Mesmo que não pudesse ver seu rosto, teria reconhecido a forma daqueles ombros, o jeito preciso como se movia. O ar ao seu redor pareceu se adensar, carregado de uma energia que fez os pelos dos meus braços se eriçarem.

Valen.

Ele carregava uma bandeja em uma mão e uma tocha na outra. Colocou a tocha em um suporte que eu não conseguira ver na escuridão e então se aproximou da minha cela. Agora eu podia vê-lo claramente — os ângulos agudos do seu rosto, o preto profundo dos seus cabelos, a imobilidade desumana com que me observava. Vestia roupas simples, calças escuras e uma camisa larga, mas se portava com a arrogância de um rei. De um deus.

“Você está com uma aparência terrível”, disse ele, com a voz suave e carregada de divertimento.

Não respondi. Não lhe daria a satisfação de sentir meu medo ou minha raiva.

Ele suspirou, um suspiro de paciência exagerada, e pousou a bandeja. Com um movimento displicente, deslizou-a por uma pequena abertura no chão do bar — comida, água e algo dobrado por cima que parecia roupa. Uma afronta à civilidade depois do que ele fizera. .

Não me mexi para pegar, embora minha garganta seca implorasse por água e meu estômago vazio se revirasse com o cheiro de pão.

“Você deveria comer”, disse ele, encostando-se na parede em frente à minha cela. “Passar fome seria um gesto inútil.”

Levantei a cabeça, encontrando seu olhar apesar do tremor em meus membros. À luz da tocha, seus olhos brilhavam com um fulgor desumano, como ônix polido. O peso de seu olhar percorreu minha pele como algo vivo, avaliando, calculando.
"Diga alguma coisa", murmurou ele, num tom quase gentil. "Estava ansioso para ouvir sua língua afiada, minha rainha."
Consegui esboçar um sorriso, um sorriso amargo e frio. "O que você quer que eu diga?", perguntei finalmente, com a voz rouca como antes. "Que sou grata pela sua hospitalidade? Que estou gostando da minha estadia na sua masmorra?"
Seu riso era suave e genuíno, o que de alguma forma o tornava mais aterrador do que qualquer demonstração de raiva poderia ter sido. "Aí está ela. Eu estava preocupado que seu espírito já tivesse se quebrado. Isso teria sido decepcionante."
Ele se aproximou das grades, os dedos deslizando sobre o ferro como se cumprimentasse um velho amigo. A luz da tocha lançava sombras em metade do seu rosto, transformando suas feições em algo antigo e malévolo. Seus olhos — aqueles olhos desumanamente escuros — me estudavam como quem estuda um inseto preso ao veludo, com uma curiosidade distante e a calma certeza de que eu não podia escapar.
Por fim, ele suspirou. "Coma, esposa. Passar fome não vai mudar nada, muito menos os meus planos para você."
"Esposa", cuspi a palavra como veneno. "É isso que eu sou? O sangue em suas mãos nem tinha secado antes de você me jogar aqui dentro."
“O sangue é a base de todos os laços significativos”, respondeu ele, como se estivesse explicando algo óbvio para uma criança. “O nosso é talvez o mais significativo de todos.” ”
Encarei-o, a repulsa percorrendo-me como gelo nas veias. "Que laço? Você assassinou minha família. Você massacrou todos que eu já conheci."
“Nem todos”, disse Valen, com voz suave, mas incisiva. “Eu posso ser misericordioso, ocasionalmente.”
Meu coração deu um salto no peito, mas mantive minha expressão cuidadosamente neutra. Lysa. Islode. Se ele estava me dizendo isso, significava que ainda não os havia capturado. Eles ainda estavam livres. Mas por quanto tempo?
"O que você quer de mim?", perguntei, odiando o tremor na minha voz.
Valen se agachou, aproximando o rosto do meu através das grades. "Muitas coisas, Mireille. Mas, por agora, quero apenas que você entenda sua situação."
Sua proximidade me causava arrepios, mas eu me recusava a recuar. Mostrar fraqueza agora só alimentaria o jogo doentio que ele estava jogando.
“Minha posição é bastante clara”, eu disse. “Prisioneira. Viúva. Órfã. Tudo graças a vocês.”
“Viúva?” Seu sorriso foi lento e terrível. “Estou muito vivo, minha rainha.”
“Meu marido morreu no instante em que se revelou um monstro.”
Algo reluziu em seu rosto — não exatamente raiva, mas uma ondulação na máscara perfeita que ele usava. "Você não sabe nada sobre monstros. Mas saberá."
“Eu sei tudo o que preciso. Eu sei quem você é.”
Ele estendeu a mão por entre as grades, seu movimento rápido demais para que eu pudesse me esquivar. Seus dedos agarraram meu queixo, forçando meu rosto para cima. Seu toque era ardente, como metal exposto ao sol por muito tempo, e não

consegui conter a careta. Seu polegar traçou a linha da minha mandíbula com uma familiaridade possessiva que me fez sentir náuseas.
“Você fala de monstros como se fossem criaturas simples”, murmurou ele, sua respiração roçando meu rosto. “Mas os monstros são criados, Mireille. São forjados no fogo da traição e "Temperado no gelo do abandono." Seu aperto se intensificou, não o suficiente para me machucar, mas o bastante para me lembrar de sua força. "Pergunte ao seu pai sobre monstros. Ah, espere... você não pode."
Recuei bruscamente do seu toque, o ódio queimando em minhas veias como veneno. "Não fale do meu pai."
“Seu pai”, interrompeu Valen, com a voz subitamente cortante, “sabia exatamente o que o esperava depois de me manter aqui por tanto tempo.”
Engoli em seco, sentindo o gosto de sangue e medo. Cem perguntas ardiam em minha mente, cem maldições prontas para serem lançadas contra ele. Mas quando finalmente falei, minha voz rouca e embargada, perguntei a única coisa que importava.
“O que ele fez com você?”
Ele inclinou a cabeça, observando-me. "Seu pai", disse ele, prolongando as palavras como se as estivesse saboreando, "era um grande colecionador. Você sabia disso sobre ele?"
Não disse nada. Eu sabia tão pouco sobre meu pai. O homem que me manteve à distância a vida toda, que me casou com um monstro por ganho político, que morreu me olhando com algo como medo e arrependimento nos olhos.
Ele se levantou e começou a andar de um lado para o outro do lado de fora da minha cela, seus movimentos fluidos e predatórios. Cada passo deliberado, calculado, como se ele tivesse todo o tempo do mundo — o que, eu supunha, era verdade.
“Seu amado Rei Aeldrin me manteve acorrentado nestas mesmas masmorras por décadas.” Seus olhos brilhavam à luz da tocha, antigos e terríveis. “Ele me prendeu com ferro e magia de sangue, tudo por meros *fragmentos* de poder.”
Franzi a testa, apertando o roupão ao redor do corpo, apesar de saber que era um gesto inútil contra o frio e seu olhar penetrante. "Como isso é possível?"
A atenção de Valen voltou-se para mim, afiada como uma lâmina. “Seu pai não foi o único rei obcecado pelo divino, pelos deuses. Existem muitos documentos que descrevem como nos capturar, mas a maioria falha na tentativa.” Ele murmurou, um som baixo que parecia vibrar na pedra sob meus pés. “Aeldrin era apenas mais... ambicioso.” do que a maioria.”
Me mexi, estremecendo quando meus pés descalços rasparam no chão. "Mas você *é* um deus, não é?", perguntei, as palavras ainda estranhas em minha língua. "Por que você se deixaria aprisionar? Por que você simplesmente não..." gesticulei vagamente, incapaz de articular do que um deus deveria ser capaz.
“Aprisionado.” Valen saboreou a palavra como um bom vinho. “Um termo tão delicado para o que realmente aconteceu. Seu pai me arrancou do meu descanso. Me invocou como se eu fosse um deus menor e me subjugou à sua vontade usando métodos que...” Ele fez uma pausa, sua expressão endurecendo. “Digamos apenas que ele foi minucioso em seu interrogatório.”

A implicação pairava no ar entre nós. Tortura. Meu pai torturara Valen nessas masmorras.
"Não entendo", eu disse, com a voz embargada pela frustração. "Se você é tão poderoso, por que simplesmente não fugiu?"
Valen suspirou, aparentemente entediado com a minha pergunta. "Algumas gaiolas são mais complexas do que grades de ferro, Princesa."
Esse Deus-Rei era tão irritante. "Você sempre fala em enigmas, Açougueiro?"
Ele deu uma risadinha enquanto retomava seu andar de um lado para o outro. "Para responder à sua pergunta, pardal, essas masmorras foram construídas muito antes da época de seu pai — antes mesmo de Vareth ser um reino. Restam apenas duas celas nos reinos mortais que podem abrigar seres como eu. Meus parentes e eu destruímos todas as outras, mas esta ainda está de pé." Seu olhar se desviou para a parede que separava minha cela da cela adjacente.
"Mas como?", insisti, precisando entender. "Como é possível aprisionar um deus?"
“A cela em si é apenas pedra e ferro”, explicou Valen, com um tom de voz suave e cadenciado. “O que a torna especial são as runas esculpidas em sua fundação, os sacrifícios enterrados sob o chão. Poder ancestral, Princesa. O tipo de poder que seu povo esqueceu — ou escolheu esquecer.”
Tentei processar essa informação, conciliá-la com tudo o que eu achava que sabia sobre meu pai, sobre Vareth, sobre o mundo. "Por que seus... parentes não vieram resgatá-lo?"
”
O sorriso de Valen tornou-se cruel naquele instante, um mostrar de dentes que me lembrou sua verdadeira natureza. "Essa não é a história que me cabe contar", disse ele, com a voz subitamente fria.
Um silêncio se instalou entre nós, preenchido apenas pelo gotejar distante da água. Me vi encarando as roupas intocadas que ele havia trazido — um vestido simples de tecido escuro, muito diferente da elegância que eu conhecera a vida toda. Seria essa a minha existência agora? Prisioneira na masmorra do meu antigo lar, vestida em farrapos, à mercê de um deus vingativo?
“Então, o que aconteceu? Você esperou todo esse tempo por vingança?”, perguntei, tentando entender essa história distorcida. “Você se casou comigo só para… o quê? Para fazer meu pai assistir você tomar o reino dele antes de matá-lo?”
Valen me observou por um longo momento, sua expressão indecifrável. "Vingança é uma palavra simples para um desejo complexo, Princesa." Ele se aproximou das grades, seus dedos se fechando em torno do ferro. "Eu queria que seu pai soubesse o que é perder tudo. Sentir-se impotente. Ver tudo o que ele construiu com *o meu poder* desmoronar diante de seus olhos."
Encarei-o, aquele ser que se dizia divino, mas que nutria um ódio tão mortal. À luz bruxuleante da tocha, sombras dançavam em seu rosto, realçando os ângulos agudos de suas maçãs do rosto, a curva cruel de sua boca. Ele parecia completamente humano, até mesmo belo, de uma forma fria e perigosa.
“Estamos realmente casados?”, perguntei finalmente, a pergunta quase inaudível. “Aos olhos dos deuses e dos homens?”

Valen encontrou meu olhar com um leve sorriso enigmático. "Estamos casados", confirmou ele, "e assim permaneceremos para sempre. Os votos que trocamos foram vinculativos de maneiras que você nem imagina. Não foram apenas palavras bonitas, Princesa."

Um peso opressivo se instalou em meu peito. *Eterno* . A palavra ecoava em minha mente como um dobre de finados.

“Vou me ausentar por um tempo”, disse Valen abruptamente, mudando de assunto. “Assuntos de Estado exigem minha atenção. Afinal, seu antigo reino não se governa sozinho.” ”

"Quanto tempo?", perguntei, odiando o desespero que se insinuou na minha voz.

Ele deu de ombros, um gesto estranhamente humano para um ser de poder tão antigo. "Quinze dias, talvez mais. Conquistar um reino exige atenção aos detalhes, e os nobres de Vareth precisam... ser convencidos de que seu novo rei veio para ficar."

Meu coração se apertou ao pensar no que isso poderia significar para o meu povo, para os cidadãos de Vareth que não tiveram participação nos pecados do meu pai nem na vingança de Valen.

“Antes de ir, você precisa saber”, acrescentou ele, “que sua irmã e seus companheiros chegaram a Dothra em segurança.” Seu tom era casual, mas seus olhos me observavam atentamente, avaliando minha reação. “De nada.”

Fiquei paralisada, com a respiração presa na garganta. Minha irmã estava viva. A salvo. Dothra era uma cidade nos arredores de Anorath. O alívio que me invadiu foi tão forte que me deixou tonta, e precisei pressionar a palma da mão contra as barras de ferro geladas para me firmar.

"Você está me dizendo isso por bondade?", perguntei, desconfiada dessa inesperada demonstração de compaixão. "Ou é uma ameaça?"

A risada de Valen era suave e genuinamente divertida. "Sempre tão desconfiada, minha rainha. Considere isso... informação dada livremente."

Analisei seu rosto, procurando por engano. "Por que você me diria isso? Por que os deixou escapar?"

“Talvez eu não seja o monstro que você pensa que eu sou”, disse ele, embora seu tom sugerisse que ele não se importava muito com o que eu pensava dele. “Ou talvez eu simplesmente goste de lhe dar esperança. A caçada é sempre mais gratificante quando a presa acredita que tem uma chance.”

Um arrepio percorreu minha espinha. "Se você os machucar—"

"Vai fazer o quê?", interrompeu Valen, com a voz ainda agradável, mas carregada de advertência. "Lembre-se da sua posição, esposa. Você não tem nada com que negociar, nada com que ameaçar."

Ele tinha razão, e nós dois sabíamos disso. Eu estava impotente, enjaulado, À sua mercê.

Ele se virou para sair, mas parou perto da cela ao lado. Inclinando-se para perto das grades, sorriu — um sorriso fraco e cruel que fez meu sangue gelar. "Ainda se recusando a comer, vejo", murmurou para quem quer que estivesse lá dentro. "Tal orgulho nunca lhe serviu tão bem quanto a você."

Então ele se endireitou, olhando para mim por cima do ombro. "Talvez seja melhor para você ficar bem longe daquela parede, princesa. Algumas *coisas* é melhor deixar em paz."
Meu pulso batia forte contra as costelas. Será que eu não estava sozinho nesta escuridão? Será que havia mais alguém definhando na cela ao lado da minha, alguém que também tivesse chamado a atenção de Valen? Alguém que também tivesse sido capturado pelo meu pai?
Com essas palavras finais, ele partiu, a pesada porta externa se fechando atrás dele com uma firmeza que pareceu roubar o ar dos meus pulmões. A escuridão voltou a envolver tudo, mas agora a sensação era diferente, carregada com a percepção de outra presença por perto.
O silêncio se estendeu, preenchido apenas pelo gotejar irritante da água e pelo farfalhar de ratos invisíveis. Umedeci os lábios, reunindo coragem antes de me dirigir à parede que separava nossas celas.
"Tem alguém aí?", perguntei baixinho, encostando-me na pedra.
Nenhuma resposta veio, nem mesmo o sussurro de um movimento. Será que Valen estava apenas jogando um jogo cruel, tentando me fazer acreditar que eu tinha um aliado, um amigo neste isolamento, apenas para revelar mais um engano?
Então, ouviu-se um som. Não uma voz, mas um raspar lento e deliberado. Metal contra pedra, rítmico e intencional. Depois, silêncio novamente.
Prendi a respiração, aguardando, com todos os sentidos em alerta.
“Um pequeno cervo”, disse uma voz finalmente, tão baixa que quase não a ouvi. Uma voz de homem, rouca pelo desuso, mas refinada por baixo da aspereza. “Estamos perdidos na floresta?”
O tom carinhoso e zombeteiro me arrepiou. Ele me deixou desconfortável, meu corpo imediatamente reconheceu o predador. bem de perto. No entanto, eu não conseguia vê-lo, não conseguia avaliar se era amigo ou inimigo, se era mortal ou algum outro deus cativo em pele mortal.
"Quem é você?", perguntei, aproximando-me da quina da parede onde a pedra encontrava o ferro, esforçando-me para vislumbrar meu vizinho.
Uma risada baixa e sem humor ecoou pela escuridão. "Ninguém importante. Apenas mais um troféu na coleção. Mais um prisioneiro da ambição do seu pai."
Meu coração afundou. Mais uma acusação contra meu pai, mais uma camada no mistério dos aparentes pecados do Rei Aeldrin.
"Você conhecia meu pai?", perguntei, desesperada por qualquer fragmento de informação que pudesse dar sentido a esse pesadelo.
O som de raspagem veio novamente, seguido por um tilintar de metal — correntes, percebi, se movendo contra a pedra.
“Ah, sim”, respondeu a voz, um sorriso evidente em sua cadência, apesar da aspereza. “Eu conhecia seu pai muito bem. Assim como ele me conhecia.” Uma pausa, carregada de algo que eu não conseguia nomear. “E agora, ao que parece, conhecerei a filha dele. Que simetria deliciosa.”
Minha espinha se enrijeceu ao ouvir suas palavras. Quem quer que fosse — o que quer que fosse — estivesse esperando na escuridão além da minha cela, eu pressentia que meu encontro com ele não seria menos perigoso do que meu confronto com Valen.

Talvez ainda mais.

Recuei das grades, refugiando-me no canto mais afastado da minha cela, onde as sombras eram mais densas. Ali, encolhida contra a pedra fria, abracei os joelhos e tentei compreender um mundo subitamente povoado por deuses e prisioneiros que falavam em enigmas.

Pressionei as palmas das mãos contra os olhos até que luzes dançassem atrás das minhas pálpebras — as únicas estrelas que provavelmente veria por muito tempo. .

Amanhã, decidi, tentaria comer e beber, mantendo minhas forças para o que me aguardava. Amanhã, começaria a planejar minha fuga, minha vingança, minha sobrevivência.

Mas esta noite, sozinha na escuridão com o fantasma do sorriso de Valen ainda me assombrando, permiti-me um momento de puro medo primitivo. Um momento para reconhecer a enormidade do que eu enfrentava… aprisionada por um deus, ligada a ele por magia de sangue que eu não entendia, separada de todos que eu já amei ou em quem confiei.

Apertei o punho contra a boca para abafar um soluço. Eu não choraria. Eu não me quebraria. Eu era Mireille de Vareth, filha bastarda de um rei, esposa de um monstro. E de alguma forma, eu encontraria um jeito de transformar esse pesadelo em vantagem.

Mesmo que levasse uma eternidade.

CAPÍTULO DOZE

# DIAS DE ESCURIDÃO

Meu corpo havia aprendido os contornos das pedras sob meus pés, um mapa de desconforto que memorizei ao longo de três intermináveis dias de isolamento.

O frio já havia penetrado a carne e se instalado nos ossos, uma companhia constante, mais fiel do que qualquer cortesão que eu já tivesse conhecido. Me mexi, estremecendo quando o movimento despertou a latejamento surdo nos meus pés — memórias da minha fuga desesperada pelos corredores do castelo, incrustadas na carne como cacos de promessas quebradas.

A água pingava em algum lugar à distância, uma companheira constante e arrítmica para meus pensamentos. Gota. Pausa. Gota. Gota. Pausa. Como os últimos suspiros de algo moribundo. Eu O tempo era medido por essas gotas, um exercício de precisão fútil que mantinha o peso esmagador da realidade a uma ligeira distância.

O silêncio foi quebrado pelo súbito rangido de metal, a porta no final do corredor se abrindo com um protesto das dobradiças negligenciadas. Passos pesados se aproximaram, cada um deliberado, sem pressa. Os guardas de Vareth, meus guardas outrora, agora de Valen, mantinham uma rotina tão confiável quanto o nascer da lua. Duas vezes por dia, eles vinham, marcando o café da manhã e o jantar com a mesma eficiência impassível.

Endireitei a coluna, recusando-me a ficar encolhida como um animal ferido. O tecido escuro do vestido que Valen me trouxera — uma peça simples, sem adornos e prática — pendia frouxo em meu corpo depois desses três dias de caldo ralo e pão amanhecido. Alisei-o com as palmas das mãos que antes só conheceram seda e veludo, agora calejadas de tanto explorar cada centímetro das paredes da minha prisão em busca de fraqueza.

O guarda apareceu, uma silhueta de ombros largos bloqueando a pouca luz que vazava do corredor além. Seu rosto, meio escondido na sombra, ostentava a máscara impassível de alguém que aprendera que enxergar os prisioneiros como pessoas tornava o trabalho impossível. Ele carregava uma bandeja de madeira em uma das mãos enormes, a outra repousava no punho da espada, uma precaução que poderia ser risível se não fosse tão insultante. Que ameaça eu poderia representar, descalço e desarmado, com as forças drenadas pela dor e pela fome?

“Boa noite”, eu disse, embora soubesse que ele não responderia. Três dias de tentativas de conversa não haviam resultado em nada além de um silêncio sepulcral. Tentei perguntas, ordens, até mesmo súplicas naquele primeiro dia desesperado. Agora, eu falava apenas para ouvir uma voz humana, mesmo que fosse a minha. “O tempo deve estar agradável lá em cima. Não consigo sentir o cheiro de chuva no ar que você traz consigo.”

Seus olhos se voltaram para mim por um breve instante enquanto ele empurrava a bandeja pela pequena abertura no chão do bar. Ele não havia encontrado meu olhar, mas reconheceu minha presença, o que já era alguma coisa. Talvez Valen não tivesse completamente... Despojaram os guardas de Vareth de sua humanidade. Ou talvez fosse simplesmente piedade, a mais inútil das emoções.

A bandeja continha o que, nessa nova realidade, servia de refeição: uma tigela de madeira com um caldo tão ralo que dava para ver através dele, um pedaço de pão que há muito perdera qualquer frescor e um copo d'água que, ao menos, parecia limpa. Um banquete para os condenados.
Assenti rigidamente, como uma duquesa aceitando uma oferenda na corte. A boca do guarda se contraiu, depois desapareceu, e ele também, a porta da masmorra se fechando com uma certeza que ecoou em meus ossos.
Estendi a mão para a bandeja, meu estômago traindo minha dignidade com um ronco audível. A fome havia se tornado uma estranha companheira, às vezes aguda e exigente, às vezes uma dor distante e surda que eu quase conseguia esquecer. Mergulhei um dedo no caldo, constatando que estava, na melhor das hipóteses, morno. Melhor do que frio, imaginei, embora a memória cruelmente evocasse imagens de tigelas fumegantes de ensopado perfumado, pão fresco brilhando com manteiga, vinho com gosto de sol de verão.
Comi devagar, metodicamente, saboreando cada mordida. O pão raspava minha garganta ao descer, e eu o acompanhava com goles de água, medindo meu consumo com a precisão cuidadosa de quem entende que essas parcas provisões devem sustentar o corpo e o espírito até a próxima entrega.
Terminada a refeição, coloquei a bandeja de lado e me levantei, ignorando o protesto dos músculos rígidos e a dor renovada dos cortes que ainda não haviam cicatrizado completamente. Ficar de pé fez minha cabeça latejar com mais força, uma pulsação rítmica que ecoava as batidas do meu coração. Mesmo assim, forcei-me a ficar ereta, relutante em ceder até mesmo a esse pequeno ato de desafio.
Agora eu sabia que minha cela media oito passos por seis — eu os havia contado cem vezes, percorrendo o perímetro como um animal enjaulado buscando escapar. As paredes eram de pedra antiga, sólidas e indiferentes, carregando as marcas de incontáveis anos de testemunho silencioso. Passei os dedos por elas mais uma vez, procurando por rachaduras, por argamassa solta, para detectar qualquer sinal de fragilidade que explorações anteriores possam ter deixado passar.
Não havia nada. A maestria na construção das masmorras de Vareth era, ironicamente, algo de que meu pai poderia ter se orgulhado. Gerações de habilidosos pedreiros garantiram que essas paredes permaneceriam de pé muito depois que aqueles que as construíram tivessem virado pó. Encostei minha testa na pedra fria, permitindo-me um momento de derrota.
"Você está aí?", sussurrei para a parede que separava minha cela da cela ao lado, embora mal acreditasse que meu companheiro de cela vizinho realmente existisse.
O silêncio sempre me respondia quando tentava falar com meu vizinho. Às vezes, por um instante, eu pensava ouvir uma respiração que não era a minha, mas ele nunca respondia às minhas tentativas de conversar.
Levantei o olhar para a grade acima, onde os últimos vestígios de luz do dia se dissipavam na noite azul-escura. Através daquelas grades, por vezes vislumbrava uma nuvem passageira, um fragmento de céu, uma lembrança tentadora de um mundo para além da pedra e da sombra. A visão era, ao mesmo tempo, consolo e tortura. Prova de que a vida continuava, alheia ao meu sofrimento, mas também evidência de que existia algo além destas paredes.

Conforme a escuridão tomava conta da grade, afundei de volta no chão, abraçando os joelhos contra o peito em busca de calor. A coroa da minha mãe, um pensamento que surgiu sem ser convidado, indesejado. Onde estaria agora? Valen a teria reivindicado como um troféu, junto com meu reino e minha liberdade? O pensamento enviou uma onda de raiva pelas minhas veias, quente e reveladora.

Meus dedos se fecharam em punhos, as unhas cravando-se em forma de meia-lua nas palmas das minhas mãos. A dor era bem-vinda, real, presente. Uma âncora para o mundo das sensações quando tudo o mais ameaçava se dissolver em um pesadelo. Eu suportaria isso. Eu sobreviveria. Não por mim, o que restava de mim para salvar? Mas por aqueles que ainda pudessem respirar em um mundo controlado por um monstro que usa uma coroa.

CAPÍTULO TREZE

# PARA ANCORAGEM

EUtinha uma nova rotina.

Foi forjado pelo meu próprio anseio de preservar o que restava da minha sanidade. Todas as noites, depois que o guarda ia embora, eu os recitava — os nomes daqueles que tinham sido importantes, que ainda eram importantes, cuja existência me ligava a um mundo além destas paredes. Não eram muitos nomes. Nunca fui de colecionar amigos como joias, exibindo-os para a admiração alheia. Mas os poucos que eu prezava, eu não entregaria ao esquecimento.

Começou como sempre, com uma respiração profunda que encheu meus pulmões com o ar úmido e mofado da minha prisão. Então comecei a sussurrar, minha voz mal perturbando o silêncio: "Lysa... Isolde... Darius..." Os nomes surgiram como preces, cada sílaba cuidadosamente formada, como se eu as estivesse pronunciando. de alguma forma, isso poderia preservar as pessoas a quem pertenciam, poderia mantê-las — a nós — em segurança.

"Lysa", sussurrei novamente, deixando sua imagem se formar atrás das minhas pálpebras fechadas. Minha meia-irmã mais nova, quase quatro anos, com os cachos dourados do nosso pai e os traços delicados da mãe. O jeito como ela puxava minhas saias quando queria atenção, como insistia para que eu lhe contasse as mesmas histórias repetidas vezes. Histórias de princesas corajosas que se salvaram de torres e dragões.

Era aniversário dela hoje? Eu esperava que ela ainda estivesse viva para comemorar. Ah, como ela adorava bolo!

Levantei-me cambaleante, ignorando o protesto dos músculos enrijecidos pela inatividade e a pulsação renovada nas solas laceradas dos meus pés. Movimentar-me era essencial. Eu sabia disso, embora nunca tivesse ficado num espaço tão pequeno por tanto tempo.

Três passos para a frente, um giro, três passos para trás. Um circuito lamentável.

"Isolda." Minha amiga, minha confidente. Isolda, com sua competência discreta e olhar perspicaz, por quem eu nutria ressentimento a princípio, outro par de olhos me vigiando em nome de meu pai. Contudo, com o passar dos anos, algo genuíno cresceu entre nós, uma confiança construída sobre segredos compartilhados e entendimentos tácitos.

Lembrei-me do tom exato de seus cabelos loiro-acinzentados, do jeito como ela os arrumava em penteados simples, mas que, ainda assim, se adequavam perfeitamente à moda da corte. Da leve arqueada de sua sobrancelha esquerda quando achava algo engraçado, mas o decoro a impedia de rir. Da suave pressão de sua mão em meu braço, uma comunicação silenciosa que dizia muito em um mundo onde cada palavra poderia ser uma arma.

Os nomes eram âncoras. Guardavam significado e memória, impedindo que o passado se dissipasse por completo. Eu fora Mireille de Vareth, filha bastarda de um rei, irmã de uma princesa legítima, amiga de uma mulher que enxergou além do meu título, para a pessoa que eu era. Essas conexões me definiam tão seguramente quanto o sangue que corria em minhas veias. .

Cinco passos para a frente, um giro, cinco passos para trás. Meus pés descalços faziam pouco barulho contra a pedra. Eu me tornara um fantasma na minha própria vida, insubstancial, assombrando as margens de uma história escrita por outros.
"Isolda", sussurrei uma última vez, e hesitei antes de pronunciar o próximo nome.
"Dário."
Seu nome soava diferente na minha língua — não era tão precioso quanto o de Lysa, nem tão reconfortante quanto o de Isolda. Tinha gosto de arrependimento e prazer fugaz, de encontros à meia-noite em corredores esquecidos e da peculiar solidão que se segue à intimidade física sem conexão emocional. Mas, ainda assim, era um nome que eu precisava pronunciar.
Capitão da Guarda Real, com seus cabelos cor de cobre e olhos avelã que pareciam conter o riso mesmo nos momentos mais sérios. Darius tinha sido uma distração, uma forma de sentir algo além da dor constante e surda de ser indesejada. Suas mãos eram gentis, suas palavras doces. Eu nunca o amei, como ele me implorava. Não achava que pudesse sentir esse tipo de emoção por um homem.
Eu me perguntava se ele havia sobrevivido ao massacre. Me perguntava se ele havia lutado bravamente ou se rendido rapidamente ao defender a Rainha e Cordélia. Egoisticamente, me perguntava se, em seus últimos momentos, supondo que eles tivessem chegado, ele sequer pensara em mim. Não deveria importar. Não importava. Contudo, a ideia de seu riso silenciado para sempre deixou um vazio inesperado em meu peito.
"Darius", repeti, reconhecendo o que ele tinha sido para mim sem romantizar a situação. Um corpo quente em noites frias. Um bálsamo temporário para uma ferida profunda. Nada mais.
Sete passos para a frente, um giro, sete passos para trás. Tentei evocar outros nomes, cortesãos, tutores, criados cujos rostos eu via diariamente há anos, mas eles escapavam como peixes em águas turvas, fora do meu alcance.
Isso me assustou mais do que eu gostaria de admitir. Cinco dias em isolamento, e minha mente já estava me traindo, deixando escapar o que deveria estar firmemente gravado na memória. .
Pelo menos, eu dizia a mim mesmo que tinham se passado apenas cinco dias. Mas a escuridão não tinha calendário. As refeições chegavam, mas às vezes eu não conseguia me lembrar se tinha comido ou apenas sonhado em comer.
"Eu sou Mireille", disse em voz alta, agora com a voz mais firme, rebelando-me contra o silêncio. "Filha do Rei Aeldrin de Vareth e..." Hesitei, o nome da minha mãe um mistério que eu jamais desvendara.
Não importa. Todos que a conheciam já haviam partido. Sua existência se apagaria comigo.
Meus passos se tornaram mais frenéticos, como se o movimento físico pudesse impedir a lenta erosão do meu ser. Minha cabeça latejava a cada passo, a lesão um lembrete constante de quão rápido o poder podia mudar, quão facilmente alguém podia se tornar prisioneiro. Os cortes nos meus pés haviam reaberto, deixando marcas tênues e sangrentas na pedra. Evidências da minha existência que seriam apagadas quando eu me transformasse em pó, meu sofrimento tão impermanente quanto tudo o mais.

As lembranças tremeluziam como chamas de velas ao vento, ameaçando se extinguir por completo. O som da voz do meu pai — era grave ou apenas fria? A cor do vestido que usei no meu noivado com Valen — preto, de luto, mas como teria sido a sensação do tecido na minha pele? O prato principal servido no meu banquete de casamento — cheguei a provar, ou a expectativa da nossa consumação me roubou o apetite?
"Lembre-se", ordenei a mim mesmo, com a voz embargada. "Lembre-se de tudo."
Mas a memória é seletiva, preservando o que lhe serve e descartando o resto. As fronteiras do meu passado já se tornavam indistintas, os detalhes se misturando a generalidades. Apenas momentos de intensa emoção permaneciam nítidos… A expressão no rosto de Darius quando lhe disse que não ficaria na torre do castelo. O olhar determinado de Isolda enquanto corria em direção aos estábulos com Lysa nos braços. As lágrimas de Lysa enquanto nossos mindinhos se entrelaçavam em uma promessa que eu tinha certeza de que não conseguiria cumprir. .
“Lysa”, recomecei, voltando ao início da minha lista. Mas algo me chamou a atenção. Um detalhe sobre ela que eu não conseguia assimilar. Qual era o nome daquela boneca de madeira que ela sempre carregava? Aquela com a tinta descascada e um braço faltando, que ela se recusava a substituir? Parei de andar de um lado para o outro, com a respiração presa na garganta.
Eu não conseguia me lembrar.
Essa pequena falha provocou um súbito pânico em mim. O que mais eu estava esquecendo? Quanto de mim já havia sido consumido por este lugar, pelo isolamento e pela dor?
“A boneca dela se chamava Sir Bigodes”, eu disse em voz alta, o nome surgindo de repente das profundezas da minha memória. “Porque tinha bigodes pintados como um gato, embora fosse para ser um cavaleiro.” Um alívio me invadiu, desproporcional a esse pequeno triunfo.
Retomei meu passo com renovada determinação, meus pés descalços batendo contra o chão de pedra. O som ecoava no pequeno espaço, uma percussão para acompanhar minhas recitações sussurradas.
“Isolda colecionava flores prensadas”, continuei. “Ela as guardava entre as páginas de livros de poesia. Dizia que era para se lembrar de que a beleza perdura, mesmo quando separada de sua origem.” Eu não pensava nisso há anos, mas agora a imagem era vívida — os dedos delicados de Isolda arrumando cuidadosamente uma violeta entre as páginas de um volume encadernado em couro.
“Darius tinha o hábito de tocar a cicatriz na têmpora quando estava pensando profundamente.” Demonstrei o gesto inconscientemente, meus dedos roçando minha própria têmpora. “Ele a ganhou defendendo um mercador de bandidos na estrada do norte.” A lembrança dele me contando a história era nítida. Estávamos em uma das varandas menos usadas do castelo, o ar fresco da noite contra nossa pele, sua voz baixa para não chegar a ouvidos indesejados.
A cada detalhe adicionado, eu me sentia mais sólida, menos como um fantasma e mais como a mulher que eu havia sido antes. Foi por isso que realizei esse ritual todos os dias, não apenas para me lembrar dos nomes, mas para preservar os detalhes específicos e únicos que davam vida a cada pessoa. Para preservar o mundo que Valen pensava ter destruído.

Minhas pernas tremiam de exaustão, finalmente se rebelando contra o movimento contínuo. Cambaleei, me apoiei na parede e afundei lentamente de volta ao chão. Minha respiração vinha em suspiros curtos, meu coração martelando como se eu tivesse corrido quilômetros em vez de andar de um lado para o outro nos confins de uma cela que de repente parecia ainda menor do que antes.

"Lysa", recomecei, determinada a manter o ritual apesar do meu cansaço físico. "Isolda. Dario." Os nomes surgiram como expirações quase inaudíveis, cada um carregando o peso daquilo que eu temia perder.

Pressionei as palmas das mãos contra os olhos fechados, vendo padrões de luz faiscarem na escuridão — falsas constelações, um universo contido dentro do meu crânio. Seria assim que a loucura começava? Com a lenta dissolução da memória, o obscurecimento das fronteiras entre o que foi e o que poderia ter sido?

Não. Eu não permitiria. Não enquanto Lysa ainda estivesse em perigo. Não enquanto os planos de Valen permanecessem incertos. Não enquanto uma pequena parte de mim ainda ardesse com o desejo de recuperar o que me foi tirado.

Abri os olhos para a escuridão da minha cela, tão absoluta quanto quando os fechei. Mas algo havia mudado dentro de mim — um realinhamento sutil, como um osso quebrado se ajustando. Eu era mais do que esses nomes que recitava. Mais do que filha, irmã, amiga, amante. Mais do que prisioneira. Eu era a soma das escolhas feitas e não feitas, do potencial não realizado, mas não extinto.

"Eu sou Mireille", sussurrei mais uma vez, e desta vez o nome ressoou com algo mais profundo do que a memória. Era a identidade destilada à sua essência, uma verdade que existia independentemente das circunstâncias ou da posição social. Mesmo que tudo o mais fosse removido, esse núcleo permaneceria, obstinado e imutável. .

Eu não deixaria que nos desvanecêssemos. Guardaria nossos nomes comigo, repetindo-os até que estivessem inscritos não apenas na memória, mas na própria medula dos meus ossos. Isso, pelo menos, estava ao meu alcance.

Na escuridão da minha cela, tendo apenas o gotejar distante da água e o som da minha própria respiração como companhia, continuei minha vigília contra o esquecimento. Os nomes se tornaram um cântico, uma oração, um desafio.

Lisa. Isolda. Dario.

Repetidamente, até que as palavras perderam o significado individual e se tornaram puro som, uma barreira contra o vazio que ameaçava me consumir. Até que o cansaço finalmente me venceu e eu adormeci num sono inquieto com seus nomes ainda nos lábios, ancorando-me a um mundo que eu temia nunca mais ver.

CAPÍTULO QUATORZE

# ALEGRIA

UMA memória se desabrochou como uma flor na primavera — explosiva em sua beleza repentina, cores saturando a minha mente até que eu quase pudesse sentir o calor daquele sol de outrora na minha pele.

Eu não estava mais na minha cela, mas sim em um caminho de cascalho que serpenteava pelos jardins reais de Vareth, meus pés de oito anos se movendo inquietos em chinelos que apertavam meus dedos. O ar cheirava a rosas e grama recém-cortada, tão diferente da umidade da minha prisão que por um instante me senti tonta com a abundância sensorial, mesmo sabendo que não era real. Uma lembrança preciosa que eu havia preservado como um inseto em âmbar, perfeita e... imutável.

Os jardins sempre foram meu refúgio, o único lugar no palácio onde eu podia escapar dos olhares de soslaio e dos sussurros que me seguiam pelos corredores. Ali, as flores não se importavam com quem era minha mãe ou por que meus olhos refletiam prata sob certas luzes. Ali, eu podia fingir que pertencia àquele lugar.

Mergulhei mais fundo na lembrança, rendendo-me ao seu fascínio. O cascalho estalava sob meus pés, um som tão distinto e palpável que me ancorava naquele momento do passado.

Aquele dia em particular amanheceu claro e radiante, o céu de um azul impossível que parecia zombar das paredes cinzentas de pedra do palácio. Eu havia escapado dos meus tutores, escapando durante a troca de aulas, quando ninguém se lembrava ao certo de quem eu era responsável. Acontecia com frequência — essas pequenas falhas na supervisão — como se o próprio palácio conspirasse para me esquecer. Normalmente, eu acolhia esses momentos de liberdade, mas eles vinham acompanhados de uma dor peculiar, uma lembrança de que minha ausência passava despercebida, sem ser lamentada.

Os jardins reais eram divididos em seções, cada uma mais elaborada que a anterior. Mais perto do palácio ficavam os jardins formais, com seus padrões geométricos e sebes cuidadosamente podadas, uma manifestação física da vida na corte, com suas estruturas e limites rígidos. Mais adiante, estendia-se o jardim de rosas, onde flores em todos os tons, do rosa mais pálido ao carmesim mais profundo, balançavam na brisa de verão. E ainda mais longe, meu lugar favorito… o jardim selvagem, onde plantas nativas cresciam em um caos cuidadosamente cultivado, uma natureza selvagem controlada que me lembrava das histórias que minha babá me contava sobre minha mãe e a floresta onde meu pai a encontrara.

Eu vagueava em direção àquela parte mais selvagem, minha versão mais jovem movendo-se com a cautela de quem tenta passar despercebida. Eu usava um vestido azul simples naquele dia, cuja simplicidade contrastava fortemente com os elaborados vestidos das damas da corte que ocasionalmente passeavam pelos jardins de braço dado com um nobre. Meus cabelos escuros estavam trançados firmemente contra o couro cabeludo, no estilo austero que os criados do meu pai insistiam em usar. “Um rei "A filha não pode parecer selvagem", diziam, puxando meu cabelo até meus olhos lacrimejarem. Mas naquele dia, uma única mecha escura escapou, dançando sobre meu rosto na brisa suave, e, pela primeira vez, eu não a escondi.

Eu amava meu jardim. As imponentes dedaleiras balançando suas flores manchadas, o voo preguiçoso dos zangões embriagados de néctar, os espaços secretos entre os arbustos onde pequenas criaturas farfalhavam. Era um lugar de vida, vibrante e persistente. Eu podia sentir o cheiro da terra fértil e das plantas que cresciam, um aroma que meu corpo guardava mesmo quando minha mente se turvava de desespero.

Ao contornar uma curva no caminho, deparei-me com uma pequena clareira onde um banco de pedra se erguia sob um salgueiro-chorão. Seus galhos formavam uma cortina verde, um recanto escondido que sempre me pareceu o meu santuário particular. Passei por entre os ramos, pronta para ocupar meu lugar de costume… e o encontrei já ocupado.

Uma criança estava sentada no meu banco, as perninhas balançando livremente, sem quase alcançar o chão. O sol iluminava seus cabelos cor de mel, arrumados em cachos elaborados e adornados com uma tiara de prata trançada. A criança vestia uma túnica de seda verde-clara, bordada com fios de prata em padrões que lembravam vinhas e folhas. Certamente, era filha de um nobre visitante. As crianças da corte de Vareth nunca brincavam sozinhas nos jardins.

Hesitei, preparando-me para recuar antes de ser notada. As intromissões levavam a perguntas, as perguntas levavam a revelações, e as revelações inevitavelmente levavam àquele momento de percepção em que a amizade se transformava em distanciamento, em que os sorrisos fáceis se tornavam uma polidez ensaiada demais para um rosto infantil. Eu já havia vivenciado isso vezes suficientes para antecipar o padrão.

Mas antes que eu pudesse recuar, a criança se virou e me viu. Seus olhos, da cor das folhas de outono, se arregalaram com interesse, não com alarme.

“Olá!” A saudação veio fácil, acompanhada de um sorriso que revelou a falta de um dente da frente. “Você também está se escondendo?” ”

A pergunta me pegou de surpresa. "Não estou me escondendo", respondi automaticamente, embora, é claro, estivesse, à minha maneira. "Venho aqui às vezes. Este é o meu—" Parei-me de reivindicar o espaço. Mesmo aos oito anos, eu sabia que não devia me apropriar de nada no palácio.

“Seu esconderijo?” A cabeça da criança inclinou-se para um lado, curiosa em vez de julgadora. “Desculpe. Posso encontrar outro lugar, se você preferir ficar sozinha.”

A oferta, tão simples e genuína, me pegou completamente de surpresa. Eu não estava acostumado a receber consideração, principalmente de pessoas que claramente me superavam socialmente. Só as roupas da criança valiam mais do que tudo o que havia em meus aposentos junto.

“Você pode ficar”, eu disse, as palavras saindo com dificuldade. “Há espaço para nós dois.”

O sorriso que me respondeu era radiante, espontâneo de uma forma que me fez perceber, com muita clareza, minhas próprias expressões cuidadosamente calculadas. A criança se moveu para um lado do banco, abrindo espaço com um gesto amplo que conseguia parecer ao mesmo tempo majestoso e completamente natural.

“Estou visitando minha mãe”, explicou a criança enquanto eu me sentava timidamente na outra ponta do banco. “Ela está se reunindo com o rei para tratar de assuntos chatos, e minha babá está com dor de cabeça, então dei uma escapadinha.” Um sorriso cúmplice acompanhou essa confissão. “Ninguém nunca me procura em jardins. Eles

sempre verificam primeiro as bibliotecas, porque eu gosto de livros. Mas está muito bonito lá fora para ficar dentro de casa hoje, não acha?"
Assenti com a cabeça, sem saber como lidar com aquele turbilhão de conversas amistosas. Os filhos de membros da corte raramente falavam comigo, e quando falavam, era com a polidez afetada que seus pais lhes ensinaram para se dirigir a pessoas de posição incerta. Aquela conversa fácil era como receber um doce quando esperava um remédio.
"Você mora no palácio?", perguntou a criança, balançando as pernas em um tapete macio. botas de couro.
"Sim." Hesitei, depois acrescentei: "Sempre." Pareceu-me mais seguro do que explicar minha posição.
"Sempre? Que maravilha! Moramos em três lugares diferentes, dependendo da estação. Gosto mais da nossa casa de veraneio porque tem um lago, e meu pai me deixa nadar quando minha mãe não está olhando." A criança se aproximou, a voz baixando para um sussurro. "Ela acha que eu vou me afogar, mas na verdade eu nado muito bem. Meu pai diz que eu sou como uma lontra."
A comparação me fez sorrir, apesar de mim mesma. "Nunca vi uma lontra", admiti.
"Nunca?" A expressão da criança mudou para espanto. "Mas eles são maravilhosos! Eles dão as mãos quando dormem na água, para não se separarem. E têm bolsões especiais na pele onde guardam suas pedras favoritas." Uma pausa. "Pelo menos, foi o que meu tutor me disse. Você já foi a um lago?"
Balancei a cabeça negativamente. Meu mundo consistia no palácio e seus jardins, ocasionalmente estendendo-se ao templo em dias sagrados, quando me era permitido assistir aos cultos, desde que me sentasse em silêncio no fundo e não chamasse a atenção para mim.
Em vez de pena, o rosto da criança iluminou-se de entusiasmo. "Então terei que descrever para você! A água parece sólida à distância, como vidro, mas quando você a toca, ela se abre ao redor dos seus dedos. E quando o sol bate nela no ângulo certo, é como se o mundo inteiro fosse feito de luz..."
E assim começou a hora mais estranha da minha jovem vida. A criança nobre descrevia lagos e florestas, montanhas e penhascos à beira-mar, cada detalhe oferecido como um presente, e não como uma ostentação. Seguiram-se perguntas: o que eu gostava de fazer, quais eram minhas histórias favoritas, eu preferia as manhãs ou as noites? Minhas respostas vieram hesitantes a princípio, mas depois com crescente confiança à medida que percebia que a criança realmente queria saber, sem nenhum propósito oculto por trás da curiosidade.
Saímos do banco e fomos para a grama sob o salgueiro, onde meu companheiro me mostrou como trançar a trepadeira. galhos em coroas simples. Meus dedos eram desajeitados em comparação com suas mãos menores e experientes, mas não havia zombaria nas correções gentis que recebi.
"Pronto", disse a criança finalmente, colocando a tiara completa em cima do meu cabelo escuro. "Agora você parece uma princesa dríade dos contos de fadas."
Toquei os galhos entrelaçados com cuidado, sentindo algo quente e desconhecido se expandir em meu peito. "O que é uma dríade?"

“Um espírito da árvore. Bonito, selvagem e poderoso.” A criança ajustou minha coroa com dedos delicados. “Minha ama diz que eles não podem ser domesticados, nem mesmo por reis.”
Pensei nisso, em ser algo que nem mesmo meu pai conseguiria controlar. A ideia era aterradora e maravilhosa ao mesmo tempo.
“E você?”, perguntei, começando a tecer minha própria coroa, com a língua presa entre os dentes em concentração. “O que você quer ser?”
A criança refletiu sobre isso com uma seriedade surpreendente. "Feliz, eu acho. E corajosa." Uma pausa. "E mais alta."
A resposta inesperada me fez rir, uma risada verdadeira, não o sorriso educado que me ensinaram ser apropriado para a filha de um rei, mesmo uma nascida fora do casamento. O som ecoou em nosso santuário verdejante, estranho aos meus próprios ouvidos.
Continuamos conversando, sobre tudo e sobre nada. Cores favoritas — roxo para mim, verde para meu companheiro. Comidas preferidas — bolos de mel para nós dois. Se as nuvens tinham sentimentos — a criança achava que sim, eu permanecia cético. Todos aqueles assuntos banais que as crianças discutem quando deixadas por conta própria, livres das hierarquias sociais e das histórias familiares.
Durante aquela hora perfeita, eu não era a princesa Mireille, a bastarda do rei com os olhos estranhos. Eu era apenas mais uma garota em um jardim.
E então a realidade se impôs, como sempre acontece. .
“Aí está você!” A voz da mulher cortou nosso santuário como uma lâmina, separando os galhos do salgueiro com mãos adornadas de joias. “Estive procurando por você em toda parte!”
Ela era bela à moda das damas da corte, seus cabelos dourados arrumados em elaborados cachos, seu vestido no mesmo tom de verde da túnica da criança. Seus olhos, do mesmo castanho outonal que os da filha, se arregalaram quando se fixaram em mim.
O reconhecimento surgiu em seu rosto. Não de mim pessoalmente, mas do que eu era. A vergonha do rei, a lembrança viva de sua indiscrição. A garota com os olhos enigmáticos de sua mãe.
“Venha imediatamente”, disse ela, com a voz tensa. Ela agarrou a mão da criança, puxando com tanta força que a coroa do salgueiro caiu na grama. “Você não deveria estar aqui.”
“Mas nós estávamos brincando”, protestou a criança, resistindo. “Este é meu novo amigo. Estávamos fazendo coroas e—”
Prendi a respiração. *Amigo.* Ninguém nunca tinha me chamado assim antes.
“Basta . ” O tom da mulher não admitia discussão. Ela me lançou um olhar, com uma expressão que misturava desagrado e algo que talvez fosse pena. “Partiremos amanhã, ao amanhecer. A brincadeira acabou.”
Minha amiga olhou para trás, com confusão e decepção estampadas em seu rosto inexpressivo. "Mas eu nem perguntei o nome dela—"
“Não importa”, disse a mulher, já puxando minha amiga para longe. “Venha conosco.”

Permaneci sentada na grama, minha coroa inacabada esquecida no colo. Mantive a expressão cuidadosamente neutra, a máscara deslizando para o lugar com facilidade prática. Não os chamei. Não deixei meus olhos se encherem de lágrimas. Não reagi de forma alguma, mesmo quando minha amiga foi levada embora, lançando olhares para trás até que os galhos do salgueiro voltassem a se assentar, selando-me mais uma vez na solidão.

Só quando tive certeza de que estava sozinha, peguei a coroa caída, cujos galhos entrelaçados já começavam a murchar. Coloquei-a no chão. Coloquei-a cuidadosamente ao meu lado no banco antes de sair, incapaz de me obrigar a ficar com ela, e igualmente incapaz de me desfazer dela.



Na vez seguinte em que vi minha amiga, ela não olhou para mim. Seus olhos passaram por mim como se eu não fosse ninguém, como se não tivéssemos rido sob o salgueiro ou compartilhado nossas esperanças e sonhos. Como se não fôssemos mais amigas.

Não, ela me ignorou, assim como a todos os outros, e eu aprendi como a alegria pode se transformar em tristeza rapidamente.

CAPÍTULO QUINZE

# AUSÊNCIA DE ALEGRIA

A questão da alegria —
A verdadeira alegria, aquela que ilumina você por dentro —
É que, uma vez que você tenha sentido isso,
Sua ausência se torna uma presença por si só.
Uma sombra que te segue,
Lembrando você do que perdeu.
Algo que você talvez nunca mais tenha.
Que crueldade!
Ter passado a vida inteira morrendo de fome por causa disso.

CAPÍTULO DEZESSEIS

# ARREPENDIMENTO

TOs guardas nunca gostaram de mim.

Para eles, eu era uma lembrança da vergonha do rei, a personificação viva da indiscrição real. Alguns me temiam pelos rumores sobre minha mãe, sussurros de que ela teria sido mais do que humana. Outros simplesmente desprezavam o que eu representava… A possibilidade de que o sangue pudesse ser manchado, de que a linha de sucessão pudesse ser questionada.

Ao longo dos anos, a antipatia deles se manifestou de inúmeras maneiras. Objetos sumindo dos meus aposentos. Empurrões "acidentais" quando eu passava. Cerveja derramada nos meus vestidos durante os banquetes. Pequenas crueldades proferidas com sorrisos irônicos e desculpas insinceras.

Certa vez, quando eu tinha dezoito anos, ouvi dois deles discutindo quais partes de mim eles gostariam de experimentar. Suas palavras se tornavam cada vez mais vis à medida que descreviam o que fariam com a "filha da bruxa".

Eles sabiam que eu conseguia ouvi-los.

Esse era o objetivo.

Foi depois daquela noite que tive meu primeiro amante. Um cavaleiro visitante de uma casa menor, que me olhou com algo além de desprezo ou medo. Ele era bonito de uma forma comum, com mãos calejadas que percorreram meu corpo com uma delicadeza surpreendente. Eu me entreguei a ele não por paixão, mas por uma necessidade desesperada de sentir algo, qualquer coisa, que se assemelhasse a conexão.

Ele partiu na manhã seguinte sem olhar para trás. Eu não esperava nada diferente.

Depois dele, houve outros. O filho de um nobre que tratou nossos encontros como um segredo emocionante. Um músico cujos dedos tocaram meu corpo com a mesma habilidade com que extraíram melodias de seu alaúde. Um dignitário estrangeiro que achou meus olhos “exóticos” fascinantes. E então, claro, Darius.

Ninguém me amara. Ninguém sequer ficara tempo suficiente para fingir que talvez me amasse. Eu sabia o que eu era para eles: uma curiosidade, um caso proibido, uma história para contar aos amigos quando estivessem embriagados. A estranha filha do rei, com olhos que brilhavam prateados sob certas luzes. A garota cuja mãe desaparecera. A princesa, quase sem nome, com quem se podia deitar sem consequências porque ninguém importante se importaria.

Mesmo Darius, embora eu soubesse que ele se importava, não se importou o suficiente. Ele não lutou por mim.

Eu dizia a mim mesma que não me importava. Que eu os estava usando tanto quanto eles estavam me usando. Que os breves momentos de carinho superavam o vazio que se seguia.

Mas, sozinho na minha cela, eu não conseguia mais sustentar tais mentiras.

Eu havia vendido pedaços de mim mesma por migalhas de afeto, e mesmo assim, fui enganada na transação. O vazio após cada encontro só aumentava, um abismo dentro de mim que nada conseguia preencher. Nem as mãos deles na minha pele, nem... Palavras sussurradas de um desejo momentâneo, não o prazer fugaz que se dissipava depressa demais.

Todas as vezes, depois eu tomava banho, esfregando a pele até ficar vermelha, como se pudesse lavar a lembrança de que mais uma vez havia confundido toque físico com conexão genuína. Como se pudesse me purificar do desespero que me levara às camas deles em primeiro lugar.

A pior parte não foi terem me usado. Foi saber que isso aconteceria e, mesmo assim, ter permitido. Porque ser desejada, mesmo que falsamente por uma única noite, era melhor do que a alternativa: não ser ninguém para ninguém.

CAPÍTULO DEZESSETE

# DE MEMÓRIA

Chega um momento — silencioso, quase banal — em que você tenta se lembrar de algo bom e percebe que não consegue.

Não porque esteja enterrado, mas porque desapareceu.

Você estende a mão em busca de calor, de risos, de luz, e suas mãos voltam vazias. Nenhuma voz suave, nenhum cômodo ensolarado. Nenhum cheiro de pão numa manhã de infância, nenhum eco do seu nome dito com amor.

Apenas ausência.

Apenas o silêncio terrível e ecoante onde A felicidade já foi vivida.

*Você pensa: deve ter havido alguma coisa.*

Certamente houve um tempo em que seu coração batia por algo além da sobrevivência, em que seu sorriso não era algo que você precisava inventar. Mas as imagens em sua mente agora estão vagas, desbotadas pelo cinza, como pinturas a óleo deixadas na chuva.

Você se esforça mais.

Você *implora* à escuridão por um único fragmento — uma risada, um rosto, até mesmo um sentimento. Mas o passado lhe virou as costas. E em seu lugar há um vazio tão vasto, tão profundo, que dá a sensação de estar caindo.

Você começa a se perguntar se alguma vez teve uma lembrança feliz. Ou se apenas as sonhou uma vez, em uma versão de si mesmo que morreu silenciosamente, despercebida.

Eventualmente, você para de procurar. Não por aceitação, mas por exaustão.

Não há mais nada a encontrar.

O bem foi engolido por completo, e até mesmo a dor da saudade começou a se dissipar. Tudo o que resta é a escuridão e a lenta e fria compreensão de que você não é mais alguém que se lembra da felicidade.

Só alguém que se lembra de tentar se lembrar.

E isso, de alguma forma, é pior.

CAPÍTULO DEZOITO

# POR FAVOR

EU Voltei a ser criança, encolhida ao som dos passos da minha madrasta ecoando pelo corredor.

*Clique-claque. Clique-claque.*

O ritmo preciso de suas botas lustradas contra o mármore fora um sinal de alerta, uma contagem regressiva para a dor. Meu corpo se lembrou antes da minha mente. Músculos tensos, respiração curta, dedos se fechando em punhos defensivos. Eu podia sentir o cheiro dela agora — rosas e almíscar enjoativamente doces, o perfume que ela usava como armadura, o aroma que havia se infiltrado em meus pesadelos.

"Fique ereta", sibilou sua voz. "A filha de um rei, mesmo que bastarda, não se curva."

Minhas costas doíam com a dor daquelas correções. Quantas vezes eu já havia sido açoitado pelo crime? Por má postura? Por um olhar prolongado demais? Por me lembrar da minha mãe num instante em que a luz bateu no meu rosto de um jeito específico?

A primeira vez que a Rainha me mandou açoitar, eu tinha nove anos. Os guardas me levaram para uma pequena câmara na ala leste, um quarto sem janelas e com um único anel de ferro parafusado na parede. Amarraram minhas mãos a ele, a corda áspera cortando meus pulsos enquanto eu lutava para me manter de pé, para demonstrar um mínimo de dignidade.

“Dez chicotadas”, ordenou ela, com a voz fria como pedra de inverno. “Ela precisa aprender a respeitar.”

Lembrei-me do som sibilante do chicote cortando o ar antes de atingir minhas costas. O primeiro golpe me roubou o fôlego, o choque maior que a dor. O segundo me fez cair de joelhos. No quinto, eu soluçava, implorava, prometia ser melhor, ficar invisível se ela ao menos fizesse aquilo parar.

Ela não tinha. Dez chicotadas, como prometido. Cada uma precisa, cada uma feita para deixar uma cicatriz.

“Talvez agora você se lembre do seu lugar”, disse ela depois, com a voz tão nítida quanto folhas de outono. “Você está aqui pela caridade do meu marido, não por direito. Nunca se esqueça disso.”

Eu não havia esquecido. Como poderia? Ela me lembrava diariamente, de mil maneiras sutis que feriam mais profundamente do que qualquer chicote.

Mas foram as humilhações públicas que realmente me despiram.

Em pé no pátio lotado, minha madrasta me inspecionava como se eu fosse uma mercadoria defeituosa. "Olhem para ela", dizia às suas damas de companhia, aos dignitários visitantes, a qualquer um que quisesse ouvir. "Sem graça, sem educação. O grande erro do rei."

Aprendi a fixar o olhar em pontos distantes. A borda de uma nuvem, o topo de uma torre, o voo de um pássaro, qualquer coisa para escapar da realidade daqueles momentos. Meu corpo permanecia presente, resistindo, enquanto minha mente fugia para portos mais seguros.

E assim prosseguiu, ano após ano, uma dança de crueldade e resistência que se desenrolava sob as resplandecentes paredes do palácio. Meu pai continuava distante como sempre. Se ele sabia o que acontecia dentro de sua própria casa, preferia não ver.
E se ele não visse, não poderia ser real. Seu silêncio era uma forma de violência, uma aprovação tácita que me deixava mais sozinha do que qualquer cela jamais poderia.
Encolhi-me ainda mais, puxando os joelhos contra o peito. O frio penetrava meu tecido, até meus ossos, mas não se comparava à frieza que se instalara em meu âmago anos atrás.
Minha cela era apenas mais uma versão da vida que eu sempre conheci.
Paredes diferentes, mesmo isolamento.
Correntes diferentes, mesmo cativeiro.
A única diferença era que agora as barras estavam visíveis.
Qualquer valor que eu possuísse existia apenas em relação aos outros — como a vergonha do Rei Aeldrin, como o fardo da Rainha Ira, como o troféu de Valen, como um degrau para cortesãos ambiciosos ou uma diversão momentânea para nobres entediados.
Nunca como Mireille. Nunca para mim mesma.
Por que minha mãe me deixou aqui? Por que me abandonou a esta vida pela metade, sem me aceitar completamente nem me rejeitar completamente? Teria sido mais misericordioso me sufocar ao nascer do que me deixar enfrentar lembretes diários da minha insignificância inerente.
Essa cela seria meu lar definitivo, disso eu tinha certeza agora. Valen não tinha a menor intenção de me libertar.
E por que ele faria isso? Eu era *algo indesejado* . Criada apenas para ser descartada.
Que ironia a minha vida.
Eu nasci indesejado, vivi indesejado e morrerei indesejado.
Meus olhos se desviaram para um canto escuro da cela, onde as sombras pareciam se adensar mais. Como seria fácil simplesmente parar. Recusar comida e água quando chegassem. Fechar os olhos e nunca mais abri-los. A morte seria uma misericórdia comparada a este nada infinito.
Talvez tenha sido por isso que Valen me manteve viva — ele sabia que a morte seria uma gentileza que eu não merecia. .
"Espero morrer", sussurrei para o vazio, minha voz estranha e desconhecida depois de tanto tempo sem usá-la. " *Por favor,* deixe-me morrer."
A escuridão não respondeu, mas pareceu se aprofundar ao meu redor, como se concordasse. Como se também estivesse esperando que eu finalmente me rendesse, que reconhecesse o que sempre soube, mas nunca aceitei completamente: que eu nunca deveria ter nascido.

CAPÍTULO DEZENOVE

# DENTES

O tempo tem seus limites.
Não o tipo afiado que perfura, mas o tipo lento, que desgasta — paciente, metódico.
Não rasga. Não dilacera. *Mastiga* .
Ela rói as bordas da sua mente como uma fera antiga demais para apressar seu banquete, desgastando o pensamento, raspando os ossos da alma em mordidas longas e saborosas. Sempre começa suavemente, quase gentil — um suspiro no silêncio, um sussurro na quietude.
Você quase dá as boas-vindas a isso.
Você quase deseja por isso.
Mas foi feito para isso.
O tempo nasceu para te consumir por dentro, uma respiração de cada vez.
Ela se alimenta primeiro da memória — das memórias calorosas, das memórias vívidas.
Uma canção de ninar de irmã, o sabor do verão, o formato do sorriso de alguém.
Ela devora essas coisas lenta e carinhosamente.
Não por crueldade, mas *por fome* .
E está com *tanta* fome!
A esperança vem a seguir, e essa é uma carne amarga.
O tempo a devora com uma espécie de reverência, como se a esperança fosse sagrada e consumi-la um rito sombrio.
Você sente que isso vai embora — não de uma vez, mas em fragmentos.
Um pensamento aqui. Uma batida do coração ali.
Até mesmo a ideia de sobreviver parecer uma blasfêmia.
O tempo então começa a se desfazer.
O que antes eram horas se transformam em um crepúsculo interminável, daquele tipo que não termina em estrelas, apenas em mais escuridão.
Você se esquece de quanto tempo já está aqui.
Um dia? Um ano? Uma *vida inteira* ?
As horas se misturam como tinta na água, amorfas e lentas. Você dorme, acorda e dorme de novo, mas os sonhos são estranhos — muito nítidos, muito frios, como se a dor de outra pessoa estivesse estampada no seu rosto.
Os rostos se desfocam. Os nomes se desprendem como pele morta. Você estende a mão para eles — aqueles que amou, aqueles que perdeu — mas suas mãos atravessam a névoa. Eles se tornam fantasmas que você quase se lembra, como histórias contadas e há muito esquecidas. Eles não falam com você. Apenas observam.
E ainda assim, *come.* .
Ela devora seus pensamentos, sua voz, sua própria vontade.
Você se esquece de como desejar.
Como lutar.
Como cuidar.
Até mesmo a dor se torna distante, apenas mais um eco na escuridão.
Finalmente, você deixou de ser uma pessoa.
Você é uma forma. Uma sombra. Um sopro de ar preso entre instantes.

Um sussurro em seu próprio crânio, flutuando em uma escuridão tão densa que é impossível gritar através dela.
E ainda assim—
*Ainda assim* , não está cheio.
Mesmo assim, ele come.

CAPÍTULO VINTE

# A VOZ DA MORTE

EUNão conseguia me lembrar da última vez que tinha sentido calor.

O frio da masmorra tornara-se algo vivo, envolvendo meus ossos como o abraço de um amante — se esse amante fosse a própria morte. Minha pele estava úmida, pegajosa de suor, o que contradizia o fogo interno que ardia em meu corpo.

Provavelmente febre.

Um presente de paredes de pedra que exsudavam umidade e pisos que não eram limpos desde antes do meu nascimento. Encolhi-me ainda mais, com as costas pressionadas contra o canto onde duas paredes se encontravam, observando as sombras dançarem sobre a pedra áspera, contorcendo-se em formas que pareciam quase deliberadas. Quase como se estivessem tentando me dizer algo. Ou talvez fosse apenas loucura. começando a se instalar.

Afinal, o que mais havia para fazer naquele buraco esquecido por Deus senão enlouquecer?

Semanas. Devem ter se passado semanas desde que Valen ordenou que me jogassem aqui, desde que o vi massacrar minha família com a frieza de quem espanta moscas. A dor nos meus pés, de correr descalça pelo castelo naquela noite, ainda persistia, os cortes se recusando a cicatrizar direito nesta imundície. Minha cabeça latejava onde o guarda me atingira — uma lembrança surda e persistente de que eu não era mais a Princesa Mireille de Vareth, mas simplesmente a prisioneira Mireille, esposa de um monstro.

Uma sombra particularmente ousada estendia-se pela parede, alongando-se até formar algo que lembrava uma coroa. Dei uma risadinha irônica.

"Ah, olha só para você", sussurrei, com a voz rouca de tanto uso. "Que sutileza. Isso é para ser irônico?" Gesticulei fracamente para a sombra em forma de coroa. "Eu tive uma dessas, sabia? Por uma hora, mais ou menos. A coroa da minha mãe." Fiz uma pausa, franzindo a testa. "Não que eu a conhecesse. Conveniente, não é? Ser filha de um fantasma."

A sombra pareceu se curvar, como que em sinal de desculpas, e eu ri — um som seco e estridente que me machucou a garganta.

"Não precisa disso. Não podemos escolher nossos parentes, podemos? Meu pai deixou isso bem claro." Me mexi, fazendo uma careta de dor aguda nas costelas. "Rei Aeldrin, mestre da indiferença e do olhar de reprovação. Você teria gostado dele. Ele era praticamente uma sombra."

Minha visão ficou turva e pisquei rapidamente, tentando clareá-la. A febre estava piorando. Eu podia senti-la queimando atrás dos meus olhos, fazendo as sombras dançarem freneticamente. Uma delas parecia tomar a forma de uma menina pequena.

"Lysa", sussurrei, um sorriso genuíno surgindo em meus lábios pela primeira vez em dias. "Olá, pequena. Você conseguiu chegar em segurança? Ele disse que sim, mas..." Minha voz falhou, lembrando-me das palavras de Valen daquele primeiro dia. Mas eu poderia confiar em algo que ele dissesse? O Rei de Sangue, o deus vestindo a pele de um homem como um terno mal ajustado. Vharok .

"Ele é um deus", eu disse a Lysa casualmente. "Não um deus qualquer. O Deus do Sangue. Vharok." Fiz um gesto vago com uma das mãos. "E agora ele é meu marido. Para sempre, segundo ele." Encostei a cabeça na parede. "Eternidade com o Deus do Sangue. Que tal essa história para dormir, Lysa?"
A sombra de Lysa girou, e me vi lembrando do seu segundo aniversário. De como ela dançou em círculos até ficar tonta, de como caiu nos meus braços rindo. Eu lhe dei um pedaço extra de bolo quando Ira não estava olhando. A Rainha Ira, que agora estava morta. A Princesa Cordélia, morta. Meus meio-irmãos, todos mortos. E o Pai...
A sombra de Lysa se dissipou, substituída por uma forma mais alta e angulosa. Isolda. Minha única amiga.
“Você devia tê-lo visto, Isolda”, eu disse à sombra. “Pai chegou a gritar no final. O grande Rei Aeldrin, reduzido a gritar como uma criança.” Ri novamente, mas saiu mais como um soluço. “E sabe o que Valen disse? Que Pai o havia procurado. Que Pai o havia aprisionado em nosso reino, tentando obter poder.” Balancei a cabeça. “Que irônico, não é?”
Uma gota d'água caiu do teto e pousou na minha testa. Não me dei ao trabalho de enxugá-la. Ela escorreu pela minha têmpora como uma lágrima que eu estava desidratado demais para derramar.
"Espero que você esteja cuidando dela", murmurei. "Espero que vocês dois estejam em algum lugar quente, seco e seguro."
Minha voz falhou na última palavra. Segurança parecia um conceito de outra vida.
“Sabe qual é a parte mais absurda?”, perguntei às sombras, que agora rodopiavam em padrões abstratos pela parede. “Passei a vida inteira acreditando que o amor era para os fracos. Que o poder era tudo o que importava.” Tossi, um som úmido e doloroso. “E então, tudo o que eu amei se perdeu. Lysa. Isolde.” Fechei os olhos por um instante. “E agora não tenho nada. Nem poder, nem amor. O que isso faz de mim?”
As sombras não ofereciam respostas, apenas sua presença silenciosa e mutável. .
"Nada, suponho. Não tenho nada, não sou nada", sussurrei para a escuridão, respondendo à minha própria pergunta.
As sombras continuavam sua dança silenciosa enquanto a luz diminuía cada vez mais. Logo seria noite completa, e a escuridão engoliria até mesmo esses companheiros fantasmas. O pensamento apertou meu peito com um medo repentino e infantil. Eu nunca havia tido medo do escuro antes, mas aqui, neste lugar de pedra e coisas esquecidas, a escuridão parecia faminta. Como se fosse me consumir enquanto eu dormisse.
"Não vá", sussurrei para as sombras.
A febre fazia meus pensamentos girarem, memórias e pensamentos se misturando. Era *hora* de uma história para dormir, imaginei, e talvez uma canção. Às vezes ela queria uma canção antes de dormir.
Sem que eu percebesse, uma melodia surgiu em meus lábios.

*“Durma, meu amor, sob o crepúsculo, a lua guardará seus sonhos.”*
As sombras se aquietaram, como se estivessem escutando.

*"As estrelas dançarão sua valsa ancestral, enquanto a escuridão brilha suavemente."*
Minha garganta doía pelo esforço, mas continuei.

*"Repouse a cabeça na noite, deixe o crepúsculo aliviar sua dor."*
*Pois quando você acordar com a luz da manhã, nos encontraremos novamente em sonhos."*
Cada nota pairava no ar úmido, ressoando contra as paredes de pedra.

*"Embora possamos parecer distantes, nossas almas permanecem unidas."*
Tentei terminar a música, mas as palavras me escaparam, deixando apenas a melodia à deriva na escuridão como uma prece sem destinatário.
As sombras observavam, testemunhas silenciosas do meu desmoronamento, enquanto as últimas notas se dissipavam no ar úmido da minha cela. Esperei pelo seu eco, mas o silêncio que irrompeu para preencher o seu lugar foi absoluto. Uma coisa viva que pressionava meus ouvidos e deslizava pela minha garganta. Como se a própria escuridão tivesse escutado e agora estivesse considerando o que ouvira. .
Prendi a respiração, percebendo de repente que as sombras não dançavam mais, mas permaneciam completamente imóveis, concentradas principalmente no canto mais distante, onde a luz da grade não chegava.
O tempo se estendia como vidro esfriando, fino e frágil. Percebi meu batimento cardíaco, rápido demais e superficial sob minhas costelas. O som da minha própria respiração parecia absurdamente alto, cada expiração uma confissão de fraqueza para a escuridão observadora.
Então, de todos os lados, surgiu uma voz — grave e ressonante, ancestral de uma forma que me fez arrepiar os ossos.
"Você vai morrer."
Cinco palavras simples, ditas não como uma ameaça, mas como uma constatação, tão neutras quanto um comentário sobre o tempo. A voz pareceu ignorar meus ouvidos por completo, reverberando diretamente contra meu crânio, uma sensação física tanto quanto sonora.
Eu não gritei. Não me afastei às pressas nem me pressionei com mais força contra a parede. Por um instante, apenas fiquei olhando, com a respiração presa na metade dos pulmões, suspensa na súbita constatação de que eu não estava sozinha. De que, talvez, eu nunca tivesse estado sozinha.
E então, de forma absurda, comecei a rir.
Começou com uma risadinha, aguda e inesperada, antes de se transformar em uma gargalhada sonora que ecoava pelas paredes. Uma dor aguda me atravessava as costelas a cada convulsão, mas eu não conseguia parar.
Por fim, o riso se transformou em um suspiro que esvaziou completamente meus pulmões. Encostei-me à parede, subitamente sem forças, tomada por uma emoção que não consegui identificar de imediato. Levei um instante para reconhecê-la como alívio — puro e avassalador.
"Isso é uma promessa?", perguntei, com a voz mais firme do que deveria. "Ou apenas uma observação?"

As sombras no canto pareciam se deslocar, condensando-se em algo mais denso, embora nenhuma forma distinta emergisse. A escuridão ali era simplesmente... mais intensa. Mais escura do que a escuridão deveria ser.
“Nem uma nem outra”, respondeu a voz, as sílabas soando como pedra rangendo contra pedra. “Ambas.” ”
Assenti com a cabeça como se aquela fosse a conversa mais sensata que eu tivera em semanas. Talvez fosse. Os guardas nunca falaram comigo, e Valen não havia retornado desde aquele primeiro dia. Aquela voz, surgindo do nada, prometendo meu fim — ao menos me dava alguma certeza.
“Bem, é atencioso da sua parte me avisar”, eu disse, alisando meu vestido imundo com um gesto absurdo de decoro. “A maioria de nós passa a vida sem saber quando o fim chegará. É uma dádiva, na verdade, ter um aviso prévio.”
Meus olhos percorreram a cela, detendo-se no fino raio de luar que atravessava a grade acima. Em sua pálida iluminação, eu podia ver as partículas de poeira dançando, alheias à escuridão que se acumulava logo além de seu breve momento de visibilidade. Como a própria vida — uma breve dança na luz antes de retornar às sombras.
“Você veio me buscar, meu arauto?”, perguntei, surpreendendo-me com a afeição. “Ou veio apenas para se apresentar?”
A sombra pulsava, quase como uma batida de coração.
"Eu estive aqui", dizia a mensagem, o que não era resposta alguma.
Me mexi, fazendo uma careta quando o movimento enviou uma nova onda de dor pelos meus pés. "Somos dois então, embora eu confesse que estou aqui contra a minha vontade. Pelo lado bom, logo não estarei mais aqui, se a sua profecia se cumprir. Sempre há um lado bom nisso, como se costuma dizer."
Será que eu estava mesmo conversando com uma sombra? Talvez esse fosse o último presente da febre — uma companhia nas minhas últimas horas, mesmo que fosse uma que minha mente tivesse conjurado a partir do delírio e da escuridão. Ou talvez eu já tivesse morrido, e isso fosse algum aspecto do que viria depois, essa voz na escuridão, essa promessa de um fim para um fim.
“Você não teme a morte”, observou a voz. Não era uma pergunta.
Mesmo assim, considerei a possibilidade. *Será que* eu temia a morte? Passei as últimas semanas cercado por sua promessa, nas feridas purulentas que latejavam a cada batida do meu coração, na febre que queimava minhas veias, no lento enfraquecimento do meu corpo enquanto ele me consumia. Na ausência de alimento adequado, a morte se tornava uma companhia bem-vinda, muito mais confiável do que qualquer vínculo humano.
"Eu estava te esperando", respondi sinceramente. "Embora eu te imaginasse de outra forma."
“Como você imagina a morte?”, perguntou a voz, e eu achei que detectei uma nota de divertimento em seu tom ancestral.
Fechei os olhos, evocando a imagem que carregava desde a infância. "Eu pensei que você seria linda", admiti. "Terrível, sim, mas linda — como a última luz do pôr do sol antes da noite tomar conta do céu. Eu pensei que você teria olhos que refletiriam todas as vidas que você ceifou e mãos que poderiam tanto ferir quanto confortar."

Minha mão deslizou até a cabeça, lembrando-me do peso da coroa da minha mãe. "Pensei que você usaria uma coroa de estrelas."
A sombra ondulou, estendendo-se ao longo da parede até quase me alcançar. "Talvez eu veja", disse ela. "Talvez você simplesmente não consiga ver."
Achei isso engraçado, embora não soubesse explicar porquê. Outra risada escapou-me, mais suave desta vez, quase afetuosa. "Talvez", concordei. "Suponho que nos veremos na vida após a morte. Direi então se você corresponder às minhas expectativas."
Eu me perguntei se deveria estar mais preocupado com a minha sanidade mental, em vez dessa sensação de aceitação cansada. Não me detive nisso. Qual era o sentido?
A morte me levaria independentemente da minha sanidade.
"Vai doer?", perguntei, a pergunta escapando antes que eu pudesse reconsiderar.
Meu presságio permaneceu em silêncio por tanto tempo que pensei que não fosse responder. Quando finalmente falou, sua voz havia se suavizado, perdendo parte de sua ressonância sobrenatural.
“Sim”, disse ele simplesmente. “Mas não para sempre.”
Por algum motivo, a honestidade dessa resposta me tocou mais profundamente do que qualquer consolo poderia. Senti lágrimas brotarem em meus olhos.
“Obrigada”, sussurrei. .
Ficamos sentados em silêncio por um tempo, a Morte e eu, sem invadir o espaço um do outro. Lá fora, as nuvens deviam ter passado por cima da lua, pois o feixe de luz que entrava pela grade diminuiu e depois voltou a brilhar. Me peguei pensando no mundo lá em cima, se as estrelas estavam visíveis esta noite, se uma brisa agitava as árvores nos jardins onde eu costumava tecer coroas de fadas.
"Você é real?", sussurrei, quebrando o silêncio, querendo saber se eu tinha enlouquecido. "Ou se finalmente perdi a cabeça de vez?"
A Morte pareceu ponderar sobre isso. "Será que importa?"
Refleti sobre isso por um instante e depois ri novamente — um som genuíno desta vez, sem a aspereza da histeria.
"Não", admiti. "Suponho que não. Real ou imaginário, você está aqui, e sou grato por isso."
“Você não tem medo da morte”, disse meu arauto, “mas teme morrer sozinho”.
A observação me atingiu com uma precisão desconfortável. Eu nunca havia admitido esse medo, nem mesmo para mim mesmo, mas a sombra o nomeou com a mesma facilidade com que se respira.
"Sim", sussurrei.
“Você não está sozinho”, disse a Morte.
Um estranho conforto vindo de uma presença desconhecida, e ainda assim eu me vi acreditando nisso. Seja lá o que fosse essa entidade — alucinação, espectro ou algo completamente diferente — ela havia rompido o isolamento que fora meu verdadeiro tormento.
"Você vai ficar?", perguntei.
A sombra pulsou mais uma vez. "Estou aqui", repetiu, e desta vez, entendi como uma promessa.
Fechei os olhos, subitamente exausta além da conta. A febre ainda queimava sob a minha pele, mas parecia mais distante agora, como se uma mão fria tivesse repousado

sobre a minha testa. Perguntei-me se era assim que a morte começava, não com medo ou dor, mas com um alívio gradual dos fardos, uma suave rendição.
“Meu presságio”, murmurei, as palavras saindo um pouco arrastadas pelo cansaço. começou a me reivindicar.
Meus pensamentos ficaram confusos, desconexos, afastando-se de mim como folhas em um riacho.
"Descanse", disse a sombra, e talvez tenha sido imaginação minha, mas achei que senti um toque frio na minha bochecha ardente.
Rendendo-me ao cansaço, deixei minha cabeça cair para trás contra a parede de pedra. O silêncio retornou, mas agora era diferente, não o peso opressivo de antes, mas algo mais como um cobertor, envolvendo-me com uma ternura inesperada.
À medida que a consciência se esvaía, pensei ter ouvido a sombra falar novamente, palavras em uma língua que eu não conseguia entender. Uma bênção. Um elogio fúnebre.
Fechei os olhos contra aquilo, deixando a escuridão me envolver como o último beijo de um amante. Frio e íntimo, o último carinho antes da longa despedida.

CAPÍTULO VINTE E UM

# INTERROMPIDO

VVozes filtradas pela minha morte — sons raivosos e agudos.
Resmunguei com a intrusão.
Uma mulher não pode morrer em paz?
"Como assim ela está morrendo?" A voz interrompeu meu delírio, familiar, fria e inesperadamente furiosa. "Por que não fui informada imediatamente?"
“Ela não tem se alimentado, Vossa Majestade”, respondeu uma voz tímida. “Começou a ter febre há uns três dias. Pensamos—”
"Você pensou?" A voz agora era suave, o que de alguma forma a tornava ainda mais aterradora. "Você não deveria pensar. Você deveria relatar o estado da minha esposa."
*Esposa* . Que palavra estranha. Eu sentia que deveria estar mais frustrada com isso. Em vez disso, eu estava apenas irritada porque minha paz estava sendo... interrompido.
“Abram a cela dela. *Agora* .”
Passos pesados se aproximaram e eu estremeci quando a porta da cela se abriu com um rangido. O som reverberou em meu crânio, arrancando um gemido de meus lábios rachados.
Dedos frios tocaram minha testa, e eu me afastei instintivamente, meu corpo se lembrando do que minha mente, atordoada pela febre, não conseguia processar completamente.
“Mireille. Olhe para mim.”
Eu tentei, juro que tentei, mas minhas pálpebras pareciam pesar como pedras. Quando finalmente consegui abri-las, o rosto de Valen surgiu diante de mim, suas feições se movendo e se acomodando como água agitada. Seria isso real ou mais um delírio febril? Eu tinha tido muitos desses ultimamente.
"Você está queimando vivo", ele murmurou, e algo em seu tom me surpreendeu. Preocupação? Vindo do Rei de Sangue? Certamente outra alucinação.
Eu queria rir, mas em vez disso saiu uma tosse úmida e rouca. "Não era... isso que você queria?" Minha voz era quase um sussurro, escapando da minha garganta seca. "Me ver... sofrer?"
Seu maxilar se contraiu. "Não assim." Suas mãos se moveram por baixo de mim, uma apoiando meus ombros, a outra deslizando sob meus joelhos.
O mundo girou quando ele me ergueu do chão imundo da masmorra que havia sido minha cama nas últimas semanas. Tudo doía. O leve solavanco de seus passos enviou uma nova agonia pela minha cabeça, e cada respiração parecia engolir fogo. Não consegui conter o gemido que escapou de mim.
“Shhh”, murmurou Valen, a gentileza em sua voz tão incongruente com tudo o que eu sabia sobre ele que agora eu tinha certeza de que estava alucinando. “Eu te protejo.”
Minha cabeça pendia contra o peito dele e, apesar de tudo, encontrei conforto em seu toque. Como eu me tornara patética, buscando consolo em meu carcereiro. Mas a solidão e a dor nos transformam a todos em mendigos, suponho. .
Ele me carregou para fora da cela, cada passo enviando novas ondas de dor pelo meu corpo. O corredor da masmorra se estendia diante de nós, a luz das tochas projetando

longas sombras que dançavam como espectros ao longo das paredes de pedra. O ar cheirava a umidade, decomposição e sofrimento ancestral.
"Você devia ter me dito que ela era tão ruim assim", rosnou Valen para alguém que eu não conseguia ver. "Ela não me serve para nada morta."
Inútil. Claro. Quaisquer que fossem seus motivos para me manter viva, eles não nasceram da compaixão. O conforto momentâneo que senti em seus braços se dissipou, substituído por uma resignação vazia.
"Por favor", murmurei contra o tecido de sua camisa. "Só me deixe morrer."
Seus braços me apertaram ainda mais. "Não", ele repetiu, mas desta vez havia algo diferente em sua voz, um traço que soava quase como desespero. "Você não vai escapar tão facilmente, princesa."
Paramos abruptamente e, em meio à névoa da febre, percebi que estávamos diante de outra cela. Parecia quase igual à minha. Velha, mas com correntes que brilhavam fracamente à luz da tocha.
“Ela precisa de ajuda”, disse Valen, dirigindo-se a quem quer que estivesse ali dentro.
Seguiu-se um longo silêncio, quebrado apenas pelo gotejar constante da água em algum lugar na escuridão e pelo ruído áspero da minha respiração ofegante.
“E por que”, disse finalmente uma voz, baixa e rouca em seu evidente desuso, “isso deveria me preocupar?”
Algo despertou em minha memória ao ouvir aquela voz. Uma conversa. Teria eu sonhado? Não tinha certeza.
"Porque esta é a única maneira de mantê-la viva", respondeu Valen, com a tensão evidente em cada sílaba. "E porque estou lhe pedindo isso."
Uma risada baixa e ameaçadora ecoou da cela. "Você perdeu o direito de me pedir qualquer coisa há muito tempo, irmão."
O peito de Valen subia e descia em uma respiração controlada. "Você sabe que eu mesmo a curaria se pudesse." ”
“Mas você não pode”, respondeu a voz, agora mais perto. Forcei meus olhos a se abrirem, tentando enxergar por cima do ombro de Valen para dentro da cela. Não conseguia ver nada além de redemoinhos de escuridão. “E eu não vou.”
Meu presságio. Minha morte. A constatação veio sem ser convidada, mas pareceu certa. Este prisioneiro, este ser acorrentado… ele era meu presságio. Ele viera para anunciar meu fim, para me guiar para o que quer que me esperasse além desta vida. Minhas mãos se ergueram para alcançá-lo.
“Ela está *morrendo* ”, insistiu Valen. “Ela vai morrer se vocês não a ajudarem.”
“Sim”, concordou minha mensageira, com um tom quase contemplativo. “Ela me disse que deseja morrer. Várias vezes, aliás. A mais recente foi há poucas horas.”
Será que eu lhe havia dito isso? Em meu delírio, teria sussurrado meu desejo de morrer através das paredes? Não conseguia me lembrar, mas *era* verdade. Eu queria que isso, minha vida, acabasse.
"Você estava falando com ela?" Valen me ajeitou em seus braços, e eu reprimi um grito enquanto uma dor aguda me atravessava a cabeça. "Sentei ao seu lado por duas décadas e você mal me dirigiu a palavra, a mim, sua própria parente."
“Ela fala”, respondeu minha mensageira. “Às vezes eu escuto.”

O gotejar da água ecoou no silêncio que se seguiu, uma contagem regressiva constante para algo inevitável.
Gota. Pausa. Gota. Gota. Pausa.
"Eu retiro uma das suas correntes", disse Valen finalmente, com o desespero agora evidente em sua voz. "Se você a ajudar."
As correntes tilintaram novamente, um som zombeteiro. "Uma corrente?", questionou meu arauto. Então ele riu — um som como pedras rangendo. "Duas correntes, ou ela morre."
Senti Valen ficar rígido. "Uma corrente já é generosa."
“Dois”, repetiu meu arauto. “Ou veja sua noiva retornar ao pó.”
A palavra "noiva" me fez estremecer. Finalmente me lembrei por que me sentia tão desconfortável na presença de Valen. Ele tinha feito Isso para mim.
"Tudo bem", cuspiu Valen após uma longa pausa. "Duas correntes. Mas ela precisa estar completamente curada e sem nenhuma alteração."
"Ela será curada", disse meu arauto, e eu pude ouvir o sorriso em sua voz. "Traga-a até mim, Deus do Sangue, e eu salvarei o que você quase destruiu."
“Abram a cela do prisioneiro”, ordenou Valen, num tom que não admitia contestação.
Houve uma pausa, seguida de uma tosse nervosa. "Vossa Majestade", disse uma voz hesitante, "esta cela não é aberta há décadas. As ordens do Rei Aeldrin foram—"
“O rei Aeldrin está morto”, interrompeu Valen, com a voz carregada de ameaça. “Pelas minhas mãos, se você se lembra. Suas ordens não significam nada agora.”
Senti uma ponta de satisfação ao ver o desconforto do guarda. Que todos se sintam desconfortáveis. Que todos temam por suas vidas, assim como eu vi minha família temer pela sua.
“Sim, senhor, mas o prisioneiro... ele não é—“
"Você acha que eu não sei quem ele é?" O peito de Valen vibrava com uma raiva mal contida. "Abram. A. Cela."
O guarda gaguejou algo que não consegui entender, seguido pelo tilintar de chaves e o rangido de metal antigo. O som raspava nos meus tímpanos como unhas em ardósia, trazendo novas ondas de dor. Gemei, virando o rosto para o peito de Valen numa tentativa fútil de escapar do barulho. Sua mão envolveu minha cabeça e pressionou minha orelha, como se quisesse abafar o som. Um gesto curioso para alguém que pretendia me torturar.
"Vá embora", disse Valen, apertando meus braços ao redor de mim. "Se eu remover essas correntes e vocês ainda estiverem aqui, todos vocês morrerão."
A respiração do guarda acelerou. "Talvez devêssemos esperar que o curandeiro da corte —"
“Ele seria inútil aqui”, interrompeu Valen. “Isso requer... um tipo diferente de cura.”
A febre distorceu suas palavras em padrões sem sentido que rodopiavam ao redor da minha cabeça como mariposas. Um tipo diferente de cura? Diferente até mesmo do poder de um deus. ?
O rangido das dobradiças ecoou pela masmorra, amplificado pela minha febre num som tão penetrante que pensei que meu crânio pudesse rachar. Então veio um tilintar, rítmico e pesado. Correntes caindo e arrastando-se sobre a pedra.

“Dê-a a mim”, disse meu mensageiro. De perto, sua voz era ainda mais antiga do que eu imaginara, como montanhas falando, como a própria terra encontrando palavras.
Valen hesitou. Senti a leve tensão em seus músculos, o aperto momentâneo em seu aperto. Estaria ele relutante em me entregar, ou apenas calculando seu próximo movimento? Eu havia aprendido que, com Valen, tudo era um jogo de poder.
“Pode confiar em mim com sua preciosa noiva”, disse meu arauto, com um tom divertido na voz. “Não posso ajudá-la sem tocá-la, e eu lhe dei minha palavra.”
“Sua palavra já se mostrou flexível no passado”, respondeu Valen, mas ele já estava me ajeitando, transferindo meu peso para outro par de braços.
A transição foi desorientadora. Num instante eu estava pressionada contra a solidez quente do peito de Valen, no instante seguinte estava envolvida por um calor que pareceu me acalmar completamente.
Esses novos braços eram fortes, incrivelmente fortes, e ainda assim me aconchegavam com uma delicadeza que fazia algo profundo dentro de mim sentir uma forte sensação de reconhecimento.
Sem pensar, aconcheguei-me mais perto, aninhando-me no abraço como um rato em busca de abrigo da tempestade. Meu nariz roçou em um pescoço que cheirava a pedra antiga, a terra depois da chuva, a algo indefinidamente *outro* . Inspirei profundamente, o aroma dissipando minha febre como nada mais conseguira, clareando minha mente por um precioso instante.
Meu arauto grunhiu, um som de surpresa em vez de desagrado, e ajustou a forma como me segurava. Uma mão grande se espalhou pela minha lombar, a outra acariciando minha cabeça, os dedos se enroscando em meus cabelos úmidos de suor.
"Obrigada", sussurrei, meus lábios roçando seu pescoço a cada sílaba, "por finalmente ter vindo me matar." ”
O silêncio que se seguiu às minhas palavras foi quebrado apenas pelo gotejar distante da água. Senti seu corpo ficar completamente imóvel, até mesmo sua respiração suspensa por um longo instante.
Então sua mão se moveu, os dedos deslizando do meu cabelo para roçar minha bochecha febril. O toque era frio, quase reconfortante. "É isso que você pensa que eu sou?", perguntou ele, com a voz mais suave, quase íntima. "Seu executor?"
Tentei acenar com a cabeça, mas o movimento fez com que uma dor aguda atravessasse meu crânio. "Você prometeu", sussurrei. "Você disse que eu ia morrer."
“E assim será, como todos os mortais devem fazer”, respondeu ele, adotando um tom de voz suave e arrastado. “Mas não hoje.”
"Então, para que serve você?", murmurei, com a irritação transparecendo em meio ao meu delírio.
Ele cantarolou, e eu senti a vibração escapar dos meus lábios. "Uma pergunta que muitos já fizeram", admitiu, pressionando meu corpo contra o dele com mais firmeza. Aconcheguei-me em seu pescoço, tentando ficar o mais perto possível daquele ser que me abraçava com tanto carinho.
Ele aproximou o rosto do meu ombro e me inspirou, lenta e deliberadamente, quase faminto, como se meu cheiro por si só pudesse sustentá-lo. Senti seu nariz traçar a linha onde a pele febril encontrava a pulsação na minha garganta. Meu corpo, despojado de

toda e qualquer defesa, estremeceu com algo que não era totalmente medo, nem totalmente desejo — era uma terceira coisa, sem nome e faminta, e eu sabia que não me pertencia apenas.
Seu aperto suavizou, a mão grande espalhada pelas minhas costas movendo-se em círculos leves como uma pluma. A outra mão encontrou o caminho de volta para o meu cabelo, os dedos penteando os nós, desfazendo os emaranhados com uma ternura impossível para algo tão obviamente forte.
Me remexi em seus braços, reunindo a pouca força de vontade que me restava para levantar a cabeça. Meus cílios pareciam pesados como chumbo, mas consegui entreabri-los o suficiente para vislumbrar as sombras de seu rosto. A luz estava fraca demais para distinguir detalhes, mas eu conseguia ver a linha forte de seu queixo, a cavidade de Seu pescoço, o brilho pálido dos olhos me observando com uma intensidade que deveria ter me assustado.
Em vez disso, senti satisfação com o pouco que vi. Ao menos pude confirmar que a morte não era monstruosa.
O mundo oscilava entre o foco e o desfoque, e eu não conseguia encontrar energia para manter os olhos abertos por mais tempo. Em vez disso, pressionei minha testa contra a frieza e solidez de sua maçã do rosto, buscando conforto naquele pequeno ponto de contato.
"Estou tão cansada", sussurrei, as palavras escapando dos meus lábios ressecados. "Tão, tão cansada."
A mão nas minhas costas continuava seus círculos lentos e tranquilos, me ancorando no momento presente, enquanto a outra pairava na minha bochecha. Era quase como se ele temesse me machucar, como se não tivesse tocado em outra pessoa há anos.
Talvez não.
Lentamente, a ponta dos seus dedos roçou meu rosto. Dedos deslizando sobre minhas maçãs do rosto, minhas têmporas, a cavidade sob meus olhos. Quando alcançaram meus lábios, pararam, um toque leve como uma pluma que enviou um arrepio inesperado por todo o meu corpo febril.
“Eu sei, *yshera* ”, murmurou ele, com a respiração acariciando minha pele. “Eu sei.”
Queria perguntar o que significava *”yshera”* , essa palavra estrangeira falada em uma língua que eu não conseguia identificar, mas a linguagem estava me escapando, afogada pelo cansaço e pela batida constante do seu coração contra minhas costelas. Em vez disso, me aproximei ainda mais, buscando consolo na cadência rítmica.
“Já chega”, a voz de Valen cortou o silêncio, assustando-me. Parecia distante, como se falasse de além das grades, mas a autoridade em seu tom era inconfundível. “Você deveria estar ajudando-a, não... seja lá o que for isso.”
Meu presságio não respondeu imediatamente, seus dedos continuando seus suaves movimentos contra minha coluna. Senti-o expirar contra minha pele, sua respiração fresca. .
“A cura assume muitas formas”, respondeu ele finalmente, com uma voz grave e rouca que eu mais senti do que ouvi. “Ou você se esqueceu disso enquanto jogava vingança mortal?”

Valen emitiu um som entre um resmungo e um rosnado, um som que poderia ter sido confundido com ciúme se eu não o conhecesse melhor. "Não me esqueci de como você funciona. Continue."
A mão nas minhas costas parou de se mexer, e eu me vi lamentando a perda daquele movimento reconfortante.
De repente, o ar na cela pareceu carregado, como se raios estivessem prestes a cair, antes que um forte estrondo metálico quebrasse a tensão — o som das grades da cela se fechando com força. Teria sido Valen quem fizera isso? Ou meus poderes de arauto teriam causado isso de alguma forma?
"O que você está fazendo?", rosnou Valen.
“Garantir a privacidade”, respondeu meu mensageiro calmamente. “Você quer que eu a cure? Preciso de concentração. Sua presença é extremamente perturbadora.”
"Só removerei a segunda se ela me for devolvida viva e ilesa", disse Valen, com a voz baixa e ameaçadora. "Lembrem-se disso."
“Eu me lembro”, respondeu meu mensageiro, e havia um peso em suas palavras que sugeria séculos em vez de décadas, talvez milênios. “Agora fique em silêncio ou vá embora. A escolha é sua.”
Ouvi o suspiro frustrado de Valen, seguido pelo som de passos se afastando. Ele preferiu ir embora a presenciar o que quer que estivesse prestes a acontecer. Em meu estado febril, senti apenas alívio.
Meu arauto me ajeitou em seu colo, ajustando nossas posições para que minha cabeça repousasse na curva de seu ombro. O calor opressivo que me consumia há dias começou a diminuir, substituído por uma frescura que começava no meu topo da cabeça e descia como água cristalina. A sensação era tão deliciosa que não consegui conter um gemido. .
"Melhor?", perguntou ele, com a voz mais perto do meu ouvido do que eu esperava.
Assenti com a cabeça, incapaz de articular palavras enquanto a sensação de frescor continuava a se espalhar pelo meu corpo, dissipando a febre que me consumia. Era como mergulhar em um riacho de montanha depois de meses no deserto — chocante, doloroso em sua intensidade, mas desesperadamente necessário.
“A infecção é profunda”, murmurou ele, mais para si mesmo do que para mim. “Ela se enraizou no seu sangue.”
Sua mão deslizou até meus pés, onde estavam os piores cortes. Recuei quando ele tocou as feridas infeccionadas, mas seu aperto se intensificou, impedindo qualquer fuga.
“Fique quieto”, ordenou ele. “O desconforto será menor se você não resistir.”
Forcei-me a relaxar, entregando-me ao seu toque. Seus dedos percorreram as bordas de cada corte, e senti algo estranho. Uma sensação de puxão, como se ele estivesse extraindo a dor através das pontas dos dedos. A dor diminuía a cada movimento de sua mão, substituída por um formigamento quase agradável.
“A próxima parte vai doer”, avisou ele, com a voz mais suave. “É o preço de tal cura. Um pedaço de si mesmo, entregue livremente.”
Eu não tinha certeza do que ele queria dizer, mas mesmo assim assenti. O que era mais um pedaço de mim? Eu já havia perdido tudo o resto.

"Boa menina", disse ele suavemente, as palavras parecendo ter saído de sua boca sem pensar. Mas, por algum motivo, aquele simples elogio me fez lacrimejar. Há quanto tempo alguém não me dirigia a palavra com algo que se assemelhasse à gentileza?
Sua mão deslizou para o meu peito, repousando sobre meu coração. A princípio, não havia nada — apenas a palma da mão contra meu esterno. Então, sem aviso, uma dor lancinante me invadiu, tão intensa que minhas costas se arquearam e meus dentes se cerraram num grito silencioso. Mal percebi que ele estava pressionando meu rosto contra seu pescoço, seus braços fortes me envolvendo num abraço apertado.
Senti como se ele estivesse me penetrando, além da pele e dos ossos, para alcançar algo essencial no meu âmago. .
Eu gemi em seu pescoço, meus dedos se agarrando desesperadamente aos seus ombros enquanto a dor se intensificava. Não era uma ferida física. Era algo mais profundo, mais intrínseco. Eu sentia como se ele estivesse arrancando um pedaço do meu próprio ser, extraindo algo que eu nem sabia que podia ser removido.
“Só mais um pouquinho”, ele sussurrou, seus lábios roçando minha têmpora, sua voz soando mais forte do que antes. “Você está indo tão bem. Tão corajosa.”
O elogio não deveria ter importado, não quando eu estava sendo desfeita de dentro para fora, mas de alguma forma importava. Concentrei-me em sua voz, no ritmo constante de sua respiração, usando-a como uma âncora enquanto a dor atingia o ápice.
Então, tão repentinamente quanto começara, parou. A sensação de rasgo cessou, deixando para trás um estranho vazio, como um espaço oco onde algo vital outrora habitara. Desabei contra ele, exausta além da conta, meu corpo subitamente pesado demais para sustentar.
“Pronto”, disse ele, com evidente satisfação na voz. “Está feito.”
Eu queria perguntar o que ele havia levado, que parte de mim eu acabara de entregar, mas a consciência já estava se esvaindo. O mundo começou a desaparecer, as bordas da realidade se diluindo em uma escuridão reconfortante. A última coisa que senti foram seus braços me apertando, me aconchegando contra o peito como se eu fosse preciosa em vez de quebrada. Não era o abraço frio da morte que eu tanto desejava, mas algo mais caloroso, mais complexo, talvez algo que eu almejasse antes mesmo dessas masmorras.
Conforme a escuridão me envolvia, senti os lábios do meu arauto roçarem minha testa, tão levemente que poderia ter sido imaginação minha.
“Durma, *yshera* ”, ele sussurrou. “Haverá tempo suficiente para morrer mais tarde.”

# PARTE TRÊS
# OS TORTURADOS

CAPÍTULO VINTE E DOIS

# O DESPERTAR DA FEBRE

EU Acordei com a sensação incomum de limpeza, minha pele não estava mais coberta por semanas de sujeira e suor.

A consciência surgiu lentamente, filtrando-se pela névoa dos sonhos febris que se dissipavam. Meus olhos permaneceram fechados enquanto eu catalogava cada nova descoberta — o tecido áspero de uma camisa limpa contra a minha pele, algo macio sob minhas costas em vez de pedra nua, a ausência daquele calor abrasador que me consumia por dentro. Mas sob essas mudanças superficiais, espreitava algo mais profundo. Um vazio atrás das minhas costelas, como se algo essencial tivesse sido removido, deixando apenas um eco onde antes havia substância.

Meus dedos deslizaram até o meu peito, pressionando os ossos como se para confirmar que a estrutura física permanecia intacta. Apesar do estranho vazio, o movimento provocou uma dor surda que se espalhou pelos meus músculos, um resquício de febre persistindo nas minhas articulações.

Finalmente abri os olhos para a escuridão familiar da minha cela, agora um pouco mais suportável graças ao fino colchonete sob mim e ao magro cobertor enrolado na minha cintura. Confortos tão simples, mas que pareciam quase decadentes depois de semanas de nada além de pedra e sujeira. Meu cabelo também parecia limpo — ainda úmido nas pontas, como se alguém o tivesse lavado enquanto eu dormia. A ideia de mãos invisíveis me tocando durante a inconsciência me causava arrepios.

Fragmentos de memória vieram à tona — imagens e sensações desconexas do auge da minha febre. A voz de Valen, urgente e tensa. Braços fortes me erguendo. Uma cela diferente. O tilintar de correntes e um acordo selado na escuridão. Então, uma dor, diferente de qualquer outra que eu já tivesse sentido. Um rasgo não na carne, mas em algo mais profundo, mais fundamental. Uma ruptura do meu ser.

Meu presságio. A morte. O outro prisioneiro. As memórias se aglomeravam em torno dele — sua voz, seu toque, a sensação de ser aconchegada contra ele enquanto algo era arrancado de dentro de mim. Ele me curara, ao que parecia, mas a que custo? Que parte de mim eu havia entregado em troca dessa continuação indesejada do meu sofrimento?

Ao me esforçar para sentar, o vazio no meu peito se moveu como uma sombra líquida, enviando uma onda de vertigem por todo o meu corpo. Apoiei-me com uma das mãos no chão e, quando minha visão clareou, percebi que não estava sozinho.

Valen estava sentado num banquinho de madeira, logo além das grades da minha cela, observando-me com uma intensidade paciente. Sua imobilidade era antinatural, uma lembrança da criatura imortal que vestia a pele de um rei. Ele não piscava com frequência suficiente, não mudava o peso do corpo como um mortal faria. Apenas seus olhos se moviam, acompanhando cada movimento e tremor meu com um interesse calculado.

Encarei seu olhar, recusando-me a desviar o olhar apesar do cansaço que ainda pesava sobre meus membros. O silêncio entre nós se estendeu, vibrando com ameaças e promessas não ditas. Seu rosto Permaneci impassível, mas eu podia sentir algo escondido por trás daquela máscara cuidadosa — talvez satisfação pela minha própria existência, ou a antecipação do sofrimento que ainda estava por vir.

"Por que você não me deixou morrer?" Minha voz saiu rouca, arranhando minha garganta como areia enquanto eu quebrava nosso silêncio.
Os cantos da boca de Valen se contraíram — não exatamente um sorriso, mas um reconhecimento do golpe desferido. "Você teria preferido assim?", perguntou ele, num tom leve, como se estivesse falando do tempo em vez do meu desejo fervoroso de esquecimento.
“Você sabe que eu teria feito isso.” Me mexi no tatame, testando meus membros ainda fracos.
Valen inclinou a cabeça, curioso como um pássaro. "Então é exatamente por isso que eu a mantive viva." Ele se inclinou ligeiramente para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, seus olhos negros fixos em mim.
Quase ri da mesquinha crueldade daquilo. Claro. O que eu esperava desse Deus? Misericórdia nunca fez parte de seu domínio. Mas algo parecia errado em seu tom, sua resposta soando oca como uma nota falsa em uma melodia familiar.
A lembrança então se tornou mais clara — a voz de Valen cortando meu delírio, a raiva mal contida por baixo dela enquanto ele falava com o prisioneiro. Lembrei-me do desespero, tão em desacordo com a crueldade controlada que ele geralmente demonstrava. Havia medo genuíno em sua exigência de que o prisioneiro me curasse, como se minha morte o privasse de algum propósito vital.
"Você estava com medo", eu disse, a constatação puxando o canto do meu lábio num sorriso irônico. "Você estava com medo de que eu morresse antes que você pudesse executar a vingança que planejou."
Sua expressão não mudou, mas algo brilhou no fundo daqueles olhos antigos. "Eu estava preocupado", admitiu ele, "que nosso tempo juntos fosse curto. Isso teria sido... insatisfatório."
Eu ri, um som frágil que ameaçava me despedaçar como vidro. "Então é por isso que você *implorou* para que ele me salvasse? Por que você se ofereceu para remover suas correntes? Você parecia bastante desesperada por um deus." ”
A sutil mudança em sua postura foi o único aviso antes que seu poder invadisse a cela. Não me atingiu diretamente, mas senti como uma mudança na pressão do ar — uma sensação de peso que dificultava a respiração, que me lembrava exatamente que tipo de criatura estava me observando.
“Eu não *imploro* , princesa”, disse ele, com a voz suave, mas carregando o peso de montanhas. “Eu negocio. Eu ofereço condições. E fiz uma oferta lucrativa para garantir sua sobrevivência.”
"Para quê?", insisti, sabendo que estava pisando em terreno perigoso, mas incapaz de me conter. A morte podia me ser negada, mas eu ainda podia provocá-lo, ainda podia exercer o pouco controle que me restava. "Que grande vingança me obriga a viver em vez de me juntar à minha família além do vazio?"
O sorriso de Valen era lento e terrível, como uma ferida se abrindo em seu rosto. "A morte é uma dádiva", disse ele simplesmente. "Uma que ainda não desejo lhe dar."
Um arrepio percorreu meu corpo ao ouvir suas palavras, ao perceber a crueldade casual que elas continham.

“Então, ainda serei seu entretenimento?”, perguntei, lutando para manter a voz firme. “Sua vingança contra um homem morto, executada no corpo de sua filha bastarda?”
“Sim”, sorriu Valen, levantando-se num movimento fluido. Aproximou-se das grades, mas não as tocou, mantendo uma distância cautelosa que eu não havia notado antes. “Imagino, incomoda-te sofrer por um homem que nunca sofreu por ti?”
A pergunta o atingiu mais fundo do que ele imaginava, perfurando a armadura de ódio que eu havia construído ao redor do meu coração. Eu sabia que meu pai nunca me amou — me usou como uma ferramenta, nada mais. E, no entanto, lá estava eu, pagando o preço por seus pecados, carregando seu legado na forma deste castigo divino.
“Não importa como eu me sinta, meu pai está morto”, eu disse secamente. “Não importa o que você faça comigo, ele não verá.”
"Não é mesmo?" O sorriso de Valen se alargou, revelando dentes demais. "Sua compreensão mortal da morte é tão... limitada." Acredite em mim quando digo que seu pai está bem ciente do seu sofrimento. Aliás, eu me certifiquei disso.
Respirei fundo. O que ele queria dizer com " *garantir* isso"? Como ele poderia fazer meu pai morto testemunhar meu tormento?
Valen deu uma risadinha, o som ecoando nas paredes de pedra como um trovão distante. "Certamente seus tutores reais lhe ensinaram *algo* sobre o que acontece após a morte? Sua essência não desaparece simplesmente quando seu corpo falha." Ele se aproximou das grades, seus dedos pairando a um passo de tocá-las. "Você deve ser conduzido para além do vazio, guiado para o que quer que o aguarde."
Uma compreensão fria começou a se espalhar por mim, tão insidiosa quanto a geada que encobre um vidro.
“E eu”, continuou Valen, com satisfação transbordando de cada sílaba, “garanti que nenhuma alma — nem a do seu pai, nem a dos seus irmãos, nem uma única alma deste reino — possa ser guiada por esse caminho.”
Minha boca secou. "O que você fez?"
“Eu apenas permiti a perturbação da ordem natural.” Ele deu de ombros, como se estivesse discutindo algo tão importante quanto mudar os planos para o jantar. “Seu pai buscava controlar os deuses. Eu simplesmente... ampliei sua ambição.”
“Você aprisionou as almas deles”, sussurrei, com o horror apertando minha garganta. “Assim como meu pai aprisionou você.”
“Poético, não é?” Os olhos de Valen brilharam com um deleite malicioso. “Aeldrin observa você sofrer, incapaz de intervir, incapaz de escapar. O castigo perfeito para um homem que valorizava o controle acima de tudo.”
Pressionei a mão contra a boca, lutando contra a vontade de vomitar. A crueldade daquilo era de tirar o fôlego — não apenas o meu tormento, mas a tortura de inúmeras almas privadas de seu descanso eterno.
Lutei para respirar diante do peso insuportável dessa revelação, minha mão livre cravando-se no fino tapete sob mim. "Então foi por isso que você se casou comigo? Para me usar como instrumento de tortura para o fantasma do meu pai?" ”
“Entre outros motivos”, disse Valen com um gesto de desdém. “Você está sendo um tanto dramático com tudo isso, não é?”

"Dramático?", repeti, incrédulo. "Você aprisionou as almas de toda a minha família, está forçando meu pai a assistir aos tormentos que planejou para mim, e eu estou sendo *dramático* ?"
Valen riu, o som como estilhaços de vidro nos meus ouvidos. "Sim, bastante dramático. Embora eu suponha que seja de família. Seu pai foi igualmente teatral quando lhe contei exatamente o que planejava fazer com você, pouco antes de separar sua cabeça dos ombros."
Fiz uma careta, lembrando-me dos gritos do meu pai antes do baque da sua cabeça no chão. Mas Valen continuou, seu tom repentinamente horrivelmente sério, baixando para um rosnado baixo. "Tudo o que ele me fez, eu farei com você. Cada. Uma. Das. Coisas."
Fiquei em silêncio, atônita. Meu coração acelerou, minha respiração ficou ofegante, enquanto começava a me lembrar de fragmentos dos comentários anteriores de Valen. Décadas de prisão. Interrogatórios. Métodos que eram "minuciosos". O vazio em meu peito pareceu se expandir, ameaçando me consumir por dentro.
“E começamos amanhã”, disse ele, dando um passo para trás. Seu olhar percorreu meu corpo, observando o uniforme limpo, o colchonete, o cobertor — essas pequenas gentilezas que agora pareciam mais provocações cruéis do que conforto.
Nossos olhares se encontraram novamente, e desta vez, não havia como negar a expectativa em seus olhos.
Ele se afastou ainda mais das grades, seus movimentos deliberadamente lentos, como se saboreasse meu crescente pavor. "Esta noite, vou deixá-la contemplar seu futuro. A expectativa pode ser tão doce, não acha?" Ele se virou para ir embora, mas parou, olhando por cima do ombro. "Ah, e Mireille? Tente dormir. Você vai precisar de todas as suas forças."



O silêncio após a partida de Valen era uma forma de tormento por si só — denso e pesado como uma mortalha. Sentei-me imóvel sobre meu fino colchonete, ouvindo seus passos se dissiparem no nada, deixando apenas o gotejar distante da água e o suave farfalhar de criaturas invisíveis como companhia. Encolhi os joelhos contra o peito, abraçando-os como se pudesse, de alguma forma, me manter firme contra a tempestade que se aproximava. Mas por baixo do medo, escondia-se algo mais — uma necessidade desesperada de conexão, de alguma voz além daquela dentro da minha cabeça que contava as horas até o retorno de Valen.
*A morte é uma dádiva, dissera Valen. Uma dádiva que ainda não desejo lhe dar.*
Eles me cortaram ao meio, expondo a terrível verdade da minha situação. Eu não estava sendo mantido vivo por misericórdia ou por algum afeto distorcido. Minha existência era meramente um instrumento para a vingança de Valen — uma tela na qual ele pintaria sua retribuição em tons de dor e humilhação. E de alguma forma, impossivelmente, meu pai testemunharia tudo.
Pressionei as palmas das mãos contra os olhos até que estrelas explodissem atrás das minhas pálpebras, tentando afastar a imagem do sorriso de Valen enquanto ele falava

do amanhã. Que torturas ele teria arquitetado durante meu confinamento? Que novos infernos me aguardavam quando a noite desse lugar à manhã?
A sensação de vazio no meu peito pulsava, um lembrete de que eu continuava viva. Talvez meu presságio me revelasse qual parte de mim eu havia perdido em troca dessa cura indesejada. Talvez ele pudesse me dizer por que Valen parecia tão empenhado em me torturar.
A decisão cristalizou-se através do medo, e eu me levantei com dificuldade. Minhas pernas tremiam, ainda fracas por causa da febre, mas sustentaram meu peso enquanto eu atravessava os pequenos confins da minha cela. O chão de pedra estava frio contra meus pés descalços, cada passo enviando pontadas de formigamento pelas minhas panturrilhas, mas pelo menos elas não doíam mais. Caminhei deliberadamente em direção à parede que separava minha cela da cela ao lado — dele. .
A parede entre nós era de pedra bruta, fria e úmida sob minhas palmas enquanto eu a pressionava. Fechei os olhos, tentando sentir qualquer presença do outro lado, qualquer indício de que eu não estava sozinho naquela escuridão. Meu ouvido encontrou um ponto onde a argamassa havia se esfarelado ligeiramente entre duas pedras, criando uma pequena fenda que poderia permitir a passagem do som com mais facilidade.
"Você está aí?" Minha voz era pouco mais que um sussurro, mas parecia ecoar no silêncio da minha cela. Esperei, prendendo a respiração, por qualquer resposta do outro lado.
Nada.
Mordi o lábio, a incerteza me invadindo. Talvez ele estivesse dormindo, ou talvez simplesmente não tivesse interesse em falar comigo. Mesmo assim, eu não conseguia me livrar da sensação de que ele estava ali, ouvindo, ponderando se deveria me responder.
"Morte?", tentei novamente, usando o nome que lhe havia dado em meu delírio. Mesmo assim, nada além de silêncio me recebeu.
O desespero se insinuou em minha voz enquanto eu fazia uma última tentativa. "Por favor." A palavra surgiu como um apelo suave, nu e vulnerável no ar da masmorra.
Um longo suspiro se infiltrou pela pequena abertura entre as pedras, seguido pelo sutil movimento das correntes. "Estou aqui." Sua voz era profunda, ressonante com um poder que eu não conseguia compreender. "Embora eu não tenha certeza de que conforto minha presença lhe oferece."
Um alívio me invadiu ao ouvir sua voz — a prova de que eu não estava completamente sozinha neste poço de desespero. "Você não me matou", eu disse baixinho, me encostando na parede como se pudesse, de alguma forma, atravessar as pedras para vê-lo. "Por quê?"
Um som baixo se seguiu — não exatamente uma risada, mais como um suspiro cansado, revestido de ironia. "Por que eu deveria lhe conceder a misericórdia da morte?" Suas correntes se moveram novamente. "Além disso, minha liberdade vale muito mais do que acabar com a sua existência."
Suas palavras me feriram, mas mesmo assim, pressionei minha testa contra a pedra fria, ansiando por sua conversa.
“Você prometeu”, sussurrei. .

“Não prometi nada.” Sua voz assumiu um tom áspero que não estava presente antes. “Apenas observei que você estava morrendo. Uma observação, não uma promessa.”
A demissão doeu. Tudo doía. Não meu corpo, não, meu corpo parecia estar completamente curado. Mas meu peito, o lugar além das minhas costelas que agora parecia oco.
Tudo doía.
Eu queria morrer.
Eu desejava tanto morrer que estendi a mão para ele, esperando que esse fim me fosse dado por suas mãos.
Quão insignificante eu era, que até a morte me rejeitou?
Fechei os olhos com força, sentindo as lágrimas picarem por trás das pálpebras. "O que você tirou de mim?", perguntei, minha voz quase inaudível até para mim mesma. "Quando você me curou, há um... vazio. Como se algo estivesse faltando."
O silêncio se prolongou tanto que pensei que ele não fosse responder. Quando finalmente falou, sua voz estava mais suave, embora ainda mantivesse um leve tom áspero.
“Um fragmento da sua alma”, disse ele em voz baixa. “O preço da cura. Nada é de graça neste mundo, nem em nenhum outro.”
Meus dedos pressionaram meu peito, traçando o contorno da minha clavícula como se eu pudesse encontrar provas físicas desse roubo. "Você levou um pedaço da minha alma?" As palavras soaram estranhas em minha língua, místicas demais para a princesa prática que eu fora um dia. Contudo, depois de ver meu marido se transformar no deus do sangue, o que era mais uma impossibilidade?
"Só uma lasca", respondeu ele, e achei que percebi arrependimento em seu tom de voz. "Você quase não vai sentir falta."
Mas eu sentia falta. O vazio doía como um membro fantasma, uma pulsação constante daquilo que não estava mais ali. "Será que... vai crescer de novo?", perguntei, sentindo-me tola mesmo ao pronunciar a pergunta.
Ele soltou um suspiro, quase uma risadinha. "Almas não se regeneram, meu pequeno cervo. O que foi tirado, permanece tirado."
“Então, em vez de morrer, meu corpo foi curado, só para você arrancar um pedaço da minha alma”, eu disse, apertando a palma da minha mão com mais força. contra a pedra áspera, querendo se concentrar em qualquer coisa, menos no vazio doloroso. "Pelo menos na morte, eu estaria inteiro."
Um leve farfalhar de correntes, seguido de silêncio por alguns instantes. "A plenitude é glorificada", disse ele finalmente, num tom quase reconfortante. "A maioria das almas são fragmentadas, pequenos pedaços entregues por amor, ódio, promessas e traições. Você apenas fez conscientemente o que outros fazem sem perceber."
“Isso não é nada reconfortante.”
“Eu não estava tentando te consolar.”
Ficamos em silêncio então, a escuridão entre nossas celas densa com tantos pensamentos não ditos. Eu podia sentir seu semblante suavizando a cada pergunta que eu fazia, mas eu tinha mais uma, e não tinha certeza se ele responderia.
“Você sabe por que Valen não pôde me curar pessoalmente? Ele é um deus, não é? O Deus do Sangue. Certamente ele poderia ter—”

As correntes do prisioneiro tilintaram violentamente contra a pedra ao ouvir o nome de Valen, fazendo-me recuar estremecer da parede.
“Pergunte a ele quando ele vier novamente”, disse a Morte, com a voz mais fria do que antes. “Minha paciência não é absoluta, especialmente quando se trata do seu *marido* .”
“Eu só quero entender—”
“Por quê?”, ele interrompeu. “A compreensão mudará seu destino? Conhecer os mecanismos precisos de seu poder divino aliviará seu sofrimento?”
Mordi o lábio, atônita com a hostilidade repentina. O vazio no meu peito pulsava em resposta à sua raiva, como se o pedaço roubado da minha alma reconhecesse o desagrado do seu captor.
Meu olhar se fixou no chão de pedra, sentindo-me desconfortável com aquele silêncio. Olhei para o meu tapete, pensando se deveria voltar para ele. Eu havia pressionado com muita força, com muita insistência. Como eu tinha conseguido afastar tão facilmente minha única companheira?
De repente, ele suspirou. Um som de rendição relutante. Ouvi suas correntes tilintarem suavemente, como se ele estivesse esfregando o rosto. "Nossas habilidades não são as mesmas", disse ele finalmente, com a voz tensa. O Deus do Sangue precisa exatamente disso: sangue. É ele que alimenta seu poder, que dá forma à sua vontade. Sem ele, ele é... limitado.
Aproximei-me ainda mais da parede, ávida por essa informação, apesar de sua evidente irritação. Não disse nada, na esperança de que ele continuasse falando.
“O sangue é poderoso”, continuou ele, “mas depende de... compatibilidade. Quando uma infecção assola um corpo mortal, o próprio sangue fica contaminado, rejeitando até mesmo a influência de um Deus. Vharok não pode curar o que o próprio sangue se recusa a aceitar.”
“Mas você poderia”, sussurrei, mantendo a voz baixa para não arruinar essa tentativa relutante de conversa. “Seu poder funcionou onde o dele falhou. Você não tem essas limitações.”
Sua voz suavizou-se — ligeiramente. "Correto", disse ele, e um estranho orgulho me invadiu ao ouvir a palavra. "Embora eu precise de contato físico para canalizar meu poder em correntes como estas. Sangue é uma bagunça. Desnecessário para o meu poder. Mas sem o toque, fico igualmente limitado."
Lembrei-me da sensação de estar aconchegada contra o seu peito, dos seus dedos entrelaçados nos meus cabelos, da intimidade daquele toque reconfortante. A lembrança enviou-me um calor inesperado que, por um instante, preencheu o vazio atrás das minhas costelas.
“Então é por isso que você está acorrentado?”, perguntei. “Para impedir que você toque em alguém?”
Uma risada baixa e amarga ecoou pela pedra. "Em parte. Sim, as correntes limitam meu alcance, embora também sirvam a outros propósitos." Ouvi-o soltar um longo suspiro, como se controlasse as próximas palavras. "Sem essas correntes, não tenho limitações. Para curar ou para ferir."
Meus olhos se arregalaram enquanto eu me afastava lentamente da parede, repentinamente nervosa com a presença daquele prisioneiro na cela ao lado.

"Quem é você?" A pergunta escapou-me antes que eu pudesse refletir sobre sua sabedoria.
Por um longo momento, ele ficou em silêncio. Eu soube então que ele havia terminado de falar comigo. Eu finalmente tinha feito perguntas demais. .
Virei-me, prestes a voltar para o meu tapete, quando ouvi o sussurro inconfundível do tecido contra a pedra, a mudança sutil do seu corpo na posição em que se movia.
“Você pode estar cansado. Mais do que o normal.” Sua voz estava cansada, com um toque que poderia ser de preocupação ou simples irritação. “A extração de almas normalmente é exaustiva para o corpo.”
Um choque percorreu meu corpo. Ele estava... perguntando sobre o meu bem-estar? O prisioneiro que havia levado um pedaço da minha alma, que momentos antes havia respondido com rispidez às minhas perguntas, agora perguntava se eu estava cansada? A mudança repentina me deixou momentaneamente sem palavras.
“Eu...” Hesitei, considerando os sinais do meu corpo. Havia fadiga, sim, mas também algo mais — uma inquietação, uma necessidade de conexão que se sobrepunha ao cansaço físico. “Sinto que deveria estar bem. Mas não consigo suportar ficar sozinha com meus pensamentos agora.”
Suas correntes tilintaram suavemente. Imaginei-o do seu lado do muro, de costas para a pedra, com as pernas esticadas à sua frente. O pensamento era estranhamente reconfortante.
“Por causa de suas promessas para o amanhã”, disse a Morte. Não era uma pergunta.
Voltei para a parede, deslizando até ficar sentada, com o ombro pressionado contra a pedra áspera. "Sim."
Outro leve movimento das correntes, e imaginei-o espelhando minha posição do outro lado. "Então fale, se isso ajudar. Não tenho para onde ir."
O humor seco em sua voz me fez soltar um suspiro — um som frágil, entrecortado, quase uma risada. "Que generosidade a sua em oferecer seu tempo. Não havia algum lugar onde você preferisse *estar* ? Talvez um chá da tarde na cela oito?"
“Infelizmente, não”, respondeu ele, com a voz engrossando e carregada de um divertimento sombrio. “Descobri que a vida social nas masmorras é decepcionantemente escassa.”
Sorri, uma sensação estranha para meus próprios lábios depois de tantas semanas de isolamento. Parecia quase uma blasfêmia com os tormentos do dia seguinte se aproximando, mas talvez isso tornasse o sorriso ainda mais necessário. .
“Qual é o seu nome?”, perguntei, antes que pudesse pensar melhor. “Não consigo ficar te chamando de ‘Morte’ ou ‘Prisioneiro’ na minha cabeça.”
Houve uma pausa. Um leve ruído de metal.
“Por que não? Ambos são bastante adequados.”
“Porque até a Morte precisa ter um nome.”
Seguiu-se uma longa pausa, preenchida apenas pelo gotejar constante de uma água distante. Pensei que talvez o tivesse ofendido, ultrapassado os limites com a minha familiaridade.

“Pode continuar me chamando de Morte”, respondeu ele finalmente, com a voz suave, quase melancólica. “Faz... muito tempo que ninguém pronuncia meu nome verdadeiro.”
A confissão pareceu estranhamente íntima, como se ele tivesse compartilhado um segredo em vez de omiti-lo. Passei a ponta do dedo por uma fenda na parede entre nós, imaginando que nome poderia abarcar um homem de tanto poder. Decidi não insistir.
“Muito bem, Morte. Sobre o que vamos conversar?”, perguntei, abraçando os joelhos e apoiando o queixo neles. “Sobre o tempo? Fofocas do tribunal? As últimas tendências da moda em trajes de prisioneiros?”
Sua risada vibrou através da pedra entre nós. "Receio estar lamentavelmente desinformado em todos os assuntos. Talvez você pudesse me esclarecer sobre as tendências atuais. Algemas de ferro ainda estão na moda, ou foram substituídas por algo mais... vanguardista?"
“Ah, o ferro é totalmente arcaico”, respondi, entrando na brincadeira absurda. “Hoje em dia, todos os prisioneiros mais elegantes usam prata encantada. Bem mais lisonjeiro para a pele.”
“Ah, que decepção. Parece que estou completamente fora de moda há algumas décadas.”
Décadas. A simples menção do tempo me causou um arrepio. Quanto tempo ele estivera ali, acorrentado na escuridão? Mais tempo do que eu estava vivo, parecia. O pensamento era estarrecedor.
"Como você aguenta?", sussurrei, a brincadeira sumindo da minha voz. "O tempo, quero dizer. Os dias e noites intermináveis, todos iguais. Como não enlouquecer?" ”
Percebi sua hesitação e, quando finalmente falou, sua voz estava mais suave, mais íntima, como se estivesse compartilhando algo profundamente questionável.
“Quem disse que eu não fiz isso?”
Encostei minha bochecha na pedra fria, estranhamente reconfortada por sua honestidade. "Faz sentido. Talvez nós dois sejamos loucos, tendo uma conversa perfeitamente racional sobre nossa insanidade compartilhada."
Sua respiração era um murmúrio baixo. "A loucura tem suas vantagens. A realidade é... negociável."
"Bem que eu poderia negociar com a realidade agora", admiti, passando o dedo por uma fenda no chão de pedra. "Um acordo diferente daquele a que estou presa atualmente."
“E que acordo você faria, se pudesse?” Sua voz havia assumido novamente aquele tom estranho e íntimo, como se ele estivesse sussurrando diretamente no meu ouvido, em vez de através de pés de pedra maciça.
Fechei os olhos, permitindo-me o perigoso luxo da imaginação. "Liberdade", sussurrei. "Não apenas desta cela, mas dele. De Valen. Deste... casamento." A palavra tinha um gosto amargo na minha língua.
“Nada mais ambicioso?”, perguntou ele, com um toque de escárnio. Mas permaneceu suave, modesto, sem julgamento. “Nenhum pensamento de vingança? Nenhum desejo de ver seu captor sofrer como ele fez você sofrer?”
"Vingança?" Saboreei a palavra, deixando-a rolar na língua como vinho azedo. "Qual seria o sentido? Ele é um deus. Imortal. Intocável." Pressionei as pontas dos dedos

contra o espaço oco atrás das minhas costelas, sentindo o vazio pulsar em sincronia com as batidas do meu coração. "Além disso, vingança exige poder, e eu não tenho nenhum."
Um som suave e contemplativo filtrava-se entre as pedras. "O poder vem de muitas formas, pequeno cervo. Nem todas são óbvias."
Soltei um resmungo, o som áspero no ar úmido. "Isso deveria ser reconfortante? Alguma sabedoria enigmática para suavizar minha descida ao inferno que Valen preparou?" ”
“Não”, respondeu ele simplesmente. “Apenas uma observação para se levar em conta.”
Deixei minha cabeça cair para trás contra a parede, encarando a escuridão onde eu sabia que havia um teto, embora não pudesse vê-lo. "Vingança", repeti a palavra, minha voz quase inaudível enquanto ponderava sobre o que eu queria. Eu *queria* vingança, e eu a teria, mas primeiro precisava do desejo de sobreviver. "Eu só quero parar de sofrer."
O silêncio se estendeu entre nós, preenchido apenas pelo gotejar constante da água e pelos sons distantes do palácio acima. Quando ele falou novamente, sua voz havia mudado — mais grave, quase suave.
“Posso curar seu corpo”, disse ele, cada palavra medida e carregada de significado. “Posso remendar a carne lacerada, eliminar infecções, consolidar ossos. Mas a outra dor — as feridas que vivem na memória e no espírito — essas permanecem além do meu alcance.”
A confissão pairava no ar entre nós, nítida e inflexível. Tracei o contorno de uma pequena pedra incrustada no chão, seguindo suas bordas irregulares com a ponta do dedo. O espaço oco atrás das minhas costelas pareceu expandir-se com suas palavras, como se reconhecesse a verdade delas antes que minha mente pudesse compreendê-la completamente.
Mas ele não havia terminado.
“Só o tempo cura essas feridas.” Ele fez uma pausa, como se estivesse refletindo sobre as próprias palavras. “E o sono, de vez em quando. O sono pode curar, à sua maneira.”
"Estou bem", insisti, percebendo o que ele não estava dizendo. "Não preciso dormir."
“Descanse”, disse ele, agora com ainda mais delicadeza. “Guarde suas forças para o que vier a seguir. Vharok não é conhecido por sua misericórdia e esperou muito tempo por essa vingança.”
A lembrança da promessa de retorno de Valen com o amanhecer fez com que uma nova onda de medo me invadisse. Que novos tormentos ele teria arquitetado durante minha doença? Que sofrimento me aguardava quando a noite desse lugar à manhã?
"O que ele vai fazer comigo?", sussurrei, a pergunta surgindo sem que eu percebesse. .
Seguiu-se uma longa pausa, e então, "Nada que vá te matar", disse a Morte finalmente. "Além disso... não posso dizer."
Assenti com a cabeça contra a pedra, embora ele não pudesse ver o gesto. "Obrigada", disse baixinho, "por falar comigo."
“Vá, descanse agora”, respondeu ele, suas correntes tilintando suavemente enquanto se afastava da parede. “Não tenho mais nada a lhe oferecer esta noite.”
A rejeição foi clara, e eu sabia que não devia abusar da sorte. Qualquer frágil conexão que tivesse se formado entre nós ainda era incipiente, facilmente rompida por uma

insistência indesejada. Afastei-me da parede, meus membros subitamente pesados por uma fadiga que parecia emanar dos meus ossos.

Enrolei-me no fino colchonete, puxando o cobertor até os ombros enquanto contemplava a estranha aliança que se formava na escuridão destas masmorras. A Morte talvez não fosse minha amiga — talvez nem fosse capaz de amizade depois de tanto tempo nestas masmorras — mas ela havia falado comigo, tido uma conversa que Valen certamente preferiria que não tivesse acontecido.

Amanhã, Valen retornaria com os tormentos prometidos. Esta noite, eu havia conquistado ao menos o sussurro de um aliado, embora sua verdadeira natureza e motivações permanecessem envoltas em mistério.

Mas isso teria que ser suficiente.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

# DE SANGUE E DESAFIO

EU Ouvi os sons antes de vê-los: botas raspando na pedra, o tilintar de chaves, o murmúrio baixo de homens que haviam recebido ordens para preparar uma mulher para a tortura.

Sentei-me com as costas contra a parede fria, os joelhos encolhidos junto ao peito sob o tecido fino da minha camisola, e observei as sombras se estenderem pelo chão enquanto a luz das tochas inundava o corredor. O sono me escapava desde a minha conversa com o meu arauto. Em vez disso, passei a noite mapeando cada rachadura no chão, cada lasca nas paredes de pedra, qualquer coisa para me distrair da certeza de que hoje, o Deus do Sangue começaria a sua vingança a sério.

Eu não faria isso render.

Três guardas apareceram à porta da minha cela, os rostos obscurecidos pelas sombras dançantes projetadas pelas tochas. Um deles hesitava ao abrir a fechadura, enquanto os outros permaneciam com as mãos sobre as armas, como se eu — uma mulher sozinha numa cela de pedra — pudesse, de alguma forma, subjugá-los.

"Levante-se!", rosnou aquele que destrancou a porta. Os outros dois entraram, caminhando em minha direção com uma eficiência prática.

Eu não me mexi. "Estou muito confortável onde estou, obrigada."

Um guarda avançou bruscamente e agarrou meu braço. "O rei não gosta de esperar."

"Que pena para ele", eu disse, me desvencilhando bruscamente de seu aperto. Minha resistência me rendeu um tapa na cara que fez minha cabeça virar para o lado, com um gosto de ferro se espalhando pela minha boca.

"Soltem-me", sibilei, cuspindo sangue no chão aos pés deles. "Já estou numa cela. O que mais o seu mestre quer?"

Eles não responderam. Em vez disso, me ergueram pelos braços, meus pés descalços raspando no chão de pedra irregular. Debati-me contra o aperto deles, acertando um chute na canela de um dos guardas que arrancou um grunhido de dor satisfatório.

"Sua vadia desgraçada", ele rosnou, torcendo meu braço até que eu sentisse algo no meu ombro se tensionar perigosamente, prestes a quebrar. "Fique quieta ou eu quebro."

O terceiro guarda aproximou-se com algemas de ferro presas a correntes que pendiam do teto — correntes que eu não havia notado em minhas inspeções anteriores da cela. Quando haviam sido instaladas? A ideia de que Valen estivesse planejando aquilo, preparando minha cela especificamente para o tormento, causou-me um arrepio na espinha que me recusei a deixar transparecer em meu rosto.

"Enforquem-na", ordenou o guarda que parecia estar no comando.

Suas mãos eram ásperas enquanto me posicionavam no centro da cela, empurrando-me para a ponta dos pés enquanto torciam meus braços para cima. O metal frio cortava meus pulsos enquanto prendiam as algemas, esticando as correntes até que eu estivesse desconfortavelmente esticada, meu Os dedos dos pés mal tocavam o chão. Cada músculo dos meus ombros e braços protestou imediatamente contra aquela posição antinatural.

Recusei-me a dar-lhes a satisfação de me ouvir implorar, então transformei meu desprezo em um sorriso. "É só isso que o seu rei consegue fazer? Enforcar-me como um pedaço de carne?"
Um dos guardas bufou. "Você não vai ser tão respondão quando ele terminar com você."
"Veremos." Ergui o queixo, um gesto de desafio que me custou caro, pois o movimento deslocou meu peso e provocou uma pontada de dor nos meus ombros tensos.
Eles recuaram para admirar sua obra, e flagrei um deles passando o olhar pelo fino tecido que era minha única cobertura. Encarei-o friamente até que ele desviasse o olhar. Não importava quais humilhações Valen tivesse planejado, eu não me acovardaria diante de seus capangas.
O som de passos se aproximando os silenciou. Esses passos eram diferentes — medidos, deliberados, a passada de alguém que nunca precisava ter pressa porque o mundo o esperaria. Os guardas se endireitaram, a bravata anterior substituída por algo que se assemelhava desconfortavelmente ao medo.
O rei Valen surgiu na porta, sua alta estatura quase a preenchendo por completo. Não usava coroa, mas não precisava — o poder emanava dele como o calor de uma forja. Ao contrário dos rudes soldados, vestia-se impecavelmente com roupas escuras que absorviam a luz das tochas. Seu rosto, com seus traços aristocráticos marcantes, não revelava nada de seus pensamentos enquanto seus olhos percorriam a cena à sua frente.
“Deixem-nos ir”, disse ele, com a voz calma, mas carregada de uma firmeza que fez os guardas quase tropeçarem uns nos outros na pressa de obedecer.
Ele não entrou imediatamente. Em vez disso, ficou parado na soleira, observando-me enquanto os passos dos guardas se afastavam pelo corredor. O silêncio entre nós se intensificou, tão denso que parecia sufocante. .
“Sua hospitalidade continua sendo exemplar”, eu disse naquele silêncio, com a voz mais firme do que eu deveria esperar.
Os lábios de Valen se curvaram num gesto que lembrava um sorriso. Ele entrou na cela, mas deixou a porta escancarada atrás de si — uma provocação, imaginei. Uma ideia de que, estando preso como estava, eu não teria outra opção a não ser escapar.
"Dormiu bem, princesa?", perguntou ele, circulando-me lentamente, seus passos quase silenciosos sobre a pedra.
“Maravilhosamente”, menti, com sarcasmo transparecendo na minha voz. “As acomodações são muito aconchegantes e tranquilas.”
Ele completou sua volta, parando novamente diante de mim. Seus olhos percorreram meu corpo suspenso com um distanciamento clínico, como se estivesse avaliando um espécime particularmente interessante. Forcei-me a encontrar seu olhar, recusando-me a demonstrar o medo que me dava nós no estômago.
“Fico feliz em ouvir isso”, disse ele, com a voz suave e ameaçadora. “O descanso é importante antes de se dedicar a... atividades extenuantes.”
Meus músculos já gritavam de dor por causa da posição antinatural, mas mantive o rosto neutro. "É aqui que você me conta os horrores que planejou? Uma continuação do seu grande discurso sobre vingança e justiça?"
Valen inclinou a cabeça, me estudando. "Você gostaria disso? Uma descrição detalhada do que te espera?" Ele se aproximou, perto o suficiente para que eu pudesse sentir o

calor anormal irradiando de sua pele. Perto o suficiente para que eu pudesse ver as pupilas de seus olhos escuros começarem a dilatar. "Você gostaria que eu lhe explicasse cada detalhe do que farei com o seu corpo?"
“Alguns podem confundir isso com misericórdia”, eu disse, tentando não me afastar dele. “Está me dando tempo para me preparar.”
Ele riu então, um som agudo e mordaz. "Não há como se preparar para o que planejei para você, Princesa." Seus olhos escuros e divertidos estudaram meu rosto, depois se estreitaram, seus dedos subindo como se fossem tocar meus lábios. Eles pairaram ali, Ele estava bem perto da minha boca, e percebi que não estava olhando para os meus lábios, mas sim para o hematoma que se formava na minha bochecha.
"Quem?" A palavra soou rígida, cortando o silêncio com uma violência que me fez estremecer.
A mudança nele foi instantânea e aterradora — seu divertimento frio desapareceu, substituído por uma fúria que escureceu suas feições e pareceu crescer dentro da cela apertada. Sua mão caiu ao lado do corpo, fechando-se em um punho como se esmagasse algo frágil e insignificante.
"Quem se atreveu a encostar um dedo em você?", perguntou ele, cada sílaba como um açoite.
Encarei-o, perplexa com sua raiva. Aquilo era… inesperado. “Você não deveria estar me destruindo?”, retruquei, cuspindo as palavras. “Presumi que a dor fizesse parte do processo.”
Seus olhos estavam completamente negros agora, e me encaravam com uma força sufocante. Ele rosnou, sua voz baixa e perigosa: "Eu não *divido* meus brinquedos."
Sem dizer mais nada, Valen se virou e saiu da cela, seus passos ecoando com um propósito violento pelo corredor. A porta permaneceu aberta, uma zombaria de liberdade que apenas enfatizava minha impotência enquanto eu permanecia suspenso no teto, boquiaberto de surpresa.
O tempo se esticava como um fio puxado com muita força. Minutos ou horas, eu não conseguia distinguir o que passava enquanto meus músculos protestavam veementemente. A tensão nos meus ombros se tornou uma agonia constante e latejante que irradiava pela minha coluna. Meus dedos ficaram dormentes, depois doloridos, e depois dormentes novamente, enquanto o sangue lutava para chegar até eles. Tentei mudar o peso do corpo, ficando na ponta dos pés para aliviar a pressão, mas cada pequeno movimento enviava novas ondas de dor pelos meus membros sobrecarregados.
O vazio oco em meu peito parecia pulsar em sincronia com a dor, como se o pedaço que faltava em minha alma pudesse ter me ajudado a suportar esse tormento. Fechei os olhos, concentrando-me na minha respiração. Inspira, expira. Inspira, expira. Cada respiração cuidadosamente medida, cuidadosamente controlada. .
Quando ouvi passos novamente, forcei meus olhos a se abrirem, forçando meu semblante a assumir uma expressão de indiferença, apesar da dor que irradiava por minhas articulações.
Valen surgiu novamente na porta, mas estava diferente. Sua aparência impecável estava desfeita — o cabelo despenteado como se ele o tivesse passado as mãos repetidamente,

as roupas amarrotadas. Mas foram seus olhos que me causaram arrepios. Brilhavam com uma luz febril, as pupilas dilatadas a ponto de apenas um fino anel da íris permanecer visível. Sua respiração era rápida e superficial, e um leve tremor percorreu suas mãos enquanto ele as enxugava distraidamente contra as coxas.
Sangue. Escuro e viscoso, manchava suas palmas, espalhava-se pelo rico tecido de suas roupas. Gotículas respingavam em seu rosto como sardas macabras.
“Seus guardas não vão incomodá-lo novamente”, disse ele, com a voz baixa e profunda, antes de um sorriso se espalhar por seu rosto enquanto ele entrava mais na minha cela.
Seu sorriso era uma coisa terrível — um sorriso forçado que esticava seus lábios demais, revelando dentes que pareciam mais afiados do que antes. "Justiça", sibilou ele, aproximando-se o suficiente para que eu pudesse sentir o cheiro metálico de sangue em sua pele. "Retribuição divina. É o único caminho que realmente importa. Ela atinge a todos e não discrimina."
Recusei-me a recuar, embora cada instinto me implorasse para me afastar do deus ensanguentado à minha frente. O jeito como ele me olhou — uma mistura de fúria e satisfação — me disse tudo o que eu precisava saber sobre o que havia acontecido com os guardas que ousaram marcar meu rosto.
"Isso é para me impressionar?", perguntei, com a voz rouca de sede, mas firme em desafio. "Que você assassinou homens por fazerem exatamente o que você me trouxe aqui para suportar?"
Os olhos de Valen se estreitaram enquanto ele circulava ao meu redor novamente, tomando cuidado para manter a distância. O ar entre nós parecia vibrar com seu poder, mas ele não o rompeu para me tocar. .
“Eles não eram dignos de infligir seu sofrimento”, disse ele, com a voz um murmúrio que parecia vir de algum lugar mais profundo do que seu peito.
Acompanhei-o com o olhar, recusando-me a esticar o pescoço para seguir seus movimentos. "Que consideração a sua, reservar para si o direito à minha dor."
Valen parou de circular, posicionando-se diretamente à minha frente. Seus olhos percorreram meu rosto até meus dedos dos pés, que ainda mal tocavam o chão, e depois voltaram a subir. Um músculo em sua mandíbula se contraiu, mas ele manteve as mãos cruzadas atrás das costas.
“Você é minha esposa”, disse ele simplesmente. “Minha prisioneira. Meu instrumento de justiça contra um homem que aprisionou deuses. Você, sua dor, tudo em você, é meu.”
"Eu não pertenço a você", sibilei, erguendo o queixo apesar da chama que percorreu meus ombros.
— Não? — A voz de Valen baixou para um sussurro aveludado. Ele se aproximou — sem me tocar, mas perto o suficiente para que eu pudesse sentir o calor irradiando de seu corpo. — Então, a quem você pertence, Princesa? Ao seu pai? Ele está morto. Ao seu reino? Está em chamas. Ao seu povo? Eles já se esqueceram de você.
Ele se inclinou para perto, sua respiração roçando minha orelha. "Você está à deriva no mundo, Mireille. Uma rainha sem trono, uma filha sem pai, uma esposa presa a um marido que despreza. Infelizmente para você—" seus olhos alternaram entre os meus, "—estamos *presos* , quer você aceite ou não."

Recusei-me a deixar que ele percebesse o quanto suas palavras me feriam. Em vez disso, encarei-o fixamente. "Eu pertenço a mim mesma. Isso é algo que você nunca poderá tirar de mim."
"Não posso?" Aquele sorriso terrível se espalhou mais uma vez por seu rosto salpicado de sangue. "Deixe-me mostrar o que significa pertencer ao Deus do Sangue e da Conquista."
Eu esperava que ele me tocasse. Ele não precisou.
Ele simplesmente levantou a mão, com a palma virada para mim, e estalou os dedos num gesto casual. .
Uma dor aguda percorreu minha pele — linhas de fogo afiadas e precisas que se espalharam pelos meus braços, ombros, costelas e coxas. Olhei para baixo, em choque, e vi minha pele se abrindo, finas marcas vermelhas surgindo como se desenhadas por uma lâmina invisível.
Os cortes não eram profundos — meros arranhões, na verdade — mas ardiam como se tivessem sido feitos com ácido em vez de aço. Mordi a parte interna da minha bochecha até sentir o gosto de sangue, determinada a não fazer nenhum barulho.
Valen observava meu rosto, sua própria expressão absorta em concentração enquanto cantarolava em sinal de aprovação. "A maioria grita ao meu primeiro toque."
"Decepcionada?", consegui dizer, com a voz tensa, mas firme.
“Não.” Ele circulou-me novamente, examinando sua obra de todos os ângulos. “A dor é uma forma de arte, sabe? A aplicação do sofrimento exige precisão, uma compreensão dos limites e das fronteiras.” Ele parou atrás de mim, onde eu não conseguia ver seu rosto, sua respiração roçando a nuca do meu pescoço. “Você pode gritar se quiser, Mireille. Ninguém vai te culpar.”
"Eu não ousaria te dar essa satisfação", eu disse, concentrando-me numa rachadura na parede oposta para me ancorar contra a dor lancinante que irradiava por toda a minha pele.
“Não se trata de satisfação.” Sua voz estava mais perto agora, perto do meu ouvido, embora eu percebesse que ele ainda não havia me tocado. “Trata-se de honestidade. Podemos ser honestos um com o outro, não podemos, Princesa?”
Cerrei os dentes ao ouvir a pergunta. "Sobre o que você quer que eu seja honesto, Butcher?"
"Tudo", sibilou ele, voltando a entrar no meu campo de visão, os olhos percorrendo meu rosto com o sorriso perverso ainda estampado. "Quero ouvir seus gritos. Quero sentir o gosto das suas lágrimas. Quero saber que seu pai está sofrendo além do vazio enquanto observa sua preciosa filha sucumbir a mim."
Uma risada amarga escapou de mim, tão cortante que poderia ferir. "Então você está perdendo seu tempo e o meu. Não vou ceder a você. E meu pai não valorizava nada em mim, exceto meu silêncio e minha obediência, ambos os quais eu não conseguia demonstrar com consistência." ”
Algo parecido com interesse brilhou nos olhos de Valen enquanto ele me observava. "Você fala do seu pai com tanto ódio, agora que ele não está mais entre nós. Seria de se esperar que você me agradecesse por tê-lo tirado deste mundo."
"Obrigada?" Olhei para ele, incrédula apesar da dor ainda arder em minha pele. "Você massacrou minha família na minha frente. Você massacrou os funcionários do palácio,

pessoas que nunca lhe fizeram mal. Você não matou meu pai por justiça, você o fez por poder e vingança. Você não é melhor do que ele."
Sua expressão endureceu e, com outro movimento casual dos dedos, os cortes superficiais em meu corpo se aprofundaram. Não consegui conter um suspiro quando o sangue começou a escorrer, traçando rastros quentes pelas minhas pernas e pingando no chão de pedra abaixo.
“Não sou nada parecido com seu pai”, disse Valen, com a voz mortalmente calma. “Aeldrin era um mortal que brincava de divindade, roubando um poder que não conseguia compreender. Eu sou real, o poder encarnado, sangue e vingança que ganharam forma.”
Meu maxilar se contraiu enquanto eu lutava para manter a respiração calma. Os cortes não eram fatais, mas ardiam com uma intensidade que sugeria algo além de dano físico — como se o poder dele tivesse contaminado as feridas, fazendo-as queimar por dentro.
“Você se diz um deus”, eu disse, forçando as palavras através da névoa da dor, “e aqui está você, torturando uma mulher indefesa em busca de vingança contra um homem morto. Que divino da sua parte.”
Seus olhos se estreitaram. "Você não está nada indefesa, Mireille. Mesmo amarrada e sangrando, você maneja essa língua como uma lâmina."
“É a única arma que me deixou.” Encarei-o fixamente, recusando-me a desviar o olhar apesar dos tremores que percorriam meus músculos tensos. “Mas, se esta é toda a extensão da sua retribuição divina, estou longe de estar impressionado. Cortes superficiais são o limite do poder do Deus do Sangue?”
Algo perigoso brilhou em seus olhos — um vislumbre da criatura sob a máscara humana. Seus dedos se curvaram levemente, e os cortes em meu corpo pulsaram em resposta, enviando novas ondas de dor que se irradiavam para fora. .
"Eu poderia drenar cada gota de sangue do seu corpo com um pensamento", disse ele, baixando a voz. "Eu poderia fervê-lo em suas veias ou congelá-lo. Eu poderia puxá-lo pelos seus poros até que você chorasse lágrimas carmesim. Tudo sem tocá-la." Seus olhos se fixaram nos meus, buscando medo. "Mas isso acabaria com o nosso jogo muito depressa. E não queremos isso, queremos?"
O sangue escorria dos meus pulsos, pingando dos meus cotovelos num ritmo constante e hipnótico. Cada gota que atingia o chão de pedra ecoava no silêncio entre nós. Meus ombros gritavam por causa da posição antinatural, e os cortes ardiam como fogo, mas eu me recusava a ceder. Em vez disso, reuni minhas forças e ofereci a ele um sorriso que parecia mostrar os dentes.
“Você não me assusta.”
As palavras surgiram cruas e irregulares, impregnadas com o gosto metálico do meu próprio sangue, mas carregavam aquela verdade que ele tanto desejava. A vida me aterrorizava. A perda me assombrava. Mas Valen em si — o deus com rosto de rei — não. Talvez fosse porque eu já havia perdido tudo o que importava, ou talvez fosse simplesmente porque a morte se tornara mais amiga do que inimiga na escuridão do meu cativeiro.
Seja qual fosse o motivo, observei o impacto da minha afronta rachar algo dentro dele — uma fissura tênue no controle que ele mal mantivera até aquele momento. A fúria que varreu seu rosto não era a raiva calculada de um rei, mas algo mais antigo e

selvagem — a ira de um deus a quem fora negada a adoração adequada. Naquele instante, enquanto suas narinas se dilatavam e seus olhos escureciam como breu, compreendi que havia cometido um erro terrível. Não porque temesse a morte — a morte seria uma misericórdia —, mas porque eu havia despertado algo nele que não se contentaria com mera dor.

“Então talvez”, disse ele, baixando a voz para um sussurro que parecia arranhar meus ossos, “eu não esteja me esforçando o suficiente”.

Ele se aproximou de mim com sua graça predatória, diminuindo a distância entre nós em dois passos calculados. Eu não conseguia recuar — as correntes me prendiam. Tudo o que eu podia fazer era encarar seu olhar. E me recusei a recuar quando ele ergueu a mão em direção ao meu rosto, imóvel, sem me tocar, mas perto o suficiente para que eu pudesse sentir o calor anormal irradiando de sua pele.

“Você está diante de mim sangrando e amarrada”, disse ele, “e ainda assim fala como se tivesse poder.” Seus olhos percorreram meu corpo, observando a camisola manchada de sangue que grudava na minha pele onde os cortes haviam penetrado o tecido fino. “Vamos arrancar esse último vestígio de orgulho, certo?”

Antes que eu pudesse responder, ele estendeu a mão para mim, os dedos se agarrando ao tecido da minha camisola. Com um único movimento brutal, ele a rasgou, abrindo-a ao meio até que ficasse em farrapos ao meu redor. A força do impacto jogou meu corpo contra as correntes, e reprimi um grito enquanto a dor intensa e ardente me atingia.

O ar frio atingiu minha pele exposta e lutei contra o instinto de me encolher. Não conseguia mover os braços para me cobrir. Só me restava ficar ali, nua e vulnerável, com o sangue escorrendo de dezenas de cortes superficiais por todo o corpo. A humilhação queimava mais forte que a dor dos ferimentos, mas me recusei a demonstrá-la. Em vez disso, sustentei seu olhar, mandíbula cerrada, desafiando-o silenciosamente a pensar que aquilo me quebraria.

“Melhor”, disse Valen, seus olhos percorrendo cada centímetro de pele exposta com um distanciamento clínico. “Não há mais barreiras entre nós agora.”

“Se você pensa que a nudez é minha fraqueza, você não entende nada sobre mim”, eu disse, com a voz tensa, mas firme. “Fui criada na corte de Aeldrin, onde a humilhação era o café da manhã e a vergonha o vinho da noite. Isso não é novidade.”

Algo brilhou em seus olhos — um momento de genuína curiosidade, talvez, rapidamente disfarçado. "Mais uma crueldade para atribuir aos pés de seu pai", murmurou ele. "Embora tenha servido para te fortalecer, eu admito."

“Sua aprovação não significa absolutamente nada.”

Seu riso era suave e frio. "Não é aprovação, princesa. Apenas observação." Senti seu olhar percorrendo minha pele, catalogando cada cicatriz, cada vulnerabilidade. "Você já apanhou antes." Ele observou, parando atrás de mim, onde eu sabia que as antigas cicatrizes do chicote de Ira cruzavam minhas costas. "Seu pai permitiu isso?"

“Meu pai não se importou em saber”, eu disse secamente. “Outro fato que deveria fazê-lo questionar a eficácia da sua vingança. Você está torturando alguém que ele já torturou.”

“Ah, mas há uma diferença crucial.” Sua voz vinha diretamente de trás de mim, perto do meu ouvido. “Eu não torturo para punir *você* .”

Com essa declaração, seu poder se manifestou novamente — não os cortes superficiais de antes, mas fatias mais profundas que se abriram em minha pele com precisão deliberada. Elas formavam padrões agora, percebi através da névoa da dor — linhas controladas que se curvavam e se cruzavam, como se ele estivesse escrevendo em minha carne.
Um grito se formou na minha garganta, mas eu o engoli, mordendo com força o lábio inferior. A dor era diferente — mais aguda, mais intensa, cada corte colocado onde causaria a máxima sensação sem risco de perda fatal de sangue, embora escorresse livremente pelas minhas pernas, acumulando-se na pedra sob meus pés.
“Você realmente tem um controle notável”, comentou Valen, como se estivesse falando de um bordado particularmente desafiador.
Não consegui responder. Precisei de toda a minha concentração para permanecer em silêncio enquanto outra onda de cortes se abria em meu estômago e coxas. Meu corpo se contraiu involuntariamente contra as correntes, o metal cortando meus pulsos enquanto eu lutava para manter um mínimo de compostura.
Meus músculos tremiam com o esforço de permanecer imóvel. Suor frio se misturava ao sangue, fazendo os cortes arderem ainda mais. Minha visão se estreitara como um túnel, com o rosto de Valen no final dele — pálido, perfeito e absolutamente impiedoso.
Ele atacou novamente, cada corte em meu corpo se aprofundando simultaneamente, e eu não consegui mais ficar em silêncio — um grito escapou da minha garganta, agudo, entrecortado e inegavelmente genuíno.
No instante em que as palavras escaparam dos meus lábios, Valen ficou imóvel. Seus olhos se fixaram nos meus, as pupilas dilatando até restar apenas um fino anel de escuridão. Vi então, claro como o dia… satisfação em Quebrando meu silêncio, sim, mas havia algo mais por baixo. Algo faminto e ardente que não se importava com vingança.
Ele se aproximou, sua respiração quente contra minha bochecha sangrando. "É isso aí", murmurou, a voz transformada — mais baixa, quase reverente. "Essa é a honestidade que eu estava esperando."
Tentei me desvencilhar bruscamente, esticando o pescoço para manter distância entre nós, mas as correntes me seguraram, mantendo-me imóvel.
"Vá para o inferno", consegui dizer, mas a rebeldia na minha voz era fraca, desgastada pela dor e pelo cansaço.
Seu sorriso foi lento, quase íntimo. "Já estive lá. É extremamente decepcionante." Sua mão livre se ergueu, o polegar tocando o sangue que escorria de um corte abaixo do meu olho. Ele o examinou por um instante e, enquanto eu observava com fascínio e horror, levou-o aos lábios.
Algo passou entre nós naquele instante. Uma corrente de sensações que não tinha lugar numa cela de masmorra, não tinha lugar entre torturador e vítima. Meu estômago se revirou de repulsa, é claro, mas por baixo disso espreitava algo mais sombrio, mais perturbador. Um calor. Uma fome. Como se alguma parte de mim, alguma parte traiçoeira e quebrada, respondesse ao monstro à minha frente.
A lembrança da nossa noite de núpcias passou pela minha mente. Como suas mãos tinham sido surpreendentemente gentis, apesar de tudo o que aconteceu depois. Como meu corpo me traiu ao responder ao seu toque.
Isso era diferente, mas ao mesmo tempo igual.

Outra forma de rendição que eu não queria dar, mas que simplesmente não conseguia reter por completo.
Ele deve ter percebido pela minha expressão facial — aquele momento de calor confuso. Seus olhos escureceram ainda mais ao se fixarem nos meus lábios, e por um instante, pensei que ele fosse me beijar. Em vez disso, ele recuou, mantendo a distância cautelosa que mantivera o tempo todo, um sorriso cruel se espalhando pelo seu rosto.
"Princesa, se você gosta da imagem de eu provando seu sangue com meu polegar", disse ele, passando a língua pelo dedo com uma lentidão exasperante, "imagine como será quando eu estiver provando-o da sua linda bucetinha." ”
Soltei um suspiro de espanto, na esperança de que ele tivesse percebido a repulsa em vez do calor que me percorria cada fibra do meu ser. "Você é repugnante", cuspi as palavras, deixando a raiva tomar conta das minhas emoções confusas.
Ele riu, inclinando a cabeça para trás e revelando seu pescoço forte e musculoso. Ah, como eu queria arrancar sua garganta com os dentes. "Por hoje é só, acho. Estabelecemos um ponto de partida."
Senti meu corpo ceder contra as correntes em alívio, as últimas reservas de força se esvaindo. Por mais que eu quisesse manter minha resistência, a perda de sangue e a dor me deixaram tonta, com a visão embaçada. Eu sabia que não permaneceria consciente por muito tempo.
Ele ergueu a mão mais uma vez, e eu me enrijeci, esperando uma nova dor. Em vez disso, senti uma estranha sensação de formigamento na pele enquanto o sangramento dos meus cortes diminuía e depois parava. As feridas não cicatrizaram completamente — permaneceram abertas e doloridas —, mas não ameaçavam mais me matar.
“Não posso deixar você morrer depois de eu ter acabado de curá-la”, explicou Valen, percebendo minha confusão. “Isso seria... deselegante. E nós mal começamos.”
Queria responder com desafio, dizer-lhe que jamais me quebraria, mas as palavras não vinham. Meu corpo havia chegado ao limite, e a consciência se tornava algo frágil e instável.
Sem esperar por uma resposta, ele se virou e caminhou em direção à porta da cela. Parou na soleira, olhando por cima do ombro. "Até amanhã, Princesa."
Então ele se foi, seus passos se perdendo pelo corredor, me deixando pendurada no silêncio, nua e tremendo.



Eu oscilava entre a consciência e a inconsciência, incapaz de encontrar o esquecimento do sono verdadeiro naquela posição dolorosa. Meus ombros ardiam por sustentar meu peso, meus pulsos estavam em carne viva onde as algemas me mordiam. neles. Os cortes que Valen havia feito na minha pele latejavam, embora já não sangrassem graças à sua cicatrização de última hora.
Num dos meus momentos de maior lucidez, tomei consciência da presença que emanava da escuridão da cela adjacente. Eu não conseguia vê-lo, meu presságio, mas o sentia com a mesma certeza com que sentira o poder de Valen açoitando minha pele.

"A culpa é sua", murmurei, minha voz rouca na escuridão. As palavras pareciam ecoar no vazio da minha cela, ricocheteando nas paredes de pedra antes de se dissiparem no nada. "Você deveria ter me deixado morrer."
Meus dedos haviam sucumbido à dormência horas atrás. Até meus ombros haviam passado da dor para uma agonia estranha e distante, que parecia pertencer a outro corpo. Eu estava pendurado como um fantoche quebrado, sustentado apenas pelas correntes que me prendiam ao teto.
“Ele está gostando disso”, continuei, falando com a presença silenciosa que eu não conseguia ver. “Ele está encontrando prazer na minha dor.”
Eu não esperava uma resposta. Mesmo assim, me vi desejando ouvir sua voz, desesperada por qualquer conexão que não estivesse impregnada com meu próprio sangue.
“Era isso que você imaginava, meu arauto?”, perguntei, aumentando a voz, ficando mais desesperado. “Quando você me manteve vivo?”
Apenas o silêncio me recebeu. Nenhum sussurro de movimento, nenhuma resposta zombeteira. Apenas o gotejar habitual da água e o correr dos ratos.
"Responda-me", exigi, mas minha voz falhou ao pronunciar as palavras, revelando a necessidade que eu tentara esconder.
Nada. O prisioneiro, minha morte prometida, permaneceu tão silencioso quanto a sepultura que não conseguiu entregar.
Fechei os olhos, deixando a cabeça cair para a frente o máximo que minha posição permitia. O movimento enviou novas ondas de dor pelos meus ombros, mas mal percebi. Uma única lágrima escapou, escorrendo pelo sangue seco na minha bochecha antes de cair e se juntar às manchas escuras no chão sob mim.
"Covarde", sussurrei, embora não soubesse dizer se me referia a ele ou a mim mesma.



A manhã chegou como um ladrão, roubando o pouco conforto que a escuridão me proporcionava. Uma luz pálida infiltrou-se pela grade alta e estreita acima da minha cela, iluminando o sangue seco que pintava o chão de pedra sob mim com padrões enferrujados. Eu permanecia em um torpor semiconsciente, meu corpo há muito tempo transcendendo a dor e mergulhando em um distanciamento entorpecido que parecia perigosamente próximo da rendição. Quando ouvi o som de botas no corredor, não consegui evocar sequer um lampejo de desafio. Tudo o que importava era a promessa de libertação das correntes que se tornaram meu mundo da noite para o dia.
A porta da cela rangeu ao abrir, permitindo a entrada de três guardas — diferentes dos de ontem, pensei, embora seus rostos se confundissem em meio ao meu cansaço. Eles pararam abruptamente ao me verem, e eu me perguntei como eu devia estar parecendo — nua, ensanguentada, suspensa como uma marionete quebrada com padrões intrincados esculpidos em minha carne.
“Meu Deus”, murmurou um deles, com um tom de voz quase de compaixão. “Ele a maltratou muito.”
“Olhos no chão”, ordenou outro. “Tirem-na daí. O rei quer que ela permaneça viva e ilesa.”

A menção de Valen provocou um tremor em mim, que nada tinha a ver com o frio ou a dor. Lembranças do seu rosto quando finalmente gritei, aquele olhar de fome e satisfação misturados, ameaçaram vir à tona. Reprimi-as, concentrando-me, em vez disso, na promessa imediata de alívio das correntes.
Dois guardas se aproximaram, e mal percebi o movimento ao meu redor até que a primeira algema se abriu com um clique metálico. A mudança repentina de peso fez uma dor aguda atravessar meu ombro — uma prévia do que estava por vir.
Quando a segunda algema se soltou, meus joelhos cederam. Desabei como a marionete que eu era, meus fios cortados, incapaz de me controlar. Para me equilibrar sem os apêndices estranhos presos ao meu corpo. O impacto com o chão de pedra tirou o pouco ar que me restava dos pulmões e, por alguns segundos, não pude fazer nada além de ficar ali deitada, com o rosto pressionado contra a pedra fria.
Então começou a verdadeira agonia.
O sangue voltou a correr para os meus braços, trazendo consigo uma dor tão intensa que o mundo se reduziu a pontos de luz atrás dos meus olhos cerrados. Um som escapou-me — não exatamente um grito, mas um lamento agudo e fino que parecia vir de algum lugar fora de mim. Os meus dedos espasmaram incontrolavelmente à medida que a circulação retornava, cada batida do coração enviando novas ondas de calor através das terminações nervosas que despertavam do seu sono entorpecido.
“Cubra-a”, ordenou o novo chefe da guarda, com a voz parecendo vir de muito longe.
Algo macio pousou ao lado do meu rosto — um tecido, percebi vagamente. Uma camisola limpa para substituir a que Valen havia destruído. A ideia de me mover para buscá-la parecia impossível, quanto mais a tarefa monumental de me vestir.
“Ela precisa de água”, disse o terceiro guarda. Ele parecia ser o mais jovem entre eles, com a voz baixa como se não quisesse que eu percebesse a preocupação em seu tom.
“Então deixe um pouco para ela”, respondeu o líder impacientemente. “Não devemos tocar no brinquedo do rei.”
Passos se afastaram e depois retornaram. O tilintar de uma xícara sendo colocada sobre a pedra, o som mais suave de uma tigela ao lado. O cheiro de caldo me alcançou — ralo, mas quente, trazendo a promessa de sustento.
“Ela vai precisar de ajuda”, insistiu o guarda mais jovem.
“Não por nossa parte”, veio a resposta lacônica. “As ordens eram para deixá-la lá, abandonar os suprimentos e ir embora. Não vou ter o mesmo destino que Brovar.”
Uma pausa, depois o arrastar de pés relutantes recuando em direção à porta. Mantive os olhos fechados, sem querer ver a pena ou a repulsa que pudessem estar estampadas em seus rostos. .
"Ela não vai durar uma semana nisso", murmurou um deles, sua voz ecoando na câmara de pedra apesar da tentativa de silêncio.
“Não é problema nosso”, respondeu outro. “King tem seus motivos.”
A porta da cela fechou com um baque surdo, e a fechadura destravou com um clique metálico que ecoou no silêncio repentino. Eu estava sozinho novamente, mas livre das correntes — uma liberdade que parecia outra forma de tortura, enquanto meu corpo gritava com a volta das sensações.
Permaneci imóvel no chão, esperando que a pior parte da dor diminuísse. Gradualmente, a queimação nos meus braços se transformou em uma pulsação

persistente, e descobri que conseguia mover os dedos com um esforço deliberado. Meus ombros pareciam ter sido arrancados das articulações, embora eu soubesse que não estavam deslocados — apenas tensionados além do que qualquer articulação deveria suportar. Os cortes que Valen havia feito na minha pele ardiam novamente à medida que a consciência do meu corpo retornava, pedaço por pedaço, em uma agonia lancinante.

Quando finalmente abri os olhos, a primeira coisa que vi foi a camisola limpa que haviam deixado para mim — linho branco, simples, mas intacta. A visão daquilo, aquela simples cortesia em meio à crueldade, quase me desfez. Lágrimas quentes pressionaram minhas pálpebras, ameaçando transbordar. Mordi meu lábio inferior com força, usando a dor aguda para me recompor.

Eu não choraria.

Não com a possibilidade de Valen estar observando de alguma forma, absorvendo meu sofrimento como se tivesse provado meu sangue da ponta dos dedos.

Com uma lentidão excruciante, arrastei a camisola em minha direção e então comecei o processo torturante de me sentar. Cada movimento enviava novas pontadas de dor através dos meus músculos castigados. Quando finalmente consegui puxar a peça sobre a cabeça, gotas de suor se acumulavam na minha testa devido ao esforço, e minha respiração vinha em suspiros curtos e ofegantes.

A camisa caiu até meus joelhos, cobrindo os piores cortes no meu corpo, embora alguns ainda fossem visíveis nos meus braços e na parte inferior. pernas. Valen as havia curado o suficiente para evitar infecções, como prometera, mas elas continuavam vermelhas e irritadas em contato com minha pele pálida — um mapa de sua posse desenhado em minha carne.

Encostei-me à parede, avaliando meus ferimentos. Além dos cortes visíveis e da dor profunda nos ombros e braços, meus pulsos estavam em carne viva por causa das algemas, a pele esfolada e supurando um líquido transparente. Minha boca estava seca como pó, meus lábios rachados pela desidratação. O caldo e a água que os guardas haviam deixado me tentavam, mas eles estavam sentados do outro lado da cela, e a ideia de atravessar aquela distância parecia insuperável.

Ainda assim, eu não morreria de sede por pura teimosia. Depois de algumas respirações profundas para me acalmar, comecei a lenta jornada pelo chão de pedra, movendo-me de quatro quando ficar de pé se mostrava impossível. Cada movimento era uma negociação com a dor, cada centímetro à frente uma pequena vitória contra o desejo do meu corpo de se render.

Quando finalmente alcancei o copo d'água, bebi devagar, sabendo que engolir tudo de uma vez só me faria mal. O líquido acalmou minha garganta seca, trazendo consigo uma clareza que estava ausente na névoa da dor. Em seguida, veio o caldo — ralo e quase frio, mas com nutrientes suficientes para aplacar o vazio que me corroía o estômago.

A força foi retornando aos meus membros, não o suficiente para me manter de pé ou me mover com graça, mas o bastante para me manter consciente e pensando. E com o pensamento veio a raiva — quente e revigorante, dissipando parte da névoa do sofrimento.

Arrastei-me até a parede que separava minha cela da do prisioneiro, encostando as costas na pedra fria no ponto onde eu acreditava que ele poderia me ouvir melhor.
"Eu sei que você está aí", eu disse, com a voz rouca por conter os gritos. "Eu sei que você ouviu tudo. Cada corte, cada gota de sangue, cada momento do prazer dele com a minha dor."
Não houve resposta, mas senti sua atenção do outro lado da parede — uma incômoda percepção de que eu não estava falando com o vazio. .
“Espero que esteja feliz”, continuei, com amargura em cada palavra. “Afinal, tudo isso é culpa sua. Você poderia ter me dado a morte quando eu a pedi, mas, em vez disso, me abandonou para ele — me deixou para ser retalhada para o divertimento dele.”
O silêncio se prolongou, quebrado apenas pelo som da minha própria respiração ofegante. Fechei os olhos, o cansaço ameaçando me consumir. Ele não respondia. Devia ter decidido que eu não valia o seu tempo. Que eu deveria ser deixada sozinha neste inferno, tendo apenas a lembrança dos olhos famintos de Valen como companhia.
Então, de repente, me assustou, sua voz veio através da parede, baixa e clara, carregando uma tensão que eu não esperaria de alguém que se deleitava com a minha dor.
“Seu sofrimento não me traz alegria, pequeno cervo.”
A resposta me causou um sobressalto, e meus olhos se arregalaram de repente.
"Mentiroso", sussurrei, mas minha voz tremia, revelando o quanto eu *precisava desesperadamente* daquela mentira. Até mesmo a voz dele, fria e indiferente, parecia a coisa mais próxima de misericórdia que eu já havia recebido. "Você se recusou a ajudar quando podia. E agora alega que minha dor não lhe agrada?"
“Eu só digo a verdade”, respondeu ele, com uma gentileza na voz que apenas me irritou ainda mais. “O que Vharok faz com você serve aos propósitos dele, não aos meus.”
Eu ri, o som estridente até para os meus próprios ouvidos. "Que conveniente. Enquanto isso, estou sangrando para o entretenimento dele."
“Sim”, concordou ele, o simples reconhecimento mais devastador do que qualquer discussão teria sido. “Você é. E isso é...” Outra pausa. “Lamentável.”
Meu suspiro de espanto foi audível no silêncio que se seguiu.
"Lamentável", repeti, com incredulidade na voz. "Ele esculpiu padrões na minha pele enquanto eu pendia como carne num açougue, e você acha isso *lamentável* ? Que magnânimo da sua parte."
"Você preferiria que eu mentisse?" Sua voz havia mudado sutilmente — um toque de frustração permeava seu tom. "Aliviaria seu sofrimento se eu afirmasse estar sendo torturado pela sua dor? Se eu batesse contra essas paredes em impotente compaixão?" ”
"Eu preferia que você tivesse me deixado morrer quando pedi", sibilei de volta. "Eu preferia que você não tivesse me dado falsas esperanças com essa conversa de liberdade desta vida e depois me deixado para enfrentar a tortura de Valen. Você não é melhor do que ele."
Seu riso foi abrupto, frio e ancestral, como se seu arrependimento tivesse se extinguido de repente. “Não nos compare, Mireille, pois você verá que sou infinitamente pior. Vharok finge crueldade, mas eu *a inventei* ”, disse ele, uma escuridão permeando suas

palavras. “Não sou sua salvação. Não sou seu herói. Não confunda meu arrependimento com misericórdia.”
Suas palavras me gelaram as veias, e me ocorreu tardiamente que talvez eu não devesse provocar aquele estranho prisioneiro ao meu lado.
“Você precisa entender uma coisa, minha pequena corça”, continuou ele, cada palavra medida e deliberada. “Eu não sou *bom* . Eu não sou *gentil* . Aquele pequeno e insignificante pedaço da sua alma que eu peguei? Eu pegaria mil outros. Veria Vharok quase te matar mil vezes. Contanto que isso significasse mais uma corrente removida do meu corpo.”
Suas palavras me atingiram como um tapa na cara, a confissão casual roubando-me o fôlego com mais eficácia do que qualquer golpe físico. Pressionei a palma da mão contra a parede de pedra, como se pudesse, de alguma forma, atravessá-la para golpeá-lo.
"Você ainda me negaria a morte?", sussurrei, com o horror subindo pela minha garganta. "Depois do que ele me fez? Depois do que ele prometeu fazer?"
“Pela liberdade?” A voz do meu arauto baixou, íntima em sua honestidade. “Sim. Sem hesitar.”
A sensação de vazio no meu peito pulsava, como se a parte que faltava na minha alma reconhecesse a verdade em suas palavras. Eu deveria ter previsto isso — que tipo de lealdade eu imaginava existir entre nós?
“Não confunda minha conversa com preocupação”, continuou ele, com a voz resfriada naquele tom antigo e indiferente que eu ouvira pela primeira vez na escuridão. “Não falo com você por preocupação com Seu destino, mas apenas porque me encontro acorrentado próximo ao seu sofrimento. Você é ruído em uma monotonia infinita de escuridão. Nada mais.”
As palavras me atingiram mais fundo do que os cortes de Valen, destruindo a pouca esperança que eu tolamente nutrira.
Como fui patética, buscando conexão com esse homem como se compartilhássemos algum laço forjado em cativeiro mútuo. Como se ele alguma vez tivesse me visto como algo além de uma distração momentânea de seu aprisionamento. Devo ter sido iludida ao pensar que ele me veria como algo mais do que *insignificante* .
"Entendo." As palavras saíram suaves e frágeis, incapazes de esconder a dor que carregavam. Afastei-me da parede, estremecendo com o protesto dos meus músculos doloridos. "Então não a incomodarei mais com a minha companhia."
Ele não respondeu nada. Nem pediu desculpas, nem se retratou. Apenas um silêncio, tão frio e inflexível quanto a pedra entre nós.
Virei-me de costas para a parede, arrastando-me em direção ao fino colchonete que agora parecia um luxo depois de passar a noite pendurada por correntes. Meu corpo protestava a cada movimento, os cortes reabrindo enquanto eu esticava os músculos castigados. Quando finalmente alcancei o colchonete, sangue fresco manchava minha roupa nova, mas eu não conseguia me importar.
Deitando-me com cuidado, posicionei-me de forma a causar o mínimo de dor possível aos meus ombros exaustos. O teto acima de mim ficou embaçado enquanto o cansaço me consumia.

Se eu não fosse nada mais do que *ruído* , que meu silêncio se tornasse uma forma de violência.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

# JOGO DE DESAFIO

Meu corpo era um mapa de dor, cortes e hematomas que floresciam sob o tecido fino da minha camisola.

A luz tênue que filtrava pela grade acima da minha cela captava partículas de poeira e memórias — o brilho nos olhos de Valen, o calor do meu próprio sangue escorrendo pela pele fria. Eu sabia o que estava por vir antes mesmo da porta da cela se abrir.

*Ele* estava chegando.

O sono me dominou depois que os guardas me libertaram das correntes, depois que as palavras cruéis do meu arauto se dissiparam no ar viciado da masmorra. Dormi o dia inteiro, meu corpo desesperado pela fuga temporária que a inconsciência proporcionava. Agora, com o retorno da consciência, Completamente, também a dor — uma companheira constante e latejante que já se tornara familiar.

A cela estava mais escura do que eu me lembrava, sombras se acumulando nos cantos onde ratos corriam, encorajados pelo cheiro de sangue. As paredes pareciam de alguma forma mais próximas, o teto mais baixo, como se a própria pedra tivesse começado a ceder durante meu repouso. Água pingava em algum lugar além do meu campo de visão, um ritmo persistente marcando o tempo em um lugar onde dias e noites se confundiam.

Três figuras preenchiam a entrada, suas armaduras Nocthari brilhando fracamente na penumbra. Forcei a visão a clarear. Não eram os mesmos guardas de ontem — presumi que estivessem mortos. Mas também não eram os mesmos que me ajudaram a descer das correntes. Esses homens eram diferentes, suas posturas menos voltadas para a violência, seus olhos não buscando minha pele exposta sob a fina túnica.

Não importava. Rostos diferentes, mesmo propósito.

Meu olhar desviou-se para a porta aberta atrás deles, depois para os anéis de ferro pendurados no teto. As algemas de couro balançavam levemente com a corrente de ar que eu não sentia contra a minha pele. Valen chegaria em breve. Aquilo era apenas a preparação para o evento principal — os assistentes de palco arrumando os adereços antes da chegada do artista.

Encostei-me à parede, ignorando os protestos dos músculos rasgados e da pele cortada. Meus pés descalços raspavam no chão de pedra áspera enquanto eu recuava, embora soubesse que não havia para onde ir. Mesmo assim, o instinto animal tomou conta, exigindo que eu lutasse apesar da futilidade.

“Princesa”, disse o guarda mais jovem, com uma voz mais suave do que eu esperava. Ele não devia ter mais de dezenove anos, com uma barba rala e irregular que ainda deixava marcas da infância no queixo. “Temos ordens. Precisamos prepará-la para o Rei Valen.”

Eu gemi, o som rouco e quebrado no espaço confinado. "Por favor, não." ”

O jovem guarda deu um passo à frente, com as mãos erguidas como se estivesse se aproximando de um animal encurralado. "Seremos gentis. Não precisa ter medo."

"Não precisa?", repeti, sentindo o gosto metálico na garganta, a rebeldia se alastrando sobre o medo da dor. "Diga-me, você gostaria de ser enforcado no meu lugar? Isso te ajuda a dormir à noite, sabendo que você está apenas cumprindo ordens?"

Algo como vergonha ou dúvida passou pelo seu rosto enquanto ele se inclinava para mais perto. Seus sentimentos não importavam. Ele ainda ia me preparar para a tortura de Valen.
Vi a oportunidade e a aproveitei, lançando-me para a frente com a pouca força que me restava nas pernas. Meu pé atingiu seu rosto, o estalo satisfatório da cartilagem confirmando o nariz quebrado. O sangue espirrou em um arco que capturou a luz, momentaneamente belo em sua trajetória carmesim.
O guarda cambaleou para trás, as mãos agarrando o rosto, sangue escorrendo entre os dedos. Eu esperava que os outros dois revidassem — que me agredissem, que me agarrassem com brutalidade, que punissem a impertinência. Mas eles simplesmente avançaram com eficiência prática, suas expressões imutáveis enquanto tentavam agarrar meus braços.
"Não", avisei, recuando novamente, embora não houvesse mais para onde fugir. Minha espinha pressionava contra a pedra fria. "Não me toque."
O mais velho dos dois guardas — com fios grisalhos na barba e rugas profundas ao redor dos olhos — suspirou. "O Rei está a caminho, Princesa. Se não tivermos cumprido nossa missão até a sua chegada, as coisas ficarão piores para todos nós. Principalmente para você."
Eu sabia que ele tinha razão. Não havia cenário em que eu vencesse esse confronto. Lutar só drenaria a pouca força que me restava — força que eu precisaria para o que estava por vir. Mesmo assim, a rendição tinha um gosto amargo na minha boca.
"Tudo bem", cuspi as palavras, erguendo o queixo. "Faça o que tiver que fazer."
Eles se aproximaram cautelosamente, como se esperassem outro ataque, apesar da minha concordância. Quando suas mãos se fecharam ao meu redor. Meus braços, eu estremeci involuntariamente — não pelo aperto, que era firme, mas não cruel, e sim pela lembrança dos cortes profundos que atingiram a mesma carne poucas horas antes.
Eles me levantaram com facilidade, meu peso insignificante entre os dois. Meus pés balançavam acima do chão de pedra e, por um instante bizarro, me senti como uma criança novamente, suspensa entre adultos, impotente e pequena. O pensamento me fez resistir mais uma vez, uma rebeldia reflexiva contra a vulnerabilidade.
"Fique quieto", murmurou o guarda mais velho. "Você só vai se machucar mais."
Eles prenderam a primeira algema no meu pulso direito, depois no esquerdo, posicionando-me de forma que eu pudesse me erguer na ponta dos pés se fizesse força. Era uma pequena misericórdia comparada a ontem, quando fiquei pendurada com os pés fora do chão, os ombros suportando todo o meu peso. Mesmo assim, a posição tensionava os músculos já doloridos pelo tormento da noite anterior. A dor ressurgiu nas minhas costas e ombros, espalhando-se como tinta na água.
Contive um grito, reprimindo até mesmo aqueles homens, sem querer dar a eles a satisfação de ouvir meu desconforto. O jovem guarda com o nariz quebrado já havia se recuperado o suficiente para se juntar aos seus companheiros, embora agora mantivesse uma distância maior, observando-me com cautela enquanto o sangue continuava a escorrer de suas narinas para sua armadura.
A camisola de linho branco que me deram naquela manhã — um gesto tênue de decência depois de Valen ter rasgado minha roupa anterior — estava agora suja de poeira do chão e salpicada com o sangue do guarda. As gotas carmesim destacavam-se

nitidamente contra o tecido pálido, como flores desabrochando na neve. Peguei-me a encarar o padrão, concentrando-me na sua beleza abstrata em vez da realidade da minha situação.
"Você vai se arrepender disso", disse o jovem guarda, apontando para o nariz. Sua voz havia mudado, o tom anasalado chegando a ser cômico, apesar das circunstâncias.
Encarei seu olhar fixamente. "Adicione à minha lista. Ela é bem extensa."
O guarda mais velho colocou a mão no ombro do companheiro. “Chega. Nosso trabalho está feito.” Ele se virou. Ele olhou para mim e, por um instante, algo como pena cruzou seu semblante marcado pelo tempo. "O Rei chegará em breve."
Eles saíram em fila, suas silhuetas blindadas brevemente recortadas contra a luz tênue do corredor além. A porta da cela permaneceu aberta — uma ilusão de fuga que era mais cruel do que misericordiosa.
Sozinha novamente, testei as algemas, girando meus pulsos dentro delas. Não havia folga, nenhuma fraqueza para explorar. Deixei minha cabeça cair para a frente, conservando a pouca energia que restava em meu corpo castigado. Eu precisaria de toda ela para o que estava por vir.
O som distante de botas sobre pedra chegou até mim novamente — uma cadência diferente desta vez, medida e deliberada. O passo de Valen. Eu o reconheci agora, o ritmo gravado em minha memória junto com a marca de seu poder em minha pele.
Respirei fundo e levantei a cabeça, endireitando-me o máximo que as correntes permitiam. Meus olhos se fixaram na porta aberta, aguardando. Eu não desviaria o olhar. Eu não me acovardaria. Se ele quisesse me quebrar, teria que se esforçar mais do que ontem.
Os passos se aproximavam, ecoando no corredor de pedra como o rufar de um tambor em contagem regressiva para a execução.
Valen entrou na minha cela com a confiança casual de um homem que retorna à sua poltrona favorita após um longo dia. Seus olhos, escuros e antigos, examinaram meu corpo suspenso com um distanciamento clínico, como se eu fosse uma tela aguardando seu estilo artístico peculiar. Ele parecia satisfeito em me rodear, esperando que eu quebrasse o silêncio primeiro. Recusei-me a lhe dar essa satisfação, mantendo o olhar fixo na porta aberta atrás dele, naquele retângulo de falsa promessa.
“Dormiu bem, princesa?” Sua voz deslizou pelo ar como seda sobre pedra. “Dei ordens para que não fosse incomodada. Um dia inteiro de descanso — bastante generoso da minha parte, não acha?”
Não disse nada. Meu corpo se debatia contra meus pulsos presos, pequenas pontadas de dor atravessando meus ombros. Concentrei-me. sobre a respiração — respirações lentas e controladas que não demonstravam fraqueza nem convidavam à conversa.
“Nenhuma resposta espirituosa hoje?” Valen se aproximou, sua respiração quente contra minha têmpora. “Nenhuma observação mordaz sobre minha divindade ou a tolice de seu pai? Estou decepcionado. Passei a apreciar nossas conversas.”
Acompanhei o movimento de uma gota d'água pela parede do corredor além da porta, seguindo sua trajetória até que desapareceu em uma fenda na pedra. Qualquer coisa para evitar reconhecê-lo, para negar-lhe o encontro que ele claramente desejava.
Ele circulou por trás de mim, onde eu não conseguia vê-lo sem virar a cabeça. Minha espinha enrijeceu involuntariamente, o instinto preparando-me para um ataque fora do

meu campo de visão. Eu odiava meu corpo por me trair dessa maneira, por demonstrar meu medo apesar da minha determinação.
“Talvez você precise de motivação”, murmurou ele, as palavras roçando a minha nuca. “Ou talvez a aula de ontem tenha sido insuficiente? Você estava tão expressiva naquela hora, tão desafiadora. O que será que mudou?”
O que havia mudado era que eu não tinha mais nada. Nenhuma palavra inteligente, nenhum espírito desafiador para invocar. Nenhum aliado com quem conversar. Eu havia sido drenado de tudo, exceto da vontade de suportar, e mesmo essa parecia tênue, uma chama trêmula em um vento forte. Mas eu não lhe diria isso. Eu não lhe daria nada.
Um pequeno ruído na porta chamou minha atenção. Um guarda havia aparecido, carregando uma caixa de madeira. Meu estômago se contraiu, mas forcei minha expressão a permanecer neutra, meus olhos ainda fixos naquela porta aberta como se fosse um talismã.
“Ah, excelente timing”, disse Valen, com a voz num tom mais leve. Ele se aproximou do guarda, pegou a caixa e o dispensou com um aceno casual. Os olhos do guarda se voltaram para mim por um breve instante — não com malícia ou luxúria, mas com algo pior: pena. Então ele se foi, e Valen colocou a caixa sobre a única cadeira da minha cela, abrindo-a com o cuidado de um artesão que revela seus instrumentos mais preciosos. .
“Pensei que talvez hoje pudéssemos tentar algo diferente. Algo familiar”, disse ele casualmente, de costas para mim enquanto arrumava o que quer que estivesse dentro da caixa. “Ontem foi... educativo. Mas sinto que apenas arranhamos a superfície do nosso potencial juntos.”
A palavra "juntos" me embrulhou o estômago. Como se fôssemos cúmplices nessa cena grotesca, em vez de torturador e vítima. Engoli em seco, sentindo o gosto acre do sangue de ontem na minha garganta.
Valen se virou, uma adaga delicadamente equilibrada entre os dedos. A lâmina captou a luz tênue, transformando-a em uma lasca de fogo frio. "Ainda nada a dizer? Muito bem. Vamos ver se conseguimos fazer essa sua língua abrir."
Ele se aproximou com passos lentos, a adaga uma extensão de sua mão. Com um movimento rápido demais para acompanhar, rasgou a frente da minha camisola, o tecido se abrindo como água sob a lâmina. A peça ficou em farrapos ao meu redor, expondo meu torso ao ar gélido. Os cortes de ontem formaram crostas frágeis, uma constelação de dor sobre minha pele. Hoje, ele acrescentaria mais uma àquela galáxia.
"Muito melhor", murmurou ele, dando um passo para trás para admirar sua obra.
Ele voltou à caixa, trocando a adaga por um chicote — fino e flexível, projetado não para romper a pele imediatamente, mas para induzir a dor gradual e metodicamente. Um propósito que eu conhecia intimamente.
“Ah”, disse Valen suavemente, percebendo algo na minha expressão. “ Você *já* sabe disso.”
Forcei meu olhar de volta para a porta, recusando-me a responder, mas meu corpo já havia me traído. Um leve tremor percorreu meus membros — não medo da dor em si, mas das memórias que ela ressuscitaria.

“Consigo ver nos seus olhos, na forma como seus músculos se tensionam”, continuou Valen, passando o chicote entre os dedos com uma intimidade perturbadora. “Que... coincidência. Encontramos um terreno comum.” ”
Ele se moveu para trás de mim novamente, e ouvi o sussurro do chicote cortando o ar antes de atingir o alvo. O primeiro golpe foi quase suave — um aviso, uma promessa do que estava por vir. O segundo teve mais força, o couro vibrando contra minhas costas expostas. No terceiro, meus dentes estavam tão cerrados que minha mandíbula doía.
“Ainda em silêncio?” A voz de Valen estava mais perto agora, sua respiração quente contra minha orelha. “Confesso, esperava mais de você.” Seus lábios quase roçaram minha orelha. “Depois de todas as histórias que ouvi sobre a princesa bastarda com a língua mais afiada que qualquer lâmina em Vareth.”
O chicote caiu novamente, com mais força desta vez, e um suspiro escapou-me antes que eu pudesse engoli-lo. O som pareceu agradá-lo, e eu senti, mais do que vi, o seu sorriso, a satisfação de um predador ao primeiro sinal de fraqueza.
“Pronto”, murmurou ele, dando um passo para trás para desferir outro golpe. “Música para os meus ouvidos.”
Cada chicotada despertava memórias que eu havia enterrado profundamente — a voz fria de Ira me ordenando a contar, os criados desviando o olhar enquanto eu cambaleava pelos corredores do palácio depois, os unguentos que Isolda contrabandeava para meus aposentos. A dor era familiar, um velho inimigo que voltava a me visitar.
Mas Valen não era Ira. Enquanto a crueldade dela era fria e precisa, a dele carregava uma corrente subterrânea de algo mais perturbador — uma intimidade que fazia cada golpe parecer uma carícia que deu errado. Como se dor e prazer fossem apenas notas diferentes na mesma canção.
Outro golpe, desta vez no meu estômago. A força me fez balançar levemente nas correntes, puxando meus ombros já tensos. O teto girou sobre mim enquanto eu lutava para manter a consciência.
"Fico pensando", refletiu Valen, examinando o chicote com interesse exagerado, "o que seu pai pensaria, vendo você assim. Você imagina que ele se arrepende das escolhas que fez agora, observando do outro lado do vazio? Ou ele ainda acredita que o preço valeu a pena?" ”
Permaneci em silêncio, fechando os olhos com força para tentar bloquear todos os pensamentos sobre meu pai, Ira, Isolda, todos.
Ouvi Valen suspirar, quase em sinal de decepção.
“Muito bem, princesa. Faremos isso em silêncio.”
O próximo golpe veio sem aviso, uma linha de fogo atravessando meu abdômen que me tirou o fôlego. Não emiti nenhum som.
A próxima dor caiu logo abaixo da primeira, um caminho paralelo de agonia que parecia penetrar mais fundo que a pele, atingindo o osso.
A terceira cruzava ambas, criando um ponto de sofrimento requintado onde as linhas se cruzavam.
Valen trabalhava com a precisão de um escriba, cada traço deliberado e aplicado com cuidado. Mantinha um ritmo constante — não tão rápido a ponto de confundir uma dor com a seguinte, mas não tão lento a ponto de permitir a recuperação entre os golpes.

Era o ritmo de alguém que entendia o sofrimento como uma forma de arte, que sabia exatamente como construí-lo para maximizar o efeito sem permitir que a inconsciência proporcionasse uma fuga.

Por volta da décima segunda chicotada, senti-me começar a me desprender do meu corpo. Não foi uma decisão consciente, mas uma misericórdia que minha mente me concedeu — a separação do receptáculo que abrigava minha dor. Observei de algum lugar próximo ao teto enquanto Valen destruía metodicamente o que restava da minha roupa, expondo mais tela para sua obra. Observei impassivelmente enquanto ele trocava o chicote pela adaga, iniciando o delicado processo de abrir minha pele em cortes superficiais e precisos.

O sangue jorrava e escorria em finos filetes pelo meu torso, pelas minhas pernas, pingando dos meus dedos dos pés até formar uma pequena poça na pedra sob mim. Do meu ponto de vista, lá de cima, parecia quase belo — um espelho escuro refletindo o único feixe de luz que entrava pela grade acima de mim. Eu me perguntava se meu presságio na cela ao lado conseguia ouvir o corte rítmico do metal na carne, o sussurro do chicote roçando minha pele.

O tempo tornou-se fluido, esticando-se e contraindo-se sem nenhuma lei que eu reconhecesse. Os movimentos de Valen diminuíram para um ritmo onírico, depois aceleraram até se tornarem um borrão antes de desacelerarem novamente. A poça de sangue sob mim expandia, contraía, ondulava com o impacto e, por um instante, estagnava. Meu corpo — aquela coisa distante e sofredora — tremia e se contraía a cada novo ferimento, mas eu me sentia desconectado de suas reações, um titereiro cujos fios haviam sido cortados de seu boneco.

Não tinha certeza de quando voltei a mim, quando a distância luxuosa desmoronou e eu me vi novamente presa dentro da minha carne dilacerada pela dor. Talvez tenha sido a pausa no trabalho de Valen, a súbita ausência de novas agonias que me atraiu de volta como um anzol preso na minha consciência.

Ele estava diante de mim, respirando com dificuldade, estudando o padrão que havia criado em minha pele com o interesse distante de um artista avaliando sua composição. O suor umedecia sua testa, e uma única gota do meu sangue manchava a perfeição de sua manga — prova de que até mesmo os deuses podiam ser marcados por seus atos.

Meu corpo tremia incontrolavelmente, os músculos em espasmo devido ao esforço e ao trauma. Sangue e suor se misturavam na minha pele, criando rastros de sal ardente através das feridas abertas. Minha visão estava turva nas bordas, a escuridão ameaçando me engolir, mas eu a reprimi com pura teimosia. Eu não desmaiaria diante dele. Eu não lhe concederia essa vitória.

"Linda", murmurou ele, mais para si mesmo do que para mim. "Mesmo em meio ao sofrimento, você me cativa."

O elogio, se é que era isso mesmo, me repugnou mais do que a tortura. Implicava uma intimidade, uma apreciação que transcendia a simples dinâmica da vingança. Eu não queria ser bonita para ele. Eu não queria ser nada para ele.

Talvez tenha sido essa repulsa que alimentou o que veio a seguir — uma onda de desafio que ignorou a lógica e o instinto de autopreservação. Forcei meus lábios em um sorriso que eu esperava ser sarcástico, sentindo o gosto de sangue enquanto a expressão abria feridas secas no canto da minha boca.

“É só isso que você consegue fazer, meu rei?” As palavras saíram ásperas e irregulares, quase um sussurro, mas suficientemente claras no silêncio da cela. .
Sua cabeça inclinou-se ligeiramente, como a de um predador que ouve um som inesperado. "O que você disse?"
Respirei fundo, sentindo as costelas protestarem contra a expansão. "Eu disse, é só isso que você consegue fazer? Para o deus do sangue e da conquista, seus métodos são surpreendentemente... tediosos."
Eu esperava fúria — uma onda de ira divina que provavelmente terminaria com a minha morte. Eu quase a desejava, a libertação final deste ciclo interminável de tormento. O que eu não esperava era a incerteza que reluziu em seu rosto, a momentânea hesitação em sua compostura.
Algo mudou em seus olhos naquele instante — um lampejo de emoção que transcendia sua crueldade calculada. Não era raiva, embora ela estivesse latente. Era algo mais complexo, mais humano do que qualquer coisa que eu já tivesse visto nele. Seu controle escapou, por um breve momento, e eu senti, mais do que vi, uma onda de poder que se propagou pelo ar como o calor de uma forja.
Ele deu um passo à frente, diminuindo a distância entre nós num só movimento. Preparei-me para um golpe, para o corte da sua adaga na minha garganta, para alguma violência final e catastrófica. Em vez disso, a sua mão ergueu-se lentamente, quase hesitante, em direção ao meu rosto.
Seus dedos roçaram minha bochecha com uma delicadeza impossível, mal tocando a pele. O toque foi tão inesperado, tão dissonante de tudo o que o precedera, que não consegui conter um arrepio. Não foi medo que causou a reação, mas uma profunda dissonância — como se o mundo tivesse subitamente se invertido e eu estivesse caindo em direção a um céu desconhecido.
Por um instante, dois, três, seus dedos permaneceram contra minha bochecha, seus olhos fixos nos meus em uma troca silenciosa que eu não conseguia decifrar. Havia algo em seu olhar… algo quebrado, ancestral e voraz que nada tinha a ver com sangue ou vingança.
Então, tão abruptamente quanto surgira, o momento se despedaçou. Ele retirou a mão como se tivesse se queimado, dando um passo para trás, a expressão se fechando como uma porta que se fecha com força. Ventos tempestuosos se aproximavam. Tudo o que eu vislumbrara naquele momento de descuido havia desaparecido, selado atrás da máscara do Deus do Sangue, o rei implacável.
“Continuaremos amanhã”, disse ele, com a voz novamente controlada, embora talvez um pouco menos firme do que antes. Sem dizer mais nada, sem olhar para trás, virou-se e saiu da cela, deixando-me pendurado em minhas correntes, o sangue pingando suavemente sobre a pedra, a confusão misturada à agonia em uma poção tóxica que ameaçava consumir minha consciência fragmentada.
Eu o encarei, meu corpo gritando de dor, mas minha mente fixa no fantasma do seu toque em minha bochecha — a delicadeza incongruente, a contradição implícita. Não fazia sentido.
Nada mais fazia sentido.

A porta aberta não levava a lugar nenhum que eu pudesse seguir. Mesmo assim, continuei olhando, tentando entender por que o monstro havia me tocado como se eu importasse.



Os guardas retornaram antes que os passos de Valen desaparecessem do corredor. Três sombras preencheram a entrada, depois me cercaram, seus movimentos rápidos, mas não cruéis, enquanto acionavam os mecanismos que me baixariam daquele tormento suspenso. Mal senti suas mãos em meu corpo enquanto me guiavam para baixo, minha consciência oscilando como uma vela em uma corrente de ar, presente em um momento e ausente no seguinte. A dor havia se tornado meu universo — não apenas uma sensação, mas um lugar que eu habitava, sua paisagem familiar e estranha ao mesmo tempo.

Meus joelhos cederam assim que o peso voltou para minhas pernas. O guarda mais velho me amparou antes que eu desabasse completamente, suas mãos calejadas surpreendentemente gentis contra minha pele castigada. Eu queria me afastar do seu toque — de qualquer toque —, mas meu corpo havia cedido sua autonomia à dor e à exaustão. Eu era uma marionete com os fios cortados, indefesa sob seu controle.

"Calma aí", murmurou ele, a voz distante em meio ao zumbido nos meus ouvidos. "Vamos te limpar."

Eles me colocaram sobre o fino colchão no canto. Alguém pressionou um pano úmido contra meu rosto, limpando o sangue e o suor com movimentos metódicos. Outras mãos trabalharam nos restos do meu uniforme, descolando o tecido encharcado de sangue das feridas onde começara a aderir. Cada separação enviava novas ondas de dor irradiando por todo o meu sistema nervoso, mas eu não tinha mais energia para gritar ou protestar. Meu sofrimento se tornara interno, uma implosão silenciosa que não deixava espaço para expressão externa.

O jovem guarda com o nariz quebrado apareceu no canto do meu campo de visão, o rosto ainda inchado e descolorido pelo meu ataque. Nas mãos, carregava uma tigela rasa com água e o que parecia ser um monte de trapos limpos. Nossos olhares se encontraram brevemente, e eu esperava ver ódio ali, ou pelo menos ressentimento. Em vez disso, havia apenas uma resignação vazia que refletia o que eu sentia em meu próprio peito.

"Segurem-na", disse ele aos outros. "Precisamos limpar as costas dela."

Mãos se moveram, erguendo-me até que eu me sentasse. Minha cabeça pendeu para a frente, o queixo quase tocando meu peito. Através da cortina de meus cabelos emaranhados, observei gotas de sangue aguado caírem do meu corpo no chão de pedra, criando padrões como constelações acidentais. Elas me lembraram o céu noturno de verão, quando as estrelas brilhavam tão intensamente que pareciam quase ao alcance da mão. A lembrança parecia pertencer a outra pessoa, uma história que me contaram em vez de algo que eu vivi.

O pano deslizava pelas minhas costas com movimentos firmes e precisos, limpando o sangue e revelando a rede de cortes e vergões por baixo. Eu sabia, mesmo sem ver, que Valen havia sido meticuloso em seu trabalho — as feridas cicatrizariam, deixando

cicatrizes, mas não marcas. Ele estava pondo minha vida em perigo. Ele queria que eu fosse marcada, não morta. A constatação não trouxe nenhuma emoção, apenas uma compreensão clínica do meu propósito em seu grande plano.
“Quase terminamos”, disse o guarda mais velho, embora eu não soubesse dizer se estava falando comigo ou com seus companheiros. “Então você poderá descansar.”
O repouso parecia um conceito estranho, algo que pertencia a um mundo diferente daquele em que eu agora vivia. Mesmo quando a inconsciência me envolvia, não havia paz verdadeira — apenas uma ausência temporária de sofrimento ativo antes que o ciclo recomeçasse.
Eles me ajudaram a deitar de volta no tatame depois que os ferimentos foram limpos e cobertos com algum tipo de pomada que amenizou a ardência. O guarda mais velho tirou um odre de água e uma tigela pequena com um caldo ralo de algum lugar fora do meu campo de visão.
“Você deveria tentar comer alguma coisa”, disse ele, aproximando a tigela do meu rosto. “Você vai precisar de forças.”
Eu precisaria de forças para amanhã, para depois de amanhã e para quantos dias Valen decidisse continuar com essa performance. Virei o rosto para longe da comida oferecida, incapaz de evocar sequer o instinto de sobrevivência mais básico.
O guarda suspirou, colocando a tigela ao alcance. "Como desejar. Mas a água, pelo menos, você precisa beber."
Ele pressionou o odre de água contra meus lábios, e o instinto assumiu o controle onde a vontade havia falhado. Bebi avidamente, meu corpo afirmando suas necessidades apesar da indiferença da minha mente. A água estava fresca e limpa, lavando o gosto de sangue e medo que impregnava minha língua.
Quando fizeram o que podiam, os guardas se retiraram sem dizer mais nada. A porta da cela se fechou atrás deles com uma firmeza que deveria ter me assustado, mas que, em vez disso, me trouxe um estranho alívio. Sozinho em meu sofrimento, eu podia ao menos abandonar a pretensão de dignidade ou coragem.
Eu oscilava entre a consciência e a inconsciência. Às vezes, estava extremamente presente, com cada terminação nervosa implorando por alívio. Outras vezes, eu... Flutuava numa névoa cinzenta onde a dor existia, mas parecia pertencer a outra pessoa. Por trás das minhas pálpebras fechadas, vi o rosto de Valen como fora naquele estranho momento de vulnerabilidade — algo quase humano espreitando por trás da máscara da divindade. Mais perturbadora ainda era a sensação fantasma dos seus dedos contra a minha bochecha, aquela ternura fugaz mais inquietante do que toda a sua crueldade calculada.
A masmorra mergulhou em um silêncio quebrado apenas pelo gotejar distante e rítmico da água. Formava um contraponto à minha respiração superficial, um dueto de sofrimento e persistência. Concentrei-me naquele som, usando-o como âncora quando a dor ameaçava me levar além dos limites da sanidade. Uma gota. Uma respiração. Uma batida do coração. Como a simplicidade da minha existência havia se tornado bela.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

# EM SILÊNCIO

TExiste um tipo de quietude que surge ao escolher não se quebrar.

Por sete noites, vesti o silêncio como uma cota de malha, deixando que as lâminas de Valen, suas palavras, seu poder me envolvessem sem penetrar a fortaleza da minha mudez. Cada corte era recebido apenas com o som irregular da minha respiração. Cada provocação, com olhos vazios que nada ofereciam em troca.

Não foi a coragem que me impediu de falar.

Era rancor, um rancor frio e revelador.

Tanto Valen quanto meu arauto deixaram suas posições dolorosamente claras. Eu era insignificante, um meio para um fim, nada mais. Uma distração de suas existências. Então me retraí, construí muros de silêncio que nem Deus nem prisioneiros conseguiam transpor.

Se eu fosse um espetáculo, seria um espetáculo silencioso.

A água pingava em algum lugar além da minha cela, um contraponto constante e rítmico aos meus pensamentos. As masmorras de Vareth tinham sua própria música, que eu aprendera a apreciar: água sobre a pedra, o farfalhar distante de garras de rato, o gemido ocasional de madeiras antigas afundando na terra. Eu aprendera a diferenciar os sons que importavam dos que não importavam. O arrastar de botas na pedra importava. O sussurro do tecido enquanto Valen andava de um lado para o outro na minha cela importava. O silêncio da parede que me separava do meu arauto importava mais do que tudo, embora eu jamais admitisse isso em voz alta.

A rotina tornara-se quase reconfortante em sua previsibilidade. Os guardas chegavam ao entardecer, três figuras agora tão familiares que eu conseguia distingui-las sem precisar levantar o olhar. O mais velho, com as mãos calejadas e um leve manquejar devido a um antigo ferimento de batalha. O do meio, que nunca conseguia me encarar diretamente, mas sempre verificava as algemas duas vezes para garantir que não estivessem me machucando mais do que o necessário. O mais jovem, com o nariz agora torto e movimentos cautelosos, que havia parado de se assustar com a visão do meu corpo ensanguentado.

Eu também não tinha dito uma palavra a eles.

As visitas noturnas de Valen também haviam desenvolvido sua própria coreografia distorcida. Depois que os guardas me prendiam, ele entrava com uma casualidade enganosa, circulando-me como um predador avaliando sua presa. Seu poder roçava minha pele, testando, provando, buscando fraqueza. Então vinha a lâmina — às vezes uma adaga, às vezes uma pequena faca curva que me lembrava desconfortavelmente as ferramentas usadas para esculpir desenhos delicados em madeiras preciosas.

Ele não usou mais o chicote. Aquela primeira noite tinha sido uma experiência, percebi — um teste para ver como eu reagiria ao tormento familiar da minha infância. Quando me retraí, negando-lhe o prazer do meu medo, ele abandonou essa abordagem em favor de métodos mais íntimos. Os cortes tornaram-se seu meio preferido, cada um feito com a precisão de um artista, nem profundos o suficiente para causar sangramento perigoso, nem superficiais o suficiente para cicatrizar sem deixar marcas.

O que havia mudado na última semana era seu comportamento. Onde antes ele preenchia nossas sessões com provocações e perguntas, agora trabalhava em quase silêncio, sua frustração manifestando-se no ocasional tensionamento da mandíbula ou na expiração brusca quando eu não respondia a alguma tortura particularmente criativa. Às vezes, eu o flagrava estudando meu rosto com uma intensidade que ia além da mera crueldade — um olhar inquisitivo, como se estivesse tentando decifrar algum enigma que eu representava.

O mais perturbador eram os momentos de ternura — toques fugazes que pareciam errados em meio à dor calculada. Um polegar roçando minha bochecha, dedos colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, a leve pressão da mão dele contra meu esterno enquanto ele verificava meus batimentos cardíacos após uma sessão que me deixara tonta pela perda de sangue. Essas pequenas gentilezas eram mais inquietantes do que os próprios cortes, sugerindo complexidades em seu ódio que eu não queria contemplar.

Ao final de cada sessão, ele me curava o suficiente — seu poder selava as feridas para evitar que infeccionassem, ao mesmo tempo que garantia que elas deixassem marcas na minha pele. O processo em si era outra forma de tormento, uma sensação de queimação que rastejava sob minha pele como formigas de fogo. Ele parecia ter um prazer especial em observar meu rosto durante essas "misericórdias", talvez na esperança de que a qualidade diferente da dor finalmente quebrasse meu silêncio.

Não tinha.

Depois, os guardas retornavam, me libertando das correntes com cuidado e eficiência, limpando o sangue da minha pele e me vestindo com uma roupa limpa. As vestes nunca duravam mais do que uma sessão — Valen as rasgava em seguida. No início de cada noite, expunha minha carne ao ar frio e ao seu olhar faminto. A destruição parecia agradá-lo, um pequeno ritual de domínio antes do espetáculo principal começar.

Esta noite, decidi, seria diferente.

Levantei-me do meu colchonete, ignorando o protesto dos músculos que se acostumaram à dor, mas nunca se sentiram confortáveis com ela. Minhas pernas tremiam levemente, enfraquecidas pela má alimentação e pelo trauma noturno infligido ao meu corpo. Mesmo assim, elas me sustentaram enquanto eu me movia para o centro da cela, diretamente abaixo dos anéis de ferro que em breve me manteriam suspensa.

Com uma lentidão deliberada, estendi a mão para a bainha da minha camisola. O tecido era áspero contra meus dedos, já manchado de sangue de feridas que haviam reaberto durante meu sono agitado. Puxei-a sobre a cabeça num movimento suave, o ar fresco contra minha pele recém-exposta.

Arrepios percorreram minha pele, mas os ignorei, concentrando-me em dobrar a roupa com meticuloso cuidado. Cada vinco era preciso, cada dobra exata. Esse pequeno ato de ordem em um mundo caótico me acalmou, me lembrou que ainda havia escolhas, por mais limitadas que fossem. Quando a camisola ficou perfeitamente quadrada, coloquei-a no canto da minha cela, longe de onde o sangue pudesse pingar sobre a pedra.

Eu estava nua no centro da minha cela, com os braços ao lado do corpo e as costas eretas, apesar das feridas que repuxavam a cada movimento. Meu corpo era agora um mapa da obsessão de Valen — finas linhas brancas de sessões antigas sobrepostas a cicatrizes mais rosadas e recentes, uma rede de sofrimento deliberadamente infligido.

Alguns padrões percorriam minhas costelas como caligrafia cursiva, outros formavam desenhos geométricos no meu abdômen e coxas. Minhas costas eram as mais afetadas — vergões entrecruzados da primeira vez que usei o chicote, sobrepostos aos cortes mais precisos que vieram depois.

Esperei, observando a luz se dissipar da minha cela enquanto o crepúsculo se aprofundava na escuridão total. As tochas no corredor projetavam sombras longas e trêmulas através das grades, transformando-as. As paredes de pedra transformavam-se em tela para formas inquietas e mutáveis. O tempo parecia desacelerar, cada momento carregado de expectativa.

Ao ouvir seus passos, não me mexi. Três pares de botas, três passos familiares se aproximando da minha cela. Chaves tilintaram, metal raspou em metal, e então eles estavam lá — três silhuetas emolduradas pela luz das lanternas.

O mais velho entrou primeiro, mancando mais do que ontem. Parou abruptamente ao me ver, a surpresa rompendo com seu distanciamento profissional. O guarda do meio esbarrou nele por trás, um grunhido baixo escapando de seus lábios enquanto ele se apoiava no batente da porta. O mais novo entrou por último, os olhos arregalados antes de desviar rapidamente o olhar para o chão.

“Princesa”, disse a mais velha, hesitante, quase como uma pergunta.

Não respondi, meus olhos fixos em algum ponto além de seus ombros.

O guarda mais jovem deu um passo à frente, pegando minha camisa dobrada no canto. Ele se aproximou cautelosamente, como se eu fosse um animal selvagem que pudesse assustá-lo. "Você deveria vestir isso", disse ele suavemente, estendendo a peça em minha direção. "Nós a substituiremos depois."

Balancei a cabeça negativamente uma vez, num gesto simples e inflexível de negação.

O desconforto deles era palpável, algo tangível que preenchia a pequena cela como fumaça. Trocaram olhares, uma conversa silenciosa se desenrolando entre eles. O mais velho assentiu brevemente, a resignação evidente no curvamento de seus ombros.

“O Rei chegará em breve”, disse ele, com voz cuidadosamente neutra. “Temos nossas ordens.”

Eles se moveram com relutância, posicionando-se de cada lado de mim. O guarda do meio trouxe as algemas enquanto o mais velho segurava meu braço direito. O mais novo ficou para trás, ainda segurando minha camisa dobrada, com a indecisão estampada no rosto.

"Tem certeza disso?", perguntou ele, com o nariz ainda não cicatrizado, o que fazia as palavras soarem estranhas e confusas.

Encarei seus olhos diretamente pela primeira vez em dias. A firmeza inabalável do meu olhar foi resposta suficiente. .

Eles trabalharam com eficiência, apesar do desconforto, prendendo as algemas em meus pulsos com cuidado para não irritar a pele sensível por baixo. As correntes tilintaram enquanto as apertavam, levantando-me até que eu ficasse na ponta dos pés, com os braços estendidos acima da cabeça naquela posição de vulnerabilidade já familiar.

Eles concluíram a tarefa sem mais comentários, verificando se as amarras estavam seguras, mas não apertadas o suficiente para interromper a circulação. O mais jovem lançou-me um último olhar preocupado antes de seguir seus companheiros para o corredor, deixando a porta da cela aberta como sempre.

Sozinha novamente, fiquei suspensa entre o chão e o teto, exposta à respiração da masmorra. A dor irradiava pelos meus ombros, o fogo familiar que se tornara o pano de fundo da minha existência. Meus seios pareciam pesados, puxados para cima pela posição dos meus braços, os mamilos endurecendo com o frio. As cicatrizes mais antigas no meu torso brilhavam prateadas à luz da tocha, enquanto as mais recentes mantinham seu tom vermelho vivo, um testemunho das atenções recentes de Valen.

Concentrei-me na minha respiração — inspirações lentas e deliberadas, seguidas de expirações controladas. Cada respiração expandia minhas costelas, repuxando os cortes que as adornavam, uma pequena sinfonia de dor que me ajudava a me ancorar no momento presente. Eu precisaria dessa concentração quando Valen chegasse, quando descobrisse que eu havia quebrado seu ritual de me expor. Essa pequena rebeldia era perigosa, eu sabia. Poderia levá-lo a uma crueldade ainda maior, poderia empurrá-lo para além dos limites cuidadosamente estabelecidos por ele.

Mas era minha. Minha escolha, meu desafio, minha declaração silenciosa de que algo dentro de mim permanecia intacto, apesar de todos os seus esforços.

O tempo passava com uma lentidão excruciante. O sangue escorria gradualmente dos meus braços erguidos, deixando-os formigando e dormentes. Minhas panturrilhas tremiam com o esforço de manter meu equilíbrio precário na ponta dos pés. Mesmo assim, mantive a cabeça erguida, os olhos fixos na porta aberta, esperando. .

Quando finalmente ouvi sua aproximação, meu coração me traiu com o ritmo acelerado. Seus passos eram inconfundíveis — deliberados, calculados, a caminhada de alguém que jamais questionou seu direito de ocupar qualquer espaço em que entrasse. O som foi ficando mais alto, ecoando nas paredes de pedra até parecer vir de todos os lados ao mesmo tempo, me envolvendo como a pressão antes de uma tempestade.

Então ele estava lá, preenchendo a entrada com sua alta estatura, a escuridão manifesta. Por um instante, dois, três, ele permaneceu perfeitamente imóvel, sua expressão oculta nas sombras enquanto contemplava a cena diante de si — meu corpo nu suspenso pelas correntes, sem nenhuma roupa para rasgar, marcando o início do nosso ritual noturno.

Sua silhueta se moveu, um passo lento para dentro da minha cela. A luz da lanterna iluminou seu rosto ao entrar, revelando traços que permaneciam perturbadoramente belos, apesar da crueldade que eu sabia que eles poderiam conter. Seus olhos eram os mais escuros que eu já vira, as pupilas dilatadas até que apenas um fino anel da íris permanecesse visível.

“Bem”, disse Valen, com a voz suave como cinzas caindo, “isso é inesperado”.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

# AGONIA FLORESCENTE

VAlen entrou mais na minha cela, a luz da tocha projetando sombras em metade do seu rosto enquanto ele avaliava meu corpo nu com um olhar calculado.

Diferentemente das noites anteriores, a surpresa havia rompido sua máscara cuidadosa — um leve arregalar de seus olhos, uma pausa momentânea em sua respiração. Eu havia interrompido nosso ritual, roubado seu primeiro ato de dominação e, por um breve e satisfatório momento, eu estava no controle.

Mas qualquer poder que eu lhe roubasse sempre parecia passageiro, uma chama vacilante que nunca permanecia comigo por muito tempo.

“Essa é uma escolha... interessante”, disse ele, circulando-me com uma lentidão deliberada. Cada passo parecia calculado, o ritmo constante de um predador se preparando para atacar. “Devo confessar, acabei gostando bastante de te desvendar.” eu mesmo."

Ele parou atrás de mim, tão perto que eu podia sentir o calor anormal que emanava de seu corpo. Ao contrário do frio úmido da masmorra, Valen queimava, como se rocha derretida corresse sob sua pele em vez de sangue.

Talvez sim.

"Você achou prudente me negar esse prazer?", perguntou ele, baixando a voz para aquele tom íntimo que usava quando queria me perturbar.

Sua mão surgiu ao meu lado, pairando rente à minha pele sem tocá-la. Preparei-me para a dor, para a ardência de um corte ou para a queimação profunda do seu poder fluindo através de mim. Em vez disso, seus dedos fizeram contato com uma delicadeza tão inesperada que quase me arrancou um suspiro. Ele traçou a curva da minha cintura, o toque leve como uma pluma, quase reverente.

“Nada a dizer?”, continuou Valen, movendo a mão para cima ao longo da minha caixa torácica. “Nem mesmo agora, depois de você ter tentado mudar as regras do nosso joguinho?”

Mantive o olhar fixo na porta da cela, recusando-me a reconhecer seu toque, mesmo quando minha pele se arrepiou sob seus dedos. Era um território desconhecido — sem lâmina, sem sangue, apenas a inquietante delicadeza que parecia mais invasiva do que qualquer corte.

Ele se moveu para ficar diante de mim, sua figura alta bloqueando minha visão da porta. Seus dedos deslizaram pela minha clavícula, ainda de uma delicadeza perturbadora, depois desceram entre meus seios, seguindo a linha pálida de uma cicatriz antiga. Meu coração disparou sob seu toque, como um pássaro aterrorizado em uma gaiola pequena demais.

“Cansei-me do seu silêncio, Princesa”, disse ele, endurecendo a expressão. “Sete noites de cortes e dor, e nem um gemido.” Seus dedos se curvaram de repente contra meu quadril, um aperto firme, mas não doloroso. “E agora este pequeno ato de desafio. Tirar suas roupas antes que eu possa arrancá-las de você.”

Sua outra mão subiu até meu rosto, os nós dos dedos roçando minha bochecha com uma suavidade impossível. "Você acha que isso muda alguma coisa? O silêncio, as roupas descartadas... são encantadoras, na verdade. Como uma criança pequena

atirando pedrinhas em uma montanha." Seu aperto em minha Meu quadril se contraiu ainda mais, e mordi a parte interna da minha bochecha para não soltar um suspiro. "Bonito, mas no fim das contas, inútil."
Mantive minha expressão impassível. Ele me achou muito calculista. A verdade era mais simples do que ele imaginava: eu precisava me agarrar às coisas que eram minhas, às escolhas em um mundo onde a escolha me fora tirada junto com tudo o mais.
"Se você se recusar a gritar de dor", ponderou Valen, circulando até minhas costas, sem nunca deixar minha pele enquanto se movia, "talvez eu deva tentar uma abordagem diferente."
A palma da mão dele se achatou contra meu abdômen, quente e firme, depois deslizou pelas minhas costelas. Seu aperto se intensificou brevemente, os dedos pressionando a carne, mas sem chegar a causar hematomas. "O que você faria, eu me pergunto, se em vez de dor, eu lhe oferecesse prazer?"
Meus músculos se tensionaram involuntariamente com a sugestão, uma reação que não consegui esconder enquanto estava suspensa no teto. Valen percebeu — claro que percebeu — e senti um sorriso curvar seus lábios, uma satisfação sombria emanando dele.
“Você se lembra, princesa?” O polegar dele traçava pequenos círculos contra minhas costelas salientes, cada movimento preciso e deliberado. “Nossa noite de núpcias? Antes dos gritos começarem. Antes de você saber quem eu realmente era.”
A lembrança veio à tona sem ser convidada — suas mãos na minha pele, sua boca na minha garganta, o calor vergonhoso que se acumulou entre nós antes que o mundo desmoronasse em sangue e morte. Eu a reprimi, enterrando-a sob camadas de ódio e repulsa.
“Eu sonho com isso”, continuou Valen, baixando a voz. “Como você era receptiva. Como se movia perfeitamente sob mim.” Seus lábios roçaram meu ombro, o contato tão leve que parecia imaginação. “Será que eu conseguiria arrancar esses sons de você de novo, mesmo agora? Mesmo com toda a dor que te causei?”
Meu corpo me traiu com um tremor que percorreu meus ombros até os joelhos. Não era desejo — pelo menos, não completamente. Era confusão, repulsa e, por baixo de tudo, a terrível lembrança de que meu corpo ainda se lembrava do prazer que sentira em suas mãos. O prazer mais intenso que já senti com um homem. .
Seus dedos deslizaram pela curva do meu queixo, depois desceram pela minha garganta. "Você não vai falar comigo? Senti falta da sua língua afiada."
Permaneci em silêncio, embora isso me custasse mais do que nas noites anteriores. A natureza alterada de sua tortura — essa estranha e perturbadora gentileza — era mais difícil de suportar do que a dor pura e honesta. A dor tinha limites, territórios familiares. Isso... essa confusão de sinais me deixou à deriva, sem saber onde firmar os pés.
“Tão teimosa”, murmurou ele, com um tom de admiração na voz. Sua mão me puxou para trás, aproximando nossos corpos sem que nos tocássemos de fato. O calor dele penetrou minha pele como uma acusação. “Eu poderia arrancar as palavras de você à força, sabia? Existem métodos que ainda não usei. Maneiras de tornar o silêncio mais doloroso do que qualquer grito.”

Seus lábios roçaram minha orelha, sua respiração quente contra meu pescoço. "Mas acho que prefiro ouvir você falar por conta própria. Saber que mereci essas palavras, sejam elas quais forem."
Valen se moveu para ficar diante de mim mais uma vez, sua mão deslizando para a minha lombar. Seus olhos percorreram meu rosto. com uma intensidade que parecia quase física.
As correntes acima de mim tilintaram suavemente quando meu peso se deslocou, instintivamente inclinando-me em direção ao seu calor, apesar dos comandos desesperados da minha mente para permanecer imóvel. Foi um movimento pequeno, quase imperceptível, mas, mais uma vez, ele notou. Seu sorriso se alargou, a satisfação evidente na curva de seus lábios.
Sua mão nas minhas costas pressionou com mais firmeza, puxando-me ainda mais para perto. O tecido de sua túnica roçou em meus seios, o contato enviando um choque indesejado por todo o meu corpo. Prendi a respiração, o som alto no silêncio da cela.
“Preciso ouvir sua voz”, disse ele, e por um instante, achei que detectei algo quase como um pedido de súplica por trás da ordem. Seus dedos traçaram a curva da minha bochecha, depois roçaram meu lábio inferior. “Diga que me odeia. Diga que deseja minha morte. Diga qualquer coisa.”
As palavras escaparam antes que eu pudesse recuperá-las, quebrando sete noites de silêncio cuidadosamente cultivado.
“Eu não te odeio.”
Valen congelou, sua mão parando contra meu rosto como se eu o tivesse atingido. Surpresa passou rapidamente por suas feições, logo substituída por cautela. Ele não esperava essas palavras. Talvez não esperasse palavra alguma depois de tantas noites de silêncio.
"Não?", perguntou ele, com a voz cuidadosamente controlada.
Agora que eu havia começado, as palavras fluíam com mais facilidade, embora ásperas pela falta de uso. "O ódio exigiria que eu sentisse algo por você." Encarei-o diretamente, um pequeno sorriso curvando meus lábios.
Seus olhos escureceram, as pupilas dilataram até que apenas um fino anel da íris permaneceu visível.
“Você quer que eu te odeie porque odiar significaria que eu me importo”, eu disse, a represa rompendo. “Significaria que investi algo de mim em você — minhas emoções, minha energia. Que eu penso em você além dessas sessões.” Ofereci um sorriso frio. “Mas eu não penso. No momento em que você sair da minha cela, você deixa de existir para mim.”
Um músculo em sua mandíbula se contraiu, uma rachadura em sua compostura. Sua mão em minhas costas espasmou, o aperto se tornando implacável como se ele pudesse se ancorar em minha pele.
Inclinei ligeiramente a cabeça, o movimento puxando as correntes enquanto baixava a voz para um sussurro. "Você não significa *nada* para mim."
Algo brilhou em seus olhos naquele instante — não a raiva fria que eu esperava, mas algo mais intenso, mais volátil. Sua mão se moveu para segurar meu rosto, o toque já não era mais gentil. "Vamos testar essa teoria, que tal?"

A mão de Valen deslizou do meu rosto para a minha garganta, o polegar traçando com precisão deliberada a cavidade entre as minhas clavículas. Cada movimento era um exercício de controle — medido, sem pressa, como se ele tivesse toda a eternidade para mapear os contornos do meu corpo.
"Indiferença", murmurou ele, deslizando os dedos pela curva onde meu ombro encontrava meu pescoço. "Uma mentira tão delicada de se sustentar. Diga-me, Princesa, se você realmente não sente nada, então não deveria importar o que eu faça com você, não é?" "
Fechei os olhos com força, tentando encontrar aquele lugar de vazio que havia descoberto durante as torturas anteriores, aquele vácuo onde a dor não chegava. Mas ele me escapava agora, como se a nova abordagem de Valen tivesse bloqueado minhas rotas de fuga, forçando-me a permanecer presente em meu corpo.
Ele contornou-me por trás novamente, seus passos silenciosos no chão de pedra. Senti sua presença como uma sombra, mais escura e substancial do que as projetadas pela luz das tochas. Suas mãos encontraram meus ombros, os polegares pressionando os músculos tensos na base do meu pescoço. O toque era firme, mas gentil, quase como uma carícia para aliviar a dor.
"Seu corpo é tão… eloquente", disse ele, com a voz baixa e íntima no meu ouvido. "Sinta como ele reage a mim." Seus dedos traçaram o contorno de uma cicatriz que se estendia da minha omoplata até o meio das minhas costas. "Arrepios percorrendo meu corpo sob meu toque. Músculos se tensionando e relaxando. Seu pulso—" o polegar pressionou levemente a lateral do meu pescoço, encontrando a batida frenética ali, "— acelerado. Como o de um passarinho assustado."
Tentei me concentrar na minha respiração, em manter a aparência de indiferença, mas meu corpo havia se tornado um traidor. Cada ponto de contato enviava faíscas indesejáveis que percorriam minhas terminações nervosas, uma corrente sutil que eu não conseguia redirecionar ou conter.
Sua mão deslizou até meu estômago, a palma plana contra a pele ali. Tão perto, eu podia sentir seu cheiro — linho limpo e algo mais escuro por baixo, como fumaça e metal.
Senti o calor firme do seu peito contra as minhas costas, a força controlada do braço que me envolvia. Seus lábios roçaram a minha nuca e eu estremeci, incapaz de controlar a minha reação.
Seria tão fácil se entregar ao seu toque. Tão fácil se render.
Sua mão livre moveu-se para acariciar meu queixo, o polegar roçando meu lábio inferior, um toque fugaz que, no entanto, me causou um arrepio. Senti um formigamento na boca, uma sensação que me recusei a reconhecer como algo além de repulsa. .
"Sabe o que me fascina em você?", perguntou Valen, sua respiração roçando minha pele nua enquanto virava meu rosto para que eu o encarasse. "Não é sua beleza, embora seja considerável. Não é sua rebeldia, por mais divertida que seja. É a contradição que você personifica — força e vulnerabilidade, orgulho e vergonha, ódio e..." ele fez uma pausa, seus olhos encontrando os meus, "...o que você chama de indiferença."
O polegar que deslizava pelas minhas costelas subiu, percorrendo a parte inferior do meu seio. Minha respiração acelerou quando meu mamilo endureceu em resposta, um

gemido de desejo quase escapando dos meus lábios cerrados com a ameaça de um toque mais intenso.
“Tão reativa”, murmurou ele, observando a reação com evidente satisfação. “E, no entanto, você afirma não sentir nada por mim. Curioso, não é, como o corpo revela o que a mente se esforça tanto para esconder?”
Sua mão deslizou do meu seio, traçando o caminho do meu esterno até o meu umbigo. Meus músculos abdominais se contraíram involuntariamente, uma reação que eu detestava mesmo enquanto acontecia.
“Eu poderia te tocar”, disse ele, com a voz pensativa. “De verdade, quero dizer. Como um homem toca uma mulher que deseja. Eu poderia fazer você esquecer, por alguns instantes ao menos, tudo o que nos separa.” Seus dedos pairaram sobre a junção das minhas coxas, perto o suficiente para que eu pudesse sentir o calor. “Eu poderia relembrar ao seu corpo o prazer que ele já encontrou em minhas mãos.”
A sugestão provocou uma mistura confusa de repulsa e calor indesejado em mim. Eu queria me afastar da própria ideia, mas me vi incapaz de me libertar, as correntes acima de mim restringindo meus movimentos com a mesma eficácia com que restringiam minhas escolhas.
Nossos olhares se encontraram, buscando algo que eu me recusava a revelar. "Mas isso não serviria ao meu propósito aqui, não é? Afinal, meu objetivo é torturá-la. Quebrá-la pedaço por pedaço até que nada reste além da matéria-prima a partir da qual eu possa forjar algo novo."
Então ele sorriu, um sorriso sem qualquer afeto na expressão. .
“Embora”, acrescentou ele, inclinando a cabeça em minha direção em sinal de reflexão, “talvez não haja razão para que esses objetivos não possam se alinhar. Prazer e dor são apenas aspectos diferentes do mesmo impulso, não são? Caminhos diferentes para o mesmo destino.”
Lentamente, como se me desse tempo para me afastar, ele se inclinou para a frente e pressionou os lábios contra a curva do meu ombro. O contato foi tão inesperado, tão surpreendentemente íntimo, que por um instante não consegui formular nenhum pensamento além de perplexidade.
Então veio a dor.
Começou como um calor, irradiando do ponto de contato, mas rapidamente se transformou em uma dor profunda e latejante que parecia penetrar até os ossos. Soltei um suspiro antes que pudesse me controlar, o som agudo na cela silenciosa.
Olhei para baixo horrorizada e vi uma mancha roxa escura se espalhando a partir do local onde seus lábios haviam tocado, a pele manchada de roxo e preto como se eu tivesse sido atingida com uma força tremenda.
Valen recuou, observando sua obra com evidente fascínio. "Sangue", murmurou, estendendo a mão para traçar as bordas do hematoma com dedos delicados. "Geralmente ele gosta de ser drenado—" ele passou o dedo suavemente sobre um dos cortes mais antigos no meu abdômen, "—mas pode ser manipulado para ficar dentro. Expelido dos capilares, rompendo vasos sob a pele."
Sua mão deslizou até minha clavícula, os dedos pressionando levemente a pele. Observei, com uma fascinação doentia, enquanto outra contusão se formava sob seu toque, espalhando-se como tinta derramada sobre um pergaminho pálido.

"Lindo", ele sussurrou, seus olhos escurecendo enquanto observava a marca se formar. "Você aceita meu toque tão bem."
Antes que eu pudesse me recuperar, seus lábios encontraram o lugar abaixo da minha orelha, pressionando firmemente contra a pele sensível. Novamente veio aquele momento inicial de calor, seguido pela dor profunda e penetrante. Desta vez eu estava preparada, mordendo com força a parte interna da minha bochecha para não emitir nenhum som. .
Valen ainda percebeu. Sua mão subiu para acariciar a minha nuca, os dedos se enroscando em meu cabelo com uma delicadeza enganosa, como se quisesse me confortar e me manter imóvel.
Ele desceu mais, sua boca encontrando a curva do meu seio. Esse beijo era diferente — mais lento, quase reverente, seus lábios se entreabrindo contra a minha pele. A dor, quando veio, surgiu mais gradualmente, crescendo em ondas que faziam meu peito se contrair e minha respiração ficar presa na garganta. Um som escapou de mim então — não exatamente um gemido, não exatamente um lamento, mas algo entre os dois.
“Sim”, Valen sussurrou, erguendo os olhos para encontrar os meus, as pupilas dilatadas por algo que poderia ser sede de sangue ou algo significativamente mais perigoso. “Deixe-me ouvir você, Princesa.”
Quis desviar o olhar, esconder a confusão e o calor indesejado que me invadiam, mas seu aperto em meu cabelo se intensificou, forçando-me a manter contato visual enquanto sua boca descia até a parte inferior do meu seio, deixando outra marca em seu rastro.
Sua boca deslizou até minhas costelas, os dentes roçando a pele sensível antes de seus lábios pressionarem firmemente contra ela. O hematoma que se formou ali era mais escuro que os outros, quase preto no centro. Observei fascinada enquanto se espalhava, filamentos de descoloração seguindo o trajeto dos vasos sanguíneos sob minha pele.
Seus dedos traçavam o padrão de hematomas que ele havia criado, cada toque suave, porém possessivo. O contraste era chocante — ternura sobreposta à violência, cuidado misturado à crueldade. Era como se ele quisesse venerar a tela mesmo enquanto a danificava, honrar o que destruía.
“Você veste meu poder com tanta beleza”, murmurou ele, com a voz tão baixa que poderia ser confundida com afeto em qualquer outro contexto. “Como se você tivesse nascido para isso — para mim.”
Antes que eu pudesse responder, ele soltou meu cabelo e se ajoelhou diante de mim, segurando minhas coxas para me manter firme. A posição deixou seu rosto na altura do meu abdômen, sua respiração quente contra meu umbigo. Havia algo singularmente humilhante naquela postura — o Rei de Sangue De joelhos, mas ainda totalmente no controle, enquanto eu permanecia impotente sobre ele.
“Tantas possibilidades”, murmurou ele, com os polegares traçando círculos na parte interna das minhas coxas, cada ponto de contato enviando sinais conflitantes de prazer e alerta aos meus nervos à flor da pele. “Para onde agora, princesa? Onde devo deixar minha marca?”
Meu estômago se contraiu de expectativa e pavor quando sua boca pressionou meu abdômen, logo abaixo das costelas. Desta vez, não consegui conter o tremor que percorreu todo o meu corpo.

O hematoma que se formou era maior que os outros, espalhando-se pelo meu estômago como vinho derramado. Dentro de seus limites, eu podia sentir meu sangue respondendo ao seu chamado — fluindo em padrões antinaturais, terminações nervosas vibrando com uma sensação indescritível. Não exatamente dor, não exatamente prazer, mas algo que continha elementos de ambos.
Não disse nada, concentrando-me na parede de pedra, tentando separar minha consciência das reações do meu corpo. Mas quando seus lábios pressionaram a carne macia da minha coxa interna, perigosamente acima, o gemido profundo que escapou de mim não pôde ser contido.
Os olhos de Valen escureceram ao som — a íris quase engolida pela pupila, e na escuridão, um brilho acobreado reluziu, revelando o deus sob a máscara humana. “O que foi isso, Princesa? Certamente não foi indiferença.” Seu polegar traçou pequenos círculos sobre o hematoma que acabara de criar, enviando faíscas de sensação diretamente ao meu âmago. “Diga-me como se sente agora.”
Apertei os lábios, recusando-me a responder. A pergunta era uma armadilha, e ambos sabíamos disso. Qualquer resposta — ódio, repulsa, dor — contradiria minha afirmação anterior de indiferença. Mas Valen já não se contentava com meu silêncio.
Sua mão deslizou até a parte interna da minha coxa, pairando a poucos centímetros do ápice das minhas pernas. "Posso te tocar aqui?", perguntou ele, a voz baixando para um sussurro. "Posso te marcar onde só eu marcarei?" Você já viu? Onde você sentirá a minha presença a cada passo, a cada movimento do seu corpo?
Naquele instante, a racionalidade me abandonou. Meu corpo reagiu à sua proximidade, à intimidade perversa do seu toque, com uma onda de calor que nada tinha a ver com repulsa. Senti-me inclinar para mais perto dele, uma reação física que não conseguia controlar, por mais que minha mente gritasse contra.
Ele percebeu — claro que percebeu. Nada escapava àqueles olhos antigos de predador.
“Interessante”, murmurou ele, movendo a mão livre para a minha outra coxa, agora mais acima, perto o suficiente para que seu polegar pudesse ter roçado exatamente o ponto onde eu precisava. Ele estudou meu rosto enquanto outra marca roxa surgia sob seu toque, atento aos sinais contraditórios de dor e excitação indesejada. “Muito interessante mesmo.”
A vergonha me consumia, mais intensa do que qualquer dor física que ele tivesse me infligido. Eu queria fechar as pernas, esconder essa traição tão íntima, mas meu corpo não obedecia. Em vez disso, meus joelhos se abriram ainda mais, como se acolhessem seu toque.
“Ah, Princesa”, disse Valen, com a voz carregada de satisfação. “Nós dois sabemos que você está longe de ser indiferente.” Seu polegar deslizou mais para cima, encontrando a umidade ali, prova inegável da resposta do meu corpo a ele.
Desviei o rosto, incapaz de suportar o triunfo em seus olhos. Ele se levantou abruptamente, segurando meu queixo e me obrigando a encará-lo enquanto outra marca roxa se formava sob seus dedos.
“Olhe para mim”, ordenou ele, sem qualquer traço de gentileza na voz. “Quero ver seus olhos quando você mentir para si mesma.”
Sua mão entre minhas coxas se moveu levemente, o polegar roçando minha pele mais sensível sem penetrar. O toque provocou uma onda de prazer indesejado, misturada à

dor dos hematomas que agora decoravam a parte interna das minhas coxas como impressões digitais obscenas.
Meu corpo se arqueou em direção a ele, as correntes acima de mim tilintando com o movimento repentino. O som ecoou pelo... cela, uma acusação metálica que fez minhas bochechas arderem ainda mais de vergonha. Eu estava me traindo, traindo tudo aquilo que eu havia jurado defender — minha dignidade, meu ódio, meu próprio senso de identidade.
“Isso não significa nada”, forcei-me a dizer, embora as palavras tenham saído tensas e irregulares. “Ainda não sinto nada.”
Valen riu baixinho, o som como seda arrastando sobre cascalho. "É isso que você diz para si mesma? Que sua vagina molhada não significa nada? Que seu coração acelerado, sua respiração ofegante, são meras respostas instintivas?" Seu polegar pressionou com mais firmeza contra mim, fazendo meus quadris se contraírem involuntariamente. "Pobre princesa indesejada, ainda mentindo para si mesma."
Um gemido escapou-me antes que eu pudesse reprimi-lo, o som pairando entre nós como uma confissão. Os olhos de Valen brilharam com vitória, sua mão livre movendo-se para acariciar meu seio, o polegar roçando o mamilo até que este endurecesse sob seu toque.
"A indiferença", disse ele, inclinando-se para mais perto até que sua respiração roçasse minha orelha, "não se parece com isso."
Balancei a cabeça, num movimento brusco e desesperado. Eu não podia querer isso. Eu não ia querer isso.
Meu Deus, eu queria isso.
“Quer que eu pare?” Seus dedos desceram, recolhendo as evidências da minha excitação, espalhando-as com uma lentidão torturante. “Diga-me para parar, e eu pararei. Mas seja sincero, Princesa. Convença-me.”
Abri a boca, a ordem se formando na minha língua, mas o que saiu em vez disso foi um gemido entrecortado quando o dedo dele deslizou para dentro de mim. Meu corpo se contraiu ao redor da intrusão, acolhendo-a em vez de rejeitá-la.
O sorriso de Valen era predatório, triunfante. "Eu pensei que não."
Lentamente, ele deslizou o dedo para dentro e para fora de mim, meus músculos se tensionando enquanto ele o curvava, encontrando aquele ponto que embaçava minha visão nas bordas. Mordi meu lábio com tanta força que senti o gosto de sangue, desesperada para manter algum controle mesmo enquanto meu corpo se entregava aos seus toques. .
“Tão molhada”, murmurou ele, acrescentando um segundo dedo, esticando-me de um jeito que deixou meus joelhos dormentes. Só as correntes me mantinham de pé enquanto o prazer se intensificava em meu âmago, crescendo com uma intensidade que me aterrorizava. “Tão receptiva. Diga-me de novo como você não sente nada.”
Fechei os olhos com força, recusando-me a olhá-lo, recusando-me a reconhecer o que estava acontecendo. Mas meu corpo me traiu a cada respiração trêmula, a cada arqueamento involuntário em direção ao seu toque. As correntes acima de mim tilintavam a cada movimento, um contraponto metálico aos sons úmidos de seus dedos percorrendo minhas coxas.

“Abra os olhos”, ordenou Valen, movendo a mão do meu peito para segurar meu queixo. “Quero que você veja quem está fazendo isso com você. Quero que você se lembre.”
Quando recusei, seu polegar pressionou com mais força meu clitóris, circulando com uma precisão implacável. Um som estrangulado escapou da minha garganta, algo entre um soluço e um gemido.
“Abra. Seus. Olhos.” Cada palavra pontuada pelo movimento de seus dedos, mais profundo, mais exigente.
Meus olhos se abriram de repente, encontrando seu olhar no exato momento em que ele acrescentou um terceiro dedo, me esticando de um jeito que me fez estremecer. Suas pupilas estavam dilatadas, as íris carmesim em meio a um negro profundo.
Seus movimentos se intensificaram, os dedos penetrando mais fundo, a base da palma da mão roçando meu clitóris a cada movimento. Meu corpo se contraiu ao redor dele, a espiral do prazer se apertando de forma impossível. Tentei me conter, negar-lhe essa vitória final, mas meus quadris me traíram, pressionando-se contra sua mão com uma necessidade descarada.
"Pare de resistir", ele sussurrou, a voz rouca carregada de um desejo perigoso. "Entregue-se. Mostre-me quem é o dono de você."
Tentei resistir, impedir a maré que subia dentro de mim, mas meu corpo já não me pertencia. Quando o polegar substituiu a palma da mão, circulando aquele feixe sensível de nervos enquanto seus dedos... Enroscada dentro de mim, eu me despedacei.
O prazer me invadiu em ondas impiedosas, meu corpo se convulsionando ao redor de seus dedos enquanto eu gritava, o som arrancado de algum lugar profundo e primitivo dentro de mim.
O sorriso de Valen era vitorioso enquanto ele me fazia sentir as espasmos posteriores, prolongando minha humilhação a cada toque deliberado. Quando finalmente parei, tremendo e exausta, ele retirou os dedos lentamente, certificando-se de que eu sentisse cada centímetro da sua saída.
Ele ergueu a mão entre nós, os dedos brilhando com a prova da minha vergonha. "A indiferença não se espalha pelos meus dedos, Princesa", murmurou ele, a voz aveludada de satisfação, a própria excitação evidente pela protuberância em suas calças. "Lembre-se disso da próxima vez que disser que não sente nada por mim."
Algo se quebrou dentro de mim naquele momento, com a minha libertação, o meu silêncio, a minha humilhação. Uma única lágrima escorreu do canto do meu olho, traçando um caminho quente pela minha bochecha antes de cair no chão manchado de sangue.
Valen ficou imóvel, seu corpo inteiro congelado como se estivesse preso em âmbar. Seus olhos se fixaram naquela lágrima com uma intensidade que beirava a reverência, sua respiração suspensa enquanto a observava cair.
"Ali está você", sussurrou ele, com um tom de admiração na voz. "Ali está você."
A lágrima não fora intencional. Não fora uma rendição calculada nem uma retirada estratégica. Simplesmente fora demais — sensações conflitantes demais, contradições demais para conter dentro de mim sem que algo cedesse.

Valen pareceu entender isso, sua expressão mudando para uma de profunda satisfação. Ele finalmente havia rompido minhas defesas, encontrado a brecha em minha armadura e a explorado com precisão devastadora.
Outra lágrima escapou, esta caindo mais rápido, como se atraída pela gravidade da primeira. Valen observou sua descida com o mesmo fascínio, a mesma gratificação voraz.
Seu polegar roçou a marca úmida na minha bochecha, suave como o carinho de um amante. "Linda", murmurou ele. "Perfeita." ”
Antes que eu pudesse responder, ele se inclinou para a frente e pressionou os lábios contra os meus. O beijo foi suave, quase casto, sua boca macia contra meu lábio lacerado. Então veio a familiar onda de dor, espalhando-se a partir do ponto de contato.
Senti o hematoma começar, e em vez de se afastar, ele aprofundou o contato, a língua traçando o contorno da minha boca.
O efeito foi imediato e avassalador. Uma onda de calor explodiu atrás dos meus olhos, percorrendo minhas veias como fogo líquido. Meus lábios formigaram, depois queimaram, a sensação se espalhando pelo meu rosto e descendo pela minha garganta.
Emiti um som contra a boca dele — meio protesto, meio rendição — e ele o engoliu, uma das mãos deslizando para o meu cabelo para me manter no lugar para o seu terrível e maravilhoso ataque.
Quando ele finalmente se afastou, eu ofeguei, sentindo como se tivesse me afogado e sido resgatada ao mesmo tempo. Meus lábios latejavam com o que eu sabia ser um hematoma tão escuro quanto os outros que marcavam meu corpo.
“Pronto”, disse ele, passando o polegar pelos meus lábios recém-machucados. “Agora você vai se lembrar de mim em cada palavra que disser. Em cada respiração que der. Em cada pedaço de comida que passar por esses lábios.” Seus olhos encontraram os meus, intensos e fixos. “Você vai pensar em mim mesmo quando eu não estiver aqui. Tente de novo me dizer que sente indiferença por mim.”
Ele tinha razão — o simples ato de soprar nos meus lábios sensíveis me causava arrepios de dor. Eu me lembraria dele muito depois de ele sair desta cela, ao contrário do que lhe disse antes de esta tortura começar. Fechei os olhos, tentando me centrar, encontrar algum núcleo de resistência que ainda não tivesse sido comprometido.
Valen deu um passo para trás, contemplando sua obra com evidente satisfação. Meu corpo era uma tela de contusões escuras, desabrochando como violetas em forma de crescente num campo iluminado pelo luar. Da cavidade da minha garganta até a parte interna sensível das minhas coxas, seu toque deixara uma marca indelével. Minha respiração ainda era difícil, superficial e irregular, pelo prazer que ele me arrancou. .
“Linda”, ele repetiu, a palavra carregando um peso de posse que me fez arrepiar, mesmo enquanto o calor continuava a se acumular na parte inferior do meu abdômen. “Acho que estamos progredindo, Princesa. Progresso de verdade.”
Ele se virou para a porta, com movimentos casuais como se tivéssemos acabado de ter uma conversa agradável, e não uma escalada de seu tormento. "Os guardas virão te libertar em algum momento", disse ele por cima do ombro. "Descanse bem. O próximo encontro promete ser... emocionante."
Então ele se foi, seus passos se perdendo pelo corredor, me deixando pendurada pelas correntes, machucada, dolorida e ainda, vergonhosamente, excitada.

Fechei os olhos para conter as novas lágrimas que ameaçavam cair, relutante em lhe dar mais do meu desabafo emocional, mesmo em sua ausência. As correntes acima tilintaram suavemente enquanto eu me mexia, buscando uma posição que aliviasse a tensão nos meus ombros, a dor nos meus pulsos. Mas não havia conforto algum — apenas a promessa de mais escuridão, mais dor, mais confusão quando o amanhã chegasse.

A verdadeira ferida não eram os hematomas, por mais dolorosos que fossem. Era a consciência de que meu corpo havia me traído, de que havia respondido ao toque de Valen com desejo em vez de simplesmente dor. O que isso fazia de mim? Em que criatura distorcida e quebrada eu estava me transformando na escuridão desta masmorra?

Por baixo disso, outro horror despertou: a consciência de que a parede que separava minha cela da do meu algoz era fina o suficiente para que ele tivesse ouvido tudo. Cada suspiro, cada troca de palavras, cada momento de fraqueza que eu demonstrara. Como eu havia desmoronado nas mãos do meu torturador. A ideia dele — aquela presença antiga e enigmática — testemunhando minha degradação acrescentava uma nova camada de vergonha a uma situação já insuportável.

E, por baixo de tudo isso, a terrível e indesejável consciência de que uma pequena e distorcida parte de mim já antecipava o retorno do Deus do Sangue.

CAPÍTULO VINTE E SETE

# RÉPLICAS

EU Tentei acalmar minha respiração, mas cada inspiração roçava minhas costelas sensíveis, e cada expiração carregava os resquícios de sons que eu gostaria de poder recuperar.

O silêncio da cela não era pacífico — era acusador. Amplificava tudo… O leve tilintar das correntes enquanto meu corpo tremia, o nó na garganta, a lembrança da minha própria voz falhando enquanto eu me desfazia em suas mãos.

A escuridão parecia me pressionar, me envolvendo. Ou talvez fosse minha vergonha tomando forma física, me aprisionando no conhecimento do que eu havia permitido. Não, do que eu havia participado. Meu corpo ainda vibrava com os tremores residuais do êxtase indesejado, o fantasma do prazer me assombrando muito depois de Valen ter desaparecido. o corredor.

Fechei os olhos, mas isso só piorou tudo. Atrás das minhas pálpebras, espreitava a lembrança do seu rosto — o triunfo nos seus olhos quando me despedacei em seus dedos, a satisfação quando as lágrimas finalmente escaparam. Eu lhe dei exatamente o que ele queria. Meu silêncio fora minha última defesa, e agora até isso havia desaparecido.

As marcas roxas que ele havia pintado na minha pele com os lábios e as pontas dos dedos pulsavam no ritmo do meu coração. Cada uma, uma assinatura, uma reivindicação. Minhas coxas. Meus seios. Meu estômago. Meu pescoço. Meus lábios. Principalmente meus lábios. A marca roxa ali parecia mais íntima que as outras, de alguma forma mais violenta. Me obrigava a pensar nele a cada contração muscular, a cada inspiração, a cada engolida.

A pior parte não era a dor. Nem mesmo a humilhação. Era a terrível suspeita de que alguma parte obscura e despedaçada de mim — algum fragmento que eu me recusava a reconhecer — tivesse reagido ao perigo, ao poder, à terrível beleza daquele deus. Que, no mundo distorcido e invertido em que eu agora vivia, meu corpo tivesse encontrado um prazer perverso em sua atenção perigosa.

"Você está bem", sussurrei para mim mesma, as palavras mal conseguindo escapar dos meus lábios. "Você ainda está viva. Você já passou por coisas piores."

Mas eu não tinha. Não de verdade. A tortura física — os chicotes, as lâminas, as queimaduras — eram equações simples de dor. Eram quase puras em sua brutalidade. O que Valen fez esta noite foi diferente. Ele usou meu corpo contra mim, transformando-o em seu cúmplice na minha própria degradação.

E então surgiu meu presságio. Ele teria ouvido tudo. Cada suspiro. Cada gemido. Os sons úmidos dos dedos se movendo entre minhas coxas. Meu último grito, entrecortado, quando o prazer me dominou. O pensamento fez um calor intenso subir às minhas bochechas, uma humilhação tão profunda que beirava a dor física.

O que ele pensava de mim agora? O prisioneiro que me curara contra a minha vontade, que me descartara como se eu não fosse *nada* , que fora tão frio quando busquei conexão — ele testemunhara a minha degradação final. Fechei os olhos com mais força, como se pudesse me esconder da consciência de sua presença logo além daquela parede terrível e fina demais.

Mas eu sabia que não haveria como escapar da morte.



O tempo passou. Ou talvez não. Tais distinções pouco importavam. A única medida era a dor — seus crescendos e diminuendos, as paisagens mutáveis do sofrimento. E agora o prazer se somara àquela sinfonia terrível, mais um instrumento na orquestra do meu tormento.

Passos distantes interromperam meus pensamentos confusos. Três grupos de guardas, movendo-se com a cadência familiar que eu já reconhecera, retornavam para me libertar das correntes, para me limpar, para fingir que não tinham ouvido o que acontecera entre o rei e sua prisioneira. Eu não sabia o que seria pior: o nojo ou a pena deles.

Mantive os olhos fechados enquanto se aproximavam, sem estar pronta para encará-los, sem estar pronta para ver minha vergonha refletida em seus olhos. A porta da cela rangeu ao abrir, e os passos hesitaram. Eu podia sentir seus olhares sobre meu corpo nu e machucado, a hesitação em seus movimentos.

"Pelos deuses", sussurrou um deles — o guarda do meio, pensei, embora fosse difícil ter certeza em meio à névoa de exaustão e humilhação.

Forcei meus olhos a se abrirem, embora não conseguisse encará-los diretamente. Em vez disso, fixei meu olhar em uma rachadura no teto, uma linha irregular que parecia refletir as fraturas que atravessavam minha alma.

O mais velho acenou com a cabeça para os outros, e eles se aproximaram com passos hesitantes. Eu podia sentir o desconforto deles, a inquietação — especialmente depois do que deviam ter ouvido. .

“Segurem-na”, instruiu o mais velho, e o guarda do meio deu um passo à frente, colocando as mãos desajeitadamente na minha cintura para sustentar meu peso assim que as correntes fossem soltas.

O mais novo estendeu a mão para abrir a primeira algema. O mecanismo estalou e meu braço direito caiu como se estivesse morto, enviando uma dor aguda pelo meu ombro. Mordi meu lábio machucado para não fazer barulho, a nova onda de dor uma distração bem-vinda da lembrança do prazer.

A segunda algema se abriu e meu corpo desabou, meus joelhos cedendo ao serem libertados do meu peso. O guarda do meio me segurou antes que eu caísse no chão, apertando-me ainda mais enquanto eu ameaçava escapar de seus braços. Finalmente gritei quando suas mãos pressionaram os hematomas recentes de Valen.

Doía. Doía. Doía.

Eu queria dizer para ele não me tocar, que as mãos dele só me lembravam das *dele* , que eu não suportava o contato. Que meu corpo era um traidor que não obedecia às minhas ordens. Mas minha voz permaneceu presa atrás de lábios machucados.

Eles me colocaram no chão, minhas pernas se dobrando sob mim. O mais velho se ajoelhou ao meu lado, o rosto uma máscara cautelosa enquanto verificava meus pulsos, onde as algemas haviam cortado a pele.

Meus braços começaram a despertar, formigamento e agulhadas percorrendo músculos e ossos à medida que a circulação retornava. Encolhi-me para a frente, abraçando-me, tentando esconder minha nudez, embora fosse tarde demais para pudor. Os hematomas

que Valen havia deixado contrastavam fortemente com minha pele pálida — manchas escuras de possessão que contavam uma história que eu não suportaria ler.
"Onde está o novo turno?" perguntou o mais velho, e o mais novo apalpou o cinto, tirando um embrulho de tecido que me entregou sem olhar para mim.
Eu tremia, espasmos violentos que pareciam começar no meu âmago e se espalhar para fora. Não era apenas a dor ou o frio — era *tudo* . O peso da minha humilhação. A lembrança das mãos de Valen. A consciência de que eu havia quebrado, de que eu havia lhe dado exatamente o que ele queria. .
Mas eu não choraria.
Eu. Não. Choraria.
“Princesa”, disse o guarda do meio, ajoelhando-se a uma distância respeitosa. “Precisamos limpá-la e vesti-la. Pode levantar os braços?”
Assenti com a cabeça, desvencilhando os braços do meu corpo e levantando-os o máximo que pude.
Meus guardas trabalharam em silêncio depois disso, limpando da minha pele os vestígios da visita de Valen. Cada hematoma se tornava mais nítido à medida que trabalhavam — roxo profundo e preto contra a pele pálida, as marcas de sua boca e mãos mapeando um território que eu já não reconhecia como meu.
Quando terminaram, o mais velho tirou um pequeno frasco da bolsa do cinto. "Pomada", explicou, removendo a tampa para revelar um unguento verde-claro com cheiro de menta e algo mais forte por baixo. "Para cortes e contusões."
Ele estendeu-o para mim, e eu entendi o gesto — uma pequena gentileza, permitindo-me cuidar de mim mesma em vez de sofrer mais com o toque deles. Minhas mãos tremiam enquanto eu o pegava, os dedos mal conseguindo manter a firmeza na cerâmica lisa. O mais novo deu um passo à frente, oferecendo-me o pano limpo que haviam trazido.
“Você deveria comer alguma coisa”, disse o guarda do meio, tirando um pequeno embrulho de pano do bolso. “Pão. Queijo. Não é muita coisa, mas vai ajudar.”
Olhei para a humilde oferenda, meu estômago revirando só de pensar em comida. Como eu poderia comer quando me sentia completamente vazia, dilacerada pela vergonha e pela violação? Mas as necessidades do meu corpo não eram regidas pelas minhas emoções. Eu precisaria de forças para o amanhã.
"Obrigada", sussurrei, pegando o embrulho e colocando-o ao lado do meu tapete.
As palavras soaram estranhas em meus lábios machucados, inadequadas para aquele contexto. Pelo que eu estava agradecendo? Pela piedade deles? Pela discrição? Pelas pequenas ofertas de esperança naquele lugar onde a esperança não tinha significado? ?
O mais velho assentiu com a cabeça, demonstrando compreensão no olhar. "Vamos deixá-los descansar", disse ele, virando-se para a porta e gesticulando para que os outros o seguissem.
Então eles se foram, a porta da cela se fechando com uma quietude definitiva que pareceu mais estrondosa do que qualquer batida. Fiquei imóvel por vários minutos, incapaz de reunir forças para me mover. O silêncio me oprimia por todos os lados, não mais acusatório, mas sufocante — uma presença com peso e substância que ameaçava me esmagar.

Finalmente, a necessidade venceu a inércia. Meus dedos trabalharam desajeitadamente na tampa do frasco, retirando uma pequena quantidade da pomada. Ela causou uma leve sensação de formigamento na minha pele enquanto eu a aplicava sobre os cortes mais profundos, anestesiando a dor superficial, mas sem fazer nada pela dor mais profunda que havia se instalado na minha medula.

Deixei o hematoma nos meus lábios por último, hesitando antes de aplicar a pomada ali. A menor pressão fazia com que uma dor aguda irradiasse pelo meu rosto, uma lembrança que se manifestaria a cada palavra, a cada expressão, a cada pedaço de comida ou gole de água. Mas o efeito anestésico foi quase imediato, a menta na pomada refrescando o calor do hematoma.

Com as mãos trêmulas, peguei a camisola e puxei o tecido limpo sobre a cabeça. O linho acomodou-se contra a minha pele, prendendo-se nos locais onde a pomada não tinha secado completamente, mas criando uma barreira entre a minha nudez e o mundo. Parecia uma armadura, fina e inadequada, mas melhor do que nada.

Encolhi-me de lado, de frente para a parede que separava minha cela da do meu presságio, e puxei os joelhos para o peito numa postura infantil de autoproteção.

*Quem sou eu?*

A pergunta ecoava no vazio da minha mente, uma batida persistente sem resposta. Princesa parecia um título vazio, um resquício de outra vida que se tornava cada vez mais distante a cada dia que passava. Mireille parecia igualmente estranho — aquele nome pertencia a alguém que tinha autonomia, escolhas, dignidade. Nada disso me restava. .

Os hematomas acabariam por desaparecer. Dias, talvez semanas, mas sumiriam, deixando minha pele sem marcas novamente. Mas os hematomas por baixo — os da minha alma, da minha autoestima — esses talvez nunca cicatrizassem. Permaneceriam, dores fantasmas para me lembrar desta noite, desta rendição, deste ponto de ruptura que revelou algo terrível sobre mim… que o prazer podia coexistir com o ódio, que meu corpo podia me trair tão completamente.

Fechei os olhos, o cansaço me puxando com mãos gananciosas. Eu sabia que o sono não traria descanso verdadeiro. Apenas pesadelos tecidos com memórias ainda muito recentes para se dissiparem. Mas a inconsciência, mesmo assim, me chamava, prometendo uma fuga temporária da realidade da minha existência.

O silêncio da cela me envolvia, não mais acusatório ou sufocante, mas simplesmente... vazio. Um vácuo onde deveria haver som, onde a vida deveria florescer. Nesse vazio, meus pensamentos se tornaram mais altos, mais insistentes — um coro de auto-recriminação que ameaçava abafar até mesmo a dor surda da dor física.

“Mireille…”

O sussurro veio tão suavemente que pensei tê-lo imaginado — um produto da minha mente exausta, evocando conforto onde não havia nenhum. Mas então veio de novo, quase inaudível através da pedra que nos separava.

“Mireille.”

A voz do meu presságio. Profunda e ressonante, mesmo em sua gentileza, sem qualquer traço de escárnio ou indiferença. Sumiu o tom sarcástico que acompanhou as últimas palavras que ele me disse, substituído por algo quase... terno.

Cortou minhas emoções à flor da pele como vidro.

Porque a ternura era mais perigosa que a crueldade. A crueldade eu entendia. A crueldade tinha regras.
Contudo, ouvir sua voz depois de tanto tempo provocou um tremor em mim, algo perigosamente próximo do alívio rasgando a névoa da vergonha e do cansaço. .
Mesmo assim, ele disse que minha dor não significava nada. Que me veria desmoronar contanto que conquistasse sua liberdade. Que propósito teria respondê-lo, além da minha própria decepção?
Então permaneci em silêncio até que sua atenção se tornasse insuportável.
"Vá embora", sussurrei, com as palavras presas na minha garganta.
Após uma pausa, ele disse: "Não posso."
Algo em sua voz, um tom fraco e tenso, me fez levantar a cabeça. Seria... culpa? Não, impossível. A morte não sente culpa. Ela havia deixado isso bem claro.
“Então continue em silêncio”, eu disse, apertando os braços ao redor do meu corpo. “Já que não estou perto da morte, sua ajuda não é necessária. E não vejo motivo para você falar comigo.”
Não me arrependi das palavras, por mais duras que fossem, pois por um instante, consegui o que queria. Silêncio. Um silêncio abençoado e doloroso.
Mas, é claro, isso não durou.
Um suspiro escapou da pedra — longo, rouco, cansado de uma forma que parecia ter séculos de idade.
“Estrelas lá em cima”, murmurou ele, as palavras soando mais como uma maldição do que uma oração. “Eu... não deveria ter dito o que disse. Não te considero apenas ruído.”
Prendi a respiração. Será que meu presságio... estava se desculpando? A ideia parecia tão estranha, tão inacreditável, que por um instante me perguntei se finalmente havia perdido a cabeça de vez.
"O quê?", respirei fundo, mal conseguindo articular a palavra.
“Eu… eu estou tentando me desculpar”, disse ele, com a voz baixa e tensa. Meus olhos se arregalaram com a confissão — com a impossibilidade de ouvir tais palavras dele. “Eu não… falei com ninguém há muito tempo. Mais tempo do que você pode imaginar. E você—”
Ele fez uma pausa, e eu ouvi o leve tilintar de correntes enquanto ele se mexia, como se estivesse desconfortável.
“Às vezes, esqueço que as palavras podem ferir tão profundamente quanto as lâminas. E eu precisava que você entendesse…”
Outra pausa, desta vez pontuada por um Hálito silencioso e amargo.
“Eu não esperava nem mesmo a possibilidade de liberdade. Não em sua vida. E se o preço para remover uma corrente fosse ver a única alma com quem eu queria falar em décadas quase morrer, só para curá-la novamente—”
Sua voz falhou, não em angústia, mas com algo quase como autodesprezo.
“Eu ainda faria essa escolha. Se a oferta surgisse novamente, eu não recusaria.” Ele exalou bruscamente, como se a confissão o tivesse magoado. “Então eu disse a mim mesmo que era melhor te decepcionar agora. Melhor que você me odiasse logo, antes de criar expectativas demais.”
Uma pausa. Então, suavemente —

“Porque eu *vou* falhar com você, Mireille. Eventualmente.”
O silêncio que se seguiu à sua confissão, ao seu quase-pedido de desculpas, estava carregado de tristeza. Eu mal sabia como reagir.
*A única pessoa com quem ele quisera falar. Em décadas.*
Nada insignificante, portanto. Algo mais, embora eu não conseguisse imaginar o que isso poderia significar para um prisioneiro.
"Me decepcionar como?" A pergunta escapou antes que eu pudesse impedi-la, minha voz mal passando de um suspiro.
Outra pausa, mais longa desta vez. Quando ele falou novamente, sua voz carregava o peso de séculos. “Por ser o que sou. Por ser incapaz de te salvar disso. Por ver sua luz se apagar noite após noite enquanto permaneço *acorrentado* .”
Minha garganta se fechou. Luz. Ele achou que eu ainda tinha uma luz que valia a pena preservar. Depois do que tinha acabado de acontecer, depois da traição do meu corpo, depois dos sons que eu tinha emitido, ele viu algo em mim que valia a pena proteger.
“Não há mais luz”, sussurrei, a confissão roçando meus lábios machucados. “Ele levou tudo. Pedaço por pedaço, noite após noite. E esta noite...” O resto morreu na minha garganta.
Eu não conseguia falar. Ainda não.
Não a verdade sobre a traição do meu corpo. Não a forma como o desejo se entrelaçou com a dor até que eu não soubesse mais qual dos dois eu desejava mais. .
E de alguma forma — *de alguma forma* — ele entendeu. Ele não pressionou. Não exigiu as partes que eu ainda não podia dar. Em vez disso, sua voz veio suave. Instável.
"Venha aqui."
Duas palavras, mas que me abalaram mais do que todo o silêncio que as precedeu. A voz da morte, desprovida de qualquer frieza, era… suave. Quase hesitante.
“Na frente da sua cela”, disse ele. “Onde a parede encontra as grades.”
Encarei a escuridão, meu corpo ainda encolhido contra si mesmo. Mover-me significava desenrolar-me daquela posição protetora. Mover-me significava reconhecer a dor em cada centímetro do meu corpo. Mover-me significava encará-lo — ou pelo menos ouvir sua voz — depois do que ele tinha ouvido.
"Não consigo", sussurrei. Uma meia-verdade. Fisicamente, eu conseguia me mover, apesar da dor. Eram as outras barreiras que pareciam intransponíveis.
“Você pode”, ele me contradisse, mas sem agressividade. “Venha até mim.” Sua voz era tão suave, mas ainda carregava um resquício de autoridade, uma autoridade que, de alguma forma, era maior do que as ameaças mais violentas de Valen.
Minha hesitação devia ser palpável no silêncio, pois ele falou novamente, e suas palavras carregavam um peso que eu não podia ignorar.
“Não posso ir até você, meu pequeno cervo. Por favor, deixe-me confortá-lo da única maneira que posso.”
A leve tensão em sua voz tomou a decisão por mim. Hesitei por mais um instante, depois comecei a esticar os membros lentamente. A dor irradiava pelos músculos, tensos por tanto tempo, e as articulações estavam rígidas pelas horas pendurada no teto. Caminhei cautelosamente em direção à parede que dividia nossas celas, rastejando

sobre a pedra fria. Quando cheguei às grades, minha respiração já estava curta e ofegante.
"Estou aqui", consegui dizer, encostando a testa no metal frio. O contato acalmou minha pele quente, ancorando-me na minha realidade física. .
Então, um movimento chamou minha atenção. Algo emergiu da cela ao lado, estendeu a mão através das grades e parou diante da minha.
Uma mão.
Não um membro espectral ou uma garra monstruosa como eu poderia ter imaginado daquele a quem chamei de Morte, mas uma mão humana — grande e masculina, com dedos longos e uma palma larga. Forte, mas não brutal. Sua pele era pálida, pálida demais, marcada por uma rede de finas cicatrizes prateadas que captavam a pouca luz que penetrava em nossas células. Essa mão era inegavelmente poderosa — uma mão que podia quebrar ossos com a mesma facilidade com que oferecia o conforto prometido.
Encarei a mão estendida em choque. Não tinha visto muito do meu presságio quando ele me curou — minhas pálpebras não tinham cooperado por tempo suficiente para focar. Mesmo sabendo que era ridículo, eu o imaginava como uma figura esquelética envolta em sombras, ou às vezes como um ser espectral que flutuava através das paredes. A realidade, aquela mão tão *humana* , era estranhamente reconfortante.
"Pode pegar", disse ele, estendendo os dedos em minha direção em sinal de convite. "Se quiser."
*Se eu quiser.* Uma afirmação tão simples, mas a escolha que ela oferecia quase me desestabilizou. Quando foi a última vez que me foi dada a oportunidade de escolher sobre o toque, sobre o contato com outro ser? Valen pegou o que queria. Os guardas fizeram o que era necessário. Mas isso — esse toque foi apresentado como uma decisão que cabia a mim.
Examinei sua mão com atenção cautelosa. As unhas estavam limpas, mas irregulares, como se estivessem quebradas em vez de cortadas. Uma fina corrente de prata dava várias voltas em seu pulso, desaparecendo em seu braço invisível. Apesar da força evidente naquela mão, não havia nada de ameaçador na forma como ela aguardava, com a palma voltada para cima, minha decisão.
Minha mão tremia ao meu lado, a incerteza lutando contra um desejo repentino e inexplicável de contato que não fosse contaminado pela crueldade ou pela piedade. Senti uma vontade tão intensa de tocar meu presságio que me assustou — essa atração por um ser que eu... Mal sabia quem havia admitido que me sacrificaria sem hesitar pela sua própria liberdade.
"Eu não vou te machucar", disse a Morte, embora eu soubesse que era mentira. A dor era a moeda corrente em todos os meus relacionamentos.
"Todo mundo me machuca", sussurrei. Mas, mesmo enquanto as palavras saíam dos meus lábios, minha mão se moveu por conta própria, alcançando a dele através da escuridão. Meus dedos pairaram sobre a palma da sua mão por um instante, dois, três — antes de finalmente descerem para roçar sua pele.
O contato me percorreu o corpo. Sua mão estava quente, quase escaldante em comparação com meus dedos perpetuamente gelados. Aquele calor me invadiu,

espalhando-se pelo meu braço, atravessando meu peito, um lembrete visceral de que eu não estava sozinha nesta escuridão sem fim.
Nossos dedos se alinharam, depois se entrelaçaram, até que seu aperto envolveu os meus. Ele me segurou com uma firmeza que eu não esperava, seu toque ao mesmo tempo poderoso e insuportavelmente gentil, envolvendo minha mão menor como uma âncora. Como uma promessa, dizendo: " *Eu te protejo".*
Eu tremi, e ele apertou o seu abraço um pouco mais forte. As lágrimas que brotaram em meus olhos eram diferentes de todas as que eu havia derramado naquela masmorra — não de vergonha ou violação, mas de um alívio tão profundo que ameaçava me desfazer por dentro.
“Pronto”, disse ele suavemente, com gentileza em cada sílaba. “Foi tão difícil assim?”
Tinha sido. Ainda era. Mas eu não conseguia me obrigar a dizer isso.
Permanecemos assim por alguns instantes, conectados por aquele único ponto de contato. Meus pensamentos acelerados começaram a se acalmar, o caos em minha mente se aquietando sob a pressão constante de seu aperto. Mudei de posição, estremecendo enquanto meu corpo dolorido protestava, até que me sentei com as costas contra a parede que separava nossas celas. Pelo som das correntes se acomodando, imaginei que ele estivesse na mesma posição do outro lado — costas com costas, com apenas uma pedra entre nós.
“Seus dedos estão frios”, murmurou ele, enquanto seu polegar descrevia um círculo lento sobre meus nós dos dedos. A intimidade casual do gesto me pegou de surpresa. .
"Eles sempre são", admiti, surpresa por me ver envolvida em uma conversa tão banal. "Mesmo antes... disto." Gesticulei vagamente para o ambiente ao nosso redor com a mão livre, embora soubesse que ele não podia ver.
Um zumbido baixo ressoou em seu peito, pensativo em vez de indiferente. Seu polegar manteve o movimento suave, como se tentasse me aquecer apenas com o atrito. "Melhor agora?"
Sim. Minha mão parecia quase normal, o frio que se instalara em meus ossos desde meu aprisionamento temporariamente dissipado por seu toque. Mas a questão parecia abranger mais do que apenas meus dedos gelados.
"Não sei", confessei, a verdade arrancada de algum lugar profundo dentro de mim. "Não sei mais o que 'melhor' significa."
Ele não disse nada, apenas apertou um pouco mais o meu aperto — não para me restringir, mas para me tranquilizar. Mergulhamos novamente no silêncio, nossas mãos ainda unidas, nossas costas separadas pela pedra. Mesmo assim, eu sentia o ritmo da sua respiração, levemente descompassada com a minha. Gradualmente, sem esforço consciente, minha respiração se acalmou para acompanhar a dele.
O simples ato de segurar a mão de alguém parecia um luxo inestimável. Que estranho, como uma gentileza tão pequena podia significar tanto neste lugar de crueldade e isolamento.
Eu me perguntava se ele sabia. Se ele entendia o que aquele momento de contato escolhido significava depois de tanto tempo de toque forçado.
"Melhor", sussurrei por fim, respondendo muito tempo depois da pergunta ter sido feita. A palavra pairava frágil na escuridão, mas parecia verdadeira.

Seus dedos apertaram os meus suavemente em resposta, um reconhecimento sem palavras.
Permanecemos assim, presos por ferro e pedra. A parede ainda se erguia firme entre nós, mas já não parecia tão impenetrável. Deixei minha cabeça pender para trás contra a superfície fria, os olhos se fechando, e me concentrei no ponto onde a pele encontrava a pele. Seu toque era completamente diferente do de Valen. Não exigia, não tomava, não buscava possuir. .
Quando finalmente falei de novo, minha voz era quase um sussurro. "Você ouviu tudo?"
"Sim."
Sem negar. Sem clichês. Apenas um simples reconhecimento, mas aquela vergonha familiar me invadiu. Quis puxar minha mão de volta, recuar para a escuridão da minha cela, mas seu aperto se intensificou como se pressentisse minha intenção.
“Esta noite não me trouxe alegria alguma”, disse ele, com a voz tão baixa que tive que me esforçar para ouvi-la através da parede. “Nada disso foi insignificante. Nem a sua dor. Nem a sua... rendição. Nada disso.”
Algo em seu tom de voz — uma aspereza, uma certa aspereza — me fez querer acreditar nele. Permanecer naquele momento de contato. Mesmo assim, virei o rosto, com as bochechas coradas de vergonha.
“Você não tem nada do que se envergonhar”, acrescentou ele, com a voz ainda baixa, dirigida apenas a mim, apesar do vazio da masmorra ao nosso redor.
Uma risada amarga escapou de mim, aguda e oca. "Acho que nós dois sabemos que isso não é verdade."
Seu polegar continuou a traçar círculos suaves sobre meus nós dos dedos, o movimento hipnótico em seu ritmo. "O corpo é um receptáculo", disse ele depois de um instante. "Ele pode ser quebrado, envergonhado, forçado — mas não é você, Mireille. É apenas o recipiente que contém o que realmente importa."
"E o que é isso?", perguntei, sem conseguir disfarçar a saudade na minha voz. "Se este corpo despedaçado, esta coleção de hematomas e traições não importam... o que restou de mim que importa?"
“Sua alma.” As palavras ressoaram com uma estranha autoridade, como se ele não estivesse falando de teoria, mas de fato observável. “A essência que perdura além da carne, além da dor, além do prazer. A parte de você que observa, que resiste, mesmo quando seu corpo se rende.” Ele se moveu levemente contra a parede. “Sua ainda é sua. Intacta.”
Eu queria acreditar nele. Queria desesperadamente pensar que alguma parte essencial de mim permanecia intocada pelas respostas traiçoeiras do meu próprio corpo. No entanto, as evidências da minha A fraqueza me marcava por toda parte — em tons vívidos de azul e roxo, na dor entre meus ombros, nos lugares abertos onde a vergonha havia me deixado devastada.
"Como você pode saber disso?", sussurrei.
Seus dedos se flexionaram entre os meus, deslizando mais fundo, como se ele pudesse se ligar às dúvidas da minha mente. "Eu vi muitas almas, minha pequena corça. Mais do que você pode imaginar. Eu sei a diferença entre danos ao corpo e danos à essência."

Sua voz baixou, quase reverente. "Seu corpo pode carregar as marcas dele, mas sua alma ainda arde em desafio. Em vida. Ele não tocou nessa parte de você."
Fechei os olhos, deixando que suas palavras me envolvessem, sentindo-as penetrar em minha pele. Eu ainda não acreditava nele — não completamente —, mas queria acreditar. E talvez esse desejo fosse suficiente. Uma semente de resistência que eu poderia nutrir na escuridão do meu cativeiro.
“Você era algum tipo de guerreiro-sacerdote antes de ser preso?”, perguntei, tentando aliviar a tensão entre nós, embora suas palavras já tivessem me oferecido mais conforto do que eu conseguia assimilar. Ainda assim, havia algo estranho na maneira como ele falava de almas. Nossos sacerdotes nunca haviam falado de essência daquela forma — como se fosse algo sagrado.
Uma risada abafada me surpreendeu. "Por que um guerreiro-sacerdote?" Havia um tom de divertimento em sua voz. "Por que não um escravo mais comum dos deuses?"
Havia um sorriso naquela pergunta. Eu podia ouvi-lo. Caloroso e genuíno, e tão deslocado nesta tumba de pedra úmida e amaldiçoada.
"Não sei", eu disse baixinho, com os lábios se curvando num sorriso apesar da dor. "Sua mão parece a de um guerreiro. Forte. Firme. Larga o suficiente para quebrar o pescoço de alguém."
“Perspicaz”, murmurou ele, uma risada baixa vibrando através da palma da sua mão até a minha. “Mas não. Não sou padre, meu pequeno cervo.”
Fechei os olhos, tentando decifrar quem — ou melhor, *o que* — ele realmente era. Ele tinha poder, isso era óbvio, e eu havia lido sobre usuários de magia que residiam em outras partes do reino. Mas ele foi o primeiro que encontrei. Tinha poder suficiente para curar com um toque. Para absorver pedaços de alma como se fossem oferendas. Ele também não negava sua natureza guerreira. Talvez algum tipo de mago de batalha? Algum executor arcano?
Mas será que isso importava?
Seu polegar continuava a traçar círculos lentos e pacientes na minha pele, cada um deles acendendo um calor suave que se espalhava pelo meu braço, me ancorando. Pela primeira vez em dias, eu não estava flutuando nas consequências da dor. Eu estava *aqui*.
"Por que você está fazendo isso?", perguntei, antes que pudesse me convencer do contrário. A pergunta saiu mais vulnerável do que eu pretendia. Crua. Exposta. "Por que tentar me consolar, afinal?"
Ele fez uma pausa, e eu pude ouvir apenas o som de sua respiração — constante, silenciosa.
“Não tenho certeza”, disse ele por fim, e sua honestidade foi mais impactante do que qualquer mentira. “Talvez porque eu possa. Porque há pouquíssima bondade neste lugar.”
“Você disse que não era gentil”, lembrei-o, ouvindo novamente aquela voz fria e cortante de uma semana atrás.
“Não sou”, concordou ele, mas havia algo como um sorriso no contorno das palavras. “E, no entanto… aqui estamos nós.”

E lá estávamos nós. Eu, quebrada e machucada no chão da masmorra. Ele, acorrentado na escuridão além da parede.
Que dupla incrível nós formamos!

CAPÍTULO VINTE E OITO

# A SIMPLICIDADE DO TOQUE

VAlen não tinha vindo.

Meu corpo sabia a hora, uma consciência primitiva que não levava em conta relógios ou a luz do sol. Era quando os guardas deveriam aparecer — quando o mais velho acenaria com a cabeça, sombrio, ao entrar, quando o do meio evitaria meu olhar, quando o mais novo, com seu nariz torto, prepararia as correntes. Era quando meu coração deveria bater forte contra as costelas como uma criatura enjaulada pressentindo a aproximação do fogo. Mas o corredor além da minha cela permanecia silencioso, e o silêncio era de alguma forma pior do que a certeza da dor.

Encostei meu ouvido entre duas grades. Nada. Nem um sussurro, nem uma respiração. Os hematomas dos lábios e dedos de Valen ainda pulsavam a cada batida do coração, os mais escuros. Aquelas dores — as da parte interna das minhas coxas, a dos meus lábios — latejavam sob a minha pele. Eu esperava sentir novas dores esta noite, me preparei para elas, aceitei o inevitável. A ausência me deixou instável.

Onde ele estava?

Eu não o queria. *Não queria mesmo* . Mas a rotina, até mesmo a rotina da minha própria quebra, havia se tornado uma forma perversa de segurança. Pelo menos quando Valen se colocava diante de mim com a lâmina, o poder ou o toque punitivo, eu sabia o que a noite reservava. Eu conhecia a forma do meu sofrimento. Eu conhecia seus limites.

Agora que ele não estava mais aqui, eu não sabia *de nada* .

Encolhi-me ainda mais contra as grades, permanecendo no canto onde havia segurado a mão do meu presságio. Meus dedos tremiam com a lembrança da sua pele contra a minha — quente e áspera, com calos, mas inesperadamente suave. Imaginei se ele esperava agora como eu, à espera de passos que não vinham, pressentindo algo de errado no ar.

Meus músculos se recusavam a relaxar, a aceitar o presente desse alívio inesperado. Em vez disso, se contraíam ainda mais, a expectativa se transformando em algo mais sombrio, mais insidioso. Meu coração batia em um ritmo tenso contra minhas costelas machucadas, cada pulsação enviando uma dor surda que se irradiava através da constelação de marcas que Valen havia deixado em minha pele.

A escuridão parecia se aproximar, o silêncio ganhando peso e substância. Eu me vi esforçando para ouvir qualquer coisa — o farfalhar dos ratos, o gotejar da água, a respiração do meu presságio na cela ao lado. Mas até mesmo esses sons familiares pareciam ter me abandonado, como se a própria masmorra prendesse a respiração, à espera.

"Ele não virá."

As palavras surgiram sem serem convidadas, um sussurro que soou alto demais no silêncio opressivo. Eu não tinha certeza se falava comigo mesma ou com o prisioneiro do outro lado do muro, mas dizer em voz alta tornou tudo mais real, mais definitivo. O alívio que eu deveria ter sentido não veio. Em vez disso, o pavor revirou meu estômago. nós. Valen nunca havia quebrado seu padrão. Por que agora? O que isso significava?

Horas se passaram, marcadas apenas pelo aprofundamento das sombras à medida que a única tocha no corredor além queimava cada vez menos. Meu presságio permaneceu

em silêncio, embora eu sentisse sua presença tão seguramente quanto a pedra sob meus pés — uma energia vigilante e expectante que parecia pulsar através da parede atrás de mim.
Não consegui me obrigar a falar com ele novamente. Não depois do consolo que ele me ofereceu. Não depois de ele ter segurado minha mão e sugerido que minha alma permanecia intacta apesar de tudo o que Valen havia feito. A lembrança daquela ternura inesperada parecia dolorosa demais, perigosa demais para reconhecer. Então, sentei-me em silêncio, e ele fez o mesmo, e o silêncio entre nós se estendeu, tenso como a corda de um arco.
Quando finalmente ouvi o som de passos se aproximando, meu corpo inteiro enrijeceu. Mas não eram os passos medidos e deliberados de Valen. Eram mais rápidos, mais leves — a cadência familiar dos guardas fazendo suas rondas noturnas.
O guarda do meio apareceu à porta da minha cela, com uma bandeja de madeira nas mãos. Sem correntes. Sem instrumentos de tortura. Apenas a modesta refeição noturna que sempre traziam após as sessões de Valen. Ele pareceu surpreso ao me encontrar encurvado junto às grades, em vez de estendido, quebrado sobre o meu colchonete.
“Princesa”, disse ele, a palavra carregando uma nota de incerteza. “Sua refeição.”
Ele deslizou a bandeja pela pequena abertura na parte inferior da porta da cela. Ensopado ralo, uma crosta de pão, um copo d'água. O mesmo de sempre, mas o horário estava errado. Normalmente, eles me alimentavam depois que Valen terminava comigo, depois de limparem meus ferimentos e me vestirem com uma roupa limpa. A quebra dessa rotina, por menor que fosse, me perturbou ainda mais.
"Onde ele está?", perguntei, a pergunta escapando crua e despedaçada.
Os olhos do guarda se arregalaram ao perceber que eu havia falado, antes de desviar o olhar, sem me encarar. “O rei tem outros assuntos a tratar esta noite. ”
"O que importa?", insisti, desesperado por qualquer informação, qualquer certeza.
“Não me cabe dizer isso.” Seu tom encerrou o assunto, sua postura já se afastando da minha cela, ansioso para ir embora.
"Ele virá amanhã?" Eu deveria ter me envergonhado de como minha voz falhou ao fazer a pergunta, de como ela revelou minha necessidade da previsibilidade da dor em vez do tormento da incerteza.
O guarda hesitou, seu rosto inexpressivo. "Coma, princesa." Então ele se foi, seus passos se afastando pelo corredor, me deixando com mais perguntas do que respostas.
Encarei a bandeja, meu estômago se contraindo de ansiedade apesar da fome. A súbita quebra de rotina havia roubado até mesmo essa certeza mais simples — o conhecimento de quando eu comeria, quando dormiria, quando sentiria dor.
Com movimentos deliberados, rastejei da minha posição junto às grades para pegar a bandeja. O ensopado cheirava a legumes cozidos demais e tinha pouca carne, mas me forcei a comê-lo mesmo assim, sabendo que precisava da pouca força que ele me dava. Cada gole doía, o hematoma no meu lábio latejava com o movimento.
Valen tinha razão, eu não conseguia mais comer, falar, engolir sem pensar nele.
Me vi lançando olhares novamente para a parede que me separava do meu presságio. A morte estava lá, eu sabia. Teria ela retirado sua oferta de conforto agora que a luz do dia dissipara a vulnerabilidade da noite? Ou simplesmente não tinha nada a me dizer, seu interesse momentâneo em meu sofrimento tendo passado como uma febre passageira?

De repente, me perguntei por que ninguém nunca vinha torturá-lo. Enquanto Valen me submetia a formas de sofrimento cada vez mais criativas, a Morte permanecia impassível em sua cela. Lembrei-me de suas palavras sobre o toque — como ele podia causar dano com um simples roçar de pele contra pele. Mas certamente Valen poderia torturá-lo sem tocá-lo, como às vezes fazia comigo, usando seu poder para infligir dor à distância. .

A menos que o temesse. Talvez Valen, apesar de todo o seu poder divino, temesse provocar o que quer que estivesse acorrentado na cela ao lado da minha.

Quem era ele, de verdade? Não era um prisioneiro comum, disso não havia dúvida. Sua voz carregava a dor de séculos, suas mãos ostentavam cicatrizes que falavam de batalhas travadas em tempos imemoriais. Quando falava de almas, fazia-o com a autoridade de quem conhecia seu funcionamento intimamente.

"Morte?"

Seu nome escapou antes que eu pudesse impedi-lo, frágil na quietude entre nossas celas. Eu não pretendia falar primeiro; uma réstia de orgulho me disse para esperar, mas a ausência de Valen deixou um silêncio que eu não conseguia suportar sozinha.

Pressionei a palma da minha mão contra a pedra fria que nos separava, como se pudesse sentir a sua presença através da rocha sólida, ouvindo o som rítmico da água a cair na escuridão. Contei cada gota como se fosse uma batida do coração.

Um. Dois. Três. Quatro.

E então—

"Você me chamou, minha pequena corça?", respondeu ele por fim, com a voz baixa e rouca, entremeada por um leve sorriso. "Devo dizer, faz... bastante tempo que não recebo uma visita feminina. Quase me esqueci da etiqueta apropriada."

Um risinho discreto escapou de mim, parte choque, parte alívio. Não era engraçado, não de verdade. Mas havia algo em sua voz — um divertimento rouco, calmo e hesitante — que aliviou o nó no meu peito.

"Não sabia que existia *uma etiqueta apropriada* para falar através das paredes de uma masmorra", respondi, meus lábios machucados ardendo com o movimento. A dor era bem-vinda, um lembrete de que eu ainda estava ali, ainda era eu mesma.

“Ah, sim”, disse ele, arrastando as correntes enquanto mudava de posição. “Muito formal. Geralmente envolve vinho, luz de velas e consideravelmente menos ratos.” ”

Escapou-me outra risadinha, desta vez causando uma dor aguda nas costelas. Pressionei a mão contra elas, imaginando se aquele estranho tinha noção de como esses momentos de normalidade eram preciosos. Como se fossem encontrar um grampo de cabelo querido nas páginas de um livro esquecido.

"Ele não veio", eu disse depois de um momento, voltando ao que realmente me incomodava. "Ele sempre vem."

Houve uma pausa, um silêncio ponderado. "Sim", concordou finalmente a Morte. "Seu deus está ausente esta noite."

“Ele não é meu deus.” A negação foi rápida, instintiva.

“Não?” Algo em seu tom mudou, tornou-se plano, como se ele estivesse deliberadamente removendo qualquer emoção. “No entanto, ele te marca como sua. Te reivindica com seu toque.”

Encostei a testa nos joelhos, fechando os olhos com força para afastar a lembrança dos dedos de Valen, dos seus lábios e do prazer terrível que senti com cada um deles. "Posse não merece adoração", disse por fim. "E ele não possui nenhuma parte de mim que importe."

Meu presságio permaneceu em silêncio por um longo momento, como se estivesse ponderando minhas palavras. Eu me perguntei se ele pensava na parte de mim *que lhe* pertencia, em como ele havia me dito que era a única parte de mim que tinha algum significado.

Quando ele falou novamente, sua voz estava mais suave. Não exatamente calorosa, mas também não fria. A monotonia havia se dissipado, dando lugar a algo mais tranquilo.

“Conte-me, então, sobre a vida que você tinha antes desta cela. Quem era você quando pertencia completamente a si mesmo?”

A pergunta me pegou tão desprevenida que mal sabia o que dizer. O passado parecia pertencer a uma pessoa completamente diferente, um fantasma que assombrava os corredores do palácio de Vareth usando meu rosto.

“Eu era...” comecei, mas hesitei. Quem eu tinha sido? A filha ilegítima de um rei que publicamente detestava o fato de seu sangue correr em minhas veias. A lembrança incômoda de uma indiscrição real. Uma ninguém. “Eu nunca fui o que ninguém queria que eu fosse.” ”

"Essa não é uma resposta", disse a Morte, mas sem veemência.

Tracei um padrão na poeira do chão ao lado do meu tapete, ponderando o quanto deveria revelar. "Eu era uma sombra na casa do meu pai. Nem devidamente reconhecida, nem completamente rejeitada. Tinha certas... liberdades que vinham com meu status ambíguo." Pensei nos homens que levei para a minha cama quando a solidão se tornou insuportável, nos momentos fugazes de me sentir desejada, mesmo que apenas pelo meu corpo. "E em certas limitações."

"Você era feliz?" A simplicidade da pergunta era quase cruel em sua franqueza.

Um riso amargo escapou de mim. "Feliz? Não. Mas eu estava..." Procurei a palavra certa. "Eu estava livre, de certa forma. Livre para me mover pelo palácio, para respirar um ar que não tivesse gosto de mofo e sangue. Livre para sentir o sol no meu rosto." Fechei os olhos, lembrando-me dos jardins do palácio onde passei tantas horas, o único lugar onde senti algo próximo à paz. "A vida não me tratou bem, mas pelo menos eu não estava..."

“Um prisioneiro”, concluiu a Morte para mim.

"Sim." A palavra parecia insuficiente para conter tudo o que eu havia perdido. Minha mão deslizou até o hematoma em meus lábios, a pele sensível ainda inchada pelo beijo cruel de Valen. "Embora às vezes eu pense que sempre estive em uma espécie de gaiola. Só que maior e mais bonita."

O silêncio se estendeu entre nós novamente, mas era... diferente. Menos tenso. Me peguei pensando em sua vida antes daquela cela. Ele havia conhecido a liberdade? A alegria? Ou sua existência sempre fora definida pela escuridão e pelo confinamento?

"O que você é?" A pergunta escapou-me dos lábios, minha voz mal passando de um sussurro.

A Morte não respondeu imediatamente. Correntes se moveram suavemente, como se ele tivesse passado a mão pelos cabelos. Quando finalmente falou, sua voz carregava a mesma neutralidade cautelosa.
“O que você pensa que eu sou?”
Balancei a cabeça lentamente, embora ele não pudesse ver. "Não sei."
“Vamos lá, meu pequeno cervo. Você me chamou de 'presságio', 'Morte', 'prisioneiro', mas só agora perguntou de verdade.” Um leve divertimento retornou, mas agora acompanhado por algo mais antigo, mais profundo. "Então eu pergunto *a você* , o que você *acha que* eu sou?"
Pressionei a palma da minha mão contra a pedra, com as pontas dos dedos abertas, como se pudesse sentir a verdade pulsando por baixo dela.
“Você me disse uma vez que não era nada.”
Ele emitiu um som baixo. Contemplativo. Em espera.
“Por que você não pode me dizer?”, perguntei, minha voz agora mais áspera, cortando o silêncio com minha frustração. “Se você está insinuando que não é um prisioneiro como eu, então o quê?”
“Você já sabe, Mireille”, disse ele, com a voz suave e convicta.
Balancei a cabeça negativamente. "Não."
“Você sabe”, respondeu ele, firme como uma rocha. “Você sabe disso há algum tempo. Embora tenha tentado negar.”
Minha boca secou, meu coração acelerou num ritmo doloroso. "Você é... um feiticeiro. Um praticante de magia proibida."
Ele soltou uma risada baixa — vazia, cansada. "Tente de novo."
Minha garganta se fechou. "Um demônio", eu disse, a palavra mal saindo da minha boca. "Algo que não é deste mundo."
"Mais perto", murmurou ele. "Mas ainda não."
Fechei os olhos, encostei a bochecha na parede e deixei a verdade que eu vinha enterrando se libertar. A verdade que eu sentia desde que ouvira sua voz em meio à febre, ao sangue e à loucura.
"Um deus", sussurrei.
O silêncio que se seguiu foi confirmação suficiente.
Enrolei os dedos contra a pedra, as unhas arrastando-se inutilmente sobre sua superfície fria e inflexível.
Eu conheci *deuses* . Não um, mas *dois* . Um que me torturava na carne. E o outro — *meu arauto* — ouvia meu sofrimento. Que guardava um pedaço da minha alma.
"Não", sussurrei, com a negação transparecendo na minha voz. "Você não pode estar falando sério. Eu não... eu não vou acreditar nisso."
“A crença não muda a verdade”, disse ele simplesmente. Quase com tristeza.
Apertei os joelhos contra o peito, como se pudesse me manter firme apenas com a força de vontade. As palavras de Valen voltaram à minha mente — sua menção casual às duas celas restantes no reino mortal. Feito para abrigar deuses. Um fora dele. Agora meu. E o outro... o outro era da Morte.
Um deus. Eu estava aprisionado ao lado de um deus.

Encostei a cabeça nos joelhos, como se o gesto pudesse me proteger da atenção divina. Se ele fosse mesmo um deus... qual deles? Revirei minha memória, mas quase toda a minha educação fora moldada pelas Deusas Gêmeas, a única fé que meu pai permitira. Agora eu sabia porquê.

Ele havia capturado dois em suas masmorras.

"Como meu pai conseguiu te aprisionar?", perguntei finalmente, com a voz mais firme do que eu me sentia.

Uma risada sinistra emanou da cela ao lado. "Fascinante", disse ele, e eu quase podia imaginar sua cabeça inclinando-se em reflexão. "A maioria dos mortais, ao descobrir que está falando com um deus, primeiro pede uma bênção. Ou é salva. Ou, no mínimo, pergunta sobre a vida após a morte que os aguarda." As correntes tilintaram quando ele mudou de posição. "Mas não você. Você pergunta como fui *aprisionado* ."

A frustração me invadiu ao ver seu evidente divertimento com a situação. Endireitei-me, o sarcasmo escapando dos meus lábios. "Sinto muito por desapontá-lo", disse. "Prefere que eu me prostre? Devo me ajoelhar diante das grades e implorar por sua divina misericórdia? Eu poderia chorar e rasgar minhas vestes se isso lhe agradasse mais, embora eu tema que meus recursos estejam um tanto limitados no momento."

Seu riso veio novamente, mais profundo desta vez, com uma intensidade que parecia vibrar através da pedra entre nós. "Seria apreciado", respondeu a Morte, meus olhos revirando para o teto diante do humor descarado em sua voz. "Mas desnecessário. Eu não seria capaz de lhe conceder bênçãos mesmo que você... entregasse suas vestes e se prostrasse diante de mim."

Encostei a cabeça na pedra fria, o cansaço e a dor tornando meus membros pesados. "Só conheci um outro deus", disse depois de um momento. "E ele esculpe padrões na minha pele para..." seu divertimento. Perdoe-me se não estou ansioso para buscar bênçãos divinas."

"Uma posição razoável", respondeu a Morte, com um tom ainda divertido. "As bênçãos divinas raramente são o que os mortais esperam que sejam."

Senti minha raiva de sua divindade se dissipar. Um lampejo de compreensão surgiu, nosso sofrimento compartilhado pairando pesado no ar. Ali estava a Morte — minha mensageira, minha âncora — conversando comigo não como um deus que exige reverência, mas como uma companheira acorrentada.

"Conte-me como você foi capturado", insisti, a curiosidade se misturando à amargura que ainda persistia em meu coração. "Se você é de fato um deus, por que está acorrentado ao meu lado como qualquer outro prisioneiro?"

Ele soltou uma risada abafada, um som que reverberou na cela mal iluminada, rico e profundo, mas que carregava um traço de tristeza. Por um instante fugaz, pensei tê-lo ouvido murmurar a palavra "se", como se a própria noção de sua divindade atrelada às correntes que o prendiam fosse ridícula.

"Venha aos bares", disse ele, com a voz mais suave, um eco do pedido da noite anterior. "E eu responderei à sua pergunta."

Hesitei, meu corpo protestando contra a ideia de me mover novamente. Os hematomas que Valen havia deixado doíam, mas a curiosidade me puxou de volta para o canto onde eu havia agarrado a mão da Morte na noite anterior.

Ao chegar ao ponto de encontro de nossas celas, desci cuidadosamente até o chão. Através das grades, pude ver o contorno sombrio da mão da Morte estendendo-se de sua cela, com a palma voltada para cima em convite.
"Você vê minha mão?", perguntou ele em voz baixa.
Assenti com a cabeça, antes de me lembrar de que ele não podia me ver. "Sim."
“Carne e osso”, disse a Morte, flexionando levemente os dedos. “Como os seus. Esta forma — este corpo — é um receptáculo, também como o seu. Antes de ser acorrentado, eu podia transitar entre este disfarce e "Algo... menos tangível." Ele virou a mão lentamente, examinando-a como se fosse uma curiosidade, e não parte de si mesmo. "Nesta forma mortal, podemos... sentir como os mortais. Tocar a pele sem medo de destruir acidentalmente algo menos substancial. Mas somos mais vulneráveis."
Estudei as ranhuras de sua mão, os intrincados padrões de cicatrizes que mapeavam uma história escrita com sangue. Linhas prateadas percorriam sua palma, algumas finas como teias de aranha, outras mais profundas, mais pronunciadas. Eu queria saber a história de cada uma, de cada lâmina que o marcava.
“Você ainda não respondeu à minha pergunta”, eu disse em voz baixa.
Ele flexionou os dedos, as cicatrizes prateadas captando a pouca luz que penetrava em nossas células. Quando falou, sua voz carregava um peso que parecia pressionar o próprio ar entre nós.
“Eu estava... distraído. Tinha algo a proteger. Algo precioso além da medida.” Sua voz suavizou ao dizer essas palavras e, por um instante, pensei ter detectado uma nota de arrependimento. “Eu precisava desta forma — deste receptáculo físico — para entregá-lo em segurança.”
"O que você estava protegendo?", perguntei, atraída apesar de mim mesma.
Sua mão parou, e senti o toque de sua atenção através da escuridão. "Algo insubstituível. Uma luz neste mundo de sombras."
A imprecisão da sua resposta me frustrou, mas pressenti que ele não daria mais detalhes. "E meu pai te amparou quando você estava vulnerável."
“Sim.” A palavra carregava um peso que ia além de sua única sílaba. “Aeldrin estava esperando. Como se soubesse precisamente quando e onde eu emergiria. Como se alguém o tivesse informado sobre meu propósito neste reino mortal.” Os dedos da Morte se curvaram levemente, depois relaxaram novamente. “Poucas coisas me surpreendem depois de eras de existência, pequeno cervo. Mas isso... isso me pegou desprevenido.”
Inclinei-me para mais perto das grades, tentando vê-lo melhor nas sombras além do seu braço estendido. Estaria ele dizendo que havia sido traído? “Meu pai foi muitas coisas, mas nunca foi impulsivo. Ele deve ter planejado sua captura.” com cuidado."
“Meticulosamente”, concordou a Morte, com um tom de respeito relutante. “As runas, as correntes, as palavras de aprisionamento — tudo preparado com antecedência. Como se ele tivesse estudado como aprisionar um deus por anos.” Uma risada suave e sem humor ecoou pela escuridão. “O que, é claro, ele tinha feito.”
Sua mão girou levemente, as cicatrizes captando a luz de um ângulo diferente. "Aeldrin logo descobriu que, mesmo com meu poder enfraquecido, meu toque retinha certas... qualidades." A palavra pairou entre nós, carregada de significado. "O primeiro guarda que me tocou definhou ali mesmo, sua força vital se esvaindo em mim antes que

pudesse respirar novamente. Mesmo depois disso, dezenas perderam a vida ao meu toque, por ordem de seu pai, para me conter."
Um arrepio percorreu minha espinha ao ouvir casualmente a menção de um poder tão devastador. "Mas meu pai—"
“Evitaram habilmente tocar minha pele diretamente”, concluiu a Morte. “Daí as correntes. Muitas, muitas correntes, enroladas em cada centímetro do meu corpo que conseguiram. Foram necessários doze homens para me amarrar, e a maioria não sobreviveu ao processo.” Sua voz não demonstrava remorso, apenas um relato frio dos fatos.
Encarei a mão que se estendia através das grades — a mão que segurara a minha na noite anterior, que me oferecera conforto quando eu mais precisava. Essa mesma mão matara com um toque, extraira vida da carne com a mesma facilidade com que se tira água de um poço.
"Nós nos tocamos", sussurrei. "Mais de uma vez."
“Sim, temos.”
"Por que você não me machucou?" A pergunta tremia em meus lábios, ao mesmo tempo temerosa e curiosa.
A morte permaneceu em silêncio por um longo momento.
“Eu não queria.”
Eu deveria ter me afastado depois daquilo. Deveria ter me refugiado no canto mais distante da minha cela, mantido distância daquele ser de poder insondável e intenções desconhecidas. Em vez disso, me vi inclinando-me para mais perto, atraído por uma necessidade que não conseguia articular. .
Um deus que podia matar com um toque escolheu não me ferir. Escolheu, em vez disso, me confortar quando eu estava no meu pior momento. Eu, a filha de seu captor, seu torturador.
E eu ainda queria tocá-lo.
Lentamente, com cuidado, estendi ambas as mãos em direção às dele. Meus movimentos foram cautelosos, dando-lhe todas as oportunidades para se afastar, mas ele permaneceu imóvel, observando meus dedos pairarem sobre a palma da sua mão.
Meu coração batia forte no peito, um ritmo descontrolado que parecia ecoar pelas paredes de pedra. O medo se misturava a algo mais — uma atração por esse ser de poder que desafiava toda a razão. Ele era perigoso. Letal. Divino. E, no entanto...
Com uma coragem que talvez nascesse da tolice ou do desespero, coloquei minhas mãos de cada lado da dele, aconchegando-a entre as minhas.
A morte ficou completamente imóvel, como se meu toque a tivesse transformado em pedra, antes que um tremor a percorresse, tão leve que eu poderia tê-lo imaginado. Mas sua mão permaneceu quente e firme entre as minhas, sem ressecar minha carne nem sugar minha força vital.
Encorajada por sua imobilidade, deixei meus dedos explorarem a textura de sua pele, traçando as linhas salientes das cicatrizes, os calos que denunciavam as armas empunhadas e as batalhas travadas. Sua mão era enorme, poderosa o suficiente para esmagar ossos, mas permanecia delicada em meu aperto.
"A maioria dos mortais ficaria apavorada só de pensar em me tocar", disse a Morte, com a voz mais rouca do que antes. "Assim como muitos deuses."

A ponta do meu dedo percorreu uma cicatriz particularmente profunda que ia do seu pulso até a base do dedo médio. "Deveria estar?", perguntei, olhando para cima como se pudesse ver seu rosto através da escuridão e da pedra entre nós. "Aterrorizada, isso sim."
Um silêncio se estendeu entre nós, sua mão imóvel sob meus toques. Finalmente, ele falou, sua voz tão baixa que precisei me esforçar para ouvi-la.
“Não”, disse ele. “Você não.” ”
Retomei minha cuidadosa exploração, meus dedos se movendo em direção aos seus calos — a pele endurecida na base de cada dedo, ao longo da borda da palma da mão, entre o polegar e o indicador. Não eram os calos de um operário ou artesão, mas de um guerreiro. Alguém que empunhou armas, que as manejou com precisão mortal ao longo dos séculos.
Seus dedos se curvaram levemente, ajustando-se à pressão do meu toque. As correntes em seu pulso tilintaram suavemente com o movimento.
Eu queria memorizar a textura da sua pele, a posição de cada cicatriz, a leve aspereza dos seus nós dos dedos. Esse simples toque parecia mais íntimo do que qualquer coisa que eu já tivesse experimentado, até mesmo mais do que o prazer que Valen me impôs.
"Os deuses têm alma?", sussurrei, deslizando a ponta dos meus dedos pela curva do seu polegar.
Sua mão permaneceu firme na minha, mas senti uma leve tensão percorrer seu corpo com a minha pergunta. Por alguns instantes, ele permaneceu em silêncio, e eu me perguntei se havia ultrapassado algum limite invisível.
“Não”, disse ele simplesmente. Então, após outra pausa, acrescentou: “Os deuses são poder, vontade e eternidade, nascidos da criação em sua forma mais pura. Não existe alma dentro de nós.”
Esperei, pressentindo que havia mais algo que ele desejava dizer. Sua palma pressionou minhas mãos, um gesto que pareceu quase inconsciente.
“As emoções mortais estão ancoradas em suas almas”, continuou ele. “Elas sobem e descem como marés, atravessando vocês, transformando-os, antes de recuarem novamente. Elas os moldam, deixam impressões como pegadas na areia molhada.” Seus dedos se curvaram levemente em torno dos meus, uma pressão suave que parecia quase uma ênfase. “A divindade não tem essa âncora, sem almas.”
Franzi a testa, tentando entender. "Você está dizendo que os deuses sentem menos que os mortais?"
“Nem menos”, corrigiu ele. “Nem mais. Apenas… diferente.” Seu polegar roçou na minha testa. refinger, o gesto tão delicado que poderia ter sido acidental. “A emoção divina é... mais profunda. Mais intrínseca. Como correntes na fossa mais profunda do oceano, onde nem mesmo a luz ousa chegar.”
"Isso parece... solitário", sussurrei, surpresa com minha própria avaliação.
“Pode ser”, concordou a Morte, sua voz um murmúrio grave que parecia vibrar através de sua mão até a minha. “Quando um deus sente fúria, não é o lampejo de raiva que um mortal experimenta. É uma fúria infinita e perfeita que poderia arder por milênios sem se extinguir.” Sua voz baixou ainda mais. “Quando amamos… é algo que nos consome por completo. Torna-se o alicerce da nossa própria existência. Não um sentimento passageiro, mas a rocha sobre a qual tudo o mais se constrói.”

A força de suas palavras me envolveu, carregada de implicações. Tracei outra cicatriz, esta curva como uma lua crescente em sua palma, enquanto processava o que ele havia revelado.
"Você já amou?" A pergunta escapou antes que eu pudesse refletir sobre sua sabedoria.
Sua mão ficou completamente imóvel sob a minha. O silêncio se prolongou tanto que comecei a me perguntar se ele responderia. Quando finalmente falou, sua voz tinha um tom que eu nunca ouvira antes — algo cru e desprotegido.
"Não."
Aquela única palavra carregava uma perda tão profunda que a senti como uma dor física no peito. Quis perguntar mais, mas algo na essência do seu silêncio me impediu de insistir.
Em vez disso, compartilhei uma vulnerabilidade minha.
“Não acredito que eu tenha a capacidade de amar”, sussurrei, a confissão emergindo de algum lugar profundo e ferido dentro de mim. “Não da maneira como os outros amam.” Meus dedos continuaram seu traçado suave, seguindo outra cicatriz que ia do seu pulso em direção ao antebraço. “Eu amo minha irmã, Lysa. E minha amiga, Isolde. Mas isso é diferente.”
A morte permaneceu imóvel, permitindo meu toque, minhas palavras, sem interrupção.
.
“Nunca senti aquele amor profundo, capaz de mudar o mundo, sobre o qual os poetas escrevem.” Minha voz foi ficando ainda mais suave, quase se perdendo no gotejar distante da água. “Mesmo quando levava homens para a minha cama, era só... uma forma de sentir alguma coisa. De ser desejada, ainda que por um instante.”
“Você subestima as capacidades de sua alma mortal”, disse a Morte, sua voz igualmente suave, mas carregando uma certeza que fez meus dedos pararem de explorá-la.
"Talvez", sussurrei de volta. "Ou talvez haja algo quebrado dentro de mim. Algo que não seja suficientemente sensível para amar."
Senti um cansaço repentino, uma ardência atrás dos olhos, enquanto a tensão e a incerteza do dia finalmente me consumiam. Sem querer incomodá-lo por mais tempo do que o desejado, minhas mãos começaram a se retrair, voltando para minha cela, meu próprio isolamento.
Mas antes que eu pudesse recuar completamente, seus dedos se fecharam em torno dos meus — não agarrando ou restringindo, mas segurando com uma delicadeza que desmentia a força que eu sabia estar contida naquele aperto.
Sem dizer mais nada, seus dedos ajustaram a posição, deslizando entre os meus até que nossas mãos estivessem devidamente entrelaçadas. Palma com palma, dedo com dedo, uma união perfeita que atravessava a fronteira que separava deus de mortal, cela de cela.
A intimidade do gesto me atingiu com uma força inesperada. Não se tratava do aperto desesperado da noite anterior, da busca por conforto em meio à violação e à dor. Era algo deliberado, calculado — uma conexão escolhida, não necessária.
Ele não falou mais nada. Não se explicou nem justificou o contato contínuo. Não me pediu para ficar, embora seu toque o fizesse sem palavras. Em vez disso, simplesmente segurou minha mão na sua, o polegar roçando ocasionalmente meus nós dos dedos

num gesto que parecia quase distraído, como se fosse a coisa mais natural do mundo para a Morte acariciar a mão de uma mortal numa masmorra sob seu palácio conquistado.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

# DO CAOS

O sono me reivindicou em algum momento da noite, meus dedos ainda frouxamente entrelaçados aos da Morte através das grades.

Acordei sozinha, com a mão fria onde antes estivera o seu calor, embora não soubesse dizer se ele se afastara primeiro ou se meu próprio recuo inconsciente rompera nossa conexão.

"Presságio?", sussurrei, a palavra mal conseguindo perturbar as partículas de poeira que rodopiavam no fraco feixe de luz que entrava pela grade alta.

O silêncio respondeu, mas eu não fiquei surpresa. Adormeci agarrada à sua mão como uma criança agarrada a um cobertor de segurança. Que deus queria isso?

Mesmo assim, horas depois, lá estava eu, sentado encostado na parede que dividíamos, observando o fino raio de luz do dia seguir seu caminho. Com o cair da tarde, meus dedos deslizavam pelo chão da minha cela, traçando o contorno dos meus lábios inchados.

O silêncio era uma bênção. Sem guardas, sem Valen, sem exigências. Fechei os olhos, concentrando-me no simples ato de existir. Respirando. Inspirando. Expirando. A paz momentânea —

Assobio.

A melodia era alegre, quase propositalmente animada. Ecoava pelas paredes da masmorra, ficando mais alta à medida que se aproximava. Debaixo dela vinham passos, mas estavam errados. Leves demais, rápidos demais, sem a passada cadenciada dos guardas ou o ritmo deliberado de Valen.

Endireitei-me ainda mais, ignorando as reclamações do meu corpo dolorido. Quem quer que viesse, eu não o receberia estirado no chão. Pelo menos, ainda me restava um pouco de orgulho.

O assobio cessou quando os passos pararam do lado de fora da minha cela. Mantive os olhos fixos na parede oposta, recusando-me a reconhecer a presença do visitante. Mas a curiosidade, essa maldita fraqueza, finalmente obrigou meu olhar a se voltar para as grades.

Um homem estava parado diante da minha cela, embora "homem" parecesse uma palavra inadequada para descrever aquela criatura. Ele era belo de uma forma que doía olhar, de pele dourada e traços finos, com olhos que brilhavam como âmbar polido na penumbra. Seus cabelos escuros estavam elaboradamente trançados e presos com contas que cintilavam a cada leve movimento de sua cabeça. Vestia roupas finas que pareciam obscenamente deslocadas naquele ambiente úmido — uma camisa de seda da cor de vinho envelhecido, calças de couro macio, botas que não apresentavam um único arranhão, apesar da imundície do chão da masmorra.

Tudo nele era inadequado para aquele ambiente — brilhante demais, limpo demais, vivo demais. Parecia um cortesão que se perdera após um banquete no palácio e acabara no inferno, mas seu sorriso... seu sorriso pertencia àquelas sombras. Seus lábios carnudos se curvavam num gesto predatório, algo que prometia dor, entregue com risos.

Ele se encostou nas grades da minha cela, sua postura tão casualmente desrespeitosa com os limites que eu soube instantaneamente que ele era... Não era um visitante qualquer. Seus olhos me percorreram, avaliando minha aparência desarrumada com ares de um conhecedor examinando uma curiosidade.
"Bem", disse ele arrastando as palavras, com a voz suave como mel sobre cacos de vidro, "você está um verdadeiro desastre."
Algo em seu tom, a crueldade casual envolta em veludo, fez minha pele arrepiar de alerta. Não disse nada, observando-o enquanto se inclinava para trás, com as mãos cruzadas atrás das costas como um colegial admirando uma criatura enjaulada em um zoológico.
“Os hematomas lhe caem bem”, continuou ele, inclinando a cabeça para examinar melhor meu rosto. “Vharok sempre teve um toque artístico. Mas devo dizer, Princesa, seus olhos parecem que você esteve chorando sangue.” Ele estalou a língua em fingida compaixão. “Que pena estragar um rosto tão lindo.”
Antes que eu pudesse responder, ou decidir se valeria a pena o esforço de responder, outra voz falou.
Uma voz como uma lâmina sendo desembainhada lentamente. Silenciosa, comedida, mas prenunciando violência a cada sílaba.
“Cassimir.”
Nenhuma demonstração de afeto por parte do meu arauto. Nenhuma pergunta. Apenas reconhecimento.
O estranho dourado ficou imóvel.
Então, lentamente, seu sorriso se alargou, revelando dentes demais nas sombras. Ele se virou para a parede que separava nossas celas, a cabeça inclinada como se tivesse ouvido o sussurro de um fantasma.
“Olá, velho amigo”, disse ele alegremente, com a voz carregada de falsa afeição. “Que bom ouvir sua voz depois de tanto tempo. Embora... devo admitir, o cativeiro não tenha feito muito pelo seu charme.”
Uma pausa. E então—
“Tão preocupado com o meu charme, Kas?” A voz da Morte estava mais baixa agora, mais fria. Cada palavra caía como uma gota de sangue em água parada. “Por que você não se aproxima? Vamos nos reencontrar... como deve ser.” ”
Kassimir riu, o som brilhante e terrível na penumbra. "Ah, não acho. Gosto bastante da minha pele onde está, presa ao resto do meu corpo." Ele se virou para mim, os olhos brilhando. "Ele sempre foi tão dramático, seu vizinho. Cheio de ameaças terríveis e declarações sombrias. Você sabia disso? Ou ele tem mantido o jeito de ser o tipo forte e silencioso dos últimos vinte e tantos anos?"
Não respondi. Estava cansada demais para jogos, desconfiada demais desse novo jogador que invadira meu pesadelo com lábios sussurrantes e olhar mentiroso. Em vez disso, observei-o, notando a energia contida sob sua postura casual, o jeito como seus dedos batucavam um ritmo impaciente contra as grades. Tudo nele gritava perigo, mas era um tipo diferente daquele ao qual eu estava acostumada.
A crueldade de Valen era calculada, precisa. O perigo que aquele homem representava era... caótico. Imprevisível. Seus olhos continham a malícia alegre de uma criança

arrancando asas de insetos, seu sorriso a antecipação de ver algo belo se desfazer de maneiras inesperadas.
“Você não é muito falante, não é?” observou Kassimir, num tom que sugeria que ele achava aquilo ao mesmo tempo decepcionante e intrigante. “Depois de todas as histórias que ouvi sobre a princesa de língua afiada, eu esperava mais.”
Mantive-me em silêncio, relutante em dançar conforme a música dele simplesmente porque era o que ele esperava. Algo me dizia que negar-lhe a reação que buscava o frustraria mais do que qualquer comentário cortante.
Seus olhos se estreitaram ligeiramente, o único indício de que meu silêncio de fato o havia irritado. Então seu sorriso retornou, mais brilhante e mais perigoso do que antes.
“Que grosseria a minha”, disse ele, levando a mão ao peito em fingida contrição. “Kassimir, Deus do Caos, ao seu dispor. Embora possa me chamar de Kas, como todos os meus amigos fazem.” Seu sorriso se acirrou enquanto ele fazia uma reverência zombeteira. “Incluindo meu antigo companheiro, seu vizinho mal-humorado. Temos tanta história juntos.” ”
Um tremor percorreu a pedra atrás de mim — não a luta frenética de um prisioneiro contra as correntes, mas algo mais profundo, mais controlado. Poder, percebi. A Morte não se movera, não sacudira as correntes nem se atirara contra as grades. Ela simplesmente... mudara algo dentro de si, e o mundo respondera.
“Ex-companheiro”, ecoou a Morte, cada palavra precisa e cortante. “Uma forma tão delicada de descrever uma traição.”
“Ora, vamos lá”, disse Kassimir, acenando com a mão em sinal de desdém. “A traição é tão cruel. Você sempre soube da minha natureza. Do que eu sou. Do que eu faço.” Ele me lançou um olhar, piscando como se tivéssemos uma piada interna. “O caos não escolhe lados, princesa.”
Seu olhar então percorreu meu corpo com uma lentidão deliberada, como o de um predador avaliando não se deveria devorar sua presa, mas sim como melhor saborear o processo. Havia algo pior do que mero interesse em seu olhar — uma crueldade casual, um tédio em busca de entretenimento a qualquer custo.
“Nosso Vharok tem sido bastante... atencioso com você, não é?” observou Kassimir. “Essas lindas marcas roxas.”
Sua mão atravessou as grades, como se quisesse me tocar. Recuei instintivamente, pressionando as costas com mais força contra a parede que me separava da Morte. Através da pedra, senti, mais do que ouvi, uma vibração baixa, como o rugido de alguma besta colossal se preparando para atacar.
“Você não vai tocá-la, Kassimir.” A voz da Morte cortou a pedra, precisa como a lâmina de um cirurgião e duas vezes mais fria. “A menos que você queira saber qual é o gosto da eternidade enquanto eu a rasgo pela sua garganta.”
O sorriso de Kassimir se alargou, um deleite genuíno dançando em seus olhos âmbar. "Ah, ouça só." Ele se dirigiu a mim diretamente, como se me convidasse a compartilhar de sua diversão. "Tão protetor." Ele inclinou a cabeça, me estudando com renovado interesse. "Você tem alguma ideia do que ele é?"
Permaneci em silêncio, mas meus dedos se fecharam em punhos ao lado do corpo. Minhas unhas cravaram-se nas palmas das minhas mãos, causando uma pequena dor.

me ancorando, impedindo-me de demonstrar o medo que ameaçava subir como bile pela minha garganta.
“Suponho que não deveria me surpreender”, continuou Kassimir, puxando a mão de volta. “Ele sempre teve uma queda por coisas bonitas. Mortais ou não.” Ele olhou para a parede que separava nossas celas. “Lembra da Aline? A pequena semideusa da primavera das ilhas ocidentais? Você tinha tantos planos para ela. Vamos tentar não repetir esses erros com a nossa pequena e bela destroçada, hein?”
A vibração contra minhas costas se intensificou, o poder fluindo através da pedra. Eu podia sentir a fúria da Morte como uma presença física, pressionando as barreiras que a continham, buscando qualquer brecha, qualquer fraqueza por onde pudesse escapar.
“Que nobreza da sua parte”, eu finalmente disse, com a voz mais rouca do que pretendia. “Preocupar-se com o meu bem-estar futuro. Estou verdadeiramente *comovida* com a sua compaixão.”
A cabeça de Kassimir virou-se bruscamente na minha direção, a surpresa cruzando seus traços perfeitos antes de um sorriso lento e genuíno se espalhar por seu rosto. Esse sorriso alcançou seus olhos, acendendo neles algo como um prazer verdadeiro.
“Ah, ela fala! E com um veneno tão encantador.” Suas mãos envolveram completamente as minhas grades. “Eu entendo por que ele está intrigado. Por que ambos estão intrigados, na verdade. Vharok mencionou que você tinha fogo sob toda essa pompa real, mas pensei que talvez ele já o tivesse extinguido.”
Ele estendeu a mão novamente como se fosse tocar meu rosto, os dedos pairando rente à minha pele. Senti seu calor — não o calor divino do toque de Valen, mas algo mais volátil, imprevisível. Como estar perto demais de um raio, sabendo que ele pode cair em qualquer lugar, a qualquer momento, obedecendo a leis caóticas demais para prever.
"Não faça isso." A palavra surgiu como uma ordem.
Eu não imploraria. Nem para ele, nem para ninguém.
Sua mão hesitou, depois recuou, mas o sorriso permaneceu. "Como desejar." Ele deu um passo para trás, gesticulando em direção à porta. "Infelizmente, não vim aqui apenas para gentilezas. Você e eu, bastante destroçados, temos compromissos." ”
"Onde?", perguntei, enquanto os guardas — que, notei, não eram meus guardas — se aproximavam com um molho de chaves de ferro.
“Vharok tem planos para você hoje”, respondeu Kassimir. “Planos especiais. Mas não se preocupe. Tenho certeza de que você sobreviverá... Quase certeza.”
A porta da cela rangeu ao abrir, e Kassimir entrou, estendendo a mão como se fosse um cavalheiro em vez do meu mais novo carcereiro. "Vamos?", perguntou Kassimir, gesticulando em direção à porta aberta com uma cortesia exagerada.
Ignorando a mão dele, eu me levantei.
"Se ela for ferida", a voz da Morte veio de sua cela, suave como a neve caindo, mas de alguma forma preenchendo toda a masmorra, "encontrarei a fenda em cada reino e o puxarei através dela, Kassimir. Despedaçarei sua essência tão completamente que nem mesmo a memória de você restará."

A ameaça pairava entre nós três, terrível em sua silenciosa certeza. Era uma promessa, proferida com a calma segurança de quem tinha o poder de cumpri-la, independentemente de correntes, muros ou limitações divinas.
Pela primeira vez desde sua chegada, a fachada de Kassimir vacilou. Um músculo em sua mandíbula se contraiu, sua postura enrijecendo quase imperceptivelmente. O âmbar de seus olhos pareceu tremeluzir, como chamas perturbadas por um vento imperceptível. Então, tão rápido quanto surgiu, o momento de vulnerabilidade passou, selado sob camadas de indiferença praticada.
“Ameaças ousadas de um deus acorrentado.” Ele segurou meu braço, seu aperto surpreendentemente gentil, mas inquebrável. “Além disso, por que alguém danificaria o brinquedo favorito do rei?”
Ao cruzar a soleira, olhei para trás — não para Kassimir, nem para os guardas, mas para o muro que me separava da Morte, desesperado por ao menos um vislumbre do meu presságio.
Kassimir percebeu a direção do meu olhar e deliberadamente se colocou entre nós, sua alta estatura bloqueando minha visão da cela da Morte. "Sem despedidas calorosas, receio", disse ele, com a voz carregada de fingido arrependimento. "Estamos com o tempo bem apertado." ”
A morte bateu nas grades então, o som me fazendo pular após o estrondo silencioso de antes.
“Vamos, princesa”, disse Kassimir, com a voz deliberadamente suave. “Vamos deixá-lo com seu chilique.”
Dei um passo, depois outro, cada um me afastando ainda mais da cela que tinha sido meu mundo por semanas incontáveis. Os dedos de Kassimir envolveram meu pulso como uma algema de carne quente, seu aperto enganosamente gentil enquanto ele me guiava pelos corredores sinuosos da minha prisão.
E a cada passo, a presença da Morte recuava. Aquele peso estranho e reconfortante tornava-se cada vez mais fraco, a conexão entre nós se esvaía até que eu mal conseguia senti-la. Sua ameaça final a Kassimir ecoava em minha mente, uma promessa de violência tão absoluta que transcendia os limites da mortalidade e da divindade.
*Se ela sofrer algum mal, encontrarei a brecha em todos os reinos e a puxarei através dela.*



Subimos degraus de pedra em espiral, cada um me afastando ainda mais da escuridão úmida que eu conhecia como lar. Minhas pernas tremiam com o esforço, o confinamento enfraquecendo músculos antes acostumados a passeios diários e longas caminhadas pelos jardins do palácio. Kassimir diminuiu o passo sem dizer nada, seu polegar acariciando distraidamente o ponto de pulsação no meu pulso — não por gentileza, eu suspeitava, mas para sentir a palpitação do meu coração, para avaliar minha fraqueza.
“Quase lá, princesa”, disse ele, com a voz transbordando diversão. “Já faz tanto tempo que você se esqueceu do caminho?”
Eu não havia esquecido. Mas o caminho parecia estranho agora, como se eu estivesse caminhando pela memória de um lugar em vez do lugar em si. O próprio lugar. A

pedra sob meus pés descalços gradualmente deu lugar ao mármore, frio e liso. O ar também mudou. Não mais denso de mofo e desespero, mas mais leve, perfumado com cera de abelha e a lavanda que sempre queimava nos corredores do palácio.
A luz agrediu meus olhos quando saímos da escadaria dos criados para um corredor ensolarado. Recuei, erguendo o braço livre para proteger o rosto do brilho que entrava pelas altas janelas. Depois do crepúsculo perpétuo da masmorra, a luz do dia parecia violência.
“Ah, sim”, disse Kassimir, observando minha reação com interesse clínico. “O sol. Imagino que seja um choque e tanto depois da sua pequena estadia lá embaixo. Não se preocupe, seus olhos vão se acostumar. O corpo humano é notavelmente adaptável, não é? Mesmo às circunstâncias mais extremas.”
Não me dignei a respondê-lo, baixando o braço gradualmente e semicerrando os olhos contra a luz enquanto continuávamos pelo corredor. Guardas posicionados em intervalos mal olhavam em nossa direção, suas expressões cuidadosamente inexpressivas. Reconheci alguns deles. Eram homens Vareth, agora vestindo as cores de Valen. Imaginei quantos haviam testemunhado a execução do meu pai, quantos haviam assistido Valen massacrar meus meio-irmãos.
O corredor se estreitou e então se abriu para a ala leste do palácio — minha ala, onde ficavam meus aposentos desde a infância. Senti um aperto no peito quando Kassimir parou diante da porta esculpida que me era familiar. Parecia uma eternidade desde que estivera ali, uma pessoa diferente havia passado por aquela entrada pela última vez.
Kassimir abriu a porta sem cerimônia, fazendo um gesto para que eu passasse primeiro. "Depois de você."
Entrei e paralisei, desorientada pela perfeição preservada diante de mim. Nada havia mudado. A mesma seda pálida adornava as janelas, os mesmos livros enfeitavam as prateleiras, a mesma escova de prata repousava sobre a penteadeira onde eu a deixara na manhã do meu casamento. Era como se o quarto... havia sido suspensa no tempo, à espera de uma amante que já não existia.
“Inacreditável, não é?” Kassimir fechou a porta atrás de nós, encostando-se nela enquanto observava minha reação. “Vharok ordenou que fosse mantida exatamente como você a deixou. Pessoalmente, achei isso um tanto sentimental, mas nosso rei tem suas... peculiaridades.”
Caminhei em direção à penteadeira, atraída pelos objetos familiares ali presentes. As pontas dos meus dedos, sujas e com unhas quebradas, pairaram sobre a escova de prata. Não consegui me obrigar a tocá-la, a contaminar essa relíquia imaculada da minha vida anterior.
"Por que estou aqui?" Minha voz soava estranha nesta sala. Áspera demais, oca demais para este ambiente delicado.
Kassimir se afastou da porta, adentrando ainda mais a câmara com a naturalidade de quem se sente completamente à vontade em uma invasão. "Haverá um banquete esta noite. Um evento grandioso. Vharok se apresentará formalmente aos nobres de Vareth. Pelo menos, àqueles que sobreviveram à sua... reestruturação inicial."
Mal conseguindo conter uma careta ao ouvir suas palavras, observei-o passar o dedo pelas lombadas dos meus livros, aparentemente fascinado pelos detalhes banais da minha vida anterior. "Você deve comparecer, é claro. Portanto—" Ele gesticulou em

direção a uma porta onde o vapor subia convidativamente para dentro do cômodo. "Um banho foi preparado. Sugiro que o utilize. Você está fedendo a merda."
A franqueza da sua avaliação não me incomodou. Na verdade, quase me fez rir, mas me contive enquanto caminhava em direção à câmara de banho, atraída pela promessa da água quente em contato com a minha pele. Depois de uma semana sendo limpa com panos úmidos por guardas constrangidos demais para me encarar, a ideia de verdadeira limpeza era inebriante.
A grande banheira de cobre dominava o pequeno cômodo, cheia de água fumegante. Ao lado, uma mesa continha sabonetes, óleos e panos — os utensílios familiares de um ritual que outrora marcava o início e o fim dos meus dias. Agora, pareciam artefatos de outra vida, pertencentes a uma mulher que morrera na noite em que Valen revelou sua verdadeira natureza. .
Sem hesitar, peguei na barra da minha camisola imunda e puxei-a por cima da cabeça. A nudez perdera todo o significado na masmorra. Meu corpo não era mais um santuário privado, mas uma tela para a crueldade de Valen, exibida e usada a seu bel-prazer. Por que eu deveria me importar se Kassimir a visse agora?
Deixei cair a roupa suja no chão e entrei na banheira, ofegando quando a água quente envolveu minhas pernas. A temperatura era quase dolorosa, mas eu a acolhi, afundando até que a água chegasse aos meus ombros. O calor penetrou minha pele, infiltrando-se nos músculos que estiveram gelados por um tempo que pareceu uma eternidade.
O aroma de jasmim subia com o vapor — aparentemente a fragrância preferida da minha mãe, segundo a minha babá. Uma fragrância que adotei. A familiaridade dela despertou algo sensível em mim, uma ferida que eu pensava estar cicatrizada pelo sofrimento. Fechei os olhos, inspirando profundamente, tentando resgatar algum fragmento da mulher que eu fora.
"Eu não tentaria nenhuma tolice." A voz de Kassimir me assustou. Abri os olhos e o encontrei encostado no batente da porta, me observando com a mesma curiosidade distante. "O Deus do Sangue foi bem específico sobre entregá-la intacta para as festividades desta noite."
Encarei seu olhar fixamente. "Não tenho para onde ir."
Algo como decepção passou por seu rosto. "Que pragmatismo deprimente da sua parte. Eu esperava por alguma fuga fútil. Essas são sempre divertidas."
Ignorando-o, peguei o sabonete — um oval pálido com aroma de jasmim e mel — e comecei a me lavar metodicamente. Primeiro os braços, depois o peito, o estômago, cada movimento mecânico e deliberado. A água turva com sujeira e sangue seco, resquícios do meu cativeiro se dissipando da minha pele.
Acima da banheira, havia um pequeno espelho, inclinado para que os banhistas pudessem se ver. Avistei meu reflexo e fiquei imóvel, com o sabonete suspenso acima da água. A mulher me encarava. De costas estava uma estranha. De bochechas encovadas, com olheiras sob olhos salpicados de prata que pareciam grandes demais para o seu rosto. Hematomas roxo-azulados circundavam sua boca, onde o beijo cruel de Valen a havia marcado. Outras marcas — mais escuras, mais feias — manchavam seu pescoço e clavícula.

Toquei meus lábios suavemente, observando meu reflexo imitar o gesto. A carne estava macia, inchada nos lugares onde havia se rompido. Essas não eram marcas de paixão, mas de posse… lembretes visíveis de que meu corpo pertencia a ele.
"Ele certamente deixou sua marca, não é?" comentou Kassimir, ainda observando da porta. "Embora eu deva dizer, falta-lhe o seu habitual... charme implacável. Talvez ele tenha se afeiçoado a você."
Ignorei-o, concentrando-me nas minhas mãos enquanto as esfregava debaixo da água. A sujidade tinha-se incrustado debaixo das minhas unhas, delineando-as de preto. Esfreguei com mais força, usando a unha do polegar para cavar debaixo de cada unha, observando como as marcas escuras deveriam dar lugar a superfícies limpas.
Mas não funcionou. Por mais que eu esfregasse, a escuridão permanecia, teimosa e acusadora.
Esfreguei com mais freneticamente, meus movimentos perdendo a precisão metódica à medida que o pânico subia pela minha garganta. Minhas unhas precisavam estar limpas. Eu não poderia participar de um banquete — não poderia sentar ao lado de Valen — com sujeira presa sob minhas unhas como prova.
"Eles não vão confessar", murmurei, mais para mim mesma do que para Kassimir. Minha respiração acelerou enquanto eu raspava com mais força, fazendo sangrar das minhas cutículas.
"O que não será revelado?" perguntou Kassimir, mudando ligeiramente o tom de voz. Pela primeira vez, ele parecia genuinamente curioso, em vez de zombeteiro.
“A sujeira.” Levantei as mãos contra a luz, examinando cada unha com crescente desespero. “O sangue. Está debaixo das minhas unhas. Nas minhas mãos. Eu não consigo—” Parei de falar, mergulhando as mãos de volta na água e pegando uma pequena escova para esfregar as pontas dos dedos. .
Kassimir se endireitou, afastando-se da parede, um lampejo de inquietação cruzando seu rosto. "Você não tem sangue nas mãos", disse ele, num tom surpreendentemente gentil. "Você está limpo. Pare antes que se machuque."
Mas eu não conseguia parar. Uma parte de mim sabia que ele tinha razão, que as manchas que eu via eram imaginárias, mas a compulsão de esfregar era irresistível. Minhas unhas arranhavam minhas mãos, deixando marcas vermelhas e ásperas. A dor era distante, secundária à necessidade premente de estar limpa.
Eu não conseguia respirar. As paredes da cabine de banho pareciam me pressionar, o ar denso e sufocante. O aroma de jasmim, que antes me confortava, agora me sufocava, enjoativo e opressivo. A água, que momentos antes me parecera tão luxuosa, agora parecia me pesar, me aprisionar.
Sem pensar, deslizei para baixo da superfície da água, deixando-a fechar sobre minha cabeça. O mundo tornou-se abafado, distante. Meus cabelos flutuavam ao redor do meu rosto como algas marinhas, obscurecendo minha visão. Mantive os olhos abertos, fitando o teto além, através da superfície ondulante.
Prendi a respiração até meus pulmões arderem, até pontos luminosos dançarem nas bordas da minha visão. Havia uma estranha paz nisso — esse afogamento controlado, essa pequena rebelião contra o instinto de sobrevivência do meu corpo. Eu podia escolher isso. Eu podia decidir quando respirar, quando emergir. Quando não. Era a única escolha que me restava.

A vontade de respirar aumentou, uma pressão se acumulando no meu peito, mas resisti. Só mais um pouco. Só mais alguns segundos de paz.
Meus pulmões começaram a ter espasmos, meu corpo lutando contra minha vontade de permanecer submerso. Pontos pretos dançavam nas bordas da minha visão. Mesmo assim, permaneci debaixo d'água, testando os limites da resistência, flertando com a beira da consciência.
Então, quando a escuridão começou a se infiltrar na periferia da minha visão, mãos fortes mergulharam na água, agarrando meus ombros e me puxando para cima. Eu me quebrei. emergi com um suspiro, a água escorrendo do meu cabelo e rosto enquanto eu engasgava com o ar que meus pulmões famintos inspiravam.
O rosto de Kassimir pairava a centímetros do meu, seus olhos dourados já não demonstravam divertimento, mas sim uma irritação cortante. "Eu disse que não era tolice", sibilou ele, seus dedos cravando-se em meus ombros com força suficiente para causar hematomas. "Você acha que a morte a libertaria dele? Vharok é um Deus. Um dos primeiros. Não há escapatória — nem pela morte, nem pela loucura."
Pisquei para afastar as lágrimas dos meus olhos, estranhamente calma agora que o feitiço momentâneo havia se dissipado. "Eu estava apenas lavando o cabelo."
Seu aperto se intensificou e, por um instante, sua pele adquiriu um brilho dourado, irradiando calor de suas mãos. "Não brinque comigo, Princesa. Não sou tão paciente quanto Vharok, nem tão interessado em sua existência."
"Então por que me impedir?", perguntei, genuinamente curioso.
A expressão de Kassimir mudou, a raiva recuando por trás de sua habitual máscara de divertimento indiferente. Ele me soltou, afastando-se da banheira. "Porque Vharok ficaria descontente. E, ao contrário do que você possa pensar, não tenho nenhum desejo de incorrer na ira do Deus do Sangue. Agora termine seu banho. Chegaremos em breve."
Ele se virou e saiu da sala de banho, embora eu soubesse que ele permanecera no quarto além, ainda guardando, ainda observando. Suas palavras sobre Vharok—Valen—ser um dos primeiros deuses eram algo que eu teria que revisitar, mas por ora, afundei novamente na água fria, terminando metodicamente o que havia começado. Sabonete. Enxágue. Óleo para o cabelo. Cada ação realizada com precisão mecânica, rituais preparatórios para qualquer apresentação que Valen tivesse planejado.
O sangue permaneceu debaixo das minhas unhas.

CAPÍTULO TRINTA

# UM DESTRUIDOR

EUemergiu da água fria do banho como uma criatura que troca de pele.

Peguei o pano de secar roupa que estava ao lado da banheira e me enrolei nele para me secar. Que sensação perturbadora, a pele limpa pingando no mármore polido, cercada pelos objetos da minha vida anterior. Uma intrusa nos aposentos de uma mulher morta.

Senti um arrepio percorrer meus braços enquanto retornava ao quarto. Kassimir havia se recolhido à janela, de costas para mim, contemplando os jardins do palácio. O sol do fim da tarde banhava seu perfil, realçando a perfeição sobre-humana de seus traços. Ele não se virou quando entrei, oferecendo uma ilusão de privacidade. sabia que era falso.

Sobre a cama jazia um vestido, negro como a meia-noite, com um brilho que capturava e distorcia a luz como a superfície de águas escuras. Aproximei-me dele com cautela, como se pudesse se erguer e atacar. O tecido era diferente de tudo que eu já havia usado. Não eram os pesados brocados e veludos de Vareth, nem as rígidas sedas cerimoniais das funções da corte. Este material fluía como um líquido, tão fino que parecia quase vivo.

Toquei-o hesitante. A textura era estranha, lisa, mas com uma aderência quase imperceptível contra a ponta dos meus dedos, como as farpas invisíveis de uma teia de aranha. Um arrepio percorreu meu corpo ao pensar nisso. Aquilo não era uma criação dos Vareth. Era uma vestimenta Nocthar, feita para celebrações banhadas em sangue.

"Um presente do seu marido", comentou Kassimir, ainda olhando pela janela. "Seda fiada tingida com algo muito especial. Não é sangue, caso você estivesse se perguntando. Embora me tenham dito que o processo envolve um ou dois sacrifícios."

Não respondi, apenas levantei o vestido da cama. Era quase leve como uma pluma, deslizando pelas minhas mãos como água. Notei que não havia roupa íntima. Claro que não. Aquilo seria um espetáculo, não apenas uma aparição.

Larguei o pano que estava secando e vesti o vestido num movimento fluido. O tecido acomodou-se contra a minha pele com uma intimidade perturbadora, moldando-se a cada curva e contorno do meu corpo como se tivesse sido pintado em vez de drapeado. O decote mergulhava profundamente entre os meus seios, enquanto as costas desciam quase até a base da minha coluna. A saia aderiu aos meus quadris antes de cair num movimento enganosamente modesto até o chão, o tecido tão fino que a luz o atravessava quando esticado sobre a minha pele, tornando-o quase transparente em alguns pontos.

Deveria ter sido humilhante. Talvez o fato de eu não ter sentido absolutamente nada tenha sido um reflexo de quão baixo eu havia caído.

Fui até a penteadeira e sentei-me diante do espelho, encarando meu reflexo com um distanciamento clínico. A mulher que me encarava era ao mesmo tempo familiar e estranha — um fantasma. vestindo meu rosto. Passei horas nesta mesma mesa, observando criadas arrumarem meu cabelo em elaborados penteados de corte, aplicando cores sutis em meus lábios e bochechas para realçar traços considerados bonitos o suficiente, ouvindo as aventuras descontroladas de Isolda em Anorath.

Agora, com as bochechas encovadas e olhos prateados assombrados, descobri que era verdadeiramente bela pela primeira vez. Os hematomas ao redor da minha boca

contrastavam fortemente com a minha pele pálida, a seda negra acentuando a minha magreza, a minha emaciação transformando-se em algo etéreo. Eu parecia uma criatura suspensa entre a vida e a morte, usando a mortalidade como um disfarce temporário.
Eu era linda por ainda estar aqui. Eu ainda estava viva.
Levei as mãos trêmulas aos meus cabelos úmidos, desembaraçando-os com os dedos. O movimento familiar era reconfortante, um ritual que pertencia à Mireille de outrora. Enquanto separava as mechas escuras em três seções e começava a trançá-las, me perguntei se ainda restava algo daquela mulher sob essa casca vazia, ou se ela havia morrido na noite em que Valen a jogou em uma cela.
“Permita-me”, disse Kassimir de repente, aparecendo atrás de mim no espelho. Antes que eu pudesse protestar, seus dedos substituíram os meus, trançando meu cabelo com uma destreza surpreendente. “Eu tenho irmãs”, explicou ele, percebendo meu olhar inquisitivo no espelho. “Muitas, muitas irmãs. Você ficaria surpresa com o quão úteis podem ser as habilidades de cabeleireiro na hora de negociar as intrigas divinas da família.”
Seu toque era impessoal, quase gentil, enquanto ele começava a trançar meu cabelo em penteados elaborados.
“Passei algum tempo nas florestas do norte de Vareth na semana passada”, disse Kassimir casualmente, com o olhar fixo em seu trabalho. “Uma vilazinha encantadora chamada Greenbriar. Pitoresca, na verdade. As pessoas de lá foram extremamente hospitaleiras com um viajante cansado.” Seus olhos encontraram os meus no espelho, observando minha reação com um foco repentinamente predatório. “Especialmente uma jovem espirituosa chamada Isolda. E sua pequena companheira — Lysa, creio? Uma criança encantadora.”
Meu corpo inteiro enrijeceu, meu reflexo no espelho de repente pálido como a morte. O mundo se reduziu a um ponto minúsculo, tudo O som abafado pelas batidas frenéticas do meu coração. Não eles. Não Isolda. Não Lysa. Valen tinha me dito que estavam a salvo. Que ele os deixara escapar. Como fui tola em acreditar nele.
"O que você fez com eles?", sussurrei, com a voz frágil e quebrada.
“O que fizeram com eles?” Os dedos de Kassimir pararam em meu cabelo. Seus olhos mantiveram os meus fixos no espelho, algo indecifrável cintilando em suas profundezas douradas. “Nada. Eles estão muito bem, considerando tudo.”
Minha mente se encheu de possibilidades horríveis — o espírito desafiador de Isolda quebrado, a pequena Lysa chorando por uma irmã que a havia abandonado.
As mãos de Kassimir se fecharam em meus ombros quando tentei me levantar, me mantendo firmemente no lugar. Seu aperto era suave, mas imóvel, como ser contida por aço quente.
“Acalme-se”, murmurou ele, com uma voz surpreendentemente suave. “Eles estão ilesos. E assim permanecerão.”
Lutei contra seu aperto, o pânico superando a razão. "Se você os tocou—"
“Paz, princesa.” Seus dedos se apertaram ligeiramente. “Fui enviado para encontrá-los, sim. Valen queria que fossem vigiados, caso precisassem ser trazidos de volta à corte.”
Seus olhos se estreitaram um pouco, explicando o que suas palavras não deixavam claro. Eles deveriam ser vigiados como garantia da minha obediência contínua. “Mas isso não vai acontecer.”

Fiquei paralisada, incrédula. "O quê?"
“Sua amiga e sua irmã continuam escondidas em segurança em Greenbriar.” Suas mãos afrouxaram o aperto em meus ombros, uma delas subindo para retomar a trança em meu cabelo com uma precisão casual. “Eu disse a Valen que não consegui encontrá-las. Que elas devem ter fugido mais para o norte, talvez para as montanhas.”
Examinei seu rosto no espelho, procurando por engano. "Por que você o desafiaria? Ele é o seu rei."
“Minha aliança com Valen é... complicada.” Kassimir retomou a trança no meu cabelo, seus movimentos agora mais suaves. “Eu Sirva-o agora porque a alternativa seria desagradável. Mas eu traço certas linhas.” Seus dedos pararam, os olhos encontrando os meus no reflexo. “Não o ajudarei a prejudicá-los. Eles permanecerão escondidos, e eu garantirei que continuem assim.”
As lágrimas ameaçavam cair. "Eu não entendo."
“Você não precisa entender.” Sua voz estava quase inaudível agora. “Saiba apenas que, embora eu possa ser muitas coisas terríveis, não sou um monstro que caça crianças. Sua Isolda e a pequena Lysa permanecerão a salvo do alcance do seu marido. Dou-lhe a minha palavra.”
A palavra dele. A palavra de um deus que traiu outro deus. Um companheiro próximo, como o próprio Kassimir disse. E, no entanto, havia algo em seus olhos que me fazia querer acreditar nele. Um lampejo de humanidade sob a arrogância divina, talvez, ou simplesmente minha necessidade desesperada de me agarrar a qualquer esperança quanto à segurança da minha irmã.
Ele finalizou as tranças com uma torção precisa, prendendo-as em uma coroa ao redor da minha cabeça. Seus dedos demoraram-se na minha nuca, o toque quase contemplativo.
“Falaram de você”, disse ele, baixando a voz. “Sua Isolda é bem feroz. Ela ameaçou me estripar ali mesmo se eu tentasse tocar num fio de cabelo da pequena Lysa.” Seus lábios se curvaram num gesto que pareceu genuinamente divertido. “Eu até que gostei dela.”
Minha garganta se apertou ao imaginar Isolda diante desse deus, destemida como sempre. "E Lysa?"
“A criança...” Algo mudou em sua expressão, uma sombra passando por aqueles olhos dourados. “Ela está bem. Disse que seus sonhos estavam cheios de lágrimas prateadas.”
Fechei os olhos, incapaz de suportar todo o peso daquela imagem. Mas minha doce irmã, minha querida amiga — elas estavam vivas. Estavam a salvo.
Kassimir deu um passo para trás, e meus olhos se abriram para vê-lo admirando seu trabalho com um aceno de cabeça satisfeito.
“Ali está”, disse ele. “Uma rainha de luto. Como apropriado.”
Toquei no penteado finalizado, notando como ele realçava os ângulos do meu rosto, os hematomas ao redor da minha boca, a cavidade abaixo das minhas maçãs do rosto. "Eu não sou uma rainha", disse baixinho. "Rainhas têm poder."
O reflexo de Kassimir sorriu, a expressão jamais alcançando seus olhos. "E o que te faz pensar que você não tem nenhum? Você sobreviveu quando outros teriam sucumbido. Você desafiou nosso rei quando almas mais sábias teriam se submetido." Ele se inclinou para mais perto, sua respiração quente contra minha orelha. "Você chamou a atenção

não de um, mas de dois deuses, sua bela destroçada. Isso é poder, embora de um tipo perigoso."
Encarei seu olhar no espelho. "Por que estou aqui? Será que Valen se cansou de me atormentar em particular?"
“Ah, não, não estou entediado”, Kassimir endireitou-se, colocando as mãos nos meus ombros. Seu toque era quente — quente demais, lembrando-me do calor desumano que emanava dele quando me tirou da banheira. “Valen está longe de estar entediado.”
Ele se virou, dirigindo-se a uma pequena mesa onde havia um decantador de vinho. Servindo uma taça, continuou falando, em tom coloquial. "Mas esta noite marca o início do seu... digamos, treinamento formal? Valen tolerou sua rebeldia até agora em particular, achando-a divertida, talvez até estimulante, eu diria. Mas o tempo da privacidade está acabando."
Ele estendeu o copo na minha direção. Eu não me mexi para pegá-lo. Depois de um instante, ele deu de ombros e tomou um gole.
“Não brinque comigo, Deus do Caos. O que isso significa?”, perguntei, embora suspeitasse que já soubesse.
“Significa, minha querida, que seu marido pretende fazer de você um exemplo. Os nobres de Vareth precisam entender as consequências da desobediência. Você será a lição deles.” O sorriso de Kassimir era quase compassivo. “Se isso ajudar, acredito que ele pretende manter os aspectos mais... íntimos da sua disciplina em segredo. Esta noite, trata-se apenas de estabelecer domínio.”
“Apenas”, repeti, com a palavra amarga na língua. .
“Vamos lá”, disse Kassimir, pousando a taça de vinho e voltando para perto de mim, estendendo a mão com um gesto teatral. “Não é tão terrível assim. Desempenhe bem o seu papel e talvez ele a recompense. Valen pode ser generoso quando está satisfeito.”
Levantei-me sem aceitar a mão que lhe ofereceu, encarando-o diretamente. "E qual será exatamente o meu papel?"
A expressão de Kassimir tornou-se séria, o divertimento constante dissipando-se por um instante. “Submissão, Princesa. Completa e pública. Você deve ajoelhar-se a seus pés, falar apenas quando lhe dirigirem a palavra e aceitar com obediência agradecida quaisquer indignidades que ele escolher infligir.” Ele fez uma pausa, como se estivesse calculando as próximas palavras. “Sugiro que lhe dê o que ele deseja. Haverá outros na sala do trono que ele sacrificará sem hesitar.”
A implicação pairava no ar entre nós. Servos. Nobres. Outros cuja sobrevivência dependia inteiramente da misericórdia distorcida de Valen.
Houve mortes suficientes nas últimas semanas para durar uma vida inteira.
"Entendo", eu disse, a luta se esvaindo de mim tão rápido quanto havia começado.
"Você aceita?" Kassimir me estudou, seus olhos dourados perturbadoramente perspicazes. "Porque há uma diferença entre submissão e rendição, princesa. Valen sabe disso melhor do que ninguém. Ele aceitará a primeira, mas ansiará pela segunda." Ele estendeu a mão, ajeitando uma mecha de cabelo que havia se soltado da minha trança. "A questão é se você conseguirá lhe dar o suficiente de uma para evitar dar-lhe toda a outra."
Fiquei imóvel sob seu toque, um arrepio percorrendo minha espinha enquanto ponderava suas palavras. Será que o Deus do Caos... está me ajudando?

"Pronto para sua grande apresentação?", perguntou Kassimir, oferecendo o braço com uma cortesia exagerada.
Coloquei minha mão levemente em seu antebraço, sentindo o calor incomum de sua pele através do tecido da manga. "Eu tenho escolha?" ”
Seu riso era suave, quase genuíno. "Sempre temos escolhas, Princesa. Acontece que algumas levam a resultados piores do que outras." Ele deu um tapinha na minha mão, um gesto ao mesmo tempo condescendente e estranhamente reconfortante. "Venha. Sua plateia aguarda."
Enquanto caminhávamos em direção à porta, vislumbrei meu reflexo no espelho pela última vez — pálida e espectral em seda preta, meus olhos enormes em meu rosto magro, minha boca escurecida por hematomas em vez de maquiagem. Uma noiva fantasma. Um sacrifício. Qualquer que fosse a performance que Valen tivesse planejado, eu estava perfeitamente caracterizada para o papel.

CAPÍTULO TRINTA E UM

# UMA GUIA E UMA MORDIDA

A mão de Assimir pressionou a minha lombar enquanto nos aproximávamos das grandes portas do salão de banquetes.

A música jorrava de dentro, harpas e flautas tocando uma melodia que reconheci de tempos relativamente mais felizes, o som agora distorcido em algo obsceno pelo contexto. Por baixo da música, ouvia-se o murmúrio de vozes, risos, o tilintar de copos e talheres. Os sons familiares da vida na corte continuavam como se nada tivesse mudado, como se a cabeça do meu pai não tivesse rolado por estes mesmos pisos, como se o sangue dos meus irmãos não tivesse impregnado as pedras sob nossos pés. Inspirei profundamente, reunindo o que restava da minha dignidade ao meu redor como uma armadura. .

"Lembre-se", murmurou Kassimir, com os lábios perto da minha orelha, "é uma performance. Faça o seu papel e a noite terminará. Lute e se transformará em algo completamente diferente."

Antes que eu pudesse responder, ele acenou para os guardas. Eles abriram as portas maciças com uma sincronia que denunciava um ensaio. O ruído lá dentro diminuiu, depois cessou por completo, enquanto luz e calor se espalhavam ao nosso redor. Os dedos de Kassimir pressionaram minhas costas com mais firmeza, impulsionando-me para o silêncio repentino e terrível.

O grande salão de banquetes de Vareth estendia-se diante de nós, seu teto abobadado perdido na sombra sob o brilho quente de centenas de velas. As longas mesas estavam dispostas em forma de U ao redor de um espaço central para os convidados, repletas de travessas reluzentes de comida e garrafas de vinho. Na mesa principal, elevada sobre um estrado, sentava-se Valen na cadeira que pertencia a meu pai, semelhante a um trono, sua figura esguia envolta em seu habitual traje preto e carmesim, um contraste marcante com a madeira polida e os talheres dourados à sua frente.

E ao redor dele, observando-me com expressões que variavam de choque a pena, passando por um prazer mal disfarçado, estavam os nobres de Vareth — aqueles que sobreviveram ao massacre, aqueles que se ajoelharam perante seu conquistador em vez de se juntarem ao seu rei na morte.

Valen levantou-se lentamente de sua cadeira, o movimento atraindo todos os olhares na sala. Seu rosto exibia a máscara perfeita — belo além dos limites mortais, com aquela quietude sobrenatural que traía sua verdadeira natureza. Apenas seus olhos revelavam algo, e o que ali ardia fez meu estômago se contrair.

Fome. Antecipação. A crueldade paciente de um predador que gosta de brincar com a sua comida.

Aqueles olhos, aqueles olhos negros e profundos, fixaram-se em mim com uma intensidade que me fez arrepiar. Enquanto Kassimir me conduzia em sua direção, observei um sorriso lento se espalhar pelo rosto de Valen. Não o sorriso rápido e assustador da violência prometida, mas algo mais profundo. Mais quente. .

"Minha rainha retorna à corte", disse ele, sua voz ecoando no salão silencioso. O título era uma zombaria — nós dois sabíamos disso. "Que gentileza sua se juntar a nós."

Não disse nada, mantendo o olhar fixo nele o máximo que pude. A masmorra não me havia quebrado, e qualquer que fosse a performance que ele tivesse planejado, eu a suportaria.
Assim como eu havia suportado todo o resto.
Valen desceu os dois degraus do estrado com uma lentidão deliberada, sem nunca desviar o olhar do meu. Ao se aproximar, notei que carregava algo nas mãos: uma faixa de couro preto, ricamente trabalhada com desenhos em prata que captavam a luz das velas. Dela pendia uma corrente de prata, cujos elos brilhavam como água ao luar.
Uma coleira. Uma guia.
Meus passos vacilaram, mas o aperto de Kassimir não me deu outra escolha senão continuar em frente.
Valen parou no centro do salão aberto, esperando que eu fosse trazida à sua presença como um presente. Seus olhos nunca se desviaram dos meus enquanto eu me aproximava, seu sorriso crescendo a cada passo que eu dava.
Paramos diante dele, e a mão de Kassimir finalmente se afastou das minhas costas. O Deus do Caos deu um passo para o lado com um aceno de respeito, deixando-me sozinha diante de Valen, diante de toda a corte que um dia fora minha.
Ele estava parado bem na minha frente, perto o suficiente para que eu pudesse sentir o cheiro familiar dele — ar da montanha e metal, com um toque mais sombrio. Algo que me fazia pensar na masmorra.
"Você vai se comportar bem para mim esta noite, minha rainha?", perguntou ele, com a voz num murmúrio aveludado, dirigido apenas a mim.
Encarei-o de volta, deixando meu desprezo transparecer claramente em meu rosto. Meu maxilar se contraiu com tanta força que eu podia sentir meus dentes rangendo. Os nobres observavam, prendendo a respiração coletivamente, aguardando meu desafio, meu desabafo, minhas lágrimas.
Eu não lhes daria nada disso. .
Minha cabeça se moveu num aceno mínimo, um gesto tão sutil que poderia ter passado despercebido não fosse o silêncio absoluto do salão. Não era rendição, mas uma concessão momentânea numa guerra que eu ainda não havia terminado de lutar.
“Pronto”, Valen sussurrou, com um tom de satisfação na voz, quase venenoso. “Foi tão difícil assim?” Seus dedos roçaram minha bochecha. “Que garota esperta. Aprendeu rápido.”
Por dentro, a fúria se reprimia.
Então, ele baixou a voz, tão baixo e suave que mal se podia ouvir. "Ajoelhe-se perante o seu rei, Mireille."
As palavras deslizaram por mim como gelo. Meu orgulho, os últimos resquícios dele, gritou em rebeldia. Por um instante, considerei recusar… forçá-lo a me obrigar fisicamente, tirando de mim a escolha da rendição. Mas o aviso de Kassimir ecoou em minha mente. Faça a sua parte, e a noite terminará.
Lentamente, sentindo todos os olhares no salão sobre mim, ajoelhei-me diante dele. O chão de mármore estava frio através da fina seda do meu vestido. Mantive as costas eretas, o queixo erguido, recusando-me a baixar a cabeça mesmo nesta posição de submissão.

O sorriso de Valen se alargou, a satisfação evidente no leve relaxamento de seus ombros. Ele segurou a coleira diante de mim, permitindo que eu a visse claramente. Couro preto forrado com seda carmesim, os acessórios de prata gravados com símbolos estranhos. A guia presa a um anel na frente, o couro trançado em um padrão complexo.
“Lindo, não é?” perguntou ele, com a voz agora em um tom que permitia que todos ouvissem. “Feito pelo melhor artesão de couro do meu domínio, especialmente para você. A prata é misturada com uma liga das montanhas da minha terra natal. Inquebrável depois de selado.” Seus dedos acariciaram o couro com um toque quase carinhoso. “Mandei fazer antes de nos casarmos.”
*Feito especialmente para mim. Inquebrável depois de lacrado.*
Um murmúrio percorreu a multidão que assistia — alguns divertidos, outros desconfortáveis. Permaneci em silêncio, meus olhos fixos em seu rosto. .
“Vejam bem”, continuou ele, dirigindo-se agora à sala, “meu povo e eu acreditamos em reivindicar o que nos pertence. E não se enganem—“ seu olhar percorreu a sala antes de voltar para mim, “—a antiga princesa de Vareth me pertence. Por direito de conquista, por direito de casamento e pelo direito do sangue derramado para reivindicá-la.”
Ele se posicionou atrás de mim, com movimentos lentos e pausados. Senti seus dedos na minha nuca, afastando a trança elaborada que Kassimir havia feito. O couro estava fresco contra minha garganta enquanto ele posicionava a coleira, deslizando-a para o lugar com precisão e lentidão. O forro de seda roçava minha pele, um luxo perverso que apenas enfatizava o verdadeiro propósito da coleira.
Ouviu-se um leve estalo quando ele a prendeu; o metal, de alguma forma, se moldou, fechando-se sem nenhuma costura ou trava visível, semelhante às algemas da minha cela. Ele puxou levemente, testando a segurança, e o movimento me desequilibrou um pouco. Não apertava o suficiente para me sufocar, mas o bastante para que eu jamais me esquecesse da sua presença.
"Levante-se", ordenou ele, em voz alta o suficiente para todos ouvirem. Enquanto eu lutava para me levantar, atrapalhado pela seda que me prendia e pelo seu aperto na coleira, vários nobres Nocthar e Vareth riram em sinal de aprovação. O som queimou em meus ouvidos, reacendendo brasas de raiva que eu pensava estarem extintas após meu tempo no subterrâneo.
A mão de Valen repousou na minha lombar, o mesmo lugar que Kassimir havia tocado antes, mas com uma possessividade que me marcava através do tecido fino. Ele me guiou pelos degraus até a mesa principal, a coleira casualmente pendurada em seu pulso, cada passo calculado para demonstrar seu controle absoluto.
Em vez de me indicar uma cadeira, ele apontou para a almofada ao lado do seu assento com um pequeno gesto. "Seu lugar", disse ele simplesmente.
Virei a cabeça bruscamente em sua direção, meus olhos se estreitando em adagas prateadas ao encontrar seu olhar. A corrente tilintou suavemente com o movimento, provocando outra onda de risos entre os nobres que observavam. Minhas narinas se dilataram levemente enquanto eu inspirava, controlando a respiração. .
"Uma almofada?" sussurrei, em voz baixa o suficiente para que só ele pudesse ouvir. "Você realmente quer provar seu ponto com esse... teatro previsível?"
Algo perigoso brilhou em seus olhos — um lampejo de raiva genuína por trás da máscara perfeita. Por um instante, pensei que tivesse ido longe demais.

Então seus lábios se curvaram para cima, um sorriso que não continha humor, apenas a promessa de dor. Com um leve movimento do pulso, ele puxou a coleira — não com força suficiente para machucar, mas o bastante para me fazer cambalear para a frente, a coleira pressionando minha garganta.

"Sente-se", ordenou ele, uma única palavra carregando toda a força do poder que exercia sobre mim.

Por um instante que pareceu uma eternidade, encarei aquelas profundezas negras, deixando que um lampejo dos meus verdadeiros sentimentos se refletisse no meu olhar. *Eu não cederia.*

Permaneci de pé por mais um instante, deixando o silêncio se estender tão fino quanto uma lâmina. Cada pessoa naquele salão observava com a respiração suspensa, aguardando para ver a última filha de Vareth desmoronar diante de seus olhos.

Em vez disso, sentei-me na almofada com toda a graça que consegui reunir, arrumando a seda do meu vestido ao meu redor como uma escuridão líquida. Essa posição me colocava aos pés de Valen, abaixo da mesa, abaixo de todos — um ornamento vivo para sua conquista.

A satisfação de Valen irradiava como o calor de uma forja, aquecendo o espaço entre nós com sua vitória. Ele se recostou na cadeira do meu pai, uma das mãos casualmente repousada sobre o braço da cadeira, os dedos ainda enrolados na ponta da coleira. Com a outra mão, ergueu uma taça de vinho, o líquido escuro como sangue à luz de velas.

“Vamos celebrar”, anunciou ele ao salão, sua voz se sobressaindo facilmente aos murmúrios renovados. “À conquista!” e... domesticação.”

Risos ecoaram pela multidão, e o banquete recomeçou como se uma breve pausa em uma dança familiar tivesse chegado ao fim. Criados apareceram com vinho e travessas de comida enquanto a conversa retornava gradualmente, embora muitos olhares ainda se voltassem para mim com uma fascinação mórbida.

A mão de Valen repousou possessivamente sobre minha cabeça, os dedos se entrelaçando nos meus cabelos, desfazendo sutilmente o trabalho meticuloso de Kas. O toque era ao mesmo tempo recompensa e lembrete… Eu havia obedecido, mas permanecia sob seu controle.



Não me ofereceram comida. Nem vinho. Sentei-me em silêncio enquanto a refeição começava, atenta a cada olhar, a cada comentário sussurrado. Valen comia e bebia com aparente prazer, conversando com os mais próximos como se nada estivesse errado. De vez em quando, sua mão descia para acariciar meu cabelo distraidamente, um gesto ao mesmo tempo possessivo e distraído, como quem acaricia um cachorro enquanto se concentra em outras coisas.

Da minha posição no salão, eu tinha um ponto de vista único. Podia ver por baixo das mesas, notar o movimento nervoso dos pés, observar quais nobres se inclinavam uns para os outros para cochichar comentários por trás das mãos. Deixei meu olhar percorrer a corte reunida, catalogando os sobreviventes, notando os rostos que estavam ausentes.

Quase metade dos presentes eram Nocthari, suas roupas escuras e rostos pálidos os identificando como cidadãos do Reino de Sangue. Eles me observavam com curiosidade evidente, alguns com divertimento aberto, outros com algo que poderia ser considerado pena, se eu acreditasse que fossem capazes de tal emoção.

Mas, espalhados entre eles, havia rostos que reconheci — nobres Vareth que, de alguma forma, sobreviveram à noite de carnificina. Seus olhares desviaram-se do meu quando os encarei. Diretamente, a vergonha ou o medo os impediam de olhar nos olhos da filha de seu antigo rei.

Ali, perto da mesa central, estava Lady Elinor, que outrora fofocara com Cordélia. Ao lado dela, Lorde Talbett, cujas aspirações políticas sempre o colocaram firmemente no campo de Ira. Mais adiante, a Condessa de Wesmark, cujas filhas haviam sido as companheiras mais próximas de Cordélia.

Todos eles sobreviveram enquanto minha família fora massacrada. Todos agora ostentavam as cores Nocthari, seus emblemas Vareth visivelmente ausentes, suas expressões cuidadosamente neutras enquanto participavam dessa obscena celebração da queda de seu reino.

Traidores... Eu não conseguia decidir se os odiava ou os invejava.

Estreitei os olhos para todos eles, mas fui subitamente distraída por uma voz suave e sensual que se dirigia ao deus que segurava minha coleira nas mãos.

"Seu animal de estimação parece faminto, meu rei", disse a nobre Nocthari sentada perto de nós. Ela era bela à sua maneira — pálida como a luz do luar, com cabelos cor de cobre fiado e olhos de um azul tão escuro que pareciam quase negros. Seu vestido era da cor carmesim profundo do sangue arterial, cortado para acentuar cada curva de seu corpo. "Talvez um pequeno petisco? Não queremos que ela definhe completamente."

Ela se inclinou para mais perto de Valen, seu perfume — algo forte e floral, como lírios queimados — pairando sobre mim. Seus lábios pintados se curvaram em um sorriso que não continha gentileza, apenas a paquera calculada que eu reconhecia das damas da corte do meu passado.

A mão de Valen apertou meu cabelo, usando a força para virar meu rosto em direção ao dele. Seus olhos estudaram os meus com interesse clínico, como se estivessem avaliando exatamente quanta fome ardia por trás da minha expressão cuidadosamente neutra.

"Ela está sendo treinada", respondeu ele, dirigindo-se à nobre enquanto continuava a me encarar. "Não se recompensa uma montaria indomada com guloseimas. Isso só incentiva... a desobediência." Seu polegar roçou meu lábio inferior machucado, o Um toque tão leve que parecia quase terno para os observadores. Só eu sentia a pressão sutil contra a fissura no canto da minha boca, o agravamento deliberado da ferida que ele havia deixado ali.

"Além disso", continuou ele, soltando meu rosto e voltando sua atenção para a refeição, "estou introduzindo-a aos poucos. Muito cedo, demais, poderia... sobrecarregar sua constituição *delicada* ."

O que ele queria dizer não passou despercebido por ninguém que estivesse ouvindo. Alguns nobres riram baixinho, seus olhos percorrendo meu corpo com renovado interesse, avaliando os hematomas visíveis nas bordas do meu vestido, entre meus

seios, com uma compreensão mais apurada. O sorriso da nobre se acentuou, seu olhar me examinando com a curiosidade distante de quem observa um espécime incomum.
“Imagino que não haja muito mais para sobrecarregar”, disse ela, com a voz carregada na medida certa de compaixão para tornar a crueldade subjacente ainda mais pungente. “Ouvi dizer que ela já estava meio... esgotada.”
Vários nobres riram abertamente disso, seus olhares percorrendo meu corpo como insetos. Mantive os olhos fixos em Valen, recusando-me a reconhecer a diversão deles às minhas custas. A brasa do ódio em meu peito ardia com mais intensidade, alimentada por cada indignidade.
“As aparências enganam, Eriseth”, respondeu Valen, com um tom leve, mas carregado de algo sombrio. “A princesa provou ser notavelmente... resiliente. Não é mesmo, querida?” Seus dedos acariciaram minha bochecha num gesto que simulava afeto.
Não disse nada, o silêncio prolongando-se desconfortavelmente. Os dedos de Valen pararam contra a minha pele, seu toque transformando-se de carícia em aperto num instante. Suas unhas cravaram-se no meu maxilar enquanto ele forçava meu rosto contra o seu.
“Eu lhe fiz uma pergunta”, disse ele suavemente, de forma ameaçadora. “É falta de educação não responder quando seu rei se dirige a você.”
O salão ficou mais silencioso, as conversas ao redor se reduzindo a murmúrios abafados enquanto a atenção se concentrava em nossa troca de palavras. Eu sabia que aquilo fazia parte do espetáculo, minha humilhação servindo de entretenimento para o seu banquete. Valen estava se apresentando para sua nova corte, demonstrando seu controle absoluto. .
Sustentei seu olhar fixamente, ponderando minhas opções. Responder seria reconhecer meu status de animal de estimação, participar da minha própria degradação. Permanecer em silêncio seria atrair punição… pior do que a que eu já havia experimentado.
Meus olhos desviaram-se por um breve instante do ombro de Valen, pousando em Kassimir, que estava encostado na parede oposta. Seus olhos estavam semicerrados nos meus, e eu sabia que ele queria que eu me lembrasse de suas palavras.
*Há uma diferença entre submissão e rendição. É uma performance. Desempenhe o seu papel.*
“Sim”, eu disse finalmente, a palavra quase inaudível enquanto meu olhar voltava para o de Valen. “Eu provei ser resiliente.”
O aperto de Valen suavizou, seu polegar roçando quase delicadamente a marca que sua unha havia deixado em minha pele. "Mais alto", ordenou ele. "Para que eles possam te ouvir."
Engoli em seco, sentindo a gola roçar na minha garganta com o movimento. "Sim", repeti, minha voz ecoando claramente pelo corredor agora silencioso. "Eu provei ser resiliente."
Um murmúrio de satisfação percorreu os nobres presentes, e Kassimir me lançou um aceno de aprovação quase imperceptível. Valen soltou meu queixo, seus dedos voltando a acariciar meus cabelos possessivamente. A suavidade de seu toque me fazia querer me contorcer ainda mais do que sua crueldade.
"Bom animal de estimação", murmurou ele, em voz alta o suficiente para que os mais próximos ouvissem. "Talvez você mereça uma recompensa, afinal."

Ele retirou um pequeno pedaço de carne assada do prato e o segurou entre os dedos, abaixando-o até a minha altura. O aroma me atingiu como uma força física — rico, temperado, brilhando com sucos. Meu estômago se contraiu violentamente, a saliva inundando minha boca antes que eu pudesse controlar a reação.
"Abra", disse Valen, com a voz aveludada.
Encarei a oferenda, os dedos que a seguravam. Os mesmos dedos que me açoitaram nas costas, que marcaram minha pele com hematomas na escuridão da masmorra. A fome em meu estômago lutava contra a repulsa em minha mente. Aceitar comida de sua mão, como um animal adestrado... talvez tenha sido a rendição mais completa que ele já havia exigido.
Mas meu corpo, traiçoeiro que era, não se importava com orgulho ou dignidade. Semanas de quase inanição me reduziram a instintos básicos. Com o autodesprezo queimando em meu peito, entreabri meus lábios.
Valen colocou o pedaço na minha língua, seus dedos demorando um instante a mais nos meus lábios, a invasão deliberada e possessiva. O sabor explodiu na minha boca, rico e complexo depois de tanto tempo sem comida de verdade. Meus olhos ameaçaram se fechar em um prazer involuntário, mas os forcei a permanecer abertos, fixos no rosto de Valen. Eu não lhe daria a satisfação de ver o quanto eu desejava desesperadamente aquela pequena iguaria.
“Mastigue devagar”, instruiu ele, como se eu fosse uma criança aprendendo boas maneiras à mesa. “Saboreie.”
Obedeci, cada movimento da minha mandíbula medido e deliberado. A carne praticamente derretia na minha língua, a gordura e os temperos se combinando numa sinfonia de sabores de uma intensidade quase dolorosa.
A nobre Eriseth observava a cena com um fascínio mal disfarçado, seus olhos azul-escuros brilhando com malícia. "Que encantador", murmurou ela, erguendo sua taça de vinho. "Como alimentar um vira-lata que ainda pode morder."
O sorriso de Valen era puro sorriso. "Ah, ela ainda morde. Não é, querida?" Seus dedos traçaram a linha do meu queixo. "Mas ela está aprendendo quando mostrar os dentes e quando... se submeter."
*Submeter* . Que palavra! Eu jamais me submeteria a ele.
Engoli o último pedaço de carne, o sabor rico se transformando em cinzas na minha boca.
“Que tal mais uma provinha?”, sugeriu Valen, escolhendo um pedaço de fruta cristalizada de uma travessa próxima. A cobertura de açúcar refletia a luz, brilhando como diamantes enquanto ele a segurava diante de mim. “Doce desta vez. Para variar.”
Encarei a fruta cristalizada, o morango perfeitamente maduro, com a boca a salivar involuntariamente. Valen segurou-a entre as suas mãos. dedos como um dono que provoca seu cachorro com um petisco. Eu não imploraria. Eu não imploraria—
Eriseth soltou uma risada rouca, o som como vidro quebrando contra meus ouvidos. Ela se ergueu um pouco da cadeira, inclinando-se sobre o ombro de Valen, seus cabelos cor de cobre brilhantes caindo em uma cortina que roçava seu pescoço, seus lábios vermelho-sangue quase tocando sua orelha. O que quer que ela tenha sussurrado fez os cantos de sua boca se curvarem em um sorriso, e eu observei seus dedos deslizarem por

seu braço em uma carícia lenta e deliberada, as unhas bem cuidadas deixando tênues linhas vermelhas em sua pele.
Os olhos de Valen — aqueles olhos que haviam estado fixos em mim com tanta intensidade — desviaram-se para observá-la, a fruta cristalizada esquecida entre seus dedos. Eu, esquecida no chão à sua frente.
Algo dentro de mim se quebrou.
Num instante eu os encarava, com o estômago embrulhado de fome e a mente entorpecida pela humilhação. No instante seguinte, uma fúria incandescente me invadiu, obliterando pensamentos, razão e consequências.
Avancei, não em direção ao doce oferecido, mas à mão que o segurava. Meus dentes cravaram na carne entre o polegar e o pulso de Valen, rompendo a pele, penetrando fundo até sentir o gosto de cobre. Mordi com mais força, sentindo algo se rasgar sob meu ataque, uma satisfação primitiva me invadindo enquanto seu sangue inundava minha boca.
A reação de Valen foi instantânea — seus olhos se fixaram nos meus, seus lábios se entreabriram com um suspiro agudo. Sua mão livre, ainda emaranhada em meu cabelo, puxou-o para trás com força brutal, mas eu me recusei a soltá-lo. Cerrei os dentes com mais força, agarrando-me como um animal selvagem, engolindo seu sangue enquanto escorria pela minha língua.
Um suspiro coletivo percorreu o salão. O rosto de Eriseth se contorceu em choque e algo que talvez fosse puro medo. Os nobres mais próximos de nós inclinaram ligeiramente suas cadeiras para trás, como se esperassem uma explosão de ira divina. .
Nossos olhos se detiveram em sua mão capturada, e o que vi em seu olhar deveria ter me aterrorizado — uma escuridão sem fundo, antiga, fria e que prometia retribuição.
Em vez disso, senti um triunfo selvagem. Eu o havia marcado. Eu havia derramado sangue de um deus.
Soltei a mão dele e sentei-me sobre os calcanhares, sem fazer qualquer movimento para limpar o sangue que manchava meus lábios e queixo. Em vez disso, lambi os lábios deliberadamente, saboreando-o, engolindo em seco com um sorriso que continha toda a rebeldia que eu vinha reprimindo desde que a coleira fora colocada em meu pescoço.
Valen não se moveu. Não se enfureceu. Não me derrubou onde eu estava ajoelhado. Ele simplesmente olhou para mim, sua expressão indecifrável, exceto por um leve e terrível sorriso. "Você vai se arrepender disso", disse ele suavemente, palavras destinadas apenas aos meus ouvidos. Não era uma ameaça — era uma simples constatação, proferida com a mesma certeza com que se discute o nascer do sol ou a mudança das estações.
Enquanto eu observava o sangue dele pingar de sua mão sobre a toalha de mesa imaculada, algo estranho começou a se desenrolar dentro de mim. O gosto metálico que persistia em minha língua pareceu se espalhar, aquecendo minha garganta, meu peito, meus membros com um calor desconhecido. O triunfo que eu sentira momentos antes se transformou em algo completamente diferente — uma tontura peculiar, um formigamento que percorria meus nervos.
Mas recusei-me a demonstrar qualquer sinal externo de que o sangue dele me afetava. Em vez disso, deixei meu sorriso se alargar. "Valeu a pena", sussurrei de volta, minha voz firme apesar do tremor que começara em meus membros.

Ele soltou meu cabelo com um movimento casual do pulso, como se estivesse descartando algo sem importância. Sangue escorria da mordida em sua mão, mas ele não fez nenhum movimento para estancá-lo. Em vez disso, ergueu os dedos para examinar a ferida com um interesse casual, observando seu sangue — mais escuro que sangue humano, quase preto à luz de velas — pingar da marca de dentes em forma de crescente perfeita. "Viu?", disse ele a Eriseth, com a voz carregada de algo parecido com orgulho. "Ainda dói." ”

Então, voltando-se para a corte silenciosa e amedrontada, ele ergueu a mão ensanguentada e o cálice num gesto simultâneo.

“Uma bem enérgica”, anunciou ele, com a voz ecoando por todo o salão. A tensão se dissipou quando ele deu uma risadinha, um som grave e, de alguma forma, mais aterrador do que qualquer demonstração de fúria. “Todas acabam cedendo.”

Os nobres riram nervosamente, retomando seus lugares e a conversa lentamente recomeçando à medida que percebiam que o entretenimento havia terminado — pelo menos por enquanto. Eriseth permaneceu em silêncio, seus olhos escuros percorrendo Valen e eu com precisão calculista, reavaliando qualquer jogo que ela pensasse estar jogando.

Valen inclinou-se, aproximando os lábios do meu ouvido, os dedos enroscando-se mais uma vez na minha trança, o sangue tingindo os fios.

“Quando eu voltar à sua cela”, murmurou ele, “você, minha pequena rebelde, aprenderá a diferença entre a minha misericórdia...” Seu aperto se intensificou dolorosamente. “...e a minha ira.”

Virei a cabeça, forçando nossos olhares a se encontrarem, nossos lábios a centímetros de distância.

“Como eu disse”, sussurrei, com a voz afiada como aço bruto, “Valeu a pena.”

Nossos olhares se encontraram, nenhum dos dois disposto a ceder. Eu havia provado seu sangue. Eu havia marcado sua carne perfeita.

Qualquer que fosse a vingança que ele planejasse, eu a enfrentaria com este momento gravado em mim.

Ele puxou minha cabeça bruscamente, me jogando de volta na almofada como se eu fosse algo descartado.

Mas, no espaço entre nós, eu senti. A mudança. A rachadura em seu prazer.

Eu sabia que nossa guerra não havia terminado, mas esta noite *eu* pelo menos havia derramado o primeiro sangue.

Durante o restante do banquete, a atenção de Valen não se voltou para mim. As tentativas de Eriseth de iniciar uma conversa foram recebidas com um desinteresse educado, seu toque sutilmente, mas inequivocamente, rejeitado. .

Se essa fosse a minha vitória, seria uma vitória vazia — conquistada com dor ainda por vir, com uma retribuição que eu só podia imaginar.

E durante toda a noite, eu podia senti-lo no paladar. Seu sangue fervilhava em minhas veias como fumaça, como fogo, como uma lembrança. Algo primitivo se agitava dentro de mim — uma atração, um anseio, uma maldição para a qual eu não tinha nome.

Mesmo assim, a coleira continuava ali, firmemente enrolada em seu punho.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

# UMA REIVINDICAÇÃO

TOs guardas me jogaram de volta na cela com a violência casual de homens que se desfazem de lixo.

Suas mãos eram ásperas contra meus braços, os dedos cravando-se na carne já sensível pelas atenções anteriores de Valen, impulsionando-me para a frente com força suficiente para que eu tropeçasse na soleira. Mal consegui me manter de pé enquanto a porta de ferro se fechava com força atrás de mim, o som ecoando pelos corredores úmidos como a nota final de um lamento fúnebre.

A fechadura girou com precisão mecânica, cada clique uma pequena morte, isolando-me do mundo exterior. Aqueles não eram meus guardas — os homens que se acostumaram com a minha presença, e eu, com a deles. Estes eram As criaturas de Valen, indiferentes ao meu sofrimento, me viam como nada mais do que uma propriedade a ser transferida de um lugar para outro.

O vestido preto ainda se ajustava ao meu corpo, sua superfície de seda imaculada apesar da degradação a que fora submetido. Cada dobra permanecia perfeitamente alinhada, cada costura intacta. Uma cruel zombaria de elegância que transformava minha humilhação em um grande espetáculo.

A coleira continuava presa em meu pescoço, embora Valen tivesse removido a guia antes de me dispensar com um sorriso frio e uma promessa sussurrada. " *Amanhã* ." Apenas isso, uma única palavra que continha mais ameaça do que todo um vocabulário de descrições explícitas.

Minhas pernas começaram a tremer, a adrenalina que me sustentara durante o banquete finalmente me abandonando. Por horas, mantive-me rígida em desafio, enfrentei minha humilhação com resistência.

Mas agora, na privacidade da minha cela, sem ninguém para testemunhar meu colapso, a força que eu havia reunido me abandonou como água escorrendo por entre mãos rachadas.

Eu desabei.

Não com elegância, não com qualquer resquício da dignidade que eu tanto me esforçara para manter. Meus joelhos cederam primeiro, me lançando ao chão de pedra com um impacto violento, antes de eu cair completamente de lado, me encolhendo, puxando os joelhos para o peito, me tornando o menor possível naquele pequeno espaço que se tornara meu mundo inteiro.

As lágrimas, quando vieram, não foram soluços convulsivos. Não, foram silenciosas, escorrendo dos cantos dos meus olhos, traçando caminhos quentes pelas minhas têmporas e se misturando aos meus cabelos. Era como se eu tivesse esquecido como emitir sons. A dor era imensa, profunda demais para ser expressa em voz alta, vazando de mim como se meu corpo tivesse perdido a capacidade de conter a tristeza.

Chorei por Lysa, lá fora no mundo sem meu amor e proteção, e por Isolda, que confiou em mim o suficiente para fugir quando lhe pedi. Chorei até mesmo por meu pai, o tirano. embora ele fosse, e pelos meus meio-irmãos que não mereciam o destino que tiveram.

Mas, acima de tudo, chorei por mim mesma, pela casca vazia em que eu estava me transformando, pelos pedaços da minha alma que iam sendo arrancados dia após dia, pela certeza de que o que restasse de mim quando Valen se cansasse do seu jogo teria pouca semelhança com a pessoa que eu fora um dia.

As lágrimas finalmente cessaram, deixando meu rosto pegajoso e irritado, meus olhos inchados e doloridos. Mas a sensação de vazio permaneceu, agora mais profunda pelo silêncio que pressionava meus tímpanos. Era diferente esta noite — não apenas vazio ou cheio, mas ativamente hostil, como se o próprio ar soubesse do espetáculo lá em cima e me julgasse por minha participação nele.

Permaneci encolhida de lado, meus dedos percorrendo a borda da gola, traçando as gravuras prateadas. Cada marca gravada me lembrava das mãos de Valen prendendo-a ali, das risadas da multidão, de *seu* sorriso pintado enquanto sussurrava no ouvido do Deus do Sangue.

E ainda assim, eu conseguia senti-lo. O calor metálico do seu sangue persistia na minha língua, embora eu o tivesse engolido há muito tempo. Aquilo me assombrava — não apenas pelo sabor, mas pela sensação. Algo nele havia se instalado sob a minha pele. Algo inquieto. Algo *estridente* .

"Mireille."

A voz da Morte era baixa, rouca de preocupação. A voz da minha mensageira, chamando-me de volta do vazio para o qual eu havia me refugiado. Não respondi. Falar exigia uma energia que eu não possuía.

"Eu sei que você está aí." Seu tom mudou, suavizou-se ligeiramente como se estivesse falando com algo ferido. "Eu os ouvi trazendo você de volta."

Mesmo assim, permaneci em silêncio. O que havia para dizer? As palavras me escapavam.

"Venha até mim, pequeno cervo."

Não era uma pergunta nem um pedido. Era uma ordem, simples e direta, que dissipou a névoa do meu cansaço.

Eu deveria ter me ressentido disso — outro ser, outra voz, me dizendo o que fazer. Mas não me ressenti.

Porque não parecia dominação. Parecia que ele *sabia* . Sabia que um pedido gentil não me controlaria.

Meu corpo se movia sem pensamento consciente, impulsionado por uma necessidade tão fundamental que ignorava completamente a razão. Desdobrei-me do chão de pedra, meus membros tremendo de exaustão e de algo mais profundo — uma fome visceral pela conexão que se tornara minha tábua de salvação neste lugar de sombras e dor. A seda negra do meu vestido sussurrou contra o chão enquanto eu rastejava em direção ao canto onde nossas celas se encontravam, cada movimento enviando novas ondas de humilhação através de mim.

Meus joelhos rasparam na pedra áspera quando cheguei à esquina, minha respiração curta e irregular. Através da estreita abertura entre as grades, estendi a mão para a escuridão além, os dedos tremendo enquanto buscavam seu calor.

Por um momento terrível, não senti *nada* — apenas o ar vazio, meus dedos agarrando a escuridão. Ele havia se retirado? Sua ordem não passara de mais uma crueldade, mais um ser encontrando prazer na minha degradação?

Então, dedos quentes se fecharam em torno dos meus, fortes, firmes e inegavelmente reais. A mão da Morte, maior que a minha, calejada em lugares que revelavam batalhas ancestrais e habilidades conquistadas com muito esforço. Seu polegar pressionou suavemente o dorso da minha palma, um ponto de contato que parecia a única coisa sólida em um mundo liquefeito de incerteza.

"O que ele fez com você?"

Sua voz baixou, ficou mais rouca, impregnada de algo sombrio. Não raiva, ainda não. Mas a promessa dela.

Eu não respondi. Eu *não consegui* .

Como eu poderia explicar o espetáculo da minha humilhação? A coleira agora apertada em meu pescoço? As horas passadas ajoelhada, não em cerimônia, mas em submissão, enquanto os cortesãos riam e cochichavam como se eu nem fosse humana? As palavras presas na minha garganta, cruas demais, vergonhosas demais para serem nomeadas. .

Em vez disso, apertei a mão dele com mais força, agarrando-me àquele ponto de contato como se fosse uma tábua de salvação para uma mulher se afogando. Os dedos dele ajustaram a posição na minha mão, envolvendo-a por completo, oferecendo calor e força quando eu não tinha mais nenhum.

"Consigo sentir o poder dele em você", disse ele, a voz ficando mais grave enquanto insistia para que eu falasse. "Correndo pelas suas veias."

Ele fez uma pausa.

"Você está *com o cheiro* dele."

As palavras se espalharam pelo ar, fazendo-me estremecer. Não pela aspereza delas, mas pela vergonha que revelaram.

Porque ele tinha razão. Eu conseguia sentir o cheiro de Valen em mim, o gosto dele na minha língua, uma presença persistente de ar da montanha, metal e algo mais sombrio que parecia ter se infiltrado em meus poros.

Fechei os olhos com força, prendendo a respiração. *Não chore. Não chore.* Mas as lágrimas voltaram, quentes contra a pele já irritada.

"Você não estava lá", sussurrei, minha voz tremendo com uma mistura de mágoa e desafio. "Você não viu o que ele fez comigo. O que ele me fez suportar."

Ele congelou tão completamente que, se sua mão não estivesse ainda em volta da minha, eu poderia ter acreditado que ele havia desaparecido por completo. Mas o silêncio entre nós agora tinha um peso. Uma forma. Como se as próprias sombras estivessem se preparando para o que estava por vir.

Quando sua voz retornou, veio como um trovão ecoando pelo ar rachado.

"Então me diga", rosnou ele. "O que ele fez com você?"

A pedra estremeceu sob o peso das palavras.

Não era uma questão. Era a fúria divina contida por uma margem de controle extremamente tênue.

Tentei puxar minha mão de volta, mas seu aperto me manteve no lugar com uma força descomunal. Meus dedos pareciam pequenos e frágeis. Ao seu alcance, carne mortal capturada por algo infinitamente mais poderoso.
Eu não consegui contar para ele.
*Eu não consegui, eu não consegui, eu não consegui.*
“Mireille.” Meu nome em seus lábios era ao mesmo tempo uma ordem e um apelo. “Diga-me.”
Fiz uma pausa, minha respiração acelerando ainda mais. E então senti um pequeno movimento. O polegar dele, deslizando tão lentamente sobre meus nós dos dedos que quase desabei ali mesmo.
Como um toque tão simples poderia ameaçar me destruir completamente?
“Ele—” comecei, mas parei, engolindo em seco e reunindo coragem. A coleira roçou na minha garganta com o movimento. Me deu vontade de vomitar. “Ele me colocou uma coleira. Na frente de todo mundo.” Minha mão livre subiu para tocar a faixa no meu pescoço, os dedos traçando os detalhes prateados, o anel onde a guia se prendia. “Me prendeu a uma guia.”
O ar ficou carregado, elétrico, prenhe de uma violência mal contida, mas minhas palavras fluíam com mais facilidade agora, enquanto seu polegar continuava seus suaves círculos.
“Ele me fez ajoelhar a seus pés. Me alimentou com restos de comida que tirou dos próprios dedos. Nobres de ambos os reinos assistiram enquanto ele falava em me quebrar. Eles *riram* .” Minha voz falhou na última palavra, a lembrança da diversão deles reabrindo feridas no orgulho que eu pensava já ter destruído.
"Eu tentei ser boa", solucei, as lágrimas não parando de cair. "Kas me disse—" Soltei um suspiro trêmulo. "Ele me disse que se eu apenas representasse meu papel, tudo ficaria bem, mas Morte", minha respiração ficou mais pesada, "eu *não consegui* ."
Por um instante, não havia nada. Nenhum movimento, nem mesmo uma respiração, apenas o som de mim tentando conter as lágrimas.
E quando ele finalmente falou, sua voz tinha uma qualidade que eu nunca tinha ouvido antes — fúria envolta em perfeito controle.
“O que você fez?” ”
Eu não respondi. Não conseguia. Sentia, no fundo, que tinha feito algo errado ao morder o Deus do Sangue. Não havia outra explicação para o fato de eu ainda o sentir sob a minha pele, para o fato de eu estar começando a desejá-lo.
" *O quê* , Mireille?" Desta vez, meu nome era uma ordem, incisiva e implacável.
"Eu o mordi." A confissão escapou quase num sussurro, mas poderia muito bem ter sido um grito, dada a reação que provocou.
A morte ficou completamente imóvel, todo o seu ser concentrado em mim com uma intensidade que fez o ar entre nós crepitar com uma energia invisível.
“Você o *mordeu* ”, repetiu ele, cada palavra medida e precisa. “Onde?”
“A mão dele. Entre o polegar e o pulso. Eu... havia essa mulher, Eriseth, e ela o estava tocando, sussurrando para ele, e eu simplesmente...” Parei de falar, incapaz de explicar a fúria que me consumiu naquele momento, a raiva possessiva que me levou a cravar meus dentes em carne divina.

"E?"
“Eu derramei sangue. Provei. Engoli.” A cada confissão, eu sentia algo mudar na escuridão além da parede que dividíamos. Não movimento, mas transformação — como se o próprio ar estivesse reagindo à fúria crescente da Morte.
“Você bebeu o sangue dele.” Ele fez uma pausa. “Céus, Mireille… você tem noção do que fez?”
Balancei a cabeça bruscamente, com movimentos que ele certamente sentiu. Eu não tinha feito isso, nem tinha certeza se realmente queria. Sabia que haveria consequências, e com o gosto dele ainda presente na minha língua, o poder e o desejo por mais ainda correndo pelas minhas veias, eu não tinha certeza se estava pronta para enfrentá-las.
Quando a Morte falou novamente, sua voz estava calma — calma demais, com um controle que denunciava um poder contido por um fio tênue. .
“O sangue dele nunca deveria ter tocado seus lábios”, disse ele, com a voz baixa e rouca, como se as palavras tivessem sido arrancadas dele. “Não *o dele* . *Nunca* o dele.”
As palavras me atingiram com mais força do que um golpe físico, carregando um peso muito além do seu significado simples. Havia história nelas, conhecimento que eu não possuía, implicações que eu não conseguia compreender. Mas, por baixo de tudo isso, havia algo mais, algo que apertava meu peito de reconhecimento, mesmo enquanto minha mente lutava para entender.
Ciúme. Não o ciúme mesquinho e mortal, mas algo vasto, ancestral e absoluto. O ciúme de um ser que observou das sombras enquanto outro reivindicava algo que ele acreditava ser seu.
“Você sente falta dele agora, meu pequeno cervo?” A voz da Morte baixou para um sussurro, grave e letal — uma ameaça disfarçada de pergunta. “A coleira dele te dava segurança? Sua coleira canta o nome dele quando você respira?”
"Não", sussurrei, mas mesmo enquanto a palavra saía dos meus lábios, eu sabia que não era totalmente verdade. Havia algo — um calor que persistia onde seus dedos haviam me tocado, uma lembrança que parecia mais saudade do que repulsa. "Não. Eu... eu o odeio. Odeio tudo o que ele me fez."
"Mentiroso." A palavra era suave como seda e duas vezes mais cortante. "O sangue divino não é como o sangue que corre nas veias de um mortal. Ele incita à adoração, exige submissão, cria laços que os mortais jamais deveriam suportar."
Eu queria tranquilizá-lo, insistir que não sentia nada além de repulsa por Valen, mas as palavras morreram na minha garganta. Porque naquele momento *havia* algo especial — quando o sangue dele inundou minha boca, quando o engoli com uma satisfação selvagem.
“Os efeitos variam”, continuou a Morte, seu tom ficando mais frio a cada palavra. “Alguns mortais se tornam viciados, ansiando por mais essência divina até definharem de desejo. Outros veem sua vontade corroída lentamente, seus desejos remodelados até que...” acreditam que sua devoção brota de seus próprios corações, e não de manipulação divina.”
Um arrepio percorreu minha espinha, algo que não tinha nada a ver com o frio constante da masmorra. "Quanto tempo?", sussurrei. "Quanto tempo duram os efeitos?"

“Depende”, respondeu ele, e algo em sua voz fez meu estômago se contrair de pavor. “De quanto foi consumido. Do poder do deus cujo sangue era. Da própria força de vontade do mortal.” Uma pausa que pareceu uma lâmina deslizando entre minhas costelas. “E Vharok é um dos primeiros. Seu sangue carrega o peso de eras.”
A verdade se instalou em meu peito como uma pedra. Eu podia senti-la agora, aquele calor estranho, aquela energia inquieta que me fazia querer me mover, procurar,... o quê? Voltar para ele? O pensamento me causava arrepios, mesmo enquanto uma parte traiçoeira de mim sussurrava que não seria tão terrível, que seu toque havia trazido tanto prazer quanto dor.
"Por que você se importa?" sussurrei, minha voz embargada pela emoção. "Por que importa se eu ceder aos desejos de Valen ou resistir a ele?"
Seu aperto na minha mão se intensificou, os dedos pressionando meu pulso com uma intensidade possessiva. Quando falou novamente, sua voz carregava o peso sufocante da certeza absoluta, da verdade proferida como um veredito divino.
“Você não nasceu para pertencer a ele.”
A força de sua declaração me atingiu como uma onda, deixando-me sem fôlego em seu rastro. Se eu não estava destinada a pertencer a Valen, se aquela verdade fundamental ressoava com a certeza da lei divina…
A pergunta que se seguiu me arrancou a garganta.
“Então, a quem?” As palavras saíram sem fôlego, desesperadas, cruas, carregadas de uma necessidade de saber. “A quem devo pertencer?”
Senti a atenção da Morte, pude perceber a quietude cuidadosa por trás de sua pausa, a maneira como ela calculava cada segundo antes de responder. .
Mas ele não respondeu. Nem com palavras.
Em vez disso, seu polegar traçou aquele círculo lento no dorso da minha mão, um gesto de alguma forma mais íntimo do que qualquer carícia que eu já tivesse recebido. Havia conhecimento naquele toque, certeza, e algo mais — algo que apertava meu peito com implicações que eu não estava preparada para encarar.
Fechei os olhos e respirei fundo, com a voz trêmula. Me sentia vulnerável, exposta, presa por forças maiores que eu. Deuses, eu nem sequer entendia.
Seu toque me tranquilizou. Me acalmou. Mas também me marcou de uma forma que não consigo nomear — algo mais do que conforto, algo que penetrou mais fundo do que os ossos.
E isso me deixou apavorado.
Porque se eu pertencesse a alguém…
Se a minha história já estivesse escrita numa pena divina…
*Não.*
Uma chama de rebeldia surgiu nas profundezas do meu peito, quente e desafiadora. Eu não pertenceria a Valen, apesar de sua coleira, suas exigências e a essência divina que pulsava em minhas veias.
Não à Morte, apesar de sua proteção, sua fúria, o círculo silencioso que seu polegar desenhava em minha pele como uma marca.
*Eu pertencia a mim mesma.*

Essa verdade era minha armadura, minha rebeldia, a única parte de mim que eles jamais poderiam tocar. Eu a enterrei sob a dor e a culpa, deixando-a sufocar sob a vontade deles.

Mas não mais.

Eu recuperaria o que me foi tirado — não apenas minha dignidade, mas meu nome, meu futuro, minha *alma* .

Essa era a minha vida. A minha história. E só *eu* escreveria o seu final.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

# UM DESVINCULATIVO

TO silêncio na minha cela agora tinha estrutura, pressionando meus tímpanos como água no fundo de um poço profundo.

Eu não me movia das grades desde que a Morte soltara minha mão, embora meus dedos não alcançassem mais a fresta entre nossas celas. Em vez disso, repousavam em meu colo, um polegar traçando o ponto exato onde o dele desenhara aquele círculo lento e possessivo em minha pele. A lembrança de seu toque queimava mais forte que o calor alienígena que percorria minhas veias — o sangue de Valen, ainda cantando sua corrupção em meu corpo como prata derretida.

Eu deveria estar exausto. O banquete, a humilhação, o confronto com a Morte — tudo isso deveria ter me deixado vazio, pronto para desabar num sono sem sonhos. Em vez disso, eu estava acordada. Vibrantemente, anormalmente acordada, como se cada nervo tivesse sido exposto e incendiado. Meu coração batia rápido demais, alto demais, um ritmo que parecia ecoar pelas paredes de pedra. Minha pele estava repuxada demais, quente demais, como se algo estranho tivesse se instalado sob ela e estivesse lentamente me esticando além dos meus limites naturais.

Deve ser isso que o sangue divino faz. Ele não tem um propósito simples, seja nutrir ou envenenar. Ele transforma. Altera a própria essência do que significa existir em carne mortal.

Minha mão livre subiu para tocar a coleira em meu pescoço, os dedos encontrando o couro liso, a prata fria que aquecera contra minha pele. No instante em que fiz contato, aquela onda de desafio me invadiu novamente — não a rebeldia desesperada de um animal encurralado, mas algo mais puro. Mais cortante. A fúria de uma criatura que se lembrava de que tinha garras.

Eu não sou um mero objeto para ser passado de um ser para outro.

Mas mesmo ao reconhecer essa verdade, a lembrança do banquete surgiu sem ser convidada, azedando minha língua com sua humilhação persistente.

As risadas. Deuses, as risadas ainda ecoavam em meus ouvidos como o grito de abutres. Não a cruel diversão dos inimigos, mas algo pior — o entretenimento casual daqueles que viam minha degradação como mero espetáculo. Eles me viram ajoelhar aos pés de Valen, me viram comer de seus dedos como um animal de estimação adestrado, e riram como se testemunhassem um truque particularmente astuto executado por um cão bem treinado.

O risinho de Lady Elinor quando Valen apertou a coleira em volta do meu pescoço. O aceno de aprovação de Lorde Talbett quando me sentei na almofada. A Condessa de Wesmark desviando o olhar, não por vergonha ou compaixão, mas por tédio — como se minha humilhação fosse banal demais para despertar seu interesse.

Essas pessoas me conheciam desde sempre. Curvavam-se quando eu entrava nas salas, embora a contragosto. E agora observavam minha subjugação com o mesmo interesse impassível que demonstrariam por uma peça de teatro de mímicos ou uma exibição de animais exóticos. .

Engoli em seco ao me lembrar de seus rostos, da maneira casual como retomaram suas conversas após a apresentação de Valen. Como se minha transformação de princesa em

animal de estimação fosse apenas mais um prato no entretenimento da noite, algo para ser consumido e esquecido.
Mas não foi a reação deles que mais me assombrou. Nem mesmo a crueldade calculada de Valen, sua orquestração deliberada da minha humilhação para o divertimento da corte.
Não. O que me assombrou foi aquele momento em que tudo mudou. Quando Eriseth se inclinou sobre o ombro de Valen, seus cabelos caindo como seda, seus lábios vermelho-sangue quase tocando sua orelha. O jeito como ela sussurrou para ele, íntimo e perspicaz, seus dedos percorrendo seu braço com uma familiaridade possessiva. O jeito como a atenção dele — sua atenção completa e absorvente — se desviou de mim.
E a fúria ardente que irrompeu em meu peito.
Foi um ato de desafio. Uma rebeldia contra o seu descaso, contra o seu tratamento como se eu fosse uma posse a ser ignorada enquanto ele se divertia com companhias mais interessantes.
Foi a reação natural de um prisioneiro levado ao limite, um espírito que se recusava a ser completamente quebrado.
Certo?
Mas as mentiras têm um gosto amargo na língua, e eu já estava cansado demais para me enganar.
Foi ciúme.
Puro ciúme primitivo e possessivo que me levou a cravar meus dentes em carne divina. A visão de outra mulher reivindicando sua atenção, tocando-o com intimidade casual enquanto eu permanecia ajoelhada e esquecida a seus pés — aquilo acendeu algo primordial, algo que exigia reconhecimento, exigia que seu foco retornasse a mim, onde deveria estar.
*Onde deveria estar.*
O pensamento me aterrorizava mais do que qualquer tortura que Valen pudesse inventar. Porque implicava uma posse mútua — não apenas o direito dele sobre mim, mas o meu sobre ele. Uma conexão. Forjado em sangue, dor e algo mais sombrio, algo que ainda não estou pronto para nomear.
Pressionei a palma da mão contra a boca, como se pudesse empurrar a verdade de volta pela garganta, engoli-la como seu sangue e deixá-la queimar em meu estômago, onde não pudesse me ferir. Mas a verdade, uma vez reconhecida, não pode ser desvista. Eu o mordi não por desafio, mas por ciúme. Não por rebeldia, mas por possessão.
E a parte mais condenatória? Não posso culpar o sangue dele por aquele momento de loucura. A essência divina ainda não havia passado pelos meus lábios quando me lancei para a frente, quando o marquei com meus dentes. Aquele ciúme, aquela fúria possessiva — era minha. Pura e inegável.
O calor estranho em minhas veias pulsava com mais força, como se respondesse à minha confissão. O sangue de Valen reconhecia a verdade quando a encontrava e recompensava a honestidade com um calor que se espalhava pelo meu peito, meus membros, meu âmago. A sensação não era desagradável. Na verdade, era como despertar após um longo e frio sono.
Eu queria provar o sangue dele novamente.

Não por compulsão divina ou influência sobrenatural, mas porque me lembrei do sabor adocicado como cobre, da forma como inundou minha boca como fogo líquido. Da maneira como ele me olhou depois — não com raiva ou nojo, mas com algo próximo à aprovação, como se eu finalmente tivesse lhe mostrado a verdade sobre o que se escondia sob minhas máscaras cuidadosamente construídas.

O desejo me aterrorizava. Não porque fosse errado — quem caberia julgar o certo e o errado no meu mundo de deuses e masmorras? — mas porque era meu. Pela primeira vez na vida, eu queria algo que não tinha nada a ver com dever, sobrevivência ou a necessidade desesperada de ser amado.

Eu o desejava. Seu sangue, sua atenção, sua escuridão. Queria marcá-lo novamente, ver aquele lampejo de prazer surpreso em seus olhos ancestrais. Queria ser aquela que quebraria seu controle meticuloso, que despedaçaria sua compostura divina até que nada restasse além de um *desejo mútuo e cru.* .

Nunca me ensinaram a desejar. Apenas a ser desejada, a moldar-me em qualquer forma que pudesse me render amor, aprovação, reconhecimento. A sorrir com olhos vazios e sangrar em silêncio, acreditando que o anseio pertencia a outras pessoas — as belas, as escolhidas, as abençoadas. Nunca a mim. Nunca *para* mim.

Mas todos haviam partido. A corte que me moldara, a família que mal me tolerara, o reino que nunca me pertencera de verdade… tudo se reduzira a cinzas e lembranças. Não havia mais ninguém para me julgar pela obscuridade dos meus desejos, ninguém para me condenar por querer algo que uma mulher decente não deveria querer.

Isolda talvez tivesse entendido. A doce e rebelde Isolda, com seus casos secretos e suas confissões sussurradas de prazeres roubados em celeiros e corredores vazios. Ela sempre insistiu que os desejos de uma mulher eram seus, que as regras da sociedade eram correntes feitas para serem quebradas. Mas Isolda se foi, fugiu para a segurança como eu implorei que fizesse, e provavelmente nunca mais a verei.

E Lysa — minha preciosa Lysa — estava crescendo sem mim, talvez esquecendo a irmã que a amara mais do que a própria vida. Kassimir havia prometido que elas estariam seguras, mas promessas de deuses são traiçoeiras, e eu não tinha como verificar sua palavra. Eu só podia esperar que ela estivesse viva, que fosse amada, que se lembrasse de nossas histórias nas noites em que a escuridão se tornasse insuportável.

Eles se foram. Minha família, minha corte, meu passado — tudo destruído, exatamente como Valen havia me dito. Eu estava sozinho neste novo mundo, sem prestar contas a ninguém além de mim mesmo.

Então, por que eu não deveria desejar? Por que eu não deveria abraçar a fome que crescia a cada instante, alimentada pelo sangue divino e pela lembrança de reivindicar o que desejava com dentes e fúria? Por que eu não deveria explorar esse novo território do desejo, essa paisagem da *ânsia* que se abre diante de mim como um reino desconhecido?

O calor em minhas veias parecia aprovar essa nova linha de pensamento, pulsando com aplausos enquanto eu reconhecia verdades que Eu estava com muito medo de encarar. O sangue de Valen reconheceu um espírito afim na minha escuridão emergente, acolheu a admissão de que eu não era a vítima inocente que fingia ser.

Toquei na coleira novamente, e desta vez a rebeldia que desencadeou foi diferente. Não a rebeldia desesperada de quem está preso, mas a confiança serena de quem decidiu parar de fugir de si mesma.

Se devo carregar a marca dele, talvez eu possa fazê-lo carregar a minha também. Se devo ser propriedade dele, talvez eu possa possuí-lo em troca.

Encostei-me à parede, sentindo a pedra fria contra a minha espinha. O tecido preto do vestido que eu ainda usava se acumulava ao meu redor como uma sombra, como a escuridão que eu finalmente aprendia a aceitar. Meu polegar continuava seu padrão ausente na minha mão, traçando onde a Morte me tocara, mas meus pensamentos não estavam mais focados na possessão divina ou no consolo impossível.

Em vez disso, pensei em cobre e calor, e no brilho nos olhos de Valen quando o marquei. Pensei na punição que ele havia prometido e nas maneiras pelas quais eu poderia transformar sua retribuição em revelação. Pensei na fome — dele e minha — e na alquimia perigosa que ocorre quando dois predadores se reconhecem em meio a uma sala lotada.

O silêncio na minha cela já não me parecia opressivo. Parecia expectante, repleto de possibilidades que eu apenas começava a compreender. Estava sozinha, sim, mas também livre de maneiras que jamais imaginei serem possíveis. Livre para desejar sem vergonha, para ter fome sem pedir desculpas, para abraçar a escuridão que me chamava por dentro.

Eu já fui uma princesa. Uma filha de Vareth. Eu me portava com orgulho mesmo quando me ignoravam, mesmo quando os olhos frios de Ira me julgavam por um pecado que não era meu. Mesmo quando o olhar do meu pai passava por mim como se eu fosse uma sombra na parede.

Eu havia mantido minha dignidade. Meu senso de identidade. Eu havia sobrevivido. .

Mas sobreviver não era tudo o que eu precisava agora. Algo havia mudado em mim — ou talvez sempre estivesse lá, esperando a chave certa para destrancá-lo. Uma fome que transcendia a mera necessidade física. Uma parte de mim que respondia ao poder, à escuridão, ao controle.

Ao meu próprio desejo.

Eu não era mais Mireille de Vareth. Aquela garota morreu na sala do trono quando o sangue de sua família manchou o chão de mármore. Eu era algo novo agora, algo sem nome e livre das regras que antes me aprisionavam.

E finalmente eu estava pronto para descobrir no que aquilo poderia se transformar.

# PARTE QUATRO
# O DESPERTADO

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

# O ÁPICE DA LOUCURA

Hele estava chegando.

O conhecimento se instalou em meus ossos como certeza, como profecia escrita em sangue divino e selada com minha própria fome recém-descoberta. Eu podia senti-lo na maneira como o ar mudava, denso com a aproximação da tempestade, na energia inquieta que vinha se acumulando sob minha pele.

O som de passos ecoava pelo corredor, lento e cadenciado, acompanhado pelo tilintar familiar de chaves e armas. Não havia nada de diferente no ritmo dos passos, mas a sensação era diferente mesmo assim. Uma diferença que fez meu pulso acelerar de expectativa em vez de pavor.

Endireitei-me, a coluna pressionando contra a pedra fria, o queixo erguido com um orgulho inconsciente. Seja como for. Valen havia planejado para esta noite, qualquer que fosse o castigo que ele pretendia me infligir por minha afronta no banquete, eu o enfrentaria de olhos bem abertos. Chega de me encolher. Chega de lágrimas silenciosas. Eu o mordi, provei seu sangue. Eu era capaz de muito mais do que jamais imaginei.

Os passos se aproximavam, agora acompanhados pelo murmúrio baixo das vozes. Reconheci a cadência mesmo antes de vê-los — meus três guardas, aqueles que cuidavam de mim após cada sessão, que haviam se tornado gentis em seu trato apesar da violência que eram obrigados a facilitar. O mais velho, com sua leve claudicação; o mais novo, cujo nariz ainda ostentava a lembrança torta do nosso primeiro encontro; o do meio, que falava menos, mas cujas mãos eram sempre cuidadosas ao limpar meus ferimentos.

E atrás deles, sua presença preenchendo o corredor como uma escuridão crescente, veio Valen.

Eu não precisava vê-lo para saber que ele estava ali. Seu poder o precedia, percorrendo o ar como ondas de calor. O sangue em minhas veias respondeu imediatamente, aquecendo, subindo para encontrar sua origem como limalha de ferro atraída por um ímã. Prendi a respiração, não por medo, mas pela intensidade do reconhecimento, de duas forças perigosas se reconhecendo através do espaço.

Já não tinha certeza de quem era o predador e quem era a presa.

A chave girou na fechadura com seu rangido característico, mas quando a porta se abriu, meus guardas não entraram imediatamente. Em vez disso, esperaram, afastando-se em perfeita sincronia para permitir que seu mestre assumisse o protagonismo.

Valen apareceu mais um pouco, e vê-lo me roubou o pouco fôlego que me restava.

Ele era magnífico em sua escuridão, alto e imponente em seu couro preto. Seus cabelos caíam sem esforço sobre a testa, emoldurando um rosto que pertencia tanto a pesadelos quanto a fantasias. Mas aqueles olhos negros e profundos me cativaram. Fixada em mim com tanta determinação, fazia minha pele parecer repuxada demais, quente demais, viva demais.

Ele não disse nada a princípio, apenas me estudou com o mesmo interesse clínico que um estudioso dedicaria a um espécime particularmente fascinante. Seu olhar percorreu-me lentamente, observando minha posição contra a parede, a forma como a seda se

ajustava ao meu corpo, a inclinação desafiadora do meu queixo. Quando nossos olhares finalmente se encontraram, vi um lampejo de expectativa em seu olhar.
“Entrem na cela dela”, ordenou ele aos guardas, sua voz carregando a autoridade absoluta da divindade envolta em carne mortal. “Amarrem seus pulsos na frente.”
Os guardas se moviam com uma eficiência prática, mas havia algo quase de desculpas em seus gestos ao se aproximarem de mim. O mais jovem evitou meu olhar enquanto se ajoelhava ao meu lado, tirando pedaços de corda do cinto. Suas mãos foram gentis ao juntar meus pulsos, a corda macia contra minha pele, mas firme o suficiente para segurar.
Não ofereci resistência. Por que deveria? Este era apenas o primeiro passo em um jogo que eu finalmente estava pronto para jogar. Observei Valen enquanto os guardas trabalhavam, notando como ele observava cada detalhe de seus cuidados, como suas mãos permaneciam perfeitamente imóveis ao lado do corpo, apesar da tensão que emanava dele como o calor de uma forja.
"Ajoelhem-se", disse ele assim que os guardas terminaram seu trabalho.
A ordem pairava no ar entre nós, carregada com todo o poder que ele exercia sobre mim, com a lembrança de cada vez que fui forçada a me submeter à sua vontade. Mas esta noite, eu não me submeteria. Esta noite, olhei para ele de minha posição contra a parede e sorri — não o sorriso triste de quem está derrotado, mas um sorriso afiado, perspicaz e totalmente impenitente.
Eu não me mexi.
O silêncio que se seguiu foi eletrizante, carregado de tensão. Os guardas se remexeram nervosamente, sem saber como reagir à minha afronta. Mas Valen... Valen ficou completamente imóvel, a cabeça inclinada levemente enquanto me estudava com renovado interesse. .
“Eu disse para ajoelhar”, repetiu ele, com a voz mais suave, mas de alguma forma mais perigosa.
Mesmo assim, permaneci onde estava, coluna reta contra a pedra, olhos prateados fixos nos seus olhos negros. Deixei que ele me obrigasse a ajoelhar.
Os guardas se moveram sem precisar de mais instruções, suas mãos firmes, mas não cruéis, enquanto me agarravam pelos braços, me levantavam e me puxavam para frente. Meus joelhos bateram no chão de pedra com um impacto seco, mas mantive a cabeça erguida, o olhar fixo no rosto de Valen enquanto me posicionavam no centro da cela como uma oferenda diante de um altar.
“Deixe-nos ir”, disse Valen sem desviar o olhar do meu.
Os guardas partiram com visível alívio, seus passos ecoando pelo corredor até que o silêncio nos envolveu novamente.
Valen começou a me cercar, seus movimentos predatórios e deliberados, cada passo calculado para me lembrar da minha posição. Mas me vi acompanhando seu progresso não com a atenção cautelosa de uma presa, mas com o interesse concentrado de um oponente em pé de igualdade.
“Esta noite”, disse ele, com a voz ecoando pela cela como um trovão distante, “vocês aprenderão a diferença crucial entre desafio e estupidez”.

Mantive meus olhos fixos nele enquanto se movia, recusando-me a baixar o olhar apesar da posição vulnerável em que me encontrava. "Qual *a* diferença, meu rei?", perguntei, minha voz firme apesar do poder divino que me pressionava por todos os lados.
Ele cantarolou, como se ainda não estivesse pronto para me contar. "Tão impaciente. Diga-me, *minha rainha* ", disse ele, o carinho distorcido para algo zombeteiro, "por que você pensa que está se ajoelhando diante de mim?"
"Porque você é um deus sádico que sente prazer com a dor alheia?"
O sorriso de Valen era lento e terrível, uma lua crescente surgindo na escuridão de seu rosto. "Não", disse ele, retomando seu circo predatório. "Você está ajoelhado porque agiu como um animal raivoso ontem à noite." Ele fez uma pausa. "E animais raivosos, "Minha querida, seja sacrificada."
A ameaça deveria ter me aterrorizado. Deveria ter me gelado as veias, deveria ter me reduzido a uma criatura trêmula e suplicante.
Em vez disso, não senti... nada.
Não, não era nada. Eu me sentia viva. Vibrante, perigosamente viva, como se o sangue de Valen tivesse despertado algo em mim que prosperava na confrontação, que se alimentava da tensão elétrica crepitante entre nós.
Inclinei a cabeça, observando-o enquanto ele completava mais uma volta ao meu redor, seus olhos negros nunca se desviando do meu rosto. Havia algo diferente em sua expressão esta noite — uma intensidade que ia além de sua crueldade calculada de costume, um calor que demonstrava um envolvimento genuíno, e não mero entretenimento. Como se ele também tivesse percebido que as regras do nosso jogo haviam mudado fundamentalmente.
“Você me mordeu”, continuou ele, cada palavra medida e precisa. “Diante do meu tribunal. Diante do que resta do seu. Eu o avisei para se comportar e então você me *mordeu. ” meu* ."
“Sim, eu estava lá”, respondi, com um tom de falsa consideração na voz. “Embora eu não me lembre de você ter especificado qual comportamento esperava.”
Valen diminuiu o ritmo de seus movimentos circulares, sua atenção se aguçando como uma lâmina encontrando seu fio. "Eu esperava obediência. Submissão."
Eu zombei. "Sua atenção não deveria ter se desviado se você queria minha obediência completa."
Valen parou completamente de circular, e eu me amaldiçoei mentalmente. Seu sorriso era lento e perspicaz enquanto eu o encarava.
“Ah”, disse ele, com a voz carregada de divertimento. “Não tinha percebido.”
Mantive a expressão neutra, mas algo no meu silêncio deve ter dito muito, porque o sorriso dele se alargou, transformando-se em algo genuinamente encantado.
“Minha rainha estava com ciúmes?”, perguntou ele, agachando-se até ficarmos cara a cara, com o rosto a centímetros do meu. “Doía ver outra mulher tocar no que você decidiu?” era seu?”
Deixei meu próprio sorriso se formar em meus lábios. "Com ciúmes?", repeti. "Não se iluda. Eu estava apenas... irritada com a sua falta de concentração."

"Irritado", repetiu Valen, seus olhos negros brilhando com algo que poderia ter sido alegria genuína. "Como você é deliciosamente transparente. Diga-me, foi ciúme que a levou a cravar seus dentes na minha carne? Ou simples instinto animal?"
O calor subiu às minhas bochechas, mas recusei-me a desviar o olhar. "Você pretende me torturar", perguntei, mudando de assunto com provocação deliberada, "ou a tortura é apenas a sua presença?"
Valen riu — um som rico e genuíno que preencheu minha cela como uma música sombria. A expressão transformou completamente seu rosto, suavizando os ângulos rígidos, fazendo-o parecer menos um deus antigo e mais um homem que havia encontrado algo inesperadamente divertido. Mas por baixo da diversão, eu podia sentir a tensão crescendo, se acumulando como uma mola comprimida demais.
Ele estava gostando disso. Da troca de farpas, da atmosfera carregada, da maneira como eu respondia às suas provocações com as minhas próprias. Pela primeira vez desde a minha captura, estávamos nos enfrentando como iguais — predador contra predador, escuridão contra escuridão. E essa constatação me deu um arrepio.
“Oh, minha querida Mireille”, disse ele, levantando-se de sua posição agachada para ficar imponente sobre mim mais uma vez. “Acho que você vai descobrir que minha presença é a parte menos torturante da programação desta noite.”
Havia promessa em sua voz, carregada de implicações que aceleraram meu pulso. Mas não de pavor. De expectativa. Com aquele tipo de excitação sombria que surge ao estar à beira de um precipício e contemplar a queda.
"Que misterioso", respondi, inclinando a cabeça para trás para encontrar seu olhar. "Estou tremendo de expectativa."
Os olhos de Valen brilharam com meu sarcasmo, mas em vez de raiva, vi algo que parecia suspeitosamente com aprovação. Como se minha rebeldia fosse exatamente o que ele esperava, exatamente o que ele estava esperando que eu lhe mostrasse. .
“Deveria estar”, disse ele, baixando a voz para aquele sussurro aveludado que parecia ressoar em meus ossos. “Porque esta noite, vou lhe dar o que você tentou tomar sem permissão.”
Ele se aproximou, tão perto que eu podia sentir o calor irradiando de seu corpo, podia sentir aquele cheiro inebriante da mistura de ar da montanha, metal e algo mais sombrio que lhe pertencia exclusivamente. Minhas mãos amarradas repousavam em meu colo, os dedos se curvando involuntariamente enquanto ele se inclinava, aproximando seu rosto do meu mais uma vez.
“Vou te dar meu sangue.”
Minha boca salivou instantaneamente. A lembrança do cobre e do fogo inundou meus sentidos, a essência divina que eu havia provado cantando seu reconhecimento em minhas veias. Meus lábios se entreabriram, a respiração tornando-se superficial enquanto meu corpo se lembrava do prazer de consumir o poder divino.
E então eu ouvi — um som que pareceu penetrar diretamente na minha consciência. Um rosnado, baixo, furioso e totalmente desumano, ressoando em meu crânio como um trovão distante. O som do meu deus acorrentado, observando, desaprovando e completamente impotente para intervir.

Morte. Sua fúria me atingiu como um soco no peito. Ele sabia o que estava acontecendo, podia sentir a mudança em mim. Mas seus avisos já não me preocupavam, não com a promessa de Valen me incendiando.
Embora fosse curioso. Valen não deu nenhum indício de ter ouvido a ira da Morte. Sua atenção permaneceu fixa em mim, na forma como minhas pupilas deviam ter dilatado, na rápida subida e descida do meu peito. Era como se ele não tivesse ouvido a Morte.
O rugido ecoou em mim novamente, mais insistente desta vez, acompanhado pelo tilintar de correntes contra a pedra. A fúria da morte pressionava as bordas da minha consciência, um peso frio que contrastava fortemente com o calor que se acumulava entre Valen e eu. Por um instante, minha atenção vacilou, atraída por aquela escuridão familiar, pelo deus que me acolhera quando ninguém mais o faria. .
Aquele momento de distração foi tudo o que Valen precisava.
Suas mãos se estenderam como serpentes atacantes, agarrando meus ombros com uma força brutal. Antes que eu pudesse reagir, antes mesmo que eu pudesse processar o que estava acontecendo, ele me puxou para frente e golpeou.
Seus dentes cravaram-se na curva do meu pescoço com precisão predatória, encontrando o ponto exato onde meu pulso batia mais forte sob a pele delicada. A dor foi imediata — uma sensação aguda e dilacerante que arrancou um suspiro da minha garganta e enviou um arrepio percorrendo minha espinha.
A agonia se transformou com uma velocidade estonteante, a dor metamorfoseando-se em algo completamente diferente. Prazer — puro, incandescente, avassalador — inundou-me a partir do ponto onde seus dentes perfuraram minha carne. Era como ter fogo injetado diretamente na minha corrente sanguínea, como ser atingido por um raio e descobrir que a eletricidade era o êxtase manifesto.
Minhas costas se arquearam involuntariamente, pressionando-me contra ele, minhas mãos amarradas se erguendo para agarrar o couro de sua camisa. Um som escapou dos meus lábios — meio suspiro, meio gemido — enquanto ondas de sensações me inundavam. Isso era além de tudo que eu já havia experimentado, além de qualquer prazer que eu tivesse imaginado ser possível. Era como se cada terminação nervosa do meu corpo tivesse despertado de repente, como se eu estivesse me sentindo verdadeiramente viva pela primeira vez na minha existência.
Distantemente, através da névoa de sensações avassaladoras, ouvi Valen emitir um som próprio — um gemido profundo e primal que vibrou contra minha garganta. O som me provocou novos arrepios, e me vi inclinando-me para ele, oferecendo mais do meu pescoço, desesperada para que ele continuasse a exercer qualquer poder sombrio que estivesse exercendo sobre minha carne receptiva.
Seus braços me envolveram, puxando-me contra o peito com uma força desesperada, e eu pude sentir a tensão em seu corpo, o tremor em seus músculos, contidos. Ou talvez em sua própria sensação avassaladora. Porque isso não era apenas... me afetando. Eu podia sentir sua reação na forma como sua respiração se tornou irregular, no calor que irradiava de sua pele, no aperto possessivo de suas mãos.
Então, com o que pareceu um esforço tremendo, Valen se desvencilhou.
Gritei com a perda repentina, a ausência de sua boca contra minha pele me deixando incompleta, desolada. Minha cabeça caiu para trás, o pescoço exposto e provavelmente

marcado com a impressão de seus dentes, o sangue escorrendo em finos filetes, misturando-se à seda negra do meu vestido.
Valen sentou-se sobre os calcanhares, o peito subindo e descendo rapidamente enquanto lutava para recuperar o controle. Seus lábios estavam manchados com meu sangue, um vermelho escuro contrastando com a pele pálida, e enquanto eu observava, ele ergueu o polegar para limpar o excesso. O gesto foi quase clínico, mas então ele pressionou lentamente aquele polegar ensanguentado contra a boca, seus olhos negros nunca desviando os meus.
A visão provocou uma onda de calor que me invadiu, meu corpo respondendo ao ato íntimo com uma intensidade que deveria me envergonhar. Em vez disso, me vi observando com fascínio voraz, memorizando cada detalhe da maneira como ele saboreava minha essência.
"Você sabe", disse ele, com a voz rouca, talvez carregada de admiração, "o que acontece quando um deus e um mortal trocam sangue?"
Tentei falar, tentei articular palavras em meio à névoa de sensações que ainda turvava meus pensamentos, mas só consegui balançar a cabeça. Minha voz parecia ter me abandonado por completo, roubada pela experiência avassaladora de ser consumida por um ser divino.
Valen se inclinou para mais perto, tão perto que eu podia sentir o cheiro do meu próprio sangue em seu hálito, podia ver como suas pupilas estavam dilatadas. Quando ele falou, suas palavras foram pouco mais que um sussurro, íntimas como a confissão de um amante.
"Loucura."
A palavra pairava entre nós como uma promessa e uma ameaça combinadas. Loucura. O preço do sangue divino, o custo de Cruzando as fronteiras entre mortal e divino. Eu deveria ter ficado apavorado. Deveria ter recuado diante das implicações, diante da consciência de que o que acabávamos de fazer poderia destruir o que restava da minha sanidade.
Em vez disso, senti apenas necessidade.
Valen deve ter percebido pela minha expressão, porque seu sorriso voltou, afiado, perigoso e belo. Sem desviar o olhar, ele levou o próprio pulso à boca.
Seus dentes eram mais afiados do que deveriam ser, brilhando brancos enquanto mordiam sua própria carne. Sangue escuro jorrou imediatamente, quase negro na penumbra da minha cela, e o aroma metálico da divindade impregnou o ar.
“Sua vez”, disse ele, estendendo o pulso ensanguentado em direção ao meu rosto.
Encarei a oferenda, a essência divina que fluía livremente da ferida autoinfligida. Todos os meus instintos gritavam para que eu recusasse, para que me afastasse. Que era repugnante querer prová-lo. Ainda assim, um instinto mais forte, despertado pelo sangue dele que já corria em minhas veias, me impelia a seguir em frente.
Mas antes que eu pudesse me mover, a mão livre de Valen subiu e agarrou meu queixo com uma força implacável. Seus dedos pressionaram minhas bochechas, forçando meus lábios a se separarem, e então seu pulso sangrando estava contra minha boca e não havia para onde recuar.
A primeira gota atingiu minha língua como fogo líquido.

O sabor era indescritível, nada parecido com sangue humano. Doce e defumado, algo indefinidamente ancestral, algo que evocava poder, conquista e a passagem de eras. Era a divindade concentrada, a essência pura destilada em forma líquida.
E foi magnífico.
Qualquer pretensão de resistência desmoronou quando o sangue divino inundou minha boca. Me vi avançando com avidez, meus lábios selando as feridas em seu pulso, bebendo com uma fome desesperada. Cada gole enviava novas ondas de sensação por todo o meu corpo, diferentes do prazer que ele já me proporcionara, mas Não menos avassalador. Era uma transformação, uma mudança no nível mais fundamental, e eu podia senti-la agindo em cada célula do meu corpo.
Eu estava perdida. Perdida no sabor requintado da divindade, na forma como seu sangue parecia cantar enquanto escorria pela minha garganta. Vagamente, eu percebia a outra mão de Valen acariciando meu cabelo, os sons de aprovação que ele emitia enquanto eu me alimentava dele como um parasita humano. Mas a maior parte da minha consciência estava focada no próprio sangue, na forma como ele preenchia espaços vazios dentro de mim que eu nem sabia que existiam.
Era isto que me faltava. Era isto que eu tanto desejava. E eu beberia cada gota que ele me oferecesse, que se danem as consequências.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

# A LOUCURA ENCARNADA

VAlen arrancou o próprio pulso, arrancando a carne da minha boca desesperada antes que eu estivesse pronto para soltá-lo.

A perda foi devastadora — como se o ar tivesse sido roubado dos meus pulmões, como ser arrastada da luz do sol para a sombra. Um som escapou de mim, um som que mal reconheci como minha própria voz, um lamento baixo de protesto que não continha nenhum traço da princesa digna que eu fora um dia.

Instintivamente, avancei, buscando a fonte daquele néctar divino, minhas mãos amarradas tentando alcançar seu braço que recuava. Mas ele já estava fora do meu alcance, já se afastando para observar a transformação que seu sangue causaria em minha frágil mente mortal. As feridas em Seus pulsos se fecharam enquanto eu observava, a carne divina se unindo com uma velocidade sobre-humana, deixando apenas o mais tênue vestígio do que havia acontecido.

"Mais", sussurrei, com a voz rouca de desejo desesperado. "Por favor, eu preciso—"

Mas aí o calor me atingiu.

Começou como um calor no meu peito, espalhando-se como óleo derramado na água, fluindo pelas minhas veias com propósito e poder. Não era o calor estranho que eu sentira ao provar seu sangue pela primeira vez no banquete — aquilo fora leve, quase como um rubor. Isto era diferente. Isto era fogo.

Deve ser a loucura. Valen havia prometido loucura.

Mas isto… isto não era assim. Era como sentir-me lúcida pela primeira vez na vida. Como acordar de um sonho de insignificância e impotência para descobrir que sempre fui algo mais.

Um som borbulhou do meu peito — não exatamente uma risada, não exatamente um ronronar, mas um som que pertencia a uma criatura selvagem e sábia. Senti minha cabeça inclinar para um lado enquanto estudava Valen com novos olhos, vendo-o através das lentes da transformação que ocorria em minhas células.

Ele era lindo, sim. Poderoso além da compreensão mortal. Mas ele também era... meu.

O pensamento se instalou em minha mente com absoluta certeza, como se estivesse escrito na própria essência da realidade.

Meu para desafiar, meu para reivindicar, meu para marcar como bem entendesse.

Um sorriso se espalhou pelos meus lábios — lento, perigoso, absolutamente confiante. A expressão parecia estranha no meu rosto, mas também perfeitamente adequada, como se eu tivesse usado máscaras a vida inteira e finalmente estivesse mostrando meu verdadeiro eu ao mundo.

Por um instante, a compostura impecável de Valen se quebrou, revelando algo que parecia suspeitosamente com choque. Seus olhos negros se arregalaram ligeiramente, seus lábios se entreabrindo como se fossem proferir palavras que não viriam. Era a primeira vez que eu o via verdadeiramente surpreso, a primeira vez que sua antiga confiança vacilava na minha presença. .

Aquela visão me provocou uma onda de triunfo ainda mais inebriante que o próprio sangue.

“Como...” ele começou, depois parou, seu olhar percorrendo meu rosto como se procurasse sinais da loucura que havia prometido. “Como você se sente?”
A pergunta era simples, mas a forma como ele a fez — com genuína curiosidade em vez de observação clínica — indicou que o que quer que estivesse acontecendo comigo não era o que ele esperava. Refleti bastante sobre a resposta, saboreando a maneira como sua atenção se concentrava em mim com intensidade cirúrgica, como ele se inclinava levemente para a frente, como se minha resposta pudesse conter os segredos do universo.
Olhei para ele por entre meus cílios, deixando que minha nova confiança colorisse cada movimento, cada respiração. "Eu sinto", eu disse, minha voz emergindo mais grave do que antes, mais rouca de desejo, "quero que você me toque."
As palavras dançavam entre nós, ousadas, descaradas e absolutamente verdadeiras. Passei a vida inteira escondendo meus desejos, me desculpando por querer coisas, fingindo que a fome era algo que pertencia a outras pessoas. *Chega.* Essa nova criatura vestindo minha pele não tinha paciência para tais enganos.
O sorriso de Valen voltou, mas agora era diferente — mais nítido, mais interessado, como se minhas palavras estivessem mais de acordo com suas expectativas. "Você acha?", murmurou ele, a voz baixando para aquele sussurro aveludado que fazia meus ossos vibrarem de ressonância. "E você acredita que merece ser tocada?"
Lambi meus lábios deliberadamente, saboreando os vestígios persistentes de seu sangue, apreciando a maneira como seus olhos acompanhavam o movimento com foco predatório.
"Sim", respondi sem constrangimento. Apenas com uma certeza confiante, como se a própria pergunta fosse absurda.
Um brilho de calor surgiu nos olhos de Valen enquanto ele se levantava, imponente sobre mim mais uma vez.
“O quanto você quer isso?”, perguntou ele, dando um passo deliberado para trás, depois outro, criando distância entre "Tão mal a ponto de rastejar até mim? De implorar pelo que você *acha* que merece?"
A antiga Mireille teria se arrepiado com a sugestão, teria reagido com uma recusa lacrimosa ou com uma submissão desesperada. Mas esta versão de mim mesma — esta criatura de desejo, poder e sangue divino — sentiu apenas excitação.
O tom desafiador em sua voz não era um insulto, mas sim um convite para jogar.
Meu sorriso se alargou, revelando dentes que pareciam mais afiados. Em algum lugar ao longe, eu vagamente percebia o som de correntes tilintando, a fúria da Morte pressionando-me. Mas agora parecia distante, insignificante comparado ao fogo que ardia nos olhos de Valen.
Aqueles olhos — negros como o vazio entre as estrelas — pareciam brilhar com uma luz acobreada, um poder divino manifestando-se em resposta a tudo o que ele via em minha expressão.
Foi a coisa mais linda que eu já tinha visto.
Comecei a rastejar em sua direção.
Não da maneira desesperada e degradante que ele havia sugerido, mas avançando de joelhos, meus quadris balançando de forma predatória, minhas mãos amarradas

empurrando meus seios para frente. Mantive meus olhos fixos nos dele, observando como sua respiração mudava, como suas mãos se fechavam e abriam ao lado do corpo, como se ele estivesse lutando contra o impulso de me alcançar.
A reação dele fez meu sorriso se alargar ainda mais.
Quando cheguei perto dele, meus dedos repousando no couro de suas botas, Valen olhou para mim com algo que poderia ter sido orgulho, se não estivesse tão profundamente contaminado pela malícia.
“Seu pai estaria tão orgulhoso”, murmurou ele, a voz um carinho aveludado envolvendo uma lâmina. “Sua filha bastarda, rastejando em direção ao próprio deus que massacrou sua família. Diga-me, você acha que Aeldrin está observando, agora mesmo, do além do vazio? Você acha que ele consegue ver no que sua preciosa linhagem se transformou?” ”
Aquelas palavras deveriam ter me atingido em cheio. Deveriam ter me feito sentir uma vergonha imensa, deveriam ter me feito recuar do que eu estava fazendo, do que eu havia me tornado. Outrora, talvez tivessem me reduzido às lágrimas, talvez tivessem me feito recuar horrorizado com meus próprios atos.
Em vez disso, senti meu sorriso se tornar malicioso.
A expressão no meu rosto era selvagem, indomável e totalmente impenitente. Que meu pai assistisse, seja lá de onde fosse o inferno que abrigasse sua alma. Que testemunhasse sua filha bastarda abraçando a própria escuridão. Que visse que eu não era mais a sombra que ele mantivera escondida nos cantos do palácio, mas algo magnífico e terrível por direito próprio.
"Espero que ele esteja assistindo", eu disse, com a voz saindo num tom de satisfação. "Espero que ele veja exatamente as consequências de suas escolhas."
Os olhos de Valen brilharam em um vermelho intenso, uma mistura de surpresa e deleite, como se minha resposta desavergonhada não fosse o que ele esperava provocar, mas algo ainda melhor. O sangue divino em minhas veias cantava em aprovação, aquecendo minha pele até que eu me sentisse febril de desejo, de poder, com a certeza inebriante de que eu estava exatamente onde deveria estar.
Minhas mãos amarradas subiram, deslizando lentamente pelo tecido de suas calças. O material era macio sob minhas palmas, aquecendo ao meu toque, e eu podia sentir seu calor através da barreira da roupa. Meus dedos encontraram os cadarços que mantinham a peça fechada, e comecei a desabotoá-los com determinação inabalável.
"O que você pensa que está fazendo?", perguntou Valen, embora seu tom não demonstrasse nenhuma surpresa real. Na verdade, ele parecia divertido com a minha ousadia, como se estivesse curioso para ver até onde essa nova versão de mim iria chegar.
“Como é?” respondi sem desviar o olhar da minha tarefa. Os cadarços eram complexos, projetados mais para segurança do que para facilitar a remoção, mas eu tinha paciência. Eu tinha todo o tempo do mundo para desatar os cadarços, peça por peça. “Vou pegar o que eu quero.” ”
Meus dedos mal tinham começado a afrouxar a primeira amarra quando as mãos de Valen dispararam para baixo, seu aperto se fechando em torno dos meus pulsos amarrados com uma força brutal. A súbita restrição enviou uma onda de necessidade

frustrada por todo o meu corpo, que protestou contra a interrupção com uma intensidade que me surpreendeu.
"Não", disse ele, com a voz rouca, carregada de um desejo que talvez fosse apenas uma repressão. "Você não conquistou o privilégio de ter as coisas que deseja."
Olhei para ele, deixando minha decepção transparecer claramente em meu rosto. Meu lábio inferior se projetou em um bico exagerado, e mudei o peso do meu corpo, pressionando as coxas uma contra a outra em uma tentativa desesperada de aliviar a dor que crescia entre elas. O movimento foi instintivo, meu corpo buscando alívio para o fogo que o sangue de Valen havia acendido em minhas veias.
A sensação era diferente de tudo que eu já havia experimentado — não apenas excitação física, embora isso certamente fizesse parte, mas algo mais profundo. Algo que parecia fome, poder e necessidade desesperada, tudo entrelaçado em uma força avassaladora. Era como se cada terminação nervosa do meu corpo estivesse em chamas, como se eu estivesse queimando de dentro para fora de desejo.
"Por favor", sussurrei, a palavra escapando dos meus lábios antes que eu pudesse impedi-la. Não era o apelo desesperado de uma vítima, mas a exigência de alguém que sabia exatamente o que queria e estava ficando impaciente com as negativas. "Eu preciso de você. Preciso do seu pau na minha língua, sentir seus piercings cravando na minha garganta." Soltei um suspiro, aproximando meu corpo do dele. " *Por favor* ."
O aperto de Valen em meus pulsos se intensificou, e quando olhei para seu rosto, vi que suas pupilas haviam dilatado até que apenas finos anéis negros de íris permanecessem visíveis em suas bordas. Sua respiração havia se tornado superficial, controlada, como se ele estivesse travando sua própria batalha contra quaisquer forças que estivessem atuando entre nós.
“Por que”, perguntou ele, baixando a voz para aquele sussurro perigoso que parecia ressoar em meus ossos, “eu lhe daria essa satisfação? Você é requintada em seu desespero, minha rainha. Absolutamente magnífica.” ”
O elogio fez com que uma onda de calor percorresse meu corpo, e me vi me aconchegando ainda mais em seu abraço. Meu corpo parecia ter desenvolvido vontade própria, respondendo às suas palavras, ao seu toque, à sua presença com avidez.
“Farei qualquer coisa”, sussurrei, as palavras soando como promessa e ameaça. “Qualquer coisa que você quiser. Só por favor—”
Interrompi o diálogo, incapaz de articular exatamente o que eu implorava. Toque? Libertação? Mais do seu sangue divino? Tudo parecia igualmente necessário, igualmente urgente. O fogo em minhas veias crescia a cada instante, exigindo satisfação em qualquer forma que ele estivesse disposto a me proporcionar.
Valen inclinou a cabeça para um lado, estudando-me com a atenção concentrada de um estudioso examinando um espécime particularmente fascinante, antes de levar a mão à minha bochecha, o toque eletrizante contra minha pele sensibilizada. "Olha só para você", murmurou ele, quase para si mesmo. "Veja no que você se transformou."
Virei meu rosto para a palma da mão dele, meus lábios roçando sua pele sem que eu percebesse. Ele tinha gosto de sal, inverno e algo metálico que reacendeu a chama em minhas veias. Um gemido escapou de mim, um som irreconhecível como sendo o meu.

“Insaciável”, observou Valen, passando o polegar pelo meu lábio inferior. “Arruinada.” Sua voz baixou, ficou mais rouca. “Como você fica linda de joelhos para mim. Linda, com meu sangue nos seus lábios.”
Ele se inclinou para frente, seus olhos nunca se desviando dos meus enquanto sua língua traçava um caminho lento e deliberado pela minha boca manchada de sangue. O contato foi eletrizante, enviando ondas de prazer que irradiaram por todo o meu corpo. Não consegui conter o suspiro que escapou de mim, minhas mãos amarradas agarrando desesperadamente o ar entre nós enquanto meu corpo se arqueava em sua direção por conta própria.
O gosto dele persistia — cobre, divindade e algo mais sombrio que falava de um poder ancestral. Meus lábios se entreabriram, buscando mais, famintos por tudo o que ele pudesse me dar. Mas Valen segurou meu rosto imóvel, seu sorriso se alargando diante da minha frustração. .
"Que criatura gananciosa", murmurou ele contra minha boca, sua respiração se misturando à minha. "Desesperado por uma provinha sequer."
Suas palavras deveriam ter sido a humilhação final, mas desencadearam outra onda de desejo ardente em mim. Esfreguei minhas coxas desesperadamente, buscando alívio para a pressão crescente.
"Você me deixaria levá-la aqui?", continuou Valen, com a voz ficando cada vez mais rouca a cada palavra. "Nesta masmorra imunda, sobre estas pedras frias, em qualquer lugar que eu quisesse?"
Enquanto ele falava, algo mudou em seus olhos. Eles começaram a se transformar, as cores se misturando como óleo na água. O preto irrompeu das bordas brancas, o vermelho, profundo e intenso como sangue arterial, preenchendo suas íris. Era Vharok olhando para mim — não o rei mortal que fingia ser, mas o deus do sangue e da dominação em toda a sua terrível glória.
Senti um desejo tão intenso que percorreu meu corpo e eu soltei um suspiro audível.
"Sim", sussurrei, minha voz quase como um sopro. "Em qualquer lugar. Do jeito que você quiser."
Correntes tilintavam no fundo da minha mente, distantes, mas furiosas. A voz da morte ergueu-se como um vento através dos meus ossos, um trovão silencioso de protesto que rasgou a névoa divina por um instante… e então se dissipou, engolida pela fome dentro de mim.
O aperto de Valen se intensificou dolorosamente, os dedos cravando-se em meu queixo com uma força que poderia me machucar, obrigando-me a voltar toda a minha atenção para ele. "Eu poderia te possuir agora mesmo", disse ele, a voz baixando para um sussurro rouco. "E você me agradeceria por isso."
Assenti freneticamente, desesperada para que ele entendesse a profundidade da minha necessidade. Eu precisava dele. Precisava de libertação. Minhas mãos amarradas se ergueram, buscando contato com qualquer parte dele que eu pudesse alcançar.
O polegar dele pressionou meus lábios e, sem pensar, eu os entreabri, levando o polegar dele à minha boca.
O sabor dele explodiu na minha língua — sal, potência e algo indefinidamente divino que fez meu corpo inteiro vibrar de reconhecimento. Primeiro, chupei suavemente, depois, com Com um sorriso irônico, estendi a língua e lambi lentamente da base do

polegar até a ponta, dando leves toques na polpa do dedo da mesma forma que fiz com o piercing dele na nossa noite de núpcias.
Um tremor percorreu todo o seu corpo, seu controle meticuloso vacilando o suficiente para me deixar vislumbrar o desejo oculto. Sua respiração falhou, sua mão livre se fechou em punho ao lado do corpo, e por um instante sua compostura divina se desfez por completo.
Ele queria isso. Me queria. Apesar de todos os seus jogos, crueldade e distância calculada, ele não era mais imune ao que quer que estivesse se construindo entre nós do que eu.
Eu precisava de alívio, e precisava disso agora.
De repente, uma onda de fogo divino percorreu minhas veias, mais intensa do que qualquer coisa que já tivesse experimentado. Não era o calor suave e crescente da transformação. Era algo consumidor, avassalador, um incêndio florestal que ameaçava consumir tudo o que eu era e deixar apenas uma necessidade primordial em seu rastro. Reconheci imediatamente.
*Essa* era a loucura, o preço do sangue compartilhado que Valen havia prometido.
Mas o reconhecimento não diminuiu seu poder, não me ajudou em nada a resistir à maneira como ele me despojou dos últimos vestígios de controle aos quais eu me agarrava.
Meu corpo inteiro tremia com a intensidade daquilo, os músculos se contraindo em uma tensão que exigia alívio. A dor entre minhas coxas tornou-se insuportável, uma fome lancinante que eclipsava todas as outras sensações. Minha pele parecia repuxada demais, hipersensível a cada sopro de ar, a cada sussurro da seda contra a carne. Até mesmo a gola em volta do meu pescoço se tornara uma fonte de atrito enlouquecedor, cada respiração fazendo-a se mover contra a pele que ardia com um calor anormal.
Tentei manter alguma aparência da sedução controlada que vinha tecendo ao seu redor, tentei me agarrar à confiança predatória que parecera tão certa momentos antes. Mas a essência divina que percorria meu ser tinha outros planos. Queria movimento, ação, o imediato. satisfação de todos os impulsos sombrios que vinham se acumulando desde o nosso primeiro encontro.
Minha boca soltou o polegar dele com um som úmido, e antes que ele pudesse reagir, eu me lancei para a frente.
O movimento foi puro instinto, impulsionado por uma necessidade tão fundamental que ultrapassou completamente o pensamento consciente. Minhas mãos amarradas buscavam-no desesperadamente. Eu precisava do seu toque, da sua pele contra a minha, do seu poder fluindo para dentro de mim até que essa dor terrível finalmente encontrasse alívio.
Mas Valen foi mais rápido.
Suas mãos se estenderam para agarrar meu pescoço, me segurando com uma força que me lembrou exatamente o que ele era — não o rei mortal que fingia ser, mas um deus cujo poder eclipsava qualquer coisa que eu pudesse almejar. A frustração de ser impedida, de ter negado o que eu precisava com tamanha urgência desesperada, arrancou um som da minha garganta, parte rosnado, parte soluço.

“Você se esquece de si mesma”, sibilou Valen, puxando-me para perto, seu rosto a centímetros do meu. Tão perto que eu quase podia sentir o gosto do seu hálito. “ *Eu* decido quando você é tocada. *Eu* decido quando você é fodida. *Eu* decido quando você tem permissão para *respirar* .”
"Por favor", implorei, lutando contra seu aperto. Se ao menos eu pudesse chegar um pouco mais perto. "Eu não consigo... eu preciso..."
As palavras se dissolveram em um grito incoerente quando outra onda de sensações me atingiu, meus joelhos cedendo com a força dela. Minha visão ficou turva nas bordas, o mundo se estreitando até que nada existisse além do rosto de Valen e do vazio terrível e lancinante que seu toque podia preencher. Eu estava me afogando em desejo, sufocando em minha própria ânsia, e ele era a única fonte de ar.
Seu aperto se intensificou ligeiramente, estrelas dançando nas bordas da minha visão. A falta de ar, combinada com o veneno dentro de mim, enviou ondas de sensações vertiginosas direto para o meu âmago. Cada batida do meu coração pulsava entre minhas coxas, uma dor implacável e latejante que exigia satisfação. .
"Por favor", murmurei, a palavra inaudível devido à compressão das minhas vias respiratórias.
Antes que minha visão escurecesse completamente, seu aperto afrouxou o suficiente para permitir uma respiração superficial, e eu puxei o ar para meus pulmões ardentes. Mas eu precisava dele dentro de mim mais do que precisava do ar. Precisava de seus lábios, precisava de seu pênis, precisava de seu sangue. "Eu preciso—"
“O que você precisa”, interrompeu Valen, apertando meu aperto novamente, “é se curvar como a fera em que você se transformou.” Sua outra mão subiu para afastar uma mecha de cabelo do meu rosto, o contato fugaz enviando faíscas por toda a minha pele.
Por um instante, talvez dois, fiquei imóvel. Algum instinto profundamente enterrado reagiu à autoridade em sua voz, à pressão de sua mão, à ameaça implícita. Meu peito subia e descia com respirações rápidas e superficiais, mas não me movi. Não resisti. Apenas o observei com olhos que eu sabia que deviam estar selvagens, dilatados, desesperados.
Foi uma vitória momentânea para ele — um segundo de submissão que pareceu agradá-lo imensamente. Seu aperto em minha garganta afrouxou um pouco, seu polegar continuando sua carícia irritante ao longo do meu maxilar.
“Que criaturinha tão boazinha”, murmurou ele, e essas palavras deveriam ter me enfurecido, deveriam ter me feito voltar a mim.
Em vez disso, eles quebraram o pouco controle frágil que ainda restava.
Avancei novamente, aproveitando a folga que ele me dera, e desta vez meus dentes encontraram o alvo — o mesmo lugar em seu pescoço onde ele me mordera, a junção vulnerável entre a garganta e o ombro. Mordi com força, sentindo o gosto de sal e suor limpo, e então o jato quente e metálico do sangue quando meus dentes romperam a pele.
Um som escapou dele — meio rosnado, meio gemido — quando suas mãos subiram para agarrar meus braços com força brutal. Ele me arrancou de seu pescoço, meus dentes arranhando sua pele, relutantes em soltar seu prêmio. Sangue manchava sua

gola, seu pescoço, meus lábios. A visão daquilo, o gosto ainda presente em minha língua, me levou ainda mais à loucura. .

Num movimento fluido, Valen me girou e me prensou contra a parede de pedra fria da cela. Meus braços amarrados foram esmagados entre meu peito e a parede, enviando lascas de dor até meus ombros, mas até isso se transformou em prazer em meu estado de transe. Seu corpo pressionou o meu por trás, uma mão emaranhada em meu cabelo, a outra segurando meu quadril, me mantendo no lugar.

Senti a rigidez e a ereção dele pressionando contra mim através das nossas roupas, prova de que o controle dele não era tão completo quanto ele fingia. Essa constatação enviou outra onda de calor intenso por todo o meu corpo, e eu o empurrei para trás, sem vergonha da minha necessidade.

"Você quer que eu te pegue aqui mesmo?" Valen sibilou no meu ouvido, sua respiração quente contra a minha pele. "Te foder contra a parede de uma masmorra?"

"Sim", eu disse com a voz embargada, além da vergonha, além de qualquer coisa, exceto a necessidade desesperada de me libertar do fogo que me consumia. "Por favor, Valen."

Seu aperto em meu cabelo se intensificou, puxando minha cabeça para trás e expondo meu pescoço. Senti seus dentes roçarem a pele sensível logo acima da gola, sem morder, apenas a ameaça — uma promessa e um aviso. Meu corpo estremeceu em antecipação, cada terminação nervosa pulsando com um desejo desesperado.

Então, abruptamente, ele deu um passo para trás. A súbita ausência do seu corpo junto ao meu foi como se ele estivesse arrancando minhas veias da pele. Virei-me para encará-lo, olhos selvagens, lábios entreabertos.

“Guardas!” A voz de Valen cortou meu desespero, aguda e imperativa. “Agora!”

A palavra " *guardas* " penetrou a névoa da loucura o suficiente para acender uma faísca de raiva junto com a necessidade avassaladora. Ele estava pedindo ajuda. Chamando outros para me conter, para me impedir de alcançar o que eu queria, o que eu precisava. A traição disso fez com que a fúria se misturasse ao fogo divino em minhas veias, criando algo ainda mais perigoso do que a pura luxúria.

E quando ouvi o som de passos correndo, quando soube que minha janela de oportunidade estava se fechando, cambaleei em direção a Valen. Mais uma vez, desesperado para diminuir a distância entre nós, ele me alcançou com facilidade, uma mão firmemente plantada no centro do meu peito, mantendo-me à distância de um braço. O toque era ao mesmo tempo tormento e alívio, a palma da mão queimando através da seda fina, marcando minha pele.

"Você vai *se comportar* ?", perguntou ele, com a voz baixa e ameaçadora, "ou preciso que você seja contido completamente?"

Antes que eu pudesse responder — antes que eu pudesse decidir qual opção me aproximaria do que eu tanto desejava — a porta da cela se abriu de repente. Meus três guardas entraram correndo, com os olhos arregalados diante da cena.

Valen deu um grande passo para trás, suas mãos se afastando do meu peito como se eu o tivesse queimado. A perda repentina de contato me fez cambalear para a frente, mas os guardas já estavam lá — mãos segurando meus braços, impedindo-me de alcançar o objeto da minha obsessão.

"Não!" A palavra escapou da minha garganta como um grito de pura frustração. Eles não podiam tirá-lo de mim, não agora, não quando eu estava tão perto de conseguir o que precisava. Joguei toda a minha força contra o aperto deles, me debatendo e lutando com um desespero que surpreendeu até a mim mesma.
O rosto do guarda mais velho estava sombrio, mas não hostil, enquanto ele apertava meu braço esquerdo. "Calma, Alteza", murmurou ele, o antigo título escapando por hábito. "Calma."
Mas não havia nada de fácil no fogo que ardia em minhas veias, nada de calmo na forma como a loucura divina havia me despojado de todos os meus impulsos civilizados. Eu precisava do toque de Valen como preciso de ar, e eles estavam me negando.
Joguei a cabeça para trás com toda a força que consegui reunir. O impacto foi imediatamente satisfatório — o crânio encontrando a cartilagem com um estalo úmido que enviou vibrações por toda a minha cabeça.
O guarda mais jovem — meu doce e jovem guarda, cujo rosto eu já havia desfigurado — soltou um uivo de dor. Sangue fresco espirrou pelo chão de pedra quando seu nariz se quebrou pela segunda vez, e seu aperto em meu braço direito afrouxou o suficiente para que eu me libertasse parcialmente. .
"Porra!" ele praguejou, levando uma mão ao rosto machucado enquanto a outra lutava para me segurar. "Ela quebrou!"
Por um instante, uma doce vitória. Por um instante, pensei que talvez conseguisse escapar de suas garras, que conseguiria voltar para Valen antes que pudessem me deter. Mas o guarda do meio já se movia para reforçar seu colega ferido, e o aperto do guarda mais velho em meu braço esquerdo era como ferro.
Eles me arrastaram de volta, para longe de Valen, para longe do alívio que eu tanto desejava com cada fibra do meu ser.
"Valen!" gritei, seu nome sendo ao mesmo tempo maldição e súplica em meus lábios. Me debati em seus braços, implorando com olhos selvagens e desesperados. "Não me deixem assim. Por favor."
Valen estava parado, fora do alcance, observando o caos com uma expressão dividida entre o divertimento e algo mais sombrio, mais faminto.
“Meu Rei”, disse o guarda mais velho a Valen, “o que o senhor quer que façamos com ela?”
Valen não respondeu imediatamente. Ficou parado me observando lutar, sua mão tocando distraidamente a ferida da mordida em seu pescoço, seus olhos nunca se desviando dos meus.
"Meu Rei?" perguntou o guarda novamente, com clara incerteza em seu tom de voz.
"Abrace-a", disse Valen finalmente, com a voz estranhamente distante. "Só... abrace-a."
Então eu vi — o desgaste do seu controle, visível no leve tremor de suas mãos, na tensão ao redor dos olhos, na maneira como ele parecia lutar para manter distância de mim. O leve brilho na tonalidade de sua pele. O deus estava mais próximo da superfície agora, Vharok se esforçando contra os limites da forma humana de Valen.
Valen se aproximou. Eu me esforcei para chegar até ele, cada fibra do meu ser buscando o que só ele podia me dar.

Sua mão disparou, os dedos se enroscando em meu cabelo, puxando minha cabeça para trás e expondo meu pescoço acima da gola. A ponta afiada A dor provocou uma onda de prazer perverso em mim, arrancando um gemido dos meus lábios.
"Você me quer, princesa?" A voz de Valen era pouco mais que um sussurro rouco, sua respiração quente contra minha garganta exposta. "Você rastejaria por mim, imploraria por mim, entregaria tudo o que você é por um momento de alívio?"
"Sim", eu disse com a voz embargada, a confissão arrancada de um lugar primitivo, além da vergonha. "Por favor."
"Você vê o que você é?", perguntou Valen, sua voz um ronronar perigoso contra meu ouvido. "No que você se transformou?" Seu aperto em meu cabelo se intensificou, enviando novas faíscas de dor e prazer percorrendo minha espinha.
Eu não me importava. Não me importava com a minha aparência. Não me importava com os guardas, com a minha dignidade, com nada além da necessidade ardente que me consumia. Virei meu rosto em direção ao dele, buscando sua boca com a minha, além da vergonha, além da racionalidade.
Valen recuou bruscamente pouco antes de nossos lábios se encontrarem, seus olhos brilhando com algo como triunfo misturado com relutância.
“Aproveite sua noite, minha rainha”, ele ronronou, com a voz carregada de riso rouco. “Espero assombrar seus sonhos tanto quanto você assombrará os meus.”
Com um gesto final e desdenhoso, ele soltou meu cabelo e deu um passo para trás. A perda do contato foi como ser banhada em água gelada, arrancando um grito de protesto da minha garganta.
“Corte as amarras dela”, instruiu ele ao guarda mais velho. “Depois, deixe-a lá. Isso vai passar até amanhã.”
O guarda hesitou. "Senhor, neste estado—"
“Ela não vai se machucar”, interrompeu Valen, com o olhar ainda fixo em mim, numa intensidade sombria. “Ela só quer uma coisa agora, e precisa que eu a alivie.”
A cruel verdade de suas palavras provocou outra onda de desespero em mim. Lancei-me contra ele novamente, mas o guarda o segurou com firmeza.
Valen se virou para sair, seu movimento suave e controlado apesar da evidência visível de sua excitação, o sangue ainda manchando sua gola. .
"Valen!" gritei atrás dele, minha voz embargada ao pronunciar seu nome. "Não me deixe assim! VALEN!"
Ele parou na porta, olhando por cima do ombro com um sorriso que eu não consegui decifrar — parte crueldade, parte algo quase como arrependimento. "Esta foi a sua lição sobre desafio versus estupidez, Princesa. Da próxima vez que você cravar seus dentes na minha carne, lembre-se das consequências."
Sua risada ecoou pelo corredor, um som que em circunstâncias normais me teria enfurecido, mas que agora apenas intensificava a necessidade desesperada que me consumia por dentro.
"Covarde!" gritei enquanto ele se afastava. Como não voltou, só me vi implorando novamente. "Não, Valen, por favor. Por favor, volte, meu Rei. Por favor!"
Mas ele não se virou, não reconheceu minhas palavras. Seus passos se afastaram com o mesmo ritmo cadenciado de sua chegada, como se nada tivesse mudado, como se ele

não tivesse acabado de acender uma chama em minhas veias que ameaçava consumir tudo o que eu já fora.
"Droga, garota, fique quieta", rosnou o guarda do meio, lutando para manter a firmeza. "Ele se foi. Acabou."
Meu fôlego murchou, minha respiração ofegante preenchendo o silêncio que se instalava. Quase não percebi quando o mais velho grunhiu uma ordem para seu companheiro mais jovem, que ainda segurava o nariz sangrando. Com movimentos rápidos e precisos, o guarda sacou uma faca e cortou a corda que prendia meus pulsos, depois recuou em direção à porta, arrastando o companheiro ferido consigo.
A porta da cela bateu com força, a fechadura girando com um clique final e condenatório. Eu estava sozinho com o fogo nas minhas veias, a necessidade desesperada que não encontrava vazão e o gosto persistente do sangue de um deus na minha língua.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

# EM INTERVENÇÃO DIVINA

Meu corpo não entendia que não receberia o que tanto desejava, que Valen havia partido, que o alívio não viria.

O fogo que ele acendera com seu sangue ardia em mim, um rio de lava que queimava cada terminação nervosa, acumulava-se em meu âmago e me deixava oca e dolorida. Cambaleei até o canto mais próximo do meu presságio, as pernas cedendo sob o meu peso até que deslizei pela pedra fria, aterrissando em um amontoado desajeitado de seda rasgada e membros trêmulos.

Eu me senti desconfortável. Muito desconfortável.

Minha garganta estava irritada de tanto gritar o nome de Valen, meus pulsos estavam machucados pelas amarras e pelas lutas subsequentes. Encostei minha bochecha na parede de pedra fria, buscando Alívio do calor que me consumia por dentro. Não adiantou. Nada adiantou. A fome que me dominara quando os dentes de Valen rasgaram minha pele persistia, um vazio lancinante que exigia ser preenchido.

Encolhi-me, joelhos contra o peito, braços firmemente abraçados a eles como se pudesse conter fisicamente o turbilhão que fervilhava dentro de mim. Meu vestido colava-se à pele úmida de suor, cada roçar do tecido contra os nervos sensíveis enviando novas ondas de excitação indesejada por todo o meu corpo. Eu ardia em chamas, consumida de dentro para fora por uma necessidade tão primitiva que transcendia o pensamento.

"Pare", sussurrei para o meu próprio corpo, a palavra caindo na escuridão como uma pedra. "Por favor, pare."

Mas a loucura não me ouviu. Não se importou com meus apelos, minha vergonha, minha rápida recuperação da consciência do que eu havia feito — de como eu havia me comportado diante de Valen e dos guardas.

Um som escapou da minha garganta — não exatamente um grito, não exatamente um soluço, algo selvagem e frustrado que ecoou pelas paredes de pedra da minha prisão. Encolhi-me para a frente, pressionando a testa contra o chão frio, as mãos agarrando a pedra como se eu pudesse cavar para sair, cavar até ele.

A fome não diminuía. Pelo contrário, só piorava. Transformava-se num vazio lancinante que me consumia por dentro, uma coceira sob a pele que não podia ser aliviada. Minhas coxas tremiam com a intensidade dela, meu âmago doía com uma necessidade sem saída, sem resolução.

O sangue de Valen secava no meu queixo, descamando, mas o gosto persistia na minha boca, na minha língua, uma lembrança constante do que havia acontecido entre nós. Do que havia sido despertado. Do que permanecia por realizar.

Eu queria odiá-lo. *Precisava* odiá-lo. Ele me reduzira a essa criatura trêmula e carente, governada por impulsos que eu não entendia. Ele havia me tirado tudo — minha família, minha liberdade, minha dignidade e, agora, parecia, até mesmo meu próprio senso de identidade.

Mesmo enquanto esses pensamentos se formavam, eu ansiava por ele. A lembrança de seus dentes em minha carne, sua mão em minha garganta, seu O corpo pressionado contra o meu enviava novas ondas de calor por todo o meu corpo, e eu não conseguia encontrar forças para negar isso.

Eu achava que já conhecia o desejo. Achava que entendia a necessidade, a vontade, a saudade. Mas isso... isso era algo completamente diferente. Isso era consumo, possessão, loucura. Queimava meus nervos como um incêndio florestal, acumulava-se derretido entre minhas coxas, pulsava em minhas veias a cada batida do meu coração. A mordida no meu pescoço parecia uma marca, uma conexão que não havia sido cortada pela partida de Valen, um canal por onde essa fome terrível continuava a jorrar.
Seria essa a verdadeira vingança de Valen, então? Não a dor física ou o confinamento solitário que ele me infligiu durante o último mês, mas sim me reduzir a uma criatura de pura necessidade, despojando-me de todo vestígio de dignidade e controle, deixando-me contorcer-me sozinha na escuridão com uma fome insaciável?
Uma onda de desejo particularmente intensa me atingiu em cheio, arrancando um grito entrecortado dos meus lábios enquanto meus dedos deslizavam entre minhas coxas. Mas assim que cheguei ao meu âmago, foi como se tudo ficasse dormente, impedindo-me de encontrar meu próprio alívio enquanto o desespero ainda pulsava dentro de mim. Era isso que ele queria dizer? Que eu precisava *dele* para me trazer alívio?
Soquei o chão de pedra com um grito, acolhendo a dor aguda que subiu pelo meu braço, precisando de qualquer sensação que pudesse sobrepor a dor enlouquecedora entre as minhas coxas.
Não funcionou. Nada funcionou.
Se o sangue que corria em minhas veias não pudesse ser negado, e se Valen não me desse o que eu precisava, eu encontraria outra maneira de obter alívio.
"Morte."
Era quase um sussurro, quebrado e desesperado, nem sequer alto o suficiente para ultrapassar os limites do meu próprio corpo encolhido. Mas era tudo o que me restava — essa tênue conexão com alguém, qualquer um, que não fosse Valen. .
Encostei a testa no chão, fechando os olhos enquanto outra onda de calor me percorria só de pensar no nome dele.
“Harbinger”, sussurrei novamente, mais alto desta vez, o nome surgindo como um apelo. “Por favor.”
Eu não sabia o que estava pedindo. Companhia na minha vergonha? Alívio deste tormento? A misericórdia do esquecimento? Não importava. Nada importava, exceto a necessidade desesperada de não estar sozinha com o fogo me consumindo por dentro.
"Morte", gritei mais uma vez, a voz embargada na única sílaba. "Por favor... me ajude."
“Então ela finalmente me chama.” A voz da Morte ressoou na escuridão, contida, frustrada e terrivelmente íntima. Parecia vir de todos os lados ao mesmo tempo — da parede atrás de mim, das sombras da minha cela, de dentro da minha própria mente agitada. “Que sons bonitos você fazia para *ele* ... Gostei particularmente do seu pedido. Tão cru. Tão *desesperado* . Quase divertido em sua degradação.”
Contive um gemido ao perceber a intimidade em sua voz, pressionando minha testa com mais força contra a pedra. Meu Deus, será que ele sempre teve essa voz? Era tão profunda, tão sensual, mesmo com a raiva que a permeava. Precisei apertar os dedos na palma da mão para me impedir de levar a mão entre as pernas.

“Ora, ora, meu pequeno cervo. Não seja tímido. Você me chamou, lembra? Três vezes. Com bastante insistência.” Ele cantarolou, o som atingindo diretamente onde eu precisava de alívio. “Havia algo que você queria?”
Meu corpo respondeu às suas palavras, uma nova onda de calor pulsando por mim, se instalando na parte inferior do meu ventre. Contive um gemido, apertando as coxas numa tentativa inútil de aliviar a dor.
"Não?", questionou a Morte, com um tom de falsa preocupação. "Que pena. Eu esperava ver se você *me imploraria* por isso."
Apertei os punhos contra os olhos, como se pudesse bloquear fisicamente o desejo que corroía minha sanidade como uma fera faminta. Sua voz — a voz da Morte — atravessou minhas defesas. Cada sílaba afiada como uma lâmina, doce como o pecado. Eu queria golpeá-lo por seu tom, pela diversão que escorria como veneno de suas palavras enquanto eu queimava viva em minha própria pele.
Mas eu não podia. Não se ele me oferecesse ao menos a mais remota chance de alívio.
"Faça parar", sussurrei, as palavras saindo quebradas e cruas. Meu orgulho jazia em farrapos ao meu redor, tão esfarrapado quanto o vestido de seda que se agarrava à minha pele encharcada de suor. "Por favor, meu arauto. Faça parar."
O silêncio que se seguiu ao meu apelo prolongou-se. Eu podia sentir sua atenção se intensificando, concentrando-se em mim através da pedra que nos separava. Quando ele finalmente falou, sua voz havia mudado — ainda zombeteira, sim, mas com um tom subjacente de tensão, de algo mais faminto.
“E como”, perguntou a Morte, “você gostaria que eu fizesse isso parar, meu pequeno cervo?” A pergunta fez minha garganta se fechar em antecipação. “Estou acorrentada nesta cela, assim como você está trancada na sua. Não posso te tocar.”
Outra onda de calor me atingiu em cheio, mais intensa que a anterior. Minha espinha arqueou involuntariamente, um grito gutural escapando dos meus lábios antes que eu pudesse reprimi-lo. O som ecoou na escuridão, cru, animalesco e profundamente vergonhoso.
"Não me importa como", ofeguei, minhas unhas cravando-se nas palmas das minhas mãos. "Só... qualquer coisa. Fale comigo. Distraia-me. Acabe com o meu sofrimento. Não me importa."
Um som baixo e frustrado reverberou pela pedra. "O que você quer que eu faça?" Uma pausa, carregada de contenção. "Eu o avisei sobre a loucura que se apodera dos mortais quando a divindade lhes toca os lábios. E o sangue de Vharok? Bebido diretamente da veia?" Ele estalou a língua.
A menção de Valen — de Vharok — fez com que outra onda de necessidade desesperada me atravessasse. Mordi o lábio com tanta força que quase o perfurei, tentando me concentrar naquela pequena dor em vez da imensa e avassaladora angústia entre minhas coxas. .
“Não”, sussurrei. “Não pronuncie o nome dele. Não—“ Minha voz falhou numa onda de necessidade tão intensa que minha respiração ficou ofegante. “Se você é realmente o que diz ser, se você é realmente um deus, então pode facilmente acabar com essa tortura. Você pode me *ajudar* .”

“Se eu sou realmente quem afirmo ser?”, repetiu ele, com a voz perigosamente suave. “Você ainda duvida de mim? Questiona minha divindade?”
Uma onda de frustração me invadiu, quente, aguda e repentina. Bati com a palma da mão na parede de pedra, e a ardência do impacto não conseguiu distrair da dor mais profunda e insistente.
“Prove, então!” rosnei, sem me importar com o tom da minha voz, sem me importar com nada além daquela necessidade implacável e enlouquecedora. “Se você *é* um deus, então faça algo divino e acabe com este tormento. Ou será que essas correntes o tornaram completamente inútil?”
A temperatura na minha cela pareceu cair dez graus num instante. O ar ficou denso, a pressão aumentando contra meus tímpanos até que eles começaram a doer. Quando a Morte falou novamente, sua voz não era mais apenas uma voz — era o estrondo da terra se movendo sob as montanhas, o silêncio entre as batidas do coração, o vazio que espera no fim de todas as coisas.
“Tenha muito cuidado com o que pede, Mireille.” Meu nome em sua boca era algo proibido, um feitiço, uma maldição. “Há preços que você não está preparada para pagar.”
Estremeci, uma parte distante e racional de mim reconhecendo o perigo em suas palavras. Mas essa parte estava se afogando no mar de desespero que se tornara toda a minha existência.
“Não acredito que você pudesse fazer nada para me ajudar, com correntes ou não”, eu disse, as palavras saindo amargas como fel. “Se pudesse, já teria feito. Em vez disso, você fica aí sentado zombando do meu sofrimento.”
Correntes tilintaram contra a pedra, o som ensurdecedor no silêncio que se seguiu à minha acusação. Por um instante, pensei que ele talvez não respondesse. Então, um som emergiu de além da parede — um rosnado tão grave, tão elementar, que parecia vibrar através dos próprios alicerces da masmorra. .
“Você não faz ideia do que eu gostaria de poder fazer com você.”
As palavras deslizaram para dentro da minha consciência como serpentes, enroscando-se nos meus pensamentos, cravando presas venenosas no que restava da minha sanidade. Sua voz havia mudado novamente, baixando para um tom tão grave que parecia ignorar meus ouvidos por completo, ressoando diretamente em meus ossos.
“Como eu faria isso parar, como você disse.” Cada palavra surgia com uma precisão cuidadosa e calculada, como se ele estivesse me concedendo um vislumbre de algo perigoso, algo sagrado. “Se essas correntes fossem quebradas, se essa parede entre nós virasse pó... eu lhe mostraria o verdadeiro significado da intervenção divina.”
Pressionei minha testa com mais força contra a pedra, como se pudesse derretê-la, como se pressão suficiente pudesse me aproximar do ser do outro lado. "Diga-me", sussurrei, as palavras quase inaudíveis. "Diga-me o que você faria."
Uma pausa. O ar em meus pulmões pareceu cristalizar, o tempo suspenso enquanto eu aguardava sua resposta. Quando ela veio, sua voz havia recuperado parte do controle, embora o tom perigoso ainda permanecesse.
“Eu tiraria a corrupção de Vharok das suas veias e a substituiria pela minha.” A confissão emergiu como um segredo arrancado das profundezas de um mar ancestral.

“Eu apagaria o toque dele da sua memória até que você não se lembrasse de nada além das minhas mãos na sua pele. Eu faria você esquecer o nome dele, pequena corça. Eu faria você gritar ‘ *meu’* ”.
Uma onda de calor percorreu meu corpo ao ouvir suas palavras, mas agora era diferente; não era apenas o sangue de Valen pulsando em minhas veias, mas algo novo. Algo que respondia à voz da Morte, às suas promessas, à fome sombria que tingia cada palavra sua.
"Faça isso", sussurrei, abandonando os últimos resquícios do meu orgulho. "Por favor, meu arauto, não aguento mais."
Um gemido — não de exasperação, mas de decisão — sussurrou através da pedra.
“Que se danem as almas, *tudo bem.* ”
Uma onda de triunfo me invadiu. Ele estava se rendendo. .
“Mas saiba disto”, continuou ele, “se eu te ajudar, não há volta atrás. O que começa aqui não pode ser desfeito.”
Quase ri disso. Como se houvesse alguma volta depois do que já me tinham feito, como se eu já não estivesse completamente transformada. "Entendo."
“Não”, disse ele, com a voz subitamente áspera. “Você não vai. Mas vai.” Outra pausa, esta repleta do eco de uma antiga contenção. “Você não pode ficar pensando nele, desejando-o, enquanto eu alivio seu sofrimento.”
Meu coração batia forte no peito, a expectativa, o medo e a necessidade desesperada se entrelaçando até que eu não conseguia mais separar um do outro. "O que você quer que eu faça?"
“Se você quer que a loucura cesse”, murmurou a Morte, “ela precisa ser consumida por uma loucura ainda maior.” O farfalhar de correntes, o movimento sutil de um corpo se aproximando da parede que nos separava. “Leve o dedo à boca. Morda até sangrar.”
Não hesitei. Sem a menor pausa para pensar ou refletir sobre as consequências, levei o dedo indicador aos lábios e mordi com força. O gosto metálico do meu próprio sangue inundou minha boca, estranhamente reconfortante em sua familiaridade. Um pequeno ponto de dor em meio ao vasto oceano da necessidade.
“Agora”, continuou a Morte, baixando a voz para aquele sussurro aveludado que parecia tocar minha pele diretamente, “dê-me isso”.
Estendi a mão através das grades, aproximando-a o máximo possível da cela dele. Ao esticar tanto a mão, já não conseguia ver o sangue a formar-se na ponta do meu dedo, a minha pequena oferenda carmesim na escuridão.
Por um instante, nada aconteceu. Então, eu senti — o roçar da pele dele na minha, quase imperceptível e logo ausente. Seu dedo, pensei, deslizando ao longo do meu corpo, recolhendo o sangue que eu havia derramado.
Um som emanou de sua cela — um gemido tão profundo que me fez estremecer novamente. O som de um ser provando algo proibido, algo perigoso, algo requintado. .
“Seu gosto”, murmurou ele, com a voz carregada de algo que eu não conseguia identificar. “Que o destino me amaldiçoe.”
"Está tudo bem?", perguntei, de repente insegura, de repente com medo, de uma forma que nada tinha a ver com a corrupção de Valen e tudo a ver com a maneira como a voz da Morte havia mudado.

Uma risada baixa, carregada de incredulidade. "Oh, meu pequeno cervo. Você realmente não faz ideia."
Antes que eu pudesse perguntar o que ele queria dizer, seu dedo apareceu, pressionando as minhas grades. "Aqui", disse ele, e mesmo através das sombras, pude ver o brilho de algo escuro e luminoso na ponta do seu dedo. Seu sangue, brilhando como luz estelar líquida na escuridão. "Pegue."
Minha garganta secou ao vê-lo. Se o sangue de Valen me chamava, o sangue da Morte cantava uma melodia tão antiga, tão perfeita, que parecia ressoar com algo enterrado no fundo da minha alma.
Dei um pulo para a frente, sentindo as grades frias contra minha bochecha enquanto agarrava seu pulso com dedos desesperados e puxava seu dedo sangrando para dentro da minha boca. Um som escapou de mim, meio suspiro, meio gemido, quando seu gosto explodiu na minha língua, antigo, doce e ardente como o coração de uma estrela.
Nada poderia ter me preparado para isso. Se o sangue de Valen era fogo, metal e conquista, o da Morte era o próprio cosmos, vasto, antigo e impossivelmente complexo. Tinha gosto de mel e relâmpago, de estrelas esquecidas e do esquecimento prometido. Tinha gosto do primeiro suspiro após o afogamento, da salvação oferecida na forma de doce destruição.
Eu suguei com força, desesperada por mais daquela essência dourada, minha língua girando em torno de seu dedo para recolher cada gota preciosa. A parede de pedra entre nós arranhava minha bochecha, as grades machucavam meu rosto, mas eu não me importava. Nada importava além de tê-lo mais dentro de mim, deixando sua divindade lavar a corrupção que Valen havia deixado para trás.
De sua cela veio um som que eu nunca tinha ouvido dele antes — um rosnado tão primitivo que parecia originar-se de... os próprios alicerces da terra. O som vibrou através da pedra, através dos meus ossos, instalando-se no meu âmago com um peso que me fez apertar as coxas.
“Mireille”, ele sussurrou, meu nome saindo rouco e entrecortado.
Seu dedo pressionou ainda mais fundo em minha boca, até onde o ângulo incômodo entre a parede e as grades permitia. Não havia nada de gentil no gesto, nada de cuidadoso ou contido. Era para seu próprio prazer, usando minha boca como eu usava seu sangue, ambos recebendo o que o outro oferecia com igual desespero.
Respondi sugando com mais força, puxando seu dedo comprido para dentro de mim com uma determinação gananciosa. Meus dentes roçaram em sua junta e ouvi sua respiração ofegante. O pensamento de que eu podia afetá-lo, de que eu podia fazer um deus suspirar apenas com a minha boca, enviou uma nova onda de calor através de mim.
Por um instante — um instante abençoado e dourado — senti a loucura de Valen começar a recuar. O fogo em minhas veias se apagou, a necessidade desesperada se extinguindo como a chama de uma vela privada de oxigênio. Eu podia respirar novamente, podia pensar além da fome insaciável que me levara a implorar, a rastejar, a abandonar cada resquício de dignidade que eu possuía.
Quase chorei de alívio. Quase o agradeci, quase me retirei para saborear aquele momento de lucidez.

Mas então voltou — não lentamente, não gradualmente, mas numa onda avassaladora de sensações que afogou minha momentânea lucidez. A loucura me atingiu com força redobrada, obliterando o pensamento, a razão, a contenção. Mas isso era diferente. Não era a loucura de Valen, não era a necessidade que ele havia plantado em minhas veias. Isso era novo. Isso era a dádiva da Morte, a maldição da Morte.

Se o sangue de Valen me fizera desejar, o sangue da Morte me fez adorar. Se a essência de Valen criara fome, a da Morte criou devoção. A necessidade que me consumia agora era mais profunda, mais fundamental — não apenas física. Ansiava por libertação, mas também por algo que tocava minha alma, que sussurrava sobre pertencimento, sobre completude, sobre encontrar a peça que faltava e que eu nem sabia que procurava.

Eu o queria — não apenas seu toque, não apenas seu corpo, mas ele por inteiro. Eu queria me aconchegar em seu peito e me aninhar junto ao seu coração divino. Eu queria me afogar em sua essência até que nada restasse de mim, até que eu fosse meramente uma extensão de sua vontade, seu desejo, sua existência.

E que os deuses me ajudem, eu queria que ele também me quisesse. Não como um animal de estimação, não como uma distração, não como um divertimento momentâneo para passar o tédio eterno de seu aprisionamento. Eu queria que ele precisasse de mim como eu precisava dele, que me desejasse como eu o desejava, que fosse incapaz de imaginar a existência sem o gosto da minha pele em sua língua.

Eu sabia, com uma certeza profunda, que se eu não conseguisse libertação — não apenas física, mas a libertação mais profunda de ser reivindicada, de ser desejada, de ser *dele* — eu me despedaçaria em fragmentos pequenos demais para jamais serem remontados.

“Por favor”, implorei com a voz embargada e desesperada. “Por favor, eu preciso—”

Ele retirou o dedo com um movimento súbito e decisivo, deixando-me sem ar diante da perda. Um som escapou-me — um gemido de protesto tão patético, tão desesperado, que eu teria ficado mortificada se tivesse a autoconsciência necessária para sentir vergonha.

Ele disse algo em uma língua que eu não reconheci, repleto de sons que soavam suspeitosamente como palavrões. As sílabas estrangeiras pareciam ressoar em meus ossos, adicionando mais uma camada à sinfonia de necessidade que me consumia por dentro.

Estendi a mão para ele, ambas as mãos abertas através das grades, dedos desesperados buscando qualquer parte dele que ele me permitisse tocar. "Não pare", implorei, minha voz embargada pelas palavras. "Por favor, eu preciso de mais. Eu preciso de você."

"Eu não consigo—" O som de punhos se chocando contra o ferro reverberou pelas masmorras, a Morte rosnando de frustração. "Eu não consigo "Te darei o que você precisa." Sua voz estava rouca, tensa, soando como dor física. "Não assim. Não através dessas grades."

Encostei-me à parede entre nós, meu corpo buscando seu calor através da pedra sólida.

“Então me diga o que fazer”, eu ofeguei, pressionando-me o máximo possível contra as grades, com o rosto virado para a cela dele, embora não pudesse ver nada na escuridão. “Diga-me como aliviar isso. Não consigo pensar, não consigo respirar, não consigo—”

“Toque-se.”

A ordem cortou meu balbucio como uma lâmina, simples e absoluta. Meu corpo inteiro se contraiu ao ouvir as palavras, um calor se acumulando entre minhas coxas com tamanha intensidade repentina que quase solucei.
“Mas eu tentei”, sussurrei, lembrando-me da sensação de entorpecimento que senti na minha tentativa anterior. “Não funcionou. Eu não consegui—”
“Você não podia porque ainda era *dele* ”, interrompeu a Morte, a voz rouca, carregada de algo entre raiva e desejo. “Mas agora você me provou. Agora você é *minha* .” A certeza possessiva em sua voz enviou outra onda de desejo ardente através de mim. “Toque-se, pequena corça. Deixe-me ouvir o que é meu.”
Não hesitei. Minhas mãos voaram para a seda rasgada que ainda se agarrava à minha pele encharcada de suor, os dedos tateando os restos de cadarços e ganchos. Levantei o vestido por cima da cabeça num movimento fluido, descartando-o num monte de tecido preto. O ar frio beijou minha pele nua, arrepiando-me os ombros, os seios, o estômago — mas eu não estava com frio. Eu estava em chamas, derretida de dentro para fora, o fogo dourado substituindo o calor carmesim que me torturara momentos antes.
Só restava a coleira de Valen, o couro quente contra minha garganta, uma lembrança do deus que iniciara essa loucura. Mas até isso parecia distante agora, irrelevante em comparação com a voz que vinha de além do muro de pedra, a presença que reivindicara algo mais profundo do que minha carne.
Ajoelhada junto à divisa das nossas celas, o mais perto possível dele, dentro dos limites das grades, minhas mãos tremiam enquanto eu as deslizava. Deslizei os dedos pelo meu corpo, uma palma acariciando meu seio enquanto a outra traçava um contorno mais baixo, sobre a curva do meu quadril, entre minhas coxas. No instante em que meus dedos encontraram minha carne inchada e dolorida, soltei um suspiro. Não por dormência, desta vez, mas por uma sensação avassaladora. Era como se o sangue da Morte tivesse despertado cada terminação nervosa, tornando-as hipersensíveis ao toque, à pressão, ao menor atrito.
“É isso aí”, a voz da Morte ressoou através da pedra, carregada de aprovação e algo mais sombrio. “Diga-me o que você sente.”
Circulei meu clitóris com dedos trêmulos, arqueando as costas contra a parede de pedra fria enquanto o prazer me percorria como um raio. "Eu sinto—" As palavras se dissolveram em um gemido enquanto eu pressionava com mais força, a sensação quase insuportável. "Eu sinto tudo. É tanto, eu não consigo—"
“Você pode”, ordenou ele, com a voz aveludada como se envolvesse aço. “Você vai conseguir. Por mim.”
A certeza possessiva em suas palavras fez minhas coxas se contraírem, meu corpo respondendo à sua reivindicação com uma fome desesperada. Deslizei um dedo dentro de mim, gritando de alívio por finalmente estar preenchida, mesmo que fosse apenas pelo meu próprio toque. Mas não era suficiente — nunca seria suficiente — não quando o que eu realmente desejava era ele.
“Mais”, ordenou a Morte, e eu pude ouvir a tensão em sua voz, a forma como sua respiração se tornara irregular. “Quero ouvir você se desfazer. Toque-se como eu a tocaria.”

"Como?" Eu ofeguei, meus dedos parando enquanto eu pressionava minha testa contra as barras de ferro. "Como você me tocaria? Se essas barreiras não estivessem entre nós, se você pudesse me alcançar... Por favor, eu preciso saber."
Um gemido baixo e apreciativo reverberou pela pedra. "É disso que você precisa, meu pequeno cervo? Ouvir as maneiras como eu o veneraria?"
"Sim", sussurrei, o desespero me tornando descarada. " *Por favor* ."
A respiração da Morte se aprofundou, e eu quase podia sentir sua presença pressionando cada vez mais a parede que nos separava. Quando ele Ele falou novamente, mas sua voz havia baixado para um registro tão grave que parecia passar completamente despercebida pelos meus ouvidos, vibrando diretamente em minha mente.
“Se eu pudesse te alcançar agora”, ele começou, cada palavra medida e deliberada, “eu começaria com as minhas mãos em seus cabelos, inclinando sua cabeça para trás para expor esse seu pescoço delicado.” Uma pausa, preenchida pelo som de correntes se movendo. “Eu arrancaria a coleira dele. A jogaria na escuridão, onde ela pertence. A substituiria pela marca dos meus *dentes* .”
Estremeci diante da imagem, do contraste entre ternura e violência, enquanto meus dedos retomavam os movimentos circulares, mais lentos, para acompanhar a cadência de sua voz. "E então?"
“Eu te provaria”, continuou ele, com a voz ficando rouca. “Não apenas seus lábios, embora eu os reivindicasse completamente. Eu provaria cada centímetro da sua pele, começando naquele ponto de pulsação abaixo do seu queixo. Sentiria como ela bate mais rápido por minha causa.”
Inconscientemente, minha mão livre subiu para tocar o local que ele descreveu, imaginando o toque de seus lábios ali.
“Eu te estenderia diante de mim como a doce oferenda que você é. E dedicaria meu tempo — horas, dias se necessário — explorando cada centímetro da sua pele, aprendendo a paisagem do seu corpo até que eu pudesse navegar por ele às cegas.”
Prendi a respiração ao imaginar aquelas pontas dos dedos fortes percorrendo cada parte exposta do meu corpo.
"Eu descobriria cada lugar que te faz suspirar, cada ponto que te faz tremer."
Meus dedos circulavam meu clitóris mais rápido enquanto suas palavras me envolviam, meu corpo respondendo como se fosse o toque dele e não o meu.
“E quando eu chegasse às suas coxas”, disse ele, “eu não teria pressa. Não, eu te *provocaria* , beijando a parte interna do seu joelho, subindo tão lentamente que você estaria implorando antes mesmo de eu chegar onde você mais precisava de mim.”
Soltei um gemido, imaginando a cena: a boca dele na minha coxa interna, o roçar dos dentes contra a pele sensível.
“E quando você não aguentasse mais, quando estivesse encharcado, desesperado e implorando”, rosnou a Morte, “só então Eu te provaria como deve ser. Abriria bem essas suas lindas pernas até poder ver cada centímetro brilhante de você. Eu te lamberia tão fundo que você me sentiria na sua alma.
Minhas costas se arquearam, meus dedos se movendo mais rápido entre minhas coxas.
"Por favor", sussurrei, sem nem saber o que estava implorando.

"Eu te *devoraria* , minha pequena corça", disse ele, a voz ficando mais grave a cada palavra. "Eu te faria gozar na minha língua repetidas vezes até sua voz ficar rouca de tanto gritar meu nome. Eu chuparia esse seu clitóris doce até você implorar para eu parar. Até suas coxas tremerem ao redor da minha cabeça. Até você achar que não *aguentaria* mais prazer."
Meu corpo estremeceu com suas palavras obscenas, um gemido sufocado escapando da minha garganta. Ninguém jamais havia falado comigo assim — cru e sem filtros, transbordando desejo.
“Claro que eu provaria que você está errada”, continuou ele, e ouvi o que parecia ser um sorriso malicioso em sua voz. “Eu deslizaria meus dedos dentro de você, sentindo o quão quente, o quão molhada você está para mim. Eu encontraria aquele ponto lá no fundo que te faz ver estrelas e o acariciaria até você *soluçar* .”
Um gemido agudo escapou da minha garganta, meus dedos se movendo mais rápido, deslizando pela umidade enquanto eu imaginava suas mãos em mim, dentro de mim. Adicionei mais um dedo, me alongando, desesperada para sentir ao menos uma fração do que ele descreveu.
“Junte-se a mim”, implorei, minha voz se despedaçando em fragmentos desesperados. “Por favor, meu arauto. Preciso saber que não estou sozinha nesta loucura.”
O silêncio se prolongou por um instante, depois dois, antes que sua voz retornasse — mais grave do que antes.
"Você quer que eu me junte a você? Que eu me masturbe enquanto você toca essa buceta gostosa para mim?"
"Sim", eu disse com a voz embargada, pressionando minha testa com mais força contra as barras frias. " *Por favor* ... Eu preciso te ouvir. Preciso saber que isso também te afeta."
Um gemido baixo e retumbante vibrou através da pedra entre nós, seguido pelo som inconfundível de correntes se movendo, elos deslizando enquanto ele ajustava sua posição. .
“Então, para você”, sussurrou a Morte, com sua voz grave e rouca. “Porque os sons que você emite estão me levando à loucura. Porque ouvir você se masturbar para mim é o tormento mais doce que suportei em séculos.”
As correntes tilintaram novamente, desta vez com mais intensidade, e ouvi o farfalhar do tecido, a sutil mudança de peso contra a pedra. Prendi a respiração, um sorriso se espalhando pelo meu rosto ao saber que, além daquela parede, aquele deus estava se tocando porque eu havia lhe pedido.
“ *Por favor* ”, implorei, arqueando as costas enquanto o prazer aumentava. “Fale comigo. Diga-me no que você está pensando.”
Um gemido baixo vibrou através da parede, e quando ele falou novamente, sua voz estava carregada de desejo.
"Estou pensando em como você ficaria deitada embaixo de mim. Em como seus olhos prateados se arregalariam quando eu penetrasse em você pela primeira vez. Em como você ficaria apertada em volta do meu pau."
Prendi a respiração, meus dedos pressionando mais fundo, procurando aquele ponto que ele havia prometido encontrar.

"Você gostaria disso?" perguntou a Morte, com a voz rouca. "Você gostaria que eu o preenchesse, o esticasse, o fizesse esquecer o próprio nome?"
"Sim", eu ofeguei, minha cabeça caindo para trás enquanto o prazer se intensificava em meu íntimo. "Deuses, sim."
"Eu te encostaria nessa mesma parede", ele rosnou. "Eu te levantaria, entrelaçaria suas pernas na minha cintura e te penetraria tão fundo que você me sentiria na sua garganta."
Meus dedos se curvaram dentro de mim, a palma pressionando meu clitóris enquanto eu buscava o alívio que pairava ao meu alcance. Cada palavra que ele pronunciava aumentava a tensão dentro de mim, intensificando-a.
"Eu te foderia até que essas pedras se lembrassem do formato das suas costas", continuou ele, com a voz mais baixa e rouca. "Até que os guardas lá em cima pudessem ouvir seus gritos de prazer. Até que cada gota do sangue dele fosse queimada das suas veias pelo fogo que eu acendi dentro de você." ”
A imagem que ele pintou — de ser reivindicada tão completamente, tão totalmente — me fez mergulhar em espiral rumo ao abismo. Meus dedos se moviam desesperadamente entre minhas coxas, buscando a libertação que as palavras da Morte haviam levado a um clímax febril.
"Eu te faria minha", rosnou a Morte, sua voz carregada de possessão. "Completamente, totalmente minha. Você carregaria minhas marcas, meu cheiro, a prova da minha adoração em cada hematoma, cada mordida, cada lugar onde minha boca a reivindicou."
Gritei ao ouvir suas palavras, meu corpo se aproximando do ápice. A fantasia me consumiu, sua língua substituindo meus dedos desesperados, suas mãos segurando minhas coxas separadas, ele penetrando em mim com uma fome divina.
“Destinos”, ele gemeu. “Se masturbe com os dedos como se estivesse se masturbando com a minha língua. Quero essas coxas apertadas em volta da minha cabeça, tão forte que eu não consiga respirar.”
“Por favor”, eu solucei, meus movimentos se tornando erráticos à medida que o desespero se sobrepunha à técnica. “Eu preciso—eu não consigo—“
"Por favor, o quê?" perguntou a Morte, com a voz carregada de desespero. "Diga-me o que você precisa."
"Eu preciso—" As palavras ficaram presas na minha garganta, misturadas com gemidos e suspiros enquanto o prazer atingia um ápice quase insuportável. "Eu preciso gozar. *Por favor* , me deixe gozar."
Uma risada sombria, desprovida de qualquer divertimento genuíno, ecoou pela pedra. "Então venha me buscar, Mireille. Venha com meu nome nos lábios."
A permissão era tudo o que eu precisava. A libertação me atingiu em cheio, obliterando pensamentos, razão e identidade. Minhas costas se arquearam no chão de pedra, um grito escapando da minha garganta enquanto um prazer mais intenso do que qualquer coisa que eu já tivesse experimentado me consumia por dentro.
"Morte!" gritei, seu nome jorrando dos meus lábios como uma oração, como devoção, como adoração. "Ó deuses, Morte!"

Ondas e mais ondas de prazer me atingiram, cada uma ameaçando me afogar completamente. Minha visão ficou turva. Nas bordas, a escuridão se aproximava enquanto minha consciência vacilava sob o ataque das sensações.
Ouvi-o rosnar, o som vibrando através da pedra enquanto suas correntes tilintavam violentamente.
" *Zai esharael* , Mireille", ele sibilou, a voz tensa pelo que só poderia ser seu próprio alívio. " *Utteri kael'sor.* "
À medida que as ondas de sensação diminuíam gradualmente, desabei sem forças contra o chão de pedra, o peito arfando de esforço, a pele coberta de suor. A loucura se dissipou. Finalmente, *finalmente* , senti paz.
Por um longo instante, apenas nossa respiração ofegante preenchia o espaço. Então, sua voz surgiu, baixa e ardente, envolvendo minha pele nua.
"Invoque os deuses, se for preciso", murmurou ele. "Grite por eles. Sussurre por eles em seus sonhos. Mas entenda isto, Mireille—" Ele fez uma pausa, o silêncio carregado de tensão. De fome.
"Quando você fizer isso, *eu* sou o Deus que te ouve."
Suas palavras penetraram os espaços vazios que ainda tremiam com os tremores secundários. Meu pulso batia forte nos meus ouvidos. Meus membros tremiam e estavam soltos, mas foi a voz dele que me deixou completamente descontrolada.
"E no fim", sussurrou ele, cada palavra carregada de uma certeza serena, "você — sua *alma* — me pertencerá. Eu *farei* de você minha."
Não havia arrogância na promessa. Apenas convicção. Convicção absoluta e inabalável.
O cansaço me consumia, a ressaca da loucura divina e da libertação avassaladora se combinando para me arrastar para o sono. Minhas pálpebras estavam pesadas, meu corpo inerte. O fogo dourado em minhas veias havia diminuído a níveis suportáveis, deixando-me exausto, mas estranhamente em paz.
Mas antes que o sono me dominasse completamente, sussurrei uma última verdade.
"Não. Eu sempre pertencerei a mim mesma."
E então a escuridão me engoliu por completo.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

# REJEIÇÃO DA PROPRIEDADE

EU Acordei na escuridão da madrugada com o gosto da divindade ainda presente na minha língua.

Sabores dourados e acobreados se misturavam na minha boca como exércitos em guerra, cada um lutando pela dominância de um território que nenhum deles realmente possuía. Meu corpo doía em lugares que eu nem lembrava que podiam sentir, músculos tensos de tanto me contorcer desesperadamente contra o chão de pedra, a garganta irritada de tanto gritar. A loucura havia recuado como a maré, deixando para trás apenas os destroços daquilo em que eu me deixara levar por suas garras.

Encarei o teto, deixando que a clareza me inundasse em ondas impiedosas. Tudo o que havia acontecido — cada palavra, cada toque, cada apelo desesperado que escapara dos meus lábios — estava nítido e inconfundível. Na minha memória.

O calor subiu-me às faces enquanto a vergonha ameaçava afogar-me. Eu implorara. Eu rastejara. Eu me oferecera a dois deuses como se eu não fosse nada mais do que um receptáculo para o seu prazer, o seu poder, os seus jogos divinos.

*Não.*

Apertei os punhos contra o chão de pedra, cravando as unhas nas palmas das mãos até que a dor aguda resistisse à vergonha que se aproximava. Eu não me curvaria ao peso desses sentimentos. Não me desculparia por ter sobrevivido à loucura que me infligiram.

Porque era isso que tinha sido: uma imposição. Uma punição. Um jogo jogado por seres imortais com seu peão mortal.

Sentei-me, o movimento suave apesar dos protestos do meu corpo dolorido. Eles me usaram. Os dois. Valen com seu sangue, sua mordida e seu abandono calculado. A Morte com suas ordens, sua voz e sua presunçosa reivindicação.

*Sua alma me pertencerá.*

A lembrança de suas palavras acendeu em mim uma fúria tão pura e perfeita que consumiu os últimos vestígios de vergonha. Como ele se atreve? Como ousam pensar que podem me possuir, que podem reivindicar algo sobre mim como se eu fosse território a ser conquistado?

Meus dedos encontraram a coleira de Valen ainda presa em volta do meu pescoço, e eu a puxei inutilmente, sabendo que ela não cederia à minha força mortal.

*Eu queria gritar.*

Ao menos a crueldade de Valen era brutal e honesta, não permitindo ilusões sobre suas intenções. Ele me destruía repetidamente, mas não fingia que era algo além de poder sobre mim. Ele se deleitava com a minha degradação, pois isso alimentava uma fome monstruosa dentro dele. Não havia consolo algum em suas ações, apenas a fria certeza de que eu existia para ele.

Mas a Morte… ah, a Morte era muito mais insidiosa. Sua voz transbordava intimidade, uma ilusão de conforto entrelaçada com a promessa de dominação. Ele envolveu seu tr
Ele se expressava com palavras suaves que acalmavam, enquanto, ao mesmo tempo, se enroscavam em meu coração como serpentes, conduzindo-me à tentação sob o disfarce

de compreensão. Oferecia consolo enquanto ocultava a verdadeira essência do que exigiria de mim: minha disposição de entregar não apenas o corpo, mas a alma.
Sim, ele me disse que eu não era insignificante para ele. Sim, ele disse que queria falar comigo. Mas as ações falam mais alto que as palavras, mesmo através de uma parede de pedra.
Ele mostrou sua verdadeira natureza quando pedi sua ajuda. Depois de eu ter sido levada à loucura pelo sangue de Valen, depois de ter sido abandonada para sofrer sozinha naquela loucura, a Morte teve a audácia de zombar do meu desespero. De me dizer que meus pedidos eram *divertidos* . De me fazer implorar *por* sua ajuda. De me reivindicar como se eu lhe pertencesse.
*Eu não pertencia a ninguém. Eu não era entretenimento para ninguém.*
Movi-me para o canto onde a Morte e eu havíamos trocado nossas palavras, onde sua mão havia segurado a minha. O espaço onde, poucas horas antes, eu levara seu dedo ensanguentado à minha boca com uma fome desesperada.
"Aproveitando o silêncio?", perguntei, minha voz emergindo rouca por causa do sono e dos gritos. "Ou isso faz parte da diversão? Esperando que eu acorde e te chame?"
As palavras pairaram no ar entre nós, carregadas de acusação. Por um instante, pensei que ele pudesse manter seu silêncio piedoso, que pudesse me descartar como indigna de resposta agora que minha utilidade como distração havia chegado ao fim.
Então, correntes tilintaram contra a pedra, um som que se tornara tão familiar para mim quanto a minha própria respiração.
"Você acha que eu me diverti com o seu sofrimento?" A voz da Morte emergiu da escuridão como uma lâmina envolta em seda, suave, mas não menos perigosa por sua delicadeza. "Que eu senti prazer em observar o veneno de Vharok percorrer suas veias?"
"Não é?" Meu vestido rasgado jazia em um monte de seda preta ali perto, mas não fiz nenhum movimento para pegá-lo. Que ele ouvisse minha nudez. Na minha voz, se ele não conseguisse enxergar através da pedra. Deixe-o saber que eu não tinha mais nada a esconder. "Você esperou até que eu estivesse desesperada o suficiente para implorar. Até que eu não tivesse mais nada a não ser me render."
Um som emanou de sua cela — não exatamente uma risada, não exatamente um rosnado, algo que habitava o espaço entre o divertimento e a fúria. "É isso que você acredita que aconteceu? Que eu ouvi seu tormento com frio distanciamento, esperando o momento perfeito para intervir e bancar o salvador?"
"Não ouviu?", repeti, a pergunta agora mais incisiva, carregada da mágoa que eu tentava transformar em raiva. "Você ouviu tudo."
" *Sim* ." A palavra caiu como uma pedra em águas calmas. "Sim, eu ouvi tudo. Ouvi você gritar o nome dele. Ouvi você implorar para que ele voltasse. Ouvi você se oferecer a ele de maneiras que *jamais* se ofereceria a mim."
Algo mudou em sua voz naquelas últimas palavras, uma rachadura na fachada de mármore, um vislumbre de algo cru e sangrento por baixo. Isso me fez prender a respiração, fez meu coração palpitar contra as costelas num ritmo que parecia perigoso.
"Eu não fiz isso—" comecei, mas ele me interrompeu com um som que poderia ter sido um rosnado.

“Não minta para mim, minha pequena corça. Não agora. Não depois do que aconteceu entre nós.” Correntes tilintaram enquanto ele se movia, e eu o imaginei andando de um lado para o outro nos confins de sua cela como um predador enjaulado. “Você implorou por *ele* . Você rastejou por *ele* . Você teria se entregado completamente a ele se ele não tivesse ido embora.”

"E você?", retruquei, ignorando a verdade em sua acusação porque era mais fácil do que encará-la. "O que você fez enquanto eu sofria?"

“Eu *ouvi* .” Sua voz baixou, ficou mais rouca. “Senti a loucura do sangue dele correndo em você. Senti a fome que isso criou. Fome não de alívio, mas dele. Do toque dele. Da *aprovação dele* .” Outro som, desta vez de pura frustração. “E quando você finalmente me chamou, não foi porque *me queria* . Foi porque queria esquecê *-lo* .” ”

As palavras me atingiram como um soco no estômago, me deixando sem ar. Porque eram verdadeiras. Porque, dominado pela fúria sanguinária de Valen, eu havia buscado a Morte não por desejo por ela, mas por desespero para escapar da necessidade que Valen havia criado em mim.

"É disso que se trata?", perguntei, baixando a voz para um sussurro. "Seu orgulho divino? Que eu não tenha me prostrado aos seus pés com devoção suficiente?"

“Não se trata de orgulho.” A voz da Morte mudara novamente, tornando-se algo antigo e terrível que parecia ressoar diretamente sob minha pele. “Trata-se de escolha. De você me usar para apagar o gosto de outro deus da sua língua.”

Recuei, grata pela parede entre nós que escondia minha reação. Porque ele estava certo de novo. Porque eu o *havia* usado, aceitado o que ele ofereceu sem pensar no preço que isso poderia lhe custar. Porque, mesmo agora, uma parte de mim ainda vibrava com a lembrança dos dentes de Valen em minha garganta, ainda se perguntava o que poderia ter acontecido se ele tivesse ficado.

E porque, por baixo da justa indignação na voz da Morte, eu ouvi algo mais. Algo que soava perigosamente como mágoa.

A ideia de que eu pudesse ferir um deus era aterradora. O fato de eu ser importante o suficiente para lhe causar dor significava que eu era importante o suficiente para ser mais do que mero entretenimento durante seu aprisionamento eterno. Significava que o que quer que existisse entre nós era real, era significativo, era perigoso.

O medo me invadiu, frio e lúcido. Medo do que significaria ser importante para um deus. Medo do que ele poderia esperar, do que ele poderia exigir, do que ele poderia tomar. Passei a vida sendo usada por aqueles que tinham poder sobre mim. Eu não me colocaria de livre e espontânea vontade sob o domínio de outro, nem mesmo de alguém que me demonstrasse ternura.

Então fiz o que sempre fazia quando encurralado. Ataquei, deliberado e calculado, mirando no lugar que eu sabia que doeria mais. .

“Não finja que me fez um favor”, retruquei. “Você esperou até que eu estivesse destruída. Você me ouviu contorcer-me de agonia e não fez *nada* até que eu me humilhasse *completamente* implorando por sua ajuda. O que foi que você disse? Que queria me ouvir *implorar* por *você* ?”

Seu silêncio se prolongou tanto que me perguntei se minhas palavras finalmente haviam surtido efeito. Quando ele falou novamente, sua voz estava mais fria do que eu jamais ouvira, carregada de algo frágil e venenoso.
“E o que você queria que eu fizesse, Mireille?” O uso do meu nome em vez do seu carinho habitual soou como um tapa na cara. “Derrubar a parede apenas com a minha vontade? Quebrar as correntes que me prendem, só para acalmar *seu* orgulho ferido?” Uma risada baixa e perigosa se seguiu. “Você se acha a única criatura que sofre nestas masmorras?”
Encostei minha testa na pedra fria, deixando seu frio penetrar minha pele, contrabalançando o calor da minha raiva, me anestesiando para a possibilidade de minhas palavras arruinarem qualquer chance de voltarmos a nos encontrar. "Acho que você quer que eu te queira", sussurrei, cada palavra cuidadosamente escolhida para ferir. "Acho que você achou divertido me ver reduzida a nada, e realmente precisar de você para alguma coisa."
A temperatura na minha cela despencou, formando geada nas grades devido à umidade perpétua da masmorra. Quando a Morte falou novamente, sua voz carregava a gravidade de eras, a autoridade dos fins manifesta.
“Deixe-me dizer o que achei *divertido* , Mireille.” Cada palavra caía como pedras em um poço sem fundo. “Achei divertido ver você descobrir *exatamente* o quão fraca você realmente é. O quão facilmente corrompida. A rapidez com que você abandonou todos os princípios que dizia considerar sagrados.”
As palavras me atingiram em cheio, atingindo os pontos sensíveis onde minhas próprias dúvidas se acumulavam. Mas eu não lhe daria a satisfação de ver como elas me afetaram.
“Eu te *avisei* , Mireille. Avisei o que ia acontecer”, disse ele com a voz embargada. “E mesmo assim, você queria o sangue dele. O A loucura revela o que já existe dentro de nós. Ela não cria desejo do nada. Ela apenas desmascara as mentiras que contamos a nós mesmos, as máscaras que usamos.” Uma pausa, suas próximas palavras saindo num murmúrio grave. “E você, minha pequena corça, vem mentindo para si mesma há muito, muito tempo.”
Meu coração batia forte contra as costelas, cada batida um protesto contra a verdade que ele revelava. Eu sabia, lá no fundo, que o sangue de Valen não havia criado desejo do nada. Ele havia amplificado o que já existia, havia destruído os muros que eu cuidadosamente construíra ao redor da minha própria escuridão, da minha própria fome. Essa constatação fez a vergonha me percorrer novamente, quente e densa como sangue.
"Divertido." A palavra saiu de sua boca como veneno. "Sim, suponho que tenha sido... divertido ver você descobrir o que realmente é por baixo de toda essa linhagem real e orgulho ferido."
Recuei da parede como se tivesse sido atingida fisicamente, suas palavras me atingindo com precisão cirúrgica. Meus punhos se fecharam contra o chão de pedra, as unhas cravando-se nas palmas das minhas mãos.
Mas ele não havia terminado.

“E se o seu desejo era ser entretenimento, um brinquedo para os deuses, você o cumpriu com *maestria* .” Ele zombou, com um tom quase deliberadamente divertido. “Talvez seja por isso que achamos os mortais tão interessantes, tão *divertidos* de se brincar — sua capacidade de autoengano é verdadeiramente incomparável.”
As palavras me atingiram mais profundamente do que eu esperava, atingindo o ponto vulnerável no meu âmago que nunca havia cicatrizado completamente. A parte que sempre fora uma estranha, sempre um segredo, sempre observada, julgada e considerada insuficiente. A parte que nunca fora suficiente para meu pai, para minha madrasta, para ninguém.
Uma fúria repentina e cruel tomou conta de mim, obliterando qualquer resquício de vulnerabilidade. Se a Morte quisesse me ver como entretenimento, como uma distração, como nada mais que um brinquedo mortal para ser usado e descartado, então eu lhe mostraria exatamente o quão afiadas minhas arestas podiam ser. .
"Você tem tanta certeza de que me entende, não é?" sussurrei, num tom baixo e furioso. "O deus onisciente, perscrutando a alma de um simples brinquedo mortal. Como deve ser fácil julgar a partir da sua posição *elevada* ."
A temperatura caiu ainda mais, a geada espalhando-se pelo chão de pedra em padrões delicados. O silêncio da morte parecia pesado, perigoso.
“Devo lhe contar o que *achei* divertido, meu arauto?” Movi-me para o centro da minha cela, onde a luz tênue que filtrava pela grade acima iluminava minha pele, revelando o mapa de hematomas e mordidas que marcavam meu corpo. “Achei divertido descobrir que os deuses podem ser tão mesquinhos quanto os mortais. Tão invejosos. Tão *desesperados* por validação.”
Um som semelhante a um trovão distante ecoou pela pedra, mas eu prossegui, imprudente em minha fúria.
“Você fala da corrupção dele, mas o que você tem a ver comigo senão outra forma do mesmo veneno? Você oferece conforto com uma mão enquanto acorrenta minha alma com a outra.” Comecei a andar de um lado para o outro nos confins da minha cela, a energia crepitando em mim como um raio buscando o chão. “Pelo menos Valen é honesto sobre o que quer. Ele não disfarça sua crueldade com palavras bonitas e chama isso de salvação.”
O silêncio que se seguiu foi absoluto — nenhuma corrente, nenhuma respiração, nada. A geada no chão começou a se espalhar mais rapidamente, subindo pelas paredes em padrões cristalinos que captavam a pouca luz que filtrava do alto.
Mas agora *eu* não tinha terminado, e esse deus irritante iria *me ouvir* .
“Se meu propósito é servir apenas de entretenimento durante este cativeiro *sem fim* ”, eu disse, com a voz fria e precisa, cada palavra calculada para causar o máximo impacto, “não finja se importar quando eu preferir as atenções de Valen às suas. Pelo menos ele não se esconde atrás de uma falsa bondade ou fingida compaixão.”
O silêncio que se instalou era o tipo de silêncio encontrado em túmulos. Profundo. Imóvel. Eterno. .
Então, um som como se a terra estivesse se abrindo, como montanhas se movendo em seu sono ancestral. Desta vez não eram correntes, mas a própria pedra, gemendo sob a pressão de uma fúria divina mal contida.

“É nisso que você escolhe acreditar?” A voz da Morte havia mudado novamente, tornando-se algo que eu mal reconhecia. Não era a doce escuridão que me confortara em incontáveis noites, não era o comando sensual que me guiara ao prazer, nem mesmo a justa ira de momentos atrás. “Depois de tudo, é isso que você quer?”
Não, isto era algo mais antigo, algo que existia antes mesmo do tempo ter um nome. Era o vazio entre as estrelas, o silêncio após a última batida do coração, a eternidade que aguarda todos os seres vivos.
“Então, por todos os meios, mortal”, continuou ele, e eu podia ouvir a eternidade em cada sílaba, podia sentir a pressão do poder ancestral pressionando minha pele. “Rasteje de volta para ele de joelhos. Espero que encontre o que busca nos braços do Deus do Sangue.”
Uma pausa, carregada de pensamentos não ditos, verdades não ditas, com palavras que pairavam no ar entre nós, perigosas demais para serem pronunciadas.
“Quando ele se cansar de você — quando tiver destruído cada parte de você que ainda restava de si, quando tiver drenado seu sangue, suas lágrimas e sua esperança — não me chame mais. Eu não responderei.”
"Ótimo", sussurrei. "De qualquer forma, não quero falar com você."
Virei-me de costas para a parede, tremendo de fúria.
Cansei de pedir. Cansei de implorar. Cansei de colocar meu destino nas mãos de deuses que me usavam como peão em seus jogos ancestrais.
A partir deste momento, eu tomaria o que quisesse. Se Valen tentasse me destruir, eu o destruiria primeiro. Se a Morte pensasse em me abandonar, eu lhe mostraria exatamente o que estava abandonando. Se eles acreditassem que poderiam brincar comigo, me passar de um para o outro como um brinquedo para ser usado e descartado, aprenderiam o erro de sua suposição.
Eu não pertenceria a ninguém além de mim mesmo. .
Não ao Deus do Sangue, que me tirou tudo e me deixou atrás das grades.
Não ao Deus acorrentado que me ofereceu consolo com uma mão enquanto agia como meu fantoche com a outra.
E quando finalmente percebessem o erro, quando entendessem que não haviam criado uma vítima, mas um adversário, aprenderiam o que eu sempre soube.
Existem destinos piores que a morte, fomes mais profundas que o sangue, e nenhuma corrente — mortal ou divina — pode deter a presa que decidiu se tornar o monstro.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

# EM PODER E BRINCADEIRA

TAs algemas cravaram-se nos meus pulsos, doces e familiares como velhos amantes.

Os guardas tinham sido mais rudes do que o normal esta noite, puxando meus braços para cima até que meus dedos dos pés mal tocassem o chão. Pensei em me desculpar com meu jovem guarda por ter quebrado seu nariz, mas desisti da ideia. Ele deveria saber os perigos de conter uma criatura selvagem.

Fechei os olhos, saboreando a expectativa que se agitava em meu peito. Embora esta noite tivesse começado como tantas outras, terminaria de forma diferente. Eu sabia que Valen me queria, e não podia negar que uma parte de mim também o desejava.

Além disso, eu teria prazer Melhor do que sentir dor, sem dúvida.

Não era porque eu estava com raiva da Morte. Não era. De verdade. Honestamente, eu deveria agradecê-la por me ajudar a enxergar o que eu me recusava a admitir. Eu não seria o peão nesse triângulo divino. Eu seria a força que inclinaria o tabuleiro.

Ainda assim, eu estava *com muita raiva* da Morte.

Eu conseguia sentir sua atenção, conseguia perceber como sua consciência pressionava os limites de sua prisão. Observando. Esperando. Escutando.

Mantive os olhos fechados, um sorriso suave se espalhando pelo meu rosto. Eu lhe mostraria o tipo de caos que um brinquedo poderia desencadear quando parasse de seguir as regras que o destino havia escrito para ele.

O som de passos se aproximando me arrancou dos meus pensamentos — passos medidos, deliberados, cada passo calculado para inspirar pavor em quem quer que esperasse por sua atenção. Os passos de Valen, tão familiares para mim agora quanto as batidas do meu próprio coração. Mas esta noite, em vez da habitual pontada de medo e da relutante expectativa, senti apenas um prazer sombrio e ansioso.

Ouvi-o parar no limiar da minha cela, as dobradiças de ferro rangendo ao se abrirem para admitir o Deus do Sangue em meu domínio. Não levantei as pálpebras imediatamente, não me apressei em reconhecer sua presença. Em vez disso, deixei que ele me contemplasse — suspensa, à espera, aparentemente dócil em minhas amarras.

Quando finalmente abri os olhos e encontrei os dele, um sorriso lento e travesso surgiu em meus lábios.

"Marido", murmurei, saboreando a palavra como vinho estragado, deixando-a deslizar pela minha língua. "Você me fez esperar."

Valen estava parado bem na entrada da minha cela, iluminado por trás pelas tochas do corredor. Seu rosto era metade sombra, metade luz do fogo, os traços de suas feições tão nítidos que pareciam cortar. Ele vestia a túnica e as calças pretas simples que preferia usar em nossas sessões, o tecido pouco disfarçando a constituição poderosa por baixo. Seus olhos escuros me encaravam com uma intensidade que antes me faria recuar.

Encolher-se era algo indigno de mim.

Valen entrou completamente na cela, e eu observei com satisfação enquanto algo mudava em sua expressão. Seus olhos negros, Geralmente tão controlada e calculista, minha postura vacilou com surpresa ao meu tom de voz, minha postura, a maneira como eu parecia acolher sua presença em vez de me esconder dela. Havia também

suspeita, cautela que sugeria que ele reconhecia a mudança em mim, mesmo que ainda não conseguisse identificar sua origem.
“Impaciente, é?” perguntou Valen, com a voz carregada de seu habitual divertimento controlado, mas percebi uma leve aspereza sob a seda. “Que incomum para você, estar ansioso por minha atenção.”
Mudei o peso do corpo, deixando-o balançar suavemente nas correntes. O movimento fez com que a barra rasgada do meu vestido subisse mais nas minhas coxas. O olhar dele desviou-se, quase involuntariamente, antes de voltar a fixar-se no meu rosto.
"Senti sua falta", eu disse, baixando a voz para um sussurro rouco. "Não consigo parar de pensar na noite passada."
Valen deu um passo à frente, seus movimentos subitamente menos fluidos, como se estivesse se esforçando para manter o controle. "Quando eu te mordi? Quando você enlouqueceu com o meu sangue nas veias?" Seus lábios se curvaram em um sorriso cruel. "Ou quando você implorou por alívio como minha pequena prostituta?"
As palavras foram concebidas para me envergonhar, para me lembrar do meu lugar. Antes, teriam conseguido. Agora, eu ri — um som suave e rouco que pareceu pegá-lo de surpresa.
“Os três”, admiti, observando atentamente seu rosto. “Eu estava pensando em como seus dentes se sentiam contra a minha pele. No gosto do seu sangue.” Fiz uma pausa, umedecendo os lábios deliberadamente. “E em como me toquei depois.”
A reação da Morte foi imediata. Contudo, em vez da raiva que eu esperava, uma diversão sombria percorreu a pedra, acompanhada por uma satisfação tão palpável que eu quase podia senti-la na língua.
Ele deveria estar *com raiva* . Por que ele sentiria qualquer tipo de alegria?
A expressão de Valen mudou subitamente, um brilho predatório substituindo a momentânea surpresa em seus olhos. Ele se aproximou, o espaço entre nós carregado de... intenção perigosa.
"É mesmo?" Seu sorriso se tornou malicioso, quase de lobo. "E minha rainha encontrou sua libertação?"
Mordi o lábio inferior, um gesto calculado de timidez fingida que contrastava com minhas palavras ousadas. Assenti lentamente, observando sua reação com os olhos semicerrados.
Seu sorriso se alargou, revelando dentes afiados demais para um mortal. Em três passos fluidos, ele encurtou a distância entre nós. Sua mão estendeu-se rapidamente, os dedos envolvendo a minha nuca com uma força possessiva, o polegar pressionando meu pulso.
“Você sabia”, ele sussurrou, com a respiração quente contra minha orelha, “que você só conseguiria chegar lá se estivesse pensando em mim? Que só conseguiria alcançar aquele precipício se estivesse tão consumida, pela *luxúria* , por *mim* ?”
A certeza em sua voz me fez estremecer involuntariamente. Eu *não* sabia desse detalhe específico — que a sede de sangue exigia tanta concentração. A Morte nunca havia mencionado isso.
Mas isso significava…
A morte sabia.

Ele sabia que, quando eu tentava me tocar na loucura da sede de sangue, só encontraria alívio pensando em Valen. E quando tentei, e *não consegui* …
Ele *sabia* . Sempre soube que, naquele momento de desespero, Valen não estava sozinho em meus pensamentos.
Forcei minha expressão a permanecer inalterada, embora pudesse sentir o calor subir às minhas bochechas. O riso silencioso da morte parecia preencher o espaço entre as batidas do meu coração, uma zombaria particular que só eu podia ouvir.
Aquele desgraçado convencido estava adorando isso.
Mas dois podiam jogar esse jogo. Inclinei-me para o toque de Valen, deixando meus lábios entreabrirem enquanto encontrava seu olhar com os olhos semicerrados.
"Claro que eu estava pensando em você", murmurei, minha voz baixando para um sussurro ofegante. "Cada toque. Cada respiração. Eu estava absorta, pensando em como você se sente pressionado contra mim, como suas mãos tocam minha pele." ”
As mentiras escaparam dos meus lábios como seda, suaves e ensaiadas. Aproximei-me mais dele, deixando meu corpo comunicar o que minhas palavras prometiam.
O aperto de Valen se intensificou, seu polegar traçando o pulso acelerado em minha garganta. "Que boca doce você tem", disse ele, mas havia fervor em sua voz agora, o desejo transparecendo por trás da zombaria. "Conte-me mais sobre essas fantasias, minha rainha."
Deixei minha cabeça cair um pouco para trás, expondo mais do meu pescoço ao seu toque. "Imaginei você me pressionando contra a parede", eu disse, com a voz embargada, um som que não era falso. "Suas mãos no meu cabelo, sua boca no meu pescoço. Imaginei implorando para você não parar."
As palavras eram calculadas, concebidas para inflamá-lo enquanto lembravam ao deus ao meu lado que eu não podia ser reivindicado. Atrás da parede de pedra, senti a diversão da Morte mudar, tornando-se algo mais cortante, mais perigoso, e a temperatura na minha cela cair vários graus.
Eles pensavam que eu existia para jogar os jogos deles? Bem, chegou a hora de eles jogarem os meus.
A expressão de Valen escureceu ainda mais, um músculo saltando em sua mandíbula. "Você ainda está sentindo os efeitos do meu sangue, Princesa?", perguntou ele, com um tom de incerteza na voz.
"Isso te agradaria?", retruquei. "Saber que você me corrompeu tão completamente?"
Com a mão livre, ele traçou a curva da coleira de couro em volta do meu pescoço, um toque leve como uma pluma. "Corrupção?" Ele fez uma pausa, e minha respiração falhou quando seu dedo roçou suavemente minha pele. "Corrupção implica que havia algo puro no início."
Não me intimidei com suas palavras. Em vez disso, me entreguei ainda mais ao seu toque, deixando minhas pálpebras se fecharem por um instante, um suspiro suave escapando dos meus lábios entreabertos.
“Você tem razão”, sussurrei, abrindo os olhos para encontrar o seu olhar. “Seu sangue apenas despertou o que já estava lá.”
Suas pupilas dilataram ao ouvir minhas palavras, palavras quase repetidas dos lábios da Morte, mas que ainda assim continham a verdade. Seu dedo continuou. seu percurso

preguiçoso ao redor da minha gola, ocasionalmente mergulhando sob o couro para roçar a pele sensível da minha garganta.
"Que jogo você está tentando jogar comigo, princesa?", perguntou Valen, com a voz mais baixa e rouca.
Inclinei-me para a frente o máximo que as correntes permitiam, até que meus lábios quase roçaram os dele. "Sem brincadeira", sussurrei, sentindo-o ficar imóvel. "Só pensei... se você ia continuar me torturando, eu poderia muito bem aproveitar."
Ele agarrou meu queixo com sua mão grande, os dedos cravando-se em minhas bochechas. O calor de sua pele queimava contra a minha, seu aperto quase chegando a ser doloroso.
“Você espera que eu acredite que esse entusiasmo repentino... não seja uma tentativa patética de me manipular?” Seu polegar roçou meu lábio inferior, o toque incongruentemente suave em comparação com suas palavras duras. “Você acha que eu nunca vi essa estratégia antes? A prisioneira seduzindo seu captor, pensando em amolecer seu coração?”
Sorri contra o polegar dele. "É isso que você pensa que estou fazendo? Tentando amolecer seu coração?" Dei uma risada, o som vibrando contra a mão dele. "Nós dois sabemos que você não tem um coração para amolecer."
Seu aperto se intensificou por um instante, a frustração reluzindo em seus olhos. "Então o que... é... isto?"
“Isto”, eu disse, baixando a voz para um sussurro, “é o meu reconhecimento daquilo que ambos sabemos ser verdade… Eu quero você.”
A fúria da morte atingiu minha consciência, correntes tilintando com tamanha violência que senti as vibrações através do chão de pedra. *Ótimo* . Que ele entenda que sua demissão teve consequências, que me chamar de entretenimento não ficará sem resposta.
Sustentei o olhar de Valen, recusando-me a desviar o olhar enquanto seus olhos buscavam nos meus qualquer sinal de engano, sem demonstrar qualquer indício de que ele tivesse ouvido o Deus na cela ao lado. Seu polegar pressionou com mais força meu lábio inferior, testando, sondando qualquer fraqueza.
“Você ainda me odeia”, disse Valen, não como uma pergunta, mas como uma constatação. .
“Sim”, admiti, a palavra escapando sem fôlego. “Com cada fibra do meu ser.”
“Eu matei sua família.”
“Você fez.”
“Eu destruí o seu reino.”
"Sim."
“Eu te torturei. Te humilhei. Te quebrei.”
Eu sorri, *mas sabia* que a expressão era afiada o suficiente para ferir. "Você *nunca vai* me destruir."
Valen cantarolou, soltando-me, o que me fez cambalear, meus ombros rangendo com a mudança. Mas mantive o rosto impassível, sustentando seu olhar enquanto ele circulava atrás de mim.

Sua respiração roçou os cabelos na minha nuca, enviando um arrepio pela minha espinha que nada tinha a ver com medo.
“Não tenho tanta certeza disso, pardal”, murmurou ele, com os lábios quase roçando minha orelha. “Sua canção parece ter se adoçado numa melodia feita especialmente para mim.”
Quase soltei um suspiro de espanto com seu carinho, ao me lembrar da nossa dança no banquete de boas-vindas. Parecia que tinha acontecido há uma eternidade, uma Mireille e um Valen diferentes. Apenas uma princesa e um rei, antes de nos tornarmos prisioneiros e deuses.
Mas talvez sempre tenhamos sido assim. Talvez sempre tenhamos sido destinados *a ser* assim.
Sua mão repousou no meu quadril, os dedos se abrindo sobre o tecido fino do meu vestido. O toque me percorreu, despertando nervos que eu nem sabia que estavam à espera de seu contato. Mordi o lábio para não emitir nenhum som, mas não consegui impedir que meu corpo se arqueasse levemente em direção à sua mão.
Ele ficou imóvel por um longo momento, e eu não pude evitar virar a cabeça para encontrar seu olhar.
Os olhos de Valen eram tempestades — escuros, violentos, fervilhando com emoções complexas demais para eu nomear. Por um instante, pensei que tivesse ido longe demais, que ele recorreria à violência pura e simples, ao chicote ou à lâmina. .
Em vez disso, sua mão deslizou do meu quadril para a minha cintura, depois mais acima, roçando a curva do meu seio através da seda rasgada. Prendi a respiração, um som suave escapando dos meus lábios antes que eu pudesse impedi-lo.
Valen gemeu em aprovação, sua respiração quente e perigosa roçando meus lábios. Seu polegar roçou meu mamilo através da seda, e não consegui conter o arrepio que me percorreu. "Diga-me, princesa, o que exatamente você quer de mim?"
Recostei-me nele, sentindo o calor do seu corpo irradiar através do tecido fino que nos separava. "Eu quero..." Hesitei, deixando as palavras escaparem dos meus lábios num suspiro, meus olhos prateados alternando entre os seus olhos carmesins, "Eu quero você. Você por inteiro."
“Você brinca com forças que não compreende”, murmurou ele, seus lábios quase roçando os meus. “A fome divina não é como o desejo humano. Ela consome. Ela devora. Não deixa nada para trás.”
“Você não vê? É isso que eu quero”, sussurrei de volta, meu olhar desviando-se para seus lábios. “Ser consumida. Ser devorada. Por *você* .”
A tensão entre nós se rompeu. O controle de Valen — aquela contenção perfeita, quase divina — se desfez diante dos meus olhos. Sua mão agarrou a minha nuca, os dedos se enroscando nos meus cabelos enquanto ele eliminava o último resquício de espaço entre nós. Sua boca tomou a minha com uma intensidade selvagem, o beijo completamente diferente do último, o beijo da nossa noite de núpcias. Era cru, primitivo, uma fome reprimida por tempo demais. Seus dentes morderam meu lábio inferior, sem chegar a romper a pele, mas com força suficiente para confundir a linha entre prazer e dor.
Eu gemi contra sua boca, o som nem fingido nem contido. Meu corpo se arqueou em direção ao dele, as correntes tilintando acima de mim enquanto eu me debatia contra as

amarras. Isso — isso era o que eu esperava, o que eu vinha provocando. Não apenas o desejo dele, mas a perda de seu controle absoluto. O Deus do Sangue e da Conquista, derrotado por uma mera mortal.

*Desfeito por mim .*

As mãos de Valen percorriam meu corpo, sem mais hesitação ou questionamento. Elas reivindicavam, possuíam, exigiam. Ele rasgou o vestido já arruinado, o som da seda se rasgando agudo no espaço confinado da cela. O ar frio invadiu minha pele exposta, causando arrepios que seu toque ardente imediatamente dissipou.

"Minha esposazinha insaciável quer ser fodida na cela dela?", ele rosnou contra minha garganta, os dentes roçando a marca de mordida que ele havia deixado na noite anterior.

“Sim”, respirei fundo.

Então sua boca estava na minha novamente, sua língua traçando a linha dos meus lábios, exigindo entrada que eu concedi de bom grado. O beijo se aprofundou, tornando-se ardente, avassalador. Senti o gosto do poder ancestral que fluía em suas veias, senti-o acender um calor correspondente em meu âmago.

Meus pulsos se tensionavam contra as algemas de couro, e a incapacidade de retribuir seu toque era uma forma de tormento em si mesma.

As mãos de Valen envolveram meus seios completamente, os polegares roçando meus mamilos já endurecidos pelo frio e pela minha excitação. A aspereza de seus dedos contra minha pele sensível enviou ondas de prazer que percorreram meu corpo.

“Tão receptivo”, disse ele, recuando para me olhar, com a voz rouca de desejo. “Tão ávido pelo toque do homem que destruiu sua família, seu reino.”

Foi uma tentativa deliberada de quebrar o momento, de me lembrar de quem ele era, do que nos separava. Antes, talvez tivesse funcionado. Agora, deixei meus lábios se curvarem em um sorriso que espelhava o dele, predatório.

“Isso te incomoda, marido? Que eu possa desejar o monstro e ao mesmo tempo odiá-lo?”

Seus olhos escureceram, as pupilas dilataram. "Você deveria me temer", rosnou ele, uma das mãos deslizando pelo meu estômago até a junção das minhas coxas. "Você deveria tremer ao meu toque."

Soltei um suspiro quando seus dedos encontraram o calor úmido entre minhas pernas, mas não desviei o olhar. "Sim", sussurrei. "Mas não por medo." ”

Seu toque tornou-se mais insistente, mais possessivo. Um dedo deslizou para dentro de mim, depois outro, o polegar circulando meu clitóris com precisão infalível. Meus quadris se ergueram contra sua mão, correntes tilintando enquanto meu corpo buscava mais, mais fundo, mais forte.

“Diga-me o que você quer que eu faça com você”, exigiu Valen, seus dedos se curvando dentro de mim de uma forma que embaçou minha visão nas bordas. “Diga.”

Mordi o lábio, não por modéstia, mas para saborear o momento de fazê-lo esperar, de negar-lhe a satisfação imediata da minha resposta. Seus dedos pararam, seus olhos se estreitaram.

"Diga", ele repetiu, baixando a voz para aquele tom perigoso que me fez estremecer.

Sustentei seu olhar, o meu semicerrado de desejo. "Quero você dentro de mim", disse, cada palavra deliberada, sem vergonha. "Quero que você me foda. Com força. Com vontade."
Senti a fúria da Morte me envolver, intensificando meu prazer. Ignorei-a, concentrando toda a minha atenção no Deus em minha cela.
O olhar de Valen escureceu ainda mais, uma tempestade se formando naquelas profundezas insondáveis. Ele se inclinou para mais perto, seus lábios roçando minha orelha enquanto sussurrava: "Cuidado com o que deseja, Princesa."
Seus dedos se afastaram do meu íntimo, e eu gemi com a perda repentina, o vazio onde o prazer havia florescido. O som pareceu agradá-lo, seus lábios se curvando em um sorriso satisfeito.
Ele se virou para me encarar, as mãos trabalhando nos cadarços da calça, movimentos rápidos e um tanto descoordenados. Que visão, o Deus do Sangue e da Conquista se atrapalhando como um jovem ansioso.
Quando ele se libertou, não consegui conter o som de apreciação que escapou da minha garganta. Mesmo na penumbra da cela, pude ver o tamanho impressionante dele, duro e pronto. Meu corpo se contraiu em antecipação, lembrando-me da sensação dele.
Valen me ergueu pela cintura, as correntes acima de mim tilintando enquanto ele se posicionava entre minhas coxas abertas. A cabeça do seu pênis pressionou minha entrada, quente e insistente, mas ainda não me ultrapassou, como se esperasse que eu me afastasse. Esperasse que eu mudasse de ideia.
Em vez disso, enrolei minhas pernas em volta da cintura dele, usando a alavanca para me aproximar ainda mais.
"Foda-me, marido", sussurrei.
Com um gemido que parecia arrancado de algum lugar profundo dentro dele, Valen avançou, preenchendo-me com uma estocada poderosa. A sensação era avassaladora — esticando, queimando, um prazer tão intenso que se misturava à dor. Gritei, a cabeça caindo para trás, os olhos se fechando enquanto meu corpo se ajustava à sua invasão.
“Olhe para mim”, ordenou ele, agarrando meu cabelo com uma das mãos para puxar minha cabeça para cima. “Quero ver esses olhos prateados quando eu te possuir.”
Obedeci, abrindo os olhos para encontrar seu rosto a centímetros do meu, seu olhar intenso e inquisitivo. Havia algo de vulnerável naquela exigência, algo quase humano em sua necessidade de testemunhar minha reação.
Ele começou a se mover então, com investidas lentas e poderosas que teriam me empurrado para trás se não fossem as correntes que me prendiam. Cada movimento enviava ondas de prazer por todo o meu corpo, acumulando-se até que eu mal conseguia pensar em nada além da sensação dele dentro de mim, me preenchendo, me reivindicando.
"Mais", exigi, com a voz embargada pelo desejo. "Mais forte."
Valen gemeu, movendo o rosto para pressionar minha garganta, os dentes roçando a pele sensível ali. Seu ritmo aumentou, cada estocada mais intensa que a anterior. Eu podia sentir cada centímetro dele — os piercings com relevo ao longo de seu comprimento criando uma fricção requintada que me fazia arfar a cada movimento. Meu corpo respondeu com avidez, arqueando-se em sua direção para acomodar seu tamanho considerável.

Meus olhos se voltaram para a cela da Morte enquanto Valen continuava seu ataque ao meu pescoço. Eu podia sentir sua fúria como uma presença física, uma frieza pressionando minha consciência. A certeza de que ele estava lá, ouvindo, observando de todas as maneiras possíveis, até mesmo para os deuses. Através da pedra e da escuridão, uma onda de prazer perverso percorreu meu corpo. Que ele ouça meu prazer. Que ele saiba o que descartou.
“Era isso que você imaginava?” Valen rosnou contra meu ombro, seu ritmo inabalável. “Quando você se tocou?”
Suas palavras imediatamente arrancaram de mim um som agudo — a lembrança da voz do meu presságio na escuridão, ordenando-me que me desse prazer enquanto seu sangue me levava à loucura, repentinamente vívida em minha mente.
*’Pensando em mim, meu pequeno cervo?’*
Um suspiro escapou-me. A voz grave e masculina não vinha da cela dele, mas diretamente da minha mente.
"Responda-me", exigiu Valen, seus movimentos ficando mais fortes e violentos enquanto ele recuava para me encarar.
*— Responda a ele — disse a voz zombeteira da Morte. — Conte a ele como você gozou nos dedos ao ouvir minha voz, como o prisioneirozinho imundo que você é.*
Soltei um gemido abafado, presa entre duas forças: a presença física de Valen e a intrusão etérea da Morte. Meu corpo se contraiu ao redor do membro de Valen, arrancando um suspiro de prazer de seus lábios.
Ele interpretou minha reação como um sim, com um sorriso selvagem e triunfante. Uma mão agarrou a minha nuca, mantendo-me imóvel, enquanto a outra deslizava entre nossos corpos, encontrando meu clitóris e o estimulando com uma precisão enlouquecedora. O ataque duplo era demais — o prazer se intensificava, crescia, meu corpo tremia à beira do clímax.
*— Menina travessa — repreendeu a Morte. — Sabe, eu posso aceitar uma mentira. Talvez duas. Mas quantas já foram — três? Quatro? Não te ensinaram que mentirosos são punidos?*
Mordi o lábio com força, a dor me ancorando enquanto eu tentava ignorar as provocações da Morte. A tensão em meu corpo apenas intensificava o prazer, fazendo com que minhas coxas puxassem Valen ainda mais para perto.
“Que coisa gananciosa”, sibilou Valen, interpretando erroneamente minha resposta como entusiasmo apenas por ele. Seus dedos trabalhavam mais contra aquele emaranhado de nervos, seu ritmo tornando-se cada vez mais errático à medida que seu próprio prazer aumentava.
*’Você acha que merece vir, meu pequeno cervo? Nós dois sabemos como sua voz é linda quando você canta. Mas, me diga, você merece ?’*
Fechei os olhos com força, a presença da Morte pressionando pesadamente os cantos da minha mente, misturando-se ao prazer requintado que Valen estava me proporcionando.
“Olhos. Em. Mim. Princesa”, exigiu Valen, enfatizando cada palavra com uma investida mais profunda e forte. Tentei me centrar em meio ao caos, mas foi inútil, o mundo se dissolvendo em sensações elétricas.
"Sim", sussurrei, meu olhar fixo no de Valen enquanto respondia à Morte em voz alta, ignorando o conflito que fervilhava dentro de mim.

*A Morte estalou a língua, o som tão real como se estivesse pressionada contra meu ouvido. ” Acho que você ainda não merece ser libertada, pequena corça. Diga-me exatamente o que você quer.”*

Soltei um suspiro quando Valen se moveu, elevando meus quadris e mudando o ângulo de suas estocadas. A nova posição enviou ondas de choque por todo o meu corpo, seu membro grosso atingindo aquele ponto perfeito lá no fundo com uma precisão devastadora. Estrelas explodiram atrás das minhas pálpebras.

— *Palavras, Mireille* — zombou a Morte, sua voz como mel derramado sobre cacos de vidro. — *Quero ouvir você dizê-las.*

"Eu quero—" Minha voz falhou quando os dedos de Valen encontraram meu clitóris novamente, circulando com uma habilidade enlouquecedora enquanto ele continuava a me penetrar. "Eu quero gozar", sussurrei, sem me importar mais com quem ouvisse o desespero na minha voz. "Por favor, eu preciso gozar."

Os lábios de Valen se contorceram em um sorriso que só poderia ser descrito como perverso.

*'Boa garota', ronronou a Morte. 'Agora venha me buscar.'*

A permissão — a ordem — me desfez. Meu êxtase me atingiu com uma intensidade violenta, ondas e mais ondas de prazer irradiando do meu âmago. Gritei, o som ecoando nas paredes de pedra da minha cela enquanto o êxtase me dominava por completo. .

"Valen!" gritei, seu nome escapando dos meus lábios enquanto a presença da Morte envolvia minha consciência, reivindicando meu prazer como seu.

Valen grunhiu em resposta, seus próprios movimentos tornando-se frenéticos enquanto buscava o prazer. Com uma estocada final e brutal, ele se enterrou até o fundo dentro de mim, seu corpo tremendo ao encontrar o clímax. Senti o calor dele me preenchendo, marcando-me por dentro em mais uma demonstração de posse.

Por vários longos instantes, permanecemos abraçados, nossa respiração ofegante o único som na cela. A testa de Valen repousava contra a minha, uma intimidade inesperada que parecia mais significativa do que o ato que acabávamos de compartilhar.

Então a realidade se impôs novamente. Valen se afastou de mim, deixando-me com uma estranha sensação de vazio. Ele ajeitou as roupas com movimentos rápidos e precisos, o rosto já se fechando, a máscara de controle voltando ao lugar.

Eu o observei, sem me preocupar em esconder meu corpo enquanto meus ombros retomavam a posição tensa.

“Foi tudo o que você esperava, princesa?”, perguntou ele, com a voz agora cuidadosamente neutra, embora eu pudesse detectar um fio de incerteza sob seu tom seguro.

Sorri, um sorriso lento e deliberado, apesar da respiração ofegante. "Foi um começo", respondi, apreciando o lampejo de surpresa que cruzou seu rosto.

O maxilar de Valen se contraiu, seus olhos buscando os meus. "Isso não vai acontecer de novo, não muda nada", disse ele finalmente.

“Isso muda *tudo* ”, retruquei.

Ele se virou abruptamente, caminhando em direção à porta da minha cela. Antes de cruzar a soleira, seu olhar cruzou com o meu por cima do ombro, sua expressão mais uma vez a máscara fria e calculista que eu já conhecia.
“Vou mandar os guardas te libertarem”, disse ele. “Limpe-se. Amanhã continuamos como antes.” ”
"Será?" perguntei, inclinando a cabeça para o lado. "Você realmente pode voltar à simples tortura agora, Valen? Agora que você sabe o que mais nos espera?"
Ele cerrou o punho, os nós dos dedos ficando brancos. Por um instante, pensei que ele pudesse me bater, afinal — uma última tentativa de reafirmar a antiga dinâmica, de provar que ainda estava no controle.
Em vez disso, ele se virou e saiu da cela sem dizer mais nada, com passos menos cadenciados que o habitual, quase apressados. Como se não suportasse ficar na minha presença por mais um instante.
Sorri para o espaço vazio que ele deixou para trás, sentindo a atenção da Morte, sua raiva pelas minhas ações, pelo jogo que eu estava jogando. Por não tê-la chamado.
Este era o meu poder. Esta era a minha escolha. E que os deuses os ajudem, eu estava apenas começando.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

# A CALMA APÓS A TEMPESTADE

TO som de passos se aproximando interrompeu meu devaneio.

Meus guardas apareceram na porta da minha cela, os olhos cuidadosamente desviados do meu corpo exposto. O mais jovem manteve o olhar fixo no chão, um rubor subindo pelo pescoço. O mais velho aproximou-se de mim com um pano drapeado sobre o braço.

“Para você”, disse ele asperamente, estendendo-o como se fosse uma oferenda a alguma divindade perigosa. “Antes de o baixarmos.”

Assenti com a cabeça, permitindo que ele drapeasse o tecido áspero sobre meus ombros, cobrindo minha nudez. O tratamento cuidadoso que me dispensavam era mais uma vitória, pequena, mas significativa. Eles não me viam mais como apenas mais uma prisioneira a ser tratada. crueldade indiferente. Havia algo como respeito na forma como evitavam meu olhar, na delicadeza com que soltavam o mecanismo que controlava minhas correntes.

Meus pés tocaram o chão completamente e eu tropecei levemente quando o sangue voltou a circular nos membros que permaneceram na mesma posição por muito tempo. O guarda mais jovem fez um movimento brusco como se fosse me amparar, mas desistiu, deixando as mãos caírem desajeitadamente ao lado do corpo.

“Água?” perguntou o mais velho, com um tom cuidadosamente neutro. “Comida?”

"Água", concordei, com a voz embargada. "Obrigada."

Ele assentiu com a cabeça, fazendo um gesto para que o guarda mais jovem fosse buscar. Quando voltou, pressionou o odre contra minha boca até que eu bebesse o suficiente.

Olhei para o jovem guarda, examinando como seu nariz estava agora completamente torto por causa da minha agressão.

"Combina com você", eu disse, com a voz deliberadamente casual. "Faz você parecer mais interessante."

Ele piscou, claramente pego de surpresa pelo meu comentário. Um rubor espalhou-se por suas bochechas, e ele desviou o olhar rapidamente. O guarda mais velho bufou, um som que talvez fosse de divertimento.

“O rei disse que vocês têm permissão para tomar banho”, disse o guarda mais velho, mudando de assunto. “E que lhes deram roupas limpas.”

Ergui as sobrancelhas, apertando o tecido com mais firmeza em volta dos ombros. "Que generosidade da parte dele."

“Agora”, respondeu o guarda mais velho. “Se você conseguir andar.”

"Eu consigo andar." Endireitei a coluna, ignorando as várias dores que protestavam contra o movimento. Forcei minhas pernas a se moverem, mas, para minha frustração, elas se recusaram.

Respirei fundo, olhei para as minhas pernas e repeti: "Eu consigo andar". Dei um passo hesitante para a frente, recusando-me a demonstrar qualquer fraqueza. As minhas pernas tremeram ligeiramente, mas forcei-as a sustentar o meu peso.

Os guardas trocaram um olhar, algo não dito passando entre eles. Então o mais velho acenou com a cabeça na direção da porta. "Por aqui, então." ”

Segui-os pelos corredores sinuosos da masmorra, a pedra gelada sob meus pés descalços. O guarda mais jovem olhava para trás constantemente, como se temesse que eu desmaiasse — ou talvez atacasse. O pensamento quase me fez sorrir.

Emergimos em uma nova parte das masmorras — uma pequena câmara com uma banheira de pedra embutida no centro, de onde subia vapor da superfície da água. Velas tremeluziam em apliques de parede, projetando sombras dançantes nas paredes de pedra áspera. Por que havia uma banheira naquele inferno, eu não fazia a menor ideia.

Parecia o paraíso.

"Vocês têm uma hora", disse o guarda mais velho, gesticulando em direção ao banheiro. "As roupas limpas estão lá." Ele acenou com a cabeça para um embrulho dobrado sobre um banco de madeira. "Vamos esperar lá fora."

Esperei até que a pesada porta de madeira se fechasse atrás deles antes de deixar o pano cair dos meus ombros. O ar estava mais quente ali, o vapor do banho criando um casulo úmido que aliviava um pouco a dor nos meus músculos. Aproximei-me da banheira com cautela, testando a água com os dedos dos pés antes de mergulhar em seu abraço acolhedor com um suspiro que parecia vir do âmago do meu ser.

O calor me envolveu, penetrando nos músculos tensos e doloridos. Mergulhei completamente, deixando a água cobrir minha cabeça, lavando o suor, a sujeira e os vestígios do que havia acontecido entre Valen e eu. Quando voltei à superfície, ofegante, senti como se tivesse entrado em um mundo diferente — um mundo onde eu conseguia pensar com clareza novamente, onde a névoa de dor e desejo havia se dissipado temporariamente.

Por um longo momento, fiquei simplesmente sentada ali, deixando o calor penetrar em meus ossos, relaxando os músculos tensos por dias de confinamento. Então, mergulhei a cabeça novamente, sentindo o peso do meu cabelo enquanto ele reabsorvia a água. Quando emergi, senti-me de alguma forma renascida — não purificada do que havia acontecido desde o meu último banho, mas transformada por ele.

Peguei o pequeno pote de barro com sabão neutro e comecei a esfregar para remover os vestígios dos últimos dois dias.



A água já estava fria quando finalmente saí, e peguei o pano que os guardas me deram para me secar. Minha pele estava rosada por causa do calor e da esfoliação, e eu me sentia mais viva do que nas últimas semanas — aquela dor entre as coxas satisfeita, e meu corpo limpo.

As roupas que me deram eram mais simples do que qualquer coisa que eu usaria na corte — mas eram roupas de verdade. Uma túnica de tecido macio num tom profundo de azul-escuro, com cinto na cintura, e roupas íntimas de linho folgadas. *Roupas íntimas* . Sem sapatos, notei. Eu ainda não tinha transado com Valen o suficiente para merecer essa misericórdia.

Vesti-me devagar, saboreando a sensação do tecido limpo em contato com a pele limpa. Meu cabelo caía em mechas úmidas pelas costas, começando a ondular enquanto secava no ar úmido. Passei os dedos entre os fios, desembaraçando os nós o melhor que pude.

Uma batida na porta me despertou dos meus pensamentos.
“O tempo acabou”, gritou o guarda mais velho.
Respirei fundo, endireitando os ombros, e abri a porta. Os guardas estavam à espera, com expressões cuidadosamente neutras. O olhar do mais velho percorreu-me, avaliando-me.
“Você está com uma aparência melhor”, disse ele, com rispidez.
Ergui uma sobrancelha. "Isso foi um elogio, guarda?"
Ele bufou, mas não havia nenhum tom de desprezo em sua voz. "Uma observação. Venha comigo."
O guarda mais jovem parecia não conseguir parar de olhar para o meu rosto, como se o estivesse vendo pela primeira vez.
Ao nos aproximarmos da minha cela, mantive o olhar fixo no chão, sem querer vislumbrar sequer por um instante meu presságio, cuja presença pairava como uma sombra sobre meus pensamentos.
“O rei o receberá amanhã”, disse o guarda mais velho, afastando-se da porta. “No mesmo horário de sempre.” Ele fez uma pausa e acrescentou, quase Com relutância, ele disse: "Tente descansar."
Assenti com a cabeça, sem confiar na minha própria voz. Não porque estivesse com medo, mas porque não queria que ele visse a expectativa que me invadia ao pensar em reencontrar Valen. Como as coisas mudaram tão rápido — de temer suas visitas para... seja lá o que fosse esse novo sentimento.
Assim que a porta da cela se fechou atrás de mim, notei as diferenças imediatamente. O colchonete no canto havia sido substituído por um colchão de verdade — fino e áspero, mas ainda assim uma grande melhoria. Um cobertor de lã estava dobrado aos pés da cela. O balde que era meu único conforto havia sumido, substituído por um penico com tampa. Pequenas gentilezas, mas significativas.
Acomodei-me no centro do colchão, abraçando os joelhos contra o peito enquanto o cansaço me invadia, uma fadiga pesada e implacável que parecia penetrar até os meus ossos. Minhas pálpebras pareciam de chumbo e cada músculo do meu corpo doía de exaustão.
Eu estava cansada, muito cansada. Tão cansada que, quando ouvi a voz dele, não me mexi.
*“Mireille.”*
A palavra foi dita em voz alta, não imposta à minha mente. Aquela voz profunda e infinita, suave onde antes trovejava.
Não havia comando algum. Apenas um puxão suave. Mesmo assim, o som paralisou algo em meu peito, meus lábios se curvando num sorriso sem qualquer traço de humor.
Ele quebrou o nosso silêncio primeiro.
Claro *que* sim.
Depois de toda a sua justa fúria. Depois de todas as suas grandes declarações. Foi *ele* quem não conseguiu ficar longe.
Mantive as costas contra a parede. "Não", eu disse, deixando a palavra me atingir com a raiva que ainda me consumia.

“Precisamos conversar sobre esta noite”, rosnou ele, com aquele sotaque irresistível escapando por entre a pedra. “Você não pode ignorar o que aconteceu.”
"Observe-me", sussurrei, ciente de que seus ouvidos captariam cada palavra. Puxando o cobertor sobre os ombros, enrolei-me no colchão, fechei os olhos e desejei que a escuridão me envolvesse.

CAPÍTULO QUARENTA

# UMA REVELAÇÃO DA DIVINDADE E DA MORTALIDADE

TAs algemas de couro cravaram na pele dos meus pulsos. *De novo.*

Mudei o peso do corpo, os músculos se tensionando enquanto buscava uma posição mais confortável. As algemas tilintaram contra as correntes, o som reverberando pela câmara de pedra. A luz tênue que filtrava pela grade acima projetava sombras alongadas sobre minha pele nua, realçando os hematomas que Valen havia deixado na noite anterior. Marcas roxo-azuladas circundavam meus quadris, onde seus dedos haviam cravado, marcando-me. Não tentei escondê-las. Eram marcas de uma batalha que eu começava a vencer.

Por mais que Valen quisesse negar, a noite passada mudou tudo entre nós. Eu vi seus olhos escurecerem de confusão, depois de desejo, enquanto eu o provocava. Eu o convidei, exigi que ele me possuísse. E ele o fez — ah, como o fez. Suas mãos foram ásperas, desesperadas. Seu corpo contra o meu, dentro do meu, foi brutal e avassalador. A lembrança disso me fez apertar as coxas em antecipação.

Mas foi a sua rendição que mais me encantou — o momento em que o seu controle meticuloso se rompeu. O instante em que o torturador se tornou escravo do seu próprio desejo. Até onde eu poderia levá-lo esta noite? Conseguiria eu persuadir o deus a emergir de sob a pele mortal?

Irritar a Morte também era um benefício menor.

Recusei-me a pensar em como a Morte havia entrado em minha mente na noite passada, como sua voz — baixa, rouca, carregada de um ciúme que seria cômico se não fosse tão devastadoramente eficaz — preenchera os cantos escuros do meu crânio enquanto Valen me fodia, libertando-me das algemas. Como ele quebrara sua promessa de não falar comigo novamente, tão pouco tempo depois de sua grande declaração. Era mais fácil me concentrar na vitória, em como eu transformara meu captor em meu suplicante por um instante de tirar o fôlego, do que me deter na excitação doentia que me percorreu quando meu arauto ordenou meu prazer em meio à minha raiva contra ele.

Os guardas não tinham se ausentado por muito tempo, o que significava que Valen chegaria em breve. Será que ele esperava que eu tivesse retornado à minha habitual rebeldia? Que tivesse me arrependido da vulnerabilidade que demonstrara na noite anterior? Talvez ele pensasse que eu estivesse possuída, dominada pela febre de sua mordida e pela magia de seu sangue.

Ele ficaria desapontado.

O eco fraco de passos se aproximando chegou até mim, e me endireitei o máximo que minhas amarras permitiram. Umedeci os lábios, sentindo o gosto de sal e um leve toque metálico de sangue onde os havia mordido em pensamento.

Eu o encontraria novamente com desejo, observaria seu controle se quebrar sob a força da minha entrega. Eu o faria me enxergar não como um objeto a ser quebrado ou torturado, mas como uma mulher desejada.

Observei com avidez a porta se abrir e Valen entrar. Ele se movia com aquela naturalidade despretensiosa. A arrogância que antes me fazia tremer de raiva e medo,

seus olhos escuros percorriam meu corpo nu com uma expressão que eu não conseguia decifrar. Surpresa. Suspeita. Um leve indício de desejo que ele tentava reprimir. Ele vestia seu habitual preto, o tecido rico e austero contrastando com a perfeição pálida de sua pele. Um contraste gritante com a minha nudez, com a posição vulnerável em que eu me encontrava. Mas a vulnerabilidade não era mais minha fraqueza — era minha arma.

“Esposa.” Sua voz era enganosamente suave, perigosa. “Vejo que você se desfez de suas roupas novamente.”

“Parecia mais simples assim”, respondi, com a voz num tom ronronante e deliberado. Me mexi um pouco, as correntes acima de mim tilintando com o movimento. “Você já estragou tantas das minhas roupas.”

Seus olhos se estreitaram, os cílios escuros projetando sombras em suas bochechas na penumbra. Ele deu um passo à frente, tomando cuidado para manter distância entre nós. Será que ele estava com medo de mim? Medo do que eu poderia fazer? O pensamento me fez sorrir.

“Você não precisa fazer isso”, disse ele, num tom repentinamente prático, quase irritado. “Se suas roupas ficarem estragadas, eu providenciarei outras novas. Não sou insensível.”

Eu ri disso — um som genuíno de divertimento que ecoou pelas paredes de pedra. "Sim, porque você já foi tão misericordioso no passado." Flexionei os pulsos contra as algemas, sentindo a pressão na minha pele já sensível. "Como esta é a primeira vez que recebo roupas íntimas, prefiro ficar com elas. Não queria que rasgassem quando você as tirasse."

A raiva diante da minha zombaria brilhou em seus olhos, seguida por um leve toque de confusão. Sim, parecia que ele *esperava* que eu retomasse minha postura de desafio silencioso.

“Você me entende mal, esposa”, disse ele, baixando a voz num tom de ameaça sutil. “A noite passada foi... uma aberração. Uma fraqueza momentânea da minha parte. Não vai acontecer de novo.”

Inclinei a cabeça, estudando os traços perfeitos do seu rosto. "Não? Então me diga, marido, você está aqui para retomar nossa rotina habitual? Tortura, lágrimas e súplicas por misericórdia que nunca..." "Vem?" Inclinei-me para a frente, minha voz baixando para um sussurro rouco. "Ou você ficou acordado a noite passada, pensando em como foi quando me entreguei a você de livre e espontânea vontade? Quando gemi seu nome não de dor, mas de prazer?"

Sua mão se estendeu, rápida como o bote de uma víbora, enroscando-se em meu cabelo e puxando minha cabeça para trás. A dor repentina me fez arfar, mas não da maneira que ele esperava. O som era ofegante, carregado de desejo.

“Você se esqueceu de quem eu sou? Do meu propósito para você?” ele sibilou, o rosto a centímetros do meu, a respiração quente contra meus lábios. “Eu sou um *Deus* , pequena mortal. Um dos primeiros. Eu destruí cidades, fiz reis se ajoelharem. Não serei influenciado pelos artifícios de uma mera garota. Uma *ninguém* .”

Mas mesmo enquanto ele falava, eu conseguia ver a pulsação forte em sua garganta, conseguia sentir o tremor sutil na mão que apertava meu cabelo. Ele estava afetado, quer quisesse ou não.
Não resisti ao seu aperto. Em vez disso, arqueei as costas, pressionando meu corpo nu contra o dele, que estava vestido. "Não me esqueci de quem você é, *Vharok* ", murmurei, observando suas pupilas dilatarem ao ouvir seu nome divino. "Sabe... a culpa é sua."
Ele inclinou a cabeça, indicando que estava ouvindo, embora não tenha dito nada, com o olhar fixo nos meus lábios. Umedecendo-os, continuei, com a voz tão baixa que mal conseguia ouvi-la: "Você me disse que monstros foram criados. Não deveria assumir a responsabilidade pelo que criou?"
Ele rosnou — um som baixo e perigoso que vibrou em seu peito e chegou até o meu. Seu aperto em meu cabelo se intensificou, puxando com mais força, e eu não tentei esconder o gemido que escapou. A dor se transformou em outra coisa, algo que fez minha pele corar e minha respiração acelerar.
Os olhos de Valen se arregalaram ligeiramente, seus lábios se entreabrindo em surpresa ou raiva — eu não conseguia distinguir. Sua outra mão disparou para agarrar meu quadril, os dedos cravando-se nos hematomas que ele havia deixado. Na noite anterior, a pressão deveria ter me feito gritar de dor. Em vez disso, suspirei, entregando-me ao seu toque.
“Pare com isso”, ordenou ele, mas sua voz estava rouca, havia perdido parte do controle frio. “Eu vim aqui para te machucar, para te lembrar do seu lugar. Não para...” Ele parou de falar, o aperto em meu quadril se flexionando inconscientemente.
"Não para quê?" perguntei, deliberadamente provocativa. "Não para me foder de novo? Não para me fazer gritar seu nome enquanto me desfaço em seus braços?" Lambi meus lábios, observando seu olhar acompanhar o movimento. "Por que não os dois, Valen? Por que não me machucar e me ter também? Você parece gostar de me ver sofrer. E eu..." Fiz uma pausa, piscando lentamente, "...eu pareço gostar de sofrer por você."
Algo mudou — uma rachadura na máscara de controle. Sua mão soltou meu cabelo apenas para se fechar em torno do meu pescoço, apertando o suficiente para dificultar a respiração, mas não a impossibilitar. Não lutei contra a pressão. Em vez disso, relaxei, deixei minha cabeça cair para trás, expondo mais do meu pescoço ao seu aperto.
"Você pensa em me tentar", disse ele, com a voz tensa de fúria contida. "Em me deixar fraco de desejo. Não vai funcionar, princesa."
"Pensei que você fosse um deus. Um dos primeiros." Repeti as palavras dele, minha voz um pouco tensa pela pressão na garganta. "O desejo não é a forma suprema de conquista? Fazer alguém te querer tanto a ponto de fazer qualquer coisa para te ter? Pensei que já tivéssemos concordado que era isso que você queria de mim. Minha rendição."
Seus dedos apertaram, interrompendo minhas palavras. Por um instante, a escuridão se espalhou pelas bordas da minha visão, e uma estranha euforia me invadiu — a peculiar sensação de flutuar causada pela falta de oxigênio. Quando pensei que fosse desmaiar, ele me soltou, e eu respirei fundo, em um suspiro desesperado.

“Quero o seu sofrimento”, disse ele, mas sua voz carecia de convicção. “Quero que você pague pelo que seu pai me fez. Pelos anos que passei acorrentado nesta mesma masmorra, torturado, interrogado e *mortal* .” ”
Encarei seu olhar fixamente, ainda respirando com dificuldade. "Então faça-me sofrer, meu rei. Mas não finja que não sente prazer quando eu encontro alegria na dor que você me inflige."
Seu aperto se intensificou dolorosamente, e eu não tentei esconder o pequeno gemido ofegante que escapou de mim. Observei fascinada enquanto algo mudava em seus olhos — o preto se espalhando onde deveria haver branco, consumindo lentamente a aparência humana de seu olhar. Sua pele corou, adquirindo um tom acobreado que não era totalmente natural.
“Você brinca com fogo, pequena rainha”, sussurrou ele, a voz ficando mais grave, adquirindo um eco que não existia antes. “Você provoca um deus.”
"Ótimo", sussurrei. "Queime-me."
Algo se estilhaçou em sua expressão — o último vestígio de humanidade dando lugar a algo mais antigo, mais selvagem. O negro em seus olhos consumiu o último resquício de branco, suas íris foram engolidas por completo até que não restasse nada além de um vazio infinito. Seus traços permaneceram os mesmos, mas algo neles mudou sutilmente — ângulos mais nítidos, linhas mais pronunciadas, como se os ossos por baixo estivessem se rearranjando.
O tom acobreado de sua pele se intensificou para um carmesim, como sangue sob uma lua pálida. Seus dedos em meu queixo esquentaram, quase queimando minha pele.
Eu deveria ter ficado apavorada. Em vez disso, senti um prazer perverso por ter provocado essa transformação, por ter me despojado do controle que ele mantinha com tanto cuidado.
“Era isso que você queria ver?” Sua voz estava quase irreconhecível agora, carregada de poder e fúria. “O monstro por trás da máscara? O ser que massacrou sua família, que destruiu tudo o que você já amou?”
*’Cuidado, pequeno cervo’, a voz da Morte ecoou em minha cabeça. ’ Já lhe disse antes, a forma do divino tende a destruir aqueles que são inferiores a ele.’*
Em vez de acatar o aviso da Morte, inclinei-me para mais perto, o máximo que minhas correntes permitiam, e sussurrei contra ela. A pele ardente do Deus do Sangue: "Sim. Mostre-me a verdade sobre quem você é. Chega de máscaras. Chega de fingimento. Só você e eu." Fiz uma pausa, deixando meus lábios roçarem em seu queixo. "Não tenho medo de você, Vharok."
Ele recuou bruscamente como se tivesse se queimado, encarando-me com aqueles olhos negros e profundos. Por um instante, pareceu perdido — dividido entre a raiva e o desejo, entre a necessidade de punir e a necessidade de possuir.
"Vocês deveriam ter medo", disse ele por fim, com a voz um rosnado que parecia emanar das próprias pedras ao nosso redor.
Encarei seu olhar sem hesitar, sentindo uma estranha calma me envolver apesar do perigo em que me encontrava. "Não sou." Me remexi nas correntes, enfatizando deliberadamente minha nudez, minha vulnerabilidade. "O que você vai tirar de mim hoje? Minha dor? Meu prazer? Ambos?"

Seu corpo colossal tremia com uma contenção mal contida. O carmesim de sua pele parecia cintilar, o negro de seus olhos obscurecendo qualquer vestígio de humanidade. Ele era belo e terrível, um ser de puro poder e fome.
"Quer brincar, princesa?" A voz de Vharok baixou mais uma oitava, ressoando com algo antigo e terrível. Ele deslizou um dedo pela minha bochecha e, de repente, cravou as unhas na carne macia sob meu queixo.
A dor se intensificou, aguda e doce. Soltei um suspiro, não em protesto, mas em puro prazer. "Não estávamos brincando desde o início?"
Seu semblante escureceu ainda mais ao perceber o desafio em minhas palavras. Sua mão deslizou do meu rosto para o meu cabelo, puxando minha cabeça para trás e expondo meu pescoço novamente. A gola pressionou minha pele, a posição precária e vulnerável.
"Você quer dor?" Sua respiração quente roçava minha orelha. "Posso te dar mais do que você pode suportar."
Sua outra mão se fechou em torno das minhas costelas, as unhas cravando-se nos espaços entre os ossos com uma crueldade calculada. No passado, tal tratamento teria me feito buscar aquele lugar de vazio, me refugiar em mim mesma. Me esconder. .
Então, me curvei ao seu toque.
"Você promete?", sussurrei, observando o choque estampado em seus olhos.
Então, de forma surpreendente, ele começou a rir, uma risada baixa e lenta, como se de repente tivesse chegado a uma conclusão.
Ele segurou meu queixo, pressionando o canto da minha boca com o polegar. O toque era quase terno, uma imitação de conforto, mas seus olhos negros ardiam com uma intensidade febril que estava longe de ser gentil.
“Então é isso, não é?” perguntou ele, com a voz rouca e áspera, como se tivesse sido feita de cobre. “Você quer saber como é ser fodida por um Deus?”
Eu mal conseguia respirar, as correntes da expectativa apertavam mais do que as algemas em meus pulsos.
“Acho que *é* isso mesmo”, continuou ele, pressionando o polegar contra a fissura no meu lábio. “É terrivelmente mortal da sua parte, esposa. Querer ser estuprada por um monstro na sua cela de masmorra. Desejar aquilo que você mais deveria temer.”
Meu sangue ferveu em resposta às suas palavras, um fogo escuro se acendendo dentro de mim enquanto eu arqueava as costas o máximo que as algemas permitiam, meu corpo nu pressionando contra o tecido fino de suas roupas. As algemas apertavam meus pulsos, traçando finas linhas de sangue que escorriam pelos meus antebraços. A ardência aguda apenas intensificava minha percepção de cada ponto onde seu corpo tocava o meu.
Sua mão encontrou a pele nua da minha coxa, os dedos cravando-se na carne macia. Soltei um suspiro quando seus dedos subiram, deixando rastros de calor pela minha pele.
A respiração de Valen estava mais pesada, cada expiração queimando contra meus lábios, onde os dele estavam a centímetros de distância. Nossos olhos permaneceram fixos enquanto sua mão continuava sua jornada para cima, os calos ásperos roçando na pele sensível, até que seus dedos encontraram o ponto entre minhas coxas.

"Tão molhada", ele gemeu, quase para si mesmo. " *Encharcada* ." Seu polegar circulou, provocando, mas sem penetrar, arrancando um gemido meu. uma garganta que eu não conseguiria conter nem se quisesse. "Você sabe como conseguir o que quer. Diga-me."
Eu me aproximei ainda mais, o movimento enviando uma nova onda de dor aguda pelos meus ombros, mas era algo distante, secundário à sensação de suas mãos em meu corpo, sua respiração contra minha pele.
"Quero te destruir", sussurrei, a verdade escapando de mim sem que eu a pedisse. "Do mesmo jeito que você tentou me destruir."
Seus olhos se arregalaram ligeiramente, depois se estreitaram em fendas perigosas. Sem aviso, ele se aproximou mais, seu corpo pressionando o meu contra o dele, sua mão deslizando do meu queixo para apertar minha garganta. Seus dedos percorreram meu corpo entre as coxas, não mais provocando, mas possessivos, exigentes.
"Não consigo ceder", rosnou ele, mas sua voz falhou na última palavra, traindo-o.
Eu ri baixinho, o som interrompido quando seus dedos encontraram meu clitóris, beliscando-o com crueldade deliberada. Uma onda de prazer me percorreu, tão intensa que me roubou o fôlego. Minhas costas se arquearam involuntariamente, meus pulsos se debatendo contra as algemas até que o sangue começou a fluir livremente pelos meus braços.
O cheiro do meu sangue pareceu amplificar sua transformação. Suas narinas dilataram e o tom acobreado que vinha se espalhando por sua pele intensificou-se repentinamente. Seus olhos, já escuros, tornaram-se completamente negros.
Seus movimentos se tornaram mais bruscos, a mão em meu pescoço apertando até que pontos brilhantes dançassem nas bordas da minha visão, enquanto a outra mão continuava seu ataque implacável. Eu deveria estar apavorada — eu estava apavorada, em algum lugar profundo sob a fome que me consumia. Mas o terror também tinha seu próprio prazer agudo, sua própria emoção sombria.
Mordi a língua com tanta força que chegou a sangrar, enquanto as manchas escureciam. O gosto metálico encheu minha boca, e os olhos de Valen se fixaram na mancha carmesim que se espalhava pelo meu lábio inferior. Algo mudou em sua expressão — a fome se transformando em algo mais profundo, mais primitivo. .
Eu queria pedir que ele afrouxasse o aperto, que deixasse o ar chegar aos meus pulmões. Em vez disso, inclinei-me para a frente o máximo que as amarras permitiam e pressionei meus lábios ensanguentados contra os dele.
Meu sangue se misturou entre nós, cobre e sal. Por um instante, ele congelou, afrouxando o aperto, chocado com minha audácia. Então respondeu com violência, pressionando sua boca contra a minha, dentes se chocando, línguas lutando por domínio. O beijo era uma guerra — uma continuação da batalha que travávamos desde o momento em que ele reivindicou meu reino.
O gosto do meu sangue pareceu despertar algo nele. Sua pele ardeu ainda mais contra a minha, sua forma crescendo, tornando-se algo ainda menos humano do que antes.
Um tremor percorreu seu corpo, a mão em meu pescoço apertando-o a ponto de doer, a outra deslizando para cima para agarrar minhas costelas, arrancando um gemido de desagrado da minha garganta. Eu podia sentir o calor emanando de suas palmas, um calor antinatural que aumentava a cada segundo.

“Olha só no que você se transformou”, ele rosnou contra meus lábios. “Minha pequena ruína perfeita.”
O calor de suas mãos de repente se tornou insuportável. Meu corpo estremeceu quando seus dedos queimaram minha carne. Algo estava errado — algo além da crueldade habitual, além do cálculo meticuloso de sua tortura. Isso era incontrolável, inesperado.
“Valen—“ comecei, com alarme transparecendo em minha voz.
Ele parecia não me ouvir. Seus olhos haviam adquirido um brilho estranho, suas feições se contorcendo enquanto o deus dentro dele se manifestava. O brilho acobreado de sua pele reluzia metálico à luz da tocha, seu corpo vibrando com um poder mal contido. Onde suas mãos me tocaram, senti algo estranho entrar em minha corrente sanguínea — quente e cáustico, como fogo líquido. Um poder que eu reconhecia, mas nunca havia sentido assim.
Seu poder. Poder do sangue.
A dor transcendia tudo que eu já havia experimentado com ele. Era algo elementar, primitivo. O poder bruto de um Deus fluindo desenfreadamente para a carne mortal. Gritei então, toda a pretensão de prazer esquecida enquanto a agonia me consumia. Minha visão ficou turva, a escuridão invadindo as bordas.
O sangue — meu sangue — jorrava livremente, não apenas dos meus pulsos esfolados, mas também debaixo dos seus dedos, de onde sua magia esculpia feridas invisíveis na minha carne. Os filetes carmesins desenhavam padrões pelo meu corpo nu, pingando até meus pés no chão de pedra.
Em meio à névoa da dor, vi sua expressão mudar, a fome em seus olhos se transformando em algo mais — confusão, e então um horror crescente. Ele olhou para as mãos, para o sangue que as cobria, como se as visse pela primeira vez. O brilho em seus olhos oscilou, a humanidade reafirmando-se momentaneamente sobre a divindade.
"O quê—" ele começou, com a voz embargada.
Minha boca se encheu de um líquido cor de cobre, quente e espesso, sufocando qualquer palavra que eu pudesse ter formado. Em vez disso, transbordou dos meus lábios com uma tosse, escorrendo pelo meu queixo e se misturando ao sangue que jorrava dos ferimentos nas minhas laterais. Ferimentos que ele havia causado sem querer — sem ter decidido conscientemente destruir o brinquedo com o qual estava brincando.
Em algum lugar, distante, mas insistente, ouvi outra voz — a Morte, chamando meu nome com crescente urgência.
Mas eu também não consegui respondê-lo. Tudo em que eu conseguia me concentrar era na dor.
As mãos de Valen ainda me seguravam pela cintura, me sustentando, mas já não ardiam com magia. Agora tremiam, os dedos que haviam rasgado carne e veias subitamente incertos. Observei com fascínio distante enquanto ele me segurava cuidadosamente, distribuindo meu peso para que as algemas não apertassem mais meus pulsos.
"Aguenta firme", murmurou ele, embora eu não conseguisse distinguir se era para mim ou para si mesmo. "Só aguenta firme."

Uma das minhas mãos deixou minha cintura para tentar destravar as algemas, movimentos incomumente desajeitados. As mãos dele. Ele tremia enquanto mexia nos mecanismos, os dedos escorregando no sangue que cobria nossos corpos.
A primeira algema cedeu e meu braço direito caiu inerte ao meu lado, enviando uma nova onda de agonia por todo o meu corpo. Talvez eu tenha gritado. Não tinha certeza. O próprio som parecia vir de muito longe, abafado pelo zumbido nos meus ouvidos, que acompanhava o ritmo do meu coração que falhava.
O rosto de Valen estava perto do meu agora, enquanto ele estendia a mão para a segunda algema, suas feições contorcidas em concentração. Meu sangue estava espalhado por sua pele cor de cobre, manchando seu rosto perfeito, emaranhando-se em seus cabelos escuros que haviam caído para a frente. Sua mandíbula se contraiu com tanta força que eu podia ver o músculo saltar sob a pele, uma veia pulsando em sua têmpora.
A segunda algema se soltou e eu desabei completamente, incapaz de sustentar meu próprio peso. Valen me amparou, seus braços envolvendo meu corpo fragilizado com uma delicadeza inesperada. Ele me deitou no chão, ajoelhando-se ao meu lado, suas mãos pairando sobre os ferimentos em minhas laterais como se hesitasse em tocá-los.
“Eu posso resolver isso”, murmurou ele, mas sua voz não demonstrava convicção. “Eu posso—”
Suas mãos desceram, pressionando as feridas mais graves, e uma nova agonia explodiu por todo o meu corpo. Gritei novamente, o som rasgando minha garganta como algo vivo. Valen recuou bruscamente como se tivesse sido queimado, seus olhos se arregalando ainda mais.
“Está piorando”, disse ele, com a voz carregada de um tom quase de pânico. “Está me rejeitando, continua se alimentando—”
Ele parou de falar, encarando as próprias mãos com crescente horror. Estavam cobertas com meu sangue, mas sob a camada escarlate, sua pele ainda pulsava com poder — veias de luz visíveis sob a superfície, como se sua essência divina tivesse se libertado de seu receptáculo mortal e não pudesse ser contida novamente.
Apesar da dor, apesar da escuridão que se aproximava cada vez mais nas bordas da minha visão, senti uma onda de algo como um triunfo. Eu tinha conseguido. Eu tinha rompido com seu controle meticuloso, tinha feito com que ele se esquecesse de si mesmo tão completamente que seu poder se voltou contra ele tão certamente quanto se voltou contra mim.
Consegui esboçar um sorriso, sentindo o sangue borbulhar entre meus lábios. "Você... perdeu", sussurrei, as palavras quase inaudíveis.
Ele ergueu a cabeça bruscamente, nossos olhares se encontrando com um lampejo da raiva familiar que definira nosso relacionamento por tanto tempo. Mas por baixo dela, agora havia algo novo — algo quase como medo.
“Isto não é uma brincadeira, Mireille”, rosnou ele, mas o efeito foi um tanto diminuído pelo tremor em sua voz. “Você está morrendo.”
"Valeu a pena", consegui dizer, ainda sorrindo apesar do sangue. "Ver... seu rosto... assim."
Sua expressão endureceu, a vulnerabilidade momentânea dando lugar a uma máscara mais familiar de fúria fria. Mas suas mãos ainda tremiam enquanto ele tentava

novamente estancar o sangramento, pressionando meus ferimentos com renovada determinação.
A dor que senti quando ele me tocou foi insuportável, uma agonia lancinante que anulou todos os meus pensamentos. Acho que devo ter perdido a consciência por um instante, porque quando recuperei os sentidos, Valen não estava mais me tocando. Ele havia se afastado, se levantado e me encarava com uma expressão indecifrável.
"Posso deixar você morrer", disse ele, com a voz suave. "Seria uma misericórdia. Você vem implorando por isso desde o começo."
Antes que eu pudesse responder, uma nova voz cortou o ar pesado da minha cela — não na minha cabeça desta vez, mas audível, vinda da cela ao lado. Era a voz da Morte, mas diferente de como ela falava comigo — mais fria, mais formal, com um tom de desprezo que eu nunca tinha ouvido dirigido a mim.
“Você quebrou seu brinquedo de novo, irmão?”
Valen ergueu a cabeça bruscamente, seu olhar se voltando para a parede que separava minha cela da de Morte. Sua expressão endureceu completamente, qualquer vulnerabilidade se esvaindo por trás de uma máscara de frio desdém. .
“Isso não lhe diz respeito, *irmão* ”, respondeu ele, recuperando em parte o controle habitual da voz.
A Morte riu, o som ecoando estranhamente pela pedra. "Não é verdade? Eu já a salvei uma vez, posso fazer isso de novo."
Eu estava me distanciando demais de mim mesmo, a dor criando uma estranha distância entre minha mente e meu corpo debilitado. Deuses jogando seus jogos divinos. Fazia um sentido terrível.
“O que você me dará desta vez, Vharok?” O uso do nome do deus pela Morte pareceu deliberadamente provocativo. “Você já removeu duas das minhas correntes. Quantas mais você removeria para salvar seu brinquedinho? Quanto mais do meu poder você restauraria?”
Valen rosnou, dando mais um passo para longe de mim. "Não brinque comigo. Diga o preço."
“Liberdade completa.” A voz da Morte era plana, inflexível. “Todas as correntes foram removidas.”
"Impossível." A resposta de Valen foi imediata, quase instintiva. "Você sabe que eu não posso fazer isso."
Tossi novamente, o som úmido e alarmantemente fraco. Ambos os deuses silenciaram, sua atenção voltando-se para meu corpo debilitado. A dor estava diminuindo, substituída por uma dormência crescente que eu sabia ser muito mais perigosa. Eu estava me perdendo, minha consciência se tornando cada vez mais frágil.
"Ela vai morrer", disse Valen finalmente, com a voz estranhamente oca. "Se nenhum de nós a curar, ela morrerá."
"Sim", concordou a Morte, com um tom de voz suave e quase triste.
Valen ficou em silêncio por um longo momento enquanto me olhava. Eu o encarei de volta com os olhos semicerrados, sem conseguir mais focar direito, minha visão embaçada nas bordas.

“Se ela morrer, ficará presa como todos os outros”, disse Valen por fim, como que falando consigo mesmo. “Presa no vazio, sem saída. Eu ainda poderia alcançá-la.” ”
Ele se ajoelhou ao meu lado mais uma vez, com cuidado para não me tocar, seus olhos estudando meu rosto com uma intensidade que poderia ter sido desconfortável se eu tivesse forças para me importar.
“Não vou soltar mais nenhuma das suas correntes”, disse ele, falando com a Morte, mas olhando para mim. “Ainda não completei minha vingança.”
"Então ela morre", disse a Morte simplesmente.
O maxilar de Valen se contraiu, um músculo saltando sob a pele. Ele se inclinou para mais perto de mim, a voz baixa, dirigida apenas a mim.
“Isso não acabou entre nós, Princesa”, murmurou ele, com um tom de resignação relutante. “Você ainda é minha. Eu ainda posso te alcançar. Sua morte é apenas… inconveniente.”
Sem dizer mais nada, Valen virou-se e saiu da cela a passos largos, seus movimentos rígidos e controlados como se estivesse se mantendo firme apenas pela força de vontade. A porta bateu atrás dele com um estrondo metálico que reverberou pela masmorra, o som de seus passos se afastando desaparecendo até que restasse apenas o silêncio.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

# DESCIDA À MORTE E À RESSURREIÇÃO

EU Deitada sobre a pedra fria, meu sangue se espalhava em uma poça cada vez maior sob mim.

Eu sabia que meu corpo já não tinha mais condições de se curar naturalmente — os ferimentos eram profundos demais, a perda de sangue muito severa, e os vestígios da magia de Valen ainda continuavam a causar destruição por dentro.

Eu ia morrer ali, sozinho no chão da minha prisão, tendo apenas a lembrança do rosto horrorizado de Valen como companhia. O pensamento deveria ter me enchido de desespero, mas, em vez disso, me senti quase satisfeito. Eu havia vencido, à minha maneira. Havia provado que o poderoso Vharok não era tão invulnerável quanto fingia. Que eu podia afetá-lo, podia fazê-lo perder o controle que tanto prezava. altamente.

Foi uma vitória vazia, talvez, mas foi minha. E numa vida em que possuí tão pouco, até mesmo esse pequeno triunfo pareceu significativo.

*'Mireille'*, a voz da Morte ressoou em minha mente novamente, urgente e imperativa. ' *Venha até mim. Agora. Enquanto ainda pode.'*

"Não", sussurrei, a palavra quase inaudível mesmo no silêncio da minha cela. Sangue borbulhou dos meus lábios com o esforço de falar.

*— Não? — A voz da Morte se tornou mais aguda, permeada por incredulidade e raiva. — Você está morrendo, sua tola. Não é hora para o seu orgulho.*

"Não... me importo", consegui sussurrar. "Não... é... sua boneca... para consertar quando... quebrar."

*O som de suas correntes tilintando ecoou por nossas celas. ' Não se trata de ser uma boneca, de entretenimento ou qualquer outra bobagem do passado. Você. Está. Morrendo.'*

Fechei os olhos novamente, o esforço de mantê-los abertos de repente se tornou insuportável. Qual era o sentido de sobreviver? Suportar mais tortura? Mais manipulação? Melhor escapar, abraçar a escuridão que me chamava tão convidativamente nas margens da minha consciência.

*— Não se atreva — rosnou a Morte, sua voz assumindo aquela ressonância divina que parecia vibrar até meus ossos. — Veja o que você conquistou. Você quebrou o controle de Vharok. Você fez um deus recuar. E agora você jogaria essa vitória fora?*

Suas palavras atravessaram a névoa reconfortante que se instalava em mim. Ele tinha razão, maldito seja. Eu *havia* vencido. Eu havia provado ser mais forte do que Valen esperava, mais perigoso do que ele havia calculado. Tinha sido quase *fácil* fazê-lo ceder. Morrer agora seria desistir dessa vitória.

E eu não podia permitir isso.

Mas a ideia de me mover, de arrastar meu corpo destroçado pelo chão da cela até o canto onde a Morte pudesse me tocar, parecia impossível. O poder divino havia devastado tudo. me consumindo de dentro para fora. Cada batida do coração bombeava mais sangue de feridas que não cicatrizavam, cada respiração borbulhava pelos pulmões que se enchiam de líquido.

*— Sua teimosia vai te matar desta vez — disse a Morte, com a voz agora mais suave, mas não menos insistente. — É isso mesmo que você quer? Morrer nesta cela, sozinho?*

"Não... estou sozinha", sussurrei, as palavras mal se formando. "Você... está aqui."

Ouvi-o suspirar — um som estranhamente exasperado vindo de um ser tão antigo e poderoso. ' *Sim, estou aqui. E posso salvá-lo se você apenas'*, ele fez uma pausa com um rosnado, *'vier até mim.'*
"Por que... se incomodar?" Por que ele se importava se eu vivesse ou morresse? Como ele me chamou... facilmente corrompida? Fraca?
*Houve uma longa pausa, tão longa que me perguntei se ele havia desistido. Então sua voz retornou, mais suave do que antes. "Porque você é... mais forte do que isso. Porque você merece algo melhor do que morrer aqui." Outra pausa, esta carregada de incerteza. "Porque eu não posso deixar você morrer pensando que não passa de entretenimento para mim."*
Não era a declaração de carinho que eu esperava, mas pelo menos era honesta. E não era isso que eu queria? Honestidade em vez de manipulação, verdade em vez de mentiras convenientes?
*— Por favor, yshera — acrescentou ele. — Tente.*
Aquela palavra… *yshera* . Eu já a tinha ouvido antes. Será que ele já tinha me chamado assim antes? Não conseguia me lembrar, mas sabia que, se quisesse perguntar a ele, para ouvi-la de novo, teria que me mexer.
Respirei fundo, com um tremor que me atravessou o peito. Com uma lentidão excruciante, virei a cabeça em direção ao canto onde nossas celas se encontravam, onde eu precisava estender a mão por entre as grades e contornar a parede para alcançá-lo. Parecia estar a quilômetros de distância, uma distância impossível em meio a uma paisagem de agonia.
Eu consigo fazer isso. Um movimento de cada vez. Passos pequenos.
Meus braços tremiam com o esforço, mas comecei o árduo processo de arrastar meu peso sobre a pedra áspera. No chão, cada centímetro conquistado era uma vitória contra probabilidades impossíveis. O sangue escorria atrás de mim, marcando meu caminho como um rastro macabro de migalhas de pão. Minha visão oscilava, a consciência se tornando algo tênue que ameaçava escapar a cada nova onda de dor.
Mas continuei me movendo. Um puxão. Depois outro. Depois outro. Cada movimento trazia uma nova agonia, mas também uma satisfação sombria. Eu não morreria docilmente naquele colchão. Se eu fosse morrer, seria lutando, me esforçando, buscando o único ser que pudesse me salvar — não por confiança ou afeição, mas por pura e obstinada determinação de continuar minha própria história, em meus próprios termos.
*— Isso mesmo — murmurou a Morte, com sua voz tão suave. — Você está sendo tão forte. Só mais um pouco.*
Avancei novamente, ignorando a onda de sangue que escorreu dos meus lábios, o som úmido da carne rasgada arrastando-se sobre a pedra. O canto se aproximava, as grades da minha cela reluzindo fracamente na penumbra.
Tão perto. Tão, tão perto.
Com um último esforço monumental, alcancei a curva, meu braço direito estendendo-se por entre as barras, os dedos buscando às cegas o ponto de contato necessário para minha sobrevivência.
"Morte", sussurrei, a palavra quase inaudível. "Presságio."
E então, como uma resposta a uma prece que eu não havia formulado conscientemente, eu senti — a pressão quente e firme da mão dele se fechando em torno da minha.

“Sua garota teimosa”, murmurou ele, sua voz não mais em minha cabeça, mas real, audível, vibrando através da pedra entre nós. Seu aperto em minha mão se intensificou, não dolorosamente, mas de forma reconfortante, uma âncora física em um mundo que se dissolvera em agonia e desorientação. “Uma coisa tão perversa.”
Apesar das palavras duras, seu tom continha algo mais suave — preocupação, alívio. Seu polegar traçou um pequeno círculo no dorso da minha mão.
Meu sorriso surgiu espontaneamente, meu peito se enchendo com seu toque. .
*Nossa, como senti falta dele.*
Como era possível estar tão furiosa e, ao mesmo tempo, sentir tanta segurança, tanto alívio, em um simples toque? Se eu já não estivesse sangrando até a morte, meu peito teria se partido ao meio de tanto conforto que senti apenas com seus dedos envolvendo os meus.
Eu poderia deixar minha raiva de lado para amanhã.
"Você está... me repreendendo... enquanto eu morro?", consegui sussurrar, com a voz embargada.
“Você não morrerá hoje, *yshera* ”, respondeu a Morte, com voz baixa e ameaçadora. “O mundo não está preparado para o que eu faria se *isto* ”, seu polegar pressionou meu pulso, “parasse.”
Prendi a respiração, mas antes que eu pudesse sequer tentar responder, senti uma mudança no ar, uma alteração na pressão, como se a própria atmosfera tivesse subitamente se tornado mais pesada, mais carregada.
“Isso vai doer”, avisou ele, com a voz tensa. “Você sabe o preço.”
E então, eu senti — um poder antigo e terrível fluindo de sua mão para a minha. Ao contrário da energia divina de Valen, que me atravessou como fogo, o poder da Morte era frio, inexorável, como a maré que flui sobre a pedra. Não queimava.
*Consumiu .*
A sensação se espalhou rapidamente, fluindo do ponto de contato em meus dedos através do meu braço, pelo meu peito, até se acumular nas feridas que o poder de Valen havia aberto em minhas laterais. Por um instante, o frio foi quase um alívio, anestesiando a dor que me acompanhava há tempos.
*Então* veio a queimação.
O poder da morte irrompeu, não mais um fluxo suave, mas uma torrente que inundou cada veia, cada capilar, cada célula com fogo congelante. Arqueei-me no chão de pedra, um grito escapando da minha garganta antes que eu pudesse pensar em reprimi-lo. A mão que segurava a minha apertou, mantendo-me ancorada enquanto meu corpo se convulsionava com a força da energia divina que o percorria.
"Respire, Mireille", instruiu a Morte, com uma voz imperativa, embora ainda suave. "Respire fundo. Deixe-me entrar." ”
Lutei para obedecer, forçando o ar em pulmões que queriam se apoderar dele, combatendo o instinto de resistir ao poder estranho que invadia meu corpo. Gradualmente, aos poucos, me rendi ao processo, permitindo que a energia da Morte penetrasse mais fundo, se espalhasse ainda mais.
As feridas nas minhas laterais começaram a cicatrizar primeiro, a carne rasgada e os vasos rompidos se curando sob a orientação do poder da Morte. Eu podia sentir cada

camada se fechando — pele com pele, músculo com músculo, vaso com vaso — uma sensação estranha, rastejante, como insetos se movendo sob a minha carne. Ardia, um milhão de pequenas picadas de dor que se fundiam em uma queimação constante, mas era suportável comparado ao que havia acontecido antes.

"Bom", murmurou a Morte, seu polegar acariciando minha mão em um ritmo suave. "Você está indo tão bem, *yshera* . O pior ainda está por vir, mas você está indo tão bem."

O aviso me deu tempo suficiente para me preparar antes da próxima onda atingir — mais forte, mais profunda, mais invasiva que a primeira. Esse poder não apenas fluía pelos canais existentes, como também abria novos, forçando sua passagem por espaços onde a energia mortal jamais deveria chegar. Ele queimava os resquícios da magia de sangue de Valen, travando uma guerra silenciosa pelo domínio da minha carne.

Mordi meu lábio inferior com força para não gritar novamente, sentindo o gosto de sangue fresco enquanto meus dentes perfuravam a pele. O polegar da Morte parou de agir, como se pressentisse a ferida adicional que teria que curar.

"Não precisa disso", repreendeu ele suavemente. "A dor deve ser expressa, não contida. Deixe-a sair, Mireille. Já ouvi coisas muito piores do que seus gritos."

Como se tivesse recebido permissão, meu corpo liberou um som que parecia vir de algum lugar mais profundo do que minha garganta — um lamento agudo que ecoou pelas paredes de pedra da masmorra. A dor havia transcendido o físico, atingindo algo mais fundamental. Eu podia sentir o poder da Morte envolvendo não apenas meu corpo, mas algo mais — algo intangível, porém essencial. .

Minha alma.

"Chegou a hora de pagar", sussurrou a Morte, com os lábios próximos às grades, tão perto que eu podia imaginar o toque de sua respiração em minha orelha. "Tente relaxar. Lutar só piora as coisas."

Eu sabia o que estava por vir, mas o conhecimento não me preparou para a sensação de ter um pedaço da minha alma arrancado. Antes, eu estava praticamente inconsciente. Agora, eu podia sentir *tudo* .

Não era como uma dor física, que podia ser compartimentalizada, separada do eu. Era uma violação da natureza mais íntima, um rompimento da própria essência do meu ser. Minhas costas se arquearam, minha coluna se curvando com a força da minha reação. Meus dedos se fecharam em torno dos da Morte com uma força brutal, as unhas cravando-se no dorso de sua mão a ponto de fazê-lo sangrar — se é que deuses poderiam sangrar por ferimentos tão banais. Um som que eu não reconheci escapou da minha garganta, algo entre um grito e um soluço, primitivo e visceral.

"Eu sei", a Morte acalmou, sua voz um bálsamo contra a agonia do desmembramento. "Eu sei, *yshera* . Quase terminando agora. Só mais um pouco."

Com uma sensação final e dilacerante, ele exigiu seu preço — um fragmento da minha alma, arrancado com precisão cirúrgica e absorvido por si. A conexão rompida me deixou sem ar, uma dor fantasma persistindo onde algo vital estivera ali momentos antes.

Aos poucos, o pior da agonia diminuiu, deixando para trás um cansaço tão profundo que parecia penetrar até a medula. A mão da morte permanecia entrelaçada à minha,

seu poder ainda fluindo através de mim, mas agora mais suave, como água em vez de fogo, lavando os últimos vestígios da magia destrutiva de Valen.

A última coisa que senti antes que a escuridão me envolvesse foi o aperto da Morte em minha mão por um breve instante — não doloroso, mas possessivo, protetor.

"Durma", ele sussurrou, sua voz me seguindo na escuridão crescente. "Agora você é minha."

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

# FIOS DE SEDA

SAlgo estranho estava acontecendo comigo.

A princípio, pensei que tinha morrido, que a cura não tinha surtido efeito. Mas, à medida que as sensações se intensificavam, percebi que não se tratava de morte, mas de algo completamente diferente.

Fios de luz prateada se entrelaçavam em meu campo de visão, tecendo padrões que pareciam existir tanto diante dos meus olhos quanto, de alguma forma, atrás deles, dentro da minha própria mente. Não eram alucinações nascidas da dor ou da morte. Eram... vislumbres. Fragmentos de algo vasto e incompreensível tentando se manifestar através do limitado receptáculo da minha percepção mortal.

"O quê—" comecei, mas a palavra morreu na minha garganta quando um dos fios prateados se expandiu, abrangendo toda a minha visão num clarão de luz ofuscante.

E De repente, me vi em outro lugar. De pé em um campo de batalha repleto de corpos, uma espada em minha mão que gotejava sangue que não era meu. O céu acima tinha a cor de carne machucada, nuvens rodopiando em padrões antinaturais como se agitadas pela mão de um gigante. Diante de mim, ajoelhava-se uma figura — pele acobreada, olhos negros, o rosto uma máscara de fúria e algo mais. Algo como temor reverencial.

*Vharok* , o Deus do Sangue e da Conquista, *meu marido* , de joelhos diante de mim.

Minha boca se moveu, palavras emergindo em uma voz que era minha, mas ao mesmo tempo não era — mais forte, ressoando com um poder que eu jamais possuí. "Você achou que eu não me lembraria?", ouvi-me dizer. "Você achou que eu não viria buscar o que é meu?"

A visão se estilhaçou como vidro, fragmentos girando na escuridão apenas para serem substituídos por outra cena, igualmente vívida, igualmente impossível.

Uma sala do trono, escura e cavernosa, com pilares de pedra negra que se estendiam até um teto mergulhado em sombras. Sobre o estrado, não havia um, mas dois tronos, esculpidos em materiais que eu não saberia nomear. Um emanava uma escuridão tão completa que parecia devorar a luz; o outro brilhava com uma radiância interna que doía ao ser encarada diretamente.

A cena mudou novamente. Uma mulher ajoelhada diante de um altar, sangue escorrendo de ferimentos autoinfligidos em suas palmas enquanto sussurrava orações a uma divindade cujo nome eu não conseguia compreender. Seu desespero me alcançou através do vazio, seus apelos por intervenção se entrelaçando com os fios prateados da minha visão.

Isso também se dissipou, substituído por uma vertiginosa cascata de imagens rápidas demais para serem totalmente compreendidas: uma faca cortando carne, sangue fluindo para um cálice de prata; uma criança com olhos cor de lavanda; uma cela vazia, correntes penduradas na pedra; o Deus do Caos ajoelhado diante de mim, seus olhos brilhando com uma mistura de medo e alívio; minhas próprias mãos, reluzindo prateadas enquanto eu observava o mundo queimar.

E por baixo dessas imagens, por trás delas, permeando-as como uma correnteza na água, havia sussurros. Inúmeras vozes entoavam orações em línguas que eu jamais

ouvira. Orações dirigidas não a Vharok, às Deusas Gêmeas ou mesmo à Morte, mas a algo mais.

As vozes se sobrepunham, criando uma sinfonia de devoção e desespero que ressoava nos espaços vazios onde pedaços da minha alma haviam sido arrancados. Como se essas ausências não fossem vazio algum, mas portas recém-abertas para algo vasto, terrível e maravilhoso.

Essas não eram memórias. Não poderiam ser. Não eram nem mesmo sonhos ou alucinações nascidas da dor e do trauma. Pareciam... possibilidades. Futuros ainda não realizados. Orações ainda não atendidas.

Não consegui interpretar tudo o que vi, nem mesmo reter todas as imagens enquanto elas passavam diante dos meus olhos em velocidade crescente. Mas certos elementos se repetiam: sangue, correntes, coroas, tronos. Símbolos de poder e servidão entrelaçados, inseparáveis.

Em meio ao caos caleidoscópico de visões fragmentadas, uma imagem permaneceu nítida: eu mesma, de pé entre os dois tronos, com uma coroa de prata retorcida sobre a testa. Meus olhos na visão não eram os que eu conhecia — não eram simplesmente salpicados de prata, mas de prata maciça de ponta a ponta, brilhando com uma luz interna mais intensa do que qualquer outra que eu já tivesse visto. Olhos divinos. *Olhos de uma Deusa.*

Então, tudo desapareceu, junto com os outros fragmentos, os fios de prata se dissolvendo. Atrás das minhas pálpebras fechadas, só restava a escuridão do sono.

# PARTE CINCO
# O RECONHECIDO

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

# UM ESPELHO NO SOFRIMENTO

EU Acordei com um suspiro violento, a consciência retornando como uma facada entre minhas costelas.

Meu corpo se lembrava de uma dor que já não existia — uma agonia fantasma de feridas agora curadas. Meus dedos ainda estavam entrelaçados aos da Morte através do espaço entre nossas células, agarrando-se com uma força desesperada como se somente a mão dele me ancorasse ao mundo dos vivos.

Soltei-o imediatamente, horrorizada com a força com que o segurava. "Desculpe", sussurrei, minha voz rasgando o silêncio.

A morte não se afastou. Em vez disso, seus dedos apertaram os meus, o suficiente para me impedir de... Recuando. Sua pele era quente, reconfortante, como pedra que absorvia o último sussurro da luz do sol antes do crepúsculo cair.

“Fique”, ordenou ele, com a voz baixa e firme na escuridão. “Como você se sente?”

A pergunta parecia absurda. Como eu me sentia? Eu havia sido despedaçada por um Deus. Lembrei-me do rosto de Valen contorcido de desejo, lembrei-me do momento em que ele perdeu o controle, lembrei-me do sangue, da dor e do estranho e terrível triunfo de saber que eu havia rompido sua cuidadosa fachada.

Lembrei-me *de estar morrendo* . Tinha certeza de que estava morrendo.

Olhei para o meu corpo, ainda nu na penumbra. Onde deveriam haver cortes e hematomas, carne dilacerada e pele rompida, havia apenas a pálida extensão da minha forma imaculada. Meus dedos percorreram os lugares onde as feridas deveriam estar, encontrando apenas pele lisa. A única dor que eu sentia era mais profunda, mais abstrata, um vazio aninhado sob meu esterno, onde eu sabia que um pedaço da minha alma havia sido arrancado.

"Eu me sinto... inteira", eu disse finalmente. "Meu corpo, pelo menos."

A morte emitiu um som que poderia ter sido de divertimento. "Seu corpo era fácil de consertar. Ele queria se curar."

“Mas também me sinto… vazio. Onde antes estava minha alma.” Esfreguei meu esterno, sentindo aquela sensação de vazio me incomodar. “Por que você precisa fazer isso? Por que esse tem que ser o preço?”

Sua mão permaneceu firme na minha, mas senti algo mudar em seu toque. Uma tensão sutil, como se minha pergunta não fosse algo que ele quisesse responder.

“Minha cura não é como a medicina mortal”, disse ele após uma pausa. “Deve haver um equilíbrio, um impulso e uma força para cada ferida que eu curo. Encontro suas partes quebradas e elas se tornam minhas para consertar. A dor que eu suporto se torna minha para suportar. E sua alma... uma parte dela me fortalece em troca.”

Tentei imaginar o que significava pegar pedaços da dor de alguém e senti-la como se fosse sua, costurar carne e osso apenas com a força de vontade. A enormidade disso me deixou tonta. .

Então percebi que *não sentia dor alguma.* Nenhuma. Ele assumiu tudo para si sem hesitar. Eu estava *morrendo* e ele levou *toda a minha dor* .

“Você sentiu tudo”, sussurrei. “Tudo o que *eu* senti. Eu estava em *agonia.* ”

A morte permaneceu silenciosa enquanto eu contemplava nossas mãos unidas, meu olhar vagando até o ponto onde seu antebraço desaparecia nas sombras além de sua cela. Imaginei-o ponderando a verdade contra a misericórdia, decidindo o quanto revelar.

Por fim, ele suspirou, um suspiro baixo, sofrido e cheio de rendição. "Sim", disse simplesmente. "Senti tudo."

Meus lábios se entreabriram com a respiração seguinte. Eu pensava que sua cura fosse apenas uma transação — impessoal, mecânica. Um pedaço de alma por carne restaurada. A consciência de que ele havia suportado meu tormento, sentido cada chicotada que Valen me desferiu, fez minha garganta se fechar com uma emoção que não conseguia nomear.

"Por quê?" sussurrei, com a voz embargada ao pronunciar a palavra.

" *Yshera* ", disse ele, e havia uma crueza, uma honestidade, em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes. "Assumir sua dor não é *nada* comparado à dor que eu sinto quando você a sente."

Eu paralisei.

A cela ao meu redor estava tão silenciosa, a escuridão tão densa, que cheguei a me perguntar se eu havia imaginado o que ele dissera — aquela ternura em suas palavras. Aquela verdade. Mas sua mão ainda estava ali, quente e firme na minha. Ainda me ancorando.

Senti meu coração acelerar, o peso da sua confissão me envolvendo. "Mas você—" Apertei minha mão livre contra o peito, desejando que ele se acalmasse. "Mas você mal me conhece. Você mal me tolera."

Uma risada áspera e surpresa escapou-lhe dos lábios, ecoando estranhamente através da barreira de pedra entre nós.

"Tolerar você?" Sua voz baixou para aquele tom perigoso que me fez arrepiar de tanta consciência. "É isso que você pensa? Que eu apenas suporto sua presença?"

Seus dedos apertaram os meus, não com dor, mas com uma intensidade que tornava impossível desviar o olhar de nossas mãos unidas. .

"Mireille", disse ele, pronunciando meu nome com reverência. Fez uma pausa, como se estivesse ponderando algo perigoso. "Eu não te tolero. Eu… gosto bastante de você. Mais do que deveria."

A confissão me deixou sem ar. Encarei nossas mãos unidas, incapaz de formular uma resposta.

"Sua teimosia desafiadora. Sua língua afiada. A maneira como você se recusa a ser quebrada, mesmo quando outros seriam destruídos irreparavelmente." Seu polegar traçava pequenos círculos no meu pulso, cada toque enviando arrepios pela minha pele. "Até mesmo seu dom irritante de provocar todas as emoções que eu pensava ter enterrado há muito tempo."

Engoli em seco, tentando processar suas palavras. Depois de tudo — nossas discussões, minhas provocações, a maneira como eu deliberadamente tentei magoá-lo ao me voltar para Valen — era isso que ele me oferecia? Não raiva ou ressentimento, mas... afeto?

"Mas você disse—"

“Eu sei o que disse.” A voz da Morte baixou, carregada de arrependimento. “Palavras ditas com raiva. Você… me *perturba* , Mireille. Passei milênios dominando o silêncio, o controle, o distanciamento. E então você chegou, esta criatura sangrenta, quebrada, *radiante* , e eu me vejo… sentindo de novo. É *enlouquecedor* .”
Fechei os olhos. "Mas você mal me conhece."
Essa verdade me incomodava como uma ferida. Eu queria afastá-lo. Dizer a ele que não deveria querer alguém como eu.
Eu não era nada.
Uma coisa despedaçada.
Um espectro em pele emprestada.
Como ele poderia sentir algo por algo tão *destruído* ?
A morte silenciou, seus dedos cessaram os movimentos suaves contra minha pele. Quando falou novamente, sua voz carregava um peso ancestral que parecia pressionar meu peito.
“Eu te conheço melhor do que você pensa”, disse ele suavemente. Hesitou, como se estivesse ponderando as próximas palavras. “Conheço o som da sua respiração quando você mal consegue se manter de pé. Conheço o ritmo do seu coração quando você mente para si mesma, fingindo não ter medo. Conheço o jeito como sua alma se contrai e se inflama.” Dependendo de quem ou do que habita sua mente, e eu sei a força que você precisa para sobreviver — noite após noite.”
Prendi a respiração, mas ele não tinha terminado.
“Eu sei os nomes daqueles que você ama. Sei que você lia para Lysa todas as noites, ou, se ela estivesse inquieta, você cantava para ela. Sei que Isolda te ensinou a prensar flores e a dançar fora dos padrões da corte. Sei que você nunca amou seu capitão, Dario, mas ele significava algo para você mesmo assim.”
Eu não conseguia falar, eu não conseguia—
“E eu sei que sua vida foi solitária”, disse ele, com a voz baixando para um sussurro, como se expressasse uma espécie de arrependimento deslocado. “Eu sei que você não foi amada da maneira que uma pessoa deveria ser, incondicionalmente, sem medo de abandono. E… eu sei que você desejava que esse amor a encontrasse e sinto muito que você não o tenha tido, Mireille. Sinto *muito mesmo* .”
Minha garganta se fechou ao aprisionar minha próxima respiração.
Eu mal conseguia processar o que ele estava dizendo; cada revelação era como um golpe suave contra as frágeis muralhas que eu havia construído ao redor do meu coração, que já estavam se estilhaçando sob o domínio avassalador de suas palavras. Como ele podia saber tanto?
A menos que…
"Você... você me ouviu?", consegui sussurrar, cada palavra carregada de incredulidade e um lampejo de algo mais profundo — esperança? Medo? Talvez ambos. Mordi os lábios para conter o soluço. "Desde o começo... você me ouviu."
"Sim."
As noites em que sussurrei na escuridão quando cheguei, pensando que ninguém ouviria. As orações que não pretendia que fossem orações. As canções de ninar quebradas que cantarolei para manter a sanidade.

“Mesmo sendo filha do meu captor, não consegui me conter”, acrescentou, com a voz carregada de confissão. “Você me chamou, Mireille. Não com palavras, talvez, mas com cada respiração ofegante que você deu neste lugar. Com cada lágrima que você derramou pensando que ninguém se importava. Com cada momento de Em um ato de desafio, quando você se sentia sozinha, eu queria estar lá por você.”
Meu coração deu um salto no peito.
“E então, quando você estava com febre e morrendo, quando *ele* a trouxe para a minha cela”, ouvi seu suspiro lento, “depois que eu a *segurei* … eu queria cada pedacinho de você.” Ele hesitou, e eu prendi a respiração. “Mas eu sabia que não podia tê-la, Mireille. Estou acorrentado . Não *posso tê-la* .”
Eu não sabia como responder. Eu não sabia como me sentir. Por tanto tempo, a gentileza tinha sido uma arma a ser usada. Mas isso não parecia ser assim. Parecia uma mão que se estendia para o abismo e não recuava.
Mordi o lábio com força, sem saber se era para conter o tremor ou o soluço. Ser importante para um deus — mesmo um acorrentado — parecia algo perigoso.
Ainda assim, eu queria me perder em suas palavras, desvendar suas implicações até entender o que ele queria dizer. Eu também queria fugir delas, me esconder no conforto familiar da suspeita e da distância.
Mas eu não conseguia correr. Não conseguia ir a lugar nenhum. E mesmo que conseguisse, será que eu realmente ia querer? Ele foi o primeiro homem, deus ou não, que *me ouviu* . Como era possível que esse deus acorrentado, que levou partes da minha alma, pudesse fazer meu coração se sentir tão pleno?
Tão cheio que *doía* .
Virei levemente a cabeça, piscando com força, como se isso pudesse diminuir a avalanche de sentimentos. Não consegui agradecê-lo. Não consegui dizer que acreditava plenamente nele. Mas também não consegui mentir e dizer que não sentia o mesmo.
Então, dei a ele o que pude. Um aperto de dedos. O menor gesto. Mas foi meu.
Ele não disse nada, mas senti o eco disso na maneira como seu polegar acariciou o meu, reverente e firme.
E foi então que os vi — fios de prata, finos como teia de aranha, cintilando na escuridão onde nenhuma luz deveria chegar. Eles se teciam no ar como futuros sussurrados, possibilidades. tornaram-se tangíveis. Algumas eram tênues, mal visíveis mesmo quando eu me esforçava para vê-las. Outras pulsavam com um brilho que fazia meus olhos lacrimejarem.
Estavam por toda parte, esses fios impossíveis. Emanando de mim. Fluindo ao meu redor. Alguns se estendiam em direção ao teto e desapareciam através da pedra como se as paredes da masmorra não fossem barreira alguma. Outros se acumulavam aos meus pés como luar líquido. E ali, o mais perturbador de tudo, vários fios se enrolavam em nossas mãos entrelaçadas — unindo meu arauto e a mim em um padrão que eu não conseguia decifrar.
Os dedos da morte apertaram-se quase imperceptivelmente em torno dos meus, como se ela pressentisse meu afastamento.

“Você foi para outro lugar”, disse ele finalmente, com voz resignada. Não era uma pergunta, mas também não chegava a ser uma acusação.
Concentrei-me em nossas mãos para evitar observar os fios de prata que agora pareciam pulsar em sincronia com as batidas do meu coração. "Só estou cansada", menti. "Ser desfeita e refeita é exaustivo."
Ele grunhiu baixinho, quase em tom de divertimento. "De fato." Uma pausa. "Você deveria descansar."
Então, com uma lentidão deliberada que me fez prender a respiração, ele mudou a posição da mão que segurava a minha. O polegar massageou a parte interna da minha palma, a pressão um carinho firme que me fez estremecer pelo braço.
"Acho que não consigo", admiti, com a voz embargada pela respiração enquanto o polegar dele pressionava ainda mais a minha palma. Eu sabia que estávamos pisando em terreno perigoso, principalmente porque minha mente começou a divagar sobre como ele guiou a própria mão que massageava para me levar ao clímax. Como ele me ordenou que gozasse para *ele* enquanto Valen penetrava em mim. Como Valen havia perdido o controle antes que eu encontrasse qualquer alívio mais cedo naquela noite. De repente, eu estava desesperada por algo — qualquer coisa — para preencher o espaço entre nós.
“Diga-me alguma coisa”, eu disse finalmente, minha voz fraca e rouca na escuridão. “Distraia-me. Conte-me...” Busquei um assunto, qualquer coisa que pudesse nos afastar do precipício do que quer que estivesse se desenrolando entre nós. “Fale-me sobre as estrelas.” ”
O pedido soou infantil até para mim. Algo que Lysa pediria. Estrelas — como se eu não me lembrasse de como elas eram depois de semanas nesta masmorra, como se elas importassem enquanto estávamos sentadas em nossa escuridão compartilhada. Mas eu precisava de algo belo, algo além de paredes de pedra, dor, luxúria e almas ancestrais.
“As estrelas”, repetiu a Morte, e havia um tom estranho em sua voz, quase cauteloso. “Por quê?”
Dei de ombros, deliberadamente indiferente. "Quero pensar em algo feliz, só por um instante." Meus dedos se apertaram reflexivamente em torno dos dele. "Por favor."
A morte zumbia, o som como o vento através de ruínas antigas, suave, mas pesado pelo tempo. "Você sabe muito sobre os deuses, *Yshera* ? Diga-me, o que lhe ensinaram sobre nós?"
A pergunta me surpreendeu. Eu esperava que ele atendesse ao meu pedido, não que fizesse uma contra-argumentação. "Admito que deveria ter escutado mais meus tutores", disse eu, com um toque de antiga vergonha na voz. "Embora eles só falassem das deusas gêmeas. E mesmo assim, eu não acreditava de verdade que elas fossem reais."
Uma risada baixa emanou da escuridão. "Não, imagino que não." O som de sua diversão causou sensações estranhas em meu peito, afrouxando algo que estava tenso demais. "Muito bem. Então, deixe-me falar sobre as estrelas, mas primeiro, sobre aquele que as criou."

Ele se mexeu, as correntes tilintando suavemente enquanto se encostava na parede que nos separava. Nossas mãos permaneceram entrelaçadas, seu polegar roçando ocasionalmente minha pele num gesto que parecia quase distraído.
“No vazio informe anterior ao tempo”, começou ele, com a voz assumindo uma cadência que me lembrava dos antigos sacerdotes que cantavam no templo de meu pai, “só existia um, o Criador, Zorikhael, que detinha o poder da essência pura”.
Fechei os olhos, deixando que suas palavras me envolvessem. Os fios de prata pareciam responder à sua voz, brilhando com mais intensidade por trás das minhas pálpebras. .
“A partir de sua força primordial, ele moldou os fundamentos da existência, criando três irmãos divinos para manter o equilíbrio cósmico. Para governar o ciclo da mortalidade, ele criou Vharok, o Deus da Carne e do Sangue, cujo domínio abrangia a continuidade da vida e o poder do sacrifício.”
Meu *marido* , o deus que me despedaçou há poucas horas. Que *governa o ciclo da mortalidade* . Eu estremeci.
Os dedos da Morte apertaram os meus, como se ela pudesse sentir a direção dos meus pensamentos. "Para supervisionar o próprio fluxo do tempo", continuou ela, trazendo-me de volta à história, "ela criou as gêmeas. Lumara da Aurora, guardiã dos começos, e Nyxis do Crepúsculo, guardiã dos fins."
Eram nomes que eu conhecia, pessoas por quem eu havia frequentado o templo. Pessoas que eu havia sido levada a adorar. Os fios de prata pareciam pulsar em sincronia com cada sílaba, tecendo padrões mais complexos na escuridão.
“Muito antes do surgimento do primeiro reino, antes da criação de mais deuses, antes que se voltassem uns contra os outros e contaminassem o mundo mortal, existiam apenas eles.” A voz da Morte suavizou-se, tornando-se quase reverente. “Lumara criou muitas coisas. De seu hálito, as nuvens surgiram. De suas lágrimas, o oceano. De sua carne, a terra. Nyxis, por outro lado, só podia trazer fins. Exceto… exceto sua dor...” Ele fez uma pausa. “De sua dor surgiram as estrelas.”
Abri os olhos, atraída pela emoção crua em seu tom de voz. Os fios de prata haviam se multiplicado, preenchendo o espaço entre nossas células com sua luz etérea. A Morte não podia vê-los — ou pelo menos, não dava indícios de que pudesse —, mas eles pareciam responder às suas palavras, coalescendo em formas que insinuavam a história que ele contava.
“A Deusa Primordial do Crepúsculo amou certa vez um ser de pura luz”, continuou a Morte, “um espírito celestial que jamais poderia assumir forma. Uma criatura fragmentada da mesma essência que criou os primordiais. Ela o chamou de *Eiros* , que significa 'esperança' em nossa língua ancestral.” ”
Tentei imaginar: uma deusa dos finais se apaixonando por um ser feito de luz e esperança. A contradição disso era bela em sua impossibilidade.
“Mas quando Nyxis tentou moldá-lo em algo terreno, ele definhou”, disse a Morte, com a voz carregada de uma antiga tristeza. “Ela implorou à sua irmã, implorou a Vharok, implorou até mesmo… ao Criador, que usasse seus poderes. Mas eles não puderam ajudá-la, pois a forma mortal não podia contê-lo.”
Um dos fios de prata perto do meu rosto se enrolou em espiral e depois se dissolveu em partículas de luz que se espalharam como poeira.

Em desespero, ela despedaçou o que restava de sua essência em mil pedaços, atirando-os pelo céu escurecido para que jamais se esquecesse de seu brilho. O polegar da Morte traçou um círculo lento na minha palma. Esses fragmentos se tornaram as estrelas — cada um uma brasa moribunda do que poderia ter sido.

Meu peito doía diante da beleza e da tragédia daquilo. Eu nunca tinha ouvido falar de estrelas descritas dessa forma — como fragmentos de um amor perdido, espalhados pela escuridão como um monumento à dor.

A história de Nyxis e seu amor despedaçado tocou algo profundo em mim — talvez porque eu também soubesse o que significava guardar a dor até que ela se transformasse em algo completamente diferente. Eu tinha minha própria constelação de luto, cada estrela representando uma pessoa perdida, uma dignidade arrancada, uma escolha negada. Mas não havia nada de belo em meu sofrimento, nenhuma poesia cósmica no que me fizeram.

“Essa não foi uma história muito feliz”, eu disse, com a voz embargada por emoções que eu não queria nomear.

Os dedos da Morte apertaram os meus, uma pressão suave que, estranhamente, parecia reconfortante. "Ainda não terminei", repreendeu-me, e algo em seu tom me fez pensar que ele estava sorrindo na escuridão. "Tão impaciente."

A acusação arrancou um risinho de mim, um som estranho e rouco na umidade da masmorra.

“Prefiro pensar nisso como entusiasmo”, respondi suavemente, surpreendendo-me com a resposta quase brincalhona. .

Um suspiro escapou de seus lábios, suave demais para ser uma risada, mas um som genuíno mesmo assim. "Então, tão ansioso", admitiu. "Devo continuar?"

Assenti com a cabeça, mas então me lembrei de que ele não podia me ver. "Por favor", eu disse, encostando-me novamente na parede de pedra fria e ajustando a posição para que nossas mãos permanecessem entrelaçadas.

Os fios de prata pareciam pulsar com mais intensidade agora, tecendo padrões intrincados na escuridão. Um deles se enroscou em nossas mãos unidas como um ser vivo, sua luz projetando sombras sobre minha pele. Forcei meu olhar a desviar dele, concentrando-me, em vez disso, no peso reconfortante dos dedos da Morte contra os meus.

“Níxis nunca deixou de procurar um amor como o seu primeiro”, continuou a Morte, sua voz assumindo aquela mesma cadência de contador de histórias que tornava impossível não se deixar envolver. “Ela procurou por séculos, talvez milênios. Os outros deuses zombavam de sua obsessão, chamando-a de fraqueza. Mas Níxis, sendo a guardiã dos finais, entendia melhor do que a maioria que algumas coisas valiam a pena esperar.”

“Por fim, ela desceu ao mundo dos mortais, envolta em sombras, em busca de algo que não conseguia nomear”, disse a Morte, com a voz baixando, como se compartilhasse um segredo. “E ela o encontrou. Não em um deus. Não em um trono. Mas em um homem mortal — um que ria como seu *Eiros* , cuja alma cintilava com uma luz familiar.”

Os fios prateados atrás das minhas pálpebras fechadas formavam figuras que imitavam o conto da Morte — uma figura envolta em escuridão curvando-se em direção a uma forma menor que brilhava por dentro.
“Ele não era mais *Eeiros* como antes, mas um fragmento de seu amor perdido”, esclareceu a Morte, com voz suave, porém firme. “Um amor de que ela sentia falta.”
"O que você quer dizer?", perguntei, abrindo os olhos.
Os fios de prata se espalharam ao meu movimento, reformando-se em padrões diferentes, menos definidos, mas não menos belos.
“Quando Nyxis despedaçou sua essência, lançando seus pedaços pelo céu como estrelas, ela não reteve nada para si.” A Morte explicou: "Mas um pedaço — um minúsculo fragmento — caiu na Terra. Cresceu ali, alojando-se em um corpo mortal."
O pensamento era ao mesmo tempo belo e perturbador. Um fragmento da divindade, perdido entre os mortais. Crescendo, mudando, tornando-se algo novo.
"Ela lhe disse o que ele significava para ela?", perguntei.
O polegar da Morte traçou um círculo lento na minha palma, contemplativo. "Não", disse ele finalmente. "Ela não queria sobrecarregá-lo com uma identidade que ele nunca pediu. Ela o amava como ele era — mortal, passageiro, precioso em sua impermanência."
Considerei essa ideia: a de uma deusa amar alguém não apesar de sua mortalidade, mas por causa dela. Era um pensamento estranho, contrário a tudo que eu havia aprendido com a experiência do divino.
“Desta vez, Níxis não se entregou ao desespero”, continuou a Morte. “Ela não tentou moldá-lo em algo que ele não era. Ela simplesmente o amou — silenciosamente, intensamente, completamente. E ele a amou.”
As palavras ressoaram dentro de mim, despertando algo que eu julgava estar enterrado há muito tempo. Ser amado assim — não pelo que você poderia se tornar, não pelo que você representava, mas simplesmente pelo que você era. Parecia uma fantasia mais impossível do que os próprios deuses.
“Então agora vocês conhecem a história das estrelas”, concluiu a voz da Morte num ritmo que lembrava o som das ondas quebrando numa costa distante.
“Essa ainda não é uma história muito feliz”, eu disse, tentando manter a voz firme. “Ela o amava, mas ele iria morrer, não é? Afinal, ele é mortal.”
A morte permaneceu em silêncio por um longo momento. "Sim", disse ele finalmente. "Ele morreu, como todos os mortais devem morrer. Mas a morte nem sempre é um fim, *yshera* ."
Aquelas palavras me causaram um arrepio na espinha. Vindo de qualquer outra pessoa, poderiam ter sido um consolo vazio. Vindo dele — a própria personificação da morte — carregavam um peso que fazia meu coração palpitar no peito. .
“Às vezes”, continuou ele, com a voz tão suave que tive que me esforçar para ouvi-lo, “é um começo”.
Os fios de prata pulsavam com mais intensidade ao ouvir suas palavras, alguns estendendo-se em direção à janela alta da minha cela, buscando alcançar o céu noturno além. Outros se enrolavam com mais força em nossas mãos unidas, nos ligando de maneiras que eu não conseguia compreender, mas que sentia a cada respiração.

Ficamos sentados em silêncio, nenhum de nós querendo quebrar a estranha paz que se instalara entre nós. De alguma forma, naquele momento, pareceu que algo havia mudado. Apenas ligeiramente. O fio de algo novo, silencioso e não dito, começara a se estender entre nós.
“Obrigado”, eu disse finalmente. “Pela história.”
Os dedos da Morte se ajustaram aos meus, seu toque suave apesar da força que eu sabia que ele possuía. "É uma velha história", disse ele, com um tom quase melancólico. "Poucos se lembram dela agora."
“Como você se lembra disso?”, perguntei. “Você estava lá?”
Outro silêncio, mais longo desta vez. Quando ele falou, sua voz carregava uma distância que não existia antes. "Eu me lembro de muitas coisas. Mais do que às vezes gostaria."
Havia um peso nas palavras que me fez hesitar antes de prosseguir. Em vez disso, me vi fazendo uma pergunta completamente diferente.
“É verdade? Que as estrelas são fragmentos de algo divino?”
O polegar da Morte roçou meus nós dos dedos, um gesto tão doce, tão reconfortante. "O que é uma estrela senão uma luz distante que atravessa o vazio?", perguntou suavemente. "O que é a divindade senão energia que se recusa a se extinguir? O que é uma alma senão uma faísca que arde além do seu tempo? Acredite no que quiser, pois isso não muda a realidade."
Os fios de prata pareciam responder aos seus enigmas, ou talvez à emoção por trás deles — formando conexões entre nós, entre as paredes de pedra de nossas celas, entre as estrelas acima e a terra abaixo. .
"Já não sei em que acreditar", admiti, observando um fio particularmente brilhante se enrolar em nossos dedos entrelaçados.
“Então acredite naquilo que lhe traz conforto”, disse a Morte, com uma voz mais suave do que eu jamais ouvira. “No fim, essa é a única verdade que importa.”
Deixei minha cabeça cair para trás contra a parede de pedra, subitamente exausta apesar do meu corpo curado. O vazio onde pedaços da minha alma haviam sido arrancados doía surdamente, mas agora era uma dor pura, não a ferida aberta que fora antes.
"Eu acho", disse lentamente, observando os fios prateados brilharem e dançarem, "que gostaria de acreditar que até mesmo coisas quebradas podem se tornar algo belo. Que até mesmo a dor pode se transformar em luz."
A mão da Morte apertou a minha, uma pressão que parecia compreensão. "Sim", disse ele simplesmente. "Eu também."
E ao nosso redor, os fios prateados brilhavam com mais intensidade — como estrelas que eu finalmente aprendi a ver. Não pontos de luz distantes e frios, mas fragmentos de algo que um dia foi inteiro, espalhados pela escuridão, mas ainda conectados, ainda buscando uns aos outros através de distâncias que talvez nunca se completem.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

# DE GUERRA E ESPERANÇA

SO sono me escapou.

As visões vinham repetidamente, deslizando sob minhas pálpebras como ladrões enquanto eu tentava me desvencilhar da consciência. Guerras ainda não travadas, coroas ainda não forjadas, sangue ainda não derramado. Milhares de rostos voltados para céus que eu jamais vira, seus lábios se movendo em preces a deuses que já não me ouviam. O que eram esses fios, esses cintilantes vislumbres de possibilidade que sussurravam sobre coisas além dos muros da minha prisão? Coisas que eu não deveria ver, mas que, de alguma forma, vi?

Observei os fios se afastarem do meu peito, girando em direção aonde quer que fossem, como a fumaça de brasas moribundas. Enrolaram-se em meus dedos quando os toquei, reagindo ao meu toque como se estivessem vivos. Como se fossem parte de mim. .

Talvez fossem.

Cada fio tinha sua própria história e, após uma grande dose de confiança — ou tolice —, descobri que podia vivenciá-las através do tato. Vaguei por campos de batalha onde exércitos se enfrentavam sob bandeiras que eu não reconhecia. Observei reis e rainhas ajoelharem-se diante de tronos feitos de osso e sombra, suas coroas pesadas com o peso de escolhas ainda não feitas. Vi uma mulher com cabelos da cor do fogo e mãos que gotejavam algo mais escuro que sangue, de pé diante de uma multidão que gritava seu nome — não com medo, mas com adoração. Essas visões cruzaram minha consciência, caóticas e fragmentadas, mas de alguma forma conectadas por esses fios.

As visões não eram como sonhos. Pareciam sólidas, reais. Eu podia sentir o cheiro da carne carbonizada nos campos de batalha, o gosto salgado das lágrimas nos rostos dos enlutados, a pressão fria do metal contra minha testa. E sempre, sempre, havia os apelos — súplicas desesperadas sussurradas por aqueles prestes a morrer, implorando ao destino, à sorte ou aos deuses por uma misericórdia que não viria. Às vezes, eu pensava que estavam falando comigo, embora soubesse que isso era impossível. Eu não era uma deusa para conceder clemência ou causar a morte. Eu era apenas Mireille.

E, no entanto.

Os fios de prata eram peculiares. Pulsavam com vida, com potencial, com um poder que eu não compreendia, mas reconhecia no âmago dos meus ossos. Rastejavam do meu coração e se espalhavam, preenchendo minha cela com sua luz brilhante, visível apenas aos meus olhos. Retorciam-se e se entrelaçavam, formando padrões complexos demais para eu decifrar, mas familiares de uma forma que me causava dor. Pareciam estar à espera de algo. Que eu fizesse algo.

Eu me perguntava se a Morte sabia o que havia despertado em mim. Se ela havia percebido a mudança quando me curou, quando absorveu aquele fragmento da minha essência. Se era por isso que havia proferido tais palavras de cuidado.

Embora ele não tivesse dado nenhum sinal disso. Eu tinha certeza de que ele teria perguntado se suspeitasse de algo diferente. Ele simplesmente segurou minha mão durante as longas horas da noite, seu polegar traçando padrões lentos em minha pele enquanto eu fingia dormir. Senti seu olhar em nossas mãos unidas, pesado e inquisitivo, mas mantive minha respiração calma e meus olhos fechados.

Foi na escuridão atrás das minhas pálpebras que notei pela primeira vez as duas que eram diferentes.
Eram mais grossas que as outras, mais corda do que fio. Ambas consistiam em dezenas, talvez centenas, de finos fios de teia de aranha, espiralando umas em torno das outras como amantes numa dança eterna, mas havia diferenças nítidas entre as duas.
O primeiro era um cordão retorcido de prata e carmesim, as duas cores entrelaçadas em uma hélice que parecia cintilar com o calor mesmo na escuridão. Estendia-se acima da minha cela, desaparecendo através da pedra sólida como se o teto não fosse barreira alguma. Este me aterrorizava. Eu sabia, sem saber como, que estava ligado a Valen — uma coleira para o deus do sangue, a indicação de que ele me possuía.
A segunda era uma corda branco-prateada, luminosa como o luar na neve fresca. Seus fios estavam tão entrelaçados que pareciam se fundir, pulsando com uma luz suave como se fossem um só. Essa corda curvava-se em direção à parede que separava minha cela da da Morte, desaparecendo na pedra como a outra, mas com uma qualidade diferente — uma saudade que me apertava o peito cada vez que eu a olhava.
Agora, eu estava sentada de pernas cruzadas no meu colchão fino, observando as duas cordas balançarem suavemente à minha frente, como se movidas por uma brisa que eu não conseguia sentir. O que aconteceria se eu tocasse em uma delas? Se eu a segurasse completamente em minha mão? Algo me alertava que tal ação seria irreversível — que me transformaria de maneiras para as quais eu talvez não estivesse preparada.
E, no entanto, a vontade de tentar crescia a cada instante.
Levantei a mão, os dedos tremendo levemente enquanto os estendia em direção ao fio branco-prateado. Sua luz brincava sobre minha pele, projetando sombras que pareciam se mover por conta própria. Por iniciativa própria. Hesitei, com as pontas dos dedos pairando logo acima da superfície.
O som de passos se aproximando fez com que eu recuasse a mão bruscamente, meu olhar se voltando para as grades. Meus fios se apagaram como se reconhecessem que minha atenção era necessária em outro lugar.
O rosto familiar do meu guarda mais antigo apareceu, ladeado por seus companheiros. Contudo, o mais jovem parecia demonstrar uma cautela aguçada. Observei-o confuso.
"Princesa", disse o guarda, com voz rouca ao cumprimentá-lo, chamando minha atenção.
Encarei-o, esperando a ordem familiar de me levantar e apresentar meus pulsos para as algemas, para o ritual de dor que se tornara tão rotineiro. Quando isso não aconteceu, senti um lampejo de inquietação. Mudanças no padrão raramente eram um bom presságio.
As chaves do meio tilintaram, o som ecoando contra as paredes de pedra lisas pela condensação. A fechadura fez um clique, e a porta de ferro se abriu com um gemido que se tornara tão familiar para mim quanto as batidas do meu próprio coração.
“Você vai tomar banho de novo hoje à noite”, disse o mais velho, segurando a porta aberta como se quisesse me expulsar.
Continuei sentada, meus lábios se curvando em um sorriso que devia parecer desequilibrado, considerando a careta do guarda mais jovem. "Então nosso rei sabe que estou viva?", perguntei, as palavras cortantes na minha língua enquanto piscava para o garoto.

A mais velha suspirou, lançando um olhar exasperado para a mais nova. "Sim, princesa. Venha, então. Um banho foi preparado no mesmo quarto de antes."
Assenti solenemente, sentindo parte da tensão se dissipar da minha coluna enquanto me levantava. Ao me espreguiçar, senti o puxão de músculos que deveriam estar dilacerados, mas que haviam sido reconstruídos pelo toque da Morte. Minhas articulações estalaram, lembrando-me de que, embora minhas feridas tivessem cicatrizado, meu corpo ainda se lembrava de cada momento de tormento.
Os guardas recuaram para me deixar passar. Saí da cela, meus pés descalços silenciosos contra a pedra fria. Um guarda do meio posicionou-se ao meu lado, bloqueando deliberadamente minha visão da cela da Morte. Considerei lutar para vê-lo, mas algo na postura do guarda me disse que não valia a pena tentar.
Avançamos pelo corredor da masmorra, a luz das tochas projetando nossas sombras alongadas nas paredes. Eu ainda sentia a cautela do guarda mais jovem, e isso se tornou tão insuportável que não consegui mais ficar em silêncio.
Parei, o mais novo quase esbarrando em mim antes de se conter. Virei-me e o encarei, observando-o se contorcer. "Por que você está tão desconfortável perto de mim?", perguntei.
O guarda mais jovem se remexeu inquieto, seus olhos se voltando para os companheiros como se buscasse socorro. Eu simplesmente esperei, a cabeça levemente inclinada, os fios prateados ao meu redor perdendo o brilho enquanto eu concentrava toda a minha atenção nele.
O guarda mais velho suspirou pesadamente, passando uma mão calejada pelo rosto. "É melhor irmos logo para a câmara de banho, Princesa. A água vai esfriar."
Mas o jovem guarda pareceu encontrar coragem, endireitando os ombros ao me encarar pela primeira vez. "Fui eu quem te encontrou ontem à noite", admitiu, a voz quase num sussurro. "Quando me mandaram verificar sua cela depois... depois que o rei saiu. Eu pensei—" Ele engoliu em seco, a parte superior da garganta acompanhando o movimento. "Esperava te encontrar morta, mas em vez disso, você estava... curada. Segurando a mão do outro prisioneiro."
Assenti lentamente, processando aquela revelação. Meus dedos tremeram ao me lembrar do toque quente da Morte, a âncora que me mantinha presa ao mundo dos vivos.
“E você contou ao rei?”, perguntei, mantendo a voz deliberadamente neutra, embora meu coração estivesse batendo forte no peito. “Sobre o que você descobriu?”
Ele balançou a cabeça, a luz da lanterna refletindo na ponte torta do seu nariz. "Não. Ele só sabe que você está vivo e curado." Nada mais.”
"Obrigada", sussurrei, as palavras escapando antes que eu pudesse impedi-las.
Seus olhos se arregalaram ligeiramente, surpresos com minha gratidão. Ele assentiu uma vez, um gesto rápido e brusco, antes de desviar o olhar.
O guarda mais velho pigarreou. "Vamos. Já nos demoramos demais."
Enquanto continuávamos pelo corredor, refleti sobre o significado daquilo. O jovem guarda não havia contado a Valen que eu tinha me conectado com o prisioneiro ao meu lado. Por quê? O que ele ganharia com tamanha discrição? Valen devia saber que a Morte me curou, visto que eu não poderia ter me curado sozinha.

A porta do banheiro estava entreaberta, a luz dourada invadindo o corredor sombrio. O contraste era gritante: calor e conforto no coração da minha prisão. O vapor subia da porta, trazendo o aroma de água limpa e sabão.
"Fique o tempo que precisar", disse o guarda mais velho, dando um passo para o lado para me deixar entrar.
Parei na soleira, virando-me para encarar os três. O cômodo atrás de mim fora um refúgio momentâneo, mas aqueles homens haviam sido constantes inesperadas — testemunhas do meu sofrimento que, cada um à sua maneira, tentara amenizá-lo. O mais jovem evitou meu olhar novamente, o do meio manteve sua carranca habitual, mas o mais velho sustentou meu olhar diretamente.
"Obrigada. A todos vocês", eu disse, oferecendo-lhes um sorriso que parecia estranho no meu rosto — gratidão genuína, uma emoção que eu quase havia esquecido que existia. Não era apenas pelo banho. Era pelas pequenas gentilezas que demonstraram durante meu cativeiro. A água extra quando eu estava sedenta. A delicadeza ao limpar meus ferimentos. A ausência de prazer que sentiam com a minha dor.
Algo brilhou no rosto curtido do guarda mais velho — talvez surpresa, por aquele momento de humanidade entre nós. Ele assentiu uma vez, com um movimento brusco do queixo, antes de gesticular. para que eu possa prosseguir.
Entrei no calor da câmara de banho, a pesada porta de madeira fechando-se atrás de mim com um baque surdo. Velas de cera cor de mel enfeitavam as paredes, suas chamas dançando e se multiplicando no vapor ascendente. A banheira de pedra embutida no centro da sala estava cheia de água tão cristalina que eu conseguia ver o fundo, tão quente que espirais de vapor subiam da superfície.
Por um instante, fiquei ali parada, respirando o ar úmido, deixando-o preencher meus pulmões e amaciar minha pele. Esse pequeno luxo — água quente, privacidade, tempo sem o peso da dor — parecia quase impossível depois de tudo o que eu havia suportado. Pressionei as palmas das mãos contra os olhos, tentando afastar a súbita ardência das lágrimas. Fraqueza não tinha lugar ali, nem mesmo na solidão.
Desamarrei a faixa do meu roupão, o tecido macio deslizando dos meus ombros como água. Coloquei-o cuidadosamente sobre um banco de madeira e, em seguida, tirei a roupa íntima, o vapor do banho ainda impregnado na minha pele nua. Foi só quando olhei para baixo, paralisada, com um suspiro preso na garganta.
Meu corpo — perfeitamente curado pelo poder da Morte — estava coberto por uma crosta de sangue seco tão espessa que em alguns lugares havia escurecido, descamando da minha pele como ferrugem de ferro velho.
Meus dedos tremiam enquanto traçavam os padrões escuros em meu abdômen, minhas coxas, a curva dos meus seios. Não restava um único ferimento — a Morte havia se encarregado disso —, mas a evidência do meu sofrimento estava pintada em cada centímetro do meu corpo. Lembrei-me agora de como o sangue jorrou de mim quando o controle de Valen se rompeu, de como senti minha vida escorrendo pelas pedras da minha cela. Eu estava morrendo. Não apenas ferida, não apenas com dor, mas verdadeiramente à beira da morte antes que meu arauto me trouxesse de volta.
Uma gargalhada brotou do fundo de mim, espontânea e selvagem, ecoando pelas paredes de pedra da câmara de banho. O som crepitou com um toque de loucura que se

prendeu na minha garganta antes de escapar, e eu girei sobre meus pés descalços, braços abertos como se estivesse prestes a alçar voo. .
Girei, sentindo o ar quente me envolver como se tentasse abraçar o caos interior. Meus pés deslizaram sobre a pedra fria e, por aquele instante, o sangue em minha pele se transformou de uma marca de vergonha em uma tapeçaria — cada gota, uma história de sobrevivência entrelaçada em minha própria essência.
Eu cambaleei em direção à banheira, rindo incontrolavelmente enquanto o vapor rodopiava ao redor das minhas pernas, subindo para me envolver numa nuvem de calor. Estendi os dedos firmes, deslizando-os pela superfície da água.
Como minha vida havia se tornado absurda. Eu estava inteira, mas despedaçada em pedaços que brilhavam como cacos de vidro à luz de velas. Talvez eu finalmente tivesse perdido o último fio de sanidade que me prendia ao peso do meu sofrimento.
Uma batida suave interrompeu meus pensamentos. Congelei, ouvindo o silêncio que se seguiu. Outra batida, esta quase inaudível, como se a pessoa do outro lado estivesse incerta. Os guardas tinham dito que eu podia ficar o tempo que quisesse. Por que me interromperiam tão cedo?
Caminhei em direção à porta, nua e ensanguentada, impulsionada por um instinto primitivo que me dizia para ter cautela. Entreabri-a o suficiente para espiar... e me vi encarando os olhos negros do meu marido, meu algoz, meu rei.
Valen estava parado ali no corredor escuro, não com as vestes imponentes que usava na corte, nem com as roupas casuais que preferia para nossas sessões de tortura. Vestia uma túnica preta simples, desabotoada no pescoço, revelando a pele dourada por baixo. Suas calças estavam largas e amarrotadas, quase como se tivesse vindo de seus aposentos. Mas foi sua expressão que fez meu coração palpitar no peito. Sumiram o sorriso predatório, o divertimento cruel, a arrogância divina. Em seu lugar, havia algo que eu nunca vira antes: incerteza.
“Posso entrar?”, sussurrou ele, e então, chocando-me profundamente, acrescentou: “Por favor”. A palavra falhou ligeiramente ao sair de seus lábios, como se fosse uma língua estranha à sua língua. .
Eu o observei através da estreita abertura, tentando decifrar esse novo jogo. Seria essa outra forma de tortura? Bondade seguida de crueldade, uma nova maneira de me destruir?
"Por quê?", retruquei, com a voz firme apesar da pulsação acelerada.
Ele não respondeu imediatamente. Seus olhos baixaram, depois se ergueram para encontrar os meus novamente com uma intensidade que quase me fez recuar. "Por favor", repetiu ele, e desta vez não havia nenhuma falha em sua voz, apenas uma ordem silenciosa envolta na aparência de um pedido.
Tomei minha decisão num instante. Que ele veja o que fez. Que ele encare as consequências.
Abri a porta de par em par, expondo meu corpo nu e ensanguentado ao seu olhar. Um desafio. Uma acusação. Uma verdade que ele não podia negar. O vapor do banho me envolvia, mas eu não sentia vergonha, nem vontade de me cobrir.
Seu maxilar se contraiu — a única reação externa ao meu estado. Nenhum horror, nenhum remorso, apenas aquela sutil tensão muscular sob a pele. Mas seus olhos se

demoraram no sangue seco que cobria minhas coxas, meu estômago, a parte inferior dos meus seios. Algo brilhou em seu olhar antes que ele desviasse o olhar.
Ele entrou na sala de banho úmida, trazendo consigo o aroma do ar noturno e algo metálico que sempre o acompanhava — o aroma do Deus do Sangue sob a fachada mortal.
Fechei a porta atrás dele, prendendo-nos juntos neste estranho momento de paz entre as batalhas. "Fique à vontade para ficar", eu disse, com a voz firme apesar da intimidade artificial da situação, "mas estou tomando banho."
Valen assentiu com a cabeça uma vez, seus movimentos rígidos, quase desajeitados. Ele, que comandara exércitos, que massacrara minha família sem hesitar, que me torturara por semanas sem remorso, de repente parecia inseguro sobre onde ficar, o que fazer com as mãos.
Virei-lhe as costas, um risco calculado. Isso me deixou vulnerável, mas demonstrou minha ausência de medo. O sangue seco Ao me mover, senti um estalo em minhas omoplatas, uma armadura macabra que nos lembrava, a ambos, do que havia acontecido entre nós. Ouvi sua respiração ritmada atrás de mim, senti o peso do seu olhar sobre a minha pele.
Dentro daquele quarto, escrito nas linhas incertas do rosto de Valen, o equilíbrio se alterou. Aquela não era minha cela, onde a dor era a única moeda de troca. Aquele lugar se tornara um terreno neutro, envolto em vapor e iluminado por velas, onde eu podia, pela primeira vez, ditar as regras do nosso encontro.
“Você está com uma aparência melhor do que da última vez que a vi”, disse ele finalmente, com a voz baixa e controlada.
Olhei por cima do ombro, encarando-o com firmeza deliberada. "Meu vizinho é bastante habilidoso em desfazer seu trabalho", respondi, a provocação proferida com perfeita calma.
Algo passou pelo seu rosto naquele instante — uma sombra, um aviso, uma lembrança do que ele era. Mas ele não fez nenhum movimento em minha direção, não ofereceu nenhuma ameaça. Simplesmente ficou ali parado, observando-me com aqueles olhos insondáveis, como se eu fosse um enigma que ele não conseguia decifrar.
Voltei-me para a banheira. Seja lá o que ele quisesse, teria que se comportar como um homem adulto e merecer. Eu tinha sangue para lavar.
Entrei no calor, abaixando-me com cuidado exagerado, cada movimento lento e deliberado, consciente do olhar inabalável de Valen. A água me envolveu, quente o suficiente para arder, enviando filamentos de vapor ao redor dos meus ombros. Observei como ela se tornava levemente rosada onde tocava minha pele manchada de sangue, fios carmesins ondulando pela água cristalina como nuvens. Meu próprio sangue, retornando ao mundo dessa forma singela. Afundei até que a água lambeu meu queixo, a coleira de couro que eu ainda não conseguia remover, e fechei os olhos contra o alívio penetrante do calor.
O suspiro que me escapou foi involuntário, um som de tamanha satisfação que eu poderia ter ficado envergonhado se já não tivesse cedido tanto da minha dignidade neste lugar. A água me envolveu, lavando não apenas o sangue, mas também a lembrança do seu derramamento. Por um instante misericordioso, permiti-me esquecer onde estava, com quem estava e o que me aguardava além daquele quarto.

Então, submergi completamente, prendendo a respiração enquanto a água me cobria. O mundo além tornou-se abafado, distante. Abri os olhos debaixo d'água, observando o sangue se afastar da minha pele. Quando meus pulmões começaram a arder, voltei à superfície, virando-me para o meu marido.

Apenas meus olhos permaneceram acima da linha d'água enquanto eu observava Valen, que não havia se movido de sua posição perto da porta. Ele me observava com uma intensidade que deveria ter parecido invasiva, mas, em vez disso, despertou algo perigoso em meu peito — não medo, mas curiosidade. O que ele via quando olhava para mim agora? A princesa com quem ele havia se casado, a prisioneira que ele havia torturado ou a criatura selvagem em que eu estava me transformando?

Nossos olhares se encontraram através da sala cheia de vapor, uma batalha silenciosa de vontades que se tornara tão familiar quanto respirar. Então, com um suspiro que parecia carregar o peso de séculos, Valen se moveu em minha direção. Meus músculos se tensionaram sob a água, prontos para... o quê? Ataque? Crueldade? Mesmo agora, eu não conseguia prevê-lo.

Mas ele me surpreendeu novamente. Em vez de se impor sobre mim como tantas vezes fazia, usando sua altura para intimidar, ele se abaixou até o chão de pedra ao lado da banheira. Sentou-se ali, com um joelho dobrado, as costas encostadas na borda da banheira afundada, parecendo estranhamente mortal, apesar do poder que eu sabia que se escondia sob sua pele.

"O que você pensa que está fazendo?", perguntei, sem conseguir esconder a suspeita, a frieza, na minha voz.

Ele me lançou um olhar de soslaio, algo brilhando no fundo dos seus olhos. "Por que será que toda vez que você abre essa sua linda boca é para dizer algo mordaz?"

Dei uma risadinha sarcástica, com amargura evidente na minha voz. "Agora você quer que eu fique calada? Depois de dias me implorando para falar enquanto você me dilacerava?" As lembranças surgiram sem serem convidadas — a voz dele. Instigando, ameaçando, implorando por meus gritos, minhas palavras, qualquer som que provasse que ele estava me destruindo.

Um sorriso se espalhou pelo seu rosto então — predatório, familiar, um vislumbre do Valen que eu conhecia. "Eu gosto dos sons que você faz", disse ele, seu tom caindo para algo mais sombrio, "mesmo quando você está me desafiando."

Recusei-me a desviar o olhar, embora cada instinto gritasse para que eu recuasse daquele olhar faminto. "Tenho certeza que sim."

De repente, ele estendeu a mão para o pequeno pote de barro com sabonete que ficava na beira da banheira. Instintivamente, me lancei para pegá-lo, a água transbordando, mas ele o afastou de mim, com aquele sorriso malicioso estampado nos lábios. Olhei para ele com raiva, odiando a facilidade com que ele conseguia me provocar, a transparência das minhas reações.

"Devolva", exigi, plenamente consciente de quão infantis eram minhas palavras.

"Peça com jeitinho", respondeu ele, erguendo o sabonete como se fosse um prêmio.

Estreitei os olhos para ele. "Não vou implorar por sabonete", disse secamente.

Algo mudou em sua expressão naquele momento, a aspereza suavizando-se em algo que eu não saberia nomear. Seus olhos, geralmente duros como obsidiana, pareceram se

aquecer. "Eu não estava pedindo para implorar", disse ele, com a voz mais baixa. "Posso te ajudar?"
A mudança abrupta da provocação para a demonstração de afeto me assustou tanto que dei um pulo para trás, meus olhos arregalados oscilando entre seu olhar incomumente suave. Sem exigências. Sem crueldade disfarçada de gentileza. Apenas uma oferta que parecia, inacreditavelmente, genuína.
Cerrei os olhos novamente, desconfiada daquela gentileza inesperada. "Você vai arrancar meus cabelos ou fazer algo igualmente cruel?" A pergunta era meio irônica. Eu não duvidaria que ele usasse até mesmo aquele momento de paz como mais uma forma de tormento.
Para minha contínua surpresa, ele deu uma risadinha. Não era sua risada selvagem de costume, mas algo quase genuíno. "Não." Apenas isso. Sem explicação, sem justificativa.
.
Eu o observei por um longo momento, tentando decifrar essa nova versão de Valen, esse deus fingindo humildade. Finalmente, assenti uma vez, um rápido movimento do queixo que mal podia ser chamado de consentimento.
Ele mergulhou os dedos no sabonete, a substância cremosa com cheiro de lavanda e baunilha. Então, com uma hesitação que eu nunca tinha visto nele antes, ele estendeu a mão para o meu cabelo.
Seu toque era quase reverente enquanto ele passava o sabonete pelos fios emaranhados, seus dedos roçando ocasionalmente meu couro cabeludo, meu pescoço, a pele sensível atrás das minhas orelhas. Lutei contra a vontade de me entregar ao seu toque, de fechar os olhos e me render ao simples prazer de ser cuidada.
Era uma intimidade perigosa, mais perturbadora em sua delicadeza do que sua violência jamais fora. Este não era o Rei de Sangue que massacrara minha família, nem o deus cruel que me torturara por semanas, nem mesmo o carcereiro frustrado sucumbindo às minhas provocações. Era algo diferente, outra pessoa — um homem lavando o sangue dos cabelos de uma mulher com mãos cuidadosas e firmes.
Mantive os olhos fixos na superfície da água, observando pequenas ilhas de bolhas de sabão flutuarem em sua extensão rosada. Senti um súbito desejo de rir novamente, mas engoli a língua, não querendo mostrar a ele essa nova versão de mim mesma.
Suas mãos continuaram seu trabalho delicado e, apesar da minha determinação, meus olhos começaram a se fechar, meus ombros relaxaram, minha guarda baixou. Só por um instante. Só desta vez.
Com a visão turva, estendi a mão para dentro, buscando os fios prateados que se tornaram meus companheiros desde que a Morte reivindicou a segunda parte da minha alma. Eles surgiram ao meu chamado, cintilando contra a escuridão atrás das minhas pálpebras, uma teia de possibilidades e conexões se espalhando a partir do meu centro como os fios de uma teia de aranha etérea. Cada filamento pulsava com vida e potencial, convidando-me a seguir seu caminho rumo a futuros que eu mal conseguia compreender.
Meus olhos se fixaram na nossa conexão prateada e carmesim, observando como ela se estendia do centro do meu peito e diretamente... em direção a onde Valen se ajoelhou. O que significava eu estar ligada a ele dessa maneira? Era apenas o laço de captor e cativa, de marido e mulher, ou algo mais profundo, mais fundamental?

A voz de Valen interrompeu meus pensamentos, murmurada tão suavemente que quase não a ouvi em meio ao murmúrio delicado da água. "Peço desculpas por quase ter te matado. De novo."
As palavras foram tão inesperadas, tão estranhas vindas de seus lábios, que perdi o controle sobre meus pensamentos. Elas se dissiparam, retornando ao reino que ocupavam quando eu não as observava. Mantive os olhos fechados, sem confiar em mim mesma para esconder o choque se o encarasse.
"O que você disse?", perguntei, com a voz propositalmente confusa, incapaz de resistir à pequena demonstração de desafio. "Não consegui te ouvir direito."
Um rosnado ressoou de seu peito, vibrando através de seus dedos enquanto ainda ensaboavam meu cabelo. "Eu disse", ele repetiu, cada palavra pronunciada com relutância, "peço desculpas por quase ter te matado de novo."
Abri os olhos então, virando levemente a cabeça para vislumbrar seu rosto. Seu maxilar estava tenso, seus olhos desviados, como se a confissão lhe causasse dor física. O Deus do Sangue e da Conquista, pedindo desculpas a mim, a mortal que ele torturara por semanas. Era quase ridículo.
Mas eu não ri. Em vez disso, ofereci-lhe um sorriso discreto e malicioso. "Meu arauto me curou novamente", disse docemente. "Mesmo sem que outra corrente fosse removida. Imagine só."
Seus dedos pararam brevemente em meu cabelo e, embora sua expressão permanecesse controlada, eu podia sentir a tensão irradiando através de seu toque. Parecia que ele não gostava de ser lembrado do meu vizinho, do pacto que fora forçado a fazer, do poder que o outro deus detinha mesmo acorrentado.
“Você não deveria confiar nele.” Os dedos de Valen retomaram o trabalho, mas agora com mais propósito, quase possessivos em seus movimentos. “Seu ‘presságio’, como você disse.” Você ligou para ele. Definitivamente, não deveria falar com ele. Nem permitir que ele a toque. Você não sabe quem ele realmente é.
Virei-me completamente na banheira para encará-lo, a água respingando pelas laterais enquanto eu me movia. "E você faz isso?"
“Mais do que você pode imaginar.” Seus dedos traçaram a linha do meu queixo, deixando rastros de espuma de sabão na minha pele. “Compartilhamos... história.”
“História”, repeti secamente, sem me impressionar com seu aviso vago. “Como passar algumas décadas numa cela, um ao lado do outro?”
A mão de Valen parou contra meu queixo, seu polegar enxugando uma gota de água que se acumulara no canto da minha boca. Algo sombrio e ancestral brilhou em seus olhos — não raiva, mas uma dor tão profunda que parecia remontar a milênios.
“Éons”, corrigiu ele, a voz quase num sussurro. “Nos conhecemos há eras, Mireille. Muito antes de seu pai nos capturar. Muito antes de mortais caminharem sobre esta Terra e posso lhe dizer com absoluta certeza”, fez uma pausa, olhando nos meus olhos, “ele é infinitamente pior do que eu.”
Encarei-o, a água escorrendo do meu cabelo para os meus ombros enquanto processava suas palavras. Infinitamente pior? O deus que segurou minha mão durante as horas mais sombrias, que absorveu minha dor, que falou comigo com tamanha ternura inesperada, pior do que aquele que massacrou minha família e me torturou por semanas?

"Isso é impossível", eu disse, com a voz embargada pela incredulidade.
A risada de Valen era suave e amarga, seu polegar ainda traçando a curva da minha bochecha. "É mesmo? Diga-me, princesa — quando ele a cura, o que ele leva em troca?"
Hesitei, aquela dor profunda sob o meu peito ainda recente. "Pedaços da minha alma", admiti com relutância.
“E você acha que isso é apenas pagamento?” Sua mão deslizou para a nuca, os dedos se enroscando em meus cabelos molhados. “Você sabe o que acontece com os mortais que perdem muito de si mesmos?” alma, Mireille?"
Encarei-o, sentindo a água começar a esfriar contra minha pele. "Não", sussurrei.
“Eles se desfazem”, disse Valen, com a voz suavizando. “Não apenas morrem, Mireille. São apagados. A alma se fragmenta e se dissipa como névoa sob o sol da manhã. Eles não podem passar para o vazio. Não podem renascer. Simplesmente... deixam de existir.”
Senti o sangue nas minhas veias gelar. Instintivamente, minha mão pressionou o peito, buscando os espaços vazios onde partes de mim estavam faltando. Balancei a cabeça, relutante em acreditar. "Mas ele me salvou, duas vezes, quando você quase me matou."
“Sim.” Algo passou pelo seu rosto — arrependimento, talvez, ou algo mais profundo. “Pelo menos se você tivesse morrido por causa da minha... perda de controle, você teria ido para o vazio. Sua alma teria permanecido intacta. Quase inteira.” Ele fez uma pausa, o polegar roçando o ponto de pulsação na minha garganta. “Eu jamais arriscaria sua alma, Mireille. Não na minha raiva. Não no meu desejo de vingança. Eu jamais arriscaria que você fosse completamente destruída.”
A sinceridade em sua voz me surpreendeu mais do que suas palavras. Não havia zombaria ali, nenhuma crueldade disfarçada — apenas uma honestidade crua que me deixou com o peito apertado de confusão.
Os lábios de Valen se curvaram num sorriso sem qualquer traço de humor. "Embora morrer não a tivesse libertado de mim." Ele se inclinou para mais perto, sua respiração quente contra minha bochecha. "Mesmo se você tivesse morrido naquela cela, não teria escapado. Sua alma teria ficado presa no vazio, incapaz de seguir para o que quer que venha depois. E eu a teria seguido até lá, a teria reivindicado lá, a teria feito minha naquela escuridão sem fim, assim como a fiz minha aqui."
Eu não conseguia desviar o olhar dele, encarando a convicção absoluta em seus olhos, a certeza casual com que falava em me reivindicar até mesmo na morte. A contradição nele, em não estar disposto a arriscar minha alma, mas me seguir até o vazio para garantir que eu permanecesse sua propriedade… Isso não era paixão ou desejo — era posse levada ao seu extremo mais fundamental. .
"Você está louco", sussurrei, mas mesmo enquanto dizia isso, eu sabia que não era verdade. Ele era um deus. O que me parecia loucura era simplesmente a ordem natural das coisas para ele — poder tomado, almas reivindicadas, a eternidade dobrada à sua vontade.
“Talvez”, concordou ele, passando o polegar pelo meu lábio inferior com uma delicadeza devastadora. “Mas eu sou a sua loucura. Assim como você se tornou a minha. Agora, afunde.”
"O quê?", sussurrei, sem conseguir desviar o olhar do seu olhar insondável.
Seus lábios se contraíram. "Mergulhe na água. Você precisa enxaguar."

Oh.
Obedeci, deslizando para baixo da superfície, sentindo o sabonete escorrer do meu cabelo em mechas nebulosas. A água ao meu redor tinha ficado marrom ferrugem por causa de todo o sangue, mas eu não me importava. Havia algo satisfatório em ver as evidências da violência de Valen se dissiparem, como se pudessem ser desfeitas com tanta facilidade.
Quando voltei à superfície, afastando o cabelo do rosto, Valen me observava com uma intensidade que me fez estremecer, apesar da água quente do banho. A água escorria dos meus cílios, embaçando minha visão por um instante. Quando clareou, vi sua mão estendida em minha direção, oferecendo o sabonete.
"Gostaria de ajuda com o resto também?", perguntou ele, com a voz baixa e cautelosa, como se estivesse pisando em terreno que poderia desabar sob seus pés.
Que pergunta estranha ele me fez. Ele havia tocado cada centímetro do meu corpo — com lâminas, com chicotes, com crueldade calculada e, sim, com desejo. Mas isso era diferente. Esse pedido de permissão, essa oferta de cuidado em vez de dor.
Balancei a cabeça lentamente. "Não", disse simplesmente. Não uma recusa por medo, mas por escolha. Eu não estava pronta para confiar meu corpo a ele, não assim, não com tanta ternura. Ainda não. Talvez nunca.
Eu esperava raiva, até mesmo um retorno ao Valen que eu conhecia — exigente, tomando o que queria independentemente dos meus desejos. Mas Ele apenas acenou com a cabeça, com uma expressão indecifrável, e me entregou o sabonete sem dizer mais nada.
Essa aceitação da minha recusa foi mais perturbadora do que qualquer raiva teria sido. Falava de mudança, de algo se transformando entre nós que eu ainda não conseguia definir. Peguei o sabonete da mão dele, nossos dedos se roçando brevemente, o contato fazendo surgir mais um fio de prata antes de desaparecer tão rápido quanto surgiu.
Ele permaneceu sentado ao lado da banheira, de costas para mim, me dando um pouco de privacidade enquanto eu começava a lavar o resto do sangue da minha pele. Ele se desprendia em pedaços cor de ferrugem, flutuando na superfície da água antes de afundar lentamente até o fundo da banheira. A cada pedaço de pele limpa revelado, eu me sentia mais leve, como se estivesse me livrando de algo mais do que apenas os resquícios físicos da violência.
O silêncio entre nós se estendeu a algo quase pacífico — um estranho alívio em nossa tempestade de dor e poder. Quando ele finalmente falou, sua voz era diferente — mais suave, de alguma forma mais antiga, como se ele estivesse buscando as palavras através dos séculos.
“Quando fui criado, eu era meramente o Deus da Carne”, disse ele, com o olhar fixo em algum ponto distante além das paredes de pedra. “Não sangue, não conquista. Apenas carne e a sua criação.”
Fiquei imóvel na água, minhas mãos interrompendo o trabalho de limpar o sangue.
“Pensei em criaturas”, continuou ele, “e elas surgiram, apenas do meu pensamento. Pássaros, com seus ossos ocos e asas frágeis. Bestas que rastejavam, nadavam e cavavam.” Suas mãos se moviam no ar, como se moldassem essas criaturas do nada, um eco inconsciente de seu poder ancestral. “A criação era fácil naquela época. Pura. Eu

preenchi o mundo com seres vivos porque podia, porque o vazio precisava ser preenchido."
Observei o perfil do seu rosto, a linha forte do seu queixo, a curva descendente da sua boca. Era estranho imaginá-lo como um criador em vez de um destruidor. A água ao redor Eu tinha esfriado um pouco, mas não fiz nenhum movimento para sair da banheira, com medo de que qualquer movimento brusco pudesse quebrar aquele inesperado momento de verdade.
"Mas a imortalidade é terrivelmente entediante", disse ele, com um sorriso amargo distorcendo seus lábios. "Anos intermináveis observando criaturas viverem e morrerem, seguindo os mesmos padrões, geração após geração." Ele me lançou um olhar, com algo quase vulnerável em seu olhar. "Então eu criei os mortais — humanos com mentes capazes de sonhar e questionar, corpos capazes de sentir prazer e dor com uma intensidade fugaz que os deuses jamais poderão conhecer."
Com súbita clareza, compreendi o que ele não estava dizendo: que esse deus devia ser incrivelmente solitário para criar seres à sua própria imagem, companheiros para preencher o vazio de sua existência eterna. O pensamento era perturbador. Eu nunca havia considerado os deuses como solitários, nunca havia imaginado Valen como capaz de uma emoção tão mundana quanto a solidão.
Afundei mais na água, deixando-a lamber meu queixo, sem nunca desviar os olhos de seu rosto.
"Eu observei vocês — mortais", disse ele, voltando-se para encarar a parede. "Sem nunca entender como vocês conseguiam transitar de uma emoção para outra com um simples piscar de olhos. Amor, ódio, raiva, felicidade... essas eram apenas emoções para vocês. Emoções que moviam montanhas, iniciavam guerras, construíam impérios, tudo para se dissipar com o tempo." Sua voz carregava um tom de admiração, como se, mesmo depois de tanto tempo, a paixão humana ainda o intrigasse.
Lembrei-me das palavras da Morte sobre como os deuses sentem de forma diferente, mais profundamente. Resistentes à mudança. Perguntei-me se era por isso que Valen sentira esse anseio de criar, de experimentar a efemeridade da vida como nós.
"Por um tempo, amei os mortais", continuou ele, a palavra "amei" soando estranha em sua boca, estrangeira e incomum. "Observando vocês construírem suas civilizações, seus reinos. A maneira como extraíram significado do caos, encontraram propósito em suas breves vidas." Ele se virou levemente para me olhar novamente, seus olhos refletindo a luz dourada da vela. "Mas os mortais são gananciosos." "
Não disse nada, deixando-o falar.
"Eles oraram repetidamente pedindo ajuda em seus empreendimentos, e eu comecei a garantir que meus favoritos tivessem sucesso", disse ele, com uma sombra passando por seu rosto. "Dei-lhes força na batalha, estratégia na guerra, o poder de tomar o que desejavam. Escolhi campeões, guiei-os para governar, observei-os construir suas dinastias. Assumi o novo título de Deus da Conquista."
A mudança em seu tom refletia a transformação que ele descrevia — de criador a conquistador, de doador da vida a portador da guerra. Eu conseguia ver como uma coisa havia levado à outra, como seu fascínio pela humanidade havia se transformado em algo mais sombrio.

“Infelizmente, a ganância mortal não tem limites. Eles nunca se contentaram com o que eu lhes dei. Sempre queriam mais — mais terras, mais poder, mais sangue”, ele fez uma pausa, virando a cabeça para me encarar. “Por fim, se voltaram contra mim. Me capturaram, repetidas vezes. Os mortais sempre acham que podem controlar o que não entendem, aprisionar o que temem.” Seu punho se fechou ao lado do corpo, um gesto tão humano que chegava a ser surpreendente. “Eu sempre recebi a retribuição. Sempre. Reinos foram incendiados, linhagens extintas, terras devastadas e amaldiçoadas. Esse foi o preço da arrogância deles.”

Então, essa era a explicação de como meu pai havia merecido essa brutalidade específica da vingança de Valen. Uma vingança que consumiu sua família, seu reino e agora a mim.

“E nenhuma criatura jamais me fez temer meu próprio poder”, disse Valen, baixando a voz quase a um sussurro. “Até agora.”

Seus olhos buscavam os meus, negros e insondáveis, procurando algo que eu não conseguia nomear. Neles, vi não apenas a crueldade que eu já conhecia, mas também uma solidão ancestral, o cansaço de eras e algo como… esperança. Uma esperança frágil e incerta.

“Não houve nenhum ser que me fizesse lembrar do tempo anterior”, disse ele lentamente, cada palavra deliberada, “antes da ganância mortal. Ninguém que me fizesse lembrar por que eu amava os mortais em primeiro lugar.” ”

A implicação era clara, pairando no ar entre nós como o vapor do banho. Ele estava falando de *mim* . Eu não sabia como reagir — não era uma ameaça, uma provocação ou uma punição. Estávamos começando a trilhar um caminho significativamente mais perigoso.

Uma estranha e oca dor se espalhou pelo meu peito enquanto eu o olhava — esse deus antigo e terrível que havia criado a própria vida, que havia testemunhado o surgimento e a queda de civilizações, que havia passado a eternidade buscando algo que jamais encontrou. A solidão me atingiu como uma onda física. Quantos milênios ele havia existido, criando e destruindo, esperando a cada vez encontrar alguém que o compreendesse? Quantas decepções ele havia suportado, quantas traições havia sofrido, antes que seu coração se calcificasse na entidade cruel que encontrei pela primeira vez?

Eu conhecia a solidão. Eu havia sido indesejada, uma moeda de troca. Aprendi que o dever substituiu o amor, e meu valor residia apenas em permanecer em silêncio. Mas meu isolamento era apenas uma batida do coração comparada à sua eterna solidão.

"Não sei se consigo ser isso para você", sussurrei, com a voz embargada. Senti uma única lágrima se formar e escorrer pela minha bochecha, lenta e quente contra a pele. Era uma lágrima repleta de complexidade — de reconhecimento na terrível solidão que poderia levar até mesmo um deus a tais extremos de criação e destruição. Uma lágrima pelo deus solitário que criou a humanidade a partir do vazio, apenas para ser traído por sua própria criação.

Valen estendeu a mão, com um movimento cuidadoso e preciso, e enxugou a lágrima com o polegar. O toque era tão terno, sua pele quente contra a minha.

"Não estou pedindo que você seja", murmurou ele, e por um instante, nenhum de nós se moveu, presos naquele estranho e frágil momento de conexão.

Então, num único movimento fluido, ele se levantou, sua graça habitual retornando. "Te vejo amanhã", disse ele, com a voz de volta ao timbre normal, embora algo em seus olhos permanecesse diferente — uma porta aberta que não podia ser completamente fechada novamente. .

Ele se virou e saiu da cabine de banho sem dizer mais nada, a pesada porta se fechando atrás dele com um baque surdo que ecoou no vazio repentino.

Afundei mais fundo na água agora morna, minha mente girando com o que ele havia revelado. O Deus da Carne, solitário o suficiente para criar a humanidade. O Deus do Sangue, traído por suas próprias criações. O Deus da Conquista, em busca de algo que perdera séculos atrás.

Isso não justificava o que ele tinha feito a mim, à minha família, ao meu reino. Nada justificaria. Mas complicou as coisas de maneiras para as quais eu não estava preparado.

Levantei a mão, tocando o lugar onde ele havia me tocado, onde ele havia enxugado minha lágrima com a mesma mão que brandira lâminas contra minha pele, que quase havia me tirado a vida em um acesso de fúria.

Os fios prateados cintilavam nas bordas da minha visão, o que me ligava a Valen pulsando com mais força do que antes. Seja lá o que nos unisse — ódio, vingança, destino ou algo sem nome —, o laço se apertava ainda mais. E enquanto eu permanecia sozinha na banheira que esfriava, me perguntava qual seria o preço que eu pagaria por enxergar o homem dentro do monstro.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

# EM FUMAÇA E RUÍNA

Os guardas me devolveram à cela sem cerimônia depois do banho, seus olhares evitando cuidadosamente os meus, como se tivessem testemunhado a maneira como Valen lavou meu cabelo.

Eu sabia que não tinham feito isso, mas isso não impedia minha mente de sussurrar que sim.

Acomodei-me no meu colchão de palha, as fibras ásperas a espreitarem através do fino cobertor por baixo de mim, e inclinei a cabeça para trás contra a parede de pedra fria. O meu cabelo ainda estava húmido, caindo solto sobre os ombros, onde os dedos de Valen tinham desembaraçado os nós com a sua inesperada delicadeza.

Fechei os olhos, mas a escuridão atrás das minhas pálpebras não conseguiu me esconder dos meus pensamentos. Valen no banho. Na câmara, sua voz desprovida da aspereza habitual enquanto falava de sua criação, de sua solidão. Continuei a imaginá-lo como devia ter sido — recém-formado, repleto de admiração, criando vida porque o vazio ao seu redor era vasto demais para suportar.

Estremeci, perturbado pelo paralelo entre mim e esse deus. O que isso dizia sobre mim, que eu pudesse olhar para o monstro que havia cometido atos tão terríveis e sentir ao menos um lampejo de compreensão?

Meu olhar se deteve no fio que nos unia. Como se atraído pelos meus pensamentos, ele surgiu mais brilhante, entrelaçando carmesim e prata num padrão espiral que pulsava com uma força inegável. Eu já não questionava para onde ele levava. Podia senti-lo me puxando, praticamente me arrastando na direção de Valen, onde quer que ele estivesse na vasta extensão do palácio acima.

Examinei-o. Os fios carmesins em seu interior brilhavam, como sangue recém-derramado à luz de uma lamparina. Mas a prata... a prata reluzia com o mesmo brilho lunar dos meus outros fios, pura e imaculada. Que estranho que algo que me ligasse a Valen pudesse abrigar algo além da ruína.

Estendi a mão em direção a ela, meus dedos tremendo com um desejo que não conseguia nomear. O que aconteceria se eu a tocasse? Veria seus pensamentos, sentiria suas emoções, saberia a verdade sobre o que nos unia? A corda se contorceu em resposta à minha proximidade, o carmesim escurecendo, o prateado brilhando, como se antecipasse meu toque.

Hesitei, cada instinto gritando para eu recuar, para deixar as coisas como estavam.

Mas a vontade era forte demais. A necessidade de saber, de entender, se sobrepunha a tudo. Pressionei meu dedo contra a corda.

Por um instante, nada aconteceu. A corda estava fria sob minha pele, mais macia que seda, mais dura que aço. Então, com um solavanco que fez meu corpo inteiro se arquear para fora do colchão, fui puxado para baixo. .

A transição foi violenta. Num instante eu estava ajoelhado na pedra fria da minha cela, com a mão estendida. No instante seguinte, eu estava caindo num vazio sem fim. O ar escapava dos meus pulmões como se eu tivesse sido atirado de um penhasco, meu estômago revirando numa queda livre nauseante. A escuridão pressionava meus olhos,

meus ouvidos, minha boca — uma coisa viva que buscava me consumir. Tentei gritar, mas o som foi engolido pelo vazio.
Por um instante, pensei que tinha ficado cego, que o fio de alguma forma havia roubado minha visão. Mas então formas começaram a emergir da escuridão, nebulosas a princípio, depois se tornando terrivelmente nítidas.
Paredes de pedra. Grades de ferro. Uma grade alta que deixava entrar uma fresta de luz pálida.
Minha cela. Mas não como era agora.
A palha que cobria o chão estava apodrecida, preta de mofo e com o que pareciam manchas horríveis de sangue esquecido. O ar estava denso com o fedor de lixo, decomposição e desespero. As paredes estavam marcadas com centenas, talvez milhares de riscos — arranhões grosseiros que, eu sabia, mapeavam a passagem do tempo. Anos de tempo.
E lá estava ela, pendurada nas algemas que tantas vezes me prenderam para o prazer de Valen.
Não. Não qualquer mulher.
*Meu .*
A figura suspensa pelas correntes estava tão transformada que quase não me reconheci. Seu cabelo — meu cabelo — havia crescido além dos quadris, o preto antes brilhante agora liso e emaranhado, salpicado de grisalho. Seu corpo era esguio, todo ângulos agudos e ossos salientes, a pele esticada sobre a estrutura como pergaminho sobre um tambor.
Ela pendia inerte em suas correntes, os braços estendidos acima da cabeça, os ombros deslocados pela tensão. Sua pele ostentava uma rede de cicatrizes, antigas e recentes, sobrepostas umas às outras como um grotesco palimpsesto de tortura. Eram tantas. Incontáveis. Incompreensíveis. .
A túnica fina que ela vestia estava cinzenta de sujeira e rasgada em alguns lugares, revelando mais cicatrizes, mais feridas, mais degradação. Seus pés mal tocavam o chão, obrigando-a a ficar na ponta dos pés ou pendurada pelos pulsos — uma posição que eu sabia por experiência própria que se tornava agonizante em minutos, quanto mais nas horas, dias, talvez anos que ela — eu — devemos ter suportado.
Mas foram os olhos dela que mais me horrorizaram. Fundos em órbitas vazias, estavam opacos, sem vida — os olhos de alguém que há muito se isolara do mundo, que existia apenas no sentido mais técnico da palavra. A centelha de desafio, de vida, que eu ainda carregava apesar de tudo — havia desaparecido dela. Extinta, como uma vela apagada entre dedos cruéis.
Aqueles olhos que antes eram prateados, que sempre causavam tanta desconfiança, tanto isolamento, agora não mostravam nada além de desespero.
Eu queria desviar o olhar. Não conseguia. Essa coisa quebrada, essa casca oca de mulher — esse era o meu futuro. Era isso que me aguardava se eu permanecesse nas garras de Valen. Não a morte, não a libertação, mas essa lenta e interminável erosão do meu ser até que nada restasse além de uma casca vazia, um cadáver ambulante que respirava e sangrava, mas não vivia.
Dei um passo involuntário para a frente, com a bile subindo pela minha garganta. Isso não podia ser eu. Eu preferiria morrer a me permitir tornar-me isso.

Como se finalmente pressentisse minha presença, a cabeça da mulher inclinou-se lentamente, o movimento exigindo um esforço visível. Seu olhar, inicialmente desfocado, tornou-se mais nítido ao encontrar o meu. O reconhecimento surgiu naqueles olhos sem vida, seguido por algo pior — um lampejo de pena.
Seus lábios rachados se moveram. Um som surgiu, quase inaudível, um sussurro trêmulo que pareceu passar despercebido pelos meus ouvidos e se alojar diretamente na minha mente.
"Você", ela sussurrou, com a voz rouca como pedras se rangendo. "Você ainda está inteiro." ”
Eu não conseguia falar. Minha língua parecia inchada dentro da boca, inútil como um corpo morto.
“Você ainda tem tempo.” Sua cabeça pendeu para a frente, o esforço da fala claramente drenando a pouca força que lhe restava. “Não confie nele. Ele não muda.” Ela inspirou profundamente, sentindo um baque nos pulmões. “Você precisa escapar.”
"Como?", consegui dizer, a palavra saindo como um suspiro sufocado.
Um som vindo de fora da cela chamou sua atenção: passos pesados se aproximando em ritmo cadenciado. Passos que eu conhecia. O pânico estampou-se em seu rosto devastado, e enquanto nos encarávamos, ela deve ter visto o mesmo olhar refletido no meu. "Ele está vindo", sussurrou ela, com puro terror estampado no rosto. "Corra. Lute. Morra. Qualquer coisa, menos isso."
Os passos ficaram mais altos. Uma risada baixa e faminta ecoou pelo corredor.
"Por favor", ela implorou, lágrimas escorrendo por suas bochechas imundas. "Não se torne como eu. Prometa-me."
Ela ergueu completamente a cabeça então, e eu vi algo que não tinha visto antes: uma pesada coleira de ferro em volta do pescoço, incrustada com sangue antigo.
"Eu prometo", sussurrei, estendendo a mão em sua direção.
Ao roçar a ponta dos meus dedos em sua face, ela se desintegrou não em pó ou cinzas, mas em fios. Milhares deles, prateados e carmesins, se entrelaçando e se desfazendo diante dos meus olhos até que nada restou além de um único fio prateado que se enrolou em meu pulso como uma algema de luz.
A escuridão voltou a invadir, e eu estava caindo novamente, despencando por um vazio sem fim. O fio de prata apertou, cortando minha carne até que eu gritei —
Voltei à realidade com tanta violência que minha cabeça bateu com força na parede de pedra atrás de mim. Nenhum som saiu da minha boca, embora eu pudesse sentir o grito preso na minha garganta como uma criatura viva lutando para escapar. Meu peito subia e descia enquanto eu buscava ar, meu coração batendo contra as costelas com tanta força que pensei que pudesse estilhaçá-las. .
A cela ao meu redor parecia exatamente como sempre fora — palha limpa, paredes sólidas, sem arranhões manchados de sangue que marcassem dias intermináveis de tormento. Mas a imagem se agarrava a mim como uma segunda pele, a lembrança dos olhos vazios daquela mulher quebrada queimava em minha mente.
Olhei para o meu pulso, onde o fio de prata havia se enrolado em mim na visão. Nada. Apenas a pele pálida marcada pelos leves hematomas que Valen havia deixado durante nosso último encontro. Mas eu ainda podia senti-lo — um peso fantasma, uma lembrança do que eu tinha visto.

*Não se torne como eu.*

O apelo da mulher — meu — ecoava em meu crânio, ricocheteando nas paredes da minha mente até que eu sentisse vontade de arrancar minhas têmporas para fazê-lo parar. Seria esse mesmo o meu futuro? Anos de lenta degradação, de ter meu espírito esculpido pedaço por pedaço até que nada restasse além de uma casca vazia pendurada em correntes?

Envolvi meus joelhos com os braços e me inclinei para a frente, tentando me encolher o máximo possível. O movimento não fez nada para acalmar o caos em minha mente. Pelo contrário, tornou a visão mais vívida — eu ainda conseguia sentir o cheiro da podridão e da decomposição, ainda ouvir o tilintar das correntes, ainda ver aqueles olhos mortos que um dia foram meus.

Tentei desviar o foco para qualquer outra coisa, tentei pensar além do horror que acabara de presenciar, e meus olhos se fixaram no fio branco-prateado. Parecia estar disputando minha atenção, seus fios prateados e brancos se entrelaçando e se torcendo em um padrão que parecia sussurrar em vez de gritar, puxar suavemente em vez de exigir.

O branco havia se suavizado, não mais o brilho intenso da luz solar na neve, mas a luminescência da lua através das nuvens, o brilho de ossos polidos pelo tempo. Havia nele uma quietude que faltava à corda carmesim-prateada, uma certeza que parecia ancestral em vez de violenta.

Mas por baixo daquela quietude espreitava algo vasto e insondável, como as profundezas de um oceano vislumbradas através de águas cristalinas. .

Inclinei-me para a frente no meu colchão de palha, meu corpo movendo-se antes que minha mente decidisse segui-lo. Minha respiração ainda arfava no peito, mas o fio que me ligava à Morte parecia querer oferecer conforto. Como se quisesse que eu o alcançasse.

Meus dedos se contraíram com a necessidade de fazer exatamente isso. Talvez me mostrasse como escapar, ou talvez confirmasse meu destino se eu permanecesse nesta cela. Ou, ouso esperar, me mostraria um futuro melhor do que aquele que o fio carmesim-prateado prometia.

E antes que eu pudesse refletir mais sobre minhas ações, rocei meu dedo no fio, mergulhando de volta na escuridão.



A escuridão que me envolvia era diferente da escuridão anterior. Não era violenta, mas um sudário aveludado que roçava minha pele com uma carícia deliberada e sensível. Eu podia senti-la respirando ao meu redor, através de mim, como se eu tivesse sido engolido por alguma vasta entidade cujo corpo era a própria sombra. E então minha visão se ajustou, não à luz — havia pouquíssima luz — mas às diferentes qualidades da escuridão, às sutis variações no negro que me cercava.

Eu estava ajoelhado sobre um piso de obsidiana polida, tão lisa que refletia o teto abobadado acima como água parada. Olhando para cima, contemplei uma catedral esculpida não em pedra, mas em osso e sombra. Costelas maciças curvavam-se para cima, encontrando-se em uma espinha dorsal que percorria toda a extensão do teto,

cada vértebra maior que meu corpo inteiro. Entre esses arcos pálidos, a sombra havia sido tecida como uma tapeçaria, abrindo-se ocasionalmente para revelar vislumbres de um vazio estrelado além.

Colunas erguiam-se ao redor do perímetro, não esculpidas, mas cultivadas — fêmures e tíbias de criaturas tão vastas que jamais caminharam pelo mundo mortal, empilhadas e fundidas em pilares que pareciam oscilar levemente, embora nenhum vento perturbasse a pesada estrutura. ar. Crânios aninhados em suas bases e capitéis, suas órbitas oculares preenchidas com um brilho branco fosforescente que fornecia a única iluminação da câmara.

O espaço se estendia de forma impossível em todas as direções, suas proporções desafiando tudo o que eu sabia sobre arquitetura. As distâncias pareciam fluidas, com cantos distantes surgindo repentinamente mais próximos quando eu os observava, apenas para recuar novamente quando minha atenção se dispersava. No extremo oposto do salão — ou talvez fosse no centro, já que o espaço era tão imprevisível ali — erguia-se um trono que parecia sangrar sombras, grossos filetes de escuridão pingando constantemente de seus braços e costas, acumulando-se em sua base.

Olhando para mim mesma, percebi que o simples robe que eu usava na cela havia desaparecido. Em vez disso, meu corpo estava envolto em uma túnica feita de sombra viva, o tecido — se é que se podia chamar aquilo de tecido — movendo-se contra minha pele com a mesma sensibilidade da escuridão ao meu redor. A túnica abraçava minhas curvas, mas se abria na altura dos quadris, formando uma saia que se fundia com as sombras nos meus joelhos, como se eu estivesse emergindo da própria escuridão, em vez de simplesmente ajoelhada nela.

O silêncio era absoluto, mas não vazio. Pressionava meus ouvidos com um peso que fazia meu coração soar como um trovão em comparação. Eu podia sentir o silêncio como uma presença física, ancestral e vigilante, à espera.

E então eu senti — uma presença diante de mim, vasta e terrível. Meus olhos se ergueram lenta e relutantemente para a figura que pairava ao lado do trono sombrio.

Ele era alto, incrivelmente alto, suas proporções tão fluidas e desafiadoras das leis da natureza quanto a própria catedral. Um manto de fumaça e ruína se estendia de seus ombros largos, revelando ocasionalmente vislumbres de uma armadura feita de algum tipo de metal. Seu rosto estava oculto por uma máscara de obsidiana e osso, esculpida em traços que sugeriam uma carranca permanente, com aberturas para os olhos que nada revelavam de seu interior.

Recuei ligeiramente quando ele se aproximou, cada instinto meu implorando para fugir. Sua figura irradiava um poder contido. Contido, mas não diminuído. A força em seus movimentos era uma graça fluida, deliberada e calculada, como se cada pequeno gesto exigisse contenção consciente para evitar quebrar o próprio espaço ao seu redor. Não havia nada de humano em sua forma ou porte, apesar de sua forma vagamente humanoide. Era a divindade sem o filtro das limitações mortais, crua e terrível.

Eu o reconheci imediatamente, na essência, na alma. Meu presságio. A morte.

Ele não disse nada enquanto avançava lentamente, sua atenção sobre mim como um peso físico me pressionando, dificultando a respiração. Ocorreu-me, de forma distante e desapegada, que aquilo não era uma visão futura, como o toque em todos os outros fios havia me mostrado. Que talvez fosse algo diferente… algo presente.

Desviei imediatamente o olhar, incapaz de encará-lo — aqueles buracos insondáveis em sua máscara. Em vez disso, permiti-me absorver cada detalhe dele, da periferia ao chão.
Por baixo da máscara, seu pescoço era visível e musculoso, uma coluna de alabastro pálido marcada por cicatrizes tênues que correspondiam às da mão que eu segurara através das grades da minha cela. Elas pulsavam a cada respiração, brilhando brevemente antes de se desvanecerem, tornando-se linhas prateadas gravadas em sua pele.
Meus olhos se desviaram para seus ombros… Ombros que se estendiam mais do que parecia possível, a largura deles quase o dobro da de um homem grande, afinando-se em um torso esculpido em mármore inflexível. A capa se abriu quando ele se moveu, revelando um peito coberto por uma armadura intrincada que agora eu podia ver que não era de metal, mas de algo mais escuro — placas de sombra solidificadas em material, cada peça encaixando-se perfeitamente na seguinte, movendo-se fluidamente com sua respiração. A armadura ostentava gravuras que mudavam e se transformavam enquanto eu observava, às vezes assemelhando-se a constelações, outras vezes parecendo escritas antigas em línguas há muito esquecidas.
Seus braços eram enormes, ondulando com força mesmo em repouso, suas mãos grandes o suficiente para envolver minha cintura com espaço de sobra. Magro, maior que a mão que acariciara a minha com tanta delicadeza. Cada dedo da mão esquerda era adornado com uma garra de metal, curva e afiada como a de um predador, mas ele se movia com tamanha precisão que eu sabia que ele poderia tocar a asa de uma borboleta sem danificá-la, se quisesse.
Este não era o presságio que eu conhecia, mas era ele mesmo assim.
E foi então que eu vi as correntes.
Mesmo ali, naquele que devia ser seu domínio ou a representação de seu verdadeiro eu, ele permanecia preso. Algemas de um metal fosco e opaco, que absorvia toda e qualquer luz, circulavam seus pulsos, seus braços, seus tornozelos, cada uma ligada a correntes que desapareciam na sombra antes que eu pudesse ver para onde levavam. Eram os únicos elementos sólidos e imutáveis em sua forma fluida, como se fossem mais reais do que ele próprio.
A visão daquelas correntes despertou algo protetor e feroz em meu peito. Independentemente do que aquele deus tivesse feito, qualquer que fosse o seu poder que exigisse tal aprisionamento, ver a evidência de seu cativeiro naquele lugar que ele mesmo criara fez meu coração doer de uma forma inexplicável. Eu o conhecia como temido e poderoso, terrível em seu domínio, apesar de seu aprisionamento físico. Mas aquelas correntes sugeriam uma subjugação mais completa do que eu imaginara — uma que o seguia até mesmo para o reino de sua própria mente.
A Morte parou diante de mim, pairando sobre meu corpo ajoelhado. Eu podia sentir seu olhar me perfurando, o peso de sua atenção pressionando meus ombros, fazendo-me querer me encolher. O silêncio se estendeu entre nós, e embora eu não percebesse nenhuma malícia vinda dele, o poder absoluto que emanava de sua presença tornava impossível erguer os olhos para os seus.
Os dedos da morte estenderam-se em minha direção com uma lentidão intencional, cada centímetro de movimento uma decisão, não um impulso. Observei-os aproximarem-se como se o tempo tivesse se adensado, incapaz de me mover, de fugir,

de sequer desviar o olhar. Quando finalmente fizeram contato com a minha pele, curvando-se sob o meu queixo com a sua... Sua habitual gentileza me atingiu como um choque, um relâmpago buscando o chão. Seu toque era frio — não o frio da carne privada de calor, mas o frio absoluto do espaço profundo, de lugares onde o calor jamais existiu. Deveria ter me queimado com sua intensidade, deveria ter me despedaçado como vidro no inverno, mas, em vez disso, enviou uma onda de quietude por todo o meu corpo, uma cessação de movimento tão completa que me esqueci até de respirar.

Ele inclinou meu rosto para cima, forçando meu olhar a percorrer sua altura impossível, passando pelas sombras oscilantes de sua capa, pelo branco reluzente de sua máscara, até que finalmente nossos olhares se encontraram.

Por trás das aberturas de obsidiana, eles brilhavam como estrelas gêmeas presas no gelo — um azul tão pálido que beirava o branco, mas que continha profundezas que falavam de eras passadas em silêncio vigilante. Eram antigos além da compreensão, aqueles olhos, janelas para uma existência que testemunhou o nascimento e a morte de mundos. Contudo, quando se fixaram nos meus, vi algo acender-se em suas profundezas congeladas — uma fome, um interesse, um foco que parecia concentrar toda aquela vasta atenção em um único ponto.

*Meu .*

A constatação fez meu rosto corar intensamente, um rubor vivo confrontando o frio do seu toque. Meus pulmões começaram a arder com a necessidade de ar, mas meu corpo permaneceu preso naquela perfeita quietude, dividido entre a vontade dele e a minha. Quando finalmente consegui respirar, o ar tinha gosto de noite e pinheiros, de florestas cobertas de geada e clareiras estreladas — lugares de silêncio perfeito onde a morte chegava tão suavemente quanto o sono. O aroma era inebriante, preenchendo minha mente com uma leveza que dificultava o pensamento e facilitava o desejo.

Apesar do terror que percorria meus nervos, apesar de saber que me ajoelhava diante de um ser cujo poder e natureza estavam além da minha compreensão mortal, eu me vi desejando diminuir a distância entre nós. Jogar-me contra seu peito, sentir aqueles braços desumanos me envolverem, entregar-me a qualquer destino que tal ação pudesse trazer. O desejo não fazia sentido — não era a atração intensa que eu sentia em direção a ele. Nem Valen, nem o conforto da conexão humana que às vezes eu ansiava em meu isolamento. Era algo mais profundo, mais primitivo — o reconhecimento de algo essencial à minha natureza que eu não conseguia nomear.

“Perdido na floresta de novo, pequeno cervo?” As palavras me envolveram como um cobertor familiar, quase a mesma frase que ele havia dito quando acordei pela primeira vez na minha cela. Mas aqui, neste reino, sua voz era diferente — não confinada por paredes de pedra ou pelas limitações de uma forma física. Era um sussurro que vinha de todos os lados ao mesmo tempo, do próprio ar, de dentro da minha própria mente. Cada sílaba continha harmonias que eu não conseguia discernir completamente, nuances que sugeriam significados além das palavras simples. Era belo e terrível, um som que podia remodelar a realidade ou destruí-la por completo.

A suavidade naquela voz, a mesma ternura que ele me demonstrara através da parede da cela quando eu estava no fundo do poço, quebrou algo dentro de mim. Meu queixo começou a tremer sob seu toque, uma emoção complexa demais para descrever subindo

pela minha garganta. Este era um deus que me curara ao custo de absorver minha dor, que me guiara pelos meus momentos mais sombrios. À sua maneira, ele fora minha única constante, meu único aliado em um mundo que se tornara nada além de dor e confusão.

A Morte dobrou os joelhos, sua figura imponente se curvando com a mesma graça deliberada até que seu rosto mascarado estivesse na mesma altura que o meu. Suas mãos, aquelas mãos impossíveis com seus dedos longos demais, moveram-se para emoldurar minhas bochechas, acariciando meu rosto com uma delicadeza que disfarçava sua força evidente. O frio de seu toque penetrou minha pele, não a anestesiando, mas a aguçando, intensificando cada sensação até que eu pudesse sentir as espirais individuais de seus dedos contra minha carne.

“Não chore, *yshera* ”, murmurou a Morte, seus polegares roçando minhas maçãs do rosto como se para enxugar lágrimas que não haviam caído. “Você está segura aqui.”

Engoli em seco, lutando para manter intactas as barreiras que construí ao redor do meu coração enquanto sentia seus dedos frios contra mim. pele. A ternura em seu toque desencadeou uma avalanche de emoções, um turbilhão dentro de mim que ameaçava se libertar.

Eu queria acreditar nele, queria me agarrar à ilusão de refúgio que ele oferecia — contudo, a escuridão ainda espreitava nos confins da minha mente, aquele eco de desespero persistindo como um espectro criado por mim mesma. Eu via o que aconteceria comigo se permanecesse na cela. Sabia com certeza que quem eu era agora se perderia na tortura de Valen, e eu não queria isso. Eu não queria me quebrar.

Não consegui me conter por mais tempo. Meus lábios tremeram, traindo minha determinação. Instintivamente, me inclinei em suas mãos, uma dor aguda se acumulando no centro do meu peito, como se tudo que eu havia perdido e tudo que ainda vou perder me oprimisse por todos os lados.

"Não quero mais me perder", sussurrei, as palavras escapando como um apelo carregado de desespero.

Uma única lágrima atingiu minha bochecha, escorrendo como um cometa riscando o céu escuro. Ela se prendeu em seus dedos, que acariciavam meu rosto, seu calor se misturando ao frio de sua pele, criando um calor inquietante contra o ar gélido que nos envolvia.

Seu olhar suavizou-se, um lampejo de algo que me lembrou a lasca de luz antes do amanhecer, rompendo o peso opressivo da noite. "Diga-me, como você chegou aqui?" Não havia acusação em seu tom, apenas suavidade, uma curiosidade sobre como eu havia chegado ajoelhada em sua catedral. Suas mãos permaneceram em cada lado do meu rosto, seu toque ao mesmo tempo uma âncora e uma marca, mantendo-me presente neste reino impossível. Fiquei grata por ele não ter mencionado minha lágrima, permitindo-me um momento de leveza onde não havia nenhum.

De repente, percebi que minha presença ali era inesperada — talvez até inédita —, algo que pegara aquele ser ancestral de surpresa. A constatação foi ao mesmo tempo aterradora e estimulante, como estar à beira de um precipício e sentir o vento me convidar a dar um passo em direção ao nada. .

Lutei para encontrar minha voz, debatendo-me com a intensidade do seu olhar. "Eu—" As palavras ficaram presas na minha garganta, ainda incerta se conseguiria falar sobre meus fios. Eu podia sentir a pulsação do nosso cordão branco-prateado, incitando-me a falar, a revelar o que eu havia descoberto, mas o medo me agarrava como grilhões de ferro.

Seu semblante permanecia sereno por trás da máscara, mas eu sentia uma corrente subterrânea de algo — expectativa? Inquietação? Isso fez meu coração disparar, descontrolado e indomável. O que havia nele que me atraía tão completamente? Era como se fôssemos duas metades de um todo maior — um eco de uma conexão forjada por sangue e sacrifício.

“Eu vi... outra versão de mim mesma”, confessei finalmente, cada palavra tremendo como se pudesse quebrar o silêncio entre nós. “Em um pesadelo. Ela estava... destruída.”

Seu aperto em meu rosto se intensificou quase imperceptivelmente, um lampejo de preocupação passando por aqueles olhos pálidos.

"Eu desejava conforto", eu disse, as palavras saindo atropeladas, desesperada para distraí-lo da visão que ainda me assombrava, não querendo que ela arruinasse o momento presente. "E então eu estava aqui, com você."

Por um instante, seus olhos me fitaram fixamente, buscando verdades que eu não tinha intenção de revelar. Mas então, tão rápido quanto surgiu, ele suavizou o olhar. A intensidade feroz cintilou naquelas profundezas pálidas, substituída por algo mais gentil, porém ainda carregado de um peso ancestral. "Você não se tornará essa mulher quebrada", disse ele, sua voz um sussurro calmo em meio às sombras que ecoavam. "Você não se quebrará."

Uma onda de emoção me invadiu ao ouvir suas palavras — esperança misturada com incredulidade. Como ele poderia me assegurar algo tão monumental? Em meu coração, senti os tentáculos do desespero se aproximando, rastejando em direção à minha própria essência. E, no entanto, ali estava esse deus — a personificação da própria morte — oferecendo-me consolo quando todas as evidências apontavam para minha inevitável decadência.

"Mas e se eu fizer isso?" A pergunta escapou dos meus lábios antes que eu pudesse reconsiderar, uma vulnerabilidade crua transparecendo. rachaduras na minha alma protegida. "E se for só isso que me resta? Você não a viu." Fechei os olhos com força por um instante, um tremor me percorrendo antes que eu pudesse continuar. Erguendo o olhar para o dele, sussurrei: "Ela... tinha ido embora. Um espectro vestido de pele. Eu preferiria morrer a me tornar ela."

O olhar da Morte endureceu ligeiramente e, por um instante, pensei que ela pudesse se afastar — decepcionada com a minha falta de fé. Mas, em vez disso, ela se inclinou para mais perto, a frieza de sua respiração roçando minha pele. “ *Yshera,* você é mais do que aquilo que teme. Você é mais forte do que pensa, e *você não vai quebrar* .”

Assenti com a cabeça, meus olhos alternando entre os dele enquanto eu tentava conter as lágrimas. As palavras pareciam insuficientes para expressar tudo o que eu sentia. A certeza em sua voz, a maneira como ele acreditava que suas palavras eram verdade, me deixou atônita. Me fez querer acreditar nele.

Inclinei-me para a frente, impulsionada por um impulso que não conseguia nomear. O movimento foi leve — apenas alguns centímetros a mais em direção a esse deus aterrador — mas, neste reino onde a intenção parecia moldar a própria realidade, aquela pequena mudança pareceu crucial, irrevogável. O frio que emanava dele intensificou-se, envolvendo-me como fumaça, e eu o acolhi.

Nesse instante, um brilho prateado contra a escuridão de sua forma chamou minha atenção. Olhei para baixo, além do ângulo agudo de seu queixo sob a máscara, ao longo da elegante coluna de seu pescoço até onde correntes prendiam seus pulsos. E ali, entrelaçados nos elos pesados, estavam fios — *meus* fios. Finos como teia de aranha, mas inconfundíveis, eles se enrolavam no metal em padrões complexos, terminando na algema que circundava seu pulso.

Minha mão se ergueu por conta própria, os dedos estendidos em direção a essa conexão inesperada. A Morte não se moveu para me impedir, embora eu sentisse uma tensão em seu corpo, uma quietude vigilante que sugeria que ela esperava para ver o que eu faria.

Lentamente, com cuidado, estendi os dedos para tocar o ponto onde o fio de prata encontrava o metal antigo. Os fios pareciam tentar me alcançar, enrolando-se na ponta dos meus dedos. Na saudação. Havia calor ali, apesar do frio penetrante do domínio da Morte. Era um calor de reconhecimento, de pertencimento. Puxei o fio delicadamente, como quem testa a corda de um instrumento.

O som que produzia não era audível, mas sentido — uma nota perfeita que ressoava em meus ossos, em meu sangue, em minha alma. E enquanto cantava, o impossível aconteceu. A corrente, aquele metal opaco que parecera mais real do que qualquer outra coisa neste reino mutável, começou a se dissolver. Não se quebrando, não se destrancando, mas simplesmente deixando de existir. Transformando-se de matéria sólida em partículas de luz que se espalharam na escuridão ao redor como poeira em um raio de sol.

Soltei um suspiro de espanto, meus olhos se arregalando em choque ao erguer o olhar para encontrar o da Morte. Seus olhos se estreitaram, a luz fria neles flamejando com uma emoção que eu não conseguia decifrar — surpresa, raiva, esperança? Naquele momento de reação desprevenida, vislumbrei algo sob a máscara, uma impressão fugaz de traços belos e terríveis em sua perfeição.

Então o mundo virou de cabeça para baixo.

A catedral de ossos e sombras desabou ao meu redor, a realidade se dobrando sobre si mesma com uma velocidade vertiginosa. Senti-me caindo — ou talvez voando — arrancado da presença da Morte e arremessado de volta através de qualquer fronteira que eu tivesse cruzado para alcançá-la. A jornada foi instantânea e eterna ao mesmo tempo, uma compressão de espaço e tempo que me deixou desorientado e sem fôlego.

Fui arremessado contra meu corpo com tanta força que caí de costas sobre meu colchão de palha, cada músculo se contraindo como se tivesse sido atingido por um raio. Meus pulmões se enchiam de ar, desesperados por um ar que de repente parecia rarefeito demais, mortal demais depois da riqueza do reino da Morte. Meus membros tremiam de exaustão, um cansaço profundo que sugeria que tudo o que eu fizera me custara caro, embora eu não tivesse sentido nenhum esforço no momento em si.

Então a escuridão me envolveu.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

# LEVIDADE ATRÁS DAS GRADES

" CO que você fez?

Soltei um gemido, a consciência retornando lentamente. Minha mente parecia crua, exposta — como se alguém tivesse aberto meu crânio e vasculhado meus pensamentos com dedos frios e deliberados.

Passos pesados ecoavam na cela ao lado da minha. Cada baque deliberado reverberava pela parede de pedra, vibrando contra a palma da minha mão enquanto eu a pressionava para manter o equilíbrio. Sete passos para um lado. O tilintar das correntes. Sete passos para trás. Os passos eram ritmados, mas urgentes, revelando uma agitação que eu nunca havia presenciado na Morte.

“Mireille”, a voz da Morte era aguda, insistente. “O que você fez?” Cada sílaba era pronunciada, seu tom raivoso… furioso. .

Me esforcei para me levantar, meus braços tremendo sob o meu peso. A cela girava diante dos meus olhos, a fraca luz da manhã filtrando-se pela grade alta, forte demais, intrusiva demais.

"Não sei o que você quer dizer", menti, mudando a posição do meu corpo para que minhas costas ficassem pressionadas contra a parede de pedra, aliviando um pouco a dor.

Ele parou de andar de um lado para o outro. O silêncio que se seguiu foi pior do que sua raiva.

“Não minta para mim, *yshera* .” Sua voz baixou para um sussurro, mas a ameaça nele contida me fez arrepiar. “Você estava lá. Em minha mente. Em meu domínio. Nenhum ser jamais ultrapassou essas muralhas.”

Então, eu estava certo. Não foi uma visão como as outras. Foi real.

"Não foi minha intenção", eu disse, com a meia-verdade amarga na língua. "Eu te disse, eu queria conforto e então... eu estava lá."

“Não é assim que funciona.” As correntes tilintaram enquanto ele se aproximava da parede entre nós. Imaginei-o pressionado contra ela, o rosto contorcido de suspeita e fúria. “Eu estava disposto a ignorar sua mentira antes de você—” Ele fez uma pausa, e então um som como um soco batendo contra uma pedra sacudiu as paredes. Recuei, surpreso com sua reação. “Existem limites que não podem ser cruzados sem intenção. Sem poder. E o que você fez teria exigido *imenso poder* ."

Poder. Eu não queria admitir o que ele estava insinuando, mas os fios prateados pulsavam nas bordas da minha visão, não permitindo nenhuma negação. Pisquei para afastá-los, assustada com a clareza com que os via agora, com a vontade de estender a mão e tocá-los novamente que vibrava sob minha pele.

"Eu não tenho nenhum poder", menti, as palavras embargadas pela emoção. "Sou apenas um mortal. Um prisioneiro. Nada mais."

O som que escapou de seus lábios talvez tenha sido uma risada, se o riso pudesse cortar como uma faca. "Você não pode acreditar nisso. Você entrou no meu domínio sem ser convidada. Você viu minha verdadeira forma. Você *dissolveu* uma das minhas correntes." Sua voz se tornou rouca. "Você não é *nada* , Mireille." ”

Fechei os olhos com força para conter sua raiva. Eu não sabia o que dizer. Mal sabia o que eu mesma fazia. "Por que você está tão bravo comigo?" A pergunta escapou dos meus lábios num sussurro, e eu sabia que ele perceberia a mágoa na minha voz.
Um som veio de sua cela — não exatamente um rosnado, não exatamente um suspiro. "Não estou *com raiva* de você", disse ele baixinho. "Eu estava apavorado. *Estou* apavorado." Outra pausa. "Você é frágil, Mireille. Delicada como você é, de maneiras que você não consegue compreender. Se eu fosse outro deus... se eu não tivesse reconhecido sua presença imediatamente e reagido como a maioria reagiria no meu lugar... Mireille, eu não teria simplesmente enviado sua alma para o vazio. Eu teria apagado sua existência completamente. Sem vida após a morte. Sem memória. Apenas... nada."
Meus lábios se entreabriram com sua confissão. O fato de ele não estar com raiva de mim, de estar *apavorado* por mim… Isso arrancou um som estrangulado da minha garganta.
“Você seria extinta com tanta facilidade”, continuou ele, e agora havia quase um tremor em sua voz. “Como a chama de uma vela ao vento. E… nem sempre consigo controlar o que acontece quando minhas amarras são quebradas, Mireille. O poder que retorna…”
Ele hesitou. “Um movimento em falso, uma gota de controle perdida, e você teria desaparecido. Não morta — *desaparecido* . Nem mesmo eu consigo restaurar o que foi completamente desfeito.”
Engoli em seco, tentando assimilar a enormidade do que ele estava dizendo. Sem saber, ele estava confirmando tudo o que Valen havia me contado durante o banho, e embora eu soubesse que Valen estava falando a verdade, e tivesse sentido aquele potencial de aniquilação em sua presença, eu não havia compreendido a verdadeira extensão da ameaça daquele deus até então.
"Eu não sabia", admiti em voz baixa.
“Não”, concordou ele. “E é exatamente por isso que era tão perigoso.”
Encostei-me à parede, atônita. "Estou bem", disse, com a voz suave, na esperança de tranquilizá-lo. "Você não me machucou."
“Desta vez”, respondeu ele, “você teve sorte. Da próxima vez, talvez não tenha.” ”
"Não haverá uma próxima vez", respondi automaticamente. "Nem sei como isso aconteceu."
O silêncio da cela dele me disse que ele não acreditava em mim. Eu não podia culpá-lo, eu também não acreditaria em mim. Mas eu não podia arriscar contar a ele sobre os fios, sobre o poder que crescia dentro de mim e que eu mesma mal compreendia.
“Guarde seus segredos”, disse ele por fim, mas não havia acusação em seu tom. Apenas uma aceitação cansada. “O que quer que você tenha descoberto ontem, qualquer poder que tenha tocado, apenas... prometa-me que você será mais cuidadoso. Comigo. Com os outros.”
Assenti com a cabeça, embora me sentisse vazia, o peso da sua preocupação pressionando as paredes da minha mente como um torno. Os fios pulsavam fracamente em reconhecimento, como se me incitassem a ser cautelosa, a acatar o aviso da Morte. Contudo, a verdade permanecia silenciosa — como poderia eu ser cuidadosa quando

tudo nessa situação era tão perigoso, tão instável? Cada momento oscilava à beira de um precipício, e eu estava completamente despreparada para a queda.
E eu não podia ficar. Precisava fugir. Vi meu destino, sabia no que me transformaria.
Fechei os olhos e imediatamente a vi — aquele resquício do meu futuro, aquela criatura quebrada e definhada em que eu me transformaria se ficasse. Não. Eu não me tornaria ela. Eu não deixaria Valen me reduzir a um fantasma enquanto eu ainda respirasse.
Eu *precisava* escapar. O mais rápido possível.
Encolhi os joelhos contra o peito, as bordas do novo robe se acumulando em torno das minhas coxas enquanto eu traçava os fios com os olhos — aquelas linhas delicadas e brilhantes se desdobrando do meu corpo como teias de aranha tecidas por alguma aranha divina. Meu poder. Meu segredo.
A voz dela ecoava na minha mente. A lembrança dela, de mim, acorrentada como uma boneca esquecida, a pele um mapa de cicatrizes e sangue, os olhos vazios. Isso me embrulhou o estômago. Eu ainda conseguia sentir como a carne dela se desfez sob meu toque, dissolvendo-se em fios prateados.
Eu podia fazer isso. Eu *tinha* que fazer isso . .
Eu havia aprendido suas rotinas, estudado seus hábitos. E notei, mais de uma vez, que ele nunca fechava a porta da minha cela durante nossas sessões. Por que fecharia? Eu estava amarrada, indefesa. Os guardas me prendiam antes de ele chegar e me recolhiam quando ele terminava. A porta era irrelevante. Destrancada.
Mas, e se eu não estivesse preso?
Respirei fundo, elaborando o plano. A obsessão de Valen só havia aumentado desde que parei de me encolher diante dele, desde que comecei a responder com desejo em vez de medo. Seu controle escapou quando igualei sua escuridão à minha. Se eu conseguisse seduzi-lo a ponto de fazê-lo soltar as algemas, fazê-lo acreditar que eu queria tocá-lo tanto quanto ele queria me tocar...
A onda de lembranças, a forma como minhas veias queimavam de dentro para fora quando ele me tocou, me fez estremecer com um emaranhado de desejo e medo, mas eu a afastei. Sua reação a mim era a arma que eu usaria contra ele, a fraqueza que eu exploraria.
Meu plano ficou claro, embora a execução exigisse todo o autocontrole que eu possuía. Quando Valen chegasse — e ele viria, ele havia me dito que viria hoje — eu não lutaria contra ele. Não recuaria em silêncio desafiador nem tentaria quebrá-lo com desejo. Eu seria dócil. Obediente. Deixaria que ele pensasse que havia me alcançado, que estava vencendo.
E quando ele baixasse a guarda, quando me soltasse daquelas algemas, eu me moveria. Se eu conseguisse colocar uma algema em seu pulso, mesmo que por um instante... O pensamento fez meu coração disparar, tanto de esperança quanto de medo.
Eu entendi o risco. Se eu falhasse, sua retribuição seria rápida e implacável. Meu eu do futuro havia me mostrado exatamente o que me aguardava caso isso acontecesse. Mas se eu tivesse sucesso… liberdade.
“ *Yshera* ”, rosnou a Morte, e eu dei um pulo, percebendo que havia me perdido completamente em meus pensamentos. “Prometa-me que terá cuidado.”

"Serei cuidadosa", respondi sem hesitar, a mentira escapando facilmente da minha boca. Eu não tinha a menor intenção de ser cuidadosa. Com a intenção de ser implacável, determinado, imparável. Qualquer poder que eu tivesse tocado naquele momento com a Morte, qualquer poder que me permitisse dissolver suas correntes e ver os fios que conectam todas as coisas, eu o usaria sem hesitar se isso significasse escapar deste inferno.

“Por que você me chama *de yshera* ?”, perguntei, mudando de assunto deliberadamente, pois precisava falar sobre qualquer outra coisa.

Do outro lado do muro veio o leve tilintar de correntes, seguido por um leve arranhão de movimento, como se ele tivesse passado a mão pelos cabelos ou a palma da mão cansada pelo rosto.

“Hum, isso.” Sua voz mudou, agora mais leve, mas percebi o esforço por trás dela, como se ele sentisse que eu precisava de uma pausa das advertências divinas. “Receio que você não goste da minha resposta.”

Minhas sobrancelhas se ergueram com a mudança repentina. Algo em sua esquiva provocou uma reação semelhante em mim, um alívio bem-vindo após tantos dias de dor e medo.

"É mesmo?", perguntei, suavizando meu tom de voz. "Agora estou ainda mais curioso."

“Tenho quase *certeza de* que você não gostaria da minha resposta”, disse a Morte, e percebi um lampejo de divertimento em sua voz, seca e zombeteira, um vislumbre do homem com quem conversei em nossos tempos áureos. “Algumas coisas é melhor deixar no mistério. Principalmente aquelas que podem ferir seu delicado orgulho mortal.”

Meus lábios se curvaram num sorriso irônico, apesar de tudo, enquanto meus dedos traçavam padrões ociosos na pedra fria entre nós. "É terrivelmente ofensivo? Algum termo antigo para 'incômodo mortal que faz perguntas demais'?"

Uma risada baixa e grave ecoou de sua cela, rica e calorosa. Estranho como um único som podia derreter o frio entre nós.

“Nada tão banal”, disse ele, e pude perceber um leve sorriso em sua voz. “Embora essa descrição não seja totalmente imprecisa.”

Meu sorriso se alargou, estranho e incomum em meu rosto depois de tanta dor. "Vamos, meu senhor", murmurei, minha voz baixando para um sussurro sensual. "Você não sabe que é É falta de educação chamar uma senhora por outro nome e depois se recusar a explicar o motivo?

"Meu senhor?" Sua risada era surpresa, genuína. "O senhor nunca se dirigiu a mim de forma tão formal antes."

“Nunca tentei arrancar segredos de você antes”, respondi, pressionando a palma da minha mão contra a pedra fria que nos separava. “Agora que penso nisso… Devo te chamar de ‘ *meu deus’* em vez disso?”

Um som abafado escapou de seus lábios — meio riso, meio suspiro preso na garganta. "Cuidado com esse tom, *yshera* . Você pode descobrir que sou menos imune aos seus encantos do que gostaria."

Eu ri, um som suave e genuíno que soava estranho na minha garganta. Por um instante, quase pude esquecer onde estávamos. Quase pude imaginar que éramos meros conhecidos flertando em alguma reunião da alta sociedade.
Por um instante, um instante, eu quis fingir. Me jogar na visão de nós dois nos encontrando em um banquete, ou talvez, nos esbarrando no pub para onde Islode sempre quis me levar. Fingir que éramos duas pessoas normais, que talvez tivessem trocado olhares através de uma multidão e decidido que precisavam conversar.
"Você presume que estou tentando te encantar", sussurrei, deixando minha voz carregar um tom de provocação. "Talvez eu esteja simplesmente curiosa."
"A curiosidade", respondeu a Morte, com a voz num ronronar baixo, "é o que atrai os mortais aos precipícios mais perigosos."
Encostei a cabeça na parede, uma estranha sensação de calor florescendo em meu peito apesar do frio da pedra. "Meu arauto", eu disse em tom de brincadeira, minha voz vibrando com uma jovialidade que eu não sentia há semanas, "você está *flertando* comigo?"
Uma risada suave ecoou pela pedra. "Devo estar muito fora de prática se você só percebeu agora. Venho tentando flertar com você há um bom tempo."
Sua confissão fez com que uma onda de calor se espalhasse pelo meu peito. Passei os dedos pela parede entre nós, imaginando que podia sentir o calor da sua pele através da pedra. .
"Eu teria pensado que você estaria acima de tais passatempos mortais", eu disse, mantendo a voz leve mesmo com o pulso acelerado. "Deuses e sua perspectiva eterna e tudo mais."
“A eternidade”, respondeu ele, baixando a voz para aquele tom perigoso que me fazia arrepiar, “pode ser terrivelmente solitária sem a ocasional indulgência nos prazeres curiosos de um mortal.”
Engoli em seco, repentinamente consciente da intimidade que nossa conversa havia adquirido. Os fios ao meu redor pulsavam com mais intensidade, respondendo ao meu coração acelerado, o cordão branco-prateado que me conectava à Morte brilhando com uma intensidade quase dolorosa.
“É isso que eu sou para você? Um mero mortal curioso?”
“Você é muitas coisas para mim, Mireille”, disse a Morte, sua voz repentinamente desprovida de tom provocador. “Mortal curiosa é apenas o começo.”
Um calor floresceu sob minha pele, um calor absurdamente juvenil, como o de uma filha de nobre protegida suspirando por sua primeira paixão secreta. Um desejo inexplicável me invadiu. Eu queria, precisava, transpor a distância física entre nós.
“Mireille.” Apenas meu nome, mas dito com tanta delicadeza que me paralisou. “Venha aqui.”
Meu coração deu um salto no peito. No passado, ele estendeu a mão quando eu estava despedaçada, quando certamente teve pena de mim. Mas agora, não havia cura a ser feita, nenhum consolo real a ser oferecido. Essa oferta... era algo diferente, algo que me fez prender a respiração. Um toque, apenas um toque.

Meu coração batia forte contra as costelas, seu ritmo repentinamente errático. Havia um significado naquele gesto, uma importância que eu não conseguia compreender completamente. O fio que nos unia parecia puxar, impulsionando-me para frente.
Lentamente, aproximei-me da quina que nos separava. Conseguia ver sua mão através das grades, firme e paciente, aqueles dedos longos ligeiramente curvados como se já sentissem o formato dos meus entre eles.
"Por quê?" sussurrei, minha voz mal se fazendo ouvir. .
Ele não respondeu imediatamente, mas percebi uma mudança em sua atenção, tornando-se mais... vulnerável. "Porque preciso ter certeza de que você está bem." Suas palavras foram baixas, quase imperceptíveis diante da pedra. "Que eu não te machuquei quando te afastei da minha mente."
A dor no meu peito se intensificou. Olhei para a sua mão estendida, para os calos e veias, as cicatrizes que mapeavam mil vidas. A mão de um deus. A mão de um assassino. Mas quando me tocou, jamais me tratou como algo destinado a ser quebrado. Apenas como algo que valia a pena segurar.
Meus dedos se moveram para pairar sobre os dele, tremendo levemente com o peso dessa escolha. Aceitar seu toque era reconhecer algo que eu não tinha certeza se estava pronta para encarar. Uma conexão mais profunda do que mera circunstância, uma atração que eu não conseguia explicar como simples instinto de sobrevivência.
Seus dedos se flexionaram uma vez, um gesto de um homem se contendo para não sucumbir a uma necessidade mais profunda. Forçando-se a esperar, apenas esperar, que eu diminuísse a distância entre nós.
“Mireille”, disse ele novamente, mais suavemente desta vez. Meu nome soou como uma prece em seus lábios.
E algo dentro de mim se rompeu. Não dolorosamente, mas como gelo rachando sob o primeiro sopro quente da primavera, libertando o que estava congelado por baixo.
Deixei de lado minha hesitação. Permiti-me *desejar* .
Deslizei meus dedos nos dele.
O contato foi como um relâmpago, uma sensação crua e intensa que percorreu todo o meu corpo. Seu aperto em torno do meu se intensificou, firme e desesperado, como se temesse que eu pudesse desaparecer se ele não me segurasse com firmeza. Seu polegar roçou lentamente meus nós dos dedos, reverente e familiar, como se me conhecesse de uma forma que ninguém jamais ousara.
"Você está inteiro", murmurou ele, com a voz rouca, carregada de uma aspereza que não era de alívio.
Eu conseguia sentir o leve tremor em seus dedos, a maneira como eles traçavam meus nós dos dedos com precisão meticulosa, catalogando cada saliência e reentrância óssea como se os estivesse memorizando. Isso não era... O toque de um mero conhecido. Era o toque de alguém que temera a perda e encontrara salvação no mais simples dos contatos.
"Você achou que eu não estaria?", perguntei, com a voz mais baixa do que pretendia.
Seu polegar traçou um círculo lento no dorso da minha mão. "Eu só queria ter certeza."

Ficamos sentados assim, de mãos dadas, através da parede de pedra que nos separava, por um tempo que pareceu horas, mas que talvez tenham sido apenas minutos. Nosso fio vibrava entre nós, sua luz projetando sombras na minha cela.
Naquele silêncio, algo se acalmou dentro de mim. Uma decisão que eu não havia tomado conscientemente até aquele momento.
"Vou escapar por aqui", eu disse baixinho, as palavras quase inaudíveis.
Sua mão permaneceu firme na minha, sem apertar nem se afastar. "Eu sei."
Virei o rosto para a parede, pressionando a testa contra a pedra fria como se pudesse vê-lo através dela. "Não vou te deixar."
Agora seus dedos apertaram os meus com força, quase dolorosamente. “Mireille—“
“Não”, interrompi, surpreendendo-me com a firmeza da minha voz. “Já me decidi. Não vou deixar você acorrentado aqui.”
Um suspiro escapou-lhe dos lábios. Não chegou a ser uma risada. Não chegou a ser um suspiro. "Você não entende o que está prometendo."
Apertei meu aperto, senti o poder contido em sua mão, a força ancestral pulsando logo abaixo de sua pele. "Talvez não", admiti. "Mas prometo mesmo assim."
Silêncio.
Quando finalmente falou, o calor havia se esvaído de sua voz, deixando em seu lugar algo mais áspero — algo que ressoava com o peso dos séculos.
“Você se esquece do que eu sou, pequeno cervo”, disse ele, com a voz baixa e mortalmente calma. “Eu já lhe disse, eu não sou *gentil* . Eu não sou *bom* . E Se vocês me libertarem, eu me vingarei daqueles que me fizeram mal. Sem hesitar. Sem restrições.
Eu não me intimidei, não me mexi. Eu não estava com medo.
“Não confunda a maneira como eu *te trato* com a maneira como tratarei o resto do mundo.”
Ele fez uma pausa.
“Não me confundam com alguém misericordioso.”
Seu polegar roçou meus nós dos dedos novamente — suave, reverente. Uma contradição que se tornou carne.
E apertei sua mão com mais força, sabendo que lutaria. Por mim, pela Morte, por um futuro onde ambos caminhássemos livres.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

# À ESPERA DELE

Os dedos da terra escorregaram dos meus momentos antes de eu finalmente ouvir a cadência familiar de passos ecoando pelo corredor de pedra.

Meus três guardas, chegando para o trabalho da noite. Engoli em seco, a garganta seca enquanto limpava a palma da mão no tecido macio do meu robe. Esta noite não seria como as outras. Esta noite, tudo mudaria. Fechei os olhos, reunindo as pontas soltas da minha determinação ao meu redor como uma armadura. Eu havia planejado minha fuga o dia inteiro, minha decisão finalizada — chega de tortura, chega de cativeiro. Esta noite, eu escaparia com a Morte ou morreria tentando.

Movi-me para o centro da minha cela, assumindo a posição que esperavam. Braços à frente, ombros retos, queixo erguido. A postura de uma prisioneira que havia aprendido a sua. papel. Mas por baixo daquela máscara de submissão, minha mente trabalhava a mil, repassando ângulos, distâncias, momentos. As algemas. A porta aberta. A aproximação de Valen. O momento tinha que ser perfeito.

A porta gradeada deslizou, abrindo-se com um rangido familiar de metal enferrujado. Os três guardas entraram em fila, uma dança de cativeiro bem ensaiada. O mais velho entrou primeiro, as chaves tilintando em seu cinto, o rosto marcado pelo tempo tão impassível como sempre. O guarda do meio veio em seguida, forte e silencioso, os olhos firmes e inflexíveis. O mais jovem entrou por último, o nariz quebrado um símbolo da minha afronta, o olhar cauteloso como se esperasse que eu o atacasse novamente.

“Boa noite, princesa”, cumprimentou-me o guarda mais velho de forma ríspida, e de repente percebi que não sabia o nome de nenhum deles.

"Como vocês se chamam?", perguntei, ofegante, precisando saber. A vontade era tão forte que pressionei a mão contra o peito. Era como se eu não pudesse continuar sem saber quem eles eram. "Quais são os seus nomes?"

O guarda mais velho piscou, momentaneamente surpreso com minha pergunta inesperada. Ele olhou para os outros, a confusão cruzando seu rosto antes de se virar para mim, um vislumbre de algo mais suave sob sua aparência austera. "Eu sou Éris", disse ele finalmente, com um toque de orgulho na voz.

O guarda mais jovem mudou de posição, lançando-me um olhar com uma mistura de apreensão e curiosidade. "Finn", murmurou ele, quase inaudível.

“E eu sou Tavin.” A voz do guarda do meio era baixa, firme como pedra. Seu olhar encontrou o meu, revelando algo mais do que mera cautela — um lampejo de compreensão que me fez estremecer.

Assenti com a cabeça, estendendo minhas mãos vazias em um gesto de submissão ensaiada.

Tavin moveu-se para o centro da cela, estendendo a mão para as correntes que pendiam do teto — os instrumentos do meu tormento noturno. O metal raspou contra a pedra enquanto ele as puxava para baixo, até a minha altura, o som arrepiando-me os dentes. As algemas nas pontas daquelas correntes estavam manchadas de escuro com sangue antigo — o meu sangue. .

"Braços para cima", instruiu Eris, embora eu já conhecesse a rotina.

Levantei os braços, sentindo a dor familiar nos ombros. Quantas vezes eu já tinha sido pendurada assim? Quantas horas eu tinha passado pendurada, com o peso do meu corpo suspenso pelos pulsos, enquanto Valen explorava os limites da minha resistência? Incontáveis vezes. Mas nunca mais.
"Não aperte muito?", perguntou Eris, com a voz baixa enquanto fechava a algema em volta do meu pulso direito.
Balancei a cabeça, encontrando seu olhar por um instante. Não havia crueldade ali, apenas dever. Aquele homem sempre fizera o que lhe mandavam, nada mais, nada menos. Em outra vida, sob outras circunstâncias, talvez tivesse sido bondoso. Talvez todos tivessem sido. Os únicos guardas bondosos que eu teria conhecido.
Quando Finn estendeu a mão para o meu pulso esquerdo, senti uma pontada de algo quase como arrependimento. Aqueles homens não eram meus inimigos, não de verdade. Eram apenas peões no jogo de Valen, assim como eu tinha sido. Quando eu escapasse, o que seria deles? A fúria de Valen precisaria de uma válvula de escape, e eles seriam os alvos mais próximos.
A última algema fechou, o peso familiar se acomodando contra minha pele. Finn verificou duas vezes, sempre se certificando de que estava segura sem causar dor. Outra pequena gentileza que eu guardaria na memória.
“Tudo pronto”, disse ele, dando um passo para trás enquanto Tavin começava a puxar a corrente, estendendo meus braços acima da cabeça. Fiquei na ponta dos pés, distribuindo meu peso para aliviar a tensão nos ombros.
Éris assentiu uma vez, uma avaliação final do trabalho deles. "Ele já chega", disse, as mesmas palavras que repetia todas as noites. Um aviso. Uma contagem regressiva.
Observei enquanto eles saíam, primeiro Finn, depois Tavin e, por fim, Eris. Na porta, Eris parou, com a mão nas grades de ferro. Por um instante, pensei que ele fosse dizer algo — um aviso, talvez, ou algum conselho final. Mas ele apenas assentiu, seus olhos encontrando os meus por um instante antes de deixar a porta entreaberta, como sempre fazia. .
Aquele mesmo arrependimento se intensificou em meu peito. Era uma sensação tão estranha, mas eu me vi sentindo-a mesmo assim. Aqueles guardas que me viram sofrer noite após noite, que foram companheiros no meu pesadelo de vida... Pelo menos agora eu sabia seus nomes. Nomes que levaria para o vazio e além.
O som de seus passos se afastando ecoou pelo corredor, diminuindo gradualmente até que o silêncio retomou a masmorra. Eu estava sozinha novamente, suspensa pelos pulsos, esperando a chegada de Valen.
Eu *sempre ficava* esperando a chegada de Valen.
Fechei os olhos, concentrando-me na minha respiração, inspirando profundamente. Calma. Eu precisava estar calma. Para pensar com clareza. Para agir no momento exato. Eu só teria uma chance. Um momento perfeito para virar o jogo contra o Deus do Sangue e da Conquista.
Os fios prateados dançavam com mais urgência agora, como se pressentissem o confronto iminente. A corda carmesim-prateada que me ligava a Valen pulsava com uma luz febril, quase cegante em sua intensidade. Estaria me avisando? Me incitando a

seguir em frente? Eu não sabia dizer, e não havia tempo para decifrar seu significado agora.

Eu o senti antes de ouvi-lo.

Meu coração acelerou, batendo tão forte contra minhas costelas que temi que ele pudesse ouvi-lo até mesmo do corredor. Forcei minha respiração a permanecer constante, minha expressão neutra enquanto abria os olhos.

Eu vou resistir. Eu vou escapar. Eu não vou quebrar.

As palavras se tornaram um mantra em minha mente à medida que os passos se aproximavam.

E então ele estava lá, parado do lado de fora da minha cela, sua alta estatura bloqueando a fraca luz do corredor. Valen. Meu captor. Meu algoz. Meu marido.

Ele vestia uma túnica preta simples que se ajustava à ampla extensão do seu peito, calças da mesma cor e botas que faziam Quase nenhum som enquanto ele se aproximava das grades. Seus cabelos negros caíam soltos sobre a testa, emoldurando um rosto que não deveria ser tão bonito, dada a crueldade que tantas vezes expressava.

Por um longo momento, ele simplesmente ficou ali parado, observando-me através das grades. Seus olhos negros, profundos como o vazio entre as estrelas, captavam cada detalhe do meu corpo suspenso — a forma como meu cabelo caía sobre meus ombros, o tecido fino do meu robe colado ao meu corpo, o relaxamento deliberado dos meus membros que disfarçava a tensão que se acumulava dentro de mim.

Sustentei seu olhar sem desviar, lembrando-me da última vez que estivemos juntos. A delicadeza com que lavou meus cabelos, a história vulnerável que compartilhou sobre sua criação da mortalidade, a ternura que nos envolveu. Aquele momento fora real. Tão real quanto a tortura que o precedeu, tão real quanto a fuga que agora eu planejava.

Seus lábios se curvaram num leve sorriso, um gesto que poderia ter sido confundido com afeto por alguém desavisado. Mas eu o conhecia agora — conhecia as camadas de cálculo por trás de cada expressão, cada toque, cada palavra.

Lentamente, deliberadamente, ele entrou pela porta da minha cela, abrindo-a ainda mais para dentro. Meu coração disparou. Ele a estava deixando aberta. Exatamente como eu havia previsto. Exatamente como eu precisava que fosse.

Ele se aproximou com uma graça tranquila, cada passo o trazendo mais perto de onde eu estava suspensa. Sem armas em suas mãos esta noite, notei com alívio cauteloso. Sem chicote, sem lâminas, sem instrumentos da dor que ele tanto amava infligir. Apenas suas mãos, vazias e abertas ao lado do corpo. Aquelas mãos que tanto me feriram quanto me deram prazer, que rasgaram minha carne e depois lavaram o sangue com uma delicadeza surpreendente.

Ele parou bem na minha frente, tão perto que eu podia sentir o calor antinatural irradiando de sua pele, o estranho cheiro metálico que sempre o acompanhava — o cheiro da divindade, do sangue, de um poder além da compreensão mortal.

Inclinei a cabeça para trás para sustentar seu olhar, minha respiração falhando apesar da minha determinação em permanecer impassível. Tão perto, eu Conseguia ver o leve tom carmesim que rodopiava em seus olhos, como fumaça atrás de um vidro escuro. Os olhos de Deus. Observando-me. Analisando-me. Desejando-me de maneiras que eu ainda não compreendia completamente.

O fio vermelho-prateado que nos unia esticava-se, vibrando de tensão. Uma última noite. Um último confronto. E então, liberdade — ou morte. De qualquer forma, meu eu futuro, pendurado, quebrado e vazio nessas mesmas correntes, deixaria de existir.
Eu não me tornaria ela. Eu havia *prometido* .

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

# UM DEVASTADOR

Permanecemos em silêncio, o espaço entre nós carregado de verdades não ditas e mentiras cuidadosamente elaboradas.

As paredes de pedra da minha cela pareciam se aproximar, como se até elas quisessem testemunhar o que aconteceria entre a princesa cativa e o deus que a reivindicara. Sentia o peso da minha própria respiração, pesada nos pulmões, cada expiração uma contagem regressiva para o momento em que conquistaria minha liberdade ou perderia tudo. Valen me estudava com aqueles olhos insondáveis, procurando por algo que eu não conseguia nomear — talvez uma rachadura na minha determinação, um indício da rebeldia que ele esperava de mim. Mas esta noite, eu lhe oferecia apenas quietude, uma tela na qual ele pudesse pintar. seus próprios desejos.

Sua cabeça inclinou-se ligeiramente, um gesto tão sutil que poderia ter passado despercebido. Curiosidade. Suspeita, talvez. Eu não o cumprimentava com silêncio desde o banquete. Desde que provei seu sangue, houve raiva, desafio, medo, desejo descarado. Não essa aceitação silenciosa.

Observei os cálculos se desenrolarem em seus olhos, o leve estreitamento, o lampejo de algo que poderia ter sido incerteza.

Ele ergueu a mão com uma lentidão deliberada, dando-me tempo para recuar, para demonstrar medo. Eu não o fiz. Permaneci imóvel, pendurada pelas correntes, observando-o com a mesma neutralidade cautelosa que ele tantas vezes me demonstrava. Seus dedos pairaram perto do meu rosto por um instante, dois, antes de tocarem minha bochecha.

O toque era incrivelmente suave, quase um sussurro de pele contra pele. Seu polegar deslizou pela curva da minha maçã do rosto com uma ternura que denunciava a força que eu sabia residir naquelas mãos. A contradição nele nunca deixava de me desestabilizar, mesmo agora, quando eu pensava ter catalogado todas as suas armas.

“Sem comentários ácidos para mim hoje?”, perguntou Valen, com a voz baixa e rica, como mel com um toque de veneno. Seu polegar continuou a explorar meu rosto delicadamente, deslizando para baixo até traçar o contorno do meu queixo. “Sem palavrões? Sem ameaças?”

Engoli em seco, sentindo o movimento contra seus dedos. O calor da sua pele contra a minha enviou uma onda de prazer por todo o meu corpo. Eu odiava ainda corresponder aos seus desejos, mesmo agora, mesmo sabendo o que planejava fazer.

Lentamente, deliberadamente, balancei a cabeça negativamente. Uma resposta silenciosa à sua pergunta, que não exigia mentiras. Não, eu não tinha comentários mordazes. Não hoje. Hoje era para ações, não para palavras.

Algo brilhou em seus olhos — um lampejo de surpresa, talvez decepção. Eu sabia que ele gostava de nossas trocas de farpas, nossa forma de preliminares antes da dor. Mas eu não podia me permitir distrair. Precisava manter o foco.

“Espero que nosso último encontro não tenha te deixado mole”, murmurou ele, seus dedos deslizando até minha garganta, repousando levemente. sobre meu pulso. Será que ele conseguia senti-lo acelerar sob seu toque? Será que ele conseguia perceber como

meu coração disparava, não de medo, mas de expectativa? "Eu detestaria que você perdesse sua chama."
"Nunca", sussurrei, a palavra escapando dos meus lábios como uma promessa. Não era mentira. Eu jamais seria frágil, jamais seria quebrada, jamais seria o vazio que vi em minha visão. Mas ele não precisava saber toda a verdade daquele juramento. "Eu já te disse uma vez, você não encontraria paz comigo."
Um sorriso curvou seus lábios, pequeno e discreto, como se compartilhássemos uma piada interna. "Então você fez isso", disse ele, e as palavras carregavam um calor que fez algo se contorcer dolorosamente no meu peito. Como ele podia soar quase afetuoso em um instante e ser capaz de me despedaçar no seguinte? Como aqueles mesmos lábios que me ordenaram a obedecer como um cãozinho agora podiam falar comigo com o que parecia ternura?
Sua mão deslizou para acariciar meu rosto, os dedos se enroscando em meus cabelos na nuca. Não era um toque ameaçador — eu poderia ter me afastado se as correntes tivessem permitido. Em vez disso, era um toque possessivo, íntimo, o toque de um amante, não de um torturador. Quase me entreguei a ele.
“Você está diferente esta noite”, observou ele, estudando-me com uma intensidade que me fez arrepiar. “Mais quieta. Observadora.” Seu polegar roçou minha maçã do rosto, um carinho leve como uma pluma que me fez sentir um calor percorrer meu corpo. “O que você está pensando por trás desses olhos prateados, princesa?”
Refleti cuidadosamente sobre minha resposta, consciente de que um único passo em falso poderia arruinar tudo. "Estou pensando", disse eu, em um sussurro, "que você também está diferente esta noite."
Ele ergueu uma sobrancelha, com um sorriso divertido estampado no rosto. "Será?"
"Você ainda não me machucou." As palavras eram simples, verdadeiras. O sorriso de Valen se alargou ligeiramente, um sorriso predatório que deveria ter me assustado, mas que, em vez disso, me causou um arrepio traiçoeiro.
“A noite é uma criança”, disse ele, mas não havia nenhuma ameaça real em seu tom. Seu olhar desceu até meus lábios, demorando-se ali com intenção inconfundível. "Mas não tenho certeza se quero te causar dor esta noite."
Fiquei sem ar.
Ele queria me beijar.
Eu deveria ter sentido repulsa. Deveria ter me virado, deveria ter cuspido na cara dele. Mas a mulher que eu fora, a princesa que teria recuado ao toque do Rei de Sangue, havia desaparecido, substituída por alguém mais dura, mais pragmática. Alguém que reconheceria e usaria todas as armas à sua disposição para garantir sua liberdade.
E se essa arma fosse o desejo — o dele por mim, o meu por ele — que assim seja.
Me ergui na ponta dos pés, aliviando a tensão nos pulsos e aproximando meu rosto do dele. As correntes acima de mim tilintaram suavemente com o movimento, um contraponto metálico à batida acelerada do meu coração. Inclinei o queixo para cima, oferecendo-lhe melhor acesso aos meus lábios, um convite silencioso que fez seus olhos escurecerem de desejo.
“Mireille”, ele sussurrou, meu nome como uma pergunta e um carinho. Suas mãos se moveram para emoldurar meu rosto, segurando-me como se eu fosse algo frágil, algo que pudesse se quebrar em suas mãos.

O absurdo da situação quase me fez rir. Depois de tudo que ele me fez, depois de cada corte, chicotada e hematoma, agora ele me tratava como se eu fosse de vidro? Mas o riso morreu na minha garganta quando ele se aproximou, sua respiração se misturando à minha, nossos lábios a um sussurro de distância.

Ele fez uma pausa, seus olhos procurando nos meus por algum engano, alguma armadilha. Mas eu sabia que ele não encontraria nada. Não porque eu tivesse enterrado isso tão fundo que nem mesmo um deus pudesse ver, mas porque uma parte profunda e traiçoeira de mim também queria que ele me beijasse.

Então, ele diminuiu a distância entre nós.

Seus lábios roçaram os meus, tão suavemente que mal se podia chamar de beijo. Um fantasma de contato, uma sugestão de intimidade em vez de sua consumação. Sua contenção me surpreendeu, acostumada como eu estava à sua fome exigente. Essa ternura cuidadosa era quase mais devastadora do que sua força habitual. .

Percebi que buscava o contato, inclinando-me para o calor de sua boca quando ele começou a se afastar. A ação não foi calculada — foi puro instinto, uma resposta à inesperada gentileza que ele ofereceu. Meu corpo traiu minha mente, buscando mais dessa rara suavidade do deus que me mostrara tanta crueldade.

Valen emitiu um som grave, algo entre um gemido e um suspiro, antes de pressionar seus lábios com mais firmeza contra os meus. Ainda gentil, ainda controlado, mas com um calor subjacente que me causava arrepios. Seus dedos se enroscaram em meu cabelo, os polegares traçando pequenos círculos, irritantes, na pele delicada sob minhas orelhas.

Eu não deveria querer isso. Não deveria me entregar ao seu toque, não deveria deixar meus olhos se fecharem, não deveria sentir esse aperto no peito com a ternura que ele me demonstrava agora. Este era o monstro que massacrou minha família, que me torturou por semanas, que quase me matou em sua luxúria descontrolada. E ainda assim…

E, no entanto, sua boca se movia contra a minha com uma reverência que fazia meu coração doer. Como se ele estivesse descobrindo algo novo e precioso, como se aquele simples contato significasse algo além do físico. Seus lábios eram mais macios do que deveriam ser, quentes e insistentes sem serem exigentes. Ele tinha um leve gosto de vinho e algo mais escuro, metálico, o sabor sempre presente do sangue que parecia entrelaçado em seu próprio ser.

Um som escapou-me. Não exatamente um gemido, não exatamente um lamento, mas algo entre o prazer e o desespero. Era doce demais, cuidadoso demais, demais. Eu nunca quis intimidade com ele. Mas agora… Agora que senti o que ele poderia ser… Isso tornou o que eu planejava fazer mais difícil, mais complicado, carregado de uma culpa que eu não poderia ter previsto.

Senti o sorriso dele contra meus lábios, a leve curva de satisfação por ter conseguido tal reação de mim sem forçar ou causar dor.

eu *queria* mergulhar nessa versão dele, explorar. O que poderia ter existido entre nós sem as barreiras da sua vingança?

Ele recuou o suficiente para encontrar meu olhar, com as mãos ainda acariciando minha cabeça.

Tentei me lembrar do meu mantra.
*Eu vou resistir. Eu vou escapar. Eu não vou quebrar.*
*Eu vou perseverar.*
*Eu vou escapar.*
*Eu não vou ceder.*
*Eu não vou ceder.*
*Eu não vou ceder.*
Eu queria um último momento com meu captor.
"Não pare", sussurrei, deixando transparecer um toque de desespero na minha voz. " *Por favor* ."
Seus olhos se arregalaram ligeiramente com o apelo, talvez o primeiro que eu lhe fizesse genuinamente desde nossa noite de núpcias, sem qualquer traço de sede de sangue ou manipulação. Seu polegar pressionou meu lábio inferior, puxando-o levemente para baixo antes de inclinar a cabeça mais uma vez.
Dessa vez, o beijo foi mais firme, embora ainda contido para os padrões dele. Seus lábios se moviam contra os meus com paciência deliberada, como se tivéssemos todo o tempo do mundo, como se ele não fosse o deus beijando sua cativa mortal, mas apenas um homem saboreando o beijo de uma mulher que desejava. Suas mãos deslizaram mais fundo em meus cabelos, posicionando minha cabeça enquanto sua boca, gentilmente, abria a minha.
Eu gemi durante o beijo, arqueando-me em sua direção enquanto as algemas cortavam meus pulsos. Eu precisava de mais — mais contato, mais alívio da tensão.
Como se pressentisse meu desconforto, suas mãos deslizaram do meu cabelo para se curvarem sob minhas coxas. Com um movimento fluido, ele me ergueu, os dedos fortes cravando na carne macia das minhas pernas enquanto as guiava ao redor de sua cintura. Meu corpo respondeu instintivamente, as coxas se contraindo ao redor dele conforme meu peso se deslocava. A pressão nos meus ombros aliviou imediatamente, um alívio abençoado inundando meus músculos doloridos enquanto eu me acomodava contra ele. .
Arfei com a repentina intimidade da nossa posição, meu corpo pressionado diretamente contra a firmeza do seu abdômen. Minhas mãos algemadas se contorciam inutilmente acima de mim, os dedos se flexionando com a necessidade desesperada de tocá-lo, de agarrar seus ombros, de se afundar em seus cabelos. As algemas cortavam minha pele enquanto eu me debatia contra elas, um gemido de frustração escapando dos meus lábios.
O aperto de Valen em minhas coxas se intensificou, puxando-me ainda mais para perto, e o impacto de sua força enviou uma onda de calor por todo o meu corpo. Sua boca se moveu contra a minha com uma urgência crescente, o beijo se aprofundando como se ambos tentássemos saciar uma sede insaciável. Aquilo me deixou tonta, desesperada por cada centímetro de seu calor.
A tensão entre nós aumentou quando uma das mãos deslizou da minha coxa, traçando um rastro de fogo contra a minha pele enquanto a empurrava de volta para os fios emaranhados do meu cabelo. Seus dedos se entrelaçaram, inclinando minha cabeça no ângulo perfeito para que eu ficasse completamente à sua mercê.

Um gemido suave escapou de seus lábios quando nossas línguas se entrelaçaram — um som cru, repleto de desejo desenfreado, que ecoou pela cela escura e acendeu um incêndio dentro de mim.
Pressionei meu corpo contra o dele com mais força, buscando aquela fricção tentadora que fazia o calor percorrer minhas veias. O mundo lá fora desapareceu, substituído por isso — por este momento inebriante.
Então, delicadamente, ele se afastou. Não o suficiente para romper nossa conexão, mas o bastante para que pudéssemos recuperar o fôlego.
“Mireille”, ele sussurrou, permanecendo tentadoramente perto. Meu nome escapou de seus lábios como uma prece, carregado de uma fome que me fez estremecer. “Eu não consigo—” sua respiração roçou meus lábios, prolongando o silêncio o suficiente para que meus olhos se abrissem e encontrassem os dele.
Os olhos de Valen escureceram, turbilhões de emoções fervilhando em suas profundezas, emoções que eu jamais havia presenciado. Necessidade, tristeza, arrependimento e um medo perturbador cintilavam em seu rosto, cada expressão uma rachadura na armadura que ele vestia. Sem esforço. Meu coração me traiu, palpitando contra a parede da minha caixa torácica como se fosse atraído por aquelas emoções, como se fossem segredos que valessem a pena desvendar.
“Não posso continuar com isso”, murmurou ele, com a voz baixa e tensa. “Não posso mais mantê-la aqui… não nas masmorras.” Seu aperto em mim se intensificou um pouco, como se temesse que eu pudesse escapar. “Eu quero você… em todos os lugares. Na minha cama. Ao lado do meu trono. Quero acordar ao seu lado e tocá-la sem pensar em vingança.”
Meus lábios se entreabriram, o choque eclipsando o desejo que pulsava em mim segundos antes. Pisquei para ele, procurando em seu rosto qualquer sinal de brincadeira ou crueldade. Não havia nenhum. Apenas a honestidade crua me encarando. Uma vulnerabilidade tão evidente que me deixou sem fôlego.
"O que você está dizendo?" As palavras escaparam dos meus lábios, carregadas de confusão e incredulidade. Era impossível que ele se sentisse assim depois de tudo. *Certo?* Devia ser um momento de loucura.
Seu aperto na minha coxa se intensificou, mas seu olhar suavizou, uma intensidade naquelas profundezas negras que parecia penetrar meu ser. "Eu quero você comigo, Mireille. Não como prisioneira, não como troféu de conquista." Sua voz baixou, reverberando em mim como uma melodia sombria. "Eu quero você como minha igual, como a mulher que me desafia e me faz sentir coisas que não deveria."
Seu igual? Minha mente disparou tentando acompanhar o ritmo acelerado do meu coração. Como marido e mulher de verdade? Não prisioneiro e captor, não vítima e torturador, mas iguais? A proposta era tão inesperada, tão distante da realidade que eu conhecia nessas últimas semanas, que por um instante não consegui formular uma resposta coerente.
“Você quer—“ Lutei para articular a magnitude do que ele estava sugerindo. “Você pararia com a tortura? Me deixaria sair desta masmorra?”
“Sim”, ele sussurrou, passando o polegar pelo meu queixo. “Eu lhe daria uma suíte no meu palácio. Roupas finas. Liberdade para se movimentar.” "Com guardas para sua

proteção, é claro." Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. "Eu a cortejaria como convém a uma princesa. Uma rainha. Mostraria que posso ser mais do que o monstro que você conheceu. Você seria minha, e eu, seu."
Quase soltei um gemido. A oferta era tudo o que eu poderia ter sonhado: libertação da dor, restauração de alguma dignidade, uma vida na superfície com luz do sol e ar puro. Era uma saída para o meu sofrimento atual que não exigia apostas desesperadas, nem tentativas arriscadas de fuga.
Eu sabia, com a mais profunda certeza, que aquilo era uma mentira. Não um engano intencional da parte de Valen — eu acreditava que ele falava sério naquele momento. Mas eu tinha visto meu futuro. Eu havia tocado o fio vermelho-prateado que nos unia e testemunhado a casca vazia em que eu me transformaria se permanecesse sob o poder de Valen. Aquela visão me mostrou não como uma esposa amada, mas como um brinquedo quebrado, esquecido nas masmorras, usado até que nada restasse da mulher que eu fora.
Fechei os olhos com força, incapaz de sustentar seu olhar enquanto ponderava sobre a bifurcação em meu caminho. À minha direita, o fio carmesim-prateado pulsava com mais força do que nunca, sua luz quase cegante em sua intensidade. Ele despertava algo profundo em mim, um anseio por conexão, pelo fim da solidão, pelo amor que me fora negado por toda a vida. O mesmo anseio que levara Valen a criar a humanidade.
À minha esquerda… à minha esquerda estava a liberdade.
*Eu vou resistir. Eu vou escapar. Eu não vou quebrar.*
Levantei os olhos para os dele, deixando-o ver uma vulnerabilidade calculada, uma esperança cautelosa. "Você realmente pararia?", perguntei, com a voz suave e incerta. "Sem mais dor? Sem mais correntes? Sem mais... vingança?"
Seu sorriso era genuíno, um lampejo de calor verdadeiro que transformou seu rosto de assombrosamente belo para quase jovialmente charmoso. Aquele sorriso me deixou sem fôlego. Por um instante de loucura, me fez pensar no que poderia ter sido se nós... se tivéssemos nos conhecido em circunstâncias diferentes. Se ele não fosse um deus vingativo, se eu não fosse filha do meu pai.
"Eu juro", disse ele, e eu pude ouvir a verdade em sua voz. Ele acreditava no que estava dizendo. Ele queria tentar.
E por aquele instante — apenas por aquele instante — permiti-me sentir todo o peso do que poderia ter sido. Em outra vida, outra realidade, teríamos nos encontrado sem toda essa dor entre nós? Será que o deus solitário e a princesa indesejada poderiam ter oferecido um ao outro algum consolo?
Não importava. Aquela não era a nossa história. Nossa trama era tecida com sangue e prata, com crueldade e desejo, com poder e subjugação. Não havia como reescrevê-la agora, por mais que Valen desejasse.
Foi quase cruel o que eu estava prestes a fazer. Quase.
Assenti lentamente, deixando um sorriso hesitante surgir em meus lábios. "Eu gostaria disso", sussurrei, as palavras falhando um pouco na minha garganta. Uma meia verdade. Eu *gostaria* de um fim para a dor, uma saída deste calabouço. Só que não da maneira que ele imaginava.

"Será que eu poderia..." Hesitei, deixando meu olhar cair sobre seus lábios antes de encontrar seus olhos novamente. "Será que eu poderia te tocar? Por favor?"
Seus olhos se arregalaram ligeiramente — surpresa, prazer, as bordas do controle se desfazendo. Era isso que ele sempre quisera. Não apenas minha submissão. Meu *desejo* . Minha *disposição* .
"Sim", ele sussurrou, a palavra meio ordem, meio súplica.
Minhas pernas se soltaram de sua cintura, meus braços se estenderam novamente acima da minha cabeça assim que meus pés tocaram o chão. Quando ele teve certeza de que eu estava equilibrada, suas mãos se moveram para as algemas em meus pulsos, acionando o mecanismo com uma facilidade prática. A algema direita caiu primeiro, liberando meu braço da posição suspensa, mas eu não a deixei cair.
Deixei a mão levantada, massageando meu pulso preso como se estivesse aliviando a dor. Um gesto simples. Inofensivo. Esperado.
Então ele estendeu a mão para a segunda. Outro clique. Meu braço esquerdo se soltou. .
E quando seu olhar se voltou para o meu, quando um sorriso se espalhou por seu rosto em antecipação ao meu toque, agarrei o metal frio e o fechei em seu pulso.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

# EM CORRENTES DE LUTO

FOu, num instante congelado, nada aconteceu.

Valen permaneceu completamente imóvel, com a expressão inalterada, como se sua mente não conseguisse processar a súbita inversão de nossas posições. Então, seus olhos se voltaram para o pulso, para a algema que agora o prendia à corrente pendurada no teto da minha cela.

A confusão relampejou em seu rosto primeiro — uma ruga na testa, um leve entreabrir dos lábios. Então a compreensão surgiu, seguida imediatamente pela incredulidade. Seus olhos voltaram-se para os meus, buscando em meu rosto alguma explicação, algum indício de que aquilo era um mal-entendido ou uma brincadeira de amantes.

Ele não encontrou nenhum dos dois.

Recuei rapidamente, criando distância entre nós antes que ele pudesse me agarrar com a mão livre. O movimento foi desajeitado, minhas pernas... Ainda cambaleante após ter ficado suspensa no teto, mas a urgência me impulsionou. Um passo. Dois. Três. A porta da cela estava ao meu alcance, entreaberta como Valen a deixara.

"Mireille?" Meu nome soou como uma pergunta, confusão e os primeiros sinais de raiva lutando em sua voz. Ele puxou a algema, testando sua resistência, ainda sem entender completamente que estava preso. "O que você está fazendo?"

Eu não respondi. Não consegui responder. Minha garganta se fechou, impedindo qualquer palavra que eu pudesse ter oferecido — explicações, desculpas, despedidas. Não havia nada a dizer que tornasse isso mais fácil, nada que amenizasse o golpe da minha traição. Melhor ficar em silêncio do que oferecer justificativas vazias para o que ambos sabíamos ser um ato imperdoável.

Passei sorrateiramente pela porta da cela, meus pés descalços silenciosos contra o chão de pedra fria. Só quando as grades se ergueram entre nós, permiti-me respirar, encarando o deus que quase me destruira.

O choque em seu rosto estava se dissipando, substituído por algo mais duro, mais frio. O Valen que eu conhecia — Vharok, o Deus do Sangue e da Conquista — estava retornando, a vulnerabilidade momentânea consumida pelo calor da traição. Ele puxou a algema novamente, com mais força desta vez, sua força sobrenatural testando os limites da contenção.

Manteve-se firme.

Soltei um soluço abafado, quase caindo de joelhos. Eu tinha conseguido. Eu tinha escapado da minha prisão. Meu plano funcionou.

Eu consegui, eu consegui, eu consegui.

Minha respiração ficou ofegante, meus dedos se apertaram com força nas barras. Eu mal sabia o que fazer, para onde ir dali.

Não, eu tinha meu plano. Precisava libertar a Morte, sair das masmorras, fugir deste castelo e talvez deste reino por completo.

"Mireille." Não havia mais nenhuma pergunta na voz de Valen, apenas meu nome, seco e ameaçador.

Estendi a mão, buscando o peso reconfortante da porta da cela. Precisava fechá-la, trancá-lo lá dentro como ele havia feito. Fiquei presa aqui por tantas semanas. Meus

dedos se fecharam em torno das barras de ferro frias, prontos para bater com força na porta pesada.
"Não faça isso", disse Valen, a palavra vibrando com poder. Não um apelo, mas uma ordem, uma que parecia ressoar nas próprias pedras da masmorra.
Hesitei, apertando a maçaneta com mais força. Naquele instante de quietude, vi algo cruzar o rosto de Valen — não raiva, ainda não, mas uma tristeza profunda e terrível. Como se lhe tivessem oferecido um vislumbre do paraíso apenas para vê-lo desmoronar em pó em suas mãos.
“Por favor”, disse ele, e desta vez foi um apelo, uma súplica, crua e dolorosamente sincera. “Não faça isso. Fique comigo. *Por favor* .”
Meus joelhos cederam.
Quantas vezes ele me disse que nunca implorou?
Quantas vezes ele disse que eu nunca escaparia dele?
Quantas vezes ele me tratou como se eu não fosse *nada* mais do que um *animal* de estimação?
E agora era ele quem estava acorrentado. Agora *ele* implorava por *mim* .
"Não", sussurrei.
Então bati a porta com força, as barras de metal se chocando com uma certeza que ecoou pela masmorra como um dobre de finados. Nossos olhares se encontraram através da barreira — deus e mortal, marido e mulher, torturador e vítima — conectados por um fio carmesim e prateado que pulsava com uma luz quase insuportável.
Eu sabia então, com absoluta certeza, que se falhasse na minha fuga, se Valen se libertasse antes que eu pudesse escapar, não haveria mais misericórdia. Nem beijos suaves, nem toques ternos. Apenas a fúria total e desenfreada de um deus traído pela única criatura em quem ele quisera confiar.
“Sua pequena enganadora”, ele sussurrou, as palavras deslizando pelo espaço entre nós. “Sua criatura linda e traiçoeira.”
Seus lábios se contraíram, uma expressão que poderia ter sido confundida com um sorriso, não fosse o brilho assassino em seus olhos. Então, inesperadamente, uma risada irrompeu de sua garganta — uma risada insana, Um som fragmentado que ecoava nas paredes de pedra e rastejava pela minha pele como insetos. Sua intensidade aumentava, transformando-se de descrença em hilaridade maníaca, e seus ombros tremiam com ele.
"Claro", ele ofegou entre risos, puxando a algema que o prendia. "Claro que você me trairia. Que ironia, tão perfeita. Depois de tudo, você ainda escolheu a ganância."
Dei mais um passo para trás, afastando-me das grades, aumentando a distância entre nós, mesmo sentindo um impulso inexplicável de me defender, de explicar que não se tratava de ganância, mas de sobrevivência. Eu sabia que era inútil. Nenhuma explicação importaria para ele agora. Nenhuma justificativa amenizaria a ferida que eu acabara de infligir. Mas eu não conseguia me conter.
"Ganância?" A palavra escapou da minha boca. "Você acha que isso tem a ver com ganância?" Raiva, indignação e, por baixo de tudo, uma tristeza avassaladora me invadiram. "Você me torturou. Por semanas, Valen. Você me pendurou nessas mesmas

correntes e me abriu todas as noites por uma vingança que não tinha *nada* a ver comigo . "

Minha voz ecoou contra as paredes de pedra, cada palavra rasgando minha garganta como se tivesse garras. Minhas mãos se agarraram às grades, os nós dos dedos brancos de tensão.

"E agora você acha que eu poderia ser sua rainha? Sua igual? Sua *esposa* ? Que eu poderia esquecer tudo o que você fez? Você está louco!" Lágrimas ardiam em meus olhos, mas eu me recusei a deixá-las cair. "Nós nunca fomos *verdadeiramente* marido e mulher. Nós *nunca* seremos verdadeiramente marido e mulher. Aquela cerimônia foi de sangue e morte, não de *casamento* ."

"Nos casamos perante os deuses", rosnou ele, puxando novamente a corda que o prendia. "Perante nossas cortes. A cerimônia foi testemunhada, os votos trocados. *Estamos casados* , Mireille."

"Promessas feitas sob a mira de uma espada não são promessas de verdade", retruquei, com a voz mais firme do que me sentia. "Eu nunca ia ser sua esposa, Valen. E *nunca serei* ."

Algo passou rapidamente pelo rosto de Valen naquele instante — uma ondulação sob a superfície de sua fachada controlada. Por um momento, eu Achei que vislumbrei uma mágoa genuína em seus olhos, rapidamente mascarada por uma raiva mais fria e familiar. Ele puxou a algema novamente, com mais força desta vez, e vi os primeiros sinais de transformação começarem — sua pele adquirindo um tom acobreado, sua estrutura já imponente começando a se expandir com um poder divino.

Foi então que eu as vi. Runas. Runas antigas que adornavam as algemas que prendiam Valen, pulsando e dançando da mesma forma que eu vira na mente da Morte. Elas brilharam intensamente à medida que a transformação de Valen avançava, fazendo-me recuar num misto de medo e incerteza.

Então sua transformação parou. Um rosnado de frustração escapou de sua garganta enquanto seu corpo lutava contra qualquer magia que o prendesse nas algemas, o som preso entre a forma mortal e a manifestação divina. Era desumano, vibrando pelas paredes de pedra da masmorra com força suficiente para fazer a poeira se espalhar pelo teto.

Eu sabia que ele havia dito que fora mantido na mesma cela durante o reinado do meu pai. Era *a poesia* , dizia ele, que me mantinha ali. Mas eu não havia percebido o quão completamente o havia aprisionado até agora. As runas que adornavam as algemas, as grades da cela, fizeram sentido de repente. Eram celas construídas para manter seres *divinos* .

*por* isso que ele nunca fechava a porta. Porque seria muito fácil enjaulá-lo.

Meus olhos arregalados se voltaram para a cela ao lado, a cela da Morte. Eu podia ver as mesmas runas gravadas em suas barras de ferro. E se eu pudesse decifrá-las como havia decifrado a runa enquanto estava em sua mente, em seu domínio? Será que isso dissolveria as barras como dissolveu a corrente?

O som de Valen puxando a algema fez com que eu voltasse minha atenção para ele. Seus traços estavam se tornando indistintos novamente, a pele escurecendo para o carmesim profundo de sua verdadeira forma. Mas, quando Vharok tentou emergir, as

runas brilharam com uma intensidade ofuscante. Um rugido irrompeu de sua garganta quando sua forma retornou à humana, o poder divino contido por uma magia ancestral. Ele se debateu violentamente contra a algema, com a mão livre cerrada em um punho tão apertado que eu podia ver o sangue escorrendo. entre os dedos. Ele se virou para mim, com uma expressão de pura malícia. "Quando eu escapar — e eu escaparei, minha pequena traidora — não haverá lugar em nenhum reino onde você possa se esconder de mim." Sua voz havia mudado, agora mais grave, ressoando com o poder de sua verdadeira natureza, mesmo que contido. "Nenhuma montanha, nenhuma floresta, nenhum mar, a protegerá da minha ira."

Com a mão livre, agarrou a corrente presa à parede, os nós dos dedos brancos de tanto esforço. "E aqueles que você ama? Suas preciosas Lysa e Isolda?" Um sorriso cruel curvou seus lábios. "Elas nunca estarão seguras. Eu as encontrarei, as caçarei até os confins do mundo, se for preciso para trazê-las de volta para mim."

Um arrepio percorreu minhas veias, no mesmo instante em que processei suas palavras. Ele não sabia onde elas estavam. Kas cumpriu sua promessa. Eu só esperava que ele a mantivesse depois disso.

Dei um passo para trás, cada movimento me aproximando da cela da Morte, da próxima fase do meu plano desesperado. Mas então, hesitei, precisando saber com uma intensidade desesperada se alguma coisa, *absolutamente alguma coisa* , que ele me dissera esta noite era real.

"Foi verdade?", perguntei, com a voz embargada pelo esforço de falar por causa do nó na garganta. "Tudo o que você me disse esta noite? Sobre me querer ao seu lado?"

A raiva em sua expressão se fragmentou, revelando algo subjacente que era quase mais assustador em sua vulnerabilidade. Sua boca se contorceu com uma emoção complexa demais para ser nomeada — tristeza, saudade, fúria, tudo entrelaçado como os fios que nos unem.

"Eu teria te dado o mundo", disse ele, com a voz embargada pela emoção. "Tudo que eu tenho. Tudo que eu sou. Teria sido seu."

Eu acreditei nele. Essa foi a parte mais cruel. Naquele momento, com suas defesas desfeitas pela traição, pude ver a verdade de suas palavras estampada em seu rosto. Ele teria tentado ser o que eu precisava. Ele teria tentado se reinventar, enterrar o monstro sob o homem. E talvez, por um tempo, ele pudesse ter conseguido. .

Mas eu já tinha visto meu futuro. Eu sabia como nossa história terminaria.

"Não teria durado", sussurrei, mais para mim mesma do que para ele. "Você teria voltado para isso. Para a tortura. Para a crueldade. É quem você é."

Sua expressão endureceu, a vulnerabilidade recuando mais uma vez. "E é isso que você é", retrucou ele, gesticulando em direção à porta da cela com a mão livre. "Um traidor. Assim como seu pai. Assim como todos os mortais que já existiram antes de você e que existirão depois." Ele puxou a algema novamente, mas quase sem força.

“A diferença é, meu amor… que agora você pertence a um deus. E você me pertencerá até o fim dos tempos.”

CAPÍTULO CINQUENTA

# UMA APOTEOSE

Minha respiração estava acelerada, as palavras de Valen se contorcendo no ar entre nós, promessa e ameaça entrelaçadas como o fio carmesim-prateado que nos unia.

Respirei fundo, me acalmando antes de sussurrar: "Eu *sempre* pertencerei a *mim mesma* ".

Seus lábios se entreabriram como se quisessem dizer mais alguma coisa, mas eu não tinha tempo para isso. Os guardas podiam chegar a qualquer segundo, e eu precisava escapar.

Virei-me, incapaz de ouvir mais nada dele. Incapaz de suportar a raiva crua e a traição estampadas em seu rosto. Meu olhar voltou-se para a cela ao lado da minha antiga prisão. As grades erguiam-se como sentinelas, escuras e ameaçadoras, mas agora eu podia vê-las pelo que realmente eram. Não apenas ferro, mas uma treliça de runas antigas e fios de prata, pulsando com o mesmo poder que eu sentira no domínio da Morte.

Eu sabia o que tinha que fazer.

Valen puxou a algema com força mais uma vez, o som do metal rangendo ecoando pelo corredor da masmorra. Forcei-me a ignorá-lo. Eu havia passado dias demais sob seu olhar. Era hora de ficar cara a cara com um deus diferente.

Caminhei em direção à cela da Morte, cada passo lento, calculado. Os fios de prata me seguiam, entrelaçando-se em meus tornozelos como felinos afetuosos, fortalecendo-me e estendendo-se à frente como se ansiosos para alcançar a escuridão além daquelas grades. O ar tornou-se mais pesado à medida que me aproximava, carregado de um poder ancestral que me causava arrepios.

“Mireille?” A voz de Valen era aguda e urgente ao perceber para onde eu estava indo. Não em direção à saída da masmorra, mas sim em direção ao deus enjaulado ao seu lado. “Pare. Seja lá o que você esteja pensando em fazer, *não faça* .”

Eu não parei.

Alcancei as grades da cela da Morte, ignorando meu antigo captor. Meus dedos pairaram a poucos centímetros do metal, perto o suficiente para sentir o frio que emanava do ferro. Runas estavam gravadas em cada centímetro. Símbolos intrincados, mais antigos que este reino, talvez mais antigos que a própria memória. Encantamentos que mantiveram um deus aprisionado por décadas.

“Não se aproxime dele”, disse Valen novamente. Sua voz mudou — a ordem se transformando em algo que soava como súplica. “Eu já disse, ele não é confiável, mesmo que já tenha te curado no passado. Ele *vai* te destruir. Ele não tem a capacidade de *evitar isso* .”

Virei-me o suficiente para vê-lo de relance. Ele permanecia ereto apesar da algema em seu pulso, o desespero estampado em cada linha de seu rosto.

Meu peito arfava.

Eu sabia — aquele momento mudaria tudo. Eu estava escolhendo entre dois deuses. .

Ambos me magoaram.

Ambos tinham seus próprios planos para o meu corpo e alma.

Mas apenas um deles me enforcou noite após noite.

Apenas um deles me fez assistir ao massacre da minha família.
Meus dedos se fecharam em torno das grades, o ferro frio cortando minha pele. O interior estava envolto em sombras mais profundas do que qualquer outra que eu já tivesse conhecido. A escuridão não apenas preenchia o espaço — parecia consumi-lo, criando um vazio onde a luz e a esperança não podiam chegar.
Eu não tinha medo disso. Não mais.
*'Olá, Mireille.'*
Sua voz penetrou diretamente em minha mente — baixa, familiar, íntima — ignorando completamente meus ouvidos.
"Oi", sussurrei, semicerrando os olhos na penumbra. Lentamente, formas começaram a surgir — o contorno irregular de paredes de pedra, palha espalhada pelo chão e, ali, na parede oposta, uma figura. Sentada perfeitamente imóvel, observando-me com uma intensidade que eu podia sentir em vez de ver.
*— Então, você decidiu ir embora — ele riu, num tom sem qualquer traço de diversão. — Eu não tinha certeza se você faria isso. A proposta dele parecia... tentadora.*
Recuei. Tinha me esquecido de quão cortante sua voz podia ser quando ele a usava. Meus olhos voltaram-se para as runas nas grades, e de repente me senti insegura. Quando finalmente falei, minhas palavras mal saíram como um sopro.
“Eu te fiz uma promessa.”
O silêncio da morte prolongou-se por um instante a mais do que o necessário, o peso do seu olhar pressionando-me. Eu podia senti-lo a avaliar-me, a medir cada ação que eu havia tomado na minha fuga.
*— Sim — concordou ele finalmente, com a voz mais suave, mais resignada. — Mas promessas são facilmente quebradas quando o que se oferece é conforto. Eu não a teria culpado, yshera, se tivesse escolhido esse caminho. Se era isso que você queria.*
Prendi a respiração. Eu poderia ter aceitado a ira da Morte, sua frustração. Mas essa resignação serena... ela forjou um novo tipo de... Uma dor aguda me atravessa o peito. Ele esperava que eu o traísse, esperava que eu o *abandonasse* , e ele teria *entendido* .
O que teria acontecido com esse deus para que ele se sentisse tão indigno?
“Eu não o quero”, eu disse, as palavras tão baixas que eu não tinha certeza se a Morte conseguia me ouvir por causa da luta de Valen em sua cela. “Eu não quero o conforto dele. Nem um lugar no mundo dele. Eu quero—”
Parei, subitamente envergonhada pela necessidade em minha voz, pela forma como ela se agarrava à escuridão na cela da Morte como se ansiasse por um alívio que não merecia. Meu coração martelava em seu ritmo desesperado.
Os fios de prata começaram a pulsar com mais insistência, dezenas deles, entrelaçando-se entre meus dedos, iluminando as runas com um fogo frio e prateado. Fechei os olhos e encontrei o fio da Morte, a corda branco-prateada enrolada tão firmemente que parecia uma tábua de salvação através do vazio. Ela queria que eu falasse, que terminasse.
*Quero você.*
As palavras ecoavam na minha cabeça, fortes e intensas demais para serem ditas em voz alta, mas imaginei que a Morte as ouvisse mesmo assim. Senti seu anseio silencioso, a forma como ele se espalhava e aquecia o espaço ao nosso redor.

*— Você precisa ter certeza, Mireille — continuou ele, a voz me envolvendo como fumaça, — porque se você escolher isso, se você me libertar, não haverá volta. Não me permitirei mais deixá-la ir. No momento em que você cruzar esse limiar, nada me impedirá de fazê-la minha.*
"Tenho certeza", sussurrei, sabendo que ele me ouviria perfeitamente.
*Um suspiro suave e exasperado ecoou em meus pensamentos. " Tão rápido em concordar", murmurou ele. " Embora Você ainda não sabe exatamente com o que está concordando.*
A gravidade em seu tom despertou algo agudo em mim. Primeiro Valen com seus avisos. Agora a Morte com suas dúvidas. Ambos pensando que sabiam mais, agindo como se eu fosse apenas uma tola mortal presa entre forças além da minha compreensão.
Talvez eu fosse .
Mas eu também era o único que não estava mais acorrentado.
"Você acha que eu não sei o que quero?", perguntei, minha voz soando mais alta, mais forte. "Eu lhe fiz uma promessa. E pretendo cumpri-la, meu arauto."
Valen se dirigiu a mim então, com a voz embargada pelo pânico. "Mireille... ele está falando com você? Por que não consigo ouvi-lo?" Seu medo agora era inconfundível. "Pare... pare de responder. Afaste-se das grades."
Mais do que ouvi, senti a resposta da Morte — uma onda de fúria gélida que emanou da escuridão, banhando minha pele como vento invernal. A temperatura no corredor da masmorra caiu drasticamente, e a geada se formou sobre a pedra sob meus pés.
*Esses malditos deuses.*
Já não aguentava mais.
Com o mesmo movimento que usei para dissolver a corrente da Morte quando entrei em sua mente, puxei o fio que se entrelaçava nas grades. Ele se soltou entre meus dedos como um fio de teia de aranha, incrivelmente delicado, porém resistente. Por um instante, nada aconteceu.
Então o mundo soltou o seu fôlego.
Um gemido alto reverberou pela masmorra, o som de magia ancestral sob tensão. Os fios que conectavam as runas brilharam com uma luz ofuscante, não mais prateada, mas incandescente, queimando com tanta intensidade que precisei proteger meus olhos. As próprias barras começaram a cintilar, sua forma sólida tornando-se translúcida, depois transparente, como se estivessem sendo desfeitas em um nível fundamental.
Por um segundo, temi que os guardas viessem correndo — certamente tal perturbação os faria disparar pelo corredor. Mas todos os pensamentos sobre eles desapareceram quando as grades da cela se dissolveram completamente diante dos meus olhos, evaporando em partículas de luz que flutuavam até o chão como neve luminescente, antes de sumirem completamente.
Onde momentos antes se erguia a barreira impenetrável, agora havia apenas um vazio. Uma porta aberta para a escuridão. .
Ouvi a respiração ofegante de Valen e da Morte — uma de horror, a outra de admiração.
"Como—?" A voz de Valen falhou, o medo genuíno transparecendo em meio à sua compostura habitual. "Mireille, *não* ," ele engasgou, a algema tilintando enquanto ele avançava. "Não entre naquela cela."

Mas o aviso dele chegou tarde demais.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

# MERECIDO

EU Atravessei a barreira que se dissolvia, meu coração batendo tão forte que parecia que ia se desprender das minhas costelas.

A ausência das grades parecia estranha de alguma forma. Repentina demais, fácil demais depois de semanas de separação constante. Atrás de mim, a voz de Valen se elevou em desespero, mas suas palavras se tornaram um som indistinto, abafadas pela pulsação do sangue em meus ouvidos e pela atração magnética do deus que aguardava nas sombras.

Mantive meus olhos fixos na Morte, embora ainda não conseguisse vê-la através da escuridão. As sombras pareciam se condensar ao seu redor, como se a própria escuridão fosse um manto que ela vestia. Mas eu podia sentir sua presença, mais forte do que a sentira através de nossa parede de pedra durante todo o tempo. Semanas de cativeiro. Pressionava minha pele, meus pulmões, meus próprios pensamentos — um peso ao mesmo tempo esmagador e estimulante.

A cada passo que eu dava, o ar ficava mais frio, mais denso, carregado de uma energia que fazia os pelos finos dos meus braços se arrepiarem. Eu me via lutando para respirar normalmente, como se a própria atmosfera resistisse à minha intrusão. Este não era um lugar para os vivos. Este era o reino dele, o poder dele, concentrado nesta pequena cela de pedra, e eu estava entrando nele por vontade própria.

Observei-o levantar-se lentamente, suas correntes tilintando com o movimento. O som era nítido, deliberado, como se cada elo contivesse uma palavra em alguma língua esquecida, um hino ao cativeiro e à paciência. Mesmo assim, continuei avançando, nosso fio branco e prateado pulsando em encorajamento, fortalecendo-se a cada passo.

À medida que me aproximava, de repente, me vi tomada por uma timidez intensa. Esse deus ouvira cada um dos meus gritos, testemunhara meu tormento, segurara minha mão através da pedra quando eu estava quebrada e apavorada. Ele assumira minha dor, reivindicara pedaços da minha alma, me vira em meus momentos mais baixos e vulneráveis. Tínhamos sido íntimos de maneiras que transcendiam a proximidade física.

E se, quando nossos olhares finalmente se encontrassem, a conexão que ele sentia estivesse de alguma forma diminuída? E se a realidade não correspondesse ao que havíamos construído na mente um do outro? Ou pior, e se correspondesse — e eu estivesse para sempre perdida, para sempre transformada, seja lá qual fosse o poder que nos unia?

Baixei os olhos para o chão antes que pudessem se acostumar completamente à escuridão. Era melhor não ver. Melhor preservar a possibilidade, a ilusão, por mais um pouco.

A cela era menor que a minha, percebi ao me aproximar dele. Ou talvez fosse apenas uma impressão, pois sua presença a preenchia completamente, o ar denso de poder contido. Cada respiração era como afogar-me e renascer simultaneamente, sua essência infiltrando-se em meus pulmões, meu sangue, meu ser.

Parei quando senti o calor dele — não o fogo antinatural do sangue divino de Valen, mas algo mais constante, como brasas. Armazenado para um longo inverno. Um calor

duradouro que prometia sobrevivência no frio mais profundo. Ele estava perto o suficiente agora para que eu pudesse sentir seu cheiro — agulhas de pinheiro esmagadas sob os pés, neve em galhos nus, terra recém-revolvida e algo mais, algo que me lembrava céus noturnos e o espaço infinito. Nada parecido com o mofo e a decomposição que eu esperaria de um prisioneiro mantido por tanto tempo na escuridão.

A morte finalmente se moveu, as correntes que a prendiam se deslocando como seres vivos. Sua mão — aquela mão forte e calejada que segurara a minha nos meus momentos mais sombrios — estendeu-se lenta e firmemente. Senti seu calor antes mesmo de tocá-la, o calor dele em nítido contraste com o frio que acompanhava sua presença. Seus dedos encontraram meu queixo, curvando-se sob ele com uma delicadeza que me fez prender a respiração.

Fechei os olhos com força, relutante em quebrar aquele momento de tensão perfeita, aquele último suspiro de mistério antes que tudo mudasse. Eu podia sentir o olhar dele em meu rosto, me estudando enquanto o polegar traçava a linha do meu queixo, um carinho tão leve como uma pluma que poderia ter sido uma alucinação.

Foi uma experiência mais íntima do que qualquer outra que eu já tivesse vivido.

"Olhe para mim", ele sussurrou, sua voz não mais em minha mente, mas no ar entre nós, rica, profunda e dolorosamente real. Não mais o tom sério que usara comigo momentos antes, mas algo mais suave, algo cru, carregado de saudade.

Balancei a cabeça levemente, não em negação, mas em um gesto de emoção avassaladora, sentindo as lágrimas se acumularem atrás das minhas pálpebras fechadas. Depois de tudo, da dor da minha própria vida, esse simples contato me destruiu mais completamente do que toda a tortura de Valen, a indiferença da minha família, a crueldade de todos, juntas.

Seu aperto no meu queixo se intensificou um pouco, inclinando meu rosto em direção ao dele. " *Yshera* ", ele sussurrou. " *Por favor* ."

Aquela palavra — *por favor* — vinda de um ser tão temido pelo próprio deus que me torturava noite após noite, libertou algo de mim. dentro de mim. Meus olhos se abriram lentamente, lágrimas escorrendo e traçando caminhos quentes pelas minhas bochechas.

O mundo se estreitou diante de seu rosto pairando sobre o meu, finalmente revelado na penumbra da masmorra. Pisquei com força, tentando clarear minha visão, precisando desesperadamente vê-lo, memorizar cada linha e contorno do rosto que pertencia à voz que me sustentara em meus momentos mais sombrios.

Um som suave, que poderia ter sido um suspiro ou um soluço, escapou dos meus lábios. Ele era belo de uma forma que eu nunca tinha visto, de uma forma que fazia com que todos os outros rostos que eu já contemplara parecessem uma pálida imitação. Ele tinha um olhar selvagem, ancestral. Uma beleza como o primeiro nascer do sol, como montanhas esculpidas por milênios de vento e chuva, como estrelas brilhando no vazio antes mesmo de existirem humanos para nomeá-las. Não me pareceu mera beleza, mas uma verdade inscrita na própria essência da existência, inegável e absoluta.

Eu não conseguia desviar o olhar. Uma parte essencial de mim sempre reconheceu aquele rosto, vinha procurando por ele sem que eu soubesse.

Seus olhos eram da cor do gelo — tão pálidos que brilhavam em um azul prateado, como geleiras intocadas pelo tempo, como céus que se estendiam tênues à beira da eternidade. Suas pupilas estavam dilatadas, o negro engolindo o azul, não com a fome à qual eu me acostumara no olhar de Valen, mas com algo muito mais devastador — reconhecimento. Admiração. Um anseio tão intenso que beirava a dor.

Sua pele era pálida, pálida demais por ter passado tanto tempo nas masmorras, como a luz do luar capturada em alabastro. Finas cicatrizes prateadas traçavam padrões em sua pele, suas maçãs do rosto, seu queixo, como se algum artista divino tivesse decidido que sua beleza exigia esses delicados adornos para se completar.

Seu nariz era forte e reto. Suas maçãs do rosto eram altas sob a pele esticada, não por fome, mas por um propósito. Seu queixo era anguloso, esculpido, uma aura de elegância brutal. E seus cabelos — céus, seus cabelos — caíam em ondas suaves sobre a testa, branco-prateados e brilhando como luz líquida das estrelas. .

Uma única cicatriz profunda dividia sua sobrancelha esquerda ao meio, traçando uma linha pálida através dos fios branco-prateados antes de terminar em sua maçã do rosto proeminente. A marca era deliberada, limpa demais para ser acidental — uma ferida precisa que cicatrizara, tornando-se uma lembrança permanente de alguma violência ancestral. Seu olho permanecia intacto, aquele azul-gelo penetrante me encarando com intensidade inabalável.

Meu olhar desceu até seus lábios. Perfeitos em sua plenitude, moldados com uma precisão que sugeria que cada palavra que pronunciavam era deliberada, significativa. Permaneci ali, presa ao desejo súbito e avassalador de saber como seria senti-los contra os meus.

Enquanto eu o encarava, observei aqueles lábios se curvarem num sorriso irônico, revelando dentes brancos demais, retos demais para terem estado debaixo da terra por tanto tempo. Era uma curva perspicaz, que sugeria que ele podia ler cada pensamento que me passava pela cabeça, cada desejo que pulsava em minhas veias. A expressão de alguém que testemunhara incontáveis desejos ao longo de um tempo infinito e achara os meus particularmente interessantes. Então, com uma facilidade enlouquecedora, sua língua deslizou sobre o lábio inferior num movimento lento e deliberado.

Um suspiro audível escapou de mim, e meus olhos se ergueram para encontrar os dele. Seu olhar era brincalhão, um brilho de travessura dançando naqueles olhos ancestrais, mas por baixo dele havia um calor tão intenso que quase me fez recuar.

O aperto da Morte em meu queixo se intensificou o suficiente para me manter imóvel, seu polegar traçando um padrão preguiçoso ao longo da minha maçã do rosto. Senti o eco percorrer minha espinha. "Você aprova minha aparência, *yshera* ?", perguntou ele, sua voz baixa e íntima, envolvendo-me como a escuridão que o seguia. "Esta forma lhe agrada?"

Um arrepio percorreu meu corpo inteiro ao ouvir sua voz grave, tão mais rica quando não filtrada pela pedra. Ela ressoou em lugares dentro de mim que eu nem sabia que existiam, despertando algo primitivo e insaciável. A própria pergunta estava carregada de significados que eu não conseguia compreender totalmente — essa forma, como se ele a usasse como roupa, como se pudesse transformá-la à vontade. Mas eu não

conseguia me concentrar. sobre as implicações, não quando a realidade diante de mim era avassaladora, subjugando qualquer pensamento racional.
Antes que eu percebesse o que estava fazendo, abracei seu pescoço com força, mergulhando em seus braços com um abandono que surpreendeu até a mim mesma. Esqueci todos os medos, descartei todas as hesitações e me pressionei contra ele como se, por puro desespero, pudesse fundir nossos seres.
A Morte grunhiu surpresa, um risinho escapando de seus lábios — um som tão inesperadamente caloroso, tão genuinamente encantado, que fez meu coração palpitar no peito. Então, seus braços me envolveram, fortes e firmes, erguendo-me de modo que meus dedos dos pés mal tocassem o chão. Ele pressionou o rosto na curva onde meu pescoço encontrava meu ombro, inspirando profundamente como se meu perfume contivesse alguma verdade que ele estivesse buscando.
Seus braços se apertaram como se eu pudesse desaparecer, como se me abraçar fosse a única coisa que impedia o mundo de se partir em dois. Senti seu peito se expandir contra o meu a cada respiração — firme, poderosa, reverente. Eu não queria nunca mais me separar de seus braços.
"Minha *yshera* ", murmurou ele, aninhando-se mais profundamente em meu pescoço, seus lábios roçando meu pulso com uma suavidade deliberada. Minha pele ardeu onde ele a tocou, não de dor, mas de um prazer tão intenso que beirava a agonia. Como eu pude olhar para qualquer homem com desejo enquanto esse deus existiu? Senti como se uma peça que faltava em mim tivesse se encaixado, um vazio que eu nem sabia que existia subitamente preenchido até transbordar.
Seu perfume me envolveu, ainda mais intenso do que antes. Era vertiginoso, fazia minha cabeça girar e minhas pernas fraquejarem. Agarrei seus ombros, os dedos cravando-se nos músculos firmes, sentindo o poder que jazia latente sob sua pele, mesmo após décadas de aprisionamento.
Na periferia da minha percepção, ouvi Valen lutando incessantemente contra a sua contenção, os grunhidos de frustração e os palavrões tornando-se cada vez mais desesperados. Mas a sua voz parecia vir de muito longe, de um mundo completamente diferente. Naquele momento, Só existiam a Morte e eu, entrelaçados num abraço que parecia ao mesmo tempo novo e impossivelmente familiar, como se meu corpo se lembrasse de algo que minha mente havia esquecido.
Recuei um pouco, apenas o suficiente para olhar para ele novamente. O movimento me custou caro — separar-me dele, mesmo que por centímetros, era como reabrir uma ferida. Mas eu precisava ver seu rosto de novo, para confirmar que aquilo era real, que ele era real, que eu não o havia conjurado de alguma forma, fruto do meu desejo desesperado por fuga e conexão.
Seu rosto… deuses, seu rosto era a devastação esculpida em mármore. Ele me olhou como se eu fosse água após uma eternidade de sede, luz após uma escuridão sem fim, lar após milênios de peregrinação. Era demais para suportar, um peso insuportável de expectativa e necessidade. Mesmo assim, eu não conseguia desviar o olhar. Não conseguia escapar da atração magnética do seu olhar, da promessa silenciosa que ele continha.

Lentamente, soltei a Morte para observá-la melhor, embora ela não me deixasse ir muito longe. Suas mãos deslizaram até minha cintura, mantendo o contato como se rompê-lo completamente pudesse lhe causar dor física. Inclinei-me para trás o suficiente para ver toda a extensão de seu aprisionamento, e o que vi fez meu coração disparar. As correntes se enrolavam em seus membros e peito como serpentes, convergindo para uma única runa sobre seu coração — uma elaborada rede de amarras que evocava medo, e não mera restrição. Estas não eram as simples algemas que me prendiam para o entretenimento de Valen. Eram as tentativas desesperadas de um rei de conter algo que ele sabia que jamais poderia controlar de verdade.

As correntes em si eram diferentes de qualquer metal que eu já tivesse visto — não eram ferro, aço ou prata, mas algo mais escuro, brilhando com um brilho opaco. Cada elo tinha inscritas minúsculas runas, símbolos tão antigos que antecediam qualquer idioma que eu conhecesse. Elas pulsavam com uma leve luminescência que combinava com o ritmo do meu próprio coração, uma sincronicidade que não parecia mera coincidência. .

Estendi a mão, meus dedos pairando logo acima de uma das correntes que cruzavam seu ombro. "Elas machucam?", perguntei, minha voz quase num sussurro.

Os lábios da Morte se curvaram num sorriso sem alegria. "Sempre", disse ela simplesmente. "Embora a gente se acostume com a dor, com o tempo."

Meus olhos percorreram seu corpo, absorvendo o que seu aprisionamento lhe havia feito. Suas roupas estavam tão esfarrapadas, tão imundas, que me perguntei como ele não cheirava mal. Os restos do que um dia fora uma bela camisa pendiam em farrapos de seus ombros, revelando mais daquela pele pálida e marcada por cicatrizes. Suas calças não estavam em melhor estado, desgastadas nos joelhos, onde ele devia ter se ajoelhado no chão de pedra inúmeras vezes ao longo dos anos.

Apesar dos trapos, apesar de décadas naquela cela escura, ele exalava uma dignidade que transcendia as circunstâncias. Nada nele estava quebrado, nada diminuído. Pelo contrário, o contraste entre sua beleza divina e o ambiente miserável só acentuava sua aura de outro mundo, como encontrar uma estrela presa na lama.

"Há quanto tempo você está aqui?", perguntei, embora não tivesse certeza se queria saber a resposta.

Os olhos da Morte nunca se desviaram do meu rosto enquanto ela respondia: "Desde que você nasceu". Sua mão subiu para colocar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, um gesto de uma ternura comovente.

Minha atenção foi atraída pela runa em seu peito. Era, percebi, o cerne de seu aprisionamento — o eixo que mantinha toda a rede de correntes unida. E ao redor dela, entrelaçando-se, prendendo-a no lugar, estavam meus fios. Eles brilhavam contra o metal escuro, formando um contraponto à magia inerente da runa, como se dois poderes diferentes estivessem presos em uma luta eterna.

Eu sabia instintivamente, no fundo da alma, o que aconteceria se eu puxasse o fio que delimitava aquela runa. Todas as suas correntes se dissolveriam, assim como as grades, assim como a algema em seu reino. tinha. Impulsionado por um impulso que não consigo nomear, levantei a mão, com os dedos pairando logo acima dela.

A morte agarrou meu pulso de repente, seus dedos firmes, mas não dolorosos, contra minha pele. Um leve choque percorreu meu corpo com seu toque firme, não apenas

pelo contato em si, mas pela contenção que ele representava. Era um ser de imenso poder, capaz de esmagar meus ossos com um pensamento, contudo, ele me segurava com a delicadeza com que se trata um pássaro ferido.

Seus olhos examinaram os meus, buscando compreensão, certeza. "Diga-me novamente que você tem certeza", murmurou ele, apertando meu pulso ligeiramente mais. "Preciso que *você* tenha certeza. Porque, uma vez livre, não vou parar, Mireille. Nem na minha vingança. Nem na minha fome. Nem na minha reivindicação sobre você." Ele fez uma pausa, o maxilar tenso, como se as próximas palavras o machucassem mais do que qualquer corrente jamais poderia. "Não *posso* deixar você ir."

Meu olhar percorreu seu rosto, depois a runa em seu peito, até as correntes que o prendiam desde que eu existia. Então, voltei a olhar para seus olhos — aqueles olhos antigos, azul-gelo, que haviam presenciado o nascimento e a morte de estrelas, que haviam testemunhado sofrimento incompreensível, que me fitavam com algo próximo à possessão.

*Eu não vou ceder.*

“Eu escolho isso”, disse suavemente, olhando diretamente em seus olhos, deixando-o ver minha determinação. Movimentei minha mão, sem desviar o olhar, e estendi lentamente meus dedos em direção à runa central. “Eu escolho *você* .”

Lentamente, a Morte soltou meu pulso, permitindo-me fazer minha escolha livremente. Seus olhos nunca se desviaram dos meus enquanto meus dedos encontravam o fio de prata entrelaçado na runa de ferro, enquanto eu o agarrava, enquanto o puxava delicadamente, libertando-o do metal.

O castelo inteiro estremeceu quando as correntes da Morte se dissolveram, as paredes de pedra rangendo como se estivessem sob imensa pressão. A runa no centro do seu peito brilhou intensamente por um instante, depois se desfez em pó que se espalhou pela minha mente. dedos como areia escura. As correntes seguiram, elo por elo, desintegrando-se do centro para fora, desprendendo-se de seu corpo em uma cascata de partículas metálicas que desapareceram antes de atingir o chão.

A voz de Valen se elevou num uivo de fúria. "O que você fez?", gritou ele, puxando com renovado desespero a própria corda que o prendia. "O que você *fez* ?"

Mas eu não consegui respondê-lo. Tudo o que eu podia fazer era encarar o deus que eu acabara de libertar no mundo.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

# UMA ALMA PARA GUARDAR

A última corrente que cruzava o peito da Morte se desfez em nada além de pó entre meus dedos, fino como cinzas, frio como o ar da noite.

Sua cabeça caiu para trás, a garganta exposta, um som escapando dele que não era exatamente humano — uma nota profunda demais, antiga demais para vir de cordas vocais mortais. O ar ao nosso redor se adensou, como se a própria masmorra prendesse a respiração em antecipação ao que emergiria agora que o deus estava verdadeiramente libertado. Fiquei paralisado, incapaz de recuar, sem vontade de avançar, preso na força gravitacional de sua libertação.

Quando seu rosto se aproximou do meu mais uma vez, seu sorriso havia se transformado da curva controlada dos lábios que eu vira momentos antes em algo selvagem. e a fome que se estampava em seu rosto. Naquele sorriso, vi perigo e devoção entrelaçados como os fios que nos uniam. Mas foi o *jeito como* ele me olhou que fez meu coração disparar.

Ele me olhou como se eu tivesse pendurado a lua e as estrelas com minhas próprias mãos, como se eu fosse a resposta para perguntas que ele havia feito ao longo de milênios.

“Mireille”, ele sussurrou, meu nome num som que de alguma forma preencheu toda a cela, ecoando em lugares onde não havia espaço para ecos. Seus braços, agora livres do peso metálico, estenderam-se em minha direção com um propósito desenfreado.

Ele me puxou para mais perto, uma mão afundando em meus cabelos, os dedos deslizando pelos fios emaranhados com reverente precisão. Seu outro braço me envolveu pela cintura, me puxando contra si até que não houvesse mais espaço entre nós, até que eu pudesse sentir o estrondo do seu coração ecoando o meu. A batida parecia abalar os próprios alicerces da masmorra, um ritmo mais antigo que o próprio tempo.

Seus lábios pressionaram minha têmpora, firmes, porém gentis, e eu o senti tremer contra mim — não de fraqueza, mas com um poder mal contido em forma mortal. Isso me lembrou de estar à beira de uma tempestade, sentindo a carga elétrica no ar pouco antes de um raio cair, sabendo que você está testemunhando algo ancestral e imparável.

As sombras ao nosso redor se adensaram, reunindo-se como crianças curiosas em torno de seu mestre. Elas rodopiavam aos nossos pés, subindo por nossas pernas, envolvendo-nos como um manto tecido da própria escuridão. Eu deveria ter sentido medo — qualquer pessoa sã sentiria —, mas, em vez disso, senti-me estranhamente protegido, como se a escuridão fosse composta por guardiões em vez de ameaças.

“Não quero te machucar”, ele sussurrou contra minha pele, sua voz agora mais grave, ressoando com sua divindade. Seus dedos apertaram meu cabelo com uma urgência que demonstrava um controle quase nulo.

Eu nunca quis sair dos seus braços. .

"Você não vai", sussurrei de volta, surpresa com a certeza na minha voz. "Eu não sou algo frágil que possa ser quebrado."

Ele soltou um suspiro — quase divertido, mas contido com um esforço de autocontrole. O som vibrou através de mim, alojando-se em meus ossos como se pertencesse ali.

"Não", concordou ele, pressionando os lábios com mais força contra minha têmpora. "Você certamente não é."
Ele recuou um pouco, suas mãos movendo-se para afastar meu cabelo do meu rosto, erguendo minha cabeça como se quisesse examinar cada centímetro dela. Seu toque era frio contra minha pele corada, seus dedos traçando minha têmpora com uma precisão que sugeria que ele estava memorizando cada detalhe. Observei, hipnotizada, enquanto seus olhos começavam a mudar — as íris azul-claras se expandindo, clareando até brilharem com uma suave luz branca que os preenchia por completo, de canto a canto.
E me vi inclinando-me para mais perto, desejando *-o* ainda mais. Desejando que ele encostasse seus lábios nos meus, que me tomasse para si, como havia prometido. Queria que ele me pressionasse contra a parede, deslizasse suas mãos grandes pela minha lateral e me *possuísse* até que todas as minhas lembranças daquela masmorra girassem apenas em torno *dele.*
Mesmo com os olhos transformados em algo absolutamente divino, eu ainda conseguia ver a ternura com que ele me olhava, como se eu fosse preciosa além da medida, como se ele tivesse esperado vidas inteiras apenas para contemplar meu rosto.
Da cela vizinha, a voz de Valen se elevou em um comando desesperado. "Mireille! Afaste-se dele! Agora!"
Mas recuar era impossível. O abraço da morte havia se tornado uma jaula de carne e osso, gentil, porém inflexível. Mesmo que eu quisesse *fugir* , meu corpo se recusaria a obedecer a tais ordens, paralisado como estava pela divindade que se desdobrava diante de mim.
Então, um som como de gelo rachando emanou de seu peito, de seus ombros, espalhando-se por todo o seu corpo. Sua pele — aquela tela perfeita e pálida de cicatrizes — começou a se estilhaçar, fissuras finas surgindo por toda a sua superfície. Não eram feridas, mas costuras, divisões entre o que havia sido e o que estava surgindo. A luz penetrava por essas rachaduras, não um dourado quente. ou prata suave, mas mais branca, mais quente, mais fundamental… a matéria-prima da própria criação.
Eu queria proteger meus olhos, mas me vi incapaz de desviar o olhar enquanto seu disfarce mortal continuava a se fragmentar. O calor contra mim tornou-se quase insuportável, estelar em vez de humano, queimando através de minha fina vestimenta e queimando minha pele por baixo. Eu deveria ter gritado de dor, deveria ter lutado para escapar, mas tudo o que eu podia fazer era observar, hipnotizada, enquanto cada ruptura em sua fachada humana revelava algo infinitamente mais antigo e terrível.
Seus dedos, ainda pressionados contra meu rosto, também começaram a mudar. Eu podia sentir a transformação... Um afinamento, um alongamento que pressionava minha pele com uma nova pressão pontiaguda.
Senti-o tentando se controlar, seu corpo rígido pelo esforço de conter a transformação, de mantê-la lenta o suficiente para que não me destruísse no processo. Mas a onda de poder que emanava dele era quase insuportável, onda após onda me invadindo, cada uma mais forte que a anterior.
"Minha *yshera* ", murmurou ele, as palavras vibrando de seu peito para o meu, onde nossos corpos se pressionavam. "Minha bela e corajosa libertadora." Os dedos com garras da Morte traçaram a linha do meu maxilar com uma terrível delicadeza, seu

toque deixando rastros de fogo. Algo mudou naqueles olhos cor de estrela — hesitação, talvez, ou o fantasma do arrependimento. “Tenho algo a confessar.”
Meu coração vacilou, o calor que se espalhava por mim esfriando como metal resfriado em água. "O que foi?", consegui dizer, minha voz suave na imensidão de sua presença.
“Ele vai te destruir, Mireille!” A voz de Valen irrompeu no momento, desesperada e crua. “Você não sabe o que ele é! Ele não pode—”
“Silêncio, deus da carne.” Meu arauto não elevou a voz, nem sequer olhou para Valen, mas a ordem ressoou nas paredes de pedra com tamanha força que uma chuva de poeira caiu ao nosso redor. “Seu tempo de falar acabou.” ”
A repentina demonstração de seu poder, a dominância casual com que silenciou Valen, me fez estremecer. O que eu havia libertado? A que eu me agarrava agora, como se ele fosse a última coisa sólida em um mundo que se tornara líquido de incerteza? Por um breve instante, me perguntei se Valen estava certo.
Então eu percebi: eu não me importava. Nada que ele pudesse me dizer me faria me arrepender da minha escolha. Eu perdoaria qualquer confissão que saísse de seus lábios.
"Diga-me o que precisa, meu arauto", sussurrei.
Ele se inclinou mais perto, seus lábios agora a meros centímetros dos meus. Eu podia sentir seu calor, ver a luz pulsando sob sua pele em padrões complexos que me custavam a acompanhar. Quando ele falou, sua respiração roçou minha pele, surpreendentemente fresca considerando o inferno que parecia arder dentro dele.
“Você me chama de seu arauto”, disse ele, sua voz baixando, incrivelmente íntima apesar da divindade que pulsava nela. “Morte.”
Uma pausa. Carregada de possibilidades. De pavor.
“Mas eu sou pior, Mireille. Muito pior.”
As sombras ao nosso redor se aprofundavam, engrossavam, como se respondessem às suas palavras. A luz que emanava de seus olhos assumia uma qualidade mais fria, iluminando seu rosto por dentro como uma lanterna atrás de um vidro coberto de geada.
“Meu nome”, disse ele, cada sílaba ressoando com uma força que fazia as paredes de pedra vibrarem ao nosso redor, “é Zorikhael”.
*Zorikhael* . O nome ecoou na minha memória, trazendo consigo fragmentos de conversas através de paredes de pedra, pedaços de conhecimento que me foram dados, mas que eu não havia compreendido completamente até aquele momento.
“Eu sou o Primeiro”, continuou ele, sua voz ganhando força a cada palavra. “O Princípio.” Seu aperto em mim se intensificou com uma possessividade que não admitia resistência, como se temesse que eu tentasse fugir. “Eu sou o Deus dos Deuses. O Guardião das Almas.”
Meus olhos se arregalaram a cada título. Não a Morte, mas algo muito mais fundamental. Não o fim, mas o começo. O Criador não apenas da vida e da morte, mas dos próprios seres que governavam esses estados.
Engoli em seco, tentando desesperadamente me ancorar. "Zorikhael", sussurrei, saboreando seu nome nos lábios como se fosse uma oração, uma invocação. Parecia

poderoso e precário, ecoando pelo ar entre nós — entre o que tinha sido e o que ainda poderia ser.
O olhar de Zorikhael se estreitou, um lampejo de algo quase vulnerável passando por aqueles olhos radiantes enquanto me encaravam. Uma ponta de medo persistiu, mas foi ofuscada por uma intensidade que me fez estremecer. Meu coração disparou em resposta, cada batida ecoando minha determinação.
Instintivamente, estendi a mão, meus dedos tremendo levemente enquanto inclinavam seu rosto para baixo, em direção ao meu. O mundo se desvaneceu num leve borrão ao nosso redor, o peso de tudo que eu conhecera se dissipando como cinzas ao vento.
"Você não precisa ter medo", sussurrei, minha voz firme apesar da tempestade que rugia dentro de mim. "Eu ainda escolho você." Cada palavra saiu dos meus lábios com uma convicção que eu não esperava, solidificando minha resolução como se nos unisse pela pura força de vontade.
Sua expressão mudou, algo cru cintilando por trás daqueles olhos luminosos — uma emoção tão profunda que fez lágrimas começarem a se formar nos meus olhos.
Ele se inclinou ainda mais para perto, o espaço entre nós carregado de uma intensidade que tornava impossível respirar. Tudo ao nosso redor — as masmorras, Valen, a necessidade de escapar — desapareceu, deixando apenas nós dois suspensos neste momento de intimidade impossível.
Lentamente, seus lábios roçaram os meus, um contato quase imperceptível, e fui envolvida por um calor que ameaçava me consumir por completo. Era como o sol se acendendo em um céu escuro, uma faísca de fogo em um mundo frio. O toque foi fugaz, efêmero, mas carregava mais promessa do que qualquer coisa que Valen já me dera — uma amostra do que poderia ser, em vez do que era. .
"E eu escolho você", murmurou Zorikhael contra meus lábios, o timbre profundo de sua voz ressoando em mim como um trovão no horizonte, acendendo um desejo profundo que se desdobrou como fios de fumaça, se enrolando e buscando-o.
Então, de repente, seus dedos se moviam com uma velocidade que eu mal conseguia acompanhar. A garra em seu dedo indicador brilhava na penumbra enquanto cortava a coleira em meu pescoço como se fosse papel, o couro se abrindo sob sua força divina.
Soltei um suspiro quando a coleira caiu, o baque suave na pedra mais alto que qualquer grito. Sem ela, o ar ficou mais pesado, mais íntimo. Senti-me nua de uma vez por todas, estranhamente à deriva, irrevogavelmente sem dono. Minha mão subiu instintivamente ao meu pescoço, os dedos traçando a pele que estivera escondida por tanto tempo. Estava crua, sensível, como se o próprio ar a estivesse abrindo com a língua.
O silêncio entre nós se desfez.
As correntes de Valen tilintavam contra a pedra, desesperadas e dissonantes, uma sinfonia metálica de fúria e medo. O mundo voltou a invadir como uma onda avassaladora e, com ele, a verdade: tínhamos nos demorado tempo demais.
“Precisamos ir embora. Os guardas—“ comecei, mas o sorriso repentino de Zorikhael me fez interromper.
“Os guardas não podem fazer absolutamente nada.” Sua voz era calma, convicta. “Sairemos daqui, mas não pelos portões do castelo.”

Seus olhos brilharam com algo quase como divertimento, mas já não havia qualquer calor nesse brilho. Um nó de pavor se formou no meu peito. Algo nessa nova quietude, no jeito preciso como ele agora me olhava, fez a minha nuca se arrepiar.
Algo estava errado.
“Sinto muito, *yshera* ”, ele sussurrou. O aviso era terno, quase reverente. “Imploro que me perdoe.”
Um lampejo de alarme surgiu em meu estômago. "Perdoar você por quê?", sussurrei, a pergunta presa na minha garganta.
Ele não respondeu. Mas seu maxilar se contraiu, seus olhos se fecharam em lágrimas. A expressão de um homem prestes a cometer um pecado imperdoável. .
Então ele pressionou a mão contra meu peito. E antes que eu pudesse respirar, antes que meu alarme pudesse se manifestar, eu senti. Uma puxada. Não física, não contra a minha carne, mas mais profunda. Um gancho na minha própria essência.
Então, estalou.
Uma dor tão requintada que parecia ser beijada por estrelas e facas ao mesmo tempo. Começou no ponto onde sua mão repousava, irradiou-se para fora, percorrendo minhas veias, preenchendo cada canto do meu ser com uma agonia tão completa que transcendia a mera sensação física.
Meu corpo se arqueou contra seu abraço, minha coluna se curvando para trás de uma maneira impossível enquanto algo era arrancado de mim. Não sangue, não carne, mas algo muito mais essencial. Senti aquilo me deixando — um pedaço de mim, minha própria essência, escorrendo através de seu toque como água entre dedos em concha.
*Não . Não, ele não faria isso .*
Não depois de tudo.
Não depois que eu *escolhi ele* .
Mas eu sabia... ele estava levando o resto da minha alma.
Meu grito ecoou pela masmorra, um som de angústia tão primordial que mal parecia humano. Era o grito de algo se quebrando no nível mais fundamental, da minha própria identidade sendo violada de uma forma que nenhuma tortura física conseguiria. Nem mesmo Valen, com toda a sua crueldade e habilidade, jamais havia atingido essa parte tão profunda, tão essencial de mim.
Em meio à névoa da agonia, vi Zorikhael sorrir — não cruel, mas triunfante. O olhar de alguém que recupera algo precioso. Sua mão livre acariciou a minha nuca, impedindo-me de despedaçar enquanto ele continuava a me despir.
“Você me pertence”, disse ele, sua voz cortando meus gritos. “Você sempre me pertencerá.”
Quando o último fragmento de alma se separou do meu peito, quando a última luz se libertou, uma terrível compreensão rompeu a dor. Eu não havia escapado. Eu não havia conquistado minha liberdade. Eu apenas havia trocado uma forma de cativeiro por outra, um mestre por outro. por outro. A coleira de Valen fora substituída pela reivindicação de Zorikhael, o vínculo visível trocado por um invisível que era mais profundo, que alcançava mais longe.
*Valen tinha razão.*

E enquanto o vazio me engolia, enquanto minha consciência se dispersava como folhas numa tempestade, três pensamentos permaneceram, brilhando intensamente contra a escuridão que se aproximava.
*Eu vou perseverar.*
*Eu vou escapar.*
*Eu não vou ceder.*
E então, o mundo escureceu.

# EPÍLOGO

*ZORIKHAEL*

Ele estava leve como uma pluma em meus braços, o corpo dela ainda ecoando com o último suspiro da mortalidade.

Sua alma havia se despedaçado sob meu toque há poucos instantes, suave e brilhante como a luz das estrelas, e embora o rasgo tivesse sido limpo, deixou uma ferida dentro de mim. Uma dor que persistia junto com a lembrança fantasmagórica das minhas correntes. Eu a abracei mais forte, estudando o rosto que me assombrou durante estas últimas semanas de prisão, agora inerte na inconsciência, aqueles olhos com reflexos prateados escondidos atrás das pálpebras fechadas.

Os traços da minha pequena deusa estavam serenos de uma forma que zombava da violência que a consumira. Pacífica, como se ela tivesse se rendido não ao vazio, mas a mim. Isso deveria ter sido uma vitória. Em vez disso, senti como se um buraco tivesse sido aberto no meu peito. Eu odiava vê-la assim. Ela era forte e desafiadora, e eu queria ver aqueles lindos olhos prateados me encarando, não... isso.

Encostei minha testa na dela, com os olhos ardendo.

Eu jamais deixaria que nada, nem ninguém, a machucasse novamente.

Ela era minha.

Por vinte e seis anos, esperei. Acorrentado e silenciado na podridão destas masmorras, enquanto o mundo acima se agitava e desmoronava. Vinte e seis anos de escuridão, da arrogância de Aeldrin, de amarga solidão quebrada apenas pelos gritos de outros prisioneiros. Eu contava cada dia pelo ritmo dos passos dos guardas, pelo toque distante do sino do castelo, pela lenta deterioração da minha forma divina sob camadas de contenção mortal.

E então a liberdade percorreu meu corpo, minha verdadeira natureza não mais aprisionada por runas e encantamentos. O poder divino ondulava sob minha pele, ansioso para irromper completamente, para se libertar dessa farsa de humanidade que me fora imposta. Mas eu o contive, não querendo sobrecarregar sua forma frágil com toda a extensão da minha transformação.

Os ecos de sua respiração se misturavam ao peso de incontáveis memórias, puxando-me de volta pelos corredores do tempo enquanto eu a apertava contra mim. Cada batida do seu coração me lembrava do momento em que a vi pela primeira vez — uma pequena criatura deixada no vazio, uma luz bruxuleante que me chamava da escuridão.

Aquele minúsculo fragmento uivante do destino fora lançado sob meus cuidados, um recém-nascido cuja própria existência jamais deveria ter sido possível. No instante em que apareceu em O'ssavayne, envolta na sombra do crepúsculo, ela chorava com uma fome que eu não conseguia saciar. A caligrafia de Nyxis, precisa e irritantemente familiar, a acompanhava em um bilhete preso às bandagens como uma acusação.

O nome dela foi a primeira palavra que li. *Mireille* . Um milagre. A divindade feita carne.

O resto era uma ordem escrita na linguagem do desespero: proteja-a, pois ela é minha e não está segura.

Eu soube imediatamente que não poderia cuidar de uma criança em meu reino de sombras e ecos — sempre me faltaram os meios para nutrir o que deveria ser

acarinhado —, contudo, acreditei que a criatura que detinha um fragmento do amor perdido de Nyxis a acolheria como sua própria filha.
Aeldrin.
Mas eu havia calculado mal. A luz de Eiros se transformara em algo sombrio e insaciável, uma fome que devorava tudo o que ele tocava. E em sua forma mortal, ele sucumbira à sua obsessão por Nyxis, acorrentando-me sob o castelo. Em vez de seu amor, ele me deixou apodrecer enquanto usava o poder de Vharok para procurá-la. Tudo isso enquanto Mireille jazia descartada, sua proteção encoberta por camadas de sofrimento mortal.
No instante em que ela foi jogada em meus braços mais uma vez, eu soube que ela era para ser minha. Em meio à morte e à decadência deste lugar miserável, em meio ao fedor de metal enferrujado e ao desespero, sua luz penetrou. Era uma brasa, um lampejo de calor que me atraiu para mais perto, acendendo um instinto protetor selvagem que eu nunca havia sentido... talvez nunca. A própria essência dela me atraiu com tamanha intensidade que mal consegui respirar.
Mesmo com esse reconhecimento pulsando em mim, forcei-me a manter distância. Afastei-a com palavras frias e declarações enigmáticas, erguendo muros de indiferença quando cada instinto exigia que eu a reivindicasse. De que adiantava ansiar quando ambos estávamos presos neste purgatório de pedra? Que crueldade seria forjar uma conexão que só poderia terminar em sua destruição?
Eu me convenci de que era misericórdia, essa negação, essa contenção. Melhor que ela me odiasse. Melhor ser o presságio que ela temia do que a companhia que ela desejava.
Como eu poderia permitir isso? Como eu poderia sucumbir a esses sentimentos desconhecidos de desejo puro e desenfreado quando estávamos ambos enjaulados, ambos sofrendo sem fim à vista?
Então, noite após noite, Vharok dilacerava sua carne enquanto eu ouvia seus gritos e o silêncio, e os muros que eu havia construído desmoronaram sob sua dor. Eu me vi estendendo a mão para ela. Primeiro com palavras, depois com meu toque, finalmente com a pequena parte de mim que conseguia romper a barreira entre nós.
Eu me entreguei completamente a ser dela pelo resto de nossa triste eternidade, sabendo que talvez nunca houvesse nada além de uma pedra nos separando.
E ali estava ela. Em meus braços.
Sussurrei seu nome, as sílabas como texto sagrado em minha língua. Meus dedos com garras traçaram a curva de seu queixo, depois deslizaram para seus cabelos, escuros como os de sua mãe. Fios prateados agora. entrelaçou-se nos fios, brilhando na penumbra da masmorra. Sua transformação já havia começado.
Mireille talvez não me perdoasse. Eu havia tomado sua alma sem consentimento, e isso destruiria sua compreensão de si mesma assim que ela despertasse. Mas eu não precisava de perdão. Só dela. Só dessa pequena deusa cuja existência, de alguma forma, se tornara o eixo em torno do qual minha própria vida eterna agora girava.
" *Meu "Yshera* ", sussurrei. Ou talvez eu apenas tenha pensado nisso. As palavras queimavam da mesma forma.

Na cela ao lado, Vharok uivou. O som, cru, carregado de fúria e algo perigosamente próximo do desespero, fez meus lábios se contraírem. Ele gritou o nome dela como se pudesse invocá-la de volta, como se sua voz tivesse algum poder.
*fúria* . "Zorikhael! Vou te *despedaçar* !"
Patético.
Ajustei Mireille em meus braços, aconchegando sua cabeça contra meu ombro enquanto sua respiração se aprofundava. Seu pulso havia diminuído para um ritmo quase imperceptível. Não era a morte, mas a animação suspensa que acompanhava a transformação divina. Seu corpo mortal estava se remodelando ao redor de sua divindade despertante, as células se reestruturando para acomodar um poder que nenhuma forma humana deveria conter.
Quanto tempo levaria? Dias? Semanas? Eu nunca havia testemunhado o despertar de uma deusa antes. Todos os meus semelhantes emergiram completamente formados do vazio, moldados pela minha vontade e propósito. E os semideuses e semideusas nascidos dos meus semelhantes ou tiveram sua divindade despertada ao nascer ou viveram e morreram como mortais. Nenhuma verdadeira deusa cresceu de criança a mulher. Nenhuma viveu como mortal antes de ascender.
Encostei meus lábios em sua testa, um gesto de ternura que parecia estranho depois de eras existindo sem tais sentimentos. Sua pele estava fria sob meu toque, o calor da mortalidade já se dissipando enquanto a divindade tomava conta. Logo ela arderia como eu, com o fogo frio das estrelas e reinos esquecidos. .
Será que ela se lembraria de sua vida mortal? Será que ela se recordaria da tortura que Vharok lhe infligiu, do isolamento de sua infância, dos momentos de conexão que compartilharam através da pedra e da escuridão? Ou será que essas memórias se dissipariam diante do nascer do sol de sua divindade?
A ideia de ela me esquecer — de nos esquecer — causou uma pontada de algo perturbadoramente parecido com medo em meu coração ancestral. Eu queria que ela se lembrasse. Precisava que ela se lembrasse. Não apenas da dor e da traição, mas das palavras gentis trocadas na escuridão, do jeito como sua mão procurou a minha através das grades, da confiança que cresceu entre nós apesar de tudo.
Apertei-a ainda mais, como se meu aperto pudesse de alguma forma ancorar suas memórias a este reino. Como se eu pudesse prendê-la a mim não apenas por meio de poder divino, mas também pela experiência compartilhada destas paredes da masmorra.
Os rugidos de Vharok se intensificaram, pontuados pelo som de metal rangendo. A algema gravada com runas que o prendia não cedia — eu podia sentir a magia ancestral ainda firme —, mas sua fúria lhe conferia uma força que ultrapassava a capacidade de contenção daquelas amarras. Não demoraria muito para que ele se libertasse. Horas, talvez, em vez dos dias que Mireille levaria para completar sua transformação.
Não importa. A essa altura, já estaríamos longe daqui, em segurança dentro do meu reino, onde nem mesmo Vharok, com todo o seu poder como Deus da Carne, poderia nos seguir sem convite.
Olhei mais uma vez para o rosto de Mireille, memorizando as feições mortais que logo começariam a mudar. As maçãs do rosto proeminentes herdadas da mãe. A firmeza do

queixo, mesmo inconsciente. O delicado contorno dos cílios contra a pele que já mostrava os primeiros indícios da luminosidade que marcava a divindade.
“Em breve, *yshera* ”, murmurei, o carinho escapando dos meus lábios como uma prece. “Em breve você terá tudo.”
Ao sair da minha prisão, virei-me para Vharok, aconchegando Mireille contra mim. Seu corpo se deformava contra o único obstáculo. Algemado, com sangue escorrendo do pulso onde o metal cortava a carne, o rosto contorcido por uma fúria tão absoluta que transformara suas feições em algo bestial. A masmorra tremia sob meus pés — suas proteções, suas runas, sua frágil estrutura mortal já não conseguiam me conter. Meu poder se estabilizou, não mais oscilando, mas fluindo através de mim como uma maré constante, a forma que eu fora forçado a aprisionar agora livre.
A fúria de Vharok vacilou ao ver Mireille em meus braços, a loucura implacável que o consumira agora se transformando em algo mais próximo da incredulidade. Pude ver o instante em que a respiração lhe faltou. Seus lábios se entreabriram, um som áspero escapando quando a compreensão surgiu.
“O que você fez?” Sua voz falhou, quebrando a tensão como vidro contra pedra. “Ela...?”
Dei um sorriso irônico diante do seu drama, resistindo à vontade de zombar ainda mais dele. "Ela não está morta", respondi friamente, com um tom de indiferença gélida à angústia que ele sentia. Meu olhar voltou-se para seu rosto sereno, e as pontas dos meus dedos deslizaram sobre suas pálpebras na esperança de que se abrissem.
“Como ela não está morta, Khael?” perguntou Vharok, com a voz se elevando e o desespero transparecendo em sua expressão. “Não consigo senti-la. Ela se *foi* .”
"Foi embora?", repeti incrédula, encarando-o de frente. "Você acreditava que ela era mortal?" Uma risada escapou de mim, carregada de descrença.
“Não sou idiota, irmão”, retrucou ele, a raiva retornando à sua voz. “Eu sabia que a filha bastarda de Aeldrin tinha sangue divino — sangrei o suficiente em sua busca pela mãe dela, que era meio divina.” Ele soltou um rosnado, sua divindade pressionando as runas na algema que o prendia. “Mas ela nunca ascendeu. Ela é apenas uma semideusa adormecida, praticamente uma mortal.”
Parei, meu olhar se fixando nele. Ele não sabia quem ela era? Seus esforços continuaram, o sangue escorria incessantemente do local onde a algema cortava sua carne, formando uma pequena poça a seus pés. .
Não. Ele realmente não sabia.
Outra risada estridente escapou dos meus lábios. "Ah, Vharok", minha voz destilava desprezo, "Ela não é 'apenas' alguma coisa. Ela é *tudo* ." Fiz uma pausa, deixando-o assimilar minhas palavras. "Você realmente não reconheceu os olhos dela? Quem mais tem olhos que lembram estrelas, irmão?"
Incerteza, até mesmo pavor, relampejaram nas feições de Vharok. Sua luta contra a algema diminuiu enquanto ele estudava o corpo inconsciente de Mireille em meus braços, seus olhos negros se estreitando ao percorrerem os fios prateados em seus cabelos, a sutil luminescência que começava a emanar de sua pele, marcando-a como verdadeiramente divina.

“Não”, ele sussurrou, a palavra quase inaudível. Depois, mais alto, com crescente horror. “Não. Ela não pode... Não é possível...”
"Não?", perguntei, observando a compreensão surgir em seu rosto como uma praga. "A mulher que você tem torturado, quebrado, reivindicado como sua", fiz uma pausa, deixando as palavras se instalarem entre nós como veneno, "ela será tão poderosa quanto *você , ou até mais* ."
Ele mostrou os dentes em resposta, mais um desafio do que uma réplica. O gesto foi tão banal, tão animalesco, que não consegui conter o riso.
“Estou farta disto”, sorri, ajeitando Mireille para que sua cabeça ficasse mais perto do meu peito. “Há tanta coisa para fazer — almas para julgar, vingança para planejar, uma pequena deusa para venerar.” Dei um suspiro fingido. “Aproveite este tempo a sós, irmão. Talvez reflita sobre suas escolhas enquanto eu limpo a sua bagunça, como sempre faço.”
Lancei-lhe uma piscadela antes de me virar, concentrando-me na estrutura ao nosso redor. Seu rugido surgiu cru e selvagem à medida que seus movimentos se tornavam frenéticos, não mais movidos por uma raiva cega, mas por algo mais próximo do pânico.
Então, eu liberei meu poder.
O coração da masmorra escureceu, a argamassa desmoronando entre as pedras antigas. As vigas de sustentação gemeram, pois o peso que suportaram por séculos tornou-se subitamente insuportável. .
E as almas. Oh, as almas. Elas vieram até mim tanto quanto eu as busquei, todas elas. Cada guarda que havia ignorado o sofrimento de Mireille. Cada servo que havia sussurrado palavras cruéis pelas suas costas. Cada nobre que a havia rejeitado por sua estranheza. Eu podia senti-las espalhadas por todo o castelo acima de nós, minúsculas chamas de consciência que tremeluziam na crescente escuridão da minha percepção.
Eles vieram até mim num turbilhão de fogo frio, gritando, despedaçando-se, dissolvendo-se em mim como o sopro no vento. Alguns compreenderam o que estava acontecendo em seus momentos finais. Eu podia sentir o gosto do terror deles, agudo e doce na minha língua. Outros foram extintos antes que a compreensão surgisse, suas almas se desprendendo dos corpos mortais com a delicada facilidade das pétalas que caem de uma flor moribunda.
Éris, o velho guarda, foi o primeiro a partir. Encontrei-o a três corredores de distância, correndo em direção aos sons da destruição com a espada desembainhada. Sua alma era marcada pelo tempo, mas intocada pela verdadeira malícia. Consumi-a com delicadeza, concedendo-lhe a dignidade de uma passagem rápida. Finn, o jovem, morreu em terror confuso, sua alma fragmentando-se enquanto tentava fugir do palácio em ruínas. A passagem de Tavin ficou em algum lugar entre as duas, resignação misturada com alívio, como se alguma parte dele há muito aguardasse esse fim.
Acima de nós, Vareth começou a ruir. Não apenas a masmorra, não apenas o castelo, mas todo o reino construído sobre mentiras e aprisionamento divino. Eu podia sentir a terra reagindo ao meu despertar, o próprio solo se lembrando de quem o moldara a partir do caos primordial. Prédios racharam e se dobraram. Ruas cederam. O próprio ar pareceu rarear enquanto a realidade se curvava sob o peso da divindade libertada.

Mas não Vharok. Ainda não.
Olhei para aquele que outrora fora meu amigo, meu irmão, meu traidor, e vi o ódio desenfreado despontar em seus olhos. Ele estivera tão certo de seu poder, tão confiante em sua conquista. Ele havia se esquecido de uma verdade fundamental.
Eu era *dele Deus* .
Infelizmente, eu não poderia desfazê-lo com um pensamento, visto que ele nasceu das mesmas brasas que eu. Mas eu poderia tornar o resto de sua existência insuportavelmente desconfortável.
As paredes ao nosso redor racharam, depois dobraram, dissolvendo-se em névoa enquanto a luz de outro reino vazava pela barreira que se desfazia entre os mundos. Prata e sombra se misturavam, fluindo como noite líquida ao redor das pedras desmoronadas de nossa prisão. Meu reino. O domínio que eu governava desde antes do tempo ter significado, chamando-me após décadas de separação.
A fenda se desdobrou atrás de mim como asas que eu há muito esquecera como usar, um portal entre realidades que ondulava com possibilidades. Através dela, eu podia sentir a paisagem do meu domínio. Minha catedral de ossos e sombras, tetos abobadados que se estendiam em direção à escuridão infinita, um trono que sangrava meia-noite à espera do retorno de seu mestre.
Os olhos de Vharok se arregalaram ao contemplar a fenda, o horror substituindo a raiva em seu olhar. "Você a levaria *para lá* ? Para O'ssavayne?"
“Claro. Nada no meu reino jamais a prejudicaria intencionalmente”, respondi, endurecendo ainda mais a minha voz, querendo que ele entendesse que eu nunca permitiria que ele ou qualquer outra pessoa a machucasse. “Nada ali a aprisionaria , exigiria *sua* submissão, tentaria torná-la *menos* do que ela é.”
Senti a fenda se agitar ao meu chamado, sombras se enroscando como serpentes ávidas, arcos de osso reluzindo em antecipação. *Lar* . Depois de tantos anos aprisionado em pedra mortal, meu domínio me chamava com uma fome que se igualava à minha.
O castelo gemeu sobre nós, pedra e madeira cedendo ao colapso inevitável. Guardas gritavam em corredores distantes, suas vozes trêmulas de terror ao testemunharem o impossível, os gritos silenciando quando também tomei suas almas. Os próprios alicerces de Vareth estavam se desfazendo, a realidade se distorcendo ao redor do epicentro do despertar divino.
“Ela vai te *odiar* por isso”, insistiu Vharok, com a voz embargada. “Por ter tomado a alma dela. Por tê-la transformado em algo que ela nunca pediu para ser.” ”
Uma pontada de dúvida, indesejada e desconhecida, surgiu em mim. Será que ela faria isso? Será que aqueles olhos prateados que me fitaram com tanta confiança agora se encheriam de repulsa? Será que a mão que buscou a minha através das grades da prisão agora recuaria diante do meu toque?
Deixei a dúvida de lado. Não havia espaço para ela agora, não quando estávamos à beira de uma mudança tão monumental.
Tive o resto do tempo para compensá-la.
“Talvez”, admiti, surpreendendo até a mim mesmo com a própria admissão. “Mas ela será livre. Livre de você, livre deste reino construído sobre o seu sofrimento, livre das limitações da mortalidade.”

A risada de Vharok era frágil, tingida de dor genuína. "E presa a você. Como isso pode ser liberdade?"
Dei uma risadinha irônica. Ele se atreveu a falar comigo sobre a liberdade dela?
“Você a *entregou* nos meus braços, irmão”, eu disse, deixando a verdade se tornar lâmina, palavras cortando mais fundo do que qualquer ferida física. “Você a forjou para isso a cada momento de tortura, a cada gota de sangue derramada. Deixarei que ela se vingue de você quando acordar, e então você verá o que é *a verdadeira* liberdade para ela.”
Sua expressão se fragmentou, medo, fúria e algo como tristeza em conflito em suas feições, ainda presas entre o mortal e o divino. "Khael—" ele começou, mas eu não tinha interesse em seus apelos ou ameaças.
Virei-me para longe dele, da prisão que me aprisionara, do reino mortal que esquecera seu criador. Mireille mexeu-se levemente em meus braços, o rosto voltado para meu peito como se, mesmo inconsciente, reconhecesse a quem pertencia.
Atravessei a fenda, cruzando o limiar entre os reinos com Mireille aconchegada em meus braços. A sensação era familiar, apesar de décadas de ausência, como passar de águas turbulentas para profundezas tranquilas, do caos para a ordem perfeita. O ar do meu reino nos envolveu a ambos, fresco e acolhedor, carregado com o aroma de um poder ancestral.
Atrás de nós, Vareth desmoronou. Eu podia sentir isso mesmo quando a fenda começou a se fechar. Pedras se transformando em pó, vidas se extinguindo como velas em uma tempestade, um reino retornando ao nada do qual eu o moldara. E através de tudo isso, atravessando dimensões com a clareza da fúria divina, a fúria de Vharok nos seguiu, seu grito de perda e ódio o último som do mundo mortal antes que a fenda se fechasse completamente.
E quando as estrelas se curvassem em sua homenagem e as sombras aprendessem a se ajoelhar, ela despertaria para reivindicar seu destino.

# NOTA DO AUTOR

Meu querido leitor—

Se você chegou até esta página, é porque suportou cada corrente, cada sombra, cada mão cruel que o destino colocou no caminho de Mireille. Você conviveu com deuses e monstros, e mesmo assim virou cada página.

Quando comecei a escrever *Almas em Ruína,* não sabia se alguém algum dia o leria. Eu só sabia que precisava escrevê-lo… para sobreviver às minhas próprias sombras, para encontrar significado na minha dor, para sussurrar a mim mesma que até a ruína podia ser bela.

E agora você está aqui. Você, segurando este livro em suas mãos, carregando esses personagens em seu coração. Isso significa mais do que palavras jamais poderão expressar. Obrigada. Pelo seu tempo, suas lágrimas, sua disposição em ser transformada e reconstruída por esta história. Obrigada por conceder a uma autora estreante a honra de ser ouvida.

E isso é só o começo. Os livros 2 e 3 chegam em breve, prontos para revelar o que vem depois da ruína. Espero que vocês acompanhem a jornada de Mireille rumo à escuridão, ao destino, a tudo o que aguarda no limite da sobrevivência.

E até lá, por favor, não se afaste. Se este livro te impactou profundamente, se você precisa gritar, chorar ou simplesmente me contar que sobreviveu, entre em contato. Minhas redes sociais estão sempre abertas. Leitores como você são o motivo pelo qual escrevo e o motivo pelo qual continuarei escrevendo.

Com amor e ruína,
Jacqueline White

# AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao meu marido: obrigada por me aturar durante meses murmurando sobre deuses e ruína. Você suportou tantas noites em claro, jantares ignorados e minhas constantes desculpas de "só mais um capítulo". Eu não teria conseguido sem a sua serenidade e firmeza.

Para minha irmã: obrigada por ser minha terapeuta não remunerada enquanto eu desabafava sobre reviravoltas na trama por… tempo demais. Você talvez tenha direito a royalties (brincadeira (mais ou menos)). Te amo até a lua e de volta.

Aos meus amigos e familiares: peço imensas desculpas por todas as mensagens ignoradas, pelas mentiras do tipo "ligo amanhã" e pela forma como desapareci no vazio. Considerem este livro minha carta oficial de desculpas.

Ao meu editor: você é um mágico, um santo e possivelmente um masoquista por concordar em mergulhar neste manuscrito comigo. Obrigada por polir meu caos e transformá-lo em algo que os leitores possam de fato entender, e por ser sempre, sempre um dos meus maiores apoiadores.

Para o artista da capa: eu não teria conseguido nada disso sem a sua firmeza, a sua crença em mim e as suas incríveis habilidades artísticas. Você merece o mundo e muito mais.

Aos meus leitores beta e equipe de divulgação: vocês são todos malucos, no melhor sentido da palavra. Obrigada por gritarem comigo, encontrarem meus erros de digitação e divulgarem essa história como se fosse sua obrigação. Vocês tornaram a solitária caverna da escrita muito mais barulhenta e muito mais iluminada.

E, por fim, a cada um dos leitores que leu *Almas em Ruína* : vocês são a razão pela qual sobrevivi a esta jornada com (quase toda) a minha sanidade intacta. Obrigado por fazerem todo o sangue, suor e cafeína valerem a pena.

Para mais informações sobre a série SoulBound e trabalhos futuros de Jacqueline White, você pode encontrá-la no Instagram e no TikTok.

